



# City of Glass

(Cidade de vidro)

**The Mortal Instruments 3**

Cassandra Clare

THE MORTAL INSTRUMENTS

Book Three

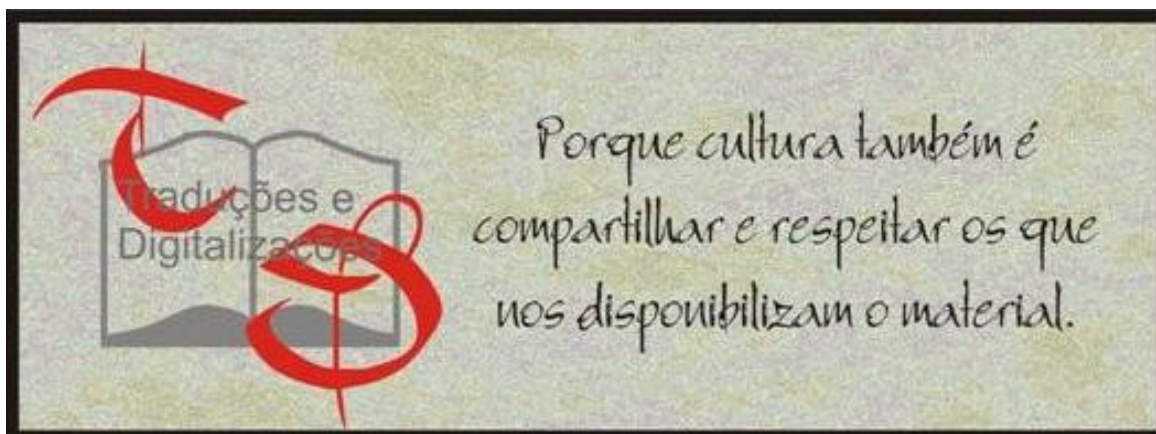
# City of Glass

CASSANDRA CLARE

*New York Times* Bestselling Author

Comunidade Traduções e Digitalizações Livros  
<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>





Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – [tradu.digital@gmail.com](mailto:tradu.digital@gmail.com)

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>

Feito por:  
**Édila**

# City of Glass

(Cidade de vidro)

## The Mortal Instruments 3

### Cassandra Clare



#### **Parte um**

***O homem nasce para a tribulação  
como as faíscas se levantam para voar.  
Jó 5:7***

#### **1 – O portal**

A onda de frio da semana anterior tinha acabado; o sol estava raiando brilhantemente enquanto Clary se apressava através do empoeirado quintal da frente de Luke, o capuz de sua jaqueta para cima mantinha seu cabelo de soprar através de seu rosto. O tempo poderia estar quente, mas o vento do East River ainda podia ser brutal. Ele se carregava com um fraco cheiro químico, misturado com o cheiro de asfalto do Brooklyn, gasolina, e açúcar queimado vindo da fábrica abandonada abaixo na rua.

Simon estava esperando por ela na varanda da frente, esparramado na poltrona quebrada. Ele tinha seu DS \* balançando em seus joelhos em jeans azul e estava apertando aquilo habilidosamente com a caneta. “Ponto,” ele disse enquanto ela vinha pelos degraus.” Estou chutando a bunda do Mario Kart.”

\*N/T: Nitendo DS: videogame de mão

Clary empurrou seu capuz para trás, balançando o cabelo fora de seus olhos, e tateando seu bolso por suas chaves.” Onde você estava? Eu estive te ligando a manhã toda.”

Simon ficou em seus pés, impulsionando o retângulo piscante dentro de sua mochila.”Eu estava no Eric. Ensaio da banda.”

Clary parou de sacudir a chave na fechadura – ela sempre prendia – tempo suficiente para fazer uma careta para ele. “Ensaio da banda? Você quer dizer que você ainda está...”

“Na banda? Por que eu não estaria?” Ele se aproximou em torno dela.”Aqui, deixe eu fazer isso.”

Clary ficou em pé enquanto Simon habilmente torcia a chave apenas a quantia certa de pressão, fazendo a teimosa fechadura velha saltar aberta. As mãos dele roçaram as dela; sua

pele era fria, a temperatura do ar lá fora. Ela estremeceu um pouco. Eles tinha terminado sua tentativa de um relacionamento romântico na semana passada, e ela ainda se sentia confusa toda vez que ela o via.

“Obrigada,” Ela tomou a chave de volta sem olhar para ele.

Estava quente na sala de estar. Clary pendurou sua jaqueta no gancho dentro da sala da frente e se direcionou para o quarto de hóspedes, Simon se arrastando em sua cola. Ela amarrou a cara. Sua mala estava aberta como uma ostra sobre a cama, suas roupas e blocos de desenhos espalhados por todo lugar.

“Eu pensei que você estava só indo para Idris uns poucos dias,” Simon disse, vendo a bagunça com um olhar de fraco horror.

“Eu estou, mas eu não consigo descobrir o que por na mala. Eu dificilmente tenho algum vestido ou saias, mas o que vai ser se eu não puder usar calças lá.”

“Porque você não seria capaz de usar calças lá? É um outro país, não outro século.”

“Mas Caçadores de Sombras são tão antiquados, e Isabelle sempre usa vestidos...” Clary se interrompeu e suspirou. “Isso não é nada. Eu só estou projetando toda a minha ansiedade sobre minha mãe em meu guarda roupa. Vamos falar de outra coisa. Como foi o ensaio? Ainda banda sem nome?”

“Foi ótimo.” Simon saltou sobre a mesa, pernas pendendo do lado. “Nós estamos pensando em um novo lema. Algo irônico, como “Nós vimos um milhão de rostos e acalantamos oitenta por cento deles.”

“Você disse ao Eric e ao resto deles que...”

“Que eu sou um vampiro? Não. Isso não é o tipo de coisa que você simplesmente solta em uma conversa casual.”

“Talvez não, mas eles são seus *amigos*. Eles deveriam saber. E além disso eles simplesmente vão pensar que isso faz de você mais um deus do rock, como o vampiro Lester.”

“Lestat,” Simon disse. “Esse seria o vampiro Lestat. Ele é fictício. De qualquer modo, eu não vejo você correndo para dizer a todos os seus amigos que você é uma Caçadora de Sombras.”

“Que amigos? Você é meu amigo” Ela se jogou abaixo na cama e olhou acima para Simon. “E eu disse a você, não disse?”

“Por que você não teve escolha.” Simon colocou sua cabeça de lado, estudando ela; a luz da cabeceira refletiu nos olhos dele, tornando eles prateados. “Eu vou sentir sua falta quando você for embora.”

“Eu vou sentir sua falta também.” Clary disse, apesar de sua pele estar toda arrepiada com o nervosismo antecipado que fazia difícil se concentrar. *Eu estou indo para Idris! A mente dela cantou. Vou ver o país dos Caçadores de Sombras, a Cidade de Vidro. Eu vou salvar minha mãe.*

*E eu vou estar com Jace*

Os olhos brilharam como se ele pudesse ouvir os pensamentos dela, mas sua voz foi suave.”Me diga novamente – porque você tem que ir a Idris? Porque Madeleine e Luke não podem cuidar disso sem você?”

“Minha mãe pôs o feitiço que colocou ela neste estado vindo de um bruxo – Ragnor Fell. Madeleine disse que nós precisamos rastreá-lo, se nós quisermos saber como reverter o feitiço. Mas ele não conhece Madeleine. Ele conhecia minha mãe, e Madeleine acha que ele irá confiar em mim por que eu me pareço muito com ela. E Luke não pode vir comigo. Ele poderia ir para Idris, mas aparentemente ele não pode ir a Alicante sem a permissão da Clave, e eles não darão ela. E não diga nada sobre isso para ele, *por favor...* ele não está nada feliz sobre não ir comigo. Se ele não tivesse conhecido Madeleine antes, eu não acho que ele teria me deixado ir de modo algum.”

“Mas os Lightwoods irão estar lá também. E Jace. Eles irão ajudar você. Quero dizer, Jace disse que iria ajudar você, não disse? Ele não se importa que você vá?”

“Claro, ele irá me ajudar,” Clary disse.”E é claro que ele não se importa. Ele está bem com isso.” Mas isso, ela sabia, era uma mentira.

Clary tinha ido direto para o Instituto depois de ela ter falado com Madeleine no hospital. Jace tinha sido o primeiro que ela disse sobre o segredo de sua mãe, antes mesmo de Luke. E ele tinha parado lá e olhado para ela, ficando pálido e pálido enquanto ela falava, como se ela não estivesse dizendo a ele como ela poderia salvar sua mãe, enquanto drenava o sangue dele com lentidão cruel.

“Você não vai,” ele disse tão logo ela tinha terminado.”Se eu tiver que te amarrar e sentar sobre você até que esse capricho insano seu passe, você não estará indo para Idris.”

Clary sentiu como se ele tivesse batido nela. Ela pensou que ele estaria satisfeito. Ela correu todo o caminho do hospital para o Instituto para dizer a ele, e aqui estava ele parado na entrada fitando para ela com um olhar ameaçador de morte.”Mas você vai.”

“Sim, nós vamos. Nós *temos* que ir. A Clave chamou cada cada membro ativo da Clave que possa estar cedido de volta a Idris para um grande encontro do Conselho. Eles vão votar sobre o que fazer sobre Valentine, e desde que nós fomos as últimas pessoas que viram ele...”

Clary afastou isso de lado.”Então, se você vai, por que eu não posso ir com você?”

A honestidade da pergunta pareceu fazer ele ainda mais furioso.”Por que não é seguro para

você lá.”

“Ah, e é tão seguro aqui? Eu estive quase sendo morta uma dúzia de vezes no mês passado, e todas as vezes foram bem aqui em Nova York.”

“Isso por que Valentine tinha estado concentrando os dois Instrumentos Mortais que estavam aqui.” Jace falou através de dentes cerrados. “Ele estará lançando seu foco para Idris agora, nós todos sabemos disso...”

“Nós dificilmente estamos tão certos de alguma coisa quanto a tudo isso,” disse Maryse Lightwood. Ela tinha estado de pé na sombra do corredor da porta de entrada, invisível para qualquer um deles; ela se moveu a frente agora, nas pungentes luzes da entrada. Elas iluminaram as linhas de exaustão que pareciam desenhadas no rosto dela. Seu marido, Robert Lightwood, tinha sido ferido pelo veneno de demônio durante a batalha na última semana e teve necessidade de constantes cuidados desde então; Clary só podia imaginar o quão cansada ela deveria estar. “E a Clave quer conhecer Clarissa. Você sabe disso, Jace.”

“A Clave pode se ferrar.”

“Jace,” Maryse disse, soando genuinamente maternal para uma mudança. “Modos.”

“A Clave quer um monte de coisas,” Jace emendou. “Não se deve dar a eles tudo necessariamente.”

Maryse atirou a ele um olhar, como se ela soubesse exatamente o que ele estava falando sobre e não gostou disso. “A Clave está frequentemente certa, Jace. Não é razoável para eles quererem falar com Clary, depois do que ela tem passado. O que ela poderia dizer a eles...”

“Eu vou dizer a eles o que eles querem saber,” Jace disse.

Maryse suspirou e virou seus olhos azuis para Clary. “Então você quer ir a Idris, eu entendi?”

“Só por alguns dias. Eu não vou ser nenhum problema,” Clary disse, olhando suplicantemente passando o olhar branco avermelhado de Jace para Maryse. “Eu juro.”

“A questão não é você vir a seu um problema, a questão é saber se você estaria disposta a se encontrar com a Clave enquanto você estiver lá. Eles vão querer falar com você. Se você dizer não, eu duvido que nós vamos conseguir autorização para levar você conosco.”

“Não...” Jace começou.

“Eu vou me encontrar com a Clave,” Clary interrompeu, apesar do pensamento enviar um arrepio de frio abaixo de sua espinha. O único emissário da Clave que Clary tinha conhecido até agora foi a Inquiridora, que não tinha sido exatamente agradável ao redor.

Maryse esfregou suas têmporas com as pontas de seus dedos. “Então, está resolvido.”

Porém, ela não soava resolvida; ela soava tão tensa e frágil quanto uma corda muito apertada de um violino. “Jace, mostre a Clary a saída e então venha me ver na biblioteca. Eu preciso falar com você.”

Ela desapareceu de volta as sombras sem nem mesmo uma palavra de adeus. Clary olhou após ela, sentindo como se ela tivesse sido ensopada com água gelada. Alec e Isabelle pareciam genuinamente gostar de sua mãe, e ela tinha certeza que Maryse não era uma má pessoa, mas ela não era exatamente calorosa.

A boca de Jace ficou em uma linha dura. “Agora olhe o que você fez.”

“Eu tenho que ir para Idris, mesmo que você não possa entender o porquê,” Clary disse. “eu tenho que fazer isso por minha mãe.”

“Maryse confia muito na Clave,” Jace disse. “Ela tem acreditado que eles são perfeitos, e eu não posso dizer a ela que eles não são, por que...” ele parou abruptamente.

“Por que isso é algo que Valentine iria dizer.” Ela esperou por uma explosão, mas “Ninguém é perfeito.” foi tudo o que ele disse. Ele se estendeu e apunhalou o botão do elevador com seu dedo indicador. “Nem mesmo a Clave.”

Clary cruzou seus braços sobre seu peito. “Esse é realmente o porquê de você não querer que eu vá? Por que não é seguro?”

Uma faísca de surpresa cruzou seu rosto. “O que você quer dizer? Por que mais eu não iria querer que você viesse?”

Ela engoliu. “Por que...” *Por que você me disse que não tem sentimentos por mim mais, e você vê, que isso é muito embaraçoso, por que ainda tenho eles por você. E eu aposto que você sabe.*”

“Por que eu não quero minha irmazinha me seguindo pra todo lado?” Havia uma afiada nota em sua voz, meio gozando, meio algo mais.”

O elevador chegou com um ruído. Empurrando a porta lateral, Clary entrou e se virou para enfrentar Jace. “Eu não estou indo porque você vai estar lá. Eu estou indo porque eu quero ajudar minha mãe. Nossa mãe. Eu tenho que ajudar ela. Você não entendeu? Se eu não fizer isso, ela pode nunca mais acordar. Você poderia pelo menos fingir que se importa um pouco.”

Jace colocou suas mãos nos ombros dela, suas pontas dos dedos roçando a pele nua do canto de sua gola, enviando inúteis, e impotentes arrepios através dos nervos dela. Havia sombras debaixo de seus olhos, Clary notou sem querer, as cavidades escuras debaixo dos ossos das bochechas. O suéter preto que ele estava usando só fazia suas contusões de marcas da pele se destacarem, e os cílios escuros, também. Ele era um estudo de contrastes, algo para ser pintado em tons de preto, branco, e cinza, com respingos de ouro aqui e ali, como seus olhos, para um toque de cor...



“Me deixe fazer isso.” Sua voz estava suave, urgente. “Eu posso ajudar ela por você. Me diga onde ir, a quem perguntar. Eu vou conseguir o que você precisa.”

“Madeleine disse do bruxo que eu teria que ser a que se aproximaria. Ele vai estar esperando a filha de Jocelyn, não o filho de Jocelyn.”

As mãos de Jace apertaram em seus ombros.” Então diga a ela que houve uma mudança de planos. Eu vou estar indo, não você. *Não você.*”

“Jace...”

“Vou fazer qualquer coisa,” ele disse.”Qualquer coisa que você quiser, se você prometer ficar aqui.”

“Eu não posso.”

Ele deixou ela ir, como se ela tivesse empurrado ele para longe. “*Por que não?*”

‘Por que,’ ela disse, “ela é minha mãe, Jace.”

“E a minha,” A voz dele era fria.” Na verdade, por que Madeleine não nos abordou sobre isso? Por que só você?”

“Você sabe o porquê.”

“Por que,” ele disse, e dessa vez ele soou mais frio, “para ela você é a filha de Jocelyn. Mas eu sempre serei o filho de Valentine.”

Ele bateu o portão fechado entre eles. Por um momento ela olhou para ele através disso – o aramado do portão dividia seu rosto em uma série de formas de diamantes, raiva furiosa cintilando em suas profundidades.

“Jace...,” ela começou

Mas com uma sacudida e um ruído, o elevador já estava se movendo, carregando ela abaixo para o escuro silêncio da catedral.

“Terra para Clary,” Simon acenou suas mãos para ela.” Você está acordada?”

“Yeah, desculpe.” Ela se sentou, balançando sua cabeça para clarear ela das teias de aranha. Esta havia sido a última vez que ela tinha visto Jace. Ele não tinha atendido o telefone quando ela ligou para ele depois, então ela fez todos seus planos de viagem para Idris com os Lightwoods usando Alec como um relutante e embaraçado ponto de referência. Pobre Alec, preso entre Jace e sua mãe, sempre tentando fazer a coisa certa. “Você disse alguma coisa?”



“Só que eu acho que Luke está de volta,” Simon disse, e pulou da mesa justo quando a porta do quarto se abriu. “E ele está.”

“Hey, Simon,” Luke soou calmo, talvez um pouco cansado – ele estava usando uma surrada jaqueta jeans, uma camisa de flanela, e cordões velhos enfiados nas botas que pareciam como se eles tivessem tido seus melhores dias a dez anos atrás. Seus óculos estavam empurrados para cima do seu cabelo castanho, que parecia manchado com mais cinza agora do que Clary se lembrava. Havia um pacote quadrado debaixo de seu braço, amarrado com uma comprida fita verde. Ele segurava aquilo para Clary.” Eu peguei para você uma coisa para sua viagem.”

“Você não deveria ter feito isso!” Clary protestou. “Você já fez demais...” Ela pensou nas roupas que ele tinha comprado para ela depois que tudo o que pertencia a ela tinha sido destruído. Ele deu a ela um novo telefone, novos artigos de suprimento, sem nem mesmo que ela tivesse pedido. Quase tudo o que ela tinha agora era um presente de Luke. *E mesmo que você não aprove o fato de eu estar indo.* Esse último pensamento se pendurou sem ser falado entre eles.

“Eu sei. Mas eu vi ele, e pensei em você.” Ele entregou a caixa.

O objeto dentro estava envolvido em camadas de papel de seda. Clary rasgou ele, sua mão agarrou algo suave como pêlo de gato. Ela deu um pequeno suspiro. Era um casaco de veludo verde garrafa, antiquado, com um forro de seda dourada, botões de bronze, e um largo capuz. Ela atraiu ele para seu colo, alisando suas mãos amorosamente no material suave. “Ele parece como algo que Isabelle iria usar,” ela exclamou. “Como uma Caçadora de Sombras viajando disfarçada.”

“Exatamente. Agora você vai estar vestida como um deles,” Luke disse. “Quando você estiver em Idris.”

Ela olhou acima para ele. “Você quer que eu me pareça como um deles?”

“Clary, você é um deles.” Seu sorriso estava tingido com tristeza. “Além do mais, você sabe como eles tratam os de fora. Tudo o que você puder fazer para se encaixar no...”

Simon fez um barulho esquisito, e Clary olhou culpada para ele – ela quase tinha se esquecido que ele estava lá. Ele estava olhando intencionalmente para seu relógio. “Eu devo ir.”

“Mas você acabou de chegar!” Clary protestou. “Eu pensei que nós poderíamos sair, assistir um filme ou algo...”

“Você tem que fazer as malas.” Simon sorriu, brilhante como o raio do sol depois da chuva. Ela quase podia acreditar que não havia nada incomodando ele. “Eu vou passar aqui mais tarde para dizer adeus antes de você ir.”

“Ah, vamos lá,” Clary protestou. “Fique...”

“Eu não posso.” Seu tom era final.” Eu vou me encontrar com Maia.”

“Ah. Ótimo,” Clary disse. Maia, ela disse a si mesma, era legal. Ela era esperta. Ela era bonita. Era também um lobisomem. Um lobisomem com uma queda por Simon. Mas talvez isso era como deveria ser. Depois de tudo, ele era um Downworlder agora. Tecnicamente, ele não deveria nem mesmo passar tempo com Caçadores de Sombras como Clary. “Eu aposto que é melhor você ir então.”

“Eu acho que é melhor.” Os olhos escuros de Simons estavam ilegíveis. Isso era novo...ele tinha sempre sido capaz de ler Simon antes. Ela se perguntou se aquilo era um lado do efeito colateral do vampirismo, ou qualquer coisa mais de forma geral. “Adeus,” ele disse, e se inclinou como se fosse beijar ela na bochecha, penteando o cabelo dela para trás com uma de suas mãos. Então ele pausou e se adiantou para trás, sua expressão incerta. Ela levantou as sobrancelhas em surpresa, mas ele já tinha ido, encostando passando por Luke na entrada. Ela ouviu a porta da frente bater à distância.

“Ele está agindo tão *esquisito*,” ela exclamou, abraçando seu casaco de veludo contra si mesma para reassurar. “Você acha que é toda essa coisa de vampiro?”

“Provavelmente não.” Luke pareceu debilmente divertido. “Tornar-se um Downworlder não muda o modo como você se sente sobre as coisas. Ou pessoas. Dá a ele mais tempo. Você não *tinha* que terminar com ele.”

“Eu não terminei. Ele terminou comigo.”

“Por que você não estava apaixonada por ele. Isso é uma proposição incerta, e eu acho que ele está lidando com isso com honradamente. Um monte de garotos adolescentes estaria emburrados, ou se escondendo debaixo de sua janela com um estéreo\*.”

N/T: Boom Box – literalmente a tradução é rádio gravador.

“Ninguém tem um estéreo mais. Isso era dos anos oitenta.” Clary lutou para fora da cama, puxando o casaco acima. Ela abotoou ele até o pescoço, se deliciando na sensação suave do veludo.” Eu só quero o Simon de volta ao normal.” ela olhou para si mesma no espelho e estava agradavelmente surpresa – o verde fazia seu cabelo vermelho sobressair e iluminava a cor de seus olhos. Ela se virou para Luke. “O que você acha?”

Ele estava inclinado na entrada com suas mãos em seus bolsos; uma sombra passou sobre seu rosto enquanto ele olhava para ela.”Sua mãe tinha um casaco como este quando ela tinha sua idade,” foi tudo o que ele disse.

Clary agarrou as bainhas de seu casaco, escavando seus dedos no suave pilha. A menção da sua mãe, misturou com a tristeza na expressão dele, fazendo ela querer chorar.” Nós vamos ver ela mais tarde hoje, certo?” ela perguntou. “Eu quero dizer adeus antes de eu ir, e dizer a ela ...dizer a ela o que eu estou fazendo. Que ela vai ficar bem.”

Luke acenou. “Nós iremos visitar o hospital mais tarde hoje. E, Clary?”

“O que?” Ela quase não queria olhar para ele, mas para seu alívio, quando ela o fez, a tristeza tinha ido embora dos olhos dele.

Ele sorriu.” Normal não é tudo que é ótimo para se ser.”

Simon olhou abaixo o papel em suas mãos e então para a catedral, seus olhos semicerraram contra o sol da tarde. O Instituto crescia contra o céu azul, uma placa de granito ajanelada com arcos pontudos e cercada por altas paredes de pedra. Faces de gárgulas olhavam atravessado abaixo de suas cornijas, como se desafiando ele a se aproximar da porta da frente. Ela não se parecia nada como tinha da primeira vez que ele tinha visto ela, disfarçada como uma construção arruinada, mas depois o glamour não funcionavam com Downworlders.

*Você não pertence a aqui.* As palavras eram duras, agudas como ácido; Simon não estava certo se era a gárgula falando ou a voz em sua própria mente. *Esta é um igreja, e você um condenado.*

“Cala a boca,” ele murmurou indiferentemente. “Além do mais, eu não me importo com igrejas. Eu sou judeu.”

Havia um portão de ferro com filigramas em uma parede de pedra. Simon colocou sua mão no trinco, meio que esperando que sua pele murcha-se com dor, mas nada aconteceu. Aparentemente o portão por si mesmo não era particularmente santo. Ele o empurrou aberto e foi até o meio do caminho da rachada construção de pedra a caminho para a porta da frente quando ele ouviu vozes – várias delas, e uma familiar mais próxima. Ou talvez não tão próxima. Ele tinha quase se esquecido o quanto ele ouvia, como sua visão tinha afiado desde que ele tinha mudado. Ela soava como se as vozes estivessem acima de seus ombros, mas enquanto ele seguia o estreito caminho em torno da lateral do Instituto, ele viu as pessoas que estavam muito a distância, no mais distante final da área; A grama crescia selvagemmente aqui., meio acobertando os caminhos ramificados que levavam ao que teria sido provavelmente uma vez um arranjo de roseiras. Havia ate mesmo um bancada de pedra, entrelaçada com ervas daninhas; isto tinha sido um igreja de verdade uma vez, antes dos Caçadores de Sombras terem tomado ela.

Ele viu Magnus primeiro, inclinado contra uma musguenta parede de pedra. Era difícil de se perder Magnus...ele estava usando uma camiseta branca respingada de tinta sobre calças de couro cor de arco-íris. Ele se destacava como uma orquídea de estufa, cercada por Caçadores de Sombras cobertos de preto: Alec, parecendo pálido e desconfortável; Isabelle, seu longo cabelo preto preso em tranças amarradas com fitas de prata, parada ao lado de um garotinho que devia ser Max, o caçula. Próxima estava sua mãe, parecendo como uma alta, versão ossuda de sua filha, com o mesmo cabelo preto. Primeiro Simon pensou que ela era velha, já que seu cabelo estava quase branco, mas então ela se virou para falar com Maryse e ele viu que ela não tinha mais do que trinta e cinco ou quarenta.

E então lá estava Jace, em pé um pouco a distância, como se ele não pertencesse o bastante. Ele estava todo em preto Caçador de Sombras como os outros. Quando Simon usava tudo

preto, ele parecia como se ele estivesse a caminho para um velório, mas Jace parecia agressivo e perigoso. E loiro. Simon sentiu seus ombros enrijecerem e se perguntou se alguma coisa...tempo, ou esquecimento... iriam diluir o ressentimento por Jace. Ele não quisesse sentir isso, mas lá estava, uma pedra pesando em seu coração parado.

Algo parecia estranho sobre o encontro...mas então Jace se virou em direção a ele, como se sentindo que ele estava lá, e Simon viu, mesmo daquela distância, a fina cicatriz branca no pescoço dele, um pouco acima de sua gola. O ressentimento em seu peito diminuiu em algo mais. Jace soltou um pequeno aceno em sua direção. “Eu já volto,” ele disse para Maryse, em um tipo de voz que Simon nunca teria usado com sua própria mãe. Ele soava como um adulto falando com outro adulto.

Maryse indicou sua permissão com um distraído aceno. “ Eu não vejo o porquê disso estar levando tanto tempo,” ela estava dizendo para Magnus.” Isso é normal?”

“O que não é normal é o desconto que eu estou dando a você.” Magnus bateu o calcanhar de sua bota contra a parede.” Normalmente eu cobro duas vezes essa quantia.”

“É só um portal temporário. Ele só tem que nos levar para Idris. E então eu espero que você feche ele de volta novamente. Esse é o nosso acordo.” Ela se virou para a mulher ao seu lado. “E você vai permanecer aqui e testemunhar que ele faz isso, Madeleine?”

*Madeleine.* Então esta era a amiga de Jocelyn. Porém não houve tempo para olhar – Jace já tinha Simon pelo braço e estava arrastando ele em torno da lateral da igreja, fora da vista dos outros. Era mesmo mais com ervas daninhas e crescido demais aqui atrás, o caminho serpenteava com cordas de pequenos arbustos. Jace empurrou Simon atrás de um largo tronco de árvore e deixou ele ir, arremessando seus olhos ao redor como se para ter certeza de que eles não foram seguidos. “Tudo bem. Nós podemos falar aqui.”

Era silencioso aqui atrás certamente, a corrida do tráfego vindo da avenida York abafada por trás da grandeza do Instituto. “ Você é que me chamou aqui,” Simon apontou. “Eu peguei sua mensagem presa na minha janela quando eu acordei esta manhã. Vocês nem mesmo usam o telefone como pessoas normais?”

“Não se nós pudermos evitar, vampiro,” Jace disse. Ele estava estudando Simon pensativamente, como se ele estivesse lendo as páginas de um livro. Misturada em sua expressão estavam duas conflitantes emoções: um apagado espanto e o que parecia a Simon com o desapontamento.”Então ainda é verdade. Você pode caminhar na luz do dia. Mesmo o sol da tarde não queima você.”

“Sim,” Simon disse. “Mas você sabia disso...você estava lá.” Ele não tinha elaborado no que “lá” significava; ele podia ver no rosto do outro garoto que ele se lembrava do rio, de volta a caminhonete, o sol nascendo sobre a água, Clary gritando. Ele se lembrava daquilo tão bem quanto Simon podia.

“Eu pensei talvez que isso pudesse ter esgotado,”Jace disse, mas ele não soava como se ele quisesse dizer aquilo.



“Se eu sentir o desejo de explodir em chamas, eu vou deixar você saber.” Simon nunca tinha tido muita paciência com Jace. “Olhe, você me pediu para vir por todo o caminho do centro só para você me encarar como se eu fosse uma placa de petri\*? Da próxima vez eu vou te enviar uma foto.

\*N/T: petri dish – uma plaquinha ou pratinho de vidro onde se colocam bactérias para observar a reprodução, feito em um laboratório.

“E eu vou emoldurar ela e colocar em minha cômoda, “Jace disse, mas ele não soava como se coração estivesse com sarcasmo. “Olha, eu pedi para você vir aqui por uma razão. Mais do que eu odeie admitir vampiro, nós temos algo em comum.”

“O cabelo totalmente impressionante?” Simon sugeriu, mas seu coração não estava realmente nisso também. Algo sobre o olhar no rosto de Jace estava fazendo ele mais e mais desconfortável.

“Clary,” Jace disse.

Simon foi pego fora da guarda.”Clary?”

“Clary,” Jace disse de novo. “Você conhece: baixa, ruiva, péssimo temperamento.”

“Eu não vejo como Clary é algo que nós temos em comum,” Simon disse, embora ele tinha. No entanto, esta não era uma conversa que ele particularmente queria ter com Jace agora, ou , na verdade, nunca. Não havia algum tipo de código masculino que impedia discussões como essa, discussões sobre sentimentos?

Aparentemente não. “Ambos nos importamos com ela,” Jace declarou, dando a ele um olhar calculado. “Ela é importante para ambos. Certo?”

“Você está me perguntando se eu me preocupo com ela? 'Preocupar' parecia como uma palavra bastante insuficiente para isso. Ele se perguntou se Jace estava de brincadeira com ele – o que parecia incomumente cruel, mesmo para Jace. Tinha Jace trazido ele aqui só para zombar dele porque não tinha funcionado romanticamente entre Clary e ele mesmo? Apesar de Simon ainda ter esperança, pelo menos um pouco, que as coisas podiam mudar, que Jace e Clary podiam começar a sentir um pelo outro do jeito que eles tinha que ser, do jeito que irmãos supostamente sentiam um pelo outro...

Ele encontrou o olhar de Jace e sentiu aquela pouca esperança murchar. O olhar no rosto do outro garoto não era absolutamente o olhar de irmãos quando eles falam de suas irmãs. Por outro lado, era óbvio que Jace não tinha trazido ele aqui para gozar de seus sentimentos; a tristeza que Simon sabia que deveria estar planamente escrita através de suas próprias feições estavam espelhadas nos olhos de Jace.

“Não pense que eu gosto de perguntar a você estas questões,” Jace precipitou. “Eu preciso saber o que você faria por Clary. Você mentiria para ela?”

“Mentir sobre o que? À propósito o que está acontecendo?” Simon notou que aquilo que estava incomodando ele na cena do Caçadores de Sombras no jardim. “Espere um segundo,” ele disse. “Vocês estão indo para Idris agora mesmo? Clary acha que vocês vão esta noite.”

“Eu sei,” Jace disse. “Eu preciso que você diga para os outros que Clary enviou você aqui para dizer que não está vindo. Dizer a eles que ela não quer ir mais para Idris.” Havia um ponta na voz dele – algo que Simon mal reconhecia, ou talvez era simplesmente tão estranho vindo de Jace que ele não podia processar isso. Jace estava implorando para ele. “Eles vão acreditar em você. Eles sabem o quanto...o quanto vocês são próximos.”

Simon balançou sua cabeça. “Eu não acredito em você. Você age como se quisesse que eu fizesse algo por Clary, mas na verdade você só quer que eu faça algo para *você*.” Ele começou a se virar para longe. “Sem trato.”

Jace agarrou o braço dele, girando-o de volta.” Isso é por Clary. Eu estou tentando proteger ela. Eu pensei que você ia estar pelo menos um pouco interessado em me ajudar a fazer isso.”

Simon olhou afiadamente para a mão de Jace onde ela apertava seu braço. “Como eu posso proteger ela se você não me diz do que eu a estou protegendo?”

Jace não o soltou. “Você pode só acreditar que isso é importante?”

“Você não entende o quanto terrivelmente ela quer ir para Idris,” Simon disse.” Se eu vou a afastar de que isso aconteça, que seja melhor ter uma maldita boa razão.”

Jace exalou lentamente, relutantemente...e largou o aperto no braço de Simon. “O que Clary fez no navio de Valentine.” ele disse, sua voz baixa. “Com a runa na parede...a Runa de Abertura...bem, você viu o que aconteceu.”

“Ela destruiu o navio,” Simon disse. “Salvou todas as nossas vidas.”

“Mantenha sua voz baixa.” Jace olhou ao redor ansiosamente.

“Você não disse a ninguém mais sobre isso, disse? Simon exigiu sem acreditar.

“Eu sei. Você sabe. Luke sabe e Magnus sabe. Ninguém mais.”

“O que eles todos pensam que aconteceu? O navio só oportunamente veio a se fragmentar.

“Eu disse a eles que o Ritual de Conversão de Valentine deve ter dado errado.”

“Você mentiu para a Clave?” Simon não tinha certeza se ficava impressionado ou consternado.

“Sim, eu menti para a Clave. Isabelle e Alec sabem que Clary tem alguma habilidade em criar novas runas, então eu duvido que eu vou ser capaz de manter isso longe da Clave ou

do novo Inquiridor. Mas se eles souberem que ela pode fazer o que ela faz – amplificar runas comuns então eles terão um inacreditável poder destrutivo....eles a desejarão como uma lutadora, uma arma. E ela não está preparada para isso. Ela não foi trazida para isso...”Ele interrompeu, enquanto Simon balançava sua cabeça. “O que?”

“Você é um Nephilim,” Simon disse lentamente. “Você não deveria querer o que é melhor para a Clave. Se isso é utilizar Clary...”

“Você quer que eles tenham ela? Para colocar ela na linha de frente, contra Valentine e qualquer que seja o exército que ele está levantando?”

“Não,” Simon disse. “Eu não quero isso. Mas eu não sou um de vocês. Eu não tenho que perguntar a mim mesmo a quem eu coloco em primeiro lugar, Clary ou a minha família.”

Jace enrubesceu um pouco, vermelho escuro. “ Não é isso. Se eu pensasse que ajudaria a Clave...mas não vai. Ela só irá se machucar...”

“Mesmo que você pensasse que ajudaria a Clave,” Simon disse, “Você nunca deixaria eles terem ela.”

“O que fez você dizer isso, vampiro?”

“Por que ninguém pode ter ela, apenas você,” Simon disse.

A cor deixou o rosto de Jace. “Então você não irá me ajudar,” ele disse em descrença.” “Você não vai ajudar ela?”

Simon hesitou...e antes que ele pudesse responder, um barulho cortou o silêncio entre eles. Um alto, choro gritante, terrível em seu desespero, e pior pela brusquidão com que ele foi interrompido. “O que foi isso?”

Um único grito se juntou a outros gritos, e um duro retinir que rangeu os tímpanos de Simon. “Algo aconteceu – os outros - “

Mas Jace já tinha ido, correndo ao longo do caminho, esquivando-se dos pequenos arbustos. Depois de um momento de hesitação Simon o seguiu. Ele tinha esquecido do quanto rápido ele podia correr agora, ele estava duramente nos calcanhares de Jace enquanto eles rodeavam a esquina da igreja e se apressavam para dentro do jardim

Perante eles estava o caos. Uma névoa branca cobria o jardim, e onde estava um pesado cheiro no ar – o acentuado cheiro forte de ozônio e algo mais por baixo dele, doce e desagradável. Figuras lançavam-se para trás e para frente – Simon podia ver elas só em fragmentos, enquanto elas apareciam e desapareciam através das lacunas do nevoeiro. Ele vislumbrou Isabelle, seus cabelos rebatendo em torno dela em tiras negras enquanto ela agitava seu chicote. Ele fazia um bifurcação mortal de ouro relampejando através das sombras. Ele estava contendo o avanço de algo titubeante e grande – um demônio, Simon pensou – mas estava em plena luz do dia; isso era impossível. Enquanto ele tropeçava em

frente, ele viu que a criatura era humanóide na forma, mas encurvada e torcida, de algum modo errado. Ele carregava uma espessa placa de madeira em uma mão e estava balançando para Isabelle quase cegamente. A apenas uma curta distância, através de uma lacuna na parede de pedra, Simon viu o tráfico de Nova York soando placidamente nele. O céu estava claro além do Instituto.

“Esquecidos,” Jace sussurrou. Seu rosto estava resplandecendo enquanto ele puxava uma de suas lâminas serafim de seu cinto. “Dezenas deles.” Ele empurrou Simon de lado, quase bruscamente. “Fique aqui, entendeu? Fique aqui.”

Simon ficou congelado por um momento enquanto Jace mergulhava a frente na névoa. A luz da lâmina em sua mão iluminava o nevoeiro em torno dele para prata; figuras escuras atiravam-se para trás e para frente dentro disso, e Simon sentiu como se ele estivesse olhando através de um painel de vidro congelado, desesperadamente tentando entender o que estava acontecendo do outro lado. Isabelle tinha desaparecido; ele viu Alec, seu braço sangrando, enquanto ele cortava através do peito de um guerreiro Esquecido e observava ele dobrar para o chão. Outro se elevou atrás dele; mas Jace estava lá, agora com uma lâmina em cada mão; ele saltou no ar e trouxe elas para cima e para baixo com um violento movimento de cortar – e então a cabeça do Esquecido caiu livre de seu pescoço, sangue preto esguichando. O estômago de Simon desarticulou – o sangue cheirava amargo, venenoso.

Ele podia ouvir os Caçadores de Sombras chamando um ao outro fora da névoa, embora os Esquecidos estivessem totalmente silenciosos. Subitamente a névoa clareou, e Simon viu Magnus, parado com olhos selvagens na parede do Instituto. Suas mãos estavam levantadas, faíscas azul relampejantes entre eles, e contra a parede onde ele ficava, um buraco quadrado negro parecia estar aberto na pedra. Ele não estava vazio, ou precisamente escuro, mas brilhava como um espelho com um fogo girando dentro de seu vidro. “O Portal!” ele estava gritando.” Vão através do Portal!”

Várias coisas aconteceram de uma vez. Maryse Lighwood apareceu fora da névoa, carregando o garoto, Max, em seus braços. Ela pausou para chamar alguma coisa por cima de seu ombro e então mergulhou em direção ao Portal e através dele, desaparecendo na parede. Alec a seguiu, arrastando Isabelle após ele, se chicote manchado de sangue rastejando no chão. Enquanto ele puxava ela em direção ao Portal, algo surgiu na névoa, atrás deles – um guerreiro Esquecido, girando uma faca com dupla lâmina.

Simon descongelou. Lançando-se a frente, ele chamou o nome de Isabelle – eles tropeçaram e se arremessaram a frente, acertando o chão duro o suficiente para tirar o fôlego dele, se ele tivesse algum fôlego. Ele lutou para uma posição sentada, virando para ver no que ele tropeçou. Era um corpo. O corpo de uma mulher, sua garganta cortada, seus olhos largos e azuis na morte. Sangue manchando seu cabelo pálido. *Madeleine*.

“Simon mexa-se” Era Jace, gritando; Simon olhou e viu o outro garoto correndo em direção a ele fora do nevoeiro, sangrentas lâminas serafim em suas mãos. Então ele olhou acima. O guerreiro Esquecido que tinha sido perseguido por Isabelle, agigantava-se sobre ele, seu cicatrizado rosto retorcido em um cruel sorriso. Simon girou para longe enquanto a faca de



dupla lâmina balançava abaixo na direção dele, mas mesmo com seus melhores reflexos, ele não foi rápido o suficiente. Uma abrasadora dor atirou através dele enquanto tudo ficava escuro.

## 2 – As torres demônio de Alicante.

Não havia nenhuma quantidade de mágica, Clary pensou enquanto ela e Luke circulavam a quadra pela terceira vez, que pudesse criar novos espaços de estacionamento na rua da cidade de Nova York. Não havia nenhum lugar para uma caminhonete se colocar, e metade da rua estava estacionada duplamente. Finalmente Luke se puxou em um hidrante e moveu a pickup em ponto morto com um suspiro. “Vá em frente,” ele disse.” Deixe eles saber que você está aqui. Eu vou levar a sua mala.”

Clary acenou, mas hesitou antes de alcançar a maçaneta da porta. Seus estômago estava apertado com a ansiedade, e ela desejou, não pela primeira vez, que Luke estivesse indo com ela. “Eu sempre pensei que a primeira vez que eu fosse ao exterior, eu teria um passaporte comigo pelo menos.”

Luke não sorriu. “Eu sei que você está nervosa,” ele disse. “Mas vai estar tudo bem. Os Lightwoods vão cuidar bem de você.”

*Eu só disse a você isso um milhão de vezes.* Clary pensou. Ela deu um tapinha nos ombros de Luke levemente antes de pular da caminhonete.”Te vejo daqui a pouco.”

Ela fez o seu caminho através do caminho de pedra rachada, o som do tráfego esmaecendo enquanto ela se aproximava das portas da igreja. Tomou vários instantes para descascar o glamour do Instituto dessa vez. Sentia como se outra camada de disfarce tivesse sido adicionada a velha catedral, como uma nova camada de pintura. Raspar ela de sua mente parecia difícil, mesmo doloroso. Finalmente ela tinha sumido e ela podia ver a igreja como ela era. As altas paredes de madeira resplandeceram como se elas tivessem sido polidas. Havia um estranho cheiro no ar, como ozônio e incêndio. Com uma careta ela pôs sua mão na maçaneta. *Eu sou Clary Morgenstern, uma dos Nephilin, e eu peço entrada para o Instituto...*

A porta balançou aberta. Clary caminhou para dentro. Ela olhou ao redor, piscando, tentando identificar o que era que parecia de alguma forma diferente no interior da catedral. Ela notou que enquanto a porta se fechava atrás dela, prendendo ela em uma escuridão aluminada apenas por um fraco brilho que subia da janela distante acima. Ela nunca tinha estado dentro do Instituto quando eles não havia tido dezenas de chamas acesas nos elaborados castiçais alinhados no corredor entre os bancos. Ele pegou sua pedra de luz de bruxa de seu bolso e a segurou acima. Luz queimou dela, enviando brilhantes toques de iluminação chamejando entre seus dedos. Ela iluminou os cantos empoeirados do interior da catedral enquanto ela fazia seu caminho para o elevador próximo ao altar nu e golpear impacientemente o botão de chamar.

Nada aconteceu. Depois de metade de um minuto ela pressionou o botão de novo – e de novo. Ela descansou seu ouvido contra a porta do elevador e escutou. Nem um som. O Instituto tinha partido escuro e silencioso, como uma boneca mecânica cujo mecanismo principal havia enfraquecido. Seu coração martelando agora, Clary se apressou de volta pelo corredor e empurrou as pesadas portas. Ela ficou nos degraus da frente da igreja, espiando freneticamente. O céu estava escurecendo para o cobalto acima, e o ar cheirava mais

fortemente a queimado. Havia sido um incêndio? Os Caçadores de Sombras tinham evacuado? Mas o lugar parecia intocado...

“Isso não foi um incêndio.” A voz era suave, aveludada e familiar. Uma figura alta se materializou fora das sombras, o cabelo espetado em uma coroa de espinhos desordenados. Ele usava um terno de seda preto sobre uma cintilante camisa verde esmeralda, e brilhantemente anéis enquadados nos seus dedos estreitos. Havia botas exageradas envolvidas também, e um boa quantidade de purpurina.

“Magnus?” Clary sussurrou.

“Eu sei o que você está pensando,” Magnus disse. “Mas não houve nenhum incêndio. O cheiro é hellmist - é um tipo de fumaça encantada demoníaca. Ela obscurece os efeitos de certos tipos de magia.”

“Névoa demoníaca? Então houve...”

“Um ataque ao Instituto. Sim. Mais cedo esta tarde. Esquecidos – provavelmente algumas dezenas deles.”

“Jace,” Clary sussurrou. “Os Lightwoods...”

“A fumaça do inferno obscureceu minha habilidade para lutar com os Esquecidos efetivamente. Eles, também. Eu tive que enviar eles através do Portal para Idris.”

“Mas nenhum deles foi machucado?”

“Madeleine,” Magnus disse. “Madeleine foi morta. Eu sinto muito, Clary.”

Clary afundou abaixo no degraus. Ele não tinha conhecido bem a mulher mais velha, mas Madeleine tinha sido uma tênue conexão para sua mãe – sua mãe de verdade, a agressiva, lutadora Caçadora de Sombra que Clary nunca tinha conhecido.

“Clary?” Luke veio subindo o caminho para a reunião sombria. Ele tinha a mala de Clary em uma mão. “O que está acontecendo?”

Clary sentou abraçando seus joelhos enquanto Magnus explicava. Debaixo da dor por Madeleine ela estava cheia de um alívio culpado. Jace estava bem. Os Lightwoods estavam bem. Ela disse mais e mais para si mesma, silenciosamente. Jace estava bem.

“O Esquecido,” Luke disse. “Eles foram todos mortos?”

“Nem todos.” Magnus balançou sua cabeça. “Depois que eu enviei os Lightwoods através do Portal, os Esquecidos se dispersaram; eles não pareciam interessados em mim. Até a hora de eu fechar o Portal, todos eles desapareceram.”

Clary levantou sua cabeça. “O Portal está fechado? Mas...você ainda pode me enviar para

Idris, certo?” ela perguntou.”Quero dizer, eu posso ir através do Portal e me juntar aos Lightwoods lá, não posso?”

Luke e Magnus trocaram um olhar. Luke colocou sua mala aos pés dele.

“Magnus?” A voz de Clary se elevou, estridente em seus próprios ouvidos.” Eu tenho que ir.”

“O Portal está fechado, Clary...”

“Então abra outro!”

“Não é tão fácil,” o bruxo disse. “A Clave protege qualquer magia de entrada em Alicante com muito cuidado. Sua capital é um local sagrado para eles...ela é como seu Vaticano, sua Cidade Proibida. Nenhum Downworlder pode entrar lá sem permissão, e nenhum mundano.”

“Mas eu sou uma Caçadora de Sombras!”

“Só de vez em quando,” Magnus disse. “Além do mais, as torres impedem entradas diretas para a cidade. Para abrir um Portal que vai para Alicante, eu tinha que ter eles aguardando do outro lado esperando por você. Seu eu tentasse enviar você através por minha própria conta, o que seria uma direta violação da Lei, e eu não estou disposto a arriscar isso por você, biscoito, não importa o quanto eu pessoalmente possa gostar de você.”

Clary olhou para o rosto pesaroso de Magnus para o cauteloso de Luke. “Mas eu preciso chegar a Idris,” ela disse. “Eu preciso ajudar minha mãe.” Deve haver alguma outro modo de chegar lá, algum modo que não envolva um Portal.”

“O aeroporto mais próximo é a um país adiante,” Luke disse. “Se nós pudéssemos atravessar a fronteira, e esse é um grande 'se' ... haveria de ser uma longa e perigosa jornada depois disso, através de todos os tipos de território de Downworlder.. Isso poderia levar dias para chegar lá.”

Os olhos de Clary estavam queimando. Eu não vou chorar, ela falou para si mesma. Eu não vou.

“Clary.” A voz de Luke era gentil.”Nós vamos entrar em contato com os Lightwoods. Nós vamos ter certeza de que eles tem toda a informação que eles precisam para conseguir o antídoto para Jocelyn. Eles podem contactar Fell ....”

Mas Clary estava em seus pés, balançando sua cabeça. “Isto tem que ser eu,” ela disse. “Madeleine disse que Fell não falaria com mais ninguém.”

“Fell? Ragnor Fell?” Magnus ecoou. “Eu posso tentar mandar uma mensagem para ele, Deixar ele saber que espere por Jace.”



Alguma da preocupação limpou do rosto de Luke. “Clary, você ouviu isso? Com a ajuda de Magnus...”

Mas Clary não queria ouvir mais nada sobre a ajuda de Magnus. Ela não quis ouvir mais nada. Ela tinha pensado que ela estava indo salvar sua mãe, e agora não faria nada por ela exceto se sentar na cabeceira de sua mãe, segurar sua mão fraca, e esperar que alguém, em algum lugar, fosse capaz de fazer o que ele não podia.

Ela se afastou abaixo pelos degraus, empurrando Luke quando ele tentou alcançar ela. “Eu só preciso ficar só por um segundo.

“Clary...” Ela ouviu Luke chamar por ela, mas ela se empurrou para longe, se arremessando em torno da lateral da catedral. Ele encontrou a si mesma seguindo o caminho de pedra onde ele bifurcava, fazendo seu caminho em direção ao pequeno jardim no lado leste do Instituto, em direção ao cheiro de carvão e cinzas...e um espesso, e acentuado cheiro debaixo daquilo. O cheiro de magia demoníaca. Havia ainda uma névoa no jardim, espalhando pedaços daquilo como trilhas de nuvem pegadas aqui e ali no canto de uma roseira ou escondendo debaixo de uma pedra. Ela podia ver onde a terra tinha sido revirada mais cedo pela luta – e onde havia uma escura mancha vermelha lá, em um dos bancos de pedra, que ela não quis olhar por muito tempo.

Clary virou a cabeça para longe. E pausou. Havia, contra a parede da catedral, as inequívocas marcas de runa mágica, brilhando um quente, e esmaecido azul contra a pedra cinza. Elas formavam um quadrado delineado, como o delineado de luz em torno de uma porta meio aberta....

O Portal.

Algo dentro dela parecia girar. Ela se lembrou de outros símbolos, cintilando perigosamente contra o metal plano do casco do navio. Ela se lembrou do tremor que o navio tinha dado enquanto ele tinha desarticulado separando, a água escura do East River vertendo dentro. Elas são só runas, ela pensou. Símbolos. Eu posso desenhar elas. Se a minha mãe pode prender a essência da Taça Mortal dentro de um pedaço de papel, então eu posso fazer um Portal.

Ela encontrou seus pés carregando ela para a parede da catedral, sua mão alcançando seu bolso pela estela. Firmando sua mão para não tremer, ela fixou a ponta da estela na pedra.

Ela apertou suas pálpebras fechadas e, contra a escuridão atrás delas, começou a desenhar com sua mente as linhas curvadas de luz. Linhas que falavam para ela de entradas, de ser carregada no ar circungirante, de viagens e lugares distantes. As linhas se reuniram em uma runa tão graciosa quanto um pássaro em vôo. Ela não sabia se aquilo era uma runa que tinha existido antes ou uma que ela tinha inventado, mas ela existia agora como se ela sempre tivesse existido.

*Portal.*

Ela começou a desenhar, as marcas saltando da ponta da estela em linhas negras de carvão. A pedra fritou, enchendo seu nariz com o ácido cheiro de queimado. Luz quente azul cresceu contra suas pálpebras fechadas; ela sentiu calor no seu rosto, como se ela estivesse parada em frente de um fogo. Com um arfar ela baixou sua mão, abrindo seus olhos.

A runa que ela tinha desenhado era um flor escura florescendo na parede de pedra. Enquanto ela observava, as linhas dela pareciam derreter e mudar, fluindo gentilmente abaixo, desenrolando, reformando a si mesmas. Dentro de momentos a forma da runa tinha mudado. Ela era agora o delinear de uma brilhante porta, vários pés mais alta do que Clary.

Ela não podia arrancar seus olhos da entrada. Ela brilhava com a mesma luz escura como o Portal atrás da cortina de Madame Dorothea. Ela se aproximou dela...

E recuou. Para usar um Portal, ela se lembrou com um penetrante sentimento, você tinha de imaginar o lugar que você queria ir, onde você queria que o Portal levasse você. Mas ela nunca tinha estado em Idris. Ele tinha sido descrito para ela, é claro. Um lugar de vales verdes, de árvores escuras e água brilhante, de lagos e montanhas, e Alicante, a cidade das torres de vidro. Ela podia imaginar o que ela poderia parecer, mas imaginação não era o suficiente, não com esta magia. Se apenas...

Ela tomou um súbito fôlego. Mas ela tinha visto Idris. Ela tinha visto ela em um sonho, e ela sabia, sem conhecer como ela sabia, que ele tinha sido um sonho real. Depois de tudo, o que tinha Jace dito para ela no sonho sobre Simon: Que ele não podia ficar porque “este lugar é para os vivos”. E não muito depois disso, Simon havia morrido...

Ela jogou sua memória de volta para o sonho. Ela tinha estado dançando no salão de baile em Alicante. As paredes tinham sido douradas e brancas, com um claro, como diamante, telhado acima. Lá havia tido uma fonte – um prato de prata com uma estátua de sereia no centro – as luzes amarradas nas árvores do lado de fora das janelas, e Clary havia usado veludo verde, tal como ela estava agora.

Como se ela estivesse ainda no sonho, ela alcançou o Portal. Um luz brilhante estendeu-se debaixo do toque de seus dedos, uma porta abrindo para um iluminado lugar além. Ela encontrou-se olhando para um girante redemoinho dourado que lentamente começou a se unir em discerníveis formas – ela pensou que ela podia ver o contorno de montanhas, um pedaço de céu...

“Clary!” Era Luke, correndo pelo caminho, seu rosto uma máscara de raiva e horror. Atrás dele caminhava Magnus, seus olhos de gato brilhando como metal no Portal de luz quente que banhava o jardim. “Clary, pare! As barreiras são perigosas! Você vai se matar!”

Mas lá não havia parada agora. Além do Portal a luz dourada estava crescendo.. Ela pensou nas paredes douradas do salão em seu sonho, a luz dourada quebrando-se no vidro cortado em toda parte. Luke estava errado; ele não entendia seu dom, como ele funcionava...o que barreiras podiam importar quando você pode criar sua própria realidade apenas desenhando ela? “Eu tenho que ir,” ela gritou, movendo-se em direção, suas pontas dos dedos estendidos. “Luke, me desculpe...”

Ela caminhou a frente – e com um último, salto ligeiro, ele estava ao lado dela, a segurando pelo seu pulso, justo quando o Portal pareceu explodir todo em torno deles. Como um tornado arrancando uma árvore das raízes, a força puxou ambos de seus pés. Clary pegou um último vislumbre dos carros e prédios de Manhattan girando para longe dela, desaparecendo como um açoite – a dura corrente de vento pegou ela, enviando ela empurrada, seu pulso ainda preso no aperto de ferro de Luke, em um redemoinho de caos dourado.

Simon acordou para um ritmado bater de água. Ele se sentou, súbito terror congelando seu peito – a última vez que ele tinha acordado ao som de águas, ele tinha sido prisioneiro no barco de Valentine, e o suave barulho de líquido trouxe a ele de volta a aquela terrível hora com um imediatismo que era como uma arremetida de água gelada na cara.

Mas não – um rápido olhar ao redor disse que ele estava inteiramente em algum outro lugar. Em um ponto, ele estava deixado embaixo de suaves cobertores em uma confortável cama de madeira em um pequeno, e limpo quarto cujas janelas estavam pintadas de azul pálido. Cortinas escuras estavam puxadas sobre a janela, mas a fraca luz em torno de suas beiradas era o suficiente para seus olhos de vampiros verem claramente. Havia um brilhante tapete no chão e um armário espelhado em uma parede.

Havia uma poltrona puxada próxima ao lado da cama. Simon se sentou, os cobertores caindo para longe, e notou duas coisas: uma, que ele estava usando ainda o mesmo jeans e camiseta que ele esteve usando quando ele tinha ido para o Instituto para se encontrar com Jace; e dois, que a pessoa na cadeira estava cochilando, seu cabelo apoiado em cima de sua mão, seu longo cabelo preto se derramando abaixo como uma franja de xale.

“Isabelle?” Simon disse.

Sua cabeça pulou como um assustado jack-in-the-box\*, seus olhos flutuando abertos. “Ooooh! Você está acordado!” Ela se sentou ereta, sacudindo seu cabelo para trás. “Jace vai ficar tão aliviado. Nós estávamos quase totalmente certos que você iria morrer.”

\*N/T: palhacinho de brinquedo que pula da caixa.

“Morrer?” Simon repetiu. Ele se sentiu tonto e um pouco doente. “De que?” Ele olhou em torno do quarto piscando. “Eu estou no Instituto?” ele perguntou, e percebeu no momento em que as palavras estavam fora de sua boca que, é claro, aquilo era impossível. “Quero dizer, onde nós estamos?”

Um desconfortável lampejo passou cruzando o rosto de Isabelle. “Bem...você quer dizer, que você não se lembra do que aconteceu no jardim?” ela puxou nervosamente o enfeite de crochê que delimitava o estofamento da cadeira. “Os Esquecidos nos atacaram. Havia lá um monte deles, e o hellmist tornou difícil lutar com eles. Magnus abriu o Portal, e nós fomos todos correndo para dentro dele quando eu vi você vindo em nossa direção. Você tropeçou sobre...sobre Madeleine. E lá estava um Esquecido bem atrás de você; você não deve ter visto ele, mas Jace viu. Ele tentou te avisar, mas era tarde demais. O Esquecido enterrou a faca em você. Você sangrou...muito. E Jace matou o Esquecido e pegou você e o carregou

através do Portal com ele,” ela terminou, falando tão rapidamente que suas palavras borraram-se juntas e Simon teve que diluir para pegar elas. “E nós já estávamos do outro lado, e me deixe te contar, todo mundo ficou bastante surpreso quando Jace veio através com você sangrando por cima dele. O Cônsul não estava nada satisfeito.”

A boca de Simon estava seca. “O Esquecido *enterrou uma faca em mim?*” Isso parecia impossível. Mas então, ele tinha sarado antes, depois que Valentine tinha cortado sua garganta. Ainda, ele pelo menos deveria se lembrar. Balançando sua cabeça, ele olhou abaixo para si mesmo. “Onde?”

“Vou te mostrar.” Para sua muita surpresa, um momento depois Isabelle se sentou na cama ao lado dele, suas mãos frias sobre sua barriga. Ela empurrou sua camiseta para cima, expondo uma faixa de pálido estômago, cortado por uma fina linha vermelha. Ela era dificilmente uma cicatriz. “Aqui,” ela disse, seus dedos deslizando sobre ela.” Há alguma dor?”

“N..não,” A primeira vez que Simon tinha visto Isabelle, ele tinha achado ela tão impressionante, tão cheia de vida e vitalidade e energia, ele tinha pensado que finalmente tinha encontrado uma garota que resplandecesse o suficiente para borrar a imagem de Clary que sempre parecia ser impressa por dentro de suas pálpebras. Era certo que naquele tempo que ela tinha conseguido que ele torna-se em um rato na festa do loft de Magnus Bane, que ele tinha percebido que talvez Isabelle resplandecesse um pouco brilhante demais para um cara comum como ele.”Ela não dói.”

“Mas meus olhos doem,” disse uma friamente voz divertida vinda da entrada. Jace. Ele tinha chegado tão silenciosamente que mesmo Simon não tinha o escutado; fechando a porta atrás dele, ele sorriu enquanto Isabelle puxava a camisa de Simon para baixo. “Molestando um vampiro enquanto ele está fraco demais para reagir, Iz?” Ele perguntou. “Eu tenho bastante certeza de que viola pelo menos um dos Acordos.”

“Eu só estava mostrando onde ele foi apunhalado,” Isabelle protestou, mas ela escapou de volta para sua cadeira com uma certa afobação.” O que está acontecendo lá embaixo?” Ela perguntou.” Estão todos ainda em pânico?”

O sorriso deixou o rosto de Jace. “Maryse foi para a Gard com Patrick,” ele disse.”A Clave em sessão e Malachi pensou que seria melhor se ela...explicasse..pessoalmente.”

Malachi. Patrick. Gard. Os nomes desconhecidos giraram na cabeça de Simon. “Explicar o quê?”

Isabelle e Jace trocaram um olhar. “Explicar você,” Jace disse finalmente.” Explicar por que nós trouxemos um vampiro com a gente para Alicante,o que é, a propósito, expressivamente contra a Lei.”

“Para Alicante? Nós estamos em Alicante?” Uma onda plana de pânico lavou Simon, rapidamente substituída por uma dor que atirou através de seu meio. Ele se dobrou, arfando.



“Simon!” Isabelle aproximou sua mão, o alarme em seus olhos escuros. “Você está bem?”

“Vá embora, Isabelle.” Simon, suas mãos cerradas contra seu estômago, olhando acima para Jace, súplica em sua voz. “Faça ela ir.”

Isabelle recuou, um olhar ferido em seu rosto. “Ótimo. Eu vou. Você não tem que me dizer duas vezes.” Ela movimentou-se para seus pés e saiu do quarto, batendo a porta atrás dela.

Jace se virou para Simon, seus olhos âmbar inexpressivos. “O que está acontecendo?” Eu pensei que você estivesse curado.”

Simon jogou uma mão para evitar o outro garoto terminasse. Uma metálico gosto queimou na parte de trás de sua garganta. “Não é Isabelle,” ele rangeu. “Eu não estou machucado...eu só estou...fome.” Ele sentiu suas bochechas arderem.” Eu perdi sangue, então...eu preciso de repô-lo.”

“É claro,” Jace disse, em um tom de alguém que tinha sido esclarecido por um interessante, mas não particularmente necessário, fato científico. A fraca preocupação deixou sua expressão, para ser substituída por algo que pareceu para Simon como desdém divertido. Isso golpeou uma corda de fúria dentro dele, e se ele não estivesse tão debilitado pela dor, ele teria voado da cama e para cima do outro garoto, enfurecido. Logo assim., tudo o que ele podia fazer era suspirar, “Dane-se, Wayland.”

“Wayland, é?” O olhar divertido deixou o rosto de Jace,mas suas mãos foram para sua garganta e começaram e abrir sua jaqueta.

“Não!” Simon encolheu-se na cama.”Eu não me importo com quanta fome eu estou. Eu não vou...beber seu sangue....de novo.”

A boca de Jace torceu. “Como se eu deixasse.” Ele alcançou dentro do bolso de sua jaqueta e puxou um frasco de vidro. Ela estava meio cheia de um fino líquido vermelho amarronzado. “Eu pensei que você poderia precisar disso,” ele disse. “Eu espremi o suco de alguns quilos de carne vermelha na cozinha. Foi o melhor que eu pude fazer.”

Simon pegou o frasco de Jace com as mãos que estavam tremendo tão fortemente que o outro garoto teve que destampar a ponta para ele. O líquido dentro era feio – muito fino e salgado para ser um sangue adequado, e com o fraco sabor desagradável que Simon sabia significar que a carne tinha sido de uns poucos dias.

“Ugh,” ele disse, depois de alguns goles. “Sangue morto.”

As sobrancelhas de Jace levantaram-se. “Não é tudo sangue morto?”

“Quanto mais tempo o animal cujo o sangue eu estou bebendo tiver sido morto, pior o gosto do sangue,” Simon explicou.” Fresco é melhor.”

“Mas você nunca bebeu sangue fresco. Bebeu?”

Simon levantou suas próprias sobancelhas em resposta.

“Bem, fora eu, é claro,” Jace disse. “E eu tenho certeza que meu sangue é fan...tástico.”

Simon colocou o frasco vazio abaixo no braço da poltrona pela cama. “Há alguma coisa de errado com você,” ele disse. “Mentalmente, eu quero dizer.” Sua boca ainda provava a sangue estragado, mas a dor tinha ido embora. Ele se sentiu melhor, mais forte, como se o sangue fosse um remédio que trabalhou instantaneamente, um droga que ele tinha que ter para viver. Ele se perguntou se isso era como era viciados por heroína. “Então, eu estou em Idris.”

“Alicante, para ser específico,” Jace disse. “A capital da cidade. A *única cidade*, na verdade.” Ele foi para a janela e puxou para trás as cortinas. “Os Penhallows realmente não acreditam em nós.” Ele disse. “Que o sol não incomoda você. Eles puseram estas cortinas escuras. Mas você pode olhar.”

Levantando-se da cama, Simon se juntou a Jace na janela. E olhou.”

Há alguns anos sua mãe tinha levado ele e sua irmã em uma viagem para Tuscany – uma semana de pesados, e desconhecidos pratos de massas, pão sem sal, forte campo marrom, e sua mãe se apressando nas estreitas estradas retorcidas, mal evitando bater seu Fiat nos belos edifícios antigos que eles ostensivamente entravam para ver. Ele se lembrava de param em uma vertente justamente oposta a uma cidade chamada San Gimignano, uma coleção de prédios cor de ferrugem pontilhados aqui e ali com altas torres cujos topos subiam acima como se para alcançar o céu. Se o que ele estava olhando agora lembrasse ele de alguma coisa, era aquilo; mas isso era também algo tão estranho que era genuinamente diferente de qualquer coisa que ele tinha visto antes.

Ele estava olhando para fora de uma janela em que deveria ser uma casa claramente alta. Se ele olhasse para cima, ele podia ver as calhas de pedra e o céu além. Através do caminho estava outra casa, não tão grande quanto esta, e entre elas corria um estreito e escuro canal, que cruzava aqui e ali por pontes - a fonte da água que ele tinha ouvido antes. A casa parecia ser construída parte do caminho em um morro – abaixo dele casas de pedra cor de mel, agrupadas ao longo de ruas estreitas, descendo ao longe para a borda de um círculo verde: árvores, cercadas por montes que eram muito distantes; daqui elas lembravam longas verdes e marrons faixas pontilhadas com brotos de cores do outono. Atrás dos montes elevavam-se montanhas irregulares congeladas com neve.

Mas nada daquilo era o que era estranho; o que era estranho era que aqui e ali na cidade, colocadas aparentemente aleatoriamente, subiam altivas torres coroadas com espirais de refletivo material prata esbranquiçado. Elas pareciam perfurar o céu como adagas brilhantes, e Simon notou de onde ele tinha visto aquele material antes: em uma rígida de armas como vidro que os Caçadores de Sombras carregavam, as que eles chamavam de lâminas serafim.

“Aquelas são as torres demônio,” Jace disse, em resposta a pergunta não dita de

Simon.”Elas controlam barreiras que protegem a cidade. Por causa delas, nenhum demônio pode entrar em Alicante.”

O ar que vinha através da janela era frio e limpo, o tipo de ar que você nunca respirou na cidade de Nova York: Ele tinha gosto de nada, sem sujeira ou fumaça ou metal ou outras pessoas. Apenas ar. Simon tomou um profundo, e desnecessário fôlego dele antes de se virar para olhar para Jace; alguns hábitos humanos eram difíceis de morrer.” Me diga,” ele disse,” que me trazer aqui foi um acidente. Me diga que isso não foi de alguma forma parte do que você esperava para impedir Clary de vir com você.”

Jace não olhou para ele, mas seu peito subiu e caiu um vez, rapidamente, em um tipo de suspiro reprimido. “Está certo,” ele disse. “ Eu criei um bando de guerreiros Esquecidos, eles tinham que atacar o Instituto e matar Madeleine e quase matar o resto de nós, só então eu poderia manter Clary em casa. E olha só, meu plano diabólico está funcionando.

“Bem, isto está funcionando,” Simon disse silenciosamente. “Não está?”

“Escute, vampiro,” Jace disse. “ Manter Clary longe de Idris era o plano. Trazer você aqui não era o plano. Eu trouxe você através do Portal por que se eu deixasse você para trás, sangrando e inconsciente, o Esquecido teria matado você.”

“ Você poderia ter ficado para trás comigo...”

“Eles teriam matado nós dois. Eu não poderia nem mesmo dizer quantos deles lá estavam, não com o hellmist. Mesmo eu não posso lutar com cem de Esquecidos.”

“E ainda,” Simon disse, “Eu aposto que dói em você admitir isso.”

“Você é um saco,” Jace disse, sem mudança de tom, “mesmo para um Downworlder. Eu salvei sua vida e quebrei a Lei fazendo isso. Não pela primeira vez, eu poderia adicionar. Você podia mostrar um pouco de gratidão.”

“Gratidão?” Simon sentiu seus dedos se curvarem contra suas palmas. “Se você não tivesse me arrastado para o Instituto, Eu não estaria aqui. Eu nunca concordei com isso.”

“Você concordou.” Jace disse. “quando disse que faria qualquer coisa por Clary. *Isso* é alguma coisa.”

Antes que Simon pudesse improvisar de volta a resposta irritada, houve uma batida na porta. “Olá?” Isabelle chamou do outro lado. “Simon, o seu momento de diva acabou? Eu preciso falar com Jace.”

“Entre, Izzy.” Jace não tirou os olhos de Simon, e um tipo de desafio fez que Simon desejasse acertar ele com alguma coisa pesada. Como uma caminhonete.

Isabelle entrou no quarto em um turbilhão de cabelo preto e sobressaltadas saias prateadas.

O espartilho marfim que ela usava deixava seus braços e ombros, retorcidos com urnas pintadas, nus. Simon supôs que aquilo era uma boa mudança de ritmo, para ela ser capaz de mostrar suas marcas em um lugar onde ninguém poderia pensar que elas eram fora do comum.

“Alec está subindo para o Gard,” Isabelle disse sem preâmbulos. “Ele quer falar com você sobre Simon antes dele sair. Você pode descer?”

“Claro,” Jace foi em direção a porta; na metade do caminho para lá, ele notou que Simon estava seguindo ele e virou-se com um olhar ameaçador. “Você fica aqui.”

“Não,” Simon disse. “Se vocês estão indo para ser examinados sobre mim, eu quero estar lá para isso.”

Por um momento que pareceu como se a calma gelada de Jace estivesse prestes a saltar; ele enrubesceu e abriu sua boca, seus olhos piscando. Mas tão rapidamente, a raiva desapareceu, obstruída por um óbvio ato de vontade. Ele cerrou seus dentes e sorriu. “Tudo bem,” ele disse. “Vamos lá embaixo, vampiro. Você pode encontrar toda a família feliz.”

A primeira vez que Clary tinha ido através de um Portal, havia sido uma sensação de voar, de cair sem peso. Dessa vez era como se estar sendo impulsionada no coração de um tornado. Ventos poderosos rasgaram ela, arrancando sua mão da mão de Luke e o grito de sua boca. Ela caiu girando através do coração de um negro e dourado redemoinho.

Algo plano e duro e prateado como a superfície de um espelho cresceu em frente a ela. Ela caiu em direção a ele, gritando, lançou suas mãos para cobrir seu rosto. Ela atingiu a superfície e quebrou através, em um mundo de frio brutal e asfixiante sufocamento. Ela estava afundando através de uma espessa escuridão azul, tentando respirar, mas ela não podia puxar o ar de seus pulmões, apenas mais da frieza congelante...

Subitamente ela foi puxada pela parte de trás de seu casaco e rebocada para cima. Ela chutou delicadamente, porém estava muito fraca para quebrar o aperto nela. Isso puxou ela para cima, e a escuridão índigo em torno dela se tornou um pálido azul e então para ouro enquanto ela rompia a superfície da água – aquilo era água – e sugava em uma respiração por ar. Ou tentava fazer. Em vez disso ela sufocou e engasgou, manchas pretas pontilhando sua visão. Ela estava sendo arrastada através da água, rápido, algas segurando e puxando suas pernas e braços, ela girou ao redor no aperto que segurava ela e pegou o terrível vislumbre de alguma coisa, não bem lobo e não muito humano, orelhas apontadas como adagas e lábios puxados para trás dos afiados dentes brancos. Ela tentou gritar, mas apenas água veio.

Um momento depois ela estava fora da água e sendo lançada na umedecida e duramente compactada terra. Havia mãos em seus ombros, golpeando ela com rosto abaixo contra o chão. As mãos atingiram suas costas, mais e mais, até que seu peito espasmou e ela tossiu um amargo fluxo de água.

Ela ainda estava engasgando quando mãos rolaram ela para suas costas. Ela estava olhando

acima para Luke, uma sombra negra contra um alto céu azul tocado por nuvens brancas. A delicadeza que ela estava acostumada em ver em sua expressão se fora; ele estava não como um lobisomem, mas ele parecia furioso. Ele puxou ela em uma posição sentada, agitando ela duramente, mais e mais, até que ela arfasse e golpeasse ele fracamente. “Luke! Pare! Você está me machucando...”

As mãos dele deixaram seus ombros. Ele agarrou seu queixo com uma mão ao invés disso, forçando sua cabeça para cima, seus olhos procurando em seu rosto. “A água,” ele disse. “Você cuspiu toda água?”

“Eu acho que sim,” ela sussurrou. Sua voz veio fracamente de sua garganta inchada.

“Onde está sua estela?” ele exigiu, e quando ela hesitou sua voz se afiou. “Clary. Sua estela. Encontre-a.”

Ela se empurrou para longe de seu aperto e bateu em seus bolsos molhados, seu coração afundando enquanto seus dedos arranhavam contra nada porém o material úmido. Ela virou um rosto entristecido acima para Luke. “Eu acho que eu devo ter soltado ela no lago.” Ela fungou. “A...a estela da minha mãe...”

“Jesus, Clary.” Luke se levantou, fechando suas mãos distraidamente atrás de sua cabeça. Ele estava encharcado também, água correndo de seus jeans e do pesado casaco de flanela em pesados regaços. Os óculos que ele geralmente usava na metade do caminho de seu nariz tinham desaparecido. Ele olhou abaixo para ela melancolicamente. “Você está bem,” ele disse. Não era realmente uma pergunta.”Quero dizer, agora mesmo. Você se sente bem?”

Ela concordou. “Luke, o que há de errado? Por que nós precisamos a minha estela?”

Luke nada disse. Ele estava olhando ao redor como se esperando colher alguma ajuda de seus arredores. Clary seguiu seu olhar. Eles estavam um um largo banco de terra de um lago de bom tamanho. A água era azul pálido, faiscando aqui e ali com a luz do sol refletida. Ela se perguntou se ela era a fonte de luz dourada que ela tinha visto através do Portal meio aberto. Não havia nada sinistro sobre o lago agora que ela estava próxima dele ao em vez de dentro dele. Ele era cercado de colinas verdes, salpicadas com áreas que começavam a se tornar amarronzadas e douradas. Além das colinas cresciam altas montanhas, seus picos cobertos em neve. Clary estremeceu. “Luke, quando nós estávamos na água... você foi um lobo? Eu pensei que eu vi ...”

“Meu eu lobo pode nadar melhor do que meu eu humano,” Luke disse curtamente.”E ele é mais forte. Eu tive que arrastar você pela água, e você não estava oferecendo muita ajuda.”

“Eu sei,” ela disse. “Eu lamento. Você não...você não era para ter vindo junto comigo.”

“Se eu não tivesse, você estaria morta agora,” ele apontou. “Magnus te disse, Clary. Você não pode utilizar um Portal para chegar a Cidade de Vidro a menos que alguém esteja esperando por você do outro lado.”



“Ele disse que era contra a Lei. Ele não disse que se eu tentasse chegar lá eu seria expulsa.”

“Ele disse a você que há barreiras em torno da cidade que impedem a passagem para ela. Não é a culpa dele que você decidiu brincar com magia que você mal entende. Só por que você tem o poder não significa que você sabe como utilizar ela. “Ele fez uma carranca.

“Me desculpe,” Clary disse em uma pequena voz. “Eu só estou...onde nós estamos agora?”

“Lago Lyn,” Luke disse. “Eu acho que o Portal nos levou tão próximo da cidade quando ele podia e então nos jogou. Nós estamos nos arredores de Alicante. Ele olhou ao redor, balançando sua cabeça meio que em espanto e meio em cansaço. “Você fez isso, Clary. Nós estamos em Idris.”

“Idris?” Clary disse, e levantou olhando estupidamente ao redor através do lago. Ele cintilou de volta para ela, azul e inalterado. “Mas...você disse que nós estávamos nos arredores de Alicante. Eu não vejo a cidade em lugar algum.”

“Nós estamos a milhas de distância.” Luke apontou. “Você vê aquelas colinas a distância? Nós temos que atravessar aquelas; a cidade é do outro lado. Se nós tivéssemos um carro, nós poderíamos chegar lá em uma hora, mas nós temos que andar, o que vai levar provavelmente toda a tarde.” ele olhou de soslaio para o céu. “É melhor nós irmos.”

Clary olhou abaixo para ela mesma em desânimo. A perspectiva de um longo dia de caminhada em roupas ensopada não era atraente. “ Não há mais nada...”

“Nada mais que possamos fazer?” Luke disse, e havia um ponta de raiva em sua voz. “você tem alguma sugestão, Clary, uma vez que foi você que nos trouxe aqui?” ele apontou para longe do lago. “Aquele caminho leva as montanhas. Transitável a pé só no alto verão. Nós congelaremos até a morte nos picos.” Ele se virou, batendo seu dedo em outra direção. “Aquele caminho leva a milhas de árvores. Elas correm por todo o caminho para a fronteira. Elas estão desabitadas, pelo menos de seres humanos. Após Alicante há fazendas e casas de campo. Talvez nós pudéssemos sair de Idris, mas ainda teríamos que passar através da cidade. Uma cidade, eu posso acrescentar, onde Downworlder como eu dificilmente são bem vindos.

Clary olhou para ele com a boca aberta. “Luke, eu não sabia...”

“É claro que você não sabia. Você não sabia de nada sobre Idris. Você nem mesmo se importa sobre Idris. Você estava apenas chateada por ser deixada para trás, como uma criança, e você teve uma explosão de raiva. E agora nós estamos aqui. Perdidos e congelando e...” ele se interrompeu, seu rosto apertado. “Vamos. Vamos começar a andar.”

Clary seguiu Luke ao longo da margem do Lago Lyn em um silêncio triste. Enquanto eles caminhavam, o sol secou seu cabelo e pele, mas o veludo de seu casaco segurava a água como um esponja. Ele pendurava-se nela como uma cortina de chumbo enquanto ela tropeçava apressadamente sobre as rochas e lama, tentando manter com a caminhada de passos largos de Luke. Ela ainda fez algumas tentativas de conversa, mas Luke permanecia

teimosamente silencioso. Ela nunca tinha feito nada tão ruim antes que um desculpa não tivesse suavizado a raiva de Luke. Dessa vez, parecia que era diferente

Os penhascos se elevavam mais alto em torno do lago enquanto eles progrediam, tocados com pontos de escuridão, como respingos de tinta preta. Enquanto Clary olhava mais de perto, ela notou que elas eram cavernas na rocha. Algo parecido como se elas fossem muito profundas, girando para longe dentro das trevas. Ela imaginou morcegos e arrepiantes coisas rastejando escondidas na escuridão, e estremeceu.

Enfim um caminho estreito cortando através dos penhascos guiavam eles para uma larga estrada alinhada com pedras comprimidas. O lago curvava para longe atrás deles, índigo no final da luz da tarde. A estrada cortava através de uma achatada grama plana que subia para as colinas onduladas a distância. O coração de Clary afundou; a cidade estava em nenhum lugar a vista. Luke olhou em direção as colinas com um um olhar de intenso desânimo em seu rosto. “Nós estamos mais longe do que eu pensava. Tem um sido um longo tempo...”

“Talvez se nós encontrássemos uma estrada maior.” Clary sugeriu. “nós poderíamos pegar carona, ou pegar uma carona para a cidade, ou...”

“Clary. Não há carros em Idris.” Vendo a expressão chocada dela, Luke riu sem muita diversão. “As barreiras obstruem mecanismos. A maioria das tecnologias não funcionam aqui – celulares, computadores, por exemplo. Alicante por si é iluminada – e movimentada – a maior parte por luz de bruxa.”

“Ah,” Clary disse em uma pequena voz. “Bem, o quão longe da cidade nós estamos?”

“Longe o suficiente.” Sem olhar para ela, Luke varreu suas mãos através de seu cabelo curto. “Há algo que é melhor eu dizer a você.”

Clary ficou tensa. Tudo o que ela queria antes era que Luke falasse com ela; agora ela não queria isso mais. “Está tudo bem..”

“Você notou,” Luke disse. “Que não há nenhum barco no Lago Lyn...nenhuma doca...nada que poderia sugerir que o lago é usado de alguma foram pelo povo de Idris?”

“Eu só pensei que era por que ele era muito longe.”

“Não que ele seja remoto. Umas poucas horas de Alicante a pé. A verdade é, o lago...” Luke disse interrompendo e suspirou. “Alguma vez você notou o padrão do piso da biblioteca no Instituto em Nova York?”

Clary piscou. “Notei, mas eu não posso imaginar o que era.”

“Aquilo era um anjo se elevando do lago, segurando a taça e a espada. Aquele era o motivo repetitivo nas decorações Nephilim. A lenda é que o anjo Raziel se elevou do Lago Lyn quando ele apareceu pela primeira vez para o Caçador de Sombras Jonathan, o primeiro dos Nephilim, e deu a ele os Instrumentos Mortais. Desde então o lago tem sido...”

“Sagrado?” Clary sugeriu.

“Amaldiçoado,” Luke disse. “A água do lago é de alguma forma venenosa para os Caçadores de Sombras. Ela não machuca Downworlders...o povo das fadas chamam ele do Espelho dos Sonhos, e eles bebem sua água por que eles alegam que dá a eles certas visões. Mas para um Caçador de Sombras beber da água é muito perigoso. Ela causa alucinações, febre...ela pode levar uma pessoa a loucura.”

Clary sentiu-se toda fria. “É por isso que você tentou me fazer cuspir a água fora.”

Luke acenou. “E o porquê eu queria que você achasse sua estela. Com uma runa de cura, nós poderíamos evitar os efeitos da água. Sem ela, nós temos que levar você para Alicante tão rápido quanto possível. Lá há remédios, evas, que vão ajudar, e eu conheço alguém que irá quase certamente tê-las.”

“Os Lightwoods?”

“Não os Lightwoods.” A voz de Luke era firme. “Alguém mais. Alguém que eu conheço.”

“Quem?”

Ele balançou sua cabeça. “Vamos apenas rezar que esta pessoa não tenha se afastado nos últimos quinze anos.”

“Mas eu pensei que você disse que era contra a Lei os Downworlders vir para Alicante sem permissão.”

Seu sorriso de resposta era uma lembrança do Luke que tinha pego ela quando ela tinha caído no arramado de brinquedo quando ela era uma criança, o Luke que tinha sempre protegido ela. “Algumas leis são destinadas a serem quebradas.”

A casa dos Penhallows lembrava a Simon o Instituto – ela tinha aquele mesmo senso de pertencer de algum modo a outra era. As paredes e escadas eram estreitas, feitas de pedra e madeira escura, e as janelas eram altas e finas, dando para vistas da cidade. Havia uma distinta sensação asiática para a decoração: uma tela shoji sustentava no desembarque do primeiro andar, lá haviam vasos altos de laca florescidos chineses nos peitoris das janelas. Havia também um número de pinturas de silkscreen nas paredes, mostrando o que deveria ter sido cenas da mitologia dos Caçadores de Sombras, mas com um toque oriental nelas – militares usando com destreza brilhantes lâminas serafim onde proeminentemente retratavam, ao lado de coloridas criaturas como dragões e arrastavam-se, demônios impressionados.

“Sra Penhallow – Jia – usava para ir para o Instituto de Beijing. Ela divide seu tempo entre aqui e a Cidade Proibida,” Isabelle disse enquanto Simon parava para examinar a pintura. “E os Penhallows são uma antiga família. Ricos.”

“Eu posso dizer,” Simon murmurou, olhando acima para os lustres, gotejando cristais de vidro cortado como lágrimas.

Jace, no degrau atrás deles, rosnou. “Mexam-se. Nós não estamos tendo uma turnê histórica aqui.”

Simon pesou uma resposta rude e decidiu que não valia a pena se incomodar. Ele tomou o resto das escadas em um rápido passo; elas davam para a parte inferior para uma larga sala. Ela era uma estranha mistura do velho com o novo: Um pintura de vidro na janela parecia dar para o canal, e havia uma música tocando em um estéreo que Simon nunca tinha visto. Mas não havia televisão, nem pilhas de dvds ou cds, o tipo de detrito que Simon associava com salas de estar modernas. Ao invés disso, havia um número de sofás agrupados em torno de uma grande lareira, em que chamas estavam estalando.

Alec estava em pé na lareira, em escuras roupas de Caçador de Sombras, puxadas em um par de luvas. Ele olhou enquanto Simon entrava na sala e olhava zangado em sua habitual carranca, mas nada disse.

Sentados nos sofás estavam dois adolescentes que Simon nunca tinha visto antes, um garoto e uma garota. A garota parecia como se ela fosse parte asiática, com delicados, e amendoados olhos puxados, brilhante cabelo escuro puxado para trás de seu rosto, e uma expressão travessa. Seu delicado queixo estreitava como o de um gato. Ela não era exatamente bonita, mas ela era muito marcante.

O garoto de cabelo preto ao lado dela era mais do que marcante. Ele era provavelmente do peso de Jace, mas parecia mais alto, mesmo sentado; ele era magro e musculoso, com um pálido, elegante, e impaciente rosto, todo anguloso e de olhos escuros. Havia alguma coisa estranhamente familiar sobre ele, como se Simon tivesse conhecido ele antes.

A garota falou primeiro. “É esse o vampiro?” Ela olhou para Simon de cima a baixo como se ela estivesse tomando suas medidas. “Eu realmente nunca tinha visto de perto um vampiro antes...não um que eu não estivesse planejando matar, pelo menos.” Ela elevou sua cabeça de lado. “Ele é bonito, para um Downworlder.”

“Você tem que desculpar ela; ela tem o rosto de um anjo e as maneiras de um demônio Moloch.” disse o garoto com um sorriso, ficando em seus pés. Ele segurou a mão de Simon. “Eu sou Sebastian. Sebastian Verlac. E esta é minha prima, Aline Penhallow. Aline...”

“Eu não dou as mãos para downworlders,” Aline disse, se encolhendo contra as almofadas do sofá. “Eles não tem almas, você sabe. Vampiros.”

O sorriso de Sebastian desapareceu “Aline...”

“É verdade. É por isso que eles não podem se ver em espelhos, ou ir para o sol.”

Muito deliberadamente, Simon andou para trás em um trecho de luz em frente a janela. Ele sentiu o sol quente em suas costas, seu cabelo. Sua sombra era expressa, longa e escura,

através do piso, quase alcançando os pés de Jace.

Aline tomou uma forte fôlego, mas nada disse. Foi Sebastian quem falou, olhando para Simon com curiosos olhos negros. “Então é verdade. Os Lightwoods disseram, mas eu não achava que...”

“Que nós estávamos falando a verdade?” Jace disse falando pela primeira vez desde que eles tinham chegado embaixo. “Nós não mentiríamos sobre algo como isso. Simon é...único.”

“Eu beijei ele uma vez,” Isabelle disse, para ninguém em particular.

As sobrelhas se atiraram para cima. “Eles realmente deixam você fazer o que quiser em Nova York, não é? Ela disse, soando meio horrorizada e meio invejosa.” A última vez que eu vi você, Izzy, você nem sequer tinha considerado...”

“A última vez que todos nós nos vimos, Izzy tinha oito,” Alec disse. “As coisas mudam. Agora, mamãe teve que sair daqui depressa, então alguém tem que levar a ela as notas e os registros para o Gard. Eu sou o único que tem dezoito, então eu sou o único que pode ir durante a sessão na Clave.”

“Nós sabemos,” Isabelle disse, caindo pesadamente no sofá. “Você já nos disse isso, tipo, cinco vezes.”

Alec, que estava parecendo importante, ignorou isso. “Jace, você trouxe o vampiro aqui, então você está encarregado dele. Não deixe ele ir para fora.”

*O vampiro*, Simon pensou. Isso não era como se Alec conhecesse seu nome. Ele tinha salvado a vida de Alec uma vez. Agora ele era “o vampiro”. Mesmo para Alec, que era propenso a um ocasional ataque inexplicável de silêncio, isso foi lamentável. Talvez isso tivesse algo haver com o estar em Idris. Talvez Alec sentisse uma maior necessidade de assegurar sua qualidade de Caçador de Sombras aqui.

“Isso é o que me trouxe aqui em baixo para me falar? Não deixar o vampiro sair lá fora: eu não teria feito isso de qualquer jeito.” Jace deslizou para o sofá ao lado de Aline, que parecia satisfeita. “Seria melhor você se apressar para o Gard e voltar. Deus sabe a que depravação nós poderíamos chegar aqui sem sua orientação.”

Alec olhou para Jace com calma superioridade. “Tente segurar isso junto. Eu vou estar de volta em meia hora.” ele desapareceu através do arco que dava para um longo corredor; em algum lugar a distância uma porta foi clicada fechada.

“Você não deveria ter importunado ele,” Isabelle disse, atirando a Jace um olhar severo. “eles deixaram ele no comando.”

Aline, Simon não se impediu de notar, estava sentada tão perto de Jace, seus ombros tocando, mesmo existindo um grande espaço em torno deles no sofá. “Você já pensou que



em uma vida passada Alec foi uma idosa com noventa gatos, e que estavam sempre gritando para as crianças da vizinhança saírem de seu gramado? Por que eu penso,” ele disse, e Aline sorriu.

“Só por que ele é o único que pode ir para o Gard...”

“O que é o Gard?” Simon perguntou, cansado de não ter nenhuma idéia do que todo mundo estava falando.

Jace olhou para ele. Suas expressão era fria, não amigável; sua mão estava em cima onde Aline descansava sua coxa. “Sente-se” ele disse, empurrando sua cabeça na direção de uma poltrona. “Ou você planeja pairar no canto como um morcego?”

Ótimo Piadas de morcego. Simon assentou-se desconfortavelmente em uma cadeira.

“O Gard é o oficial local de encontro da Clave,” Sebastian disse, aparentemente tendo pena de Simon. “É onde a Lei é feita, e onde o Cônsul e o Inquiridor residem. Apenas Caçadores de Sombras adultos são permitidos em seu terreno quando a Clave está em sessão.”

“Em sessão?” Simon perguntou, lembrado-se do que Jace disse mais cedo lá em cima. “Você quer dizer...não por minha causa?”

Sebastian riu. “Não. Por causa de Valentine e os Instrumentos Mortais. Isso é o porquê todos estão lá. Para discutir o que Valentine fará da próxima vez.”

Jace nada disse, mas ao som do nome de Valentine seu rosto se contraiu.

“Bem, ele irá atrás do Espelho,” Simon disse. “O terceiro Instrumento Mortal, certo? Ele está aqui em Idris? É o porquê todos estão aqui?”

Houve um curto silêncio antes de Isabelle responder. “O problema sobre o espelho é que ninguém sabe onde ele está. Na verdade, ninguém sabe o que ele é.”

“É um espelho,” Simon disse. “Você sabe...reflete, vidro. Eu só estou presumindo.”

“O que Isabelle quer dizer,” disse Sebastian gentilmente, “é que ninguém sabe nada sobre o Espelho. Há várias menções dele nas histórias dos Caçadores de Sombras, mas nada específico sobre onde ele está, como ele se parece, ou o mais importante, o que ele faz.”

“Nós presumimos que Valentine quer ele,” Isabelle disse, “mas o que não ajuda muito, uma vez que ninguém tem a menor idéia onde ele está. Os Irmãos do Silêncio poderiam ter uma idéia, mas Valentine matou todos eles. Não será mais, pelo menos um pouco por enquanto.”

“Todos eles?” Simon perguntou em surpresa. “eu pensava que ele matou só os em Nova York.”

“A Cidade do Osso não é realmente em Nova York,” Isabelle disse. “Ela é como...lembra da

entrada na Corte de Seelie, no Central Park? Só por que a entrada estava lá não significa que a Corte por si mesma está debaixo do parque. É o mesmo com a Cidade do Osso. Há várias entradas, mas a Cidade por si...

Isabelle interrompeu enquanto Aline silenciava ela com um rápido gesto. Simon olhou para o seu rosto, para o de Jace e para o de Sebastian. Eles todos tinham a mesma expressão cautelosa, como se eles apenas notassem o que eles estavam fazendo: contando segredos Nephilim para um Downworlder. Um vampiro. Não o inimigo, precisamente, mas certamente alguém que não podia ser de confiança.

Aline foi a primeira a quebrar o silêncio. Fixando seu lindo, e escuro olhar em Simon, ela disse, “Então...como é isso, de ser um vampiro?”

“Aline!” Isabelle pareceu horrorizada. “Você não pode ir por aí perguntando as pessoas o que é ser um vampiro.”

“Eu não vejo o porquê,” Aline disse. “Ele não tem sido um vampiro tanto tempo, tem? Então ele deve se lembrar de como era sendo uma pessoa.” Ela se virou de volta para Simon. “O sangue ainda tem gosto de sangue para você? Ou ele tem gosto de outra coisa agora, como suco de laranja ou algo assim? Por que acho que o gosto de sangue seria...”

“Ele tem gosto de galinha,” Simon disse, só para ela calar a boca.

“Sério?” Aline parecia espantada.

“Ele esta brincando com você, Aline.” Sebastian disse, “tanto quanto ele seria. Eu peço desculpas por minha prima novamente, Simon. Aqueles de nós que foram trazidos de fora de Idris tendem a ter um pouco mais de familiaridade com os Downworlders.”

“Mas você não foram trazidos para Idris?” Isabelle perguntou. “Eu pensei que seus pais...”

“Isabelle,” Jace interrompeu, mas já era tarde demais; a expressão de Sebastian escureceu.

“Meus pais estão mortos,” ele disse. “Um ninho de demônios próximo a Calais...está tudo bem, foi há muito tempo atrás.” Ele acenou para longe o protesto de simpatia de Isabelle. “Minha tia...irmã do pai de Aline...me trouxe para o Instituto em Paris.”

“Então, você fala francês?” Isabelle suspirou. “Eu queria falar outro idioma. Mas Hodge nunca pensou que nós precisaríamos aprender nada além do antigo grego e latim, e ninguém fala essas.

“Eu também falo russo e italiano. E um pouco de romeno.” Sebastian disse com um modesto sorriso. “Eu poderia ensinar para você algumas frases...”

“Romeno? Que impressionante.” Jace disse. “Não são muitas pessoas que falam isso.”

“Você?” Sebastian perguntou com interesse.

“Não realmente,” Jace disse com um sorriso tão desarmado que Simon sabia que ele estava mentindo. “Meu romeno é bastante limitado para ser útil em frases como, 'Essas cobras são venenosas?' e 'Mas você parece muito jovem para ser um policial?’”

Sebastian não sorriu. Havia algo em sua expressão, Simon pensou. Ela era branda...tudo sobre ele era calmo....mas Simon tinha a sensação que aquela moderação escondia algo por baixo dela que camuflava sua externa tranquilidade. “Eu gosto de viajar,” ele disse, seus olhos em Jace. “Mas é bom estar de volta, não é?”

Jace pausou no ato de brincar com os dedos de Aline. “O que você quer dizer?”

“Só que há nenhum lugar parecido como Idris, por mais que nós Nephilim possamos fazer lares para nós mesmos em outro lugar. Você não concorda?”

“Por que você está me perguntando?” O olhar de Jace era gelado.

Sebastian deu de ombros. “Bem, você viveu aqui enquanto uma criança, não é? E isso tem sido há anos desde que você esteve de volta. Ou eu entendi isso errado?”

“Você não entendeu errado,” Isabelle disse impacientemente.”Jace gosta de fingir que todo mundo não está falando sobre ele, mesmo quando ele sabe que eles estão.”

“Eles certamente estão.” Embora Jace estivesse encarando ele, Simon parecia imperturbável. Simon sentiu um tipo de meia relutância tendendo para o garoto Caçador de Sombras de cabelo escuro. Era raro encontrar alguém que não reagisse ao sarcasmo de Jace. “Nestes dias em Idris isso é tudo o que todo mundo fala. Você, os Instrumentos Mortais, seu pai, sua irmã...”

“Supunha-se que Clarissa viria com você, não era?” Aline disse. “ Eu estava ansiosa em conhecê-la. O que aconteceu?”

Embora a expressão de Jace não tivesse mudado, ele puxou sua mão de volta da de Aline, curvando ela em um punho. “ Ela não queria sair de Nova York. Sua mãe está doente no hospital” *Ele nunca diz nossa mãe,* Simon pensou. *É sempre* a mãe dela.

“Isso é estranho, “Isabelle disse. “eu realmente pensava que ela *queria* vir.”

“Ela queria.” Simon disse. “Na verdade...”

Jace estava em seus pés, tão rápido que Simon nem mesmo viu ele se mover. “Vamos pensar sobre isso, eu tenho algo que eu preciso discutir com Simon. Em particular.” Ele moveu sua cabeça em direção a duplas portas no final da sala, seus olhos brilhando em desafio. “Vamos lá, vampiro,” ele disse, em um tom que deixou Simon com a distinta sensação que uma recusa terminaria provavelmente em algum tipo de violência. “Vamos conversar.”

### 3 – Amatis

Ao final da tarde Luke e Clary haviam deixado o lago muito para trás e foram marchando sobre aparentemente um interminável vastidão, planos retalhos de grama alta. Aqui e ali uma ligeira subida criada em um alto monte coberto com rochas pretas. Clary estava exausta de escalar para cima e para baixo as colinas, uma após a outra, suas botas escorregando na grama úmida como se ela fosse mármore oleoso.

Luke pisava guiando ela com determinados passos. Ocasionalmente ele apontava para itens de interesse em uma voz sombria, como o mais depressivo guia turístico do mundo. “ Nós só atravessamos a planície Brocelind,” ele disse à medida que subiam um lugar e viam uma emaranhada vastidão de árvores escuras alongando-se à distância em direção ao oeste, onde o sol baixava no céu. “Esta é a floresta. As árvores usadas para cobrir a maioria da parte da terras baixas do país. Muitas delas foram cortadas para abrir caminho para a cidade – e para limpar os bando de lobos e ninhos de vampiros que tendiam a surgir por lá. A floresta Brocelind tem sempre sido um lugar de esconderijo para os Downworlders.”

Eles andaram com dificuldade em silêncio enquanto a estrada se curvava ao longo da floresta por várias milhas antes de tomar uma abrupta curva. As árvores pareciam elevar-se para longe enquanto uma crista subia acima delas, e Clary piscou quando eles viraram uma esquina de uma alta colina – a menos que seus olhos estivessem enganando ela, havia casas ali embaixo. Pequenas fileiras brancas de casas, ordenadamente como uma vila Munchkin\*. “ Nós estamos aqui!” ela exclamou, e mergulhando a frente, só parando quando ela percebeu que Luke não estava mais ao lado dela.

\*N/T:Munchkin village – seria uma referência a cidade habitada por anões. Mágico de Oz.

Ela se virou e viu ele de pé no meio da estrada poeirenta, balançando sua cabeça. “Não,” ele disse, movendo-se para emparelhar com ela. “Essa não é a cidade.”

“Então é um centro? Você disse que não havia nenhuma cidade próxima aqui...”

“Isso é um cemitério. É a Cidade dos Ossos de Alicante. Você achou que a Cidade dos ossos era só um lugar para descansar que nós tínhamos?” Ele soou triste. “Este é o cemitério, o lugar que nós enterramos aqueles que morrem em Idris. Você verá. Nós temos que andar através dela para chegar a Alicante.”

Clary não tinha ido para um cemitério desde a noite que Simon tinha morrido, e a memória deu a ela um profundo tremor nos ossos enquanto ela passava ao longo das estreitas ruelas que passava no meio dos mausoléus como fita branca. Alguém tomou conta desse lugar: O mármore brilhava como se recentemente polido, e a grama era igualmente cortada. Havia buquês de flores brancas descansando aqui e ali nos túmulos; ela primeiro pensou que elas eram lírios, mas ela tinha um picante aroma desconhecido que fez ela se perguntar se elas eram nativas para Idris. Cada túmulo parecia como uma pequena casa; alguns até tinham portões de metal, e os nomes das famílias de Caçadores de Sombras eram esculpidos sobre suas portas. CARTWRIGHT. MERRYWEATHER. HIGHTOWER. BLACKWELL. MIDWINTER. Ela parou em um: HERONDALE.

Ela se virou para olhar para Luke. “Este era o nome da Inquiridora.”

“Este é o túmulo de sua família. Olhe.” Ele apontou. Ao lado da porta estavam letras brancas cortadas em mármore cinza. Eram seus nomes. MARCUS HERONDALE. STEPHEN HERONDALE. Ambos tinham morrido no mesmo ano. Por mais que Clary tivesse odiado a Inquiridora, ela sentiu algo torcer dentro dela, uma pena que ela não conseguia evitar. Perder seu marido e seu filho, tão próximos juntos...Três palavras em latim corriam abaixo do nome de Stephen: AV ATQUE VALE.

“O que isso significa?” ela perguntou, virando-se para Luke.

“Significa 'saudar e despedida.'. Vem de um poema de Catullus. Em algum ponto ele tornou o que os Nephilim dizem durante os funerais, ou quando alguém morre em batalha. Agora vamos lá.....é melhor não se demorar sobre essas coisas, Clary.” ele tomou seu ombro e moveu ela gentilmente para longe do túmulo.

Talvez ele estivesse certo, Clary pensou. Talvez era melhor não pensar muito sobre morte e morrer agora. Ela manteve seus olhos desviados enquanto eles faziam o caminho para fora do cemitério. Eles estavam quase atravessando os portões de ferro no final quando ela viu um pequeno mausoléu, crescendo como um fungo branco na sombra de um frondoso carvalho. O nome acima na porta saltou para ela como se ele tivesse sido escrito em luzes. FAIRCHILD

“Clary...” Luke se aproximou por ela, mas ela já tinha ido embora. Com um suspiro ele seguiu ela até a sombra da árvore., onde ela parou silenciosa, lendo os nomes dos avós e bisavós que ela nem mesmo sabia que ela tinha. ALOYSIUS FAIRCHILD. ADELE FAIRCHILD. B. NIGHTSHADE. GRANVILLE FAIRCHILD. E abaixo de todos aqueles nomes: JOCELYN MORGENSTERN. B. FAIRCHILD.

Uma onda de frio passou sobre Clary. Ver o nome de sua mãe lá era como revisitar pesadelos que ela tinha as vezes onde ela estava no funeral de sua mãe e ninguém podia dizer a ela o que tinha acontecido ou como sua mãe tinha morrido.

“Mas ela não está morta,” ela disse, olhando acima para Luke.”Ela não está...”

“A Clave não sabia disso,” ele disse a ela gentilmente.

Clary arfou. Ela não podia ouvir mais a voz de Luke ou vê-lo em pé em frente a ela. Perante ela passava uma irregular encosta, lápides sobressaindo da terra como ossos violados. Uma lápide negra agigantava em frente a ela, letras recortadas irregularmente em seus rosto: CLARISSA MORGENSTERN, B. 1991 D.2007. Abaixo das palavras estava um rudemente pintado esboço de um crânio de uma criança com olhos fundos escancarados. Clary balanceou para trás com um grito.

Luke agarrou ela pelos seus ombros.”Clary, o que é? O que há de errado?”

Ela apontou. “Lá...olhe...” Mas ele tinha ido embora. A grama se esticava em frente a ela,



verde e contínua, os mausoléus brancos, polidos e planos em suas ordenadas fileiras. Ela se virou para olhar para ele. “Eu vi minha própria lápide,” ela disse. “Ela dizia que eu ia morrer... agora...este ano.” Ela estremeceu.

Luke pareceu sinistro. “É a água do lago,” ele disse.”Você está começando a ter alucinações. Vamos lá...nós não temos muito tempo.”

Jace marchou com Simon escadas acima e abaixo em um curto corredor alinhado com portas; ele parou apenas para esticar o braço para abrir uma delas, uma careta em seu rosto. “Aqui,” ele disse, meio empurrando Simon através da entrada. Simon viu que parecia como uma biblioteca lá dentro: fileiras de estantes, longos sofás e poltronas. “Nós devemos ter alguma privacidade...”

Ele se interrompeu enquanto uma figura levantava-se nervosamente de uma das poltronas. Era um garotinho com cabelo castanho e óculos. Ele tinha um pequeno e sério rosto, e havia um livro agarrado em uma de suas mãos. Simon era suficientemente familiarizado com os hábitos de leitura de Clary para reconhecer um volume de mangá mesmo a distância.

Jace franziu as sobrancelhas. “Desculpe, Max. Nós precisamos do quarto. Conversa de gente grande”

“Mas Izzy e Alec já me chutaram da sala de estar para que eles pudessem ter conversa de gente grande,” Max se queixou. “Onde mais eu deveria ir?”

Jace deu de ombros. “Seu quarto?” ele bateu um dedo em direção a porta. “Hora de fazer o seu dever para com seu país, moleque. Fora.”

Parecendo discriminado, Max caminhou passando ambos, seu livro agarrado em seu peito. Simon sentiu uma pontada de simpatia – era um saco ser mais velho o suficiente para querer saber o que estava acontecendo, mas tão jovem você era sempre rejeitado. O garoto lançou a ele um olhar enquanto ele ia passando – um assustado, e suspeito olhar. *Esse é o vampiro*, seus olhos diziam.

“Vamos lá.” Jace empurrou Simon dentro do quarto, fechando e trancando a porta atrás deles. Com a porta fechada do quarto, estava tão fracamente iluminado que mesmo Simon achou escuro. Ele cheirava a poeira. Jace andou através do piso e jogou abertas as cortinas no final do quarto, revelando uma alta, e única janela treliçada que dava para a vista do canal do lado de fora. Água batia na lateral da casa a apenas alguns pés abaixo deles, debaixo das grades de pedra esculpidas com um castigado pelo tempo, desenho de runas e estrelas.

Jace se virou para Simon com uma carranca. “Qual diabinos é o seu problema, vampiro?”

“Meu problema? Você é quem praticamente me arrastou para fora de lá pelos cabelos.”

“Por que você estava prestes a dizer para eles que Clary nunca cancelou seus planos para vir para Idris. Você sabe o que aconteceria então? Eles iriam entrar em contato com ela e

arranjar para ela vir. E eu já te disse o porquê isso não pode acontecer.”

Simon balançou sua cabeça. “Eu não te entendo,” ele disse. “Às vezes você age como tudo o que importasse fosse Clary, e então você age como...”

Jace olhou para ele. O ar estava cheio de partículas de poeira dançando, elas faziam uma cintilante cortina de poeira entre os dois garotos. “Ajo como o quê?”

“Você estava flertando com Aline,” Simon disse. “Isso não parece como se tudo o que você se importasse fosse Clary.”

“Isso não é da sua conta,” Jace disse. “E, além disso, Clary é minha irmã. Você *sabe* disso.”

“Eu estava na corte das fadas também,” Simon respondeu. “Eu me lembro do que a Rainha de Seelie disse. *O beijo que a garota mais deseja irá libertar ela.*”

“Eu aposto que você se lembra. Queimou dentro do seu cérebro, não é, vampiro?”

Simon fez um barulho na parte de trás de sua garganta que ele não tinha nem mesmo percebido que ele era capaz de fazer. “Ah, não você. Eu não tenho este raciocínio. Eu não estou lutando por Clary com você. Isso é ridículo.”

“Então porque trazer tudo isso à tona?”

“Por que,” Simon disse. “Se você quer que eu minta - não para Clary, mas para todos os seus amigos Caçadores de Sombras - se você quer que eu finja que essa era a própria decisão de Clary de não vir aqui, e se você quer que eu finja que eu não sei sobre os poderes dela, ou o que ela realmente pode fazer, então você tem que fazer alguma coisa por mim.”

“Tudo bem,” Jace disse. “O que é que você quer?” Simon ficou em silêncio por um momento, olhando atrás de Jace para a linha de casas brancas em frente ao espumante canal. Passando seus telhados amuralhados ele podia ver os reluzentes topos das torres demônio. “Eu quero que você faça o que for preciso para convencer Clary que você não tem sentimentos por ela. E não...não me venha me dizer que você é seu irmão; eu já sei disso. Pare de forçar ela quando você sabe que o que quer que vocês tenham não tem futuro. E eu não estou dizendo isso por que eu quero ela para mim mesmo. E estou dizendo isso por que eu sou amigo dela e eu não quero que ela se machuque.”

Jace olhou abaixo para suas mãos por um longo momento sem responder. Elas eram mãos finas, os dedos e juntas gastados com antigo calos. As costas delas eram entrelaçadas com linhas finas brancas de velhas marcas. Elas eram as mãos de um soldado, não de um garoto adolescente. “Eu já fiz isso,” ele disse. “Eu disse a ela que eu só estava interessado em ser seu irmão.”

“Ah,” Simon tinha esperado que Jace lutasse com ele sobre isso, discutisse, não apenas desistisse. Um Jace que apenas desistia era novidade - e deixou Simon se sentindo quase envergonhado por ter pedido. Clary nunca mencionou isso para mim, ele queria dizer, mas

então por que ela teria? Pensando sobre isso, ela tinha parecido extraordinariamente quieta e fechada ultimamente não importasse quando o nome de Jace viesse à tona. “Bem, tome cuidado com isso, eu acho. Há uma última coisa.”

“Ah?” Jace falou sem aparente interesse. “E o que é isso?”

“O que foi que Valentine disse quando Clary desenhou aquela runa no navio? Isso soava como uma linguagem antiga. *Meme* algo assim...?”

“*Mene mene teke upharsin*,” Jace disse com um fraco sorriso. “Você não reconhece isso? Isso é da Bíblia, vampiro. É antigo. Este é o seu livro, não é?”

“Só por que eu sou judeu não significa que eu tenho memorizado o Velho Testamento.”

“Isso é a Escritura na Parede. 'Contou Deus o teu reino, e o acabou; pesado fostes na balança e fostes achado em falta.' É um presságio de castigo – isso significa o fim de um império.”

“Mas o que isso tem a ver com Valentine?”

“Não só Valentine,” Jace disse. “Todos nós. A Clave e a Lei – o que Clary pode fazer derrubando tudo o que eles sabem ser a verdade. Nenhum ser humano pode criar novas runas, ou desenhar o tipo de runas que Clary pode. Só anjos tem esse poder. E uma vez que Clary pode fazer isso – bem, isso parece como um presságio. Coisa estão mudando. As Leis estão mudando, As velhas formas podem nunca ser os modos certos novamente. Assim como a rebelião dos anjos acabou o mundo como ele era – esse céu foi dividido pela metade e criado o inferno – isso poderia significar o fim dos Nephilim como eles existem atualmente. Esta é a nossa guerra no céu, vampiro, e só um lado pode vencer. E meu pai pretende que seja o dele.”

Embora o ar ainda estivesse frio, Clary estava fervendo em suas roupas molhadas. Suor corria abaixo de seu rosto em regatos, umedecendo a gola de seu casaco enquanto Luke, sua mão no braço dela, a apressava ao longo da estrada debaixo de um céu rapidamente escurecendo. Eles estavam dentro da vista de Alicante agora. A cidade era em um vale raso, repartida por um rio prateado que fluía em uma extremidade da cidade, parecia desaparecer, e fluía novamente em outro. Uma confusão de prédios cor de mel com telhados vermelhos de ardósia e uma inclinada curva de ruas escuras apoiadas contra a lateral de uma colina íngreme. Sobre o sopé da colina se elevava um edifício de pedra escura, pilarizado e altivo, com uma brilhante torre para cada direção de ponto cardeal: quatro ao todo. Espalhadas entre os outros edifícios estavam as mesmas altas, finas, torres como vidro, cada uma brilhando como quartzo. Elas eram como agulhas perfurando o céu. A luz do dia desaparecendo batia sombria o arco-íris de suas superfícies como um jogo de impressionantes faíscas. Era uma bela vista, e muito estranha. *Você nunca viu uma cidade até que você tenha visto Alicante das torres de vidro.*

“Que foi?” Luke disse, ouvindo por acaso. “O que foi que você disse?”

Clary não tinha percebido que ela tinha falado alto. Embaraçada, ela repetiu suas palavras, e Luke olhou para ela em surpresa. “Onde você ouviu isso?”

“Hodge,” Clary disse. “Foi algo que Hodge disse para mim.”

Luke espreitou ela mais de perto. “Você está corada,” ele disse. “Como você está se sentindo?”

O pescoço de Clary estava doendo, todo seu corpo em chamas, sua boca seca.”Eu estou bem,” ela disse. “Vamos apenas chegar lá, ok?”

“Ok.” Luke apontou, para o canto da cidade, onde os prédios terminavam, Clary poria ver um arco de entrada, dois lados se curvando para um topo apontado. Um Caçador de Sombras em roupas pretas parado olhando dentro da sombra da arcada. “Esse é o portão norte – é lá os downworlders podem legalmente entrar na cidade, desde que eles tenham a papelada. Guardas são colocados ali noite e dia. Agora, se nós estamos em negócios oficiais, ou tivermos permissão para estar lá, nós poderemos ir através dela.”

“Mas não há nenhum muro em torno da cidade,” Clary apontou. “Isso não parece muito como um portão.”

“As barreiras são invisíveis, mas estão lá. As torres demônio controlam elas. Elas tem feito por mil anos. Você vai sentir quando passar através delas.” Ele olhou mais uma vez para seu rosto corado, a preocupação enrugando os cantos de seus olhos. “Você está pronta?”

Ela acenou. Eles se moveram para longe do portão, ao longo do lado leste da cidade, onde prédios estavam mais densamente aglomerados. Com um gesto para ficar quieta, Luke puxou ela em direção a uma estreita abertura entre duas casas. Clary fechou seus olhos enquanto eles se aproximavam, quase como se ela esperasse ser esmagada na cara com um parede invisível tão logo eles pisassem dentro das ruas de Alicante. Não foi assim. Ela sentiu uma súbita pressão, como se ela estivesse em um avião que estava caindo. Seus ouvidos estalaram...e então a sensação se foi, e eles estava em pé em um beco entre os edifícios. Assim como um beco em Nova York – e como cada beco no mundo, aparentemente – ele cheirava a xixi de gato.

Clary espreitou ao redor de uma das esquinas dos prédios. Uma larga rua esticava-se até a colina, alinhada com pequenas lojas e casas; “Não há ninguém por aqui,” ela observou, com alguma surpresa.

Na luz fraca Luke parecia cinza. “Deve haver um encontro acontecendo no Gard. É a única coisa que pode tirar todo mundo das ruas de uma vez.”

“Mas isso não é bom? Não haver ninguém por perto para nos ver.”

“Isso é bom e ruim. As ruas são a maioria desertas, o que é bom. Mas quem quer que apareça vai ser muito mais provável de nos notar e advertir.”

“Eu pensei que você disse que todos estavam no Gard.

Luke sorriu ligeiramente. “Não seja tão literal, Clary. Eu quis dizer a maioria da cidade. Crianças, adolescentes, qualquer um isento da reunião, eles não estarão lá.”

Adolescentes. Clary pensou em Jace, e apesar de si mesma, seu pulso pulou a frente como um cavalo disparando fora de um portão de início de uma corrida.

Luke fez careta, quase como se ele pudesse ler os pensamentos dela. “A partir de agora, eu estou quebrando a Lei por estar em Alicante sem declarar a mim mesmo para a Clave no portão. Se alguém me reconhecer, nós poderemos estar em reais problemas. “ Ele olhou acima a estreita faixa de céu marrom avermelhado visível entre os topos de telhados. “Temos que sair das ruas.”

“Eu pensei que estávamos indo para casa de seu amigo.”

“Nós estamos. E ela não uma amiga, precisamente.”

“Então quem...?”

“Só me siga.” Luke mergulhou dentro de uma passagem entre duas casas, tão estreita que Clary podia alcançar e tocar as paredes de ambas as casas com seus dedos enquanto eles faziam seu caminho abaixo dela e dentro de um pavimento de pedra espiralada rua alinhada com lojas. Os prédios por si mesmos pareciam como um cruzamento entre uma paisagem gótica e uma de conto de fadas infantis. Os revestimentos de pedra eram esculpidos com todas as espécies de criaturas de mitos e lendas – as cabeças dos monstros eram uma característica marcante, intercaladas com cavalos alados, algo que parecia como uma casa sobre pernas de galinha, sereias, e, é claro, anjos. Gárgulas sobressaíam de cada canto, suas raivosas faces contorcidas. E em toda parte havia runas: destacadas através de portas, escondidas em padrão de um esculpido abstrato, pendendo de finas correntes de metal como sinos de vento que giravam na brisa. Runas para proteção, para boa sorte, para bons negócios; olhando para todas elas, Clary começou a se sentir um pouco tonta.

Eles andaram em silêncio, mantendo-se nas sombras. O pavimento de pedra da rua estava deserto, portas de lojas fechadas e trancadas. Clary captou furtivos olhares dentro das janelas enquanto eles passavam. Era estranho ver uma exposição de chocolates decorados caros em uma janela e na próxima uma igualmente abundante exposição de parecendo mortais, armas – cutelos, clavas, bastão com pontas de pregos, e uma fileira de lâminas serafim em diferentes tamanhos. “Nada de armas,” ela disse. Sua própria voz soava muito distante.

Luke piscou para ela. “O que?”

“Caçadores de Sombras,” ela disse. “Eles parecem nunca utilizarem revólveres.”

“Runas mantém a pólvora sem funcionar,” ele disse. “Ninguém sabe o porquê. Ainda assim Nephilim tem sido conhecidos por usarem o ocasional rifle sobre os licantropos. Não



necessita de uma runa para nos matar...apenas balas de prata.” Sua voz era sombria. Subitamente ele levantou sua cabeça. Na fraca iluminação da lua era fácil imaginar suas orelhas formigando à procura como a de um lobo. “Vozes,” ele disse. “Eles devem ter terminado no Gard.”

Ele tomou seu braço e a puxou pelo lados da rua principal. Eles emergiram em uma pequena praça com um poço no centro. Uma ponte de alvenaria arqueada sobre um estreito canal bem a frente deles. Na luz fraca a água no canal parecia quase preta. Clary podia ouvir as vozes por si mesma agora, vindo das ruas mais próximas. Elas estavam aumentando, sons zangados. A tontura de Clary aumentou – ela sentiu como se o chão estivesse se inclinando debaixo dela, ameaçando enviar ela esparramada. Ela inclinou-se atrás contra a parede do beco, arfando por ar.

“Clary,” Luke disse. “Clary, você está bem?” Sua voz soava espessa, estranha. Ela olhou para ele, e sua respiração morreu na garganta. As orelhas dele tinha crescido longas e pontudas, seus dentes afiados de navalha, seus olhos um feroz amarelo...

“Luke,” ela sussurrou. “O que está acontecendo com você?”

“Clary,” Ele se aproximou dela, suas mãos estranhamente alongadas, suas unhas afiadas e cor de ferrugem... “tem alguma coisa errada?”

Ela gritou, girando para longe dele. Ela não tinha certeza do porquê ela se sentia tão apavorada...ela tinha visto Luke transformado antes, e ele nunca tinha causado dano a ela. Mas o terror era uma coisa viva dentro dela, incontrolável. Luke pegou ela pelos seus ombros e ela encolheu-se para longe dele, longe de seus amarelos olhos animais, mesmo quando ele silenciou ela, implorando para que ela ficasse quieta em sua comum voz humana. “Clary, por favor...”

“Me deixe ir! Me deixe ir!”

Mas ele não o fez. “É a água...você está alucinando...Clary...tente se acalmar.” Ele puxou ela em direção a ponte, meio que a arrastando. Ela podia sentir as lágrimas correndo em seu rosto, esfriando suas bochechas quentes. “Isso não é real. Tente agüentar, por favor,” ele disse, ajudando ela na ponte. Ela podia sentir o cheiro da água abaixo dela. Enquanto ela olhava, um negro tentáculo imergiu vindo da água, suas pontas esponjosa alinhada com dentes afiados. Ela se contraiu para longe da água, incapaz de gritar, um baixo gemido vindo de sua garganta.

Luke pegou ela enquanto seus joelhos cediam, jogando ela em seus braços. Ele não tinha carregado ela desde que ela tinha cinco ou seis anos de idade. “Clary,” ele disse, mas o resto de suas palavras fundiram e se borraram em um absurdo rugir enquanto eles caminhavam abaixo fora da ponte. Eles correram passando uma série de altas e finas casas que quase lembrou a Clary das fileiras de casas de Brooklyn... ou talvez ela estava apenas alucinando sua própria vizinhança? O ar em torno deles parecia deformar enquanto eles seguiam, as luzes das casas resplandecendo em torno deles como tochas, o canal brilhando como um perverso brilho fosforescente. Os ossos de Clary sentiam como se eles estivessem se

dissolvendo dentro de seu corpo.

“Aqui,” Luke sacudiu para um hesitação em frente a uma alta casa do canal. Ele chutou duramente a porta, gritando; ela era pintada em um brilhante, quase berrante, vermelho, uma única runa destacava-se nela em ouro. A runa derreteu e correu enquanto Clary olhava para ela, tomando a forma de um horrível crânio sorrindo. *Isso não é real*, ela disse para si mesma fervorosamente, reprimindo seu grito com seu punho, mordendo até que ela provasse o sangue em sua boca.

A dor clareou sua cabeça momentaneamente. A porta voou aberta, revelando uma mulher em um vestido escuro, seu rosto enrugado com uma mistura de raiva e surpresa. Seu cabelo era longo, um emaranhado de cinza e castanho nebuloso escapando vindo de duas tranças; seus olhos azuis eram familiares. Uma pedra de runa de luz de bruxa brilhava na mão dela. “Quem é?” ela exigiu. “O que você quer?”

“Amatis.” Luke moveu-se dentro da piscina de luz de bruxa, Clary em seus braços.”Sou eu.”

A mulher empalideceu e cambaleou, pondo uma mão para apoiar-se contra a entrada. “Lucian?” Luke tentou dar um outro passo a frente, mas a mulher...Amatis...bloqueou seu caminho. Ela estava balançando sua cabeça tão fortemente que suas tranças chicotearam para trás e para frente. “Como você pôde vir aqui, Lucian? Como você se atreve a vir aqui?”

“Eu tinha pouca escolha,” Luke reforçou seu aperto em Clary. Ela afastou um choro. Todo seu corpo sentia como se ele estivesse em chamas, cada terminação nervosa queimando com a dor.

“Você tem que ir então,” Amatis disse. “Se você sair imediatamente...”

“Eu não estou aqui por mim. Eu estou aqui pela garota. Ela está morrendo.” Enquanto a mulher olhava para ele, ele disse. “Amatis, por favor. Ela é a filha de Jocelyn.”

Houve um longo silêncio, durante o qual Amatis ficou em pé como uma estátua, imóvel na entrada. Ela parecia congelada, quer por surpresa ou horror Clary não podia adivinhar. Clary apertou seu punho, suas palma estava pegajosa com o sangue onde as unhas tinham escavado...mas mesmo a dor não estava ajudando agora; o mundo estava se repartindo em suaves cores, como um vai-e-vem de quebra-cabeça à deriva na superfície da água. Ela mal podia ouvir a voz de Amatis enquanto a mulher mais velha andava para trás da entrada e dizia,” Muito bem , Lucian. Você pode trazer ela para dentro.”

Naquele momento Simon e Jace voltaram a sala de estar. Aline tinha posto comida na mesa baixa entre os sofás. Havia pão e queijo, pedaços de bolo, maçãs, e mesmo uma garrafa de vinho, que Max não foi autorizado a tocar. Ele sentou no canto com um prato de bolo, seu livro aberto no seu colo. Simon simpatizou com ele. Ele se sentia tão sozinho nas risadas no grupo conversante quanto Max provavelmente se sentia. Ele observou Aline tocar o pulso de Jace com seus dedos enquanto ela se aproximava por um pedaço de maçã e se sentiu tenso. *Mas isso é o que você quer que ele faça*, ele disse para si mesmo, e ainda de algum modo

ele não podia se livrar da sensação de que Clary estava sendo descartada.

Jace encontrou seus olhos acima da cabeça de Aline e sorriu. De algum modo, mesmo que ele não fosse um vampiro, ele foi capaz de colocar um sorriso que parecia ser de todos os dentes apontados. Simon olhou para longe, olhando em torno da sala. Ele notou que a música que ele tinha escutado mais cedo não estava vindo de um estéreo de modo algum, mas de uma parecendo complicada inovação técnica.

Ele pensou em iniciar uma conversa com Isabelle, mas ela estava conversando com Sebastian, cujo elegante rosto estava curvado atentamente abaixo para o dela. Jace tinha rido da atração de Simon por Isabelle uma vez, mas Sebastian podia indubitavelmente lidar com ela. Caçadores de Sombras eram capazes de lidar com qualquer coisa, não eram? Embora o olhar no rosto de Jace quando ele tinha dito que planejava ser apenas o irmão de Clary fez Simon se admirar.

“Nós estamos sem vinho,” Isabelle declarou, colocando a garrafa abaixo na mesa com uma pancada. “Eu estou indo buscar mais.” Com uma piscadela para Sebastian, ela desapareceu para a cozinha.

“Se você não se importa de eu dizer, você me parece um pouco quieto,” Era Sebastian, inclinado sobre as costas da cadeira de Simon com um sorriso desarmante. Para alguém com tal cabelo escuro, Simon pensou, a pele de Sebastian era muito clara, como se ele não saísse muito ao sol. “Está tudo bem?”

Simon deu de ombros.” Não a muitas aberturas para mim na conversa. Isso parece ser também sobre a política de Caçadores de Sombras ou pessoas que eu nunca ouvi falar, ou ambos.”

O sorriso desapareceu. “Nós podemos ser de um círculo fechado, nós Nephilim. E este o caminho daqueles que são excluídos do resto do mundo.”

“Você não acha que vocês se excluem a si mesmos? Vocês desprezam os humanos comuns....”

“‘Desprezam’ é um pouco forte,” Sebastian disse.”Você realmente pensa que o mundo dos humanos querem ter alguma coisa com a gente? Tudo em nós é um lembrete vivo de que não importa o quanto eles se confortam que não existem vampiros de verdade, não existem demônios ou monstros debaixo de camas..eles estão mentindo.” Ele virou sua cabeça para olhar para Jace, que, Simon notou, tinha estado olhando ambos em silêncio por alguns minutos. “Você não concorda?”

Jace sorriu.”De ce crezi c? v? Ascultam conversatia?\*

Sebastian encontrou seu olhar com um olhar de agradável interesse. “\*M-ai urmarit de când ai ajuns aici,” ele respondeu. “Nu-mi dau seama dac? nu m? placi ori dac? ești atât de b? nuiitor cu toata lumea.”. Ele ficou em seus pés.”Eu aprecio o treino de romeno, mas se você não se importa eu vou ver o que está tomando tanto tempo de Isabelle na cozinha.” Ele

desapareceu através da entrada, deixando Jace olhando após ele com uma expressão confusa.

\*N/T: Romeno

“Qual o problema? Afinal ele não fala romeno?” Simon perguntou.

“Não,” Jace disse. Um pequena linha franzida apareceu entre seus olhos. “Não, ele fala muito bem.”

Antes que ele pudesse perguntar a ele o que ele quis dizer com aquilo, Alec entrou na sala. Ele estava de cara amarrada, como ele tinha estado quando ele saiu. Seu olhar demorou-se momentaneamente sobre Simon, um olhar quase de confusão em seus olhos azuis.

Jace olhou acima “De volta tão cedo?”

“Não por muito tempo.” Alec se abaixou para colher uma maçã da mesa com uma mão enluvada. “Eu só vim para pegar ...ele,” ele disse, gesticulando em direção a Simon com a maçã. “Ele é aguardado no Gard.”

Aline pareceu surpresa. “Sério?” ela disse, mas Jace já tinha se levantado do sofá, desentrelaçando suas mãos das dela.

“Aguardado para que?” ele disse, com uma calma perigosa. “Eu espero que você encontre o que antes você prometeu para entregar ele, pelo menos.”

“É claro que eu perguntei,” Alec rebateu. “Eu não sou burro.”

“Ah, vamos lá,” Isabelle disse. Ela tinha reaparecido na entrada com Sebastian, que estava segurando uma garrafa. “Às vezes você é um pouquinho estúpido, você sabe. Só um pouquinho,” ela repetiu enquanto Alec lhe atirava um olhar assassino.

“Eles estarão enviando Simon de volta para Nova York,” ele disse. “Através do Portal.”

“Mas ele acabou de chegar!” Isabelle protestou com uma careta. “Isso não tem graça.”

“Não é para ser divertido, Izzi. Simon vir aqui foi um acidente, então a Clave acha que a melhor coisa é ele ir para casa.”

“Ótimo,” Simon disse. “Talvez eu mesmo possa voltar antes que minha mãe note que eu desapareci. Qual a diferença de horário entre aqui e Manhattan?”

“Você tem uma mãe?” Aline parecia espantada.

Simon preferiu ignorar isso. “Sinceramente,” ele disse, enquanto Alec e Jace trocavam olhares. “Está tudo bem. Tudo o que eu quero é sair deste lugar.”

“Você vai com ele?” Jace disse para Alec. “E ter certeza que tudo está bem?”

Eles trocaram um olhar um com o outro do jeito que era familiar para Simon. Era o jeito que ele e Clary às vezes se olhavam, trocando olhares codificados quanto eles não queriam que seus pais soubessem o que eles estavam planejando.

“O que?” ele disse, olhando de um para o outro. “Qual o problema?”

Eles interromperam seu olhar; Alec olhando para longe, e Jace virando um meigo e sorridente olhar sobre Simon.” Nada,” ele disse. “Está tudo bem. Parabéns, vampiro....você vai para casa.”

## 4 – Daylighter

A noite tinha caído quando Simon e Alec deixaram a casa dos Penhallows e se dirigiram colina acima em direção ao Gard. As ruas da cidade eram estreitas e retorcidas, prosseguindo acima como faixas de pedras pálidas no luar. O ar era frio, embora Simon sentisse ele apenas remotamente.

Alec andava em silêncio, caminhando a frente de Simon como se pretendesse que ele estava sozinho. Em sua vida passada Simon teria se apressado, ofegando, para se manter ao lado, agora ele descobriu que ele podia medir os passos só acelerando seus pés. “Que merda,” Simon disse finalmente, enquanto Alec olhava impertinentemente a frente.”Indo preso com minha escolta.”

Alec deu de ombros. “Tenho dezoito. Eu sou um adulto, por isso eu tenho que ser o responsável. Eu sou o único que pode entrar e sair do Gard quando a Clave está em sessão, e além do mais, o Cônsul me conhece.

“O que é um Cônsul?”

“Ele é como um alto oficial da Clave. Ele conta os votos do conselho, interpreta a Lei para a Clave, e aconselha eles e o Inquiridor. Se você esta a frente de um Instituto e você se prolonga em um problema que você não sabe como lidar com ele, você chama o Cônsul.”

“Ele aconselha o Inquiridor? Eu pensei...a Inquiridora não está morta?”

Alec bufou. “ Isso é como dizer. 'o presidente está morto?' Sim, a Inquiridora morreu; agora já há um novo. Inquiridor Aldertree.”

Simon olhou abaixo a colina em direção a água escura dos canais bem abaixo. Eles tinha deixado a cidade para trás deles e estavam pisando uma estreita estrada entre árvores sombrias. “Eu vou te dizer, inquisições nunca funcionaram bem para meu povo no passado.” Alec olhava sem expressão. “Deixa pra lá. Só uma piada de história mundana. Você não estaria interessado.”

“Você não é um mundano.” Alec apontou. “Esse é o porquê de Aline e Sebastian estarem tão excitados em darem uma olhada em você. Não que você possa dizer isso com Sebastian; ele sempre age como se ele já tivesse visto de tudo.”

Simon falou sem pensar.”Ele e Isabelle estão...tem alguma coisa acontecendo ali?”

O que começou uma gargalhada de Alec. “Isabelle e Sebastian? Dificilmente. Sebastian é um cara legal... Isabelle só gosta de namorar garotos completamente inapropriados, que nossos pais vão odiar. Mundanos, Downworlders, criminosos insignificantes...”

“Obrigado,” Simon disse. “Fico feliz em ser classificado como elemento criminoso.”

“Acho que ela faz isso por atenção,” Alec disse. “Ela é a única garota da família também,



então ela tem que se manter provando o quanto dura ela é. Ou pelo menos, isso é o que ela acha.”

“Ou talvez ela está tentando tirar a atenção de você,” Simon disse, quase distraído. “Você sabe, desde que seus pais não sabem que você é gay e tudo.”

Alec parou no meio da estrada tão de repente que Simon quase colidiu com ele. “Não,” ele disse, “mas aparentemente todo mundo sabe.”

“Exceto Jace,” Simon disse “Ele não sabe, não é?”

Alec tomou um profundo fôlego. Ele estava pálido, Simon pensou, ou isso poderia ter sido apenas o luar, lavando a cor fora de tudo. Seus olhos pareciam negros na escuridão. “Eu realmente não vejo o que isso é da sua conta. A menos que você esteja tentando me ameaçar.”

“Tentando ameaçar você? Simon foi surpreendido.” “Eu não estou...”

“Então por que?” Alec disse, e havia lá uma súbita e acentuada vulnerabilidade em sua voz que surpreendeu Simon. “Por que trazer isso?”

“Porque,” Simon disse. “Você parece me odiar a maior parte do tempo. Eu não levo isso pessoalmente, mesmo se eu salvei a sua vida. Você parece o tipo que odeia todo mundo. E além do mais, nós temos praticamente nada em comum. Mas eu vejo você olhando para Jace, e eu vejo a mim mesmo olhando para Clary, e eu calculo...que talvez nós tenhamos uma coisa em comum. E talvez isso poderia fazer você gostar de mim pelo menos um pouco.”

“Então você não vai contar para Jace?” Alec disse. “Quero dizer..você disse a Clary como se sentia e...”

“E não foi a melhor idéia,” Simon disse. “Agora eu me pergunto o tempo todo como voltar depois de uma coisa dessas. Se nós podemos mesmo ser amigos novamente, ou se o que nós tínhamos se quebrou em pedaços. Não por causa dela, mas por minha causa. Talvez se eu encontrar alguém mais...”

“Alguém mais,” Alec repetiu. Ele tinha começado a andar novamente, muito rapidamente, olhando para a estrada a frente dele.

Simon se apressou para alcançá-lo. “Você sabe o que eu quero dizer. Por exemplo, eu acho que Magnus Bane realmente gosta de você. E ele é muito legal. A propósito, ele dá grandes festas. Mesmo se você se tornar um rato nela.”

“Obrigado pelo conselho.” A voz de Alec era seca.” Mas eu não acho que ele gosta de mim tanto assim. Ele mal falou comigo quando ele veio abrir o Portal no Instituto.”

“Talvez você devesse ligar para ele,” Simon sugeriu, tentando não pensar tão duramente no

quão estranho era de dar um conselho a um caçador de demônio sobre a possibilidade de namorar um bruxo.

“Não dá,” Alec disse.”Sem telefones em Idris. Não importa, de qualquer modo.” Seu tom foi abrupto. “Estamos aqui. Este é o Gard.”

Uma grande parede crescia em frente a eles, posta com um par de enormes portões. As portas eram esculpidas com os serpenteante padrões angulares de runas, e embora Simon não pudesse ler elas como Clary podia, havia algo deslumbrante em sua complexidade e a sensação de poder que emanava delas. Os portões eram guardados por estátuas de pedra de anjo, seus rostos ferozes e lindos. Cada um segurava uma espada esculpida em suas mãos, e um criatura retorcida – uma mistura de rato, morcego, e lagarto, com desagradáveis dentes afiados – deitados mortos a seus pés. Simon parou para olhar para eles por um longo momento. Demônios, ele acreditava...mas ele podiam facilmente ser vampiros.

Alec empurrou o portão abrindo e gesticulou para Simon passar através. Uma vez dentro, ele piscou em torno em confusão. Desde que ele tinha se tornado um vampiro, sua visão noturna tinha se afiado para um laser como claridade, mas as dezenas de tochas alinhadas no caminho para as portas do Gard eram feitas de luz de bruxa, e a forte luz branca parecia branquear o detalhe de tudo. Ele estava vagamente consciente de Alec guiando ele em direção a um estreito caminho de pedra que brilhava com a iluminação refletida, e então havia alguém parado no caminho em frente a ele, bloqueado sua passagem com um braço levantado.

“Então, este é o vampiro?” A voz que falava era profunda o suficiente para ser quase um rugido. Simon olhou acima, a luz picando seus olhos para queimá-los...eles teriam lacrimejado se ele ainda fosse capaz de derramar lágrimas. *Luz de bruxa*, ele pensou, *luz do anjo, me queima. Acho que isso não me surpreende.*

O homem em pé em frente a eles era muito alto, com a pele macilenta esticada sobre proeminentes ossos do rosto. Mas de perto – uma cúpula aparada de cabelo preto, sua testa era alta, seu nariz afilado e romano. Sua expressão enquanto ele olhava abaixo para Simon era o olhar de um viajante de metrô observando um grande rato correr para frente e para trás nos trilhos, meio que esperando que um trem venha e esmague ele.

“Este é Simon,” Alec disse, um pouco incerto.”Simon, este é o Cônsul Malachi Dieudonné. O Portal está pronto, senhor?”

“Sim,” Malachi disse. Sua voz era dura e carregava um ligeiro sotaque. “Tudo está em prontidão. Venha, Downworlder.” Ele acenou para Simon. “Quanto mais cedo isso acabar, melhor.”

Simon se moveu para o oficial, mas Alec parou ele com uma mão em seu braço. “Só um momento,” ele disse, se dirigindo ao Cônsul. “Ele vai ser enviado diretamente de volta a Manhattan? E lá haverá alguém esperando do outro lado por ele?”

“Sem dúvida,” Malachi disse.” O bruxo Magnus Bane. Desde ele tolamente permitiu que o vampiro entrasse em Idris em primeiro lugar, ele tomou responsabilidade por seu retorno.”

“Se Magnus não tivesse deixado que Simon entrasse pelo Portal, ele teria morrido,” Alec disse, um pouco severamente.

“Talvez,” Malachi disse.” Isso é o que seus pais dizem, e a Clave optou por acreditar neles. Contra meu conselho, na verdade. Ainda assim, não é compreensivo trazer Downworlders dentro da Cidade de Vidro

“Não havia nada de compreensão sobre isso.” Raiva surgiu no peito de Simon. “Nós estávamos sob ataque...”

Malachi virou seu olhar sobre Simon.”Você vai falar quando nós tivermos falado, Downworlder, não antes.”

A mão de Alec apertou o braço de Simon. Havia um olhar em seu rosto – meio hesitação, meio suspeita, como se ele estivesse duvidando de sua sabedoria em trazer Simon ali, depois de tudo.

“Agora, Cônsul, realmente!” A voz carregada através do pátio era alta, um pouco sem fôlego, e Simon viu com alguma surpresa que ela pertencia a um homem, baixo, gordinho se apressando no caminho em direção a eles. Ele estava usando um folgado manto cinza sobre sua vestimenta de Caçador de Sombras, e sua careca cintilava na luz de bruxa. “Não há necessidade de assustar nosso convidado.”

“Convidado?” Malachi pareceu indignado.

O pequeno homem chegou em uma parada perante Alec e Simon e riu para ambos. “Estamos tão felizes...satisfeitos, realmente...que você decidiu cooperar com nosso pedido para que você retornasse para Nova York. Faz tudo ser mais fácil.” ele piscou para Simon, que olhou de volta para ele em confusão. Ele não achou que iria conhecer um Caçador de Sombras que parecia feliz em ver ele – não quando ele era um mundano, e definitivamente não agora que ele era um vampiro. “Ah, eu quase me esqueci!” O homenzinho bateu em sua própria testa em remorso. “Eu deveria ter me apresentado. Eu sou o Inquiridor ...o novo Inquiridor. Inquiridor Aldertree é o meu nome.” Aldertree segurou sua mão para Simon, e em um tumulto de confusão Simon a pegou. “E você. Seu nome é Simon?”

“Sim,” Simon disse, puxando sua mão de volta, tão breve quanto ele podia. O aperto de Aldertree era desagradavelmente úmido e pegajoso. “Não há necessidade de me agradecer por cooperar. Tudo o que eu quero é ir para casa.”

“Eu tenho certeza que você vai, eu tenho certeza que você vai! Apesar do tom de Aldertree fosse jovial, algo brotou em todo seu rosto enquanto ele falava – uma expressão que Simon não pôde segurar. Ela se foi em um momento, enquanto Aldertree sorria e gesticulava em direção ao estreito caminho que revestia ao longo do Gard. “Por aqui, Simon, se você não se importa.”

Simon se moveu, e Alec fez como se fosse seguir ele. O inquiridor levantou uma mão. “Isso é tudo o que precisamos de você, Alexander. Obrigado por sua ajuda.”

“Mas Simon...” Alec começou.

“Vai estar bem” o Inquiridor assegurou a ele; “Malachi, por favor mostre a Alexander a saída. E dê a ele uma pedra de runa de luz de bruxa para ele voltar para casa se ele não trouxe uma. O caminho pode ser complicado a noite. “ E com outro beatífico sorriso, ele moveu rapidamente Simon para longe, deixando Alec olhando após eles dois.

O mundo se incendiava em torno de Clary em um quase tangível borrão enquanto Luke carregava ela sobre o limiar da casa e abaixo em um longo corredor, Amatis apressando-se a frente deles com sua luz de bruxa. Mas do que meio delirante, ele olhou enquanto o corredor desdobrava-se antes dela, aumentando mais e mais como um corredor em um pesadelo.

O mundo virou de lado. De repente ela estava deitada em uma superfície fria, e mãos estavam passando um cobertor sobre ela. Olhos azuis olhavam abaixo para ela. “Ela parece tão doente, Lucian,” Amatis disse, em uma voz que era deturpada e desfigurada como uma velha gravação. “O que aconteceu com ela?”

“Ela bebeu cerca de metade do Lago Lyn.” O som da voz de Luke enfraqueceu, e por um momento as vistas de Clary clarearam: ela estava deitada no pavimentado chão frio de uma cozinha, e em algum lugar acima dela a cabeça de Luke estava inspecionando um armário. A cozinha tinha paredes amarelas descascadas e um antiquado fogão preto colocado contra uma parede; chamas saltavam atrás do fogão rangente, fazendo seus olhos doerem. “Anis, beladona e hellbore\*...” Luke virou-se para longe do armário com o braço cheio de recipientes de vidro. “Você pode ferver essa juntas, Amatis? Eu vou mover ela para mais perto do fogão. Ela está tremendo.”

\*N/T: pesquisei o nome dessa plantinha para ver se tinha algum similar com o português. É uma planta com flores esbranquiçadas.

Clary tentou falar, para dizer que não necessitava ser aquecida, que ela estava queimando, mas os sons que vieram para fora de sua boca não eram os que ela tencionava. Ela ouviu a si mesma choramingar enquanto Luke levantava ela, e então lá estava o calor, derretendo seu lado esquerdo – ela nem mesmo tinha percebido que ela estava fria. Seus dentes apertados juntos duramente, e ela sentiu o gosto de sangue em sua boca. O mundo começou a tremer em torno dela como água agitada em um vidro.

“O Lago dos Sonhos?” A voz de Amatis estava cheia de incredulidade. Clary não podia ver ela claramente, mas ela parecia estar próxima ao fogão, uma longa colher de madeira em sua mão.”O que vocês estavam fazendo lá? Jocelyn sabe onde....”

E o mundo desapareceu, ou pelo menos o mundo real, a cozinha com as paredes amarelas e o confortável fogo atrás da grelha. No lugar ela viu as águas do Lago Lyn, com fogo refletido nelas como se na superfície de um pedaço de vidro polido. Anjos estavam caminhando sobre o vidro - anjos com asas brancas que se penduravam ensangüentadas e

quebradas em suas costas, e cada um deles tinha o rosto de Jace. E então lá havia outros anjos, com asas de sombras negras, e eles tocavam suas mãos no fogo e riam...”

“Ela continua chamando por seu irmão.” A voz de Amatis soava oca, como se filtrada vindo impossivelmente alta acima. “Ele está com os Lightwoods, não está? Eles estão ficando com os Penhallows na rua Princewater. Eu podia...”

“Não,” Luke disse severamente. “Não. É melhor que Jace não saiba sobre isso.”

Eu estava chamando por Jace? Por que eu faria isso? Clary se perguntou, mas o pensamento foi de curta duração; a escuridão veio novamente. Dessa vez ela sonhou com Alec e Isabelle; ambos se olhavam como se eles tivessem tido uma luta feroz, seus rostos marcados com poeira e lágrimas; então eles se foram, e ela sonhou com um homem sem rosto com asa negras brotando de suas costas como as de um morcego. Sangue corria de sua boca quando ele sorriu. Orando para que suas visões desaparecessem, Clary apertou seus olhos...

Foi um longo tempo antes que ela viesse a tona novamente ao som de vozes acima dela. “Beba isto,” Luke disse. “Clary, você tem que beber isso,” e então lá estavam mãos em suas costas e o fluído sendo gotejado em sua boca em um pano encharcado. Tinha gosto amargo e horrível e ela sufocou e engasgou sobre ele, mas as mãos em suas costas eram firmes. Ela engoliu, passando a dor em sua garganta inchada. “Aí está,” Luke disse. “Aí, isso deve melhorar.”

Clary abriu os olhos lentamente. Ajoelhado ao seu lado estavam Luke e Amatis, seus quase idênticos olhos azuis preenchidos com igual preocupação. Ela olhou atrás deles e nada viu – nem anjos ou demônios com asas de morcego, só as paredes amarelas e uma chaleira rosa pálido balançando precariamente em um peitoril.

“Eu vou morrer?” Ela sussurrou.

Luke sorriu cansadamente. “Não Vai demorar um pouco para você voltar em forma, mas, você vai sobreviver.”

“Ok.” Ela estava tão exausta para sentir mais nada, mesmo alívio. Ela se sentia como se todos seus ossos tivessem sido removidos, deixando um fraco revestimento de pele para trás. Olhando adormecida através de seus cílios, ela disse, quase sem pensar. “Seus olhos são os mesmos.”

Luke piscou. “Os mesmos como o quê?”

“Como os dela,” Clary disse, movendo seu sonolento olhar para Amatis, que parecia perplexa. “O mesmo azul.”

O fantasma de um sorriso passou sobre o rosto de Luke. “Bem, isso não é surpreendente, considerando,” ele disse. “eu não tive a chance de apresentá-la adequadamente antes. Clary, está é Amatis Herondale. Minha irmã.”

O Inquiridor caiu em silêncio no momento que Alec e o oficial estavam fora do alcance de voz. Simon seguiu ele acima no caminho estreito, iluminado por luz de bruxa, tentando não entortar os olhos na luz. Ele estava consciente do Gard se elevando em torno dele como o lado de um navio se elevando no oceano; luzes resplandeciam vindo de suas janelas, manchando o céu com uma luz prateada. Havia janelas baixas também, colocadas no nível do solo. Várias eram trancadas, e só havia escuridão dentro.

Ao longo eles alcançaram uma porta de madeira fixada em um arco na lateral do prédio. Aldertree moveu para abrir o cadeado, e o estômago de Simon apertou. Pessoas, ele tinha notado desde que ele esse tornou um vampiro, tinha um cheiro em torno delas que mudava de acordo com seus humores. O Inquiridor fedia a algo amargo e forte como café mas muito mais desagradável. Simon sentiu a espetada de dor em sua mandíbula o que significava que seus dentes de presa queriam sair, e contraiu de volta pelo Inquiridor enquanto ele passava através da porta.

O corredor além era longo e branco, quase como um túnel, como se ele tivesse sido escavado em rocha branca. O Inquiridor se apressou, sua luz de bruxa encobrindo claramente as paredes. Para um tipo de homem de pernas curtas ele se movia notavelmente rápido, virando sua cabeça de um lado para o outro enquanto ele seguia, seu nariz enrugando como se ele estivesse cheirando o ar. Simon tinha se apressado para manter o ritmo enquanto eles passavam por um conjunto de imensas portas duplas, largamente abertas como asas. No corredor adiante, Simon podia ver um anfiteatro com fileiras e fileiras de cadeiras nela, cada uma ocupada por um Caçador de Sombras coberto de preto. Vozes ecoavam das paredes, muitas se elevavam em raiva, e Simon pegou pedaços da conversa enquanto ele passava, as palavras se borrando enquanto os oradores sobrepunham-se uns aos outros.

“Mas não temos nenhuma prova do que Valentine quer. Ele não comunicou seus desejos para ninguém...”

“O que importa o que ele quer? El é um traidor e um mentiroso; você realmente acha que qualquer tentativa de apaziguar ele será benéfico para nós no final?”

“Você sabia que uma patrulha encontrou o corpo de uma criança lobisomem nos arredores de Brocelind? Parece que Valentine completou o ritual aqui em Idris.”

“Com dois dos Instrumentos Mortais em sua posse, ele é mais poderoso do que qualquer Nephilim tem o direito de ser. Podemos não ter escolha...”

“Meu primo morreu no navio em Nova York! Não há como deixar Valentine sair dessa com o que ele já tem feito! Tem que haver retaliação!”

Simon hesitou, curioso em ouvir mais, mas o Inquiridor estava zunindo em torno dele como uma gorda e irritante abelha. “Me acompanhe, me acompanhe,” ele disse, sacudindo sua luz de bruxa em frente a ele. “Nós não temos muito tempo a perder. Eu devo estar de volta a reunião antes que ela termine.”



Relutantemente, Simon permitiu que o Inquiridor o empurrasse ao longo do corredor, a palavra 'retaliação' ainda tocando em suas orelhas. A lembrança da noite no navio era fria e desagradável. Quando eles alcançaram uma porta esculpida com uma única e absoluta runa preta, o Inquiridor sacou um chave e destrancou ela, conduzindo Simon adentro com um amplo gesto de boas vindas.

A sala além era vazia, decorada com uma única tapeçaria que mostrava um anjo subindo de um lago, agarrando uma espada em uma mão e uma taça na outra. O fato que ele tinha visto ambas a Taça e a Espada antes, momentaneamente distraíram Simon. Não até que ele ouvisse o clique de uma fechadura se fechando que ele notou que o Inquiridor tinha fechado a porta atrás dele, prendendo ambos dentro.

Simon olhou ao redor. Não havia mobília na sala, além de um banco com uma mesa baixa ao lado dela. “O Portal...ele está por aqui?” ele perguntou incerto.

“Simon, Simon.” Aldertree esfregou suas mãos juntas como se antecipando uma festa de aniversário ou algum evento prazeroso. “Você está realmente com pressa de sair? Há algumas perguntas que eu tinha tanto esperado que você respondesse primeiro...”

“Ok.” Simon deu de ombros desconfortavelmente; “Me pergunte o que quiser, eu acho.”

“Como você é cooperativo! Como é maravilhoso.” Aldertree irradiou.”Então, há quanto tempo exatamente você tem sido um vampiro?”

“Cerca de duas semanas.”

“E como isso aconteceu? Eles atacaram você na rua, ou talvez em sua cama a noite? Você sabe exatamente quem transformou você?”

“Bem...não exatamente.”

“Mas, meu menino!” Aldertree gritou. “Como você não sabe de algo como isso?” O olhar que ele dirigia a Simon era aberto e curioso. Ele parecia tão inofensivo, Simon pensou. Como o avô de alguém ou um velho tio engraçado. Simon dever ter imaginado o cheiro amargo.

“Isso não é realmente tão simples,” Simon disse, e passou a explicar sobre suas duas idas ao Dumort, uma como um rato e a segunda sob uma compulsão tão forte que ele sentia como um gigante conjunto de pinças segurando ele em seu aperto e levando ele exatamente para onde eles queriam que ele fosse. “E então veja só,” ele terminou.”no momento que eu caminhei na porta do hotel, eu fui atacado....eu não sei qual deles foi que me transformou, ou se todos eles de algum modo.”

O inquiridor cacarejou. “Ah querido, ah querido. Isso não é nada bom. Isso é muito preocupante.”

“Eu certamente pensei assim,” Simon concordou.

“A Clave não vai ficar satisfeita.”

“O quê?” Simon estava confuso. “O que a Clave se importa em como eu me tornei um vampiro?”

“Bem, isso seria uma coisa se você fosse atacado,” Aldertree disse justificando. “Mas você só apenas andou até lá e, bem, deu a si mesmo para os vampiros, está vendo? Isso parece um pouco como se você quisesse ser um.

“Eu não queria ser um! Esse não é o porque eu fui ao hotel!”

“É claro, é claro.” A voz de Aldertree era calmante. “Vamos passar para outro tópico, podemos?” Sem esperar por uma resposta, ele continuou. “Como é que os vampiros deixaram você sobreviver para se erguer novamente, jovem Simon? Considerando que você ultrapassou o território deles, seu normal procedimento teria sido se alimentar até que você morresse, e então queimar seu corpo para impedir que você se erguesse.”

Simon abriu a boca para responder, para dizer ao Inquiridor como Raphael tinha levado ele para o Instituto, e como Clary, Jace e Isabelle trouxeram ele ao cemitério e observaram ele cavar seu caminho para fora do seu próprio túmulo. Então ele hesitou. Ele tinha só uma vaga idéia de como a Lei funcionava, mas ele duvidava de que algum modo que isso era noma do procedimento do Caçador de Sombras vigiar um vampiro enquanto ele se erguia, ou providenciar a eles sangue para sua primeira refeição. “Eu não sei,” ele disse.” eu não tenho idéia do porquê eles me transformaram ao invés de me matarem.”

“Mas um deles deve ter deixado você beber seu sangue, ou você não seria...bem, o que você é hoje. Você está dizendo que não sabe quem foi seu vampiro criador?”

*Meu vampiro criador?* Simon nunca tinha pensado daquela maneira....ele tinha tomado o sangue de Raphael em sua boca quase por acidente. E era duro de se pensar de um menino vampiro como um criador de algum tipo. “Eu temo que não.”

“Oh, querido,” O Inquiridor suspirou. “O mais desventurado.”

“O que é desventurado?”

“Bem, que você está mentido para mim, meu menino.” Aldertree agitou sua cabeça.” E eu tinha esperado tanto que você cooperasse. Isso é terrível, simplesmente terrível. Você não consideraria me dizer a verdade? Apenas como um favor?”

“Eu estou dizendo a você a verdade!”

O Inquiridor murchou como uma flor fora da água. “Que vergonha.” ele suspirou novamente.”Que vergonha.” ele cruzou a sala e então bateu acentuadamente na porta, ainda balançando sua cabeça.

“O que está acontecendo?” Alarme e confusão tingiam a voz de Simon. “E sobre o Portal?”

“O Portal?” Aldertree deu uma risadinha. “Você realmente não acha que eu estava deixando você ir, acha?”

Antes que Simon pudesse dizer uma palavra em resposta, a porta explodiu aberta e Caçadores de Sombras em vestimentas negras verteram dentro da sala, agarrando ele. Ele se debateu enquanto mãos fortes abraçam em torno de cada um de seus braços. Uma capuz foi puxado sobre sua cabeça, cegando ele. Ele chutou a escuridão; seu pé acertou, e ele ouviu alguém xingar.

Ele foi sacudido para trás violentamente; um voz acalorada rosnou em seu ouvido. “Faça isso novamente, vampiro, e eu vou derramar água benta em sua garganta e observar você morrer vomitando sangue.”

“Já chega!” A voz fina e preocupada do Inquiridor subiu como um balão. “Não haverá mais ameaças! E só estou tentando ensinar ao nosso convidado uma lição.” ele deve ter se movido a frente, por que Simon sentiu o estranho e amargo cheiro de novo, abafada através do capuz. “Simon, Simon,” Aldertree disse. “Eu estava tão feliz em conhecer você. Eu espero que uma noite nas celas do Gard tenha o efeito desejado e de manhã você vai estar um pouco mais cooperativo. Eu ainda vejo um futuro brilhante para nós, uma vez que nós acabemos esse pequeno contratempo.” Suas mãos desceram sobre os ombro de Simon. “Levem ele para baixo, Nephilim.”

Simon gritou alto, mas seus gritos foram abafados pelo capuz. Os Caçadores de Sombras arrastaram ele da sala e empurraram ele abaixo que sentiu como uma sem fim série de corredores como labirintos, girando e virando. Eventualmente eles alcançaram um conjunto de escadas e ele foi impulsionado para baixo dela com toda força, seus pés deslizaram sobre os degraus. Ele não podia dizer nada sobre onde eles estavam...exceto que havia um confinado, e pesado cheiro ao redor deles, como pedra molhada, e que o ar estava crescendo úmido e frio a medida que eles desciam.

Finalmente eles pararam. Houve um atritante som, como ferro raspando sobre a pedra, e Simon foi jogado a frente para aterrissar em suas mãos e joelhos no piso duro. Houve um alto e metálico tinido, como o de uma porta sendo batida fechada, e o som de passos se afastando, o eco de botas na pedra aumentando fracamente, enquanto ele firmava em seus pés. Ele puxou o capuz de sua cabeça e jogou ela no chão. O pesado, quente e sufocante sensação em todo de seu rosto foi varrida, e ele lutou pela urgência de aspirar por ar – ar que ele não tinha. Ele sabia que aquilo era só um reflexo, mas seu peito doeu como se ele tivesse sido privado do ar.

Ele estava em um quadrado quarto de pedra árida, com apenas uma única janela árida colocada na parede acima da pequena e parecendo desconfortável cama. Através de uma porta baixa Simon podia ver um pequeno banheiro com uma pia e um sanitário. A parede oeste do quarto era também espessamente árido, barras parecendo de ferro corriam do chão até o teto, fincadas profundamente no chão. Uma porta dobradiça de ferro, feita de barra,

foi fixada na parede; e estava instalada com uma maçaneta de bronze, que era esculpida em toda sua face com uma densa runa negra. Na realidade, todas as barras eram esculpidas com runas; mesmo as barras na janela eram envolvidas com linhas areinoformes nelas.

Embora ele soubesse que a porta da cela devia estar trancada, Simon não podia evitar; ele caminhou através do chão e segurou a maçaneta. Uma abrasadora dor atirou através de sua mão. Ele gritou e sacudiu seu braço para trás, olhando. Finos fogos fâtuos de fumaça subiram de sua palma queimada; um intrincado desenho tinha sido carbonizado na pele. Ela parecia como uma pequena estrela de Davi dentro de um círculo, com delicadas runas desenhadas em cada espaço vazio entre as linhas.

A dor sentida como inflamação. Simon curvou sua mão em si mesma enquanto um arfar subia para seus lábios. “O que é isso?” ele sussurrou, sabendo que ninguém podia ouvir ele.

“É o selo de Salomão,” uma voz disse. “ele contém, eles alegam, um dos verdadeiros nomes de Deus. Ele repele demônios, e sua espécie também, sendo um artigo de sua fé.”

Simon se sacudiu ereto, meio esquecido da dor em sua mão. “Quem está aí? Quem disse isso?”

Houve uma pausa. E então, “Eu estou na cela ao lado da sua, Daylighter.” A voz era de um homem, adulto, ligeiramente rouca; “Os guardas estiveram aqui a metade do dia falando sobre como manter você encurralado. Então eu não me incomodaria em tentar abrir ela. É melhor você guardar suas forças para encontrar o que a Clave quer de você.”

“Eles não podem me segurar aqui,” Simon protestou. “Eu não pertenço a este mundo. Minha família vai notar que eu estou desaparecido...meus professores...”

“Eles vão cuidar disso. Há magias simples o suficiente...um bruxo iniciante poderia utilizar ela...que vai suprir seus pais com a ilusão de que há uma razão perfeitamente legítima para sua ausência. Uma viagem escolar. Uma visita a família. Isso pode ser feito.” Não havia ameaça na voz, e nenhuma tristeza; era isso na realidade. “Você realmente acha que eles nunca fizeram um Downworlder desaparecer antes?”

“Quem é você?” A voz de Simon falhou. “Você é um Downworlder também? É aqui onde ele nos mantém?”

Dessa vez não houve resposta. Simon chamou novamente, mas seu vizinho tinha evidentemente decidido que ele tinha dito tudo o que ele queria dizer. Nada respondeu aos gritos de Simon, mas o silêncio.

A dor em sua mão enfraqueceu. Olhando abaixo, Simon viu que a pele já não parecia queimada, mas a marca do selo estava impresso em sua palma como se ela tivesse sido desenhada lá com tinta. Ele olhou atrás das barras da cela. Ele notou agora que nem todas elas tinha runas: esculpidas entre elas estavam estrelas de Davi e linhas do Torá em hebreu. Os entalhes pareciam novos.

*Os guardas estiveram aqui a metade do dia falando sobre como manter você encurralado, a voz havia dito.*

Mas isso não tinha só sido porque ele era um vampiro, ridiculamente, isso era em parte por que ele era judeu. Eles tinha gastado metade do dia esculpindo o selo de Salomão naquela maçaneta, então isso iria queimar ele quando ele a tocasse. Tinha tomado tempo deles para tornar seus objetos de fé contra ele. Por algum motivo a concretização do afastamento da última posse de Simon. Ele afundou na cama, a cabeça em suas mãos.

A rua Princewater estava escura quando Alec retornou do Gard, as janelas das casas fechadas e ensombrecidas, só a ocasional lâmpada da rua de luz de bruxa, lançando uma piscina de iluminação branca no calçamento. Jace estava sentado sobre a parede baixa de pedra que circulava a frente do jardim dos Penhallows, seu cabelo muito brilhante debaixo da luz da lâmpada de rua mais próxima. Ele olhava acima enquanto Alec se aproximava, e estremeceu um pouco. Ele estava usando só um leve casaco, Alec viu, e tinha aumentado o frio desde que o sol tinha se posto. O cheiro das últimas rosas perdurava no ar frio como perfume fino.

Alec afundou na parede ao lado de Jace. “você esteve aqui fora esperando por mim esse tempo todo?”

“Quem disse que eu estou esperando você?”

“Foi tudo bem, se isso é o que você estava preocupado. Deixei Simon com o Inquiridor.”

“Você deixou ele? Você não ficou para ter certeza de que tudo ia ficar bem?”

“Foi tudo bem,” Alec repetiu. “O Inquiridor disse que ele levaria ele para dentro pessoalmente e enviaria ele de volta...”

“O Inquiridor disse, o Inquiridor disse,” Jace interrompeu. “O último Inquiridor que nós conhecemos ultrapassou completamente seu comando – se ela não tivesse morrido, a Clave teria privado ela de sua posição, talvez até mesmo amaldiçoado ela. O que dizer deste Inquiridor não é um louco pelo trabalho também?”

“Ele parecia bem,” Alec disse. “Até legal, Ele foi perfeitamente polido com Simon. Olha. Jace...isto é como a Clave trabalha. Nós não entendemos o controle de tudo o que acontece. Mas você tem que confiar neles, porque de outro modo tudo se transforma em caos.”

“Mas eles ferraram demais recentemente...você tem que admitir isso.”

“Talvez,” Alec disse. “mas se você começar pensando que você sabe mais do que a Clave e mais de que a Lei, o que faz você melhor do que o Inquiridor? Ou Valentine?”

Jace hesitou. Ele olhava como se Alec tivesse batido nele, ou pior.

O estômago de Alec caiu. “Me desculpe.” Ele aproximou uma mão. “Eu não quis dizer

isso...”

Um feixe de brilhante luz amarela cortou através do jardim de repente. Alec olhou acima para ver Isabelle emoldurada na janela da frente aberta, luz fluindo em torno dela. Ela era só uma silhueta, mas ele podia dizer pelas suas mãos em seus quadris que ela estava chateada. “O que vocês estão fazendo ai fora?” ela chamou. “Todo mundo está se perguntando onde vocês estão.”

Alec se virou para seu amigo. “Jace...”

Mas Jace, tinha ficado em seus pés, ignorando a mão estendida de Alec. “É melhor que você esteja certo sobre a Clave,” foi tudo o que ele disse.

Alec observou enquanto Jace caminhava de volta para a casa. Espontaneamente, a voz de Simon veio em sua mente. *Agora eu me pergunto o tempo todo como voltar depois de uma coisa dessas. Se nós podemos mesmo ser amigos novamente, ou se o que nós tínhamos se quebrou em pedaços. Não por cauda dela, mas por minha causa.*

A porta da frente se fechou, deixando Alec sentado no jardim parcialmente iluminado. Ele fechou seus olhos por um momento, a imagem de um rosto pairando atrás de suas pálpebras. Não o rosto de Jace, para variar. Os olhos fixados no rosto eram verdes, pupilas fendidas. Olhos de gato.

Abrindo seus olhos, ele alcançou sua bolsa e puxou uma caneta e um pedaço de papel, rasgando do caderno espiral...que ele usava como uma revista. Ele escreveu algumas palavras nele e então, com sua estela, traçou a runa de fogo na parte inferior da página. Ela subiu mais rápido do que ele tinha pensado que teria; ele deixou o papel ir enquanto ele queimava, flutuando no meio do ar como um vagalume. Logo tudo o que ele deixou foi uma fina corrente de cinzas, peneirada como pó branco através das roseiras.



## 5 – Um problema de memória

A luz da tarde acordou Clary, um feixe de brilho pálido que descansava diretamente sobre a face dela, iluminando o interior de suas pálpebras, para um rosa forte. Ela se mexeu impacientemente e cuidadosamente abriu seus olhos.

A febre tinha passado, e então a sensação que seus ossos estava fundidos e quebrados dentro dela. Ela sentou-se e olhou em torno com olhos curiosos. Ela estava em o que devia ser o quarto de hospede de Amatis – ele era pequeno, pintado de branco, a cama coberta com um cobertor claramente de pano entretecido. Cortinas de laço estavam puxadas para trás sobre as janelas redondas, deixando círculos de luz. Ela se sentou lentamente, esperando que a tontura passasse sobre ela. Nada aconteceu. Ela se sentia completamente saudável, até bem descansada. Saindo da cama, ela olhou abaixo para si. Alguém tinha colocado nela um par de engomados pijamas branco, embora eles estivessem agora enrugados e muito grandes para ela; suas mangas pendurada abaixo comicamente passando seus dedos.

Ela foi para uma das janelas circulares e espreitou lá fora. Casas amontoadas de pedras cor de ouro antigo cresciam ao lado de uma colina, e os telhados pareciam como se tivessem sido emplacados em bronze. Alateral da casa encarava para longe do canal, para um lado estreito do jardim tornado-se marrom e dourado com o outono. Uma grade espalhava-se na lado da casa; uma única roseira pendurada nela, soltando pétalas amarronzadas. A maçaneta chacoalhou, e Clary subiu apressadamente de volta a cama antes que Amatis entrasse, segurando uma bandeja em suas mãos. Ela levantou suas sobrancelhas quando ela viu que Clary estava acordada, mas nada disse.

“Onde está Luke?” Clary demandou, tirando o cobertor em torno de si para estar a vontade.

Amatis colocou a bandeja abaixo na mesa ao lado da cama. Havia uma caneca de alguma coisa quente nela, e algumas fatias de pão com manteiga. “Você deve comer alguma coisa,” ela disse. “Você vai se sentir melhor.”

“Eu me sinto bem,” Clary disse. “Onde está Luke?”

Estava em uma cadeira com alto apoio atrás da mesa; e considerou Clary calmamente. Na luz do dia Clary podia ver mais claramente as linhas em seu rosto – ela parecia mais velha do que a mãe de Clary por muitos anos, embora elas não podiam ser tão afastadas na idade. Seu cabelo castanho era pespontado com cinza, seus olhos coroados com rosa escuro, como se ela estivesse estado chorando. “Ele não está aqui.”

“Não aqui como se ele apenas virasse a esquina para um mercadinho por seis latinhas de Diet Coke e uma caixa de Krispy Kremes, ou não aqui como...”

“Ele saiu esta manhã, em torno da madrugada, depois de ter ficado ao seu lado a noite toda. Quanto ao seu destino, ele não foi específico.” O tom de Amatis era seco, como se Clary não se sentisse tão desprezada, ele poderia ter sido divertida para notar que isso fez ela soar muito parecida com Luke. “Quando ele viveu aqui, antes dele ter deixado Idris, depois que ele estava...Mudado...ele liderou um bando de lobisomens que fez seu lar na Floresta Brocelind. Ele disse que estava indo de volta para eles, mas ele não disse o porquê ou por

quanto tempo...só que ele iria estar de volta em poucos dias.”

“Ele apenas...me deixou aqui? E supostamente eu sento por aqui e espero por ele?”

“Bem, ele não podia muito bem levar você com ele, podia?” Amatis perguntou.. “E não vai ser fácil para você sair de casa. Você quebrou a Lei vindo aqui como você o fez, e a Clave não vai fazer vista grossa a isso, ou ser generosa sobre deixar você partir.”

“Eu não quero ir para casa.” Clary tentou recolher-se. “Eu vim aqui para...para encontrar alguém. Eu tenho algo a fazer.”

“Luke me disse.” Amatis disse. “Me deixe lhe dar um conselho...você irá encontrar Ragnor Fell se ele quiser ser encontrado.”

“Mas...”

“Clarissa.” Amatis olhava para ela especulativamente. “Estamos esperando um ataque de Valentine a qualquer momento. Quase todos Caçadores de Sombras em Idris está aqui na cidade, dentro das barreiras. Ficar em Alicante é a coisa mais segura para você.”

Clary sentou congelada. Racionalmente, as palavras de Amatis faziam sentido, mas isso não fez muito para acalmar a voz dentro dela gritando que ela não podia esperar . Ela tinha que achar Ragnor Fell agora; ele tinha que salvar sua mãe agora, e ela tinha que ir agora. Ela freou seu pânico e tentou falar casualmente. “Luke nunca me disse que ele tinha uma irmã.”

“Não,” Amatis disse. “Ele não teria. Nós não somos...próximos.”

“Luke disse que seu sobrenome era Herondale,” Clary disse. “Mas este é o sobrenome da Inquiridora, não é?”

“Era,” Amatis disse, e seu rosto apertou como se as palavras afligissem ela. “Ela era a minha sogra.”

O que foi que Luke disse a Clary sobre a Inquiridora? Que ela tinha tido um filho, que ele foi casado com uma mulher com 'indesejáveis conexões familiares.' “Você foi casada com Stephen Herondale?”

Amatis pareceu surpresa.” Você sabe o nome dele?”

“E sei..Luke me disse...mas eu pensei que sua esposa morreu. Pensei que era o porquê da Inquiridora ser tão...” Horrível, ela quis dizer, mas isso pareceu cruel para se dizer.”Amarga,” ela disse finalmente.

Amatis alcançou a caneca que ela trouxe; sua mão tremeu um pouco enquanto ela a levantava. “Sim, ela morreu. Se matou. Esta foi Céline...a segunda esposa de Stephen. Eu era a primeira.”

“E vocês se divorciaram?”

“Algo como isso.” Amatis impulsionou a caneca para Clary. “Olha, beba isso. Você tem que colocar alguma coisa em seu estômago.”

Distraída, Clary apanhou a caneca e engoliu um bocado quente. O líquido dentro era rico e salgado – não chá, como ela pensara, mas sopa. “Ok,” ela disse. “Então o que aconteceu?”

Amatis estava olhando a distância. “Nós estávamos no Círculo, Stephen e eu, junto com todos os outros. Quando Luke foi...quando o que aconteceu com Luke aconteceu, Valentine precisou de um novo tenente. Ele escolheu Stephen. E quando ele escolheu Stephen, ele decidiu que talvez não seria adequado para a mulher de seu amigo mais próximo e conselheiro ser alguém cujo irmão era...”

“Um lobisomem.”

“Ele usou uma outra palavra.” Amatis soava amarga. “Ele convenceu Stephen em anular nosso casamento e encontrasse outra esposa, uma que Valentine escolheu para ele. Céline era tão jovem...tão completamente obediente.”

“Isso é horrível.”

Amatis agitou sua cabeça com uma delicada risada. “Isso foi a muito tempo atrás. Stephen era gentil, eu suponho. Ele me deu esta casa e se mudou para a mansão dos Herondale com seus pais e Céline. Eu nunca mais vi ele depois disso. Eu deixei o Círculo, é claro. Eles não teriam precisado de mim mais. A única deles que ainda me visitava era Jocelyn. Ela mesmo me disse que quando saiu para ver Luke...” Ela empurrou seu cabelo grisalho para trás de suas orelhas. “Eu ouvi o que aconteceu com Stephen na revolta, depois que tudo tinha acabado. E Céline...eu tinha odiado ela, mas eu fiquei triste por ela então. Ela cortou seus pulsos, eles disseram...sangue por todo lugar...” Ele deu um profundo suspiro. “Eu vi Imogen depois no funeral de Stephen, quando eles colocaram o corpo dentro do mausoléu dos Herondale. Ele nem mesmo pareceu me reconhecer. Ele fizeram dela a Inquiridora não muito depois disso. A Clave sentiu que não havia mais ninguém que teria caçado os membros formadores do Círculo mais implacavelmente do que ela fez...e eles estavam certos. Se ela pudesse levar para longe suas memórias de Stephen em seu sangue, ela teria.”

Clary pensou nos olhos frios da Inquiridora, seu estreito, e duro olhar, e tentou sentir pena por ela. “Eu acho que isso fez ela louca,” ela disse. “Realmente louca. Ela era horrível para mim...mas muito mais para Jace. Era como se ela quisesse ele morto.”

“Isso faz sentido,” Amatis disse. “Você se parece com sua mãe, e sua mãe lhe trouxe, mas seu irmão...” ela inclinou sua cabeça de lado. “ele se parece tanto com Valentine quanto você parece com Jocelyn?”

“Não,” Clary disse. “Jace apenas se parece como ele mesmo.” Um arrepio passou através dela no pensamento em Jace. “Ele está aqui em Alicante,” ela disse, pensando alto. “Se eu pudesse ver ele...”

“Não.” Amatis falou com rispidez. “Você não pode sair de casa. Para ver ninguém. E definitivamente não para ver ser irmão.”

“Não sair da casa?” Clary estava horrorizada. “você quer dizer que eu estou presa aqui? Como uma prisioneira?”

“É só por um dia ou dois,” Amadis admoestou ela, “e além do mais, você não está bem. Você precisa se recuperar. A água do lago quase matou você.”

“Mas Jace...”

“É um dos Lightwoods. Você não pode ir até lá. No momento que eles te verem, eles dirão a Clave que você está aqui. E então você não será a única com problemas com a Lei. Luke estará também.”

*Mas os Lightwoods não me trairiam para a Clave. Ele não farão isso...* as palavras morreram em seus lábios. Não havia jeito de ela ser capaz de convencer Amatis que os Lightwoods que ela conheceu a quinze anos atrás não existiam, que Robert e Maryse não eram mais cegamente fanáticos fiéis. Esta mulher podia ser a irmã de Luke, mas ela ainda era uma estranha para Clary. Ele não tinha visto ela em dezesseis anos...nem mesmo tinha mencionado que ela existia. Clary se inclinou contra os travesseiros, fingindo cansaço. “Você está certa,” ela disse. “Eu não me sinto bem. Eu acho melhor dormir.”

“Boa idéia.” Amatis se inclinou e colheu a caneca vazia de sua mão. “Se você quiser tomar um banho, o banheiro é do outro lado da sala. E há um baú de minhas roupas antigas ao pé da cama. Você parece que está com o tamanho que eu tinha quando eu tinha sua idade, então elas devem servir em você. Ao contrário desses pijamas,” ela adicionou, e sorriu, um fraco sorriso que Clary não retornou. Ele estava muito ocupada lutando com a compulsão de golpear os punhos contra o colchão em frustração.

No momento que a porta se fechou atrás de Amatis, Clary se arrastou para fora da cama e se guiou para o banheiro, esperando que ficar sob a água quente iria ajudar a clarear sua cabeça. Para seu alívio, por seus modos antiquados, os Caçadores de Sombra pareciam acreditar no moderno encanamento e quente e fria água corrente. Havia ainda um acentuado aroma de sabão cítrico para lavar o persistente cheiro do Lago Lyn fora de seu cabelo. No momento que ela surgiu, envolvida em duas toalhas, ela estava se sentindo muito melhor.

No quarto ela inspecionou através do baú de Amatis. Suas roupas estavam empacotadas ordenadamente entre camadas de papel enrugado. Lá estavam o que parecia com roupas escolares – suéteres de lã de carneiro com uma insígnia que parecia como quatro Cs consecutivos costurados sobre o bolso do peito, saias pregueadas, e blusas de botão com punhos estreitos. Havia um vestido branco envolvido em camadas de papel de seda - um vestido de casamento, Clary pensou, e colocou ele de lado cuidadosamente. Debaixo dele havia outro vestido, este feito de seda prateada, com finas tiras enfeitadas segurando fios delgados. Clary não podia imaginar Amatis nele, mas...este é o tipo de coisa que minha mãe poderia vestir quando ela saía para dançar com Valentine, ele não pode evitar em pensar, e

deixou o vestido deslizar de volta ao baú, sua textura suave e fria contra seus dedos.

E então havia a vestimenta de Caçador de Sombras, embalada bem no fundo. Clary puxou aquelas roupas e espalhou elas curiosamente em seu colo. A primeira vez que ela tinha visto Jace e os Lightwoods, eles tinha estado usando suas vestimentas de combate: blusas justas e calças flexíveis\*, de material escuro. De perto ela podia ver que o material não era stretchy \*\*, mas um firme, e fino couro curtido muito lisamente, até que ele se tornasse flexível. Havia uma jaqueta – do tipo blusão com zíper e calças que tinha complicados cintos de presilhas. Os cintos dos Caçadores de Sombras eram grandes, coisas robustas, tencionando segurar armas nele. Ela devia é claro, colocar um dos suéteres ou talvez uma saia. Isso era o que Amatis provavelmente pretendia que ela o fizesse. Mas alguma coisa sobre a vestimenta de combate chamava por ela; ela sempre tinha estado curiosa, sempre se perguntado o que ela seria como...

\*N/T: \*pants of tough – é um tipo de tecido da calça que é melhor vocês gogglearem para ver os tipos que existem. \*\* stretchy: tradução literal é esticado, longo, mas sinceramente quem nunca teve uma calça de stretchy, apanha! Se vende por aí com esse nome mesmo.

Alguns minutos mais tarde as toalhas estavam penduradas sobre uma barra aos pés da cama e Clary estava observando a si mesma no espelho com surpresa e não uma pequena diversão. A vestimenta serviu – ela era apertada mas não muito justa, e abraçava as curvas de suas pernas e peito. Na verdade, ela fazia ela parecer como se ela tivesse curvas, o que era um tipo de ficção. Isso não podia fazer ela parecer formidável – ela duvidava de qualquer coisa que pudesse fazer isso – mas pelo menos ela parecia mais alta, e seu cabelo contra o material preto era extraordinariamente brilhante. Na verdade....*eu pareço como minha mãe*, Clary pensou com um impulso.

E ela o fez. Jocelyn tinha sempre tido um duro âmagô de tenacidade embaixo de seu olhar de boneca. Clary sempre tinha se perguntado o que tinha acontecido no passado de sua mãe para fazer dela do modo que ela era ...forte e firme, teimosa e sem medo. *Seu irmão se parece com Valentine ou você se parece como Jocelyn*, Amatis tinha perguntado, e Clary tinha desejado dizer que ela não parecia de modo algum com sua mãe, que sua mãe era bonita e ela não era. Mas a Jocelyn que Amatis tinha conhecido era a garota que tinha conspirado para derrubar Valentine, que tinha secretamente forjado uma aliança dos Nephilim e Downworlders, que tinha quebrado o Círculo e salvado os Acordos. A Jocelyn que nunca teria concordado em ficar calmamente dentro desta casa e esperado enquanto tudo em seu mundo desmoronava.

Sem parar para pensar, Clary cruzou o quarto e fechou o ferrolho na porta, trancando ela. Então ela foi para a janela e a empurrou aberta. As grades estavam lá, agarradas na lateral da parede de pedra como...*como uma escada*, Clary disse a si mesma. *Apenas como uma escada – e escadas são perfeitamente seguras*. Tomando um profundo fôlego, ela rastejou para fora do peitoril da janela.

Os guardas vieram de volta para Simon na manhã seguinte, despertando ele de um já irrequieto sono, atormentado com estranhos sonhos. Dessa vez eles não vendaram ele enquanto eles o levavam escadas acima, e ele lançou um rápido olhar através das barras da porta da cela próxima dele. Se ele tinha a esperança de um olhar do dono da voz rouca que

tinha falado com ele na noite passada, ele ficou desapontado. A única coisa visível através das barras era o que parecia uma pilha de farrapos descartados.

Os guardas apressaram Simon ao longo de uma série de corredores cinza, rápidas sacudidas nele se ele olhasse por muito tempo em uma direção. Finalmente eles vieram para uma pausa em uma sala ricamente coberta de papéis de parede. Havia retratos nas paredes de diferentes homens e mulheres em vestimentas de Caçadores de Sombras, as molduras decoradas com padrões de runas. Abaixo de um dos maiores retratos estava um sofá vermelho em que o Inquiridor estava sentado, segurando o que parecia com uma taça de prata em sua mão. Ele segurou ela acima para Simon. “Sangue?” ele perguntou. “Você deve estar com fome agora.”

Ele inclinou a taça em direção a Simon, e a visão do líquido vermelho dentro dela acertou ele do modo como o cheiro tinha. Suas veias tencionaram em direção ao sangue, como cordas debaixo do controle de um mestre de fantoches. A sensação era desagradável, quase dolorosa. “Isso é ...humano?”

Aldertree riu. “Meu menino! Não seja ridículo. É sangue de veado. Perfeitamente fresco.”

Simon nada disse. Seu lábio inferior picou onde suas presas tinham deslizado de fora de suas bainhas, e ele provou seu próprio sangue em sua boca. Isso preencheu ele com náusea.

O rosto de Aldertree contorceu com uma ameixa seca. “Ah, meu Deus.” ele se virou para os guardas. “Nos deixem, senhores,” ele disse, e eles se viraram para ir. Apenas o Cônsul parou na porta, olhando de volta para Simon com um olhar de inconfundível nojo.

“Não, obrigado.” Simon disse através da densidade em sua boca; “Eu não quero o sangue.”

“Suas presas dizem o contrário, jovem Simon,” Aldertree respondeu alegremente. “Aqui. Pegue ele.” Ele segurou a taça, e o cheiro do sangue parecia flutuar através da sala como o cheiro de rosas através de um jardim.

Os incisivos de Simon perfuraram abaixo, agora totalmente estendidos, cortando seu lábio. A dor era como um tapa; ele avançou, quase sem vontade, e agarrou a taça da mão do Inquiridor. Ele drenou ela em três goles, e então, percebendo o que ele tinha feito, colocou ela abaixo no braço do sofá. Suas mãos estavam tremendo. *Inquiridor, um; ele pensou. Eu, zero.*

“Acredito que sua noite na cela não foi muito agradável? Elas não pretendem ser câmaras de tortura, meu menino, mas ao longo das linhas de um espaço para uma forçada reflexão. Eu acho que reflexão absolutamente centraliza a mente, não é? É essencial para limpar o pensamento. Eu espero que você tinha pensado nisso. Você parece com um jovem rapaz pensativo.” O Inquiridor ergueu sua cabeça de lado. “Eu trouxe um cobertor para você com minhas próprias mãos, você sabe. Eu não queria que você ficasse resfriado.”

“Eu sou um vampiro,” Simon disse. “Nós não pegamos gripe.”



“Ah.” O Inquiridor parecia desapontado.”

“Eu gostei das Estrelas de Davi e o Selo de Salomão,” Simon adicionou secamente.”É sempre legal ver alguém tendo um interesse em minha religião.”

“Ah, sim, é claro, é claro!” Aldertree se alegrou.” Maravilhosos, eles não, os entalhes? Absolutamente encantadores, e é claro, infalíveis. Eu tinha imaginado que qualquer tentativa de tocar a porta da cela derreteria a pele de sua mão!” Ele gargalhou, claramente divertido pelo pensamento. “Em qualquer caso. Poderia dar um passo atrás de mim, meu rapaz? Apenas como um favor, um puro favor, você entende.”

Simon deu um passo para trás.

Nada aconteceu, mas os olhos do Inquiridor esbugalharam, a pele inchada em torno deles parecendo se esticar e brilhar. “Estou vendo,” ele respirou.

“Você vê o que?”

“Olhe para onde você está, jovem Simon. Olhe tudo em você.”

Simon olhou ao redor...nada tinha mudado sobre o quarto, e isso tomou um momento para ele notar o que Aldertree queria dizer. Ele estava em pé em um brilhante trecho de sol que angulava através da alta janela acima. Aldertree quase contorceu-se com o entusiasmo. “Você está em pé direto na luz do sol, e ele não tem nenhum efeito em você de modo algum. Eu quase não teria acreditado..eu quero dizer, eu tinha dito, é claro, mas eu eu nunca vi nada como isso antes.”

Simon nada disse. Parecia haver nada a dizer.

“A pergunta para você, é claro,” Aldertree continuou. “Será que você sabe porque você é assim?”

“Talvez eu seja mais legal que os outros vampiros.” Simon imediatamente lamentou o que tinha falado. Os olhos de Aldertree se estreitaram, e uma veia destacou em sua têmpora como um verme gordo. Claramente ele não gostava de piadas a não ser que ele fosse quem fizesse elas.

“Muito engraçado, muito engraçado.” ele disse. “Me deixe perguntar isso: Você tem sido um Daylighter desde o momento que você se ergueu do túmulo?”

“Não.” Simon falou com cuidado. “Não. Primeiro o sol me queimou. Mesmo um trecho de luz poderia queimar minha pele.”

“Deveras.” Aldertree deu um vigoroso aceno, como se para dizer que era a forma como as coisas deveriam ser. “Então quanto foi a primeira vez que você percebeu que poderia andar na luz do dia sem se machucar?”

“Foi de manhã depois do grande combate no barco de Valentine...”

“Durante o que Valentine capturou você, está correto? Ele capturou você e o manteve seu prisioneiro em seu navio, pretendendo usar seu sangue para completar o Ritual da Conversão Infernal.”

“Eu acho que você sabe tudo,” Simon disse. “Você dificilmente precisa de mim.”

“Ah, não, não de modo algum!” Aldertree gritou, atirando acima suas mãos. Ele tinha mãos muito pequenas, Simon notou, tão pequenas que elas pareciam um pouco fora do lugar nas extremidades de seus braços rechonchudos. “Você tem tanto para contribuir, meu querido menino! Por exemplo, eu não posso me impedir de perguntar se houve algo que aconteceu no navio, algo que mudou você. Há alguma coisa que você possa pensar?”

*Eu bebi o sangue de Jace*, Simon pensou, meio inclinado a repetir isso para o Inquiridor, apenas para ser desagradável – e então, com um choque, percebeu, *Eu bebi o sangue de Jace*. Poderia ter sido o que transformou ele? Isso era possível? E se isso era possível ou não, podia ele dizer ao Inquiridor o que Jace tinha feito? Proteger Clary era uma coisa; proteger Jace era outra. Ele não devia a Jace nada.

Exceto que não era estritamente a verdade. Jace tinha oferecido a ele seu sangue para beber, ele tinha salvo sua vida com isso. Poderia outro Caçador de Sombras ter feito isso, para um vampiro? E mesmo se ele tivesse só feito isso por causa de Clary, isso importava? Ele pensou em si mesmo dizendo, *eu podia ter matado você*. E Jace: *Eu teria deixado*. Não havia como dizer que tipo de problemas Jace teria se a Clave soubesse que ele tinha salvado a vida de Simon, e como.

“Eu não me lembro de nada no navio,” Simon disse. “Eu acho que Valentine deve ter me drogado ou algo assim.”

O rosto de Aldertree caiu. “Essas são terríveis notícias. Terríveis. Eu lamento tanto ouvir isso.”

“Eu lamento também,” Simon disse, embora ele não tivesse.

“Então não há uma única coisa que você se lembre? Nenhum detalhe específico?”

“Eu só me lembro de desmaiar quando Valentine me atacou, e então eu acordei mais tarde na...na caminhonete de Luke, seguindo para casa. Eu não me lembro de mais nada.”

“Oh Deus, oh Deus,” Aldertree puxou seu casaco em torno dele. “Vejo que os Lightwoods parecem particularmente gostar de você, mas os outros membros da Clave não são assim...compreensivos. Você foi capturado por Valentine, você imergiu deste confronto com um peculiar novo poder que você não tinha antes, e agora você encontrou seu caminho para o coração de Idris. Você vê como isso se parece?”

Se o coração de Simon ainda fosse capaz de bater, ele estaria correndo.” Você acha que eu

sou um espião de Valentine.”

Aldertree pareceu chocado. “Meu menino, meu menino...eu confio em você, é claro. Eu confio em você implicitamente.! Mas a Clave, ah, a Clave, eu temo que eles possam ser muito desconfiados. Nós tínhamos tanta esperança que você fosse capaz de nos ajudar. Veja...e eu não estaria dizendo a você isso, mas eu sinto que eu posso confiar em você, querido menino...mas a Clave está em terríveis dificuldades.”

“A Clave?” Simon sentiu-se tonto.” Mas o que é que isso tem haver com...”

“Veja bem,” Aldertree continuou, “a Clave está dividida ao meio – uma guerra consigo mesma, você poderia assim dizer, em uma hora de guerra. Erros foram cometidos, pelo Inquiridor anterior e outros...talvez seja melhor não insistir. Mas você vê, a própria autoridade da Clave, do Cônsul e o Inquiridor, está sob controvérsia. Valentine sempre pareceu estar um passo a frente de nós, como se ele soubesse nosso planos com antecedência. O Conselho não vai escutar o meu conselho ou o de Malachi, não depois do que aconteceu em Nova York.”

“Eu pensei que era a Inquiridora...”

“E Malachi era aquele que designava ela. Agora, é claro, ele não tinha idéia de que ela iria enlouquecer como ela o fez...”

“Mas,” Simon disse, um pouco azedamente, “este é um problema de como se é visto.”

Uma veia destacou na testa de Aldertree novamente. “Inteligente,” ele disse.” E você está certo. Aparências são significativas, e nunca mais do que políticas. Você pode sempre influenciar a multidão, providenciar que você tenha uma boa história.” Ele se inclinou a frente, seu olhos fechados em Simon. “Agora me deixe lhe contar uma história. Os Lightwoods foram uma vez do Círculo. Em dado momento eles desistiram e foi concedido perdão no fundamento que eles ficassem fora de Idris, fossem para Nova York, e dirigissem o Instituto lá. Seu registro de inocência começou a vencer quando eles voltaram a ganhar confiança da Clave. Mas todo o tempo que eles conheciam Valentine estava vivo. Todo o tempo eles foram seus leais servos. Ele levaram seu filho,,,”

“Mas eles não sabiam...”

“Fique calado,” o Inquiridor rosnou, e Simon fechou sua boca. “Eles ajudaram ele a encontrar os Instrumentos Mortais e ajudaram ele com o Ritual de Conversão Infernal. Quando a Inquiridora descobriu que eles estavam secretamente agindo, eles cuidaram para ela ser morta durante a batalha no navio. E agora eles estão aqui, no coração da Clave, para espionar nossos planos e revelar eles para Valentine como eles tem feito, então com o que ele pode nos derrotar, e finalmente, e curvar todo Nephilim a sua vontade. E eles trouxeram você com eles...você, um vampiro que pode ficar sob o sol...para nos distrair de seus verdadeiros planos: o retorno do Círculo para sua antiga glória e destruir a Lei.” O inquiridor se inclinou a frente, seus olhos de porquinho cintilando.” O que você acha desse história, vampiro?”

“Eu acho que é insana,” Simon disse. “E ela tem mais buracos gigantes nela do que na Avenida Kent no Brooklyn – que, por sinal, não tem sido pavimentada há anos. Eu não sei o que você está esperando realizar com isso...”

“Esperando?” Aldertree ecoou. “Eu não espero, Downworlder. Eu sei em meu coração. Eu sei que é meu sagrado dever de salvar a Clave.”

“Com uma mentira?” Simon disse.

“Com uma história,” Aldertree disse. “Grandes políticos tecem histórias para inspirar seu povo.”

“Não há nada em inspirador em culpar os Lightwoods por tudo...”

“Alguns devem ser sacrificados,” Aldertree disse. Seu rosto brilhando com uma suada luz. “Uma vez que o Conselho tem um inimigo comum, e uma razão para confiar na Clave novamente, eles irão se unir. Qual o custo de uma família, pesando contra tudo isso? Na verdade, eu duvido que nada demais vai acontecer as crianças Lightwoods. Ele não serão punidos. Bem, talvez o garoto mais velho. Mas os outros...”

“Você não pode fazer isso,” Simon disse. “Ninguém vai acreditar nesta história.”

“As pessoas acreditam no que elas querem acreditar,” Aldertree disse, “e a Clave quer alguém para culpar. Eu posso dar a eles isso. Tudo o que eu preciso é você.”

“Eu? O que isso tem haver comigo?”

“Confesse.” O rosto do Inquiridor estava vermelho com o excitamento agora. “Confesse que você é um servo dos Lightwoods, que você é totalmente aliado com Valentine. Confesse e eu vou lhe mostrar clemência. Eu vou enviá-lo de volta a seu próprio povo. Eu juro isso. Mas eu preciso de sua confissão para a Clave acreditar.”

“Você quer que eu confesse uma mentira,” Simon disse. Ele sabia que ele estava repetindo o que o Inquiridor já tinha dito, mas sua mente estava girando; ele não podia segurar um único pensamento. Os rostos dos Lightwoods girando através de sua mente – Alec, segurando sua respiração a caminho do Gard; os olhos escuros de Isabelle virando-se para ele; Max inclinado sobre um livro. E Jace. Jace era uma deles tanto quanto se ele partilhasse seu sangue Lightwood. O Inquiridor não tinha dito o nome dele, mas Simon sabia que Jace iria pagar junto com o resto deles. E seja o que fosse que ele sofresse, Clary sofreria. Como isso aconteceu, Simon pensou, que ele estava atado a essas pessoas, pessoas que pensavam nele como nada mais do que um downworlder, na melhor das hipóteses um meio humano. Seus olhos se levantaram para os estranhos cor de carvão do Inquiridor Aldertree; olhar dentro deles era como olhar para escuridão. “Não,” Simon disse. “Não, eu não vou fazer isso.”

“O sangue que eu dei a você,” Aldertree disse. “é todo o sangue que você vai ver até que você me dê uma resposta diferente.” Não havia gentileza em sua voz, nem mesmo uma falsa

gentileza. “você ficaria surpreso a quanta sede você pode chegar.”

Simon nada disse.

“Outra noite nas celas, então,” o Inquiridor disse, levantando-se para seus pés e alcançando um sino para chamar os guardas. “É bastante tranquilo lá embaixo, não é? Eu acho que uma atmosfera tranquila pode ajudar você com um pequeno problema de memória...não acha?”

Embora Clary tivesse dito a si mesma que ela se lembrava do caminho que ela tinha vindo com Luke na noite passada, isso acabou não se tornando totalmente a verdade. Guiando-se em direção ao centro da cidade parecia como o melhor tentativa para obter direções, mas uma vez que ela encontrou o pátio em desuso também, ela não podia lembrar de se virar para a esquerda ou a direita dele. Ela virou a esquerda, que precipitou ela em um bairro de ruas retorcidas, cada uma muito parecida com a outra, e cada virada tornando ela mais terrivelmente perdida do que antes. Finalmente ela emergiu em uma rua larga, alinhada com lojas. Pedestres se apressavam nela em ambos os lados, nenhum deles dando a ela um segundo olhar. Alguns deles estavam vestidos em vestimenta de combate, embora a maioria não: Estava frio lá fora, e compridos casacos antiquados eram a ordem do dia. O vento era ligeiro, e com uma aflição Clary pensou em seu casaco de veludo verde, pendurado no quarto de hóspedes de Amatis.

Luke não tinha mentido quando ele disse que Caçadores de Sombras tinham vindo do mundo inteiro para a reunião. Clary passou por uma mulher indiana em um lindo sari dourado, um par de espadas curvas penduradas em um corrente em torno de sua cintura. Mais ao longe da rua um homem em uma túnica nômade branca, consultando o que parecia com um mapa de ruas. A vista dele deu a Clary a coragem de se aproximar de uma mulher passando em um pesado casaco de brocado e perguntar a ela o caminho para a rua Princewater. Se havia mesmo uma hora quando os habitantes da cidade não estaria necessariamente suspeitos de alguém que não parecia saber onde eles estavam indo, esta seria a hora. Seus instintos estavam certos; sem um traço de hesitação a mulher deu a ela uma apressada série de direções. “E depois à direita no fim do Canal Oldcastle, e acima a ponte de pedra, e lá onde você encontrará Princewater.” ele deu a Clary um sorriso.” Visitando alguém em particular?”

“Os Penhallows.”

“Ah, está é a casa azul, ornamentada em dourado, de costas ao canal. É um lugar grande....você não tem como perdê-la.”

Ela estava meio certa. Era um lugar grande, mas Clary andou direto por ela antes de notar seu erro e desviar de volta em torno para olhar ela de novo. Era realmente mais indigo do que azul, ela pensou, mas então novamente ninguém notava as cores daquele modo. A maioria da pessoas não poderiam dizer a diferença entre amarelo e açafrão. Como se elas estivessem próximas uma da outra! E a ornamentação da casa não era dourado; era bronze. Um bonito bronze escurecido, como se a casa estivesse tido há muitos anos, e provavelmente tinha. Tudo neste lugar era tão antigo...

*Chega*, Clary disse a si mesma. Ela sempre fazia isso quando ela estava nervosa, deixar sua mente vagar em todos os tipos de direção aleatória. Ela esfregou suas mãos dos lados de suas calças, suas palmas estavam suadas e úmidas. O material parecia áspero e seco contra sua pele, como escamas de cobra.

Ela escalou os degraus e segurou o pesado batedor da porta. Era moldado como um par de asas de anjo, e quando ela deixou ele cair, ela pôde ouvir o som ecoando como o badalar de um enorme sino. Um momento depois a porta estava puxada aberta, e Isabelle Lightwood parada no limiar, seus olhos largos com o choque.

“Clary?”

Clary sorriu fracamente. “Oí, Isabelle.”

Isabelle se inclinou contra a batente, sua expressão sombria. “Ah, merda.”

De volta a cela, Simon caiu na cama, ouvindo os passos dos guardas retirando-se enquanto eles marchavam para longe de sua porta. Outra noite. Outra noite aqui em baixo na prisão, enquanto o Inquiridor espera por ele se 'lembrar'. Você vê como isso se parece. Em todos seus piores temores, seus piores pesadelos, isso nunca tinha ocorrido a Simon que alguém poderia pensar que ele estava em aliança com Valentine. Valentine odiava Downworlders, notavelmente. Valentine tinha apunhalado ele e drenado seu sangue e deixado ele para morrer. Embora, certamente, o Inquiridor não soubesse disso.

Havia um ruído do outro lado da parede da cela. “Eu tenho que admitir, eu me perguntava se você voltaria,” disse a voz rouca que Simon se lembrava da noite passada. “Acho que você não deu ao Inquiridor o que ele queria?”

“Eu acho que não,” Simon disse, aproximando-se da parede. Ele correu seus dedos sobre a pedra como se procurando por uma rachadura nela, algo que ele pudesse ver através, mas não havia nada. “Quem é você?!”

“Ele é um homem obstinado, Aldertree,” a voz disse, como se Simon não tivesse falado. “ele vai continuar tentando.”

Simon se inclinou contra a parede úmida. “Então eu aposto que eu vou ficar por aqui por enquanto.”

“Eu suponho que você não estaria disposto a me dizer o que ele quer de você?”

“Por que você quer saber?”

A risada que respondeu Simon soava com metal arranhando contra pedra. “eu tenho estado nesta cela a mais tempo que você, Daylighter, e como você pode ver, não há muito para manter a mente ocupada. Nenhuma distração ajuda.”

Simon entrelaçou suas mãos sobre seu estômago. O sangue do veado tinha tomado um



pouco de sua fome, mas ele não tinha sido realmente suficiente. Seu corpo ainda doía com a sede. “Você continua me chamando disso,” ele disse. “Daylighter.”

“Eu ouvi os guardas falando sobre você. Um vampiro que pode andar na luz do dia. Ninguém nunca viu nada como isso antes.”

“E ainda você tem uma palavra para isso. Conveniente.”

“É uma palavra Downworlder, não uma da Clave. Eles tem lendas sobre criaturas como você. Eu estou surpreso que você não saiba disso.”

“Eu não tenho sido exatamente um downworlder por muito tempo,” Simon disse. “E você parece saber muito sobre mim.”

“Os guardas gosta de fofocar,” a voz disse. “E os Lightwoods aparecendo através do Portal com um vampiro morrendo ensanguentado...é um boa fofoca. Embora eu tenha que dizer que não esperava que você aparecesse aqui...não até que eles começaram a arrumar a cela para você. Eu estou surpreso com os Lightwoods ser responsáveis por isso.”

“Por que eles não seriam?” Simon disse amargamente. “Eu sou um nada. Eu sou um downworlder.”

“Talvez para o Cônsul,” a voz disse. “Mas os Lightwoods....”

“O que tem eles?”

Houve uma curta pausa. “Aqueles Caçadores de Sombras que vivem fora de Idris...especialmente aqueles que dirigem Institutos...tendem a ser mais tolerantes. A Clave local, por outro lado, é boa negociadora mais....inflexível.”

“E quanto a você?” Simon disse. “Você é um downworlder?”

“Um Downworlder?” Simon não podia ter certeza, mas havia uma ponta de raiva na voz do estranho, como se ele se ressentisse da pergunta. “Meu nome é Samuel. Samuel Blackburn. Eu sou um Nephilim. Anos atrás eu era do Círculo, com Valentine. Eu massacrei Downworlders na Revolta. Eu não era um deles.”

“Ah.” Simon engoliu. Sua boca com gosto de sal. Os membros do Círculo de Valentine tinham sido capturados e punidos pela Clave, ele lembrou, exceto para aqueles como os Lightwoods, que tinham conseguido fazer negócios ou aceitar o exílio em troca do perdão. “Você tem estado aqui desde então?”

“Não. Depois da Revolta, eu escapei para fora de Idris antes que eu pudesse ser pego. Eu fiquei longe por anos...anos...até que como um tolo, pensando que eu tivesse sido esquecido, eu voltei. É claro que eles me pegaram no momento em que retornei. A Clave tem seus modos de rastrear seus inimigos. Eles me arrastaram em frente ao Inquiridor, e eu fui interrogado por dias. Quando eles terminaram, eles me jogaram aqui.” Samuel suspirou.

“Em francês este tipo de prisão é chamada de oubliette. Quer dizer 'um lugar esquecido'. É onde você joga o lixo que você não quer se lembrar, então ele pode apodrecer sem incomodar você com seu cheiro.”

“Ótimo. Eu sou um Downworlder, então eu sou um lixo. Mas você não é. Você é um Nephilim.”

“Eu sou um Nephilim que estava em aliança com Valentine. Isso não me faz melhor do que você. Pior, até. Eu sou um vira-casaca.”

“Mas existem muitos outros Caçadores de Sombras que costumavam ser membros do Círculo - os Lightwoods e os Penhallows....”

“Todos eles desistiram. Viraram suas costas para Valentine. Eu não.”

“Você não? Mas porque não?”

“Por que eu tenho mais medo de Valentine do que eu tenho da Clave,” Samuel disse. “e se você for esperto, Daylighter, você será também.”

“Mas era para você estar em Nova York!” Isabelle exclamou. “Jace disse que você mudou de idéia sobre vir. Ele disse que você queria ficar com sua mãe!”

“Jace mentiu,” Clary disse firmemente. “Ele não me queria aqui, então ele mentiu para mim sobre quando vocês estariam indo, e também mentiu para vocês sobre eu ter mudado de idéia. Lembra quando você me disse que ele nunca mentia? Isso não é verdade.”

“Ele normalmente nunca o faz,” Isabelle disse, que tinha ficado pálida. “Olha, você ter vindo aqui...quero dizer, isso tem algum coisa haver com Simon?”

“Com Simon? Não. Simon esta seguro em Nova York, graças a Deus. Embora ele vai ficar realmente chateado de ele nunca ter dito adeus para mim.” A expressão vazia de Isabelle estava começando a aborrecer Clary. “Vamos lá, Isabelle. Me deixe entrar. Eu preciso ver Jace.”

“Então...você veio aqui por sua própria conta? Você teve a permissão da Clave? Por favor me diga que você tinha a permissão da Clave.”

“Não de tal modo...”

“Você quebrou a Lei?” A voz de Isabelle se elevou, e ela caiu. Ela continuou, quase em um sussurro. “Se Jace descobrir, ele vai ficar louco. Clary, você tem que ir para casa.”

“Não. Eu tinha que estar aqui,” Clary disse, nem mesma mais certa de si mesma de onde sua teimosia estava vindo. “E eu preciso falar com Jace.”

“Agora não é uma boa hora.” Isabelle olhou ao redor ansiosamente, como se esperando que

houvesse alguém que ela pudesse apelar para ajudar em remover Clary do local. “Por favor, apenas volte para Nova York. Por favor?”

“Eu pensei que você gostasse de mim Izzy.” Clary foi para a culpa.

Isabelle mordeu seu lábio. Ela estava usando um vestido branco e tinha seu cabelo preso por grampos e parecia mais jovem do que geralmente era. Atrás dela Clary podia ver o alto teto da entrada, com que parecendo antigas pinturas à óleo. “Eu gosto de você. É só que Jace...ah, meu Deus, o que você está vestindo? Onde você conseguiu essa vestimenta de batalha?”

Clary olhou abaixo para si mesma. “É uma longa história.”

“Você não pode vir aqui desse jeito. Se Jace ver você...”

“Ah, então o quê se ele me ver. Isabelle eu vim aqui por causa da minha mãe....por minha mãe. Jace pode não me querer aqui, mas ele não pode me fazer ficar em casa. Era para eu estar aqui. Minha mãe espera que eu faça isso por ela. Você faria isso por sua mãe, não faria?”

“É claro que faria,” Isabelle disse. “Mas Clary, Jace tem suas razões...”

“Então eu adoraria ouvir quais elas são.” Clary mergulhou debaixo do braço de Isabelle e na entrada da casa.

“Clary!” Isabelle gritou, e lançou-se atrás dela, mas Clary já estava a meio caminho do corredor. Ela viu, com a metade de sua mente que não estava se concentrando em evitar Isabelle, que a casa era construída como a de Amatis, alta e estreita, mas consideravelmente maior e mais ricamente decorada. O corredor se abria para um sala com janelas altas que davam para um largo canal. Barcos brancos trilhavam a água, suas velas levadas pela corrente como dentes de leão \* jogados ao vento. Um garoto de cabelo escuro sentado sobre um sofá perto de uma janela, aparentemente lendo um livro.

\*N/T: a planta dente de leão, aquela que se brinca soprando ela.

“Sebastian!” Isabelle chamou. “Não deixe ela ir para cima.”

“O garoto olhou acima, assustado...e um momento depois estava em frente a Clary, bloqueando seu caminho para as escadas. Clary escorregou numa parada...ela nunca tinha visto ninguém se mover tão rápido antes, exceto Jace. O garoto não estava nem mesmo sem fôlego; na verdade, ele estava sorrindo para ela.

“Então esta é a famosa Clary.” Seu sorriso iluminou seu rosto, e Clary sentiu seu coração preso. Por anos ela tinha desenhado sua própria progressiva história em quadrinhos...o conto do filho de um rei que estava sob uma maldição que significa que todos que ele amasse iriam morrer. Ela tinha colocado tudo que ela tinha sonhado em seu misterioso, romântico, e sombrio príncipe, e aqui estava ele, em pé em frente a ela...a mesma pele pálida, o mesmo caimento do cabelo, e os olhos tão escuros, as pupilas pareciam se misturar com a íris. Os

mesmos ossos do rosto altos e profundamente fixos, ensombrecidos olhos adornados com longos cílios. Ela sabia que ela nunca tinha posto os olhos neste garoto antes, e ainda....

O garoto parecia perplexo. “Eu não acho... nós nos conhecemos antes?”

Sem palavras, Clary balançou sua cabeça.

“Sebastian!” O cabelo de Isabelle tinha saído de seus grampos e se penduravam sobre seus ombros, e ela estava furiosa. “Não seja legal com ela. Ela não devia estar aqui. Clary, vá para casa.”

Com um esforço Clary arrancou seu olhar para longe de Sebastian e lançou uma encarada para Isabelle.”O que, voltar para Nova York? E como eu vou chegar lá?”

“Como você chegou aqui?” Sebastian indagou. “Infiltrar-se em Alicante é um talento.”

“Eu vim através de um Portal,” Clary disse.

“Um Portal?” Isabelle parecia espantada.” mas não havia um Portal deixado em Nova York. Valentine destruiu ambos...”

“Eu não devo a você nenhuma explicação,” Clary disse. 'Não até que você me dê algumas. Uma por exemplo, onde está Jace?”

“Ele não está aqui,” Isabelle respondeu, exatamente ao mesmo tempo que Sebastian disse, “Ele está lá em cima.”

Isabelle se virou para ele. “Sebastian! Cale a boca.”

Sebastian pareceu perplexo. “Mas ela é sua irmã. Ele não iria querer ver ela?”

Isabelle abriu sua boca e então a fechou novamente. Clary podia ver que Isabelle estava pensando a conveniência em explicar seu complicado relacionamento com Jace para o completamente distraído\* Sebastian contra a conveniência de se lançar em uma desagradável surpresa sobre Jace. Finalmente ela jogou suas mão em um gesto de desespero. “Ótimo, Clary,” ela disse com uma rara – para Isabelle – quantidade de raiva em sua voz. “Vá em frente e faça o que quer que você queira, independente de quem se machuca. Você sempre faz, não é?”

\*N/T: oblivious - esquecido, distraído, desmemoriado

*Ouch.* Clary atirou um olhar de reprovação, antes de se voltar para Sebastian, que andou silenciosamente para fora de seu caminho. Ela lançou-se passando por ele e subiu as escadas, vagamente consciente das vozes abaixo dela enquanto Isabelle gritava para o infeliz Sebastian. Mas aquela era Isabelle...se havia um garoto envolvido e a culpa precisava ser alfinetada em alguém, Isabelle iria espetar isso nele.

A escadaria alargou-se em um aterrisagem com uma alcova na janela que parecia dar para a cidade. Um garoto estava sentado na alcova, lendo. Ele olhou acima enquanto Clary subia as escadas, e piscou em surpresa. “Eu conheço você.”

“Oí, Max. Sou a Clary...irmã de Jace. Lembra-se?”

Max se iluminou. “Você me mostrou como ler *Naruto*,” ele disse, segurando seu livro para ela. “Olhe, eu tenho outro. Este é chamado...”

“Max, eu não posso falar agora. Eu prometo olhar seu livro depois, mas você sabe onde Jace está?”

O rosto de Max caiu. “Aquela sala,” ele disse, e apontou para a última porta no final do corredor. “Eu queria ir para lá com ele, mas ele me disse que tinha que fazer coisa de gente grande. Todo mundo está sempre me dizendo isso.”

“Me desculpe,” Clary disse, mas sua mente não estava mais no diálogo. Ela foi correndo a frente... o que ela diria para Jace quando ela visse ele, o que ele diria para ela? Movendo-se no corredor para a porta, ela pensou, *seria melhor ser amigável, e não zangada; gritar com ele só vai fazer ele ficar na defensiva. Ele tem que entender que eu pertenço aqui, como ele pertence. Eu não preciso ser protegida como uma peça delicada de porcelana chinesa. Eu sou forte também...*

Ela jogou a porta aberta. O quarto parecia ser um tipo de biblioteca, as paredes alinhadas com livros. Esta brilhantemente iluminada, luz fluindo através de uma janela alta panorâmica. E no meio da sala estava Jace. Ele não estava sozinho, de maneira alguma. Havia uma garota de cabelos escuros com ele, uma garota que Clary nunca tinha visto antes, e os dois estavam entrelaçados juntos em um abraço apaixonado.

## 6 – Má intenção

\*N/T: No original o título é Bad Blood - sangue mau, sangue ruim...bem, na gíria bad blood significa ódio, má intenção, reclamar. Espero ter acertado na tradução.

Tontura passou sobre Clary, como se todo o ar tivesse sido sugado de fora da sala. Ela tentou se afastar mas ela tropeçou e acertou a porta com seu ombro. Ela bateu com um estrondo, e Jace e a garota se separaram. Clary congelou. Ambos estavam olhando para ela. Ela notou que a garota tinha cabelo escuro liso em seus ombros e era extremamente bonita. Os botões acima de sua blusa estavam desabotoados, mostrando uma tira do rendado do sutiã. Clary sentiu como se ela fosse desabar. As mãos da garota foram para sua blusa, rapidamente fechando os botões. Ela não parecia contente. “Me desculpe,” ela disse com uma careta. “Quem é você?”

Clary não respondeu, ela estava olhando para Jace, que estava olhando para ela incredulamente. Sua pele estava drenada de toda cor, mostrando os círculos escuros em torno de seus olhos. Ele olhava para Clary como se ele estivesse olhando para o cano de uma arma. “Aline.” A voz de Jace era sem calor ou cor. “Esta é minha irmã, Clary.”

“Ah, Ah.” O rosto de Aline relaxou em um sorriso um pouco embaraçado.” Desculpe! Que modo de conhecê-la. Oi, eu sou Aline.”

Ela avançou sobre Clary, ainda sorrindo, sua mão estendida. *Eu acho que não posso tocar ela*, Clary pensou com um penetrante sentimento de horror. Ela olhou para Jace, que pareceu ler a expressão nos olhos dela; sem sorrir, ele pegou Aline pelos ombros e disse algo no ouvido dela. Ela pareceu surpresa, deu de ombros, e seguiu para a porta sem outra palavra. Isso deixou Clary sozinha com Jace. Sozinha com alguém que ainda estava olhando para ela como se ela fosse o seu pior pesadelo vindo à tona.

“Jace,” ela disse, e deu um passo em direção a ele.

Ele se afastou para longe dela como se ela estivesse revestida de alguma coisa venenosa. “O quê?” ele disse, “em nome do Anjo, Clary, você está fazendo aqui?”

Apesar de tudo, a dureza no seu tom machucou. “Você poderia pelo menos fingir que estava feliz em me ver. Mesmo um pouquinho.”

“Eu não estou feliz em ver você,” ele disse. Alguma de sua cor tinha voltado, mas as sombras debaixo de seus olhos ainda eram manchas cinza contra sua pele. Clary esperou que ele dissesse algo mais, mas ele pareceu se contentar em apenas olhar para ela em indisfarçável horror. Ela notou com uma distraída claridade que ele estava usando um suéter preto que pendia em seus pulsos como se ele tivesse perdido peso, e que as unhas em suas mãos estavam mordidas sutilmente. “Nem mesmo um pouco.”

“Isso não é você,” ela disse. “Eu odeio quando você age desse jeito...”

“Ah, você odeia isso, não é? Bem, seria melhor eu parar de fazer isso, então, não é? Quero



dizer, você tudo que eu peço para você fazer.”

“Você não tinha o direito de fazer o que você fez!” ela rebateu ele, subitamente furiosa. “Mentir para mim dessa forma. Você não tinha o direito...”

“Eu tinha todo o direito!” ele gritou. “Eu tinha todo o direito, sua estúpida, garota estúpida. Eu sou seu irmão e eu...”

“E você o que? Você manda em mim? Você não manda em mim, quer você seja meu irmão ou não!”

A porta atrás de Clary voou aberta. Era Alec, sobriamente vestido em um longo casaco azul escuro, seus cabelo negro desalinhado. Ele usava botas lamacentas e um expressão incrédula em sua habitual face calma. “O que em todas as possíveis dimensões está acontecendo aqui?” ele disse, olhando de Jace para Clary com espanto. “Vocês dois estão tentando matar um ao outro”

“De modo algum,” Jace disse. Com se por mágica, Clary viu, que tudo tinha sido apagado: sua raiva e seu pânico, ele estava calmamente gelado de novo.”Clary estava apenas saindo.”

“Bom,” Alec disse, “por que eu preciso falar com você ,Jace.”

“Ninguém nesta casa nunca diz, 'Oi, legal ver você' mais?” Clary expôs para ninguém em particular.

Era muito mais fácil Alec se sentir culpado do que Isabelle.” É bom ver você, Clary,” ele disse,”exceto é claro, pelo fato de que você realmente não era para estar aqui. Isabelle me disse que chegou aqui por sua conta de alguma forma, e eu estou impressionado...”

“Você poderia não incentivar ela?” Jace indagou.

“Mas eu realmente, realmente preciso falar com Jace sobre uma coisa. Você pode nos dar alguns minutos?”

“Eu preciso falar com ele também.” ela disse. “Sobre nossa mãe...”

“Eu não estou com vontade de falar,” Jace disse,”com nenhum de vocês, na realidade.”

“Sim, você quer,” Alec disse. “Você realmente quer falar comigo sobre isso.”

“Eu duvido disso,” Jace disse. Ele tinha virado seu olhar de volta para Clary. “Você não veio aqui sozinha, veio?”ele disse lentamente, como se percebendo que a situação era pior do que ele tinha pensado.”Quem veio com você?”

Não havia nenhum interesse em mentir sobre isso. “Luke,” Clary disse. “Luke veio comigo.”

Jace empalideceu. “Mas Luke é um Downworlder. Você sabe o que a Clave faz com Downworlders não registrados que vêm a Cidade de Vidro...que cruza as barreiras sem permissão? Vir a Idris é uma coisa, mas entrar em Alicante? Sem falar com ninguém?”

“Não,” Clary disse, em um meio sussurar, “mas eu sei o que você está indo dizer...”

“Que se você e Luke não voltarem para Nova York imediatamente, vocês serão descobertos?”

Por um momento Jace ficou em silêncio, encontrando os olhos delas com os seus. O desespero em sua expressão chocou ela. Ele era quem estava ameaçando ela, afinal, não o contrário. “Jace,” Alec disse no silêncio, uma ponta de pânico arrastando-se em sua voz. “Você se perguntou onde eu estive o dia todo?”

“Isso é um casaco novo que você está usando,” Jace disse sem olhar para seu amigo. “Eu acho que você foi as compras. Embora o porquê de você estar tão ansioso em me incomodar sobre isso, eu não tenho idéia.”

“Eu não fui às compras,” Alec disse furiosamente. “Eu fui...”

A porta se abriu novamente. Em um agitar de vestido branco, Isabelle se lançou dentro, fechando a porta atrás dela. Ela olhou para Clary e agitou sua cabeça. “Eu disse a você que ele iria ficar maluco,” ela disse. “Não disse?”

“Ah, o 'eu te disse isso', Jace disse. “É sempre um movimento clássico.”

Clary olhou para ele com horror. “Como você pode fazer piada?” ela sussurrou. “Você apenas ameaçou Luke. Luke, que gosta de você e confia em você. Por que ele é um *Downworlder*. O que há de errado com você?”

Isabelle parecia horrorizada. “Luke está aqui? Ah, Clary...”

“Ele não está aqui,” Clary disse. “Ele partiu...esta manhã...eu não sei para onde ele foi. Mas eu posso certamente ver agora o porquê dele ter ido.” Ela mal podia suportar olhar para Jace. “Ótimo. Você venceu. Nós nunca deveríamos ter vindo. Eu nunca deveria ter feito aquele Portal...”

“Feito um Portal?” Isabelle parecia desnorreada. “Clary, só um bruxo pode fazer um Portal. E não há muitos deles. O único Portal aqui em Idris é no Gard.”

“Que é o que eu tinha para falar com você,” Alec sibilou para Jace - que parecia, Clary viu com surpresa, pior do que ele estava tinha estado antes; ele parecia como se fosse desmaiar. “Sobre a missão que eu fui na noite passada...a coisa que eu tinha que entregar no Gard...”

“Alec, pare. Pare,” Jace disse, o pungente desespero em sua voz interrompeu o outro garoto; Alec fechou sua boca e ficou olhando para Jace, seu lábio preso em seus dentes. Mas Jace parecia não ver ele; ele estava olhando para Clary, e seus olhos eram duros como vidro.

Finalmente ele falou. “Você está certa,” ele disse em uma voz sufocada, como se ele tivesse que forçar para fora as palavras. “Você nunca deveria ter vindo. Eu sei que eu te disse que é por causa de não ser seguro para você aqui, mas esta não era a verdade. A verdade é que eu não quero você aqui por que você é imprudente e descuidada e você vai atrapalhar tudo. É como você é. Você não é cuidadosa, Clary.”

“Atrapalhar...tudo?” Clary não conseguia pega ar suficiente em seus pulmões para mais nada, só um sussurro.

“Ah, Jace.” Isabelle disse miseravelmente, como se ele fosse quem tivesse se machucado. Ele não olhou para ela. Seu olhar estava fixo em Clary.

“Você sempre vai em frente sem pensar,” ele disse.”Você sabe disso, Clary. Nós nunca terminaríamos no Dumort se não fosse por você.”

“E Simon estaria morto! Isso não conta para nada? Talvez fosse imprudente mas...”

A voz dele aumentou. “Talvez?”

“Mas não é como se cada decisão que eu fiz tenha sido uma má! Você disse, depois do que eu fiz no barco, você disse que eu salvei a vida de todos...”

Todo o restante de cor no rosto de Jace foi embora. Ele disse, com uma súbita e impressionante maldade, “Cale a boca, Clary, CALE A BOCA...”

“No navio?” O olhar de Alec dançou entre eles, perplexo. “O que aconteceu no navio? Jace...”

“Eu só disse aquilo para manter você longe de choramingar!” Jace gritou, ignorando Alec, ignorando tudo, menos Clary. Ela podia sentir a força de sua súbita raiva como uma onda ameaçando derrubar ela de seus pés. “Você é um desastre para nós, Clary! Você é uma mundana, você sempre será uma, você nunca será uma Caçadora de Sombras. Você não sabe como pensar como nós fazemos, pensar sobre o que é melhor para todos...tudo o que você pensa é sobre si mesma! Mas há uma guerra agora, ou vai haver, e eu não tenho tempo nem inclinação para seguir você por aí, tentando me certificar que você não vai conseguir que um de nós seja morto.”

Ela apenas olhou para ele. Ela não podia pensar em uma coisa para se dizer; ele nunca tinha falado com ela assim. Ela nem mesmo tinha imaginado ele falando com ela assim. Não obstante a raiva que ela tenha feito a ele no passado, ele nunca tinha falado para ela como se ele a odiasse antes.

“Vá para casa, Clary,” ele disse. Ele soava muito cansado, como se o esforço de dizer a ela como ele realmente sentia tivesse drenado ele. “Vá para casa.”

Todos os planos dela se evaporaram...ela meio que formou esperanças de ir atrás de Fell, salvar sua mãe, até mesmo encontrar Luke....nada importava, nenhuma palavra veio. Ela

cruzou a porta. Alec e Isabelle se moveram para deixar ela passar. Nenhum deles olharia para ela; em vez disso eles olharam para longe, suas expressões chocadas e embaraçadas. Clary sabia que ela provavelmente deveria se sentir humilhada tanto quanto com raiva, mas ela não se sentiu. Ela se sentia apenas morta por dentro.

Ela se virou na porta e olhou para trás. Jace estava olhando após ela. A luz que fluía através da janela atrás dele deixou sua face na sombra; tudo o que ela podia ver era os pontos brilhantes do sol que varriam seu cabelo loiro, como cacos de vidro quebrado.

“Quando você me disse pela primeira vez que Valentine era seu pai, eu não acreditei nisso,” ela disse. “Não só por que eu não queria que isso fosse verdade, mas por que você não era nada como ele. Eu nunca pensei que você era alguma coisa como ele. Mas você é. Você é.”

Ela se foi do quarto, fechando a porta atrás dela.

“Eles vão me matar de fome,” Simon disse. Ele estava deitado no chão da cela, a pedra fria embaixo de suas costas. Daquele ângulo, todavia, ele podia ver o céu através da janela,. Nos dias após Simon ter se tornado um vampiro, quando ele pensou que nunca mais veria a luz do dia novamente, ele se achava pensando incessantemente sobre o sol e o céu. Sobre os modos que a cor do céu mudava durante o dia: sobre o céu pálido de manhã, o azul quente no meio do dia, e a escuridão cobalto do crepúsculo. Ele tinha deitado na escuridão com um desfile de azuis devolvidos para ele, apenas então ele poderia passar o curto e desagradável descanso no resto de sua vida neste espaço pequenino, com apenas um trecho do céu visível através de uma única janela de barras na parede.

“Você ouviu o que eu disse?” Ele levantou sua voz. “O Inquiridor vai me matar de fome. Sem sangue.”

Houve um ruído murmurante. Uma audível suspiro. Então Samuel falou. “Eu ouvi você. Eu só não sei o que você quer que eu faça a respeito.” ele pausou. “Eu lamento por você, Daylighter, se isso ajuda.”

“Realmente não” Simon disse. “O Inquiridor quer que eu minta. Quer que eu diga que os Lightwoods estavam em aliança com Valentine. Então ele me mandará para casa.” ele rolou sobre seu estômago, as pedras golpeando sua pele. “Não importa. Eu não sei o porque eu estou dizendo a você tudo isso. Você provavelmente não tem idéia do que eu estou falando.”

Samuel fez um barulho entre uma risada e uma tosse. “Na verdade, eu sei. Eu conheci os Lightwoods. Nós estávamos no Círculo juntos. Os Lightwoods, os Waylands, os Pangborns, os Herondales, os Penhallows. Todas as ótimas famílias de Alicante.

“E Hodge Starkweather,” Simon disse, pensando no tutor dos Lightwoods. “Ele estava também, não estava?”

“Ele estava,” Samuel disse “Mas sua família era dificilmente uma bem...respeitada. Hodge mostrou -se promissor uma vez, mas eu temo que ele nunca viveu para isso.” Ele se interrompeu. “Aldertree sempre odiou os Lightwoods, é claro, desde que nós eramos

crianças. Ele não era rico, ou inteligente ou atraente, e bem, eles não eram gentis com ele. Eu acho que ele nem mesmo superou isso.”

“Rico?” Simon disse. “ Eu pensei que todos os Caçadores de Sombras fossem pagos pela Clave. Como...eu não sei, comunismo ou algo do tipo.”

“Na teoria todos os Caçadores de Sombras são pagos de forma justa e igual,” Samuel disse. “Alguns, como aqueles com altas posições na Clave, ou aqueles com grande responsabilidade – gerenciar um Instituto, por exemplo...recebem um salário mais alto. Então há aqueles que vivem fora de Idris e optam por ganhar dinheiro no mundo mundano; isso não é proibido, desde que eles dizimem uma parte dele para a Clave. Mas” ...Samuel hesitou...” você viu a casa dos Penhallows, não viu? O que você acha daquilo?”

Simon lançou sua mente de volta. “Muito luxuosa.”

“Essa é uma das mais belas casas em Alicante,” Samuel disse. “E eles tem outra casa, uma mansão fora do país. Quase todas as famílias ricas tem. Veja você, há outro modo para os Nephilim obterem riquezas. Eles chamam isso de 'espólios'. Qualquer coisa pertencente a um demônio ou Downworlder que é morto por um Caçador de Sombras se torna propriedade do Caçador de Sombras. Então se um bruxo rico quebrar a Lei, e for morto por um Nephilim...”

Simon estremeceu. “Então matar Downworlders é um negócio lucrativo?”

“Pode ser,” Samuel disse amargamente, “se você não for muito exigente sobre quem você mata. Você pode ver o porquê há tanta oposição nos Acordos. Isso corta as bolsas das pessoas, tendo que ser cuidados sobre assassinar Downworlders. Talvez esse seja o porquê eu me juntei ao Círculo. Minha família nunca foi uma rica, e ser desprezado por não aceitar dinheiro de sangue...” ele se interrompeu.

“Mas o Círculo assassinou Downworlders também,” Simon disse.

“Por que eles pensavam que era seu dever sagrado,” Samuel disse. “Não por ganância. Embora eu não posso imaginar agora por que eu mesmo pensava que isso importava.” Ele soou exausto. “Isso era Valentine. Ele tinha um jeito de ser. Ele podia te convencer de qualquer coisa. Eu me lembro de estar em pé ao lado dele com as mãos cobertas de sangue, olhando para o corpo de uma mulher morta, e pensando só que o que eu estava fazendo tinha que ser certo, por que Valentine disse que isso era.”

“Uma Downworlder morta?”

Samuel respirou asperamente do outro lado da parede. Finalmente, ele disse, “Você deve entender, eu teria feito qualquer coisa que ele pedisse. Qualquer um de nós faria. Os Lightwoods também. O Inquiridor sabe disso, e o que quer ele esteja tentando explorar. Mas você deve saber...que há a chance que se você o der para ele e jogar a culpa nos Lightwoods, ele irá matar você para calar sua boca. Isso depende se a idéia de ser misericordioso fizer dele mais poderoso no momento.”

“Isso não importa,” Simon disse. “ Eu não vou fazer isso. Eu não vou trair os Lightwoods.”

“Sério?” Samuel soava não convencido. “Há alguma razão para que não? Você se importa com os Lightwoods tanto assim?”

“Qualquer coisa que eu disser sobre eles será uma mentira.”

“Mas isso pode ser a mentira que ele quer ouvir. Você quer ir para casa, não quer?”

Simon olhou para a parede como se ele pudesse de alguma forma ver através dela para o homem no outro lado. “ É isso o que você faria? Mentir para ele?”

Samuel tossiu...um tipo de tosse ruidosa, como se ele não estivesse muito saudável. Então de novo, aquilo era úmido e frio aqui, não que incomodasse Simon, mas teria provavelmente incomodado muito um humano normal. “Eu não tomaria uma lição de moral de mim,” ele disse. “Mas sim, eu provavelmente o faria. Eu sempre pus a salvo minha própria pele primeiro.”

“Eu tenho certeza que isso não é a verdade.”

“Na verdade, “ Samuel disse, “é isso. Uma coisa que você vai aprender quando ficar mais velho, Simon, é que quando as pessoas dizem algo desagradável sobre si mesmas, isso geralmente é a verdade.”

*Mas eu não vou ficar mais velho*, Simon pensou. Alto ele disse. “Essa é a primeira vez que você me chamou de Simon. Simon e não Daylighter.”

“Eu suponho que é.”

“E quanto aos Lightwoods, Simon disse, “ isso não é que eu goste deles tanto assim. Quero dizer, eu gosto de Isabelle, e eu tipo gosto de Alec e Jace, também. Mas há essa garota. E Jace é seu irmão.”

Quando Samuel replicou, ele soou, pela primeira vez, genuinamente divertido. “Não há sempre uma garota.”

No momento que a porta se fechou atrás de Clary, Jace desmoronou de costas contra a parede, como se suas pernas tivessem sido cortadas de debaixo dele. Ele parecia cinza com um misto de horror, choque, e o que parecia quase como....alívio, como se uma catástrofe tivesse sido estreitamente evitada.

“Jace,” Alec disse dando um passo em direção a seu amigo.” Você realmente acha...”

Jace falou em voz baixa, interrompendo Alec. “Saíam,” ele disse. “Apenas saíam, você dois.”



“Então você vai fazer o que?” Isabelle demandou. “Arruinar sua vida ainda mais? O que no inferno foi aquilo?”

Jace balançou sua cabeça. “Eu mandei ela para casa. Era a melhor coisa para ela.”

“Você fez um inferno a mais do que enviar ela para casa. Você *destruiu* ela. Você viu o rosto dela?”

“Isso valeu a pena,” Jace disse. “Você não entenderia.”

“Para ela talvez,” Isabelle disse. “Eu espero que isso acabe valendo a pena para você.”

Jace virou seu rosto para longe. “Só...me deixe sozinho, Isabelle. Por favor.”

Isabelle lançou um olhar assustado para seu irmão. Jace nunca disse por favor. Alec pôs a mão no ombro dela. “Não importa, Jace,” ele disse, tão gentilmente quanto ele podia. “eu tenho certeza que ela vai ficar bem.”

Jace levantou sua cabeça e olhou para Alec sem realmente estar olhando para ele...ele parecia estar olhando para o nada. “Não, ela não vai,” ele disse. “Mas eu sabia disso. Falando nisso, você poderia bem dizer o que você veio aqui me dizer. Você parecia pensar que era bastante importante na hora.”

Alec tirou sua mão do ombro de Isabelle. “Eu não queria dizer a você na frente de Clary...”

Os olhos de Jace finalmente se focaram em Alec. “Não queria me dizer o que na frente de Clary?”

Alec hesitou. Ele raramente tinha visto Jace tão chateado, e ele podia imaginar o efeito mais adiante que desagradáveis surpresas poderiam ter sobre ele. Jace tinha que saber. “Ontem,” ele disse, em um voz baixa. “quando eu levei Simon para o Gard, Malachi me disse que Magnus Bane estaria se encontrando com Simon no outro lado do Portal, em Nova York. Então eu enviei uma mensagem de fogo para Magnus. Eu ouvi de volta a dele esta manhã. Ele nunca encontrou Simon em Nova York. Na verdade, ele disse que não tem havido nenhum Portal ativo em Nova York desde que Clary veio.”

“Talvez Malachi estivesse errado,” Isabelle sugeriu, depois de um rápido olhar no rosto acinzentado de Jace. “Talvez alguém mais encontrou Simon do outro lado. E Magnus podia estar errado sobre o Portal em atividade...”

Alec balançou sua cabeça. “Eu fui para o Gard esta manhã com mamãe. Eu queria perguntar a Malachi sobre isso, mas quando eu vi ele...eu não pude dizer por que...eu mergulhei atrás de um canto. Eu não podia vê-lo. Então eu ouvi ele falando para um dos guardas. Dizendo a eles para trazerem o vampiro acima por que o Inquiridor queria falar com ele novamente.”

“Você tem certeza que eles queriam dizer Simon?” Isabelle perguntou, mas não havia acusação em sua voz. “Talvez...”

“Eles estavam falando sobre quão estúpido o Downworlder tinha sido em acreditar que eles iriam apenas mandá-lo de volta para Nova York sem questioná-lo. Um deles disse que ele não podia acreditar em alguém que tinha tido a ousadia de esgueirar ele em Alicante para começar. E Malachi disse, 'Bem, o que você espera vindo do filho de Valentine?'”

“Oh,” Isabelle sussurrou, “Ah meu Deus.” Ela olhou através da sala. “Jace...”

As mãos de Jace estavam trincadas em seus lados. Seus olhos pareciam afundados, como se eles estivessem impulsionados para dentro de seu crânio. Em outras circunstâncias Alec teria colocado uma mão no ombro dele, mas não agora, alguma coisa em Jace fez ele se segurar. “Se não tivesse sido eu quem o trouxe,” Jace disse em um baixa e medida voz, como se ele estivesse recitando algo, “talvez eles apenas tivesse deixado ele ir para casa. Talvez eles teriam acreditado...”

“Não,” Alec disse. “Não, Jace, isso não é sua culpa. Você salvou a vida dele.”

“Salvei ele, então a Clave poderia torturar ele,” Jace disse. “Permita-me. Quando Clary descobrir...” Ele balançou sua cabeça cegamente. “Ela vai pensar que eu trouxe ele aqui de propósito, dei ele para a Clave sabendo o que eles fariam.”

“Ela não irá pensar isso. Você não tinha nenhuma razão para fazer uma coisa como essa.”

“Talvez,” Jace disse, lentamente, “mas depois de como eu tratei ela...”

“Ninguém mesmo iria pensar que você faria isso, Jace,” Isabelle disse. “Ninguém que conhece você. Ninguém...”

Mas Jace não esperaria para descobrir o que mais alguém pensaria. Em vez disso ele se virou ao redor e andou para a janela panorâmica que dava para o canal. Ele ficou lá por um momento, a luz vindo através da janela tornando as pontas de seu cabelo douradas. Então ele se moveu, tão rapidamente que Alec não teve tempo de reagir. Naquela hora ele viu o que estava acontecendo e se lançou a frente para impedir, mas era já era tarde demais.

Houve uma colisão...o som de estilhaçar...e um súbito salpicar de vidro quebrado como um jato de estrelas irregulares. Jace olhou abaixo de sua mão, as juntas listadas em vermelho, com um clínico interesse enquanto largas gotas vermelhas de sangue reuniam-se e espalhavam-se abaixo no chão a seus pés.

Isabelle olhou de Jace para o buraco no vidro, linhas irradiando para fora do centro vazio, uma teia de aranha de fissuras finas prateadas. “Ah, Jace,” ela disse, a voz dela tão suave quanto Alec jamais tinha ouvido.”Como na terra nós vamos explicar isso para os Penhallows?”

De alguma forma Clary saiu da casa. Ela não tinha certeza de como ....tudo era um rápido borrão de escadas e corredores, e então ela estava correndo para a porta da frente e para fora dela e de alguma forma ela estava nos degraus da frente do Penhallows, tentando decidir se

ia ou não vomitar nas roseiras. Elas estavam na posição ideal para se vomitar nelas, e seu estômago estava girando dolorosamente, mas na verdade é que tudo o que ela tinha comido era sopa que a estava sustentando. Ela não podia pensar em nada em seu estômago para vomitar. Em vez disso ela fez seu caminho degraus abaixo e virou cegamente fora do portão da frente – ela não podia se lembrar qual direção ela tinha vindo mais, ou de como voltar para a casa de Amatis, mas não parecia que importava muito. Não era como se ela estivesse desejando voltar e explicar para Luke que eles tinha que deixar Alicante ou Jace iria torná-los para a Clave. Talvez Jace estivesse certo. Talvez ela *fosse* imprudente e descuidada. Talvez ela nunca pensou sobre como o que ela fazia impactava as pessoas que ela amava. O rosto de Simon lampejou através de sua visão, forte como uma fotografia, e então o de Luke...

Ela parou e se inclinou contra um poste. O quadrado de vidro fixo parecia como um tipo de lâmpada a gás que cobriam os clássicos postes em frente das construções em Park Slope. De alguma forma ele parecia tranquilizador.

“Clary!” Era uma voz de garoto, ansiosa. Imediatamente Clary pensou, *Jace*. Ela girou ao redor.

Não era Jace. Sebastian, o garoto de cabelo escuro da sala de estar dos Penhallows, em pé em frente a ela., arfando um pouco como se ele tivesse seguido ela abaixo na rua numa corrida.

Ela sentiu um brotar da mesma sensação que ela tinha tido mais cedo, quando ela viu ele pela primeira vez...reconhecimento, misturado com algo mais que ela não podia identificar. Aquilo não era gostar ou desgostar....era um tipo de atração, como se alguma coisa puxasse ela na direção desse garoto que ela não conhecia. Talvez fosse apenas o jeito que ele parecia. Ele era bonito, tão bonito quanto Jace, embora onde Jace fosse todo dourado, este garoto era pálido e sombreado. Ainda agora, embaixo do luz do lâmpada, ela podia ver sua semelhança com seu príncipe imaginário que não era exatamente como ela tinha pensado. Mesmo suas cores eram diferentes. Era apenas como algo no formato do rosto dele, a maneira que ele se mantinha, um obscuro mistério\* em seus olhos...

“Você está bem?” ele disse. Sua voz era suave. “Você saiu correndo de casa como...” Sua voz falhou enquanto ele olhava para ela. Ela ainda estava agarrada ao poste como se ela precisasse dele para mantê-la em pé. “O que aconteceu?”

“Eu tive uma briga com Jace,” ela disse, tentando manter sua voz contínua. “Você sabe como é.”

“Na verdade, eu não.” ele soou quase se desculpando. “Eu não tenho nenhuma irmã ou irmãos.”

“Sortudo,” ela disse, e ficou estarecida com a amargura em sua própria voz.

“Você não quer dizer isso.” Ele deu um passo mais próximo a ela, e enquanto ele o fazia, a lâmpada tremeluziu sobre, lançando uma piscina de luz de bruxa branca sobre ambos.

Sebastian olhou acima para a luz e sorriu. “É um sinal.”

“Um sinal de que?”

“Um sinal que você deveria me deixar levar você até em casa.”

“Mas eu não tenho nenhuma idéia de onde é,” ela disse, percebendo. “Eu escapei de casa para vir aqui. Eu não me lembro por qual caminho eu vim.”

“Bem, com quem você está ficando?”

Ela hesitou antes de responder.

“Não vou dizer a ninguém,” ele disse.” Eu juro pelo Anjo.”

Ela o fitou. Isso era um grande juramento, para um Caçador de Sombras. “Tudo bem,” ela disse, antes que ela pudesse considerar sua decisão. “Eu estou ficando com Amatis Herondale.”

“Ótimo. Eu sei exatamente onde ela mora.” Ele ofereceu a ela seu braço. “Podemos?”

Ela gerenciou um sorriso.”Você é do tipo insistente, sabe.”

Ele deu de ombros. “Eu tenho um fetiche por donzelas em perigo.”

“Não seja machista.”

“De modo algum. Meu seus serviços também estão disponíveis para cavalheiros em perigo. É uma igual oportunidade de fetiche,” ele disse, e, com um floreio, ofereceu seu braço novamente.

Dessa vez, ela o pegou.

Alec fechou a porta do pequeno sótão atrás dele e se virou para enfrentar Jace. Seus olhos eram normalmente da cor do Lago Lyn, um pálido, azul tranquilo, mas a cor tendia a mudar com seu humor. No momento eles eram da cor do East River durante uma tempestade. Sua expressão era tempestuosa também. “Sente-se.” ele disse para Jace, apontando a cadeira baixa próxima da janela triangular. “Vou pegar as bandagens.”

Jace se sentou. O quarto que ele dividia com Alec no topo da casa dos Penhallows era pequeno, com duas camas estreitas nele, um contra cada parede. Suas roupas penduradas em uma fileira de ganchos na parede. Havia uma única janela, deixando entrar uma luz esmaecida – estava ficando escuro agora, e o céu lá fora do vidro era azul indigo. Jace observou enquanto Alec se ajoelhava para arrancar a mala de debaixo de sua cama e sacar ela aberta. Ele inspecionou ruidosamente entre o conteúdo antes de ficar em seus pés com um caixa em suas mãos. Jace reconheceu ela como a caixa de suprimentos médicos que eles usavam as vezes quando as runas não eram uma opção – antissépticos, ataduras, tesoura e

gaze.

“Você não vai usar uma runa de cura?” Jace perguntou, mais por curiosidade do que por qualquer outra coisa.

“ Não. Você pode só...” Alec se interrompeu, arremessando a caixa na cama com um inaudível palavrão. Ele foi para a pequena pia contra a parede e lavou suas mãos com tanta força que a água espalhou-se acima em um fino spray. Jace observou ele com um distante curiosidade. Sua mão tinha começado a queimar com uma entorpecida e ardente dor. Alec recuperou a caixa, puxando um cadeira oposta a de Jace, e lançou-se a si mesmo naquilo. “Me dê sua mão.”

Jace segurou sua mão. Ele tinha que admitir que ela parecia bem ruim. Todas as quatro juntas estavam divididas abertas como explosões estelares vermelha. O sangue seco grudado nos dedos, uma fragmentada luva vermelha amarronzada. Alec fez uma careta. “Você é um idiota.”

“Obrigado,” Jace disse. Ele observou pacientemente enquanto Alec se curvava em sua mão com um par de pinças e gentilmente cutucava um pedaço de vidro embutido em sua pele. “Então, por que não?”

“Por que não, o quê?”

“Por que não usar uma runa de cura? Isso não é uma ferimento de demônio.”

“Por que. “Alec tomou uma garrafa azul de antisséptico. “eu acho que seria bom para você sentir dor. Você pode curar como um mundano. Lenta e feiamente. Talvez você aprenda alguma coisa.” Ele espalhou o líquido picante sobre os cortes de Jace. “Embora eu duvide disso.”

“Eu sempre posso fazer minha própria runa de cura, você sabe.”

Alec começou a envolver uma faixa de atadura em torno da mão de Jace. “Só se você quiser que eu diga aos Penhallows o que realmente aconteceu com sua janela, ao invés de deixar eles pensarem que foi um acidente.” Ele sacudiu um nó nas ataduras apertando, fazendo Jace se contrair.

“Sim, você teria.” Jace inclinou sua cabeça para o lado. “Eu não percebi que meu ataque a janela deixaria você tão chateado.”

“É só....” Terminado os curativos, Alec olhou abaixo a mão de Jace, a mão que ele ainda estava segurando entre as suas. Era um clube de ataduras, manchadas com sangue onde os dedos de Alec tinham tocado.”Por que você faz essas coisas consigo mesmo? Não só o que você fez na janela, mas o modo como você falou com Clary. Do que você está se punindo? Você não pode impedir como você se sente.”

A voz de Jace estava uniforme. “Como eu me sinto?”

“Eu vejo o modo como você olha para ela.” Os olhos de Alec estavam remotos, vendo algo além de Jace, algo que não estava lá.”E você não pode ter ela. Talvez você apenas nunca soube como era querer algo que você não podia ter antes.”

Jace olhou para ele firmemente. “O que há entre você e Magnus Bane?”

A cabeça de Alec se jogou para trás. “Eu não...há nada...”

“Eu não sou burro. Você foi direto para Magnus depois de que falou com Malachi, antes você falaria para mim ou Isabelle ou qualquer pessoa....”

“Por que ele era o único que podia responder minha pergunta, esse é o porquê. Não há nada entre nós,” Alec disse...e então, segurando o olhar no rosto de Jace, adicionou com grande relutância, “mais. Não há nada mais entre nós. Ok?”

“Eu espero que não seja por minha causa,” Jace disse. Alec ficou branco e se puxou para trás, como se ele estivesse preparando para se desviar de um golpe. “O que você quer dizer?”

“Eu sei como você pensa que você se sente sobre mim,” Jace disse.” Entretanto, você não. Você apenas gosta de mim por que sou seguro. Não há risco. E então você nunca teve que tentar um real relacionamento por que você pode me usar como uma desculpa.” Jace sabia que ele estava sendo cruel, e ele mal se importava. Machucar as pessoas que ele amava era quase tão bom quanto machucar a si mesmo quando ele estava com este tipo de humor.

“Eu entendi,” Alec disse firmemente. “Primeiro Clary, então sua mão, agora eu. Para o inferno com você, Jace.”

“Você não acredita em mim?” Jace perguntou. “Ótimo. Vá em frente. Me beije agora mesmo.”

Alec olhou para ele com horror.

“Exatamente. Apesar da minha incrível boa aparência, você na verdade não gosta de mim desse jeito. E se você estiver afastando Magnus, não é por minha causa. É por que você está muito assustado para dizer a alguém que você realmente ama. O amor nos faz mentirosos,” Jace disse. “A Rainha de Seelie me disse isso. Então não me julgue por mentir sobre como eu me sinto. Você faz isso também.” Ele se levantou. “E agora, que quero que você faça isso novamente.”

O rosto de Alec estava rígido com a dor.” O que você quer dizer.”

“Minta para mim,” Jace disse, pegando sua jaqueta do gancho da parede e jogando ela nos ombros. “É o por do sol. Eles vão começar a voltar do Gard agora mesmo. E preciso que você diga a todos que eu não estou me sentindo bem e que é o porquê de eu não estar descendo. Diga a eles que eu me senti fraco e tropecei, e que é como a janela ficou



quebrada.”

Alec inclinou sua cabeça para trás e olhou acima para Jace diretamente, “Ótimo,” ele disse “se você me disser para onde você realmente está indo.”

“Até o Gard,” Jace disse.”Eu estou ido tirar Simon da prisão.”

A mãe de Clary sempre tinha a chamado na hora do dia entre o crepúsculo e o anoitecer “a hora azul.” Ela disse que a luz era mais forte e mais incomum então, e o que isso era a melhor hora para pintar. Clary nunca tinha entendido realmente o que ela queria dizer, mas agora, fazendo seu caminho através de Alicante no crepúsculo, ela entendeu.

A hora azul em nova Nova York não era realmente azul;ela era muita apagada pelas luzes da rua e os sinais de néon. Jocelyn devia ter pensado em Idris. Onde a luz caia em retalhos de puro violeta através das construções da cidade, e as lâmpadas que jogavam piscinas circulares de luz branca tão brilhante que Clary esperou sentir calor quando ela andava através dela. Ele desejou que sua mãe estivesse ali com ela. Jocelyn poderia ter apontado as partes de Alicante que eram familiares para ela, que tinham um lugar em suas memórias.

Mas ela nunca disse a você nada dessas coisas. Ela manteve elas em segredo de você por um propósito. E agora você pode nunca saber delas. Uma dor aguda – meio raiva e meio arrependimento – agarrou-se ao coração de Clary.

“Você está terrivelmente quieta,” Sebastian disse. Eles estavam passando sobre a ponte do canal, as laterais da construção esculpidas com runas.

“Só me perguntando em quantos problemas mais eu vou estar quando eu voltar. Eu tinha escalado uma janela para sair, mais Amatis provavelmente notou que eu saí agora.”

Sebastian fez uma careta.”Por que você escapou? Você não estava autorizada em vir ver seu irmão?”

“Não era para eu estar em Alicante,” Clary disse. “Era para eu estar em casa, assistindo seguramente das linhas secundárias.”

“Ah. Isso explica muita coisa.”

“Explica?” ela captou um curioso olhar de lado dele. Sombras azuis estavam presas em seu cabelo escuro.

“Todo mundo pareceu empalidecer quando seu nome veio mais cedo. Eu entendi que havia algum problema entre seu irmão e você.”

“Problema? Bem, esse é um modo que colocar isso.”

“Você não gosta muito dele?”

“Gostar de Jace?” Ele tinha se dado tanto a esse pensamento estas últimas semanas, se ela amava Jace Wayland e como, que ela nunca tinha parado para considerar se ela gostava dele.

“Desculpa. Ele é da família...não é realmente sobre se você gosta dele ou não.”

“Eu gosto dele,” ela disse, surpreendendo a si mesma. “Eu gosto, é só que...ele me deixa furiosa. Ele me diz o que eu posso e não posso fazer...”

“Parece que não funciona muito bem,” Sebastian observou.

“O que você quer dizer?”

“Você parece fazer o que você quer de qualquer forma.”

“Acho que sim.” A observação assustou ela, vindo de um quase estranho. “Mas parece que eu deixei ele mais furioso do que eu pensei que eu faria.”

“Ele irá se recuperar disso.” O tom de Sebastian era de desdém.

Clary olhou para ele curiosamente. “Você gosta dele?”

“Eu gosto dele. Mas eu não acho que ele goste muito de mim.” Sebastian soou sentido. “Tudo o que eu digo parece chatear ele.”

Ele viraram a rua em um larga praça de pavimento circular, rodeada com altos e estreitos edifícios. No centro estava uma estátua de bronze de um anjo...o Anjo, aquele que tinha dado seu sangue para fazer a raça de Caçadores de Sombras. No extremo norte da praça estava uma enorme estrutura de pedra branca. Uma queda de água de degraus largos de mármore davam acima para um arco de pilares, atrás do que estava um par de largas portas duplas. O efeito geral na luz noturna era impressionante – e estranhamente familiar. Clary se perguntou se ela tinha visto uma imagem deste lugar antes. Talvez sua mãe tivesse pintado uma?

“Esta é a praça do Anjo,” Sebastian disse, “E este é o Grande Salão do Anjo. Os acordos foram assinados lá primeiro, desde que os Downworlders não são permitidos entrar no Gard - agora é chamado de Salão dos Acordos. É um lugar central de encontros – celebrações são realizadas lá, casamentos, festas, todo o tipo de coisa. Esse é o centro da cidade. Eles dizem que todos os caminhos levam ao Salão.”

“Isso parece um pouco com uma igreja...mas vocês não tem igrejas aqui, vocês tem?”

“Não precisamos,” Sebastian disse. “As torres demônio nos mantêm a salvo. Não precisamos de nada mais. Esse é o porquê eu gosto de vir aqui. Ele dá uma sensação de .... tranquilidade.”

Clary olhou para ele com surpresa. “Então, você não mora aqui?”

“Não. Eu moro em Paris. Eu só estou visitando Aline...ela é minha prima. Minha mãe e meu pai, meu tipo Patrick, eram irmão e irmã. Os pais de Aline dirigem o Instituto em Beijing há anos. Eles se mudaram de volta a Alicante cerca de uma década atrás.”

“Eles eram...os Penhallows não eram do Círculo, eram?”

Um olhar espantado relampejou através do rosto de Sebastian. Ele estava em silêncio quando eles viraram e deixaram a praça atrás deles, fazendo seu caminho dentro de um aglomerado de ruas escuras. “Por que você me pergunta isso?” ele disse finalmente.

“Bem...por que os Lightwoods eram.”

Eles passaram debaixo de um poste. Clary olhou de esguelha para Sebastian. No seu longo casaco escuro e blusa branca, debaixo da piscina de luz branca, ele parecia como uma ilustração em preto e branco de um cavalheiro vindo de um álbum vitoriano. Seu cabelo negro curvava-se contra suas têmporas de um modo que ela desejou desenhar ele em caneta e tinta. “Você tem que entender,” ele disse. “Boa metade de jovens Caçadores de Sombras em Idris eram parte do Círculo, e muitos daqueles que não eram de Idris também. Tio Patrick era em seus primeiros dias, mas ele saiu do Círculo uma vez que ele começou a notar o quão sério Valentine era. Nenhum dos pais de Aline fizeram parte da Revolta – meu tio foi para Beijing para ficar longe de Valentine e conheceu a mãe de Aline no Instituto de lá. Quando os Lightwoods e os outros membros do Círculo foram julgados por traição contra a Clave. Eles foram enviados para Nova York em vez de serem amaldiçoados. Então os Lightwoods tem sido sempre gratos.”

“E os seus pais?” Clary disse. “Eles estavam nele?”

“Não realmente. Minha mãe era mais jovem do que Patrick...ele enviou ela para Paris quando ele foi para Beijing. Ele conheceu meu pai lá.”

“Sua mãe era mais nova do que Patrick?”

“Ela está morta,” Sebastian disse. “Meu pai, também. Minha tia Élodie me educou.”

“Ah,” Clary disse, se sentindo estúpida. “Me desculpe.”

“Eu não me lembro deles,” Sebastian disse. “Não realmente. Quando eu era mais novo, eu desejei que eu tivesse uma irmã mais velha ou um irmão, alguém que pudesse me dizer o que era ter eles como pais.” Ele olhou para ela pensativamente. “Posso te perguntar uma coisa Clary? Por que você veio para Idris quando você sabia o quão ruim seu irmão iria achar?”

Antes que ela pudesse responder ele, eles emergiram de um beco estreito que eles tinha seguido para uma familiar pátio não iluminado, o abandono no centro cintilando ao luar. “Praça Cirtern,” Sebastian disse, uma nota inconfundível de desapontamento em sua voz. “Nós chegamos aqui mais rápido do que eu pensava que chegaríamos.”

Clary olhou acima da ponte construída que atravessava as proximidades do canal. Ele podia ver a casa de Amatis a distância. Todas as janelas estavam iluminadas. Ela suspirou. “Eu posso voltar por mim mesma daqui, obrigada.”

“Você não quer que eu caminhe com você para a...”

“Não. Não a menos que você queira entrar em apuros também.”

“Você acha que eu ia ficar em apuros? Por estar sendo cavalheiro o suficiente para te acompanhar até em casa?”

“Ninguém era para saber que eu estou em Alicante,” ela disse.”Isso era para ser um segredo. E sem ofensa, mas você é um estranho.”

“Eu gostaria de não ser,” ele disse.”Eu gostaria de te conhecer melhor.” Ele estava olhando para ela com uma mistura de diversão e uma certa timidez, como se ele não tivesse certeza de como o que ele tinha dito seria recebido.

“Sebastian,” ela disse, com um súbito sentimento de devastador cansaço. “Eu estou feliz que você queira me conhecer. Mas eu só não tenho energia para conhecer você. Desculpe.”

“Eu não queria dizer...”

Mas ela já estava se afastando dele, em direção a ponte. No meio do caminho ela se virou ao redor e olhou de volta para Sebastian. Ele estava parecendo estranhamente desprezado em um trecho do luar, seus cabelo preto caindo sobre seu rosto.

“Ragnor Fell,” ela disse.

Ele olhou para ela. “O que?”

“Você me perguntou por que eu vim aqui mesmo que eu não era para estar, “ Clary disse. “Minha mãe está doente. Realmente doente. Talvez morrendo. A única coisa que pode ajudar ela, a única pessoa que pode ajudar ela, é um bruxo chamado Ragnor Fell. Só que eu não tenho nenhuma idéia de onde encontrar ele.”

“Clary...”

Ela virou de volta em direção a casa. “Boa noite, Sebastian.”

Foi uma difícil escalada acima pela grade, do que tinha sido escalada abaixo. As botas de Clary escorregaram várias vezes no muro de pedra úmido, e ela estava aliviada quando ela finalmente se atraiu acima do peitoril da janela e meio pulou, meio caiu dentro do quarto.

Sua euforia teve vida curta. Não logo suas botas tinham acertado o chão do que um luz brilhante reluzindo, uma suave explosão iluminou o quarto para uma brilhante luz do dia.

Amatis estava sentada no canto da cama, suas costas muito eretas, uma pedra de luz de bruxa em sua mão. Ela queimava com uma pungente luz que não parecia suavizar os rígidos planos de seu rosto ou as linhas dos cantos de sua boca. Ela olhava para Clary em silêncio por vários longos momentos. Finalmente ela disse. “Nestas roupas, você se parece com Jocelyn.”

Clary lutou em seus pés. “Eu...me desculpe,” ela disse. “Sobre sair desse jeito...”

Amatis fechou sua mão ao redor da luz de bruxa, destruindo seu brilho. Clary piscou no súbito obscurecimento. “Troque esta vestimenta,” Amatis disse, “E me encontre lá embaixo na cozinha. E nem mesmo pense em escapar para fora pela janela.” ela adicionou, “ou da próxima vez que você retornar para esta casa, você vai encontrar ela fechada para você.

Engolindo duro, Clary acenou.

Amatis levantou-se para seus pés e saiu sem outra palavra. Rapidamente Clary retirou sua vestimenta e vestiu suas próprias roupas, que estavam penduradas no extremidade da cama, agora secas, seus jeans estavam um pouco duros, mas era legal puxar sua familiar camiseta. Sacudindo seu cabelo enrolado para trás, ela guiou-se para baixo.

A última coisa que ela tinha visto o piso abaixo da casa de Amatis, ela tinha estado delirante e alucinando. Ela se lembrou dos longos corredores se alongando para a infinidade e um enorme relógio de pêndulo cujo tique-taque tinha soado como as batidas de um coração morrendo. Agora ela encontrou-se em uma pequena e acolhedora sala de estar, com mobília simples de madeira e um tapete de pano\* no chão. O tamanho pequeno e as luzes brilhantes lembraram a ela um pouco de sua própria sala de estar na casa no Brooklyn. Ele cruzou através em silêncio e entrou na cozinha, onde um fogo queimava na grelha e a sala estava cheia de uma luz morna amarela. Amatis estava sentada a mesa. Ela tinha um xale azul envolvido em torno de seus ombros; ele fez seu cabelo parecer mais cinza.

\*N/T: Rag rug – aqueles tapetes feitos de tirinhas de tecido coloridos.

“Oí.” Clary pairou na entrada. Ela não podia dizer se Amatis estava com raiva ou não.

“Suponho que eu dificilmente preciso perguntar onde você foi,” ela disse, sem olhar acima da mesa. “Você foi ver Jonathan, não foi? Eu suponho que era para ser o esperado. Talvez se eu mesmo tivesse meus próprios filhos, eu iria saber quando uma criança estaria mentindo para mim. Mas eu tinha tanta esperança disso, desta vez pelo menos, em eu não iria desapontar completamente meu irmão.

“Desapontar Luke?”

“Você sabe o que aconteceu quando ele foi mordido?” Amatis olhava direto para ela.

“Quando *meu irmão* foi mordido por um lobisomem...e é claro que ele foi, Valentine estava sempre tomando estúpidos riscos consigo mesmo e seus seguidores, era apenas uma questão de tempo, e ele veio e me disse o que aconteceu e o quanto assustado ele estava que ele pudesse ter contraído a doença licantropa. E eu disse...eu disse...”

“Amatis, você não tem que me dizer isso...”

“Eu não sabia. Depois que ele Mudou, depois que ele fugiu daqui, Jocelyn lutou e lutou para me convencer de que ele ainda era a mesma pessoa por dentro, ainda meu irmão. Se não tivesse sido por ela, eu nunca teria concordado em vê-lo de novo. Eu deixei ele ficar aqui quando ele veio antes da Revolta – deixei ele se esconder no porão – mas eu podia dizer que ele realmente não confiava em mim, não depois de eu ter virado as costas para ele. Eu acho que ele ainda não confia.”

“Ele confia em você o suficiente para me trazer quando eu estava doente,” Clary disse. “Ele confia em você o suficiente para me deixar aqui com você...”

“Ele não tinha lugar algum para ir,” Amatis disse. “E veja como eu me sai com você. Eu não pude sequer manter você em casa por um único dia.”

Clary vacilou. Isso era pior do que ser gritada. “Isso não é sua culpa. Eu menti para você e escapei. Não havia nada que você pudesse fazer sobre isso.”

“Ah, Clary,” Amatis disse. “Você não vê? Há sempre algo que você pode fazer. É apenas pessoas como eu que sempre dizem a si mesmas o contrário. Eu disse a mim mesma que não havia nada que eu pudesse fazer sobre Stephen me deixar. E eu mesma recusei estar presente nas reuniões da Clave por que eu disse a mim mesma que não havia nada que eu pudesse fazer para influenciar suas decisões, mesmo quando eu odeio o que eles fazem. Mas então quando eu escolhi fazer alguma coisa...bem, eu nem mesmo posso fazer uma coisa certa.” Seus olhos cintilaram, duros e brilhantes na luz do fogo. “Vá para cama, Clary,” ela terminou. “E a partir de agora, você pode ir e vir como você quiser. Eu não posso fazer nada para impedir você. Depois de tudo, como eu disse, não há nada que eu possa fazer.”

“Amatis...”

“Não,” Amatis balançou sua cabeça. “Apenas vá para a cama. Por favor.” sua voz segurava uma nota de finalidade; ela se virou, como se Clary já tivesse partido, e olhou para parede, sem pestanejar.

Clary girou em seus calcanhares e correu até as escada. No quarto de hóspedes ela chutou a porta fechada atrás dela e jogou a si mesma sobre a cama. Ela pensou que ela queria chorar, mas as lágrimas não vieram. *Jace me odeia, ela pensou. Amatis me odeia. Eu nunca cheguei a dizer adeus para Simon. Minha mãe está morrendo. E Luke me abandonou. Eu estou sozinha. Eu nunca estive tão sozinha, e isso tudo é por minha culpa.* Talvez esse era o porquê de ela não poder chorar, ela percebeu, fitando com o olhar seco para o teto. Por que qual era a importância em chorar quando não havia ninguém para confortar você? E o que era pior, quando você nem mesmo podia confortar a si mesmo?



## 7 – Onde os anjos temem pisar

Fora de um sonho de sangue e luz do dia, Simon acordou subitamente para o som de um voz chamando seu nome. “Simon.” A voz era um sussurro sibilante. “Simon, acorde.”

Simon estava em seus pés – algumas vezes o quão rápido ele podia se mover surpreendia ele – e girando em torno da escuridão da cela. “Samuel?” ele sussurrou, olhando para as sombras. “Samuel, é você?”

“Vire-se, Simon,” Agora a voz, ligeiramente familiar, segurou uma nota de irritabilidade. “E venha para a janela.” Simon sabia imediatamente de quem ela era e olhou através da janela de barras para Jace ajoelhado na grama lá fora, uma pedra de luz de bruxa em sua mão. Ele estava olhando para Simon com uma careta tensa. “O quê, você pensou que estava tendo um pesadelo?”

“Talvez eu ainda esteja.” Havia um zumbido nos ouvidos de Simon – se ele tivesse um batimento cardíaco, ele poderia ter pensado que era o sangue correndo através de suas veias, mas isso era algo mais, algo menos corporal, mas mais próximo do que sangue. A luz de bruxa jogou um estranho costurado padrão de luz e sombras através do rosto pálido de Jace. “Então é aqui que eles colocaram você. Eu não achei que eles usassem mais estas celas.” Ele olhou para os lados. “Primeiro eu fui para a janela errada. Dei a seu amigo na cela ao lado algo como um susto. Companheiro atraente, o de com barba e os trapos. O tipo que me lembra o pessoal de rua .

E Simon percebeu qual o som que zunia em seus ouvidos. Raiva. Em algum canto distante de sua mente ele estava consciente que seus lábios estavam puxados para trás, as pontas de suas presas esfolando seu lábio inferior. “Eu estou feliz que você ache tudo isso é engraçado.”

“Você *não* está feliz em me ver então? Jace disse. “Eu tenho que dizer, eu estou surpreso. Eu sempre digo que minha presença abrilhanta qualquer lugar. Poderia pensar que foi duplamente para as celas úmidas subterrâneas.”

“Você sabia o que ia acontecer, não sabia? *'Eles vão enviar você direto para Nova York,'* você disse, sem problema. Mas ele nunca tiveram nenhuma intenção de fazer isso.”

“Eu não sabia.” Jace encontrou os olhos deles através das barras, e seu olhar era claro e firme.” Eu sei que você não acredita em mim, mas eu pensei que eu estava dizendo a você a verdade.”

“Você está ou mentindo ou estúpido...”

“Então eu sou estúpido.”

“...ou ambos” Simon terminou. “Eu estou inclinado a pensar em ambos.”

“Eu não tenho uma razão para mentir para você. Não agora.” O olhar de Jace permanecia

firme. “E tire suas presas expostas de mim. Isso está me deixando nervoso.”

“Bom,” Simon disse. “Se você quer saber o porquê, é por causa que você cheira a sangue.”

“È a minha colônia. Eau de Ferimentos Recentes. Jace levantou sua mão esquerda. Ela era uma luva branca de faixas, manchadas através das juntas onde o sangue tinha se infiltrado.

\*N/T: Eau – é água em francês. Água de colônia.

Simon fez uma careta. “Eu pensei que sua espécie não se machucavam. Não aqueles que permaneciam.”

“Eu ganhei ela de uma janela,” Jace disse. “e Alec me fez curar como um mundano para me ensinar uma lição. Aí está, eu te disse a verdade. Impressionado?”

“Não,” Simon disse. “eu tenho problemas maiores do que você. O Inquiridor continua me fazendo perguntas que eu não posso responder. Ele continua me acusando de obter meu poderes de Daylighter vindo de Valentine. Ou de ser um espião para ele.”

Alarme flutuou nos olhos de Jace. “Aldertree disse isso?”

“Aldertree implicou que toda a Clave pensava assim.”

“Isso é ruim. Se eles decidirem que você é um espião, então os Acordos não se aplicam. Não se eles puderem convencer a si mesmos que você quebrou a Lei.” Jace olhou ao redor rapidamente antes de retornar seu olhar para Simon. “Vai ser melhor nós tirarmos você daqui.”

“E então o que?” Simon quase não podia acreditar no que ele estava dizendo. Ele queria sair deste lugar tão ardentemente que ele podia sentir, ele já não podia parar as palavras tropençando de sua boca. “Onde você planeja me esconder?”

“Há um Portal aqui no Gard. Se nós pudermos achá-lo, eu posso enviar você de volta...”

“E todo mundo vai saber que você me ajudou. Jace não é apenas eu que a Clave está atrás. Na verdade, eu duvido que eles se importem com um downworlder de um modo ou de outro. Eles estão tentando provar alguma coisa sobre sua família...sobre os Lightwoods. Que eles nunca realmente deixaram o Círculo.

Mesmo na escuridão, era possível ver a cor sumir da bochechas de Jace. “Mas isso é ridículo. Ele lutaram com Valentine...no navio...Robert quase morreu...”

“O Inquiridor quer acreditar que eles sacrificaram os outros Nephilim que lutaram no barco para preservar a ilusão de que eles estavam contra Valentine. Mas eles ainda perderam a Espada Mortal, e é isso que ele se preocupa. Olha, você tentou alertar a Clave, e eles não se importaram. Agora o Inquiridor está procurando alguém para culpar de tudo. Se ele puder marcar vocês como traidores, então ninguém vai culpar a Clave pelo que aconteceu, e ele será capaz de qualquer que seja a política que ele quer, sem oposição.”

Jace colocou o rosto em suas mãos, seus longos dedos puxando distraidamente seus cabelos. “Mas eu não posso simplesmente deixar você aqui. Se Clary descobrir...”

“Eu deveria saber que isso é o que te preocupava.” Simon sorriu asperamente. “Então não diga a ela. Ela está em Nova York de qualquer maneira, obrigado...” Simon se interrompeu, incapaz de dizer uma palavra. “Você estava certo,” ele disse ao invés. “eu estou feliz que ela não está aqui.”

Jace levantou sua cabeça de suas mãos. “O que?”

“A Clave é louca. Quem sabe o que eles iriam fazer com ela se eles soubessem o que ela pode fazer. Você estava certo,” Simon repetiu, e quando Jace nada disse em resposta, adicionou, “e você poderia muito bem aproveitar que eu disse isso para você. Eu provavelmente nunca direi isso novamente.”

Jace olhou para ele, seu rosto pálido, e Simon se lembrou com um desagradável impulso do modo que Jace tinha olhado sobre o navio, sangrento e morrendo sobre o piso de metal. Finalmente, Jace falou. “Então você está me dizendo que você planeja ficar aqui? Na prisão? Até quando?”

“Até que nós pensemos em uma idéia melhor,” Simon disse. “Mas há uma coisa.”

Jace levantou as sobrancelhas. “E o que é?”

“Sangue,” Simon disse. “O Inquiridor está tentado me matar de fome para eu falar. Eu já me sinto bastante fraco. Até amanhã eu estarei...bem, eu não sei como eu vou estar. Mas eu não vou dar o que ele quer. E eu não vou beber seu sangue de novo, ou de outra pessoa,” ele adicionou rapidamente, antes que Jace pudesse oferecer. “Sangue animal está bom.”

“Posso conseguir sangue para você,” Jace disse. Ele hesitou. “Você...disse ao Inquiridor que você bebeu meu sangue? Que eu salvei você?”

Simon agitou sua cabeça.

Os olhos de Jace brilharam com a luz refletida. “Por que não?”

“Eu suponho que eu deixaria você com mais problemas.”

“Olha vampiro,” Jace disse. “Proteja os Lightwoods se você quiser. Mas não me proteja.”

Simon levantou sua cabeça. “Por que não?”

“Eu acho,” Jace disse – e por um momento, enquanto ele olhava abaixo através das barras, Simon quase podia que ele estava lá fora, e Jace era o que estava dentro da cela – “que é por que eu não mereço.”

Clary acordou para um som como de granizo em um telhado de metal. Ela se sentou na cama, olhando ao redor instavelmente. O som veio novamente, um afiada pancada emanando da janela. Retirando seu cobertor com relutância, ela foi investigar.

Jogando a janela aberta em um sopro de ar que penetrou através de seu pijama com uma faca. Ela estremeceu e se inclinou sobre o peitoril. Alguém estava em pé no jardim embaixo, e por um momento, com um salto de seu coração, tudo o que ela viu era que a figura era alta e magra, com um masculinizado cabelo bagunçado. Então ele levantou seu rosto e ela viu que seu cabelo era escuro, não loiro, e ela notou que pela segunda vez, ela esperou por Jace e em vez disso, conseguiu Sebastian.

Ele estava segurando uma mão cheia de pedras. Ele sorriu quando ele viu ela botar sua cabeça para fora, e gesticulou para si mesmo e então para as grades das rosas. *Escale abaixo.*

Ele balançou sua cabeça e apontou em direção a frente da casa. *Me encontre na porta da frente.* Fechando a janela, ela se apressou escadas abaixo. Era tarde da manhã – a luz vazando através das janelas era forte e dourada, mas as luzes estavam todas apagadas e a casa estava quieta. *Amatis ainda deve estar dormindo*, ela pensou. Clary foi para a porta da frente, destrancou e a jogou aberta. Sebastian estava lá, em pé no degrau da frente, e mais uma vez ela tinha aquele sentimento, essa estranha explosão de reconhecimento, ainda que era mais fraco desta vez. Ela sorriu fracamente para ele. “Você jogou pedras na minha janela,” ela disse. “Eu pensei que pessoas só faziam isso em filmes.”

Ele sorriu. “Belo pijama. Te acordei?”

“Talvez.”

“Desculpe,” ele disse, apesar de ele não parecer arrependido. “Mas isso não podia esperar. Você deve querer correr lá em cima e se vestir, a propósito. Nós vamos passar o dia todo juntos.”

“Wow. Confiante você, não?” ela disse, mas então garotos que pareciam com Sebastian provavelmente não tinham razão de ser nada além de confiantes. Ela agitou sua cabeça. “Me desculpe, mas eu não posso. Eu não posso sair de casa. Não hoje.”

Uma leve linha de preocupação apareceu entre os olhos dele. “Você saiu de casa ontem.”

“Eu sei, mais isso foi antes....” Antes de Amatis fazer sentir com meio centímetro de altura. “Eu só não posso. E por favor, não tente discutir comigo sobre isso, ok?”

“Ok,” ele disse. “Eu não vou discutir. Mas pelo menos me deixe dizer a você o que eu vim te falar. Então, eu prometo, se você ainda quiser que eu vá, eu vou.”

“E o que é?”

Ele levantou seu rosto, e ela se perguntou como era possível que aqueles olhos pudessem brilhar como dourados. “Eu sei onde você pode encontrar Ragnor Fell.”

Clary levou menos de dez minutos para correr escadas acima, jogar suas roupas, rascunhar um rápido bilhete para Amatis e se reunir com Sebastian, que estava esperando por ela na ponta do canal. Ele sorriu enquanto ela corria para se encontrar com ele, sem ar, seu casaco verde flutuando sobre um braço. “Estou aqui.” ela disse, deslizando para uma parada. “Nós podemos ir agora?”

Sebastian insistiu em ajudar ela com o casaco. “Eu não pensei que alguém fosse me ajudar com um casaco antes,” Clary observou, libertando seu cabelo que tinha ficado preso debaixo de sua gola. “Bem, talvez garçons. Você já foi um garçom?”

“Não, mas eu fui educado por uma francesa,” Sebastian lembrou ela. “Isso envolve ainda mais um rigoroso curso de treinamento.”

Clary sorriu, a despeito de seu nervosismo. Sebastian eram bom em fazer ela sorrir, ela notou com um ligeiro senso de surpresa. Quase bom demais nisso. “Onde nós estamos indo?” ela perguntou abruptamente. “A casa de Fell é próxima daqui?”

“Ele mora fora da cidade, na verdade,” Sebastian disse, partindo em direção a ponte. Clary caiu no passo atrás dele.

“É uma longa caminhada longa?”

“Muito longa para caminhar. Nós vamos pegar uma carona.”

“Uma carona? De quem?” Ela parou de repente.” Sebastian, nós devemos ser cuidadosos. Nós não podemos confiar a ninguém a informação sobre o que nós estávamos fazendo....o que *eu estou* fazendo. É um segredo.”

Sebastian a observou com um olhos escuros pensativos. “Eu juro pelo Anjo que o amigo que vai nós levar numa carona não soltara palavra nenhuma sobre o que nós estamos fazendo.”

“Você tem certeza?”

Ragnor Fell, Clary pensou enquanto eles traçavam através das ruas lotadas. *Eu estou indo ver Ragnor Fell.* Uma selvagem excitação confrontou com o temor – Madeleine tinha feito ele parecer formidável. E se ele não tivesse paciência com ela, sem tempo? Se ela não pudesse fazê-lo acreditar que ela era quem ela dizia quem era? Se ele nem mesmo lembrasse de sua mãe? Não ajudava seus nervos que cada vez que ela passava por um homem loiro ou uma garota com um cabelo logo preto seu interior retesasse, quando ela pensava estar reconhecendo Jace ou Isabelle. Mas Isabelle provavelmente ignoraria ela, ela pensou tristemente, e Jace estava sem dúvida de volta aos Penhallows, se agarrando com sua nova namorada.

“Você está preocupado sobre estarmos sendo seguidos?” Sebastian perguntou enquanto eles viravam um lado da rua que dava para o centro da cidade, notando que no caminho ela se mantinha olhando em torno dela.

“Eu fico pensando que eu vejo as pessoas que eu conheço,” ela admitiu. “Jace ou os Lightwoods.”

“Não acho que Jace tenha saído da casa do Penhallows desde que eles chegaram aqui. Ele geralmente parece estar se escondendo em seu quarto. Ele machucou feio sua mão ontem também...”

“Machucou sua mão? Como?” Clary, se esquecendo de olhar para onde ela estava indo, tropeçou sobre uma pedra. A pista onde eles tinham estado caminhando de algum modo se tornou de pedra para cascalhos sem que ela percebesse “Ouch.”

“Aqui estamos,” Sebastian anunciou, parando em frente a uma alta cerca de madeira e arame. Não haviam nenhuma casa ao redor – eles tinham abruptamente deixado a área residencial para trás, e havia somente esta cerca de um lado e uma ladeira de cascalho levando em direção a floresta do outro.

Havia uma porta na cerca, mas ela estava trancada. De seu bolso Sebastian apresentou uma pesada chave de aço e abriu o portão. “Eu vou estar de volta com nossa carona.” Ele puxou o portão fechado atrás dele. Clary colocou seu olho na fresta. Através das lacunas ela podia vislumbrar o que parecia co uma baixa casa vermelha elevada de tábuas. Embora ela não parecesse realmente ter uma porta – ou janelas apropriadas...

O portão se abriu, e Sebastian reapareceu, sorrindo de orelha a orelha. Ele segurava uma guia em uma mão: marchando docilmente atrás dele estava um enorme cavalo cinza e branco com uma mancha como uma estrela em sua testa. “Um cavalo? Você tem um cavalo?” Clary olhava em assombro. “Quem tem um cavalo?”

Sebastian bateu no cavalo carinhosamente no ombro. “Muitas famílias de Caçadores de Sombras mantêm um cavalo nos estábulos aqui em Alicante. Se você notou, não há carros em Idris. Eles não funcionam bem com todas essas barreiras ao redor.” ele deu um tapinha no couro pálido da sela do cavalo, enfeitada com um brasão de braços que descrevia uma serpente de água subindo de um lago em uma série de anéis. O nome Verlac estava escrito abaixo em uma delicada escrita. “Vamos, suba.”

Clary se afastou. “Eu nunca montei em um cavalo antes.”

“Eu vou estar guiando Wayfarer,” Sebastian tranquilizou ela.” Você vai apenas se sentar em frente a mim.”

O cavalo relinchou suavemente. Ela tinha dentes enormes, Clary notou, nervosa; cada um do tamanho de um guarda-pastilhas\*. Ela imaginou aqueles dentes afundando dentro de sua perna e pensou em todas as garotas que ela tinha conhecido no ensino médio que tinham desejado pôneis para elas. Ela se perguntou se elas eram loucas. Seja corajosa., ela disse a si



mesma. Isso é o que sua mãe faria. Ela tomou um profundo fôlego. “Tudo bem. Vamos lá.”

\*N/T: Pez dispenser – ele é um guarda balas, geralmente personalizando, há quem colecionem eles.

A resolução de Clary de ser corajosa durou tão logo quanto levou para Sebastian – depois de ajudar ela na cela – impulsionar a si mesmo ao cavalo, atrás dela e fincar seus calcanhares. Wayfarer decolou como um tiro, esmagando a estrada de terra com uma força que enviou solavancos de choque acima de sua espinha. Ela agarrou o pedaço de sela que estava em frente a ela, suas unhas escavando forte o suficiente para deixar marcas no couro. A estrada que eles estavam era estreita enquanto eles conduziam para fora da cidade, e agora haviam margens de árvores grossas em cada lado deles, paredes de verde que bloqueavam qualquer visão mais ampla. Sebastian puxou para trás as rédeas, e o cavalo cessou seu galope frenético, o coração de Clary diminuindo junto com seu passo. Enquanto seu pânico diminuía, ela se tornou consciente de Sebastian atrás dela – segurando as rédeas em ambos os lados dela, seus braços fazendo um tipo de gaiola em torno dela que manteve ela se sentindo como se ela estivesse prestes a deslizar do cavalo. Ela estava subitamente muito consciente dele, não apenas pela força em seus braços que seguravam ela, mas que ela estava inclinada contra o peito dele, e de como ele cheirava, por alguma razão, a pimenta do reino. Não de um jeito ruim – ela era picante e agradável, muito diferente do cheiro de Jace de sabonete e a sol. Não que o sol tivesse um cheiro, realmente, mas se ele tivesse...

Ela apertou seus dentes. Ela estava aqui com Sebastian, a caminho para ver um poderoso bruxo, e mentalmente ela estava murmurando sobre a maneira que Jace cheirava. Ela forçou a si mesma a olhar ao redor. As margens verdes estavam diminuindo e agora ela podia ver um arrastar de mármore na zona rural do outro lado. Ela era bonita de uma maneira absoluta: um tapete de verde interrompido aqui e ali e por uma cicatriz de estrada cinza de pedra ou um despenhadeiro de rocha negra se elevando acima da grama. Grupos de delicadas flores brancas, as mesmas que ela tinha visto na necrópole com Luke, constelava as colinas como neve ocasional.

“Como você descobriu onde Ragnor Fell está?” ela perguntou enquanto Sebastian habilidosamente guiava o cavalo em torno de um sulco na estrada.

“Minha tia Élodie. Ela tem uma grande rede de informantes. Ela sabe tudo o que está acontecendo em Idris, embora ela nunca vir aqui. Ela odeia deixar o Instituto.”

“E você? Você vem muito aqui em Idris?”

“Realmente não. A última vez que eu estive aqui, eu tinha cinco anos de idade. Eu não vi meu tio e minha tia desde então, por isso eu estou feliz por estar aqui agora. Isso me dá uma chance de não ficar para trás. Além do mais, eu sinto falta de Idris quando eu não estou aqui. Não há nenhum lugar como ela. Ela é o lugar na Terra. Você vai começar a sentir ela, e então você vai sentir falta quando você não estiver aqui.”

“Eu sei que Jace sentia falta,” ela disse. “Mas eu pensei que era por que ele viveu aqui por anos. Ele foi criado aqui.”

“Na mansão dos Wayland,” Sebastian disse. “Não tão longe de onde estamos indo, na verdade.”

“Você parece que sabe tudo.”

“Não tudo,” Sebastian disse com um risada que Clary sentiu através de suas costas. “Yeah, Idris opera sua magia com todo mundo – mesmo aqueles como Jace que tem razão de odiar o lugar.

“Por que você disse isso?”

“Bem, ele foi criado por Valentine, não foi? E isso deve ter sido bastante terrível.”

“Eu não sei.” Clary hesitou. “A verdade é, ele tem sentimentos confusos sobre isso. Eu acho que Valentine foi um pai horrível de um maneira, mas de outra maneira há pequenas partes de bondade e amor que ele mostrava que era toda a bondade e amor que Jace conheceu. “Ela sentiu uma onda de tristeza enquanto ela falou. “Eu acho que ele lembrou de Valentine com muito carinho, por um longo tempo.”

“Eu não acredito que Valentine tenha mostrado a Jace bondade e amor. Valentine é um monstro.”

“Bem, sim, mas Jace é seu filho. E ele era só um garotinho. Eu acho que Valentine amou ele, do seu jeito...”

“Não.” A voz de Sebastian era afiada. “Eu temo que isso é impossível.”

Clary piscou e quase se virou para ver seu rosto, mas então pensou melhor. Todos os Caçadores de Sombras eram meio fora de si em relação a Valentine – ela pensou na Inquiridora e estremeceu interiormente – ela dificilmente podia culpar eles. “Você provavelmente está certo.”

“Aqui estamos.” Sebastian disse abruptamente – tão abruptamente que Clary se perguntou se ela realmente tinha ofendido ele de algum modo – e deslizou nas costas do cavalo. Mas quando ele olhou para ela, ele estava sorrindo. “Nós fizemos em bom tempo,” ele disse, amarrando as rédeas em um ramo mais baixo de uma árvore próxima. “Melhor do que eu pensei que nós faríamos.”

Ele indicou com um gesto que ela devia desmontar, e depois de um momento de hesitação Clary deslizou do cavalo para os braços dele. Ela agarrou ele enquanto ele segurava ela, suas pernas não estáveis depois da longa cavalgada. “Desculpe,” ela disse envergonhada. “Eu não queria ter agarrado você.”

“Eu não pediria desculpas por isso.” Sua respiração estava quente contra seu pescoço, e ela estremeceu. As mãos dele se demoraram por um momento maior nas costas dela antes de ele relutantemente deixar ela ir.

Tudo isso não estava ajudando as pernas de Clary se sentirem mais firmes. “Obrigada,” ela disse, sabendo muito bem que ela estava ruborizada, e desejou ardentemente que sua pele clara não mostrasse a cor tão facilmente. “Então, é isso?” Ela olhou ao redor. Eles estavam em pé em um pequeno vale entre colinas baixas. Havia um número de árvores parecendo retorcidas, alcançando em torno de uma clareira. Seus galhos torcidos tinha uma beleza escultural contra o céu azul de aço. Mas por outro lado... “Não há nada aqui,” ela disse com uma careta.

“Clay, Se concentre.”

“Você quer dizer...um glamour? Mas eu geralmente não tenho ....”

“Glamour em Idris são frequentemente mais fortes do que eles são em outro lugar. Você tem que tentar com mais força do que você geralmente faz.” Ele colocou suas mãos nos ombros dela e a virou gentilmente. “Olhe para a clareira.”

Clary silenciosamente executou o truque mental, que permitia a ela retirar o glamour de uma coisa que se disfarçava. Ela se imaginou friccionando terebintina sobre uma tela, descascando as camadas de pintura para revelar a verdadeira imagem por baixo – e lá estava, uma pequena casa de pedra com um telhado acentuadamente triangular, fumaça se contorcendo vinda da chaminé em um elegante cacheado. Um caminho sinuoso demarcado com pedras guiavam para a porta da frente. Enquanto ela olhava, a fumaça bafejada da chaminé parou de se enroscar acima e começou a tomar a forma de um ondulante e preto ponto de interrogação.

Sebastian riu. “Eu acho que isso significa, *quem está aí?*”

Clary puxou seu casaco para mais perto em torno dela. O vento soprado através do nível da grama não era rápido, mas apesar disso houve um enregelar nos ossos dela. “Isso parece algo saído de um conto de fadas.”

“Você está com frio?” Sebastian colocou um braço em torno dela. Imediatamente a fumaça enrolando-se da chaminé parou a formação dos pontos de interrogação e começou bafejando em forma de corações desequilibrados. Clary mergulhou para longe dele, sentindo ambos embaraçada e de algum modo culpada, como se ela tivesse feito algo errado. Ela se apressou em direção a passarela da casa, Sebastian logo atrás dela. Eles estavam a meio caminho da passagem em frente quando a porta voou aberta. Apesar de ter ficado obcecada em encontrar Ragnor Fell desde que Madeleine tinha dito a ela o nome dele, Clary nunca parou para imaginar com ele poderia se parecer. Um grande homem barbudo, ela teria pensado, se ela tivesse pensado sobre isso tudo. Alguém que parecia como um Viking, com grandes ombros largos.

Mas a pessoa que caminhou para fora da porta da frente era alta e magra, com um curto, cabelo escuro espetado. Ele estava usando um colete dourado e um par de calças de pijamas de seda. Ele observou Clary com moderado interesse, soprando gentilmente em um fantasticamente longo cachimbo como ele fazia. Embora ele nada parecesse como um Viking, ele era instantaneamente e totalmente familiar.

“Mas...” Clary olhou selvagememente para Sebastian que parecia tão atônito quanto ela estava. Ele estava olhando para Magnus com sua boca ligeiramente aberta, um olhar branco sobre sua face. Finalmente ele gaguejou, “Você é Ragnor Fell? O bruxo?”

Magnus tirou o cachimbo fora de sua boca. “Bem, eu sou certamente não o Ragnor Fell, o exótico dançarino.”

“Eu...” Sebastian parecia perdido nas palavras. Clary não tinha certeza do que ele tinha estado esperando, mas Magnus era muito para se considerar. “Nós estávamos esperando que você nos pudesse ajudar. Eu sou Sebastian Verlac, e esta é Clarissa Morgenstern – sua é Jocelyn Fairchild...”

“Eu não me importo quem a mãe dela é,” Magnus disse. “Você não pode me ver sem ter marcado. Voltem depois. Próximo março seria bom.”

“Março?” Sebastian pareceu horrorizado.

“Você está certo,” Magnus disse. “Chovendo muito. Que tal junho?”

Sebastian puxou a si mesmo ereto. “Eu não acho que você entenda o quanto isso é importante...”

“Sebastian, não se incomode,” Clary disse com desgosto. “Ele só está brincando com você. Ele não pode nos ajudar, de qualquer maneira.”

Sebastian só pareceu ainda mais confuso. “Mas eu não vejo o porquê ele não pode...”

“Tudo bem, isso é o suficiente,” Magnus disse, e estalou os dedos uma vez.

Sebastian congelou no lugar, sua boca ainda aberta, sua mão parcialmente estendida.

“Sebastian!” Clary o alcançou para tocar ele, mas ele estava tão rígido quanto uma estátua. Só o ligeiro levantar e cair de seu peito mostrava que ele estava ainda vivo. “Sebastian?” ela disse de novo, mas isso era inútil: Ela sabia que de algum modo ele não podia ver ou ouvir ela. Ela se virou para Magnus. “Eu não posso acreditar que você fez isso. Que diabos há de errado com você? O que quer que seja que tenha nesse cachimbo, derreteu o seu cérebro? Sebastian está do nosso lado.”

“Eu não tenho um lado, Clary querida,” Magnus disse com um aceno de seu cachimbo. “E realmente, é sua própria culpa que eu tenha congelado ele por um tempinho. Você estava terrivelmente próxima de dizer a ele que eu não sou Ragnor Fell.”

“Isso por que você *não* é Ragnor Fell.”

Magnus soprou uma corrente de fumaça de sua boca e contemplou ela pensativamente através da névoa. “Vamos lá,” ele disse. “Me deixe eu te mostrar algo.” Ele segurou a porta

da pequena casa aberta, gesticulando para ela entrar. Com um último e incrédulo olhar para Sebastian, Clary seguiu ele.

O interior do chalé era escuro. A fraca luz do dia jorrando através das janelas era suficiente para mostrar a Clary que eles estavam dentro de uma larga sala cercada de sombras escuras. Havia um estranho cheiro no ar, como de lixo queimando. Ela fez um fraco ruído de choque quando Magnus levantou sua mão e estalou seus dedos uma vez novamente. Um luz azul brilhante fluiu através das pontas de seus dedos. Clary arfou. A sala estava uma confusão de mobília esmagada em lascas, gavetas abertas e seus conteúdos espalhados. Páginas arrancadas de livros sendo levados pela corrente do ar como cinzas. Mesmo o vidro da janela estava estilhaçado.

“Eu recebi uma mensagem de Fell noite passada.” Magnus disse, “pedindo para encontrar ele aqui. Eu vim para cá – e encontrei isso. Tudo destruído, e o fedor de demônios em todo parte.”

“Demônios? Mas demônios não podem entrar em Idris...”

“Eu não disse que eles estavam. Eu só estou dizendo a você o que aconteceu.” Magnus falou sem mudar o tom. “O lugar fedia a alguma coisa de origem demoníaca. O corpo de Ragnor estava no chão. Ele não tinha sido morto quando eles deixaram ele, mas ele estava morto quando eu cheguei.” Ele se virou para ela. “quem sabia que você estava procurando por ele?”

“Madeleine,” Clary sussurrou. “Mas ela está morta. Sebastian, Jace e Simon. Os Lightwood...”

“Ah,” Magnus disse. “se os Lightwoods sabem, a Clave pode muito bem saber agora, e Valentine tem espiões na Clave.”

“Eu devia ter mantido segredo disso ao invés de ir perguntando a todo mundo sobre ele,” Clary disse em horror. “Isso é minha culpa. Eu deveria ter alertado Fell...”

“Posso apontar,” Magnus disse, “que você não poderia encontrar Fell, que é de fato o porquê você estava perguntando às pessoas sobre ele. Olha, Madeleine...e você...apenas pensaram em Fell como alguém que poderia ajudar sua mãe. Não alguém que Valentine poderia estar interessado em além disso. Mas há mais do que isso. Valentine pode não saber como acordar sua mãe, mas ele parece saber que o que ela colocou em si mesma neste estado, tinha uma ligação para algo que ele queria bastante. Um particular livro de magia.”

“Como você sabe tudo isso?” Clary perguntou.”

“Por que Ragnor me disse.”

.

“Mas...”

Magnus interrompeu ela com um gesto. “Bruxos tem seus meios de se comunicar uns com

os outros. Eles tem suas próprias linguagens.” Ele levantou uma mão e segurou uma chama azul. “Logotipos.”

Letra de fogo, cada uma com pelo menos 15 centímetros de altura, apareceram nas paredes como se gravadas na pedra com líquido dourado. As letras corriam ao redor das paredes, anunciando palavras que Clary não podia ler. Ela se virou para Magnus. “O que isso diz?”

“Ragnor fez isso quando ele soube que estava morrendo. Isso diz que qualquer bruxo virá após ele, do que aconteceu.” Enquanto Magnus se virava, o brilho das letras queimando iluminaram seus olhos de gato para dourado. “Ele foi atacado aqui por servos de Valentine. Eles queriam o Livro do Branco. Além do Livro Cinza, esse é um dos mais famosos volumes de trabalhos sobrenaturais já escrito. Tanto a receita da porção que Jocelyn tirou e a receita do antídoto para ele, estão contidas neste livro. ”

A boca de Clary caiu aberta.” portanto ele estava aqui?”

“Não. Ele pertencia a sua mãe. Tudo que Ragnor fez foi aconselhar ela onde esconder ele de Valentine.”

“Então é...”

“É na mansão dos Wayland. Os Wayland tinha sua casa muito perto de onde Jocelyn e Valentine moravam, eles eram seus vizinhos mais próximos. Ragnor sugeriu a sua mãe a esconder o livro em sua casa, onde Valentine nunca iria procurar por ele. Na biblioteca, na realidade.”

“Mas Valentine morou na mansão Wayland por muitos anos depois disso,” Clary protestou. “Ele não iria encontrá-lo?”

“Ele estava escondido dentro de outro livro. Um que Valentine provavelmente nunca abriu” Magnus disse sorrindo torto. “Receitas Simples para Donas de Casa. Ninguém pode dizer que sua mãe não tinha senso de humor.”

“Então você foi na mansão dos Wayland? Você procurou pelo livro?”

Magnus balançou sua cabeça.” Clary, há barreiras de desorientação sobre a mansão. Eles não só deixaram a Clave de fora, eles mantiverem qualquer um. Especialmente Downworlders. Talvez se eu tivesse tempo para trabalhar sobre elas, eu poderia quebrá-las, mas...”

“Então ninguém pode entrar na mansão?” O desespero arranhou o seu peito.”Isso é impossível?”

“Eu não disse ninguém,” Magnus disse. “Eu posso pensar em pelo menos uma pessoa que poderia quase que certamente entrar na mansão.”

“Você quer dizer Valentine?”



“Eu quero dizer,” Magnus disse,” o filho de Valentine.”

Clary balançou sua cabeça.” Jace não vai me ajudar, Magnus. Ele não me quer aqui. Na verdade, eu duvido que ele fale comigo de qualquer modo.”

Magnus olhou para ela meditativamente. “Eu acho,” ele disse,” que não há muito que Jace não faria por você, se você pedisse a ele.”

Clary abriu sua boca e então a fechou novamente. Ela pensou no modo que Magnus tinha sempre parecido saber como Alec se sentia sobre Jace, como Simon se sentia sobre ela. Os sentimentos dela por Jace deveria estar escritos em sua cara agora, e Magnus era um ótimo leitor. Ela olhou para longe. “Dizer que eu posso convencer Jace a vir para mansão comigo e pegar o livro,” ela disse, “e então o que? Eu não sei como lançar um feitiço, ou fazer um antídoto...”

Magnus aspirou. “Você acha que eu estaria dando todo esse conselho de graça? Uma vez que você pegue o Livro do Branco, eu quero que você traga ele direto para mim.”

“O livro? Você quer isso?”

“É um dos mais poderosos livros de magia do mundo. É claro que eu quero. Além do mais, ele pertence, por direito, as crianças de Lilith, não as de Raziel. É um livro bruxo e deverá estar em mãos bruxas.”

“Mas eu preciso dele...para curar minha mãe...”

“Você precisa de uma página fora dele, que você pode ter. O resto é meu. E em troca, quando você me trazer o livro, eu vou fazer o antídoto para você administrar ele em Jocelyn. Você não pode dizer que isso não é um acordo justo.” Ele segurou sua mão. “Aperta ela?”

Depois de um momento de hesitação Clary apertou. “É melhor eu não me arrepender disso.”

“Eu certamente espero que não,” Magnus disse, se virando alegremente para trás, em direção a porta da frente. Sobre as paredes – as letras de fogo já estavam se apagando. “Arrependimento é uma emoção tão inútil, você não concorda?”

O sol lá fora parecia especialmente brilhante depois da escuridão no chalé. Clary ficou piscando enquanto sua visão nadava dentro do foco: as montanhas a distância, Wayfarer contentemente mastigando grama, e Sebastian imóvel como uma estátua de jardim, uma mão ainda estendida. Ela se virou para Magnus. “Você poderia descongelar ele, por favor?”

Magnus parecia divertido. “Eu fiquei surpreso quando eu recebi a mensagem de Sebastian esta manhã,” ele disse. “Dizendo que ele estava fazendo um favor para você, não menos.. como você conseguiu terminar encontrando ele?”

“Ele é um primo de alguns amigos dos Lightwoods ou algo assim. Ele é legal, eu prometo.”

“Legal, bah. Ele é lindo.” Magnus olhou sonhadoramente na direção dele. “Você deveria deixar ele aqui. Eu poderia pendurar chapéus nele e coisas.”

“Não, você não pode ter ele.”

“Por que não? Você gosta dele?” Os olhos de Magnus cintilaram.” Ele parece gostar de você. Eu vi ele indo para seu lado como um esquilo mergulhando em um amendoim.”

“Por que nós não falamos sobre sua vida amorosa?” Clary reagiu. “E quanto a você e Alec?”

“Alec se recusa a reconhecer que nós temos um relacionamento, e eu me recuso a reconhecer ele. Ele me enviou uma mensagem de fogo me pedindo um favor outro dia. Ela estava endereçada para o 'Bruxo Bane', como se eu fosse um perfeito estranho. Ele ainda está vidrado em Jace, eu acho, embora *esse* relacionamento nunca vai dar em lugar nenhum. Um problema eu imagino que *você* não sabe nada sobre...”

“Ah, cala a boca.” Clary olhou para Magnus com desgosto. “Olha, se você não descongelar Sebastian, então eu nunca poderei sair daqui, e você nunca terá o Livro Branco.”

“Ah, tudo bem, tudo bem. Mas se eu pudesse fazer um pedido? Não diga a ele nada do que eu disse a você, amigo dos Lightwoods ou não.”

Magnus estalou seus dedos com petulância. O rosto de Sebastian voltou a vida, como um vídeo piscando de volta a ação depois de ter sido pausado .”...nos ajudar,” ele disse.” Este não é apenas um pequeno problema. Isso é vida ou morte.”

“Você Nephilim acha que todos os seus problemas são de vida ou morte,” Magnus disse. “Agora vá embora. Você está começando a me aborrecer.”

“Mas...”

“Vá,” Magnus disse, um perigoso tom em sua voz. Faíscas azuis piscaram das pontas de seus longos dedos, e havia um súbito cheiro acentuado no ar, como incêndio. Os olhos de gato de Magnus brilhavam. Apesar de que ela sabia que isso era uma atuação, Clary não podia evitar e se afastou. “Eu acho que nós devemos ir, Sebastian,” ela disse.

Os olhos de Sebastian se estreitaram. “Mas, Clary...”

“Estamos indo,” ela insistiu, e agarrando ele pelo braço, meio o arrastou em direção a Wayfare. Relutantemente ele seguiu ela, murmurando sob sua respiração. Com um suspiro de alívio Clary olhou de volta por sobre seu ombro. Magnus estava em pé na porta do chalé, seus braços cruzados sobre seu peito. Encontrando os olhos dela, ele sorriu e desceu um pálpebra em um único e cintilante piscar.

“Eu lamento, Clary.” Sebastian tinha uma mão sobre o ombro de Clary e outra em sua cintura enquanto ele a ajudava a subir às costas largas de Wayfare. Ela lutou com a vizinha

dentro de sua cabeça que a alertava a não subir no cavalo – ou nenhum cavalo – e deixar ele suspender ela. Ela colocou uma perna por cima e assentou na sela, dizendo para si mesma que ela estava balançando em um enorme sofá se movendo e não em uma criatura viva que poderia se virar e morder ela a qualquer momento.

“Desculpas sobre o que?” Ela perguntou enquanto ele subia atrás dela. Era quase chato como ele facilmente fazia isso – como se ele estivesse dançando – mas estimulante para se assistir. Ele claramente sabia o que ele estava fazendo, ela pensou enquanto ele alcançava em torno dela para pegar as rédeas. Ela supôs que era bom que um deles fosse.

“Sobre Ragnor Fell. Eu não esperava que ele não estivesse disposto a ajudar, Embora bruxos sejam caprichosos. Você conheceu um antes, não conheceu?”

“Eu conheci Magnus Bane.” Ela girou ao redor para olhar além de Sebastian para o chalé retrocedendo a distância atrás deles. A fumaça estava bafejando para fora da chaminé no formato de pequenas figuras dançando. Magnus dançando? Ela não podia dizer vendo dali. “Ele é o Alto Bruxo do Brooklyn.”

“Ele é como Fell?”

“Chocantemente iguais. Está tudo bem sobre Fell. Eu sabia que havia uma chance dele se recusar a nos ajudar.”

“Mas eu prometi te ajudar.” Sebastian soou genuinamente chateado. “Bem, pelo menos há algo mais que eu posso mostrar a você, portanto o dia não será uma completa perda de tempo.”

“O que é?” Ela girou ao redor de novo para olhar para ele. O sol estava alto no céu atrás dele, disparando margens em seus cabelos escuros com um tracejar de ouro.

Sebastian sorriu “Você vai ver.”

Enquanto sua montaria se afastava de Alicante, paredes de folhagem verde chicoteavam em ambos os lados, dando formatos cada vez mais frequentes de vistas improvavelmente bonitas: lagos azuis congelados, vales verdes, montanhas cinzas, fendas prateadas do rio e córregos ladeado por margens de flores. Clary se perguntou como seria viver em um lugar como este. Ela não podia se impedir de se sentir nervosa, quase exposta, sem o conforto dos prédios altos encerrando ela.

Não que de modo algum houvesse nenhum edifício. De vez em quando um teto de um largo edifício de pedra se elevava a vista acima das árvores. Estas eram mansões, Sebastian explicou (gritando em sua orelha): As casas de campo das abastadas famílias de Caçadores de Sombras. Elas lembravam a Clary as grande mansões antigas ao longo do rio Hudson, ao norte de Manhattan, onde os ricos novayorkinos tinham passado seus verões a centenas de anos atrás.

A estrada abaixo dele tinha se virado de cascalhos para terra. Clary foi sacudida de seu devaneio enquanto eles elevavam-se numa colina e Sebastian parou Wayfarer brevemente. "É isso," ele disse.

Clary olhou. "Isso" era uma carbonizada massa derrubada, pedras enegrecidas, reconhecida somente pelo contorno como de algo que tinha sido uma vez uma casa.: Havia uma oca chaminé, ainda apontando em direção ao céu, e um pedaço de parede com uma janela sem vidro escancarando no seu centro. Ervas daninhas subiam pelas fundações, verde entre o preto. "eu não entendo," ela disse. "Por que nós estamos aqui?"

"Você não sabe?" Sebastian perguntou. "Aqui foi onde sua mãe e seu pai moravam. Onde seu irmão nasceu. Esta era a mansão Fairchild."

Não pela primeira vez, Clary ouviu a voz de Hodge em sua cabeça. *Valentine fez um grande incêndio e queimou a si mesmo até a morte junto com sua família, sua esposa e seu filho. Chamuscou a terra negra. Ninguém vai construir nada lá. Eles dizem que o lugar está amaldiçoado.*

Sem nenhuma palavra ela deslizou das costas do cavalo. Ela ouviu Sebastian chamar por ela, mas ela já estava meio correndo, meio deslizando abaixo da baixa colina. O terreno nivelando onde a casa tinha estado em pé uma vez; pedras enegrecidas do que tinha sido um caminho de entrada descansavam secas e quebradas a seus pés. Entre as ervas daninhas ela podia ver um conjunto de escadas que terminavam abruptamente a poucos metros do chão.

"Clary..." Sebastian seguiu ela através da ervas daninhas, mas ela mal estava consciente de sua presença. Virando-se em um lento círculo, ela capturou tudo dentro. Árvores queimadas meio mortas. Que tinha provavelmente sido um campo ensombrecido, alongando-se a distância de uma colina inclinada. Ela podia ver o telhado do que era provavelmente outra mansão vizinha a distância, logo acima da linha das árvores. O sol levantava-se quebrando pedaços da janela de vidro na parede que ainda estava de pé. Ela andou dentro das ruínas sobre uma protuberância de pedras escurecidas. Ela podia ver o contorno das salas, de entradas – até mesmo um armário chamuscado, quase intacto, arremessado de um lado com pedaços quebrados de porcelana chinesa se derramando, misturado com a terra negra.

Um vez tinha sido uma casa de verdade, habitada por pessoas vivas. Sua mãe tinha vivido aqui, tinha se casado aqui, teve um bebê aqui. E então Valentine tinha chegado e tornou tudo isso em pó e cinzas, deixando Jocelyn pensando que seu filho estava morto, levando ela a esconder a verdade sobre o mundo de sua filha...Um sentimento de tristeza invadiu Clary. Mas de uma vida tinha sido destruída neste lugar. Ela colocou sua mão sobre seu rosto e estava quase surpresa de encontrá-lo úmido: Ela esteve chorando sem saber.

"Clary, me desculpe. Eu pensei que você iria querer ver isso." Era Sebastian, pisando em direção a ela através dos escombros, sua botas chutando baforadas de cinzas. Ele parecia preocupado.

Ela se virou para ele. "Eu quero. Eu queria. Obrigada."

O vento tinha se levantado. Ele soprou os fios do cabelo através do rosto dele. Ele deu um sorriso pesaroso. “Deve ser difícil pensar sobre tudo o que aconteceu neste lugar, sobre Valentine, sobre sua mãe.....ela teve uma coragem incrível.”

“Eu sei,” Clary disse. “Ela tinha. Ela tem.”

Ele tocou o rosto dela levemente. “Então você tem.”

“Sebastian, você não sabe nada sobre mim.”

“Isso não é verdade.” sua outra mão veio acima, e agora ele estava moldando o rosto dela. Seu toque era gentil, quase tímido. “Eu ouvi tudo sobre você, Clary. Sobre o modo que você lutou com seu pai pela Taça Mortal, o modo como você foi dentro daquele hotel infestado de vampiros, atrás de seu amigo. Isabelle me contou as histórias, e eu ouvi rumores também. E mesmo desde a primeira vez...a primeira vez que eu ouvi falar de seu nome...eu quis conhecer você. Eu sabia que você seria extraordinária.”

Ela riu instável. “Eu espero que você não esteja muito decepcionado.”

“Não,” ele respirou, deslizando as pontas de seus dedos em baixo de seu queixo. “De modo algum.” Ele levantou o rosto dela para o dele. Ela estava muito surpresa para se mover, até mesmo quando ele se inclinou em direção a ela e ela percebeu, muito atrasada, o que ele estava fazendo: Por reflexo ela fechou seus olhos enquanto os lábios dele tocavam suavemente sobre os dela, enviando arrepios através dela. Uma súbita lembrança feroz de ser abraçada e beijada de um modo que pudesse fazer ela esquecer de tudo mais que se agitava através dela. Ela colocou seu braços acima, torcendo eles em torno do pescoço dele, em parte para se firmar e em parte para puxar ele mais para perto. O cabelo dele fazia cócegas nas pontas de seus dedos, não sedoso como os de Jace, mas fino e suave, e *ela não deveria estar pensando em Jace*. Ela empurrou para trás os pensamentos sobre ele enquanto os dedos de Sebastian traçavam as suas bochechas e a linha de sua mandíbula. Seu toque era gentil, apesar dos calos nas pontas dos dedos dele. É claro, Jace tinha os mesmos calos da lutas; provavelmente todos os Caçadores de Sombras tinham...

Ela suprimiu o pensamento em Jace, ou tentou, mas isso não foi bom. Ele podia vê-lo mesmo com seus olhos fechados – ver o formato dos ângulos e planos de um rosto que nunca poderia ser propriamente desenhado, não importasse quanto a imagem dele tivesse sido gravada dentro de sua mente; ver os delicados ossos de suas mãos, a pele cicatrizada de seus ombros...

A feroz lembrança que tinha surgido nela, rapidamente recuou com um forte retrocesso que era como um elástico libertando-se. Ela ficou dormente, enquanto os lábios de Sebastian pressionavam abaixo os dela e suas mãos se moviam para tocar as costas de seu pescoço – ele ficou paralisada como um choque gelado de erro. Algo estava terrivelmente errado, algo ainda mais do que ela desejar desesperadamente alguém que ela nunca poderia ter. Isso foi algo mais: um súbito golpe de horror, como se ela tivesse dado um passo confiantemente a frente e de repente mergulhado em um vácuo negro. Ela arfou e se afastou de Sebastian com tal força que ela quase tropeçou. Se ele não tivesse estado abraçado a ela, ela teria caído. “Clary,” Os olhos deles estavam desfocados, suas bochechas enrubescidas com uma forte

cor. “Clary, qual o problema?”

“Nada,” Sua voz soou fina para seus próprios ouvidos. “Nada...é só , eu não deveria ter...eu não estou realmente pronta...”

“Nós estamos indo muito rápido? Nós podemos ir mais devagar...” Ele a alcançou, e antes que ela pudesse parar a si mesma, ela se esquivou. Ele pareceu arrasado. “Eu não vou te machucar, Clary.”

“Eu sei.”

“Algo aconteceu?” Sua mão se levantou, jogando o cabelo dela para trás, ela afastou a vontade de se puxar para longe. “Jace...”

“Jace?” ele sabia que ela estava pensando em Jace, ele tinha sido capaz de dizer? E ao mesmo tempo... “Jace é meu *irmão*. Por que você trouxe ele á tona? O que você quer dizer?”

“Eu só pensei...” Ele balançou sua cabeça, dor e confusão gravadas uma e outra através de suas feições. “Que talvez alguém tivesse machucado você.”

As mãos dele ainda estavam em sua bochecha, ela as alcançou e gentilmente, mas firmemente as retirou, retornando elas para o lado dele. “Não. Nada disso. Eu só...” Ela hesitou. “Isso parece errado.”

“Errado?” A dor no rosto dele desapareceu, substituída pela descrença. “Clary, nós temos uma ligação. Você sabe que nós temos. Desde o primeiro segundo que eu vi você...”

“Sebastian, não...”

“Eu senti você como alguém que eu estivesse estado sempre esperando. Eu vi que você se sentiu assim também. Não me diga que você não sentiu.”

Mas isso não tinha sido o que ela sentiu. Ela se sentiu como se ela andasse em torno de uma esquina em uma cidade estranha e de repente visse uma construção se agigantando a sua frente. Um surpreendente e quase não inteiramente agradável reconhecimento: *Como pode isso estar aqui?*

“Eu não,” ela disse.

A raiva que subiu nos olhos dele subitamente, escuros e descontrolados – tomou ela de surpresa. Ele agarrou o seu pulso em um doloroso aperto. “Isso não é verdade.”

Ela tentou se puxar. “Sebastian...”

“Isso não é verdade.” A escuridão nos olhos dele parecia ter engolido suas pupilas. Seu rosto era uma máscara branca, dura e rígida.



“Sebastian,” ela disse tão calmamente quanto ela podia.” Você está me machucando.”

Ele soltou ela. Seu peito estava subindo e descendo rapidamente. “Me desculpe,” ele disse. “Me desculpe. Eu pensei...”

*Bem, você pensou errado*, Clary quis dizer, mas ela guardou suas palavras. Ela não queria ver aquele olhar no rosto dele de novo.” Nós devemos voltar.” ela disse em seu lugar. “Vai estar escuro em breve.”

Ele acenou entorpecidamente, parecendo tão chocado por seu ataque quanto ela estava. Ele se virou e se guiou em direção a Wayfare, que estava pastando grama em uma longa sombra da árvore. Clary hesitou por um momento, então seguiu ele – não parecia haver nada que ela pudesse fazer. Ela olhou abaixo discretamente para seu pulsos enquanto ela seguia atrás dele – eles estavam anelados em vermelho onde os dedos dele tinham agarrado ela, e mais estranhamente, as pontas dos dedos dela estavam manchadas de preto, como se ela tivesse de algum modo manchado eles em tinta. Sebastian ficou em silêncio enquanto ele ajudava ela a subir nas costas de Wayfarer. “ Me desculpe se eu relembrei algo sobre Jace, “ ele disse finalmente enquanto ela se arrumava na sela. “ Ele nunca faria nada para machucar você. Eu sei que é por sua causa que ele esteve visitando aquele vampiro prisioneiro no Gard...”

Era como se tudo no mundo fundasse em uma súbita parada. Ela podia ouvir sua própria respiração silvando para dentro e para fora em seus ouvidos, ela viu suas mãos, congeladas como as mãos de uma estátua, ainda descansando contra o cabeçote da sela. “Um vampiro prisioneiro?” ela sussurrou.

Sebastian virou um rosto surpreso para o dela. “Sim,” ele disse, “Simon, aquele vampiro que eles trouxeram com eles de Nova York. Eu pensei...quero dizer, eu tinha certeza que você sabia disso tudo. Jace não te disse?”

## 8 – Um dos vivos

Simon acordou para a luz cintilando brilhantemente em um objeto que tinha sido enfiado através das barras de sua janela. Ele ficou em seus pés, seu corpo doendo com a fome, e ele viu que aquilo era um frasco de metal, de cerca do tamanho de um garrafa térmica. Um pedaço enrolado de bilhete tinha sido amarrado em torno do pescoço. Arrancando ela para baixo, Simon desenrolou o papel e leu:

*Simon: Isso é sangue de vaca fresco, vindo de um açougue. Eu espero que isso seja bom. Jace me falou o que você disse, e eu espero que você saiba que eu acho você realmente corajoso. Agente aí e nós vamos descobrir um jeito de tirar você.*  
*XOXOXOXOXOX Isabelle*

Simon sorriu para os rabiscados Xs e Os que corriam ao longo da parte inferior da página. É bom saber que a afeição extravagante de Isabelle não havia sofrido sob as atuais circunstâncias. Ele desatarraxou a ponta do frasco e engoliu vários goles grandes antes de uma acentuada sensação picando entre suas omoplatas fazerem ele se virar ao redor. Raphael em pé calmamente no centro do quarto. Ele tinha suas mãos entrelaçadas atrás de suas costas, seus frágeis ombros imóveis. Ele estava usando uma fortemente apertada camisa branca e uma jaqueta escura. Uma corrente de ouro brilhava em sua garganta.

Simon quase engasgou o sangue que ele estava bebendo. Ele engoliu duro, ainda olhando. “Você...você não pode estar aqui.”

O sorriso que Raphael dava a impressão que suas presas estavam se mostrando, embora elas não estivessem. “Não entre em pânico, Daylighter.”

“Eu não estou em pânico.” Isso não era estritamente a verdade. Simon sentia como se ele tivesse engolido algo picante. Ele não tinha visto Raphael desde a noite que ele tinha arranhando, sangrando e machucado, saído de uma sepultura cavada apressadamente no Queens. Ele ainda se lembrava de Raphael jogando pacotes de sangue animal para ele, e o modo que ele tinha rasgado eles com seus dentes como se ele fosse um animal. Ele nunca tinha estado tão feliz em ver o garoto vampiro novamente. “O sol ainda está alto. Como você está aqui?”

“Eu não estou,” A voz de Raphael era suave como manteiga. “Eu sou uma projeção. Olhe.” ele agitou sua mão, passando ela através da parede de pedra ao lado dele. “Eu sou como fumaça. Eu não posso machucar você. É claro, nem você pode me machucar.

“Eu não quero machucar você. “Simon colocou o frasco abaixo no beliche. “Eu quero saber o que você está fazendo aqui.”

“Você deixou Nova York muito subitamente, Daylighter. Você percebeu que você supostamente informa ao vampiro líder da sua área local quando você está deixando a cidade, não é?”

“Vampiro líder? Quer dizer você? Eu pensei que o vampiro líder era alguém mais...”

“Camille ainda não retornou para nós,” Raphael disse, sem nenhuma emoção aparente. “Eu lidero em seu lugar. Você saberia de tudo isso se você se incomoda-se em se familiarizar com as leis de nossa espécie.”

“Minha saída de Nova York não foi exatamente planejada com antecedência. E sem ofensa, mas eu não penso em você como da minha espécie.”

“Dios.” Raphael baixou seus olhos, como se escondendo o divertimento. “Você é teimoso.”

“Como você pode dizer isso?”

“Parece óbvio, não é?”

“Eu quero dizer...” A garganta de Simon se fechou. “Aquela palavra. Você pode dizer ela, e eu não posso...” Deus.

Os olhos de Raphael piscaram acima; ele não pareceu divertido. “Anos,” ele disse. “E prática. E fé, ou sua perda...elas são de alguns modos a mesma coisa. Você irá aprender, ao logo do tempo, novatinho.”

“Não me chame disso.”

“Mas isso é o que você é. Você é uma Criança da Noite. Não é por isso que Valentine capturou você e pegou o seu sangue? Por causa do que você é?”

“Você parece muito bem informado,” Simon disse. “Talvez você devesse me dizer.”

Os olhos e Raphael se estreitaram. “Eu ouvi também um rumor que você bebeu o sangue de um Caçador de Sombras e isso é o que deu a você o seu dom, sua habilidade de andar durante o dia. Isso é verdade?”

O cabelo de Simon arrepiou. “Isso é ridículo. Se o sangue de Caçador de Sombras pudesse dar aos vampiros a habilidade de andar de dia, todos saberiam disso agora. O sangue Nephilim seria um troféu. E nunca haveria paz entre vampiros e Caçadores de Sombras depois disso. Então é uma coisa boa que isso não seja verdade.”

Um débil sorriso virou os cantos da boca de Raphael. “Verdade. Falando em troféus, você percebeu, não é, Daylighter, que você é uma mercadoria valiosa agora? Não há um Downworlder sobre esta terra que não queria colocar suas mãos em você.”

“Isso inclui você?”

“É claro que sim.”

“E o que você faria se você colocasse as mãos em mim?”

Raphael encolheu seus ombros finos. “Talvez eu estou sozinho pensando que a habilidade de andar durante o dia pode não ser um tipo de dom que os outros vampiros acreditem. Nós somos as Crianças da Noite por uma razão. É possível que eu considere você tal como uma abominação, como a humanidade me considera.”

“Você?”

“É possível.” A expressão de Raphael era neutra. “Eu acho que você é um perigo para todos nós. Uma perigo para a espécie vampira, se você é. E você não pode ficar nesta cela para sempre, Daylighter. Eventualmente você terá que sair e enfrentar o mundo novamente. Me enfrentar novamente. Mas eu posso dizer a você uma coisa. Eu vou jurar não fazer nenhum mal, e não tentar encontrar você, se você em troca jurar se esconder, uma vez que Aldertree o liberte. Se você jurar ir para tão longe que ninguém irá encontrar você, e nunca novamente entrar em contato com quem quer que você tenha conhecido em sua vida mortal. Eu não posso ser mais justo do que isso.”

Mas Simon já estava balançando sua cabeça. “Eu não posso deixar minha família. Ou Clary.”

Raphael fez um ruído irritado. “Eles deixaram de ser parte de quem você é. Você é um vampiro agora.”

“Mas eu não quero ser,” Simon disse.

“Olhe só para você, reclamando,” Raphael disse. “você nunca vai ficar doente, nunca vai morrer, e será forte e jovem para sempre. Você nunca irá envelhecer. O que você tem para reclamar?”

*Jovem para sempre*, Simon pensou, Isso soava bom, mas alguém realmente quer ter dezesseis para sempre? Seria uma coisa ser congelado para sempre aos vinte cinco, mas aos dezesseis? Ser sempre este vara-pau, nunca realmente crescer em si mesmo, seu rosto ou seu corpo? Sem mencionar que, parecendo assim, ele nunca seria capaz de entrar em um bar e pedir uma bebida. Nunca. Pela eternidade.

“E,” Raphael adicionou, “você não tem que desistir do sol.”

Simon não tinha o desejo de ir por este caminho de novo. “Eu ouvi de outros falando sobre você no Dumort,” ele disse. “Eu sei que você põe um crucifixo todos domingos e vai ver sua família. Eu aposto que eles nem sequer sabem que você é um vampiro. Então me diga para deixar ninguém em minha vida para trás. Eu não vou fazer isso, e eu não vou mentir e dizer que eu vou.”

Os olhos de Raphael cintilaram. “O que minha família acredita, não importa. É o que eu acredito. O que eu sei. Um verdadeiro vampiro sabe que ele está morto. Ele aceita sua morte. Mas você, você pensa que você é um dos vivos. E é isso que faz de você tão perigoso. Você não pode reconhecer que você não está mais vivo.”

Era o crepúsculo quando Clary fechou a porta da casa de Amatis atrás dela e aferrolhou a casa. Ela se inclinou contra a porta por um longo momento na entrada ensombrecida, seus olhos semicerrados. Exaustão pesando em cada um de seus membros, e suas pernas doendo dolorosamente.

“Clary?” A voz insistente de Amatis cortou através do silêncio. “É você?”

Clary ficou onde ela estava, à revelia na calmanete escuridão atrás de seus olhos fechados. Ela queria tanto estar em casa, ele quase podia sentir o sabor do ar metálico das ruas do Brooklyn. Ela podia ver sua mãe sentada em sua cadeira perto da janela, empoeirada, a luz pálida amarela fluindo adentro através das janelas abertas do apartamento, iluminado suas telas enquanto ele pintava. Saudades de casa girou em seus intestinos com dor.

“Clary.” A voz veio de mais perto desta vez. Os olhos de Clary rebateram abertos. Amatis estava em pé em frente a ela, seus cabelos cinza puxado severamente para trás, suas mãos em seus quadris. “Seu irmão está aqui para ver você. Ele está esperando na cozinha.”

“Jace está aqui?” Clay lutou para manter sua raiva e espanto fora de seu rosto. Não havia nenhum ponto em mostrar o quanto furiosa ela estava na frente da irmã de Luke.

Amatis olhava para ela curiosamente. “Eu não devia ter deixado ele entrar? Eu pensei que você quisesse ver ele.”

“Não, está tudo bem,” Clary disse, mantendo seu tom com alguma dificuldade. “Eu só estou cansada.”

“Huh.” Amatis parecia como se ela não tivesse acreditado. “Bem, eu vou estar lá em cima se você precisar de mim. Eu preciso de um cochilo.”

Clary não podia imaginar o que ela queria de Amatis, mas ela acenou e avançou com dificuldade do corredor para a cozinha, que estava inundada de luz brilhante. Havia um prato de frutas na mesa – laranjas, maçãs e pêras – e um filão de pão espesso ao longo, com manteiga e queijo, e um prato ao lado dele do que parecia com....biscoitos? Amatis tinha realmente feito biscoitos?

À mesa sentava-se Jace. Ele estava inclinado em seus cotovelos, seu cabelo dourado desarrumado, sua camiseta ligeiramente aberta no pescoço. Ela podia ver as espessas faixas das marcas negras traçando sua clavícula. Ele segurava um biscoito em sua mão enfaixada. Então Sebastian estava certo, ele tinha se machucado. Não que ela se importasse. “Bom,” ele disse. “Você está de volta. Eu estava começando a pensar que você caiu dentro de um canal.”

Clary apenas o encarou, sem palavras. Ela se perguntou se ele podia ler a raiva nos olhos dela. Ele se inclinou para trás na cadeira, jogando um braço casualmente sobre as costas dela. Se não tivesse sido pelo rápido pulso na base da garganta dele, ela poderia quase ter acreditado no ar dele de indiferença. “Você parece exausta,” ele adicionou. “Onde você

estive o dia todo?

“Eu estava com Sebastian.”

“Sebastian?” seu olhar de absoluto espanto foi momentaneamente gratificante.

“Ele me trouxe até em casa noite passada,” Clary disse, e em sua mente as palavras *Eu vou apenas ser seu irmão daqui para frente, apenas seu irmão*, batiam como o ritmo de um coração danificado. “E até agora, ele é a única pessoa nesta cidade que parece remotamente legal comigo. Então sim, eu estava fora com Sebastian.”

“Estou vendo.” Jace colocou seu biscoito de volta ao prato, seu rosto branco. “Clary, eu vim aqui para me desculpar. Eu não deveria ter falado com você do modo que eu fiz.”

“Não,” Clary disse. “Você não deveria.”

“Eu também vim para perguntar se você reconsideraria voltar para Nova York.”

“Deus,” Clary disse. “Isso de novo...”

“ Não é seguro para você aqui.”

“O que está preocupando você? Ela perguntou sem tom. “Que eles me joguem na prisão como eles fizeram com Simon?”

A expressão de Jace não mudou, mas ele se movimentou em sua cadeira, as pernas da frente se levantando do chão, quase como se ela tivesse impulsionado ele. “Simon...”

“Sebastian me contou o que aconteceu com ele,” ela continuou na mesma voz plana. “O que você fez. Como você trouxe ele aqui e deixou ele ser jogado na cadeia. Você está tentando me fazer te odiar?”

“E você acredita em Sebastian?” Jace perguntou. “Você mal conhece ele, Clary.”

Ela encarou ele. “Isso não é verdade?”

Ele encontrou seu olhar, mas o rosto dele continuava o mesmo, como o rosto de Sebastian quando ela o empurrou para longe. “É verdade.”

Ela agarrou um prato para fora da mesa e o jogou nele. Ele abaixou, enviando a cadeira girada, e o prato bateu na parede acima da pia e quebrou em uma explosão de porcelana quebrada. Ele saltou da cadeira enquanto ela pegava outro prato e jogava ele, seu objetivo fora do controle: Este saltando a geladeira e batendo no chão aos pés de Jace onde ele partiu em dois pedaços. “Como você pôde? Simon confiava em você. Onde ele está agora? O que eles vão fazer com ele?”

“Nada,” Jace disse. “Ele está bem. Eu o vi noite passada...”



“Antes ou depois de que vi você? Antes ou depois que você fingiu que estava tudo bem e você estava bem?”

“Você foi embora pensando que eu estava bem?” Ele abafou alguma coisa quase como uma risada. “Eu devo ser melhor ator do que eu pensava. “ Havia um sorriso torto em seu rosto. Isso foi um fósforo para inflamar a raiva de Clary: Como ele *ousa* rir dela agora? Ela pegou a fruteira, mas de repente não parecia ser o suficiente. Ela chutou sua cadeira do caminho e se jogou nele, sabendo que isso seria a última coisa que ele esperaria dela.

A força do súbito ataque pegou ele fora de guarda. Ela bateu nele e ele tropeçou para trás, batendo duramente contra a ponta do balcão. Ela quase caiu em cima dele, ouvindo ele arfar, e jogou para trás seu braço cegamente, nem mesmo sabendo o que ela pretendia fazer – ela tinha se esquecido do quão rápido ele era. Seu punho bateu não em seu rosto, mas em sua mão levantada; ele envolveu seus dedos ao redor dos dela, forçando o braço dela de volta para seu lado. Ela estava subitamente consciente do quão perto eles estavam de pé, ela estava inclinada contra ele, pressionando ele contra o balcão com o leve peso de seu corpo. “Solte a minha mão.”

“Você realmente vai me bater se eu fizer?” Sua voz era rouca e suave, seus olhos em chamas. “Você acha que eu mereço isso?”

Ela sentiu o subir e descer do peito dele contra ela enquanto ele ria sem divertimento. “Você acha que eu planejei tudo isso? Você realmente acha que eu faria tudo isso?”

“Bem, você não gosta de Simon, não é? Talvez você nunca gostou.”

Jace fez um duro e incrédulo som e soltou a mão dela. Quando Clary se afastou, ele segurou seu braço direito, a palma para cima. Levou um momento para ela perceber o que ele estava mostrando para ela: a cicatriz irregular ao longo de seu pulso. “Isso,” ele disse, sua voz tão tensa quanto um fio, “é onde eu cortei meu pulso para deixar o seu amigo vampiro beber meu sangue. Isso quase me matou. E agora você acha, o quê, que eu simplesmente abandonei ele sem consideração?”

Ela olhou para a cicatriz no pulso de Jace – uma de tantas que ele tinha sobre seu corpo, cicatrizes de todas as formas e tamanhos. “Sebastian me disse que você trouxe Simon aqui, e então Alec levou ele para o Gard. Deixou a Clave com ele. Você devia saber...”

“Eu trouxe ele aqui por acidente. Eu pedi a ele para ir ao Instituto para que eu pudesse falar com ele. Sobre você, na verdade. Eu pensei que talvez ele pudesse convencer você de largar da idéia de vir para Idris. Se é de algum consolo, ele sequer considerou isso. Enquanto ele estava lá, nós fomos atacados por Esquecidos. Eu tinha que arrastá-lo pelo Portal comigo. Era isso ou deixar ele lá para morrer.”

“Mas por que você trouxe ele para a Clave. Você devia saber...”

“A razão de nós enviarmos ele era por que o único Portal em Idris é no Gard. Ele nos

disseram que eles estariam enviando ele de volta para Nova York.”

“E você *acreditou* neles? Depois do que aconteceu com a Inquiridora?”

“Clary, a Inquiridora era uma anormalidade. Esta pode ter sido sua primeira experiência com a Clave, mas não é a minha – a Clave somos *nós*. Os Nephilim. Eles obedecem pela Lei.”

‘Exceto que eles não fazem.’

“Não.” Jace disse. “Eles não.” Ele soou muito cansado. “e a pior parte disso tudo,” ele adicionou. “é lembrar que Valentine fala mal sobre a Clave, como ela é corrupta, como ela precisa ser purificada. E pelo Anjo se eu não concordo com ele.”

Clary estava em silêncio, primeiro porque ela não podia pensar em nada para se dizer, e então em espanto enquanto ele se aproximava –quase como se ele não estivesse pensando sobre o que ele estava fazendo - e puxou ela em direção a ele. Para surpresa dela, ela deixou. Através do material branco da camisa dele ela podia ver os contornos da Marcas, pretas e circulares, golpeando através da pele dele como lambidas de chamas. Ela queria inclinar sua cabeça contra a dele, queria sentir os braços dele em torno dela, do modo que ela tinha desejado o ar quando ela estava se afogando no Lago Lyn.

“Ele pode estar certo de que as coisas precisam ser concertadas,” ela disse finalmente.” Mas ele não está certo sobre o modo que eles devem ser concertados. Você pode ver isso, não pode?”

Ele semicerrou seus olhos. Havia sombras crescentes cinzas abaixo deles, ela viu, os restos de noites de insônia. “Eu não tenho certeza que eu posso ver qualquer coisa. Você está certa em estar zangada, Clary. Eu não deveria ter confiado na Clave. Eu queria tanto acreditar que a Inquiridora era uma anormalidade, que ela estava agindo sem a autoridade deles, que havia ainda uma parte de ser um Caçador de Sombras que eu podia confiar.”

“Jace,” ela sussurrou.

Ele abriu seus olhos e olhou abaixo para ela. Ela e Jace estavam em pé próximos o suficiente, ela notou, que eles estavam tocando tudo, acima e abaixo de seus corpos; mesmo seus joelhos estavam se tocando, e ela podia sentir o batimento cardíaco dele, *Afastese dele*, ela disse para si mesma, mas suas pernas não podiam obedecer.

“O que é ?” ele disse, sua voz muito suave.

“Eu quero ver Simon,” ela disse. “Você pode me levar para ver ele?”

Tão abruptamente quanto ele tinha segurado ela, ele deixou ela ir. “Não. Você nem mesmo era para estar em Idris. Você não pode ir se movendo pelo Gard.”

“Mas ele vai pensar que todo mundo abandonou ele. Ele vai pensar...”

“Eu fui vê-lo,” Jace disse.”Eu estava indo para soltá-lo. Eu estava indo para arrancar as barras da janela com minhas mãos.” Sua voz era sem emoção. “Mas ele não me deixou.”

“Ele não o deixou? Ele queria ficar na cadeia?”

“Ele disse que o Inquiridor estava farejando ao redor de minha família, atrás de mim. Aldertree deseja culpar o que aconteceu em Nova York, conosco. Ele não pode agarrar um de nós e nos torturar – a Clave faria cara feia para isso - mas ele está tentando conseguir que Simon diga alguma história onde nós todos estamos em sociedade com Valentine. Simon disse que se eu fizesse isso, isso seria pior para os Lightwoods.”

“Isso é muito nobre dele e tudo mais, mas o que é seu plano a longo prazo? Ficar na prisão para sempre?”

Jace deu de ombros. “Nós não tínhamos exatamente trabalhado nisso.”

Clary soprou uma respiração exasperada. “Garotos,” ela disse. “Tudo bem, olhe. O que você precisa é de um alibi. Nós temos que fazer a certeza de que você está em um lugar que todos possam ver você, e os Lightwoods estão também, e então nós conseguimos que Magnus tire Simon da prisão e leve ele de volta a Nova York.”

“Eu odeio ter que dizer isso, Clary, mas não tem como Magnus fazer isso. Eu não me importo do quão bonitinho ele ache que Alec é, ele não vai ir diretamente contra a Clave como um favor para nós.”

“Ele poderia.” Clary disse, “ pelo Livro Branco.”

Jace piscou. “O que?”

Rapidamente Clary disse a ele sobre a morte de Ragnor Fell, sobre Magnus aparecendo no lugar de Fell e sobre o livro de magia. Jace escutou com uma atenção impressionada até que ela terminasse.

“Demônios?” ele disse. “Magnus disse que Fell foi morto por demônios?”

Clary colocou sua mente de volta. “Não...ele disse que o lugar fedia por algo de origem demoníaca. E que Fell foi morto pelos 'servos de Valentine'. Isso foi tudo o que ele disse.”

“Algumas magias negras deixam uma aura que fedem como demônios,” Jace disse. “Se Magnus não foi específico, foi provavelmente por ele não está muito satisfeito de que há um bruxo aí fora praticando magia negra, quebrando a Lei. Mas isto dificilmente é a primeira vez que Valentine consegue que uma das Crianças de Lilith faça suas ordens nojentas. Se lembra da garoto bruxo que ele matou em Nova York?”

“Valentine usou o sangue dele para o ritual. Eu me lembro.” Clary estremeceu. “Jace, Valentine quer o Livro pela mesma razão que eu quero? Para acordar minha mãe?”

“Ele pode. Ou se o que Magnus disse que é, Valentine poderia apenas querer ele pelo poder que ele pode ganhar vindo dele. De qualquer modo, é melhor nós conseguirmos ele antes que ele o faça.”

“Você acha que há alguma chance dele estar na Mansão Wayland?”

“Eu sei que está lá,” ele disse, para sua surpresa. “Este livro de receitas? Receitas para Donas de Casa ou tanto faz? Eu o vi antes. Na biblioteca da mansão. Era o único livro de receitas lá.”

Clary se sentiu tonta. Ela quase tinha deixado ela mesma de acreditar que isso podia ser verdade. “Jace...se você me levar para a mansão, e nós conseguirmos o livro, eu vou para casa com Simon. Faça isso por mim e eu irei para Nova York, e eu não voltarei, eu juro.”

“Magnus estava certo – há barreiras de desorientação para a mansão,” ele disse lentamente. “Eu vou te levar lá, mas isso não é perto. Andando, isso poderia nos levar cinco horas.”

Clary alcançou e puxou a estela dele fora da presilha em seu cinto. Ela segurou ela acima entre eles, onde ela brilhou com uma tênue luz branca não o contrário da luz das torres de vidro. “Quem disse alguma coisa sobre ir andando?”

“Você recebe estranhos visitantes, Daylighter,” Samuel disse. “Primeiro Jonathan Morgenstern, e agora o vampiro líder da cidade de Nova York. Eu estou impressionado.”

*Jonathan Morgenstern?* Levou um momento para perceber que isso era, é claro, Jace. Ele estava sentado no chão no centro do quarto, virando o frasco vazio em suas mãos repetidas vezes vagarosamente. “Eu suponho que sou mais importante do que eu imaginava.”

“E Isabelle Lightwood trazendo para você sangue,” Samuel disse. “Isso é perfeitamente um serviço de entrega.”

A cabeça de Simon se levantou. “Como você sabe que Isabelle trouxe ele? Eu não disse nada...”

“Eu a vi através da janela. Ela se parece com sua mãe,” Samuel disse, “pelo menos, o modo que sua mãe parecia anos atrás.” Houve uma pausa embaraçosa. “Você sabe que o sangue é só um tapa-buraco,” ele adicionou. “Muito em breve o Inquiridor vai começar a imaginar se você vai morrer de fome. Se ele achar você perfeitamente saudável, ele vai calcular algo e matar você de qualquer jeito.”

Simon olhou acima para o teto. As runas esculpidas no interior da pedra que cobria uma e outra como areia áspera sobre uma praia. “Eu acho que eu terei que acreditar em Jace quando ele disse que eles vão achar um modo de me libertar,” ele disse. Quando Samuel não disse nada em retorno, ele adicionou, “Eu vou pedir para ele tirar você também, eu prometo. Eu não irei deixar você aqui embaixo.”

Samuel fez um ruído sufocado, como uma risada que não podia muito sair de sua garganta.” Ah, eu não acho que Jace Morgenstern vai querer me resgatar,” ele disse. “Além disso, morrer de fome aqui é o menor de seus problemas, Daylighter. Em breve o suficiente Valentine irá atacar a cidade, e então nós provavelmente seremos mortos.”

Simon piscou. “Como você pode ter tanta certeza?”

“Eu era próximo a ele em um ponto. Eu sabia seus planos. Seus objetivos. Ele tenciona destruir as barreiras de Alicante e atingir a Clave no coração de seu poder.”

“Mas eu pensei que nenhum demônio poderia passar as barreiras. Eu pensei que elas eram impenetráveis.”

“É o que se diz. Isso exige sangue de demônio para trazer as barreiras abaixo, você vê, e isso só pode ser feito dentro de Alicante. Mas por que nenhum demônio pode conseguir atravessar as barreiras, bem, isso é um perfeito paradoxo, ou deveria ser. Mas Valentine alega que ele encontrou uma maneira de rodear isso, um modo de romper através. E eu acredito nele. Ele vai encontrar um modo de trazer as barreiras abaixo, e ele virá para dentro da cidade com seu exército demônio, e ele matará todos nós.”

A certeza plana na voz de Samuel enviou um tremor na espinha de Simon. “Você soa terrivelmente resignado. Você não deveria fazer alguma coisa? Prevenir a Clave?”

“Eu já preveni eles. Quando eles me interrogaram. Eu disse a ele várias vezes que Valentine pretendia destruir as barreiras, mas eles me rejeitaram. A Clave pensa que as barreiras ficaram de pé para sempre por que elas tem estado por mil anos. Mas o que fizeram em Roma, até que os bárbaros vieram. Tudo cai um dia.” ele riu: uma amarga, risada enraivecida. “Considere como uma corrida para ver quem mata primeiro, Daylighter – Valentine, os outros Downworlders, ou a Clave.”

Em algum lugar entre o aqui e ali a mão de Clary foi arrancada da de Jace. Quando o furacão a cuspiu e ela bateu no chão, ela bateu nele sozinha, duramente, e rolou arfando para uma parada. Ela se sentou lentamente e olhou ao redor. Ela estava repousando no centro de um tapete persa jogado sobre o piso de uma larga sala de paredes de pedra. Havia artigos de mobília aqui e ali; os lençóis brancos jogados sobre eles os tornavam corcovados fantasmas volumosos. Cortinas de veludo descidas sobre as enormes janelas de vidro; o veludo era cinza - branco com a poeira, e partículas de poeira dançavam ao luar.

“Clary?” Jace emergiu vindo de uma grande forma branca de toldo; aquilo podia ter sido um piano de cauda. “Está tudo bem?”

“Ótimo.” Ela se endireitou, retrocedendo um pouco. Seu cotovelo doía. “Além do fato de que Amatis provavelmente vai me matar quando nós voltarmos. Considerando que eu quebrei todos os seus pratos e abri um Portal em sua cozinha.”

Ele estendeu a mão abaixo para ela. “Pelo que quer que seja, isso valeu a pena,” ele disse, ajudando ela a ficar de pé. “Eu fiquei muito impressionado.”

“Obrigada.” Clary olhando ao redor.” Então aqui é onde você cresceu? É como algo fora de um conto de fadas.”

“Eu estava pensando em um filme de terror,” Jace disse. “Deus, foi há anos desde que eu estive neste lugar. Ele não costumava ser tão...”

“Tão frio?” Clary estremeceu um pouco. Ela abotoou seu casaco, mas o frio na mansão era mais do que um frio físico: O lugar parecia frio, como se lá nunca tivesse havia calor ou luz ou risadas dentro dele.

“Não,” Jace disse. “Ele sempre foi frio. Eu ia dizer empoeirado.” ele pegou uma pedra de luz de bruxa fora do seu bolso, e ela reluziu para a vida entre os dedos dele. Seu brilho branco iluminou seu rosto por baixo, discernindo as sombras embaixo de suas maçãs do rosto, as concavidades de suas têmporas. “Este é o escritório, e precisamos da biblioteca. Vamos lá.”

Ele guiou ela do quarto e abaixo de um longo corredor alinhado com dezenas de espelhos que davam de volta seus próprios reflexos. Clary não tinha percebido o quanto desganhada ela parecia: seu casaco marcado com poeira, seu cabelo confuso pelo vento. Ela tentou alisar ele discretamente e pegou um sorriso de Jace no próximo espelho. Por alguma razão a obrigação indubitável para uma misteriosa magia de Caçador de Sombras que ela não tinha esperança de compreender, o cabelo dele parecia perfeito. O corredor era alinhado com portas, algumas abertas; através delas Clary podia vislumbrar outros quartos, tanto por poeira e a falta de uso – parecendo como o escritório tinha sido. Michael Wayland não tinha nenhum parente, Valentine tinha dito, então ela supôs que ninguém tinha herdado este lugar depois da 'morte' dele – ela tinha presumido que Valentine tinha continuado vivendo aqui, mas o que pareceu claramente não ser o caso. Tudo respirava a tristeza e desuso. Em Renwick, Valentine tinha chamado este lugar de 'lar', tinha mostrado ele para Jace no Portal do espelho, um canto dourado da memória dos campos verdes e pedras suavizadas, mas que, Clary pensou, tinha sido um mentira também. Era claro que Valentine não tinha realmente morado aqui há anos – talvez ele tivesse apenas deixado ele aqui para apodrecer, ou ele tinha vindo aqui só ocasionalmente, para andar pelos corredores escurecidos como um fantasma.

Eles alcançaram uma porta no fim de um corredor e Jace empurrou ela com os ombros, ficando em pé atrás, para deixar Clary entrar dentro da sala antes dele. Ela tinha estado imaginando a biblioteca do Instituto, e esta sala não era inteiramente o contrário dela: as mesmas paredes preenchida com fileiras após fileiras de livros, as mesmas escadas de rodinhas em rodízio, portanto as altas prateleiras podiam ser alcançadas. O teto era plano e de vigas, porém, não cônico, e lá não havia mesa. Cortinas de veludo verde, suas pregas cobertas com poeira branca, penduradas sobre janelas que alternavam vidraças de verde e azul. No luar elas pareciam cintilar como gelo colorido. Além do vidro, tudo estava negro.

“Esta é a biblioteca?” ela disse para Jace em um sussurro, embora ela não tivesse certeza do



porquê ela estava sussurrando. Havia algo tão profundamente silencioso sobre a grande casa vazia.

Ele estava olhando além dela, seus olhos escuros com as memórias. “Eu costumava sentar naquele parapeito da janela e ler o que quer que meu pai tivesse designado para mim naquele dia. Diferentes línguas em diferentes dias – francês no sábado, inglês na segunda – mas eu não me lembro agora qual o dia era o latim, se ele era na segunda ou terça....”

Clary teve uma súbita imagem brotando de Jace quando um garotinho, o livro balançando em seus joelhos enquanto ele se sentava na fresta da janela, examinando adiante, adiante o que? Havia jardins? Uma vista? Uma parede alta de espinhos como a parede ao redor do castelo da Bela Adormecida? Ela viu ele enquanto ele lia, a luz que vinha através da janela lançando quadrados de azul e verde sobre seu cabelo loiro e o pequeno rosto mais sério do que qualquer um de dez anos de idade deveria ter.

“Eu não me lembro,” ele disse novamente, olhando para a escuridão.

Ela tocou o ombro dele “Isso não importa, Jace.”

“Eu acho que não.” Ele se agitou, como se caminhasse para fora de um sonho, e se moveu através do quarto, a luz de bruxa iluminado seu caminho. Ele se ajoelhou abaixo para inspecionar uma fileira de livros e se endireitou com um deles em sua mão. “Receitas Simples para Donas de Casa,” ele disse. “Aqui está ele.”

Ela se apressou através da sala e tomou ele dele. Ele era um livro de aspecto plano com uma lombada azul, e empoeirada, como tudo dentro da casa. Quando ela abriu ele, poeira enxameou acima de suas páginas como uma reunião de traças.“

Uma largo buraco quadrado tinha sido cortado no centro do livro. Ajustado dentro do buraco, como uma jóia em um engaste, estava um pequeno volume, aproximadamente do tamanho de um pequeno livro de contos, confinado em couro branco com um título impresso em letras latinas douradas. Clary reconheceu as palavras para 'branco' e 'livro', mas quando ela quando ela o levantou e o abriu, para sua surpresa as páginas estava cobertas com finas, escritas araneiforme em um língua que ela não podia compreender.

“Grego,” Jace disse, olhando acima do ombro dela. “de variante antiga.”

“Você pode ler ele?”

“Não facilmente,” ele admitiu.”Tem sido há anos. Mas Magnus será capaz, eu imagino.” ele fechou o livro e deslizou ele dentro do bolso do casaco verde dela antes de se virar de volta as prateleiras, deslizando seus dedos ao longo das fileiras de livros, as pontas de seus dedos traçando seus dorsos.

“Há algum deles que você quer levar com você?” ela perguntou gentilmente.” Se você quisesse....”

Jace riu e largou sua mão. “Eu só era autorizado a ler o que era designado,” ele disse. ‘Algumas da prateleiras tinha livros que não eram nem mesmo permitidos que eu tocasse. “Ele indicou uma fileira de livros, mais alto, envolvidos em correspondentes couro marrom. Eu li um deles uma vez, quanto eu tinha cerca de seis, só para ver sobre que bobagem era. Ele veio a ser um diário que meu pai estava mantendo. Sobre mim. Registros sobre ‘meu filho, Jonathan Christopher.” Ele me açoitou com um cinto quando ele me encontrou lendo ele. Na verdade, essa foi a primeira vez que eu soube que eu tinha um nome do meio.”

Um súbita dor pelo ódio de seu pai correu através de Clary. “Bem, Valentine não está aqui agora.”

“Clary...,” Jace começou, um nota de alerta em sua voz, mas ela já tinha alcançado acima e puxado um dos livros vindos da prateleira proibida, jogando ele no chão. Ele fez uma pancada satisfeita. “Clary!”

“Ah, vamos lá.” Ela fez isso de novo, jogando outro livro abaixo, e então outro. Poeira inflava vindo de suas páginas enquanto elas acertavam o chão. “Tente você.”

Jace olhou para ela por um momento, e então um meio sorriso rasgou o canto de sua boca. Indo acima, ele arrastou seu braço ao longo da prateleira, jogando os restos dos livros no chão com um barulho alto. Ele sorriu – e então se interrompeu, levantando sua cabeça, como um gato atijando suas orelhas para um barulho distante. “Você ouviu isso?”

*Ouvii o quê?* Clary estava para perguntar, e parou. Havia um som, ficando alto agora – um alto zunindo arremessando e triturando, como o som de máquinas voltando a vida. O som parecia estar vindo e dentro da parede. Ela tomou um passo involuntariamente para trás no momento que as pedras em frente a eles deslizaram para trás com um rangido, um enferrujado grito. Uma abertura boquiaberta atrás das pedras – um tipo de passagem, rudemente cortada na parede. Além da entrada estava um conjunto de escadas, levando para dentro das trevas.

## 9 – Este sangue culpado

Eu não me lembro de ter havido um porão aqui,” Jace disse, olhando além de Clary para o buraco escancarado na parede. Ele levantou a luz de bruxa, e seu brilho se arremeteu no túnel que guiava para baixo. As paredes eram pretas e lisas, feitas de uma pedra lisa escura que Clary não reconheceu. Os degraus cintilavam como se eles estivessem úmidos. Um cheiro estranho foi levado pela corrente através da abertura: úmido, mofado, com uma estranha e metálica matiz que acertou os nervos dela.

“O que você acha que poderia estar lá?”

“Eu não sei.” Jace se moveu em direção as escadas; ele colocou um pé no degrau de cima, testando ele, e então encolheu os ombros, como se ele tivesse tomado a decisão em sua mente. Ele começou a fazer seu caminho escada abaixo, movendo-se cuidadosamente. Metade do caminho ele se virou e olhou acima para Clary. “Você vem? Você pode esperar aí em cima por mim se você quiser.” Ela olhou em torno da biblioteca vazia, e então estremeceu e se apressou após ele.

As escadas espiralavam abaixo em mais e mais círculos apertados, como se eles estivessem fazendo seu caminho através do interior de uma enorme concha. O cheiro cresceu mais forte enquanto eles alcançavam o fundo, e os degraus se abriram em um largo quarto quadrado cujas paredes de pedra eram listradas com marcas de umidade – e outras, manchas mais escuras. O piso era rabiscado com marcações: uma confusão de pentagramas e runas, com pedras brancas espalhada aqui e ali.

Jace tomou um passo adiante e alguma coisa triturou debaixo de seus pés. Ele e Clary olharam para baixo ao mesmo tempo. “Ossos,” Clary sussurrou. Não pedras brancas, afinal, mas ossos de todas as formas e tamanhos, espalhados através do chão. “O que eles estava *fazendo* aqui?”

A luz de bruxa cintilou na mão de Jace, lançando seu brilho misterioso sobre a sala. “Experiência,” Jace disse em uma voz seca e tensa. “A Rainha de Seelie disse...”

“Que tipo de ossos são esses?” A voz de Clary se elevou. “Eles são ossos de animais?”

“Não.” Jace chutou uma pilha de ossos com seus pés, espalhando eles. “Nem todos eles.”

O peito de Clary pareceu apertar. “Eu acho que devíamos voltar.”

Em vez disso Jace levantou a luz de bruxa em sua mão. Ela resplandeceu, brilhante e então mais brilhante, iluminando o ar com um brilho branco pungente. Os cantos distantes da sala aparecendo dentro do foco. Três deles estavam vazios. O quarto estava bloqueado com um tecido pendurado. Havia algo atrás do tecido, uma forma corcova...

“Jace,” Clary sussurrou. “O que é isso?” Ele não respondeu. Havia uma lâmina serafim em sua mão livre, subitamente; Clary não soube quando ele a puxou, mas ela brilhou na luz de bruxa como uma espada de gelo.

“Jace, não,” Clary disse, mas era tarde demais...ele marchou a frente e puxou o tecido de lado com a ponta da lâmina, então segurou ele e o sacudiu para baixo. Ele caiu em uma fluorescente nuvem de poeira.

Jace tropeçou para trás, a luz de bruxa caindo de seu aperto. Enquanto a luz resplandecente caía, Clay pegou um único vislumbre do rosto dele: Era uma máscara branca de horror. Clary arrebatou a luz de bruxa antes que ela pudesse escurecer e levantou ela no alto, desesperada para ver o que podia ter chocado Jace – o inchocável Jace – tão terrivelmente.

O primeiro de tudo que ela viu foi a forma de um homem – um homem envolvido em um trapo sujo branco, abaixado sobre o piso. Algemas circulavam seus pulsos e tornozelos, preso a grampos de metal espesso direcionados ao chão de pedra. *Como ele pode estar vivo?* Clary pensou em horror, a bile subiu em sua garganta. A pedra de runa balançou em sua mão, e a luz dançou em trechos sobre o prisioneiro: Ela viu emagrecidos braços e pernas, todo cicatrizados com as marcas de incontáveis torturas. O crânio de um rosto virou em direção a ela, buracos vazios negros onde os olhos deveriam ter sido – então houve um murmúrio seco, e ela viu que o que ela tinha pensado que era um trapo branco, eram asas, asas brancas subindo por trás de suas costas em dois puros arcos brancos, as únicas coisas puras nesta sala imunda.

Ela deu um suspiro seco. “Jace. Você vê...”

“Eu vejo.” Jace, em pé ao lado dela, falou em uma voz que fendia como vidro quebrado.

“Você disse que não havia nenhum anjo...que ninguém tinha visto um...”

Jace estava sussurrando algo debaixo de sua respiração, uma seqüência do que soou como praguejar de pânico. Ele tropeçou a frente, em direção a criatura aninhada no chão – e recuou, como se ele tivesse arremetido em uma parede invisível. Olhando para baixo, Clary viu que o anjo se encolhia dentro de um pentagrama feito de runas interligadas gravadas profundamente no chão; elas brilharam com um esmaecida luz fosforescente. “As runas”, ela sussurrou. “Nós não podemos passar...”

“Mas deve haver algo...” Jace disse, sua voz quase falhando, “algo que nós podemos fazer.”

O anjo levantou sua cabeça. Clary viu com uma distraída e terrível pena, que ele tinha cacheados cabelos dourados como os de Jace que brilhavam fracamente dentro da luz. Mechas se aderiam próximas dos buracos de seu crânio. Seus olhos eram covas, seu rosto retalhado com cicatrizes, com uma linda pintura destruída por vândalos. Enquanto ela olhava, sua boca se abriu, e um som se derramou de sua garganta – não palavras mas uma aguda música dourada, um única nota cantada, manteve-se e manteve-se e manteve-se tão alta e doce que o som era como dor...

Uma avalanche de imagens se elevaram perante os olhos de Clary. Ela ainda estava agarrando a pedra de runa, mas a luz tinha partido; ela tinha partido, não longe de lá mas em outro lugar, onde as imagens do passado fluíram perante ela em um fragmentado sonho

acordado, coros, sons.

Ela estava em um adegas, vazia e limpa, uma única grande runa rabiscada no chão de pedra. Um homem em pé ao lado dela, ele segurava um livro aberto em uma mão e uma tocha branca ardendo na outra. Quando ele levantou sua cabeça, Clary viu que ele era Valentine: muito jovem, seu rosto sem rugas e lindo, seus olhos escuros claros e brilhante. Enquanto ele salmodiava, a runa recuou, uma figura dobrada descansava entre as cinzas: um anjo, asas estendidas e sangrentas, como um pássaro atirado fora do céu...

A cena mudou. Valentine em pé perto de uma janela, ao seu lado uma jovem mulher com um brilhante cabelo vermelho. Uma familiar anel prateado brilhava na mão dele enquanto ele se aproximava para colocar seus braços ao redor dela. Com um sobressalto de dor, Clary reconheceu sua mãe – mas ela era jovem, suas feições suaves e vulneráveis. Ela estava usando uma camisola branca e estava obviamente grávida.

“Os acordos,” Valentine estava dizendo com raiva, “foram não só a pior idéia que a Clave já teve, mas a pior coisa que poderia acontecer para os Nephilim. Que nós deveríamos ser obrigados aos Downworlders, ligados a essas criaturas...”

“Valentine,” Jocelyn disse com um sorriso, “chega de política, por favor.” Ela alcançou acima e torceu seus braços ao redor do pescoço de Valentine, a expressão dela cheia de amor – e a dele também era, mas havia algo mais nisso, algo que enviou um arrepio pela espinha de Clary....

Valentine ajoelhado no centro de um círculo de árvores. Havia uma luz brilhante acima, iluminando o pentagrama preto que tinha sido rabiscado dentro da terra raspada da clareira. Os ramos das árvores faziam uma rede espessa acima; onde elas se estendiam acima das pontas do pentagrama, suas folhas curvavam-se e se tornavam pretas. No centro da estrela de cinco pontas sentava-se uma mulher com um longo e brilhante cabelo; sua forma era esguia e atraente, seu rosto escondido na sombra, seus braços nus e brancos. Ela deixou uma mão estendida em frente a ela, e quando ela abriu seus dedos, Clary podia ver que havia lá um longo talho através de sua palma, gotejando um lento fluxo de sangue dentro de uma taça prateada que descansava na ponta do pentagrama. O sangue parecia negro ao luar, ou talvez ele fosse negro.

“A criança nascida com este sangue nela,” ela disse, e sua voz era suave e bela, “excederá em poder os Grandes Demônios dos abismos entre os mundos. Ele será mais poderoso do que Asmodei, mais forte do que shedim das tempestades. Se ele for devidamente treinado, não haverá nada que ele não será capaz de fazer. Embora eu deva alertá-lo,” ela adicionou, “isso irá extinguir sua humanidade, como veneno extingue a vida do sangue”

“Meus agradecimentos a você, Senhora de Edom,” Valentine disse, e enquanto ele alcançava para pegar a taça de sangue, a mulher levantou seu rosto, e Clary viu que embora ela fosse indiscutivelmente bonita, seus olhos eram buracos vazios negros vindos dos quais enroscados tentáculos negros se agitando, como antenas sondando o ar. Clary reprimiu um grito...

A noite, a floresta, desapareceram. Jocelyn em pé de frente a alguém que Clary não podia

ver. Ela não estava mais grávida, e seu brilhante cabelo esparramado ao redor de seu aflito e desesperado rosto. “Eu não posso ficar com ele, Ragnar,” ela disse. “Nem por um dia. Eu li seu livro. Você sabe o que ele fez a Jonathan? Eu nunca pensei que Valentine pudesse fazer isso.” Seus ombros tremeram. “Ele usou sangue de demônio – Jonathan não é um mais bebê. Ele nem mesmo é humano; ele é um monstro....”

Ela desapareceu. Valentine estava medindo os passos impacientemente ao redor do círculo de runas, uma lâmina serafim brilhando em sua mão. “Por que você não *fala*?” ele murmurou. “Por que você *não me dá o que eu quero*?” Ele dirigiu abaixo a faca, e o anjo se contraiu enquanto um líquido dourado se derramou vindo de sua ferida como luz derramada.. “Se você não me der respostas,” Valentine sibilou, “você pode me dar seu sangue. Isso fará eu e meu melhor do que isso fará a você.”

Agora eles estavam na biblioteca Wayland. A luz brilhava através dos vitrais de diamante da janela, inundando a sala com azul e verde. Vozes vinham de outra sala: sons de risada e conversas, uma festa acontecendo. Jocelyn ajoelhada perto da estante, olhando de um lado para outro. Ela puxou um livro grosso de seu bolso e deslizou ele dentro da estante...

E ela se foi. A cena mostrou uma adega. A mesma adega que Clary sabia que ela estava em pé agora mesmo. O mesmo pentagrama rabiscado no chão, e dentro do centro da estrela, repousava o anjo. Valentine de prontidão, um vez novamente com a lâmina serafim brilhando em sua mão. Ele parecia anos mais velho agora, não mais um rapaz. “Ithuriel,” ele disse. “Nós somos velhos amigos agora, não somos?” Eu poderia ter deixado você sepultado vivo debaixo daquelas ruínas, mas não, eu trouxe você aqui comigo. Todos estes anos eu mantive você por perto, esperando que um dia você pudesse me dizer o que eu queria...precisava...saber.” ele se aproximou, estendendo a espada, seu brilho iluminando a barreira rúnica para um tremular. “Quando eu invoquei você, eu sonhei que você me diria o porquê. Por que Raziel nos criou, sua raça de Caçadores de Sombras, todavia não nos deu os poderes que os Downworlders tem – a velocidade dos lobos, a imortalidade do povo das Fadas, a magia dos bruxos, até mesmo a resistência dos vampiros. Ele nos deixou indefesos perante os hospedeiros do inferno com exceção dessas linhas pintadas em nossa pele. Porque seus poderes são maiores do que os nossos? Porque nós não podemos compartilhar daquilo que eles tem? Como isso pode ser *justo*?” Dentro de sua estrela aprisionante o anjo sentou em silêncio como uma estátua de mármore, imóvel, suas asas dobradas. Seus olhos expressavam nada além de uma terrível dor silenciosa. A boca de Valentine retorceu.

“Muito bem. Mantenha seu silêncio. Eu vou ter a minha chance.” Valentine levantou a lâmina. “Eu tenho a Taça Mortal, Ithuriel, e em breve terei a Espada – mas sem o Espelho eu não posso começar a invocação. O Espelho é tudo que eu preciso. Me diga onde ele está. Me diga onde ele está, Ithuriel, e eu deixarei você morrer.”

A cena se quebrou em fragmentos, e enquanto sua visão desaparecia, Clary pegou o vislumbre de imagens agora familiares para ela de seus próprios pesadelos – anjos com asas, ambas brancas e pretas, lençóis de água espelhada, ouro e sangue – e Jace, se afastando dela, sempre se afastando. Clary se aproximando por ele, e pela primeira vez a voz do anjo falou em sua cabeça em palavras que ela podia entender.



*Esses não são os primeiros sonhos que eu te mostrei.*

A imagem de uma runa queimando atrás de seus olhos, como fogos de artifício, não uma runa que ela tinha visto antes; era uma forte, simples e direta como um nó amarrado. Ela se foi em um suspiro também, e então enquanto ela desaparecia, o cantar do anjo cessou. Clary estava de volta a seu próprio corpo, cambaleando em seus pés no imundo e fedorento quarto. O anjo estava em silêncio, congelado, asas dobradas, uma efígie em luto.

Clary soltou sua respiração em um soluço. “*Ithuriel*.” Ela aproximou suas mãos para o anjo, sabendo que ela não podia ultrapassar as runas, seu coração doendo. Por anos o anjo tinha estado aqui em baixo, algemado e faminto, mas incapaz de morrer...

Jace estava ao lado dela. Ela podia ver pelo seu rosto abatido que ele tinha visto tudo o que ela viu. Ele olhou para a lâmina serafim em sua mão e então de volta para o anjo. Seu rosto cego estava virado em direção a eles em uma silenciosa súplica. Jace tomou um passo a frente, e então outro. Seus olhos estavam fixos no anjo, e isso era como se, Clary pensou, houvesse alguma comunicação silenciosa passando entre eles, algum discurso que ela não podia ouvir. Os olhos de Jace estavam brilhantes como discos de ouro, cheios de luz refletida.

*Ithuriel* ele sussurrou.

A lâmina em sua mão resplandeceu como um tocha. Seu brilho era cegante. O anjo levantou seu rosto, como se a luz fosse visível para seus olhos cegos. Ela alcançava suas mãos, as correntes que prendiam seus pulsos, chacoalhando como uma música cruel.

Jace se virou para ela. “Clary,” ele disse. “As runas.”

*As runas.* Por um momento ela olhou para ele, confusa, mas os olhos dele encorajavam os dela adiante. Ela entregou a Jace a luz de bruxa, pegou a estela dele do seu bolso, e se ajoelhou perto das runas rabiscadas. Elas pareciam como se elas tivessem sido cinzeladas dentro da pedra com algo afiado.

Ela olhou para Jace. Sua expressão atemorizou ela, a chama em seus olhos – eles estavam cheios de fé nela, de confiança em suas habilidades. Com a ponta da estela ela traçou várias linhas no chão, mudando as runas de prender para as runas de soltar, aprisionamento para libertação. Elas reluziram enquanto ela as traçava, enquanto ela estava arrastando a ponta acesa através do enxofre.

Terminado, ela se levantou em seus pés. As runas tremulando perante ela. Abruptamente Jace se moveu para ficar em pé ao lado dela. A pedra de luz de bruxa tinha sumido, a única iluminação vinha da lâmina serafim que ele tinha chamado pelo anjo, resplandecendo em sua mão. Ele esticou ela, e dessa vez sua mão passou através da barreira de runas como se não tivesse nada ali. O anjo a alcançou com suas mãos acima e tirou a lâmina dele. Ele fechou seus olhos cegos, e Clary pensou por um momento que ele sorriu. Ele virou a lâmina em seu aperto até que a ponta afiada descansasse num golpe em seu esterno\*. Clary deu um pequeno suspiro e se moveu a frente, mas Jace agarrou o braço dela, seu aperto como de aço, e puxou ela para trás – justo enquanto o anjo dirigia a lâmina.

\*N/T - breastbone = esterno – osso localizado na parte anterior do tórax.

A cabeça do anjo caiu para trás, suas mãos largando o cabo, que se projetava de onde o seu coração devia ser – se anjos tivessem corações; Clary não sabia. Chamas explodiram do ferimento, espalhando externamente vindo da lâmina. O corpo do anjo estremeceu dentro da chama branca, as correntes em seus pulsos queimando escarlate, como ferro deixado muito tempo em um fogo. Clary pensou nas pinturas medievais dos santos consumidos em fogueira de êxtase sagrado – e as asas do anjo voaram largas e brancas perante eles, também, capturadas e inflamadas, uma rede de fogo tremulando.

Clary não podia mais olhar. Ela se virou e enterrou seu rosto no ombro de Jace. O braço dele veio ao redor dela, seu aperto firme e rígido. “Está tudo bem,” ele disse em seu cabelo.”está tudo bem,” mas o ar estava cheio de fumaça e o piso parecia como se ele estivesse balançando debaixo de seus pés. Foi só quando Jace tropeçou que ela notou que não era a comoção: O terreno estava se movendo. Ela se largou de Jace e balanceou; as pedras sob os pés estavam se remoendo juntas, e a fina chuva de terra estava polvilhando vinda do teto. O anjo era uma coluna de fumaça; as runas ao redor dele cintilavam dolorosamente brilhantes. Clary olhou para eles, decifrando seu significado, e então olhou selvagememente para Jace: “A mansão – isso estava prendendo Ithuriel. Se o anjo morrer, a mansão...”

Ela não terminou sua sentença. Ele já tinha agarrado sua mão e estava correndo pelas escadas, puxando ela depois dele. As escadas por si mesmas estavam se agitando e entortando; Clary caiu, batendo seu joelho dolorosamente em um degrau, embora o aperto de Jace em seu braço não se desprender. Ela correu, ignorando a dor em sua perna, seus pulmões cheios de sufocante poeira.

Eles alcançaram o topo dos degraus e explodiram fora da biblioteca. Atrás deles Clary podia ouvir o suave rugir enquanto o resto das escadas desmoronava. Não era muito melhor estar aqui; a sala estava tremendo, livros caindo de suas prateleiras. Uma estátua situada onde ela tinha se inclinado, em uma pilha de cacos irregulares. Jace soltou a mão de Clary, agarrou uma cadeira, e , antes que ela pudesse perguntar a ele o que ele pretendia fazer, ele jogou ela na janela de vidro colorido.

Ela navegou através de uma cascata de vidro quebrado. Jace se virou e segurou sua mão acima para ela. Atrás dele, através da moldura irregular que restava, ela podia ver um luar – saturado de ervas daninhas estendidas e uma linha de topos de árvore a distância. Pareciam um longo caminho abaixo.

*Eu não posso saltar tão distante*, ela pensou, e estava balançando sua cabeça para Jace quando ela viu seus olhos aumentarem, sua boca moldando uma advertência. Um dos pesados bustos de mármore que se alinhavam nas prateleiras mais altas tinha deslizado livre e estava caindo em direção a ela; ela mergulhou fora de seu caminho, e ele bateu no chão a centímetros de onde ela tinha estado em pé, deixando um amassado de bom tamanho no chão. Um segundo depois os braços de Jace estavam ao redor dela e ele a tinha levantado de seus pés. Ela estava muito surpresa para lutar enquanto ele a carregava por cima da janela quebrada e se atirava sem cerimônia para fora dela.

Ela bateu em uma elevação coberta de capim bem abaixo da janela e caiu em seu escarpado

inclinado, ganhando velocidade até que ela bateu contra um montinho com força suficiente para tirar o fôlego de dentro dela. Ela sentou, agitando a grama para fora de seu cabelo. Um segundo depois Jace veio para uma parada próxima a ela; ao contrário dela, ele rolou imediatamente em um agachamento, olhando para a colina na mansão. Clary virou para olhar onde ele estava olhando, mas ele já tinha agarrado ela, a impulsionando abaixo da depressão entre as duas colinas. Mas tarde ela encontrou contusões escuras na parte de cima de seus braços onde ele tinha segurado ela; agora ela apenas arfou em surpresa enquanto ele a jogava e rolava por cima dela, dando cobertura a ela com seu corpo enquanto um enorme rugido vinha. Ele soava como a terra desfragmentando, como uma erupção de vulcão. Uma explosão de poeira branca atirou ao céu. Clary ouviu um acentuado ruído tamborilar ao redor dela. Por um desnorteante momento ela pensou que tinha começado a chover – então ela percebeu que isso eram cascalhos, sujeira e vidro quebrado: Os detritos da mansão demolida sendo lançados ao redor deles como granizo mortal. Jace pressionou ela duramente no chão, seu corpo achatado contra o dela, seu batimento cardíaco quase tão alto em seus ouvidos quanto o som da mansão afundando em ruínas.

O rugido do colapso perdeu a força lentamente, como fumaça dissipando no ar. Foi substituído por um alto gorjear de pássaros assustados; Clary podia ver eles acima do ombro de Jace, circulando curiosamente contra o céu escuro. “Jace,” ela disse suavemente. “eu acho que derrubei sua estela em algum lugar.”

Ele puxou-se de volta levemente, escorando-se sobre seus cotovelos, e olhou abaixo para ela. Mesmo na escuridão ela podia ver a si mesma refletida em seus olhos; seu rosto estava listrado com fuligem e sujeira, a gola de sua camisa rasgada. “Está tudo bem. Desde que você não esteja machucada.”

“Eu estou bem.” Sem pensar, ela se aproximou, seus dedos roçando suavemente através dos cabelos dele. Ela sentiu ele enrijecer, seus olhos escureceram. “Há grama em seu cabelo,” ela disse. Sua boca estava seca; adrenalina cantou através de suas veias. Tudo o que tinha acontecido – o anjo, a destruição da mansão – parecia menos real do que o que ela viu nos olhos de Jace.

“Você não deve me tocar,” ele disse.

A mão dela congelou onde ela estava, sua palma contra a bochecha dele. “Por que não?”

“Você sabe por que?” ele disse, e se deslocou para longe dela, rolando em suas costas. “Você viu o que eu vi, não viu? O passado, o anjo. Nossos país.”

Foi a primeira vez, ela pensou, que ele chamou eles disso. *Nossos país*. Ela se virou para seu lado, esperando estar fora do alcance dele mas sem certeza se ela deveria. Ele estava olhando cegamente para o céu. “Eu vi.”

“Você sabe o que eu sou.” As palavras aspiradas em um sussurro angustiado. “Eu sou parte demônio, Clary. Parde demônio. Você entendeu muito bem, não é?” Seus olhos perfurando ela como brocas. “Você viu o que Valentine estava tentando fazer. Ele utilizou sangue demônio – usou ele em mim antes mesmo de eu nascer. Eu sou parte monstro. Parte tudo

que eu tenho tentado tão duramente extinguir, destruir.”

Clary afastou da memória a voz de Valentine dizendo, *ela me deixou por que eu tornei seu primeiro filho em um monstro*. “Mas bruxos são parte demônio. Como Magnus. Isso não faz deles maus...”

“Não parte do Grande Demônio. Você ouviu o que aquela mulher disse.”

*Isso vai extinguir sua humanidade, como o veneno extingue a vida o sangue*. A voz de Clary tremeu. “Isso não é verdade. Não pode ser. Isso não faz sentido....”

“Mas isso faz.” Havia um desespero furioso na expressão de Jace. Ela podia ver o brilho da corrente de prata ao redor de sua garganta nua, acesa para uma chama branca de luz de estrelas. “Isso explica *tudo*.”

“Você quer dizer que isso explica o porquê você é um Caçador de Sombras tão incrível? Por que você é leal e sem medo e honesto e todos os demônios *não são*?”

“Isso explica,” ele disse uniformemente, “por que eu me sinto do modo que eu sinto por você.”

“O que você quer dizer?”

Ele ficou em silêncio por um longo momento, olhando para ela através do pequenino espaço que os separavam. Ela podia sentir ele, mesmo embora ele não estivesse tocando ela, como se ele ainda deitasse seu corpo contra o dela. “Você é minha irmã,” ele disse finalmente. “Minha irmã, meu sangue, minha família. Eu deveria proteger você” - ele riu sem som e sem nenhum humor - “proteger você do tipo de garotos que querem fazer com você exatamente o que eu quero fazer.”

A respiração de Clary se prendeu. “Você disse que só queria ser meu irmão de agora em diante.”

“Eu menti,” ele disse. “Demônios mentem, Clary. Você sabe, há alguns tipos de ferimentos que você pode conseguir quando você é um Caçador de Sombras – ferimentos internos vindos do veneno de demônio. Você nem mesmo sabe o que está errado em você, mas você está sangrando até a morte, lentamente por dentro. Isso é como é, sendo apenas seu irmão.”

“Mas Aline...”

“Eu tinha que tentar. E eu o fiz.” Sua voz era sem vida. “Mas Deus sabe, eu não quero ninguém além de você. Eu nem mesmo desejo querer alguém além de você.” Ele se aproximou, traçando seus dedos levemente através do cabelo dela, as pontas dos dedos roçando sua bochecha. “Agora pelo menos eu sei o porquê.”

A voz de Clary tinha afundado para um sussurro.. “Eu não quero ninguém além de você também.”

Ela foi recompensada pelo prender na respiração dele. Lentamente ele se puxou para seus cotovelos. Agora ele estava olhando abaixo para ela, e sua expressão tinha mudado – havia um olhar em seus rosto que ela nunca tinha visto antes, uma adormecida quase mortal luz nos olhos dele. Ele deixou seus dedos traçarem, de suas bochechas para seus lábios, delineando a forma de sua boca com a ponta de um dedo. “Você deve provavelmente,” ele disse, “me dizer para não fazer isso.”

Ela nada disse. Ela não queria dizer para ele parar. Ela estava cansada de dizer não para Jace – ou nunca se deixar sentir o que todo seu coração desejava que ela sentisse. Seja qual fosse o custo. Ele se curvou, seus lábios contra a sua bochecha, roçando ela levemente – e ainda aquele leve toque enviou arrepios através de seus nervos, arrepios que fizeram todo seu corpo estremecer.”Se você quiser que eu pare, me diga agora,” ele sussurrou. Quando ela ainda não disse nada, ele roçou seus lábios contra o côncavo de sua têmpora. “Ou agora.” ele traçou a linha de sua maçã do rosto. “Ou agora.” Seus lábios estavam contra os dela. “Ou...”

Mas ela tinha se aproximado e puxado ele abaixo para ela, e o resto de suas palavras se perderam contra sua boca. Ele beijou ela suavemente, cuidadosamente, mas não era gentileza que ela queria, não agora, não depois de todo esse tempo, e ela enlaçou seus punhos em sua camisa, puxando ele mais forte contra ela. Ele gemeu suavemente, baixo em sua garganta, e então seus braços circularam ela, unindo ela contra ele, e eles rolaram sobre a grama, emaranhados juntos, ainda se beijando. Havia pedras escavando suas costas, e seus ombros doíam onde ela tinha caído da janela, mas ela não se importava. Tudo o que existia era Jace; tudo o que ela sentia, esperava, respirava, desejava, e via era Jace. Nada mais importava.

Apesar de seu casaco, ela podia sentir o coração dele queimando através de suas roupas e das dela. Ela puxou a jaqueta dele para fora, e então de algum modo sua camisa estava fora também. Seus dedos exploraram o corpo dele enquanto sua boca explorava a dela: a pele suave sobre os músculos firmes, cicatrizes como fios finos. Ela tocou a cicatriz em forma de estrela em seu ombro – ela era suave e lisa, como se ela fosse uma parte de sua pele, não saliente com suas outras cicatrizes. Ela supôs que elas eram imperfeições, aquelas marcas, mas elas não expressavam aquilo para ela, elas eram uma história, cortada em seu corpo: o mapa de uma vida de guerras sem fim.”

Ele tateou os botões do casaco dela, seus dedos estavam tremendo. Ela pensou que ela nunca tinha visto as mãos de Jace instáveis antes. “Eu faço isso,” ela disse, e alcançou o último botão dela, enquanto ela se levantava, algo frio e metálico acertou sua clavícula, ela arfou em surpresa.

“O que é?” Jace congelou. “Eu machuquei você?”

“Não. Foi isso.” ela tocou a corrente de prata ao redor do pescoço dele. Em seu final pendurava-se um pequeno círculo de metal prateado. Ele tinha batido contra ela quando ela se inclinou para frente. Ela fitou ele agora.

Este anel – o tempo – metal gasto com seu padrão de estrelas – ela conhecia aquele anel. O anel dos Morgenstern. Era o mesmo anel que tinha cintilado na mão de Valentine no sonho que o anjo mostrou para eles. Tinha sido ele, e ele o tinha dado para Jace, como isso tinha sempre sido transmitido adiante, de pai para filho.

“Me desculpe,” Jace disse. Ele traçou a linha de sua bochecha com a ponta de seu dedo, um intensidade sonhadora em seu olhar. “Eu esqueci que estava usando a maldita coisa.”

Um súbito frio inundou as veias de Clary. “Jace,” ela disse, em uma voz baixa. “Jace, não.”

“Não o que? Não usar o anel?”

“Não, não...não me toque. Pare por um segundo.”

O rosto dele ficou imóvel. Perguntas tinham afugentado a confusão sonhadora em seus olhos, mas ele nada disse, apenas retirou sua mão.

“Jace,” ela disse de novo. “Por que. Por que agora?”

Os lábios dele se repartiram em surpresa. Ela podia ver uma linha escura onde ele tinha mordido seu lábio inferior, ou talvez ela tivesse mordido ele.” Por que o quê agora?”

“Você disse que não havia nada entre. O que seria se... se nós nos deixarmos sentir o que nós queremos sentir, nós estaríamos machucando todos que nós nos importamos.”

“Eu disse a você. Eu estava mentindo.” Seus olhos se suavizaram. “você acha que eu não quero...”

“Não,” ela disse. “Não. Eu não sou burra, eu sei o que você quer. Mas quando você disse que agora finalmente entendia por que se sentia dessa maneira sobre mim, o que você quis dizer?”

Não que ela não soubesse, ela pensou, mas ela tinha que perguntar, tinha que escutar ele dizer.

Jace segurou seus pulsos e puxou suas mãos para seu rosto, enlaçando seus dedos nos dela. “Você se lembra do que eu disse para você na casa dos Penhallows?” Ele perguntou. “Que você nunca pensa no que você faz antes de você fazer, e o por que você arruína tudo o que você toca?”

“Não, eu me esqueci disso. Obrigada pela lembrança.”

Ela mal notou o sarcasmo na voz dela. “Eu não estava falando de você, Clary. Eu estava falando de mim. Isso é o que eu sou.” ele virou seu rosto levemente e os dedos dela deslizaram ao longo de sua bochecha. “Pelo menos agora eu sei porque. Eu sei o que está errado comigo. E talvez...talvez isso é o por que eu preciso de você tanto. Por que se Valentine fez de mim um monstro, então eu suponho que ele fez de você um tipo de anjo. E



Lúcifer amava Deus, não é? Assim diz Milton, de qualquer modo.”

Clary sugou em sua respiração. “Eu *não* sou um anjo. E você nem mesmo sabe no que é que Valentine utilizou o sangue de Ithuriel – talvez Valentine precisasse dele para si mesmo...”

“Ele disse que o sangue era para 'eu e meu,' “Jace disse quietamente. “Isso explica por que você pode fazer o que você faz, Clary. A Rainha de Seelie disse que nós ambos fomos experiências. Não apenas eu.”

“Eu não sou um anjo, Jace. “ela repetiu. “Eu não devolvo livros da biblioteca. Eu roubo ilegalmente música da internet. Eu minto para minha mãe. Eu sou completamente normal.”

“Não para mim.” Ele olhou abaixo para ela. Seu rosto pairava contra um fundo de estrelas. Não havia nada de sua habitual arrogância em sua expressão – ela nunca tinha visto ele tão desprotegido, e mesmo aquela falta de proteção era misturada com um ódio de si mesmo que corria tão profundo quanto uma ferida. “Clary, eu...”

“Saia de cima de mim,” Clary disse.

“O que?” O desejo em seus olhos rachou em mil pedaços como os cacos do espelho do Portal em Renwick, e por um momento sua expressão era inexpressivamente surpreendida; ela mal podia suportar olhar para ele e ainda dizer não. Olhando para ele agora – mesmo se ela não estivesse apaixonada por ele, aquela parte dela que era a filha de sua mãe, que amava cada coisa bela por sua beleza em si mesma, teria ainda querido desejar ele.

Mas, então, era precisamente por causa de que ela era filha de sua mãe que isso era impossível. “Você me ouviu,” ela disse. “E deixe minhas mãos em paz. “ela as arrancou de volta, fechando elas em punhos apertados para parar seus tremores.

Ele não se moveu. Seu lábio se curvou para trás, e por um momento ela viu aquela luz predatória em seus olhos novamente, mas agora ela estava misturada com raiva. “Eu suponho que você não quer me dizer o porquê?”

“Você pensa que você só me quer por que você é mau, não humano. Você apenas quer algo mais para que você possa se odiar. Eu não vou deixar você me usar para provar a si mesmo o quanto sem valor você é.”

“Eu nunca disse isso. Eu nunca disse que estava usando você.”

“Ótimo.” ela disse. “Me diga agora que você não é um monstro. Me diga que não há nada de errado com você. E me diga que você me quer, mesmo que você não tenha sangue de demônio.” *Por que eu não tenho sangue de demônio. E eu ainda quero você.*

Seus olhares se travaram, os dele cegamente furiosos; por um momento nenhum dos dois respiraram, e então ele se lançou para fora dela, xingando, e rolou para seu pés. Arrebatando sua camisa da grama, ele puxou ela sobre sua cabeça, ainda furioso. Ele puxou com força a camisa sobre seus jeans e se virou para procurar sua jaqueta.

Clary ficou em pé, vacilando um pouco. O frio agudo arrepiou os seus braços. Suas pernas pareciam como se eles fossem feitas de cera derretida. Ela abotoou os botões de seu casaco com dedos dormentes, lutando contra a vontade de chorar. Chorar não ajudaria em nada agora. O ar estava ainda cheio de poeira dançando e cinzas, toda a grama ao redor com ruínas espalhadas: pedaços fragmentados de ruínas; páginas de livros sopradas melancolicamente ao vento; lascas de madeira dourada; um pedaço de quase metade de uma escada, misteriosamente não danificada. Clary se virou para olhar para Jace; ele estava chutando pedaços de escombros com uma satisfação selvagem. “Bem,” ele disse, “estamos ferrados.”

Isso não foi o que ela tinha esperado. Ela piscou. “O que?”

“Se lembra? Você perdeu minha estela. Não há chance de você desenhar um Portal agora.” ele falou as palavras com um prazer amargo, como se a situação satisfizesse ele de algum modo obscuro. “Não temos nenhum outro modo de voltar. Nós vamos ter que ir andando.”

Não teria sido uma caminhada agradável sob circunstâncias normais. Habituada as luzes da cidade, Clary não podia acreditar no quanto escuro isso era em Idris à noite. As espessas sombras negras que se estendia na estrada em ambos os lados parecia estar rastejando com poucas coisas visíveis, e mesmo com a luz de bruxa de Jace ela podia ver apenas uns poucos pés a frente deles. Ela sentia falta das luzes das ruas, o brilho ambiente dos faróis, os sons da cidade. Tudo o que ela podia ouvir agora era o sólido triturar de suas botas sobre os pedregulhos e, de vez em quando, sua própria respiração ofegada em surpresa quando ela tropeçava sobre uma casual rocha.

Após algumas horas seus pés começaram a doer e sua boca estava seca como um pergaminho. O ar tinha se tornado muito frio, e ela arqueou tremendo, suas mãos empurradas profundamente em seus bolsos. Mas mesmo tudo aquilo teria sido suportável se apenas Jace estivesse falando com ela. Ele não tinha falado uma palavra desde que eles deixaram a mansão, exceto para acenar direções, dizendo a ela qual o caminho virar numa bifurcação na estrada, ou ordenando a ela evitar um buraco. Mesmo então ela duvidava se ele teria se importado muito se ela caísse em um buraco, exceto que isso teria diminuído a velocidade deles.

Eventualmente o céu a leste começou a clarear. Clary, tropeçando meio adormecida, levantou sua cabeça em surpresa. “Está cedo para amanhecer.”

Jace olhou para ela com leve desdém. “Aquela é Alicante. O sol não nascerá pelas próximas três horas pelo menos. Aquelas são as luzes da cidade.

Muito aliviada que eles estavam próximos de casa para se importar com sua atitude, Clary pegou seu ritmo. Eles circularam uma esquina e encontraram-se caminhando ao longo de um largo caminho de terra cortando em uma encosta. Eles serpentearam ao longo da curva do declive, desaparecendo em torno de uma curva a distância. Embora a cidade não estivesse visível ainda, o ar tinha crescido mais brilhante, o céu atirado a distância com um estranho brilho avermelhado.

“Nós devemos estar quase lá,” Clary disse. “Tem um atalho na colina?”

Jace estava de cara amarrada. “Algo está errado,” ele disse abruptamente. Ele disparou, meio correndo pela estrada, suas botas enviando flocos de poeira que brilhavam ocre na estranha luz. Clary correu para manter o ritmo, ignorando os protestos de seus pés empolados. Eles circularam a próxima curva e Jace derrapou em uma súbita parada, enviando Clary de encontro a ele. Em outras circunstâncias isso poderia ter sido cômico. Não era agora.

A luz avermelhada era mais forte agora, lançando um brilho escarlate no céu noturno, iluminando a colina que eles estavam como se fosse manhã. Plumas de fumaça curvavam-se do vale abaixo como penas desenroladas de um pavão preto. Elevando-se no vapor negro estavam as torres demônio de Alicante, sua casca cristalina como flechas de fogo perfurando o ar esfumaçado. Apesar da fumaça preta, Clary podia vislumbrar o salto das chamas escarlate, dispersas cruzando a cidade como um punhado de jóias brilhantes através de um tecido escuro.

Isso parecia incrível. Mas era isso : Eles estavam em pé em uma encosta acima de Alicante, e abaixo deles a cidade estava queimando.

## **Parte Dois - Estrelas brilham no escuro**

### **10 – Fogo e Espada**

ANTONIO: Você não vai ficar mais? Nem que vá com você?

SEBASTIAN: Por sua paciência, não. Minhas estrelas brilham sombriamente sobre mim; a malignidade de meu destino poderia, talvez, destemperar o seu; pois suplicaria que de sua partida que eu possa suportar meus males sozinho. Isso será uma má recompensa pelo seu amor, que repousa em qualquer deles, em você.

- *William Shakespeare, Twelfth Night*

“Está tarde,” Isabelle disse, irritadamente movimentando a cortina de renda da janela alta da sala de estar de volta a seu lugar. “ele devia estar de volta agora.”

“Seja razoável, Isabelle,” Alec apontou, em seu tom superior de irmão mais velho que parecia implicar que enquanto ela, Isabelle, poderia estar propensa a histeria, e ele, Alec, estava sempre perfeitamente calmo. Mesmo sua postura – ele estava se espreguiçando em uma das demais poltronas estofadas próximas a lareira dos Penhallows, como se ele não tivesse uma preocupação no mundo – parecendo destinando a mostrar o quanto despreocupado ele era. “Jace faz isso quando ele está chateado, sai e vagueia por aí. Ele disse que estava saindo para uma caminhada. Ele vai estar de volta.”

Isabelle suspirou. Ela quase desejava que seus pais estivessem lá, mas eles estavam ainda no Gard. Seja o que fosse que a Clave estava discutindo, a reunião do conselho estava se arrastando brutalmente tarde. “Mas ele conhece Nova York. Ele não conhece Alicante...”

“Ele provavelmente conhece ela melhor do que você.” Aline estava sentada no sofá lendo um livro, suas páginas confinadas em couro vermelho escuro. Seu cabelo negro estava puxado para trás de sua cabeça em uma trança francesa, seus olhos fixos sobre o volume estendido em seu colo. Isabelle, que nunca tinha sido muito uma leitora, sempre invejava em outras pessoas sua capacidade de se perderem em um livro. Havia um monte de coisas que ela uma vez teria invejado em Aline – ser pequena e delicadamente bonita, para começar, não amazônica e tão alta em seus saltos que ela elevava-se acima de quase todo garoto que ela encontrou. Mas então, novamente, era só recentemente que Isabelle tinha notado que outras garotas não estava apenas invejando, evitando ou desgostando. “Ele viveu aqui até aos dez. Vocês só tem visitado algumas vezes.”

Isabelle elevou sua mão para sua garganta com uma careta. O pingente pendurando na corrente ao redor de seu pescoço tinha dado um súbito e afiada vibração – mas ele normalmente só vibrava na presença de demônios, e eles estavam em Alicante. Não havia como haver demônios proximamente. Talvez o pingente estivesse falho. “Eu não acho que ele está vagando por aí, de qualquer modo. Eu acho que é bastante óbvio onde ele foi,” Isabelle respondeu.

Alec levantou seus olhos. “Você acha que ele foi ver Clary?”

“Ela ainda está aqui? Eu pensei que era supostamente para ela estar indo de volta a Nova York.” Aline deixou seu livro cair fechado. “A propósito onde a irmã de Jace está ficando?”

Isabelle deu de ombros. “Pergunte a ele,” ela disse, cortando seus olhos em direção a Sebastian.

Sebastian estava esparramado no sofá oposto ao de Aline. Ele tinha um livro em sua mão também, e sua cabeça escura estava curvada sobre ele. Ele levantou seus olhos como se ele pudesse sentir o olhar de Isabelle sobre ele. “Vocês estão falando sobre mim?” Ele perguntou suavemente. Tudo sobre Sebastian era suave, Isabelle pensou com uma pontada de aborrecimento. Ela tinha estado impressionada com sua aparência na primeira vez – aquelas acentuadas maçãs do rosto aplainadas e aqueles negros e insondáveis olhos – mas sua afável personalidade simpática irritava ela agora. Ela não gostava de garotos que pareciam como se eles nunca perdessem a cabeça com nada. No mundo de Isabelle, fúria iguala a paixão, que iguala a diversão.

“O que você está lendo?” ela perguntou, mais severamente do que ela tencionava. “É uma das revistinhas de Max?”

“Sim.” Sebastian olhou abaixo para a cópia de Angel Sanctuary equilibrada no braço do sofá. “Eu gosto das figuras.”

Isabelle soprou uma respiração exasperada. Atirando a ela um olhar, Alec disse, “Sebastian, hoje mais cedo...Jace sabe onde você foi?”

“Você quer dizer que eu estava fora com Clary?” Sebastian parecia divertido. “Olha, isso não é um segredo. Eu teria dito a Jace se eu tivesse visto ele.”

“Não vejo o porquê ele iria se importar.” Aline colocou seu livro de lado, uma irritação em sua voz. “Não é como Sebastian fizesse algo errado. Então qual o problema se ele quis mostrar a Clarissa um pouco de Idris antes que ela fosse para casa? Jace devia estar satisfeito por sua irmã não estar à toa entediada e irritada.”

“Ele pode ser muito...protetor,” Alec disse depois de uma ligeira hesitação.

Aline fechou a cara. “Ele deve voltar logo. Não pode ser bom para ela, ser tão protetor assim. O olhar no rosto dela quando ela veio até nós, era como se ela nunca tivesse visto alguém beijando antes. Quero dizer, quem sabe, talvez ela nunca tenha.”

“Ela já,” Isabelle disse, pensando no modo que Jace tinha beijado Clary na Corte de Seelie. Não era algo que ela gostou de pensar – Isabelle não se divertia projetando nela sua tristeza, muito menos em outras pessoas. “Não é isso.”

“Então o que é?” Sebastian se endireitou, empurrando um cacho de cabelo escuro fora de seus olhos. Isabelle pegou o flash de algo – uma linha vermelha através de sua palma, como

uma cicatriz. “É isso que ele odeia em mim pessoalmente? Por que eu não sei o que é que eu mesmo...”

“Esse livro é meu.” Uma voz pequena interrompeu o discurso de Sebastian. Era Max, em pé na entrada da sala de estar. Ele estava usando pijamas cinzas e seu cabelo castanho estava desordenado como se ele tivesse acabado de acordar. Ele estava olhando para a revista de mangá assentada próxima a Sebastian.

“O que, isso?” Sebastian segurou a cópia de Angel Sanctuary. “Aqui está, garoto.”

Max caminhou através da sala e arrebatou o livro de volta. Ele olhou de cara feia para Sebastian. “Não me chame de garoto.”

Sebastian riu e ficou em pé. “Eu vou pegar café,” ele disse, e se direcionou para a cozinha. Ele pausou e se virou na entrada. “Alguém quer alguma coisa?” Houve um coro de recusas. Com um dar de ombros Sebastian desapareceu para a cozinha, deixando a porta bater fechada atrás dele.

“Max,” Isabelle disse severamente. “Não seja rude.”

“Eu não gosto quando as pessoas pegam as minhas coisas.” Max abraçou a revistinha em seu peito.

“Cresça, Max. Ele estava só pegando emprestado” A voz de Isabelle veio mais irritada do que ela pretendia; ela ainda estava preocupada com Jace, ela sabia, e estava descontando isso em seu irmãozinho. “De qualquer modo você deveria estar na cama. É tarde.”

“Tem barulhos na colina. Ele me acordaram.” Max piscou, sem seus óculos, tudo era um grande borrão para ele. “Isabelle...”

O tom de questionamento na voz dele prendeu a sua atenção. Isabelle se afastou da janela. “O que?”

“Pessoas escalam as torres demônio? Por alguma razão?”

Aline olhou acima. “Escalam as torres demônio” Ela riu. “Não, ninguém nunca fez isso. Isso é totalmente ilegal para começar, por que você quer?”

Aline, Isabelle pensou, não tinha muita imaginação. Ela mesma podia pensar em muitas razões do porque alguém poderia querer escalar as torres demônio, se for só para cuspir chicletes nos transeuntes embaixo.

Max estava olhando carrancudo. “Mas alguém fez. Eu sei que eu vi...”

“Seja lá o que você acha que viu, você provavelmente sonhou com isso.” Isabelle disse a ele.



O rosto de Max enrugou. Sentindo uma potencial choradeira, Alec se levantou e estendeu uma mão. “Vamos lá, Max, “ ele disse, não sem afeto. “Vamos colocar você de volta pra cama.”

“Nós todos devemos ir dormir,” Aline disse, ficando de pé. Ela foi para a janela ao lado de Isabelle e puxou a cortina firmemente fechada. “ Já é quase meia-noite; quem vai saber quando eles vão voltar do conselho? Não há necessidade em ficar...”

O pingente na garganta de Isabelle vibrou novamente, acentuadamente – e então a janela em que Aline estava em pé em frente, estilhaçou para dentro. Aline gritou enquanto mãos se estendiam através do buraco boquiaberto – não mãos, realmente, garras encouraçadas, manchadas com sangue e fluído enegrecido. Elas agarraram Aline e puxaram ela através da janela quebrada antes que ela pudesse expressar um segundo grito.

O chicote de Isabelle estava deitado sobre a mesa próxima a lareira. Ela se lançou sobre ele agora, mergulhando ao redor de Sebastian, que tinha voltado correndo da cozinha. “Pegue armas,” ela precipitou enquanto ele olhava ao redor da sala em espanto. “Vá!” Ela gritou, e correu para a janela.

Próximo a lareira, Alec estava abraçando Max enquanto o jovem menino se debatia e gritava, tentando se esquivar do aperto de seu irmão. Alec arrastou ele em direção a porta. *Bom*, Isabelle pensou. *Tire Max daqui*.

Ar frio soprou através da janela estilhaçada, Isabelle puxou sua saia para cima e chutou os restos de vidro quebrado, agradecida pelas grossas solas de suas botas. Quando o vidro tinha partido, ela mergulhou sua cabeça e pulou através do buraco escancarado na moldura, aterrizando com um solavanco na passarela de pedra abaixo. A primeira vista a calçada parecia vazia. Não havia nenhuma iluminação do postes ao longo do canal; a principal iluminação vinha das janelas das casas vizinhas. Isabelle se moveu a frente cautelosamente, seu chicote de electrum enrolado ao seu lado. Ela tinha se apropriado do chicote há muito tempo – ele tinha sido um presente de décimo segundo aniversário vindo de seu pai – que sentia como parte dela agora, como uma extensão fluída de seu braço direito.

As sombras espessas enquanto ela se movia para longe da casa em direção a ponte Oldcastle, que arqueava sobre o canal Princewater em um estranho ângulo para a calçada. As sombras de suas bases estavam agrupadas tão compactas quanto mosquitos – e então, enquanto Isabelle observava, algo se moveu no interior da sombras, algo branco e brusco.

Isabelle correu, indo ao encontro de uma baixa fronteira de cercas no fim do jardim de alguém e saltando para o estreito caminho que corria abaixo da ponte. Seu chicote tinha começado a brilhar com uma dura luz prateada, e em sua fraca iluminação ela podia ver Aline deitada frouxamente à beira do canal. Um enorme demônio escamoso estava esparramado acima dela, pressionando ela abaixo com o peso de seu espesso corpo como de lagarto, seu rosto enterrado no seu pescoço.

Mas ele não podia ser um demônio. Nunca havia tido demônios em Alicante. Nunca. Enquanto Isabelle olhava em choque, a coisa levantou sua cabeça e farejou o ar, como se

percebendo ela lá. Ele era cego, ela viu, um densa linha de dentes serrilhados correndo como um zíper através de sua testa onde seus olhos deveriam ser. Ele tinha outra boca na metade inferior de sua cara também, presas com gotejantes caninos. Os lados de sua cauda estreita brilhavam enquanto ela chicoteava para trás e para frente, e Isabelle viu, puxando-se mais para perto, que a cauda era apontada co linhas de osso afiadas como navalha. Aline se contorceu e fez um ruído, um choro arfado. Alívio se espalhou sobre Isabelle – ela tinha estado quase certa de que Aline estava morta – mas isso foi por curto tempo. Enquanto Aline se movia, Isabelle viu que sua blusa tinha sido retalhada na frente. Havia marca de garras em seu peito, e a coisa tinha outra garra enganchada na cintura de seus jeans. Uma onda de náusea rolou sobre Isabelle. O demônio não estava tentando matar Aline – ainda não. O chicote de Isabelle veio a vida em sua mão como uma espada flamejante de um anjo vingador; ela se lançou a frente, seu chicote penetrando abaixo através das costas do demônio.

O demônio chiou e rolou fora de Aline. Ele avançou sobre Isabelle, suas duas bocas escancaradas, garras retalhando em direção a seu rosto. Dançando para trás, ela jogou o chicote a frente novamente; ele cortou através do rosto do demônio, seu peito, suas pernas. Uma miríade de marcas fustigadas em vai e vem apareceram em toda a pele escamosa do demônio, sangue escorrendo e fluído. Uma longa língua bifurcada atirou de sua boca acima, experimentando o rosto de Isabelle. Havia um bulbo no fim dela, ela viu, um tipo de ferrão, como o de um escorpião. Ela agitou seu pulso para o lado e o chicote enrolou ao redor da língua do demônio, amarrando ela com a faixa de electrum flexível. O demônio gritou e gritou enquanto ela puxava o nó apertado e sacudia. A língua do demônio caiu com um baque molhado e repugnante para os tijolos na calçada.

Isabelle sacudiu o chicote para trás. O demônio se virou e fugiu, movendo com rápido e dardejante movimentos como uma cobra. Isabelle se lançou após ele. O demônio estava a meio caminho da entrada que guiava acima da calçada quando uma forma escura se elevou em frente a ele. Algo brilhou na escuridão, e o demônio caiu se contorcendo para o chão.

Isabelle veio em uma parada abrupta. Aline em pé sobre o demônio caído, um fino punhal em sua mão – ela devia estar usando ele em seu cinto. As runas na lâmina brilharam como um relâmpago luzindo enquanto ela dirigia o punhal abaixo, mergulhando ele mais e mais no corpo se debatendo do demônio, até que a coisa parou de se movimentar inteiramente e desapareceu.

Aline olhou acima. Seu rosto estava em branco. Ela não fez nenhum movimento para fechar sua blusa, apesar de seus botões rasgados. Sangue se esvaia das profundas marcas arranhadas em seu peito. Isabelle soltou um assobio baixo. “Aline...você está bem?” Aline deixou o punhal cair no chão com um ruído. Sem outra palavra ela se virou e correu, desaparecendo dentro da escuridão debaixo da ponte. Pega de surpresa, Isabelle xingou e lançou-se atrás de Aline. Ela desejou ter vestido alguma coisa mais prática do que um vestido de veludo está noite, embora pelo menos,ela tivesse colocado suas botas. Ela duvidava que ela poderia alcançar Aline usando saltos.

Haviam escadas de metal no outro lado da calçada, levando de volta a rua Princewater. Aline era um borrão no topo da escada, suspendendo a pesada bainha de seu vestido,

Isabelle foi atrás, suas botas fazendo barulho sobre os degraus. Quando ela alcançou o topo, ela olhou ao redor por Aline. E olhou. Ela estava parada aos pé da distante estrada em que a casa dos Penhallows se dirigia. Ela não podia ver mais Aline – a outra garota tinha desaparecido dentro da multidão aglomerada de pessoas se amontoando na rua. E não apenas pessoas. Havia coisas na rua – demônios – dezenas deles, talvez mais, como a criatura lagarto com garras que Aline tinha matado debaixo da ponte. Dois ou três corpos deitados na rua, um a apenas alguns pés de Isabelle – um homem, metade de suas costelas despedaçadas. Isabelle podia ver pelo seu cabelo cinza que ele tinha sido idoso. Mas é claro que ele era, ela pensou, seu cérebro desconectando lentamente, a velocidade de seus pensamentos entorpecidos pelo pânico. *Todos os adultos estavam no Gard. Embaixo, na cidades estavam apenas crianças, os velhos e os doentes...*

O ar tingido de vermelho estava cheio do cheiro de queimado, a noite dividida por gemidos e gritos. Portas eram todas abertas acima e abaixo das fileiras de casas – pessoas se lançando fora delas, então paravam estarecidas quando elas viam as ruas cheias com demônios.

Isso era impossível, inimaginável. Nunca na história tinha um único demônio cruzado as barreiras das torres demônio. E agora, haviam dezenas. Centenas. Talvez mais, inundando as ruas como uma maré venenosa. Isabelle se sentia como se ela estivesse presa atrás de uma parede de vidro, capaz de ver tudo, mas incapaz de se mover – observando, congelada, enquanto um demônio agarrava um menino correndo e levantava o corpo dele do chão, afundando seus dentes serrilhados dentro de seu ombro. O menino gritou, mas seus gritos foram perdidos no clamor que estava rasgando a noite.

O som cresceu e cresceu em volume: o uivo dos demônios, pessoas chamando uma o nome das outras, os sons de pés correndo e vidro se quebrando. Alguém embaixo na rua estava gritando palavras que ela mal podia compreender – algo sobre as torres demônio. Isabelle olhou para cima. Os altos espirais em sentinela sobre a cidade como sempre estiveram, mas em vez de refletiram a luz prata das estrelas, ou mesmo a luz vermelha da cidade incendiando, elas eram tão branco morto quanto a pele de um cadáver. Sua luminescência tinha desaparecido. Uma calafrio correu através dela. Não se admirava que as ruas estivessem cheias de demônios – de algum modo, impossivelmente, as torres demônio tinha perdido sua magia. As barreiras que tinham protegido Alicante por mil anos tinham desaparecido.

Samuel tinha caído em silêncio horas atrás, mas Simon ainda estava acordado, olhando sem som para a escuridão, quando ele ouviu os gritos. Sua cabeça se jogou acima. Silêncio. Ele olhou ao redor nervosamente – ele tinha sonhado com o barulho? Ele apurou seus ouvidos, mas mesmo com sua recém sensibilidade de escuta, nada era audível. Ele estava prestes a deitar de volta quando os gritos vieram novamente, se dirigindo em suas orelhas como agulhas. Soavam como se estivessem vindo do lado de fora do Gard. Se levantando, ele ficou em pé sobre a cama e olhou lá fora da janela. Ele viu o gramado verde se alongando ao longe, a luz distanciada da cidade um brilho esmaecido a distância. Havia algo de errado sobre a luz da cidade, alguma coisa....desligada. Ela era mais ofuscante do que ele se lembrava – e havia pontos se movimentando aqui e ali na escuridão, como agulhas de fogo, traçando através das ruas. Uma pálida nuvem se elevou sobre as torres, o ar estava cheio com o cheiro de fumaça.

“Samuel.” Simon podia ouvir o alarme em sua própria voz. “Há algo de errado.”

Ele ouviu portas batendo e pés correndo. Vozes roucas gritaram. Simon pressionou seu rosto próximo das barras enquanto pares de botas se empurravam pelo lado de fora, chutando as pedras enquanto eles corriam, os Caçadores de Sombras chamando uma ao outro enquanto eles corriam para longe do Gard, abaixo em direção a cidade.

“As barreiras caíram! As barreiras caíram!”

“Não importa o Gard! Nossas crianças estão lá embaixo.”

Suas vozes já estava enfraquecendo. Simon se afastou da janela, arfando.”Samuel! As barreiras...”

“Eu sei. Eu ouvi.” A voz de Samuel veio mais fortemente através da parede. Ele não soava assustado, mas resignado, e mesmo talvez um pouco triunfante por estar sendo provado correto. “Valentine atacou enquanto a Clave estava em sessão. Inteligente.”

“Mas o Gard – ele é fortificado – porquê eles não permanecem aqui?

“Você ouviu eles. Porque todas as crianças estão na cidade. Crianças, pais mais velhos, eles não podem deixar eles lá embaixo.

*Os Lightwoods.* Simon pensou em Jace, e então, com uma terrível clareza, em Isabelle pequena, o rosto pálido debaixo de sua coroa de cabelo escuro, de sua determinação em uma luta, da garotinha dos Xs e Os no bilhete que ela tinha escrito para ele. “Mas você disse que eles – você disse a Clave o que iria acontecer. Por que eles não acreditaram em você?”

“Por que as barreiras são sua religião. Não acreditar no poder das barreiras é não acreditar que eles são especiais, escolhidos, e protegidos pelo Anjo. Ele poderiam muito bem acreditar que eles são apenas mundanos comuns.”

Simon se voltou para olhar fora pela janela de novo, mas a fumaça tinha se espessado, preenchendo o ar com uma palidez acizentada. Ele não podia ouvir mais as vozes gritando lá fora; haviam gritos a distância, mas eles eram muito fracos. “Eu acho que a cidade está pegando fogo.”

“Não.” A voz de Samuel estava muito quieta.” Eu acho que o Gard está queimando. Provavelmente um demônio do fogo. Valentine iria atrás do Gard, se ele pudesse.”

“Mas...” A voz de Simon falhou mais uma vez. “Mas alguém vai vir e deixar nós sairmos, não vão? O Cônsul, ou...ou Aldertree. Eles não podem nos deixar aqui embaixo para morrer.”

“Você é um Downworlder,” Samuel disse. “E eu sou um traidor. Você realmente acha que eles provavelmente vão fazer alguma coisa?”

“Isabelle! *Isabelle!*”

Alec tinha suas mãos nos ombros dela e a estava balançando. Isabelle levantou sua cabeça lentamente; o rosto branco de seu irmão flutuando contra a escuridão atrás dele. Uma pedaço curvado de madeira preso atrás de seu ombro direito: ele tinha seu arco preso através de suas costas, o mesmo arco que Simon tinha usado para matar o Grande Demônio Abbadon. Ela não podia se lembrar de Alec caminhando em direção a ela, não podia se lembrar de vê-lo na rua de modo algum; era como se ele tivesse se materializado em frente a ela de uma vez, como um fantasma.

“Alec,” Sua voz veio lentamente e desigual. “Alec, pare. Eu estou bem.” Ela se puxou para longe dele.

“Você não parece bem.” Ale olhou acima e xingou debaixo de sua respiração. “Nós temos que sair da rua. Onde está Aline?”

Isabelle piscou. Não havia nenhum demônio a vista; alguém estava sentado nos degraus da frente da casa oposta a deles e chorando em um alto e irritante série de gritos. O corpo do idoso ainda estava na rua, e o cheiro de demônios estava em todo lugar. “Aline....um dos demônios tentou...tentou...” Ela prendeu sua respiração, segurando ela. Ela era Isabelle Lightwoods. Ela não ficava histérica, não importava o que provocava. “Nós matamos ele, mas então ela correu. Eu tentei seguir ela, mas ela era muito rápida.” Ela olhou acima para seu irmão. “Demônios na cidade,” ela disse. “Como isso é possível?”

“Eu não sei.” Alec balançou sua cabeça. “As barreiras devem ter caído. Havia quatro ou cinco demônios Oni aqui quando eu sai de casa. Eu peguei um sem escondendo nos arbustos. Os outros correram, mas eles podem voltar. Vamos lá. Vamos voltar para casa.”

A pessoa nas escadas ainda estava chorando. O som seguiu eles enquanto se apressavam de volta para a casa dos Penhallows. As ruas permaneciam vazias de demônios, mas eles podiam ouvir explosões, gritos e pés correndo ecoando nas sombras de outras ruas escuras. Enquanto eles subiam os degraus dos Penhallows, Isabelle deu uma espiada de volta a tempo de poder ver um longo tentáculo chicotear fora da escuridão entre as duas casas e arrebatar a mulher chorando dos degraus da frente. Seus choros se tornaram gritos. Isabelle tentou voltar atrás, mas Alec já tinha agarrado ela e a impulsionado em frente a ele para dentro da casa, batendo e trancando a porta de entrada atrás deles. A casa estava escura. “Eu apaguei as luzes. Eu não queria atrair mais nenhum deles,” Alec explicou, empurrando Isabelle a frente dele para a sala de estar.

Max estava sentado no chão, perto das escadas, seus braços abraçando seus joelhos. Sebastian estava perto da janela, pregando toras de madeira que ele tinha tirado da lareira através do buraco escancarado no vidro. “Pronto,” ele disse, se afastando e deixando cair o martelo sobre a estante.” Isso deve segurar por um tempo.”

Isabelle se jogou perto de Max e acariciou seu cabelo. “Você está bem?”

“Não.” Seus olhos estavam grandes e assustados.”Eu tentei ver pela janela, mas Sebastian

me disse para descer.”

“Sebastian estava certo,” Alec disse. “Há demônios lá fora na rua.”

“Eles ainda estão lá?”

“Não, mais há alguns ainda na cidade. Nós temos que pensar sobre o que nós vamos fazer a seguir.”

Sebastian fez uma careta. “Onde está Aline?”

“Ela fugiu,” Isabelle explicou. “Foi minha culpa. Eu devia ter sido...”

“Isso não foi sua culpa. Sem você ela teria morrido.” Alec falou em um voz entrecortada. “Olha, nós não temos tempo para alto-recriminações. Eu estou indo atrás de Aline. Eu quero que vocês três fiquem aqui. Isabelle, cuide de Max. Sebastian, termine a segurança da casa.”

Isabelle falou indignadamente. “Eu não quero que você vá lá fora sozinho! Me leve com você.”

“Eu sou o adulto aqui. O que eu disser vale.” O tom de Alec era uniforme. “Há todas as chances de nossos pais voltarem a qualquer minuto do Gard. A mais de nós aqui, os melhores. Vai ser mais fácil para nós ficarmos separados lá fora. Eu não estou arriscando, Isabelle” Seu olhar se moveu para Sebastian.” Você entendeu?”

Sebastian já tinha tirado sua estela.”Eu vou trabalhar nas proteções da casa com as marcas.”

“Obrigado.” Alec já estava a meio caminho da porta, ele se virou e olhou para trás para Isabelle. Ele encontrou seus olhos por uma brecha de segundo. Então ele se foi.

“Isabelle.” Era Max, sua vizinha baixa. “Seu pulso está sangrando.”

Isabelle olhou abaixo. Ela não se lembrava de ter machucado seu pulso, mas Max estava certo: Sangue já tinha manchado a manga de seu casaco branco. Ela ficou em seus pés. “Eu vou pegar minha estela. Eu já vou estar de volta e ajudar você com as runas, Sebastian.”

Ele acenou. “Eu poderia aproveitar a ajuda. Está não é minha especialidade.”

Isabelle se foi escadas acima sem perguntar a ele qual sua especialidade poderia realmente ser. Ela sentiu seus ossos cansados, em horrível necessidade de uma energia da marca. Ela poderia fazer uma por si mesma se necessário, embora Alec e Jace tinham sempre sido melhores com aqueles tipos de runas do que ela era.

Uma vez dentro de seu quarto, ela inspecionou através de suas coisas por sua estela e por algumas armas extras. Enquanto ela empurrava as lâminas serafim dentro dos canos de suas botas, sua mente estava em Alec e o olhar que eles trocaram enquanto ele desaparecia pela porta. Não era a primeira vez que ela tinha observado seu irmão sair, sabendo que ela



poderia nunca mais vê-lo novamente. Era algo que ela tinha aceitado, tinha sempre aceitado, como parte de sua vida; não era até que ela tinha conhecido Clary e Simon e que ela percebeu que para a maioria das pessoas, é claro, não era nunca como isso. Eles não viviam com a morte como uma companhia constante, uma respiração fria abaixo das costas de seu pescoço, mesmo nos dias mais comuns. Ela sempre tinha tido um tipo de desprezo pelos mundanos, o modo como todos os Caçadores de Sombras faziam...ela tinha acreditado que eles eram fracos, estúpidos, como ovelhas em sua complacência. Agora ela se perguntava se tudo o que odiava apenas não advinha do fato de que ela estava com ciúmes. Deve ser bom não estar se preocupando todas as vezes que um membro de sua família caminhava para fora da porta, que eles nunca voltariam.

Ela estava a meio caminho abaixo das escadas, sua estela em mãos, quando ele sentiu que alguma coisa estava errada. A sala de estar estava vazia. Max e Sebastian não estavam em lugar nenhum para serem vistos. Havia uma marca de proteção meio terminada em uma das toras que Sebastian tinha pregado sobre a janela quebrada. O martelo que ele tinha usado desaparecido. Seu estômago se apertou. “Max!” ela gritou, virando em um círculo. “Sebastian! Onde vocês estão?”

A voz de Sebastian respondeu vinda da cozinha. “Isabelle...aqui.”

Alívio passou sobre ela, deixando sua cabeça leve. “Sebastian, isso não é engraçado,” ela disse, marchando para a cozinha. “Eu pensei que você estava...”

Ela deixou a porta cair fechada atrás dela. Estava escuro na cozinha, mais escuro do que tinha estado na sala de estar. Ela firmou seus olhos para ver Sebastian e Max e viu nada mais que sombras. “Sebastian?” Incerteza penetrou em sua voz. “Sebastian, o que você está fazendo aqui? Onde está Max?”

“Isabelle.” Ela pensou ter visto alguma coisa se mover, uma sombra escura contra as sombras claras. A voz dele era suave, gentil, quase adorável. Ela não tinha notado antes de agora que voz bonita ele tinha. “Isabelle, me desculpe.”

“Sebastian, você está agindo estranho. Pare com isso.”

“Me desculpe por você, ” ele disse. “Veja, fora todos eles, eu desejava que você fosse a melhor.”

“Sebastian...”

“Fora todos eles,” ele disse novamente, na mesma voz baixa. “Eu pensei que você era que mais gostava de mim.” ele trouxe seu punho abaixo então, com um martelo nele.

Alec correu através das escuras e incendiadas ruas, chamando mais e mais por Aline. Enquanto ele deixava o distrito de Princewater e entrava no coração da cidade, seu pulso se acelerou. As ruas eram com uma pintura de Bosch trazida à vida: cheia de grotescas e macabras criaturas e cenas de súbita e horrível violência. Estranhos em pânico empurravam Alec de lado sem olharem e corriam gritando sem nenhum destino aparente. O ar fedia a

fumaça e demônios. Algumas das casas estavam em chamas; outras tinham suas janelas quebradas. As pedras do calçamento brilhavam com o vidro quebrado. Enquanto ele se adiantava para mais perto de um prédio, ele viu que o que ele tinha pensado que era uma mancha descolorida de pintura era um enorme feixe de sangue fresco espalhado através da argamassa. Ele se fez girar, olhando em cada direção, mas ele nada viu que explicasse aquilo, todavia, ele se apressou para longe tão rapidamente quanto ele podia.

Alec, sozinho de todas as crianças dos Lightwoods, se lembrava de Alicante. Ele tinha sido um bebê quando eles a tinham deixado, ainda assim ele carregava recordações das torres cintilantes, das ruas cheias de neve no inverno, correntes de luz de bruxa envolvendo as lojas e casas, água espirrando da fonte de sereia no salão. Ele tinha sempre sentido um estranho puxão em seu coração ao pensar em Alicante, a esperança meio dolorosa de que sua família iria retornar um dia para o lugar onde eles pertenciam. Ver a cidade assim era como a morte de toda alegria. Passando dentro de uma avenida mais ampla, uma das ruas que guiavam para o salão dos acordos, ele viu um bando de demônios Belial mergulhando através de um arco, sibilando e uivando. Eles arrastavam algo atrás deles – algo que debatia-se e espasmava enquanto ele deslizava sobre o pavimento da rua. Ele se lançou abaixo da rua, mas os demônios já tinham desaparecido. Dobrado contra a base de um pilar estava uma forma frouxa gotejando uma trilha araneiforme de sangue. Vidro quebrado triturado como seixos debaixo das botas de Alec enquanto ele se ajoelhava para virar o corpo para cima. Depois de um único olhar para o rosto roxo distorcido, ele estremeceu e se afastou, grato que não fosse ninguém que ele conhecia.

Um barulho fez ele lutar com seus pés. Ele cheirou o fedor antes que ele visse: a sombra de algo dobrado e enorme se arrastando em direção a ele no final da rua. Um grande demônio? Alec não esperou para descobrir. Ele se lançou através da rua em direção a uma das casas mais altas, pulando em um peitoril cuja janela de vidro tinha sido quebrada. Uns poucos minutos depois ele estava se puxando para o telhado, suas mãos doendo, seus joelhos aranhados. Ele ficou em seus pés, limpando a areia de suas mãos, e olhou para Alicante.

As arruinadas torres demônios lançavam sua embotada luz morta abaixo nas ruas movimentadas da cidade, onde coisas galopavam, e espalhavam e fugiam nas sombras entre os prédios, como baratas se agitando através de um apartamento escuro. O ar carregava choros e gritos, o som de berros, nomes chamados no vento - e onde havia os gritos dos demônios também, uivos de desordem e prazer, gritos que perfuravam o ouvido humano como dor. Fumaça subia acima das casas cor de mel em uma névoa, cobrindo de espirais o salão dos acordos. Olhando em direção ao Gard, Alec viu uma maré de Caçadores de Sombras correndo abaixo no caminho vindo da colina, iluminados pelas luzes de bruxa que eles carregavam. A Clave estava vindo para a batalha.

Ele se moveu para a beira do telhado. Os prédios aqui eram quase juntos, seus beirais quase se tocando. Era fácil pular desse telhado para o próximo, e então o outro depois deste. Ele se encontrou correndo ligeiramente ao longo dos topos dos telhados, pulando as pequenas distâncias entre as casas. Era bom ter o vento frio em seu rosto, superando o fedor dos demônios.

Ele esteve correndo por alguns minutos antes de ele notar duas coisas: Um, ele estava correndo em direção aos espirais brancos do salão de acordos. E dois, havia algo a frente,

em uma praça entre dois becos, algo parecido como uma chuva de faíscas se elevando – exceto que elas eram azul, uma escura chama de gás azul. Alec tinha visto faíscas azuis como esta antes. Ele olhou por um momento antes de começar a correr.

O telhado mais próximo da praça era inclinadamente levantado. Alec derrapou abaixo na lateral dele, suas botas golpeando contra as telhas soltas. Posicionando precariamente na borda, ele olhou para baixo. A praça da cisterna estava abaixo dele, e sua vista era parcialmente bloqueada por um enorme poste de metal que sobressaía a meio caminho numa face do prédio que ele estava em pé. Uma sinal da loja de madeira se balançava nele, oscilando na brisa. A praça mais abaixo estava cheia de demônios Iblis com forma de humanos, mas formados de uma substância como enrolada fumaça preta, com um par de incandescentes olhos amarelos. Eles tinham formado uma linha e estavam se movendo em direção a solitária figura de um homem em um longo casaco cinza, forçando ele a recuar contra uma parede. Alec apenas podia olhar. Tudo sobre o homem era familiar – a esguia curva de suas costas, a confusão selvagem de seu cabelo escuro, e o modo que o fogo azul saltavam das pontas de seus dedos como dardejantes vagalumes cianóticos.

*Magnus.* O bruxo estava arremessando lanças de fogo azul nos demônios Iblis; uma lança atingiu um demônio se adiantando no peito. Com um som como um balde de água jogado nas chamas, ele estremeceu e desapareceu em uma explosão de cinzas. Os outros se moveram para preencher seu lugar – demônios Iblis não eram muito inteligentes – e Magnus lançou outro dilúvio de lanças ardentes. Muitos Iblis caíram, mas agora outro demônio, mais perspicaz do que os outros, tinha se levado pela corrente em torno de Magnus e estava se unindo atrás dele, pronto para atacar...

Alec não parou para pensar. Em vez disso ele pulou, prendendo a ponta do telhado enquanto ele caía, e então se jogando direto para agarrar ao poste de metal e balançando-se acima e ao redor disso, retardando sua queda. Ele soltou e caiu levemente no chão. O demônio, assustado, começou a se virar, seus olhos amarelos como jóias reluzentes; Alec teve tempo para refletir que se ele fosse Jace, ele teria tido algo inteligente para dizer antes dele sacar a lâmina serafim de seu cinto e correr ela através do demônio. Com um grito empoeirado o demônio desapareceu, a violência de sua saída desta dimensão, respingou em Alec com uma fina chuva de cinzas.

“Alec?” Magnus estava olhando para ele. Ele tinha matado os demônios Iblis restantes, e a praça estava vazia, exceto por eles dois. “Você apenas...você acabou de salvar a minha vida?”

Alec sabia que ele deveria dizer algo como, *é claro, por que eu sou um Caçador de Sombras e é isso o que nós fazemos,* ou *Esse é o meu trabalho.* Jace teria dito algo como aquilo. Jace sempre sabia a coisa certa a se dizer. Mas as palavras que realmente saíram pela boca de Alec eram bastante diferentes – e soaram petulantes, mesmo para seus próprios ouvidos. “Você nunca me ligou de volta,” ele disse. “Eu liguei para você várias vezes e você nunca me ligou de volta.”

Magnus olhou para Alec com o se ele tivesse perdido sua cabeça. “Sua cidade está sob ataque,” ele disse. “As barreiras foram quebradas, e as ruas estão cheias de demônios. E

você quer saber o porquê eu não liguei para você?”

Alec apertou sua mandíbula em uma linha teimosa. “Eu quero saber o porquê você não me ligou de volta.”

Magnus jogou suas mãos para o ar em um gesto de total exasperação. Alec notou com interesse que quando ele fazia isso, umas poucas faíscas escaparam das pontas de seus dedos, como vagalumes escapando de uma jarra. “Você é um idiota.”

“É por isso que você não me ligou? Por que eu sou um idiota?”

“Não.” Magnus marchou em direção a ele. “Eu não liguei para você por que eu estou cansado de você só me querer ao redor quando você precisa de alguma coisa. Eu estou cansado de observar você apaixonado por alguém mais...alguém, por sinal, que nunca vai amar você de volta. Não do modo que eu faço.

“Você me ama?”

“Seu estúpido Nephilim,” Magnus disse pacientemente. “Por que mais eu estou aqui? Por que mais eu teria gastado as últimas semanas remendando todos os seus amigos tapados todas as vezes que eles se machucavam? E tirando você de cada situação ridícula que você se encontrava? Sem mencionar a ajudar você na luta contra Valentine. E tudo completamente grátis!”

“Eu não tinha olhado isso desse modo,” Alec admitiu.

“É claro que não. Você nunca olhou isso de modo algum.” Os olhos de gato de Alec brilharam com a raiva. “Eu tenho setecentos anos de idade, Alexander. Eu sei quando algo não vai funcionar. Você nem mesmo admite que eu existo para os seus pais.”

Alec olhou para ele. “*Você tem setecentos anos de idade?*”

“Bem,” Magnus corrigiu, “oitocentos anos. Mas eu não pareço. Além do mais, você está saindo do assunto. O ponto é...”

Mas Alec nunca descobriu qual o ponto era por que naquele momento uma dúzia de demônios Iblis inundaram a praça. Ele sentiu sua boca cair. “Maldição.”

Magnus seguiu seu olhar. Os demônios já estavam evaporando em um meio círculo ao redor deles, seus olhos amarelos brilhando. “Jeito de mudar de assunto, Lightwood.”

“Vou te dizer uma coisa.” Alec alcançou uma segunda lâmina serafim. “Nós sobrevivemos a isso, eu prometo que eu vou apresentar você para toda a minha família.”

Magnus levantou suas mãos, seus dedos brilhando com únicas chamas azul celeste. “Negócio fechado.”

## **11 – Toda a horda do inferno**

Comunidade Traduções e Digitalizações Livros  
<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

“Valentine,” Jace respirou. Seu rosto estava branco enquanto ele olhava abaixo a cidade. Através das camadas de fumaça, Clary pensou que ela podia quase vislumbrar os bairros estreitos das ruas da cidade, obstruídas com figuras correndo, pequeninas formigas pretas se lançando desesperadamente e de...mas ela olhou novamente e não havia nada, nada além de nuvens grossa de vapor preto e o cheiro de chamas e fumaça.

“Você acha que Valentine fez isso?” A fumaça era amarga na garganta de Clary. “Parece com um incêndio. Talvez isso começou em seu próprio...”

“O portão norte está aberto.” Jace apontou em direção a alguma coisa que Clary não podia entender, dada a distância e a fumaça deformando. “Ele nunca é deixado aberto. E as torres demônio perderam sua luz. As barreiras devem ter caído.” Ele puxou uma lâmina serafim de seu cinto, agarrando com força tão apertadamente que os nós de seus dedos tornaram cor de marfim. “Eu tenho que chegar lá.”

Um nó de pavor apertou a garganta de Clary. “Simon...”

“Eles vão evacuar ele do Gard. Não se preocupe, Clary. Ele está provavelmente melhor do que a maioria lá embaixo. Os demônios provavelmente não incomodarão ele. Eles tendem a deixar Downworlders em paz.”

“Me desculpe,” Clary sussurrou. “Os Lightwoods ... Alec...Isabelle...”

“*Jahoel*, Jace disse, e a lâmina do anjo incendiou, brilhante como luz do dia em sua mão esquerda enfaixada. “Clary, eu quero que você fique aqui. Eu voltarei para você.” A raiva que tinha estado em seus olhos desde que eles deixaram a mansão tinha evaporado. Ele era todo soldado agora.

Ela balançou sua cabeça. “Não. Eu quero ir com você.”

“Clary...” ele se interrompeu, todo se enrijecendo. Um momento depois Clary ouviu aquilo também...uma pesada e rítmica pancadaria, e por cima disso, o som como o crepitar de uma enorme fogueira. Levou a Clary vários longos momentos para desconstruir o som em sua mente, decompor ele como alguém podia quebrar um pedaço de música em suas notas componentes. “Isso é...”

”*Lobisomens*. Jace estava olhando além dela. Seguindo seu olhar, ela viu eles, fluindo sobre a colina mais próxima como uma sombra propagada, iluminados aqui e ali com ferozes olhos brilhantes. Um bando de lobos – mais do que um bando; devia haver centenas deles, até mesmo mil. Seus latidos e ladrar tinham sido o som que ela pensou que era um incêndio, e ele aumentou dentro da noite, sensível e pungente.

O estômago de Clary virou. Ela conhecia lobisomens. Ela tinha lutado ao lado de lobisomens. Mas estes não eram os lobos de Luke, nenhum lobo que tinha sido instruído a cuidar dela e não machucá-la. Ela pensou no terrível poder mortal do bando de Luke quando ele foi desenfreado, e subitamente ela estava com medo. Ao lado dela, Jace xingou uma



vez, ferozmente. Não havia tempo para encontrar outra arma; ele puxou ela fortemente contra ele, sua mão livre envolvendo em torno dela, e com sua outra mão ele levantou Jahael acima de suas cabeças. A luz da lâmina era cegante. Clary apertou seus dentes – e os lobos estavam sobre eles. Era como uma onda quebrando – uma súbita explosão de ruídos ensurdecedores, e uma precipitação de ar enquanto os primeiros lobos no bando separavam a frente e saltavam – haviam olhos queimando e garras à mostra – Jace cavou seus dedos no lado de Clary...

E os lobisomens navegaram para um e outro lado deles, limpando o espaço onde eles estavam em pé por um bom meio metro. Clary chicoteou sua cabeça em descrença enquanto dois lobos – um lustroso e listrado, o outro enorme e cinza aço – acertaram o terreno suavemente atrás deles, pausaram, e continuaram correndo, sem nem mesmo um olhar para trás, e ainda nenhum lobo tocou eles. Eles correram, uma inundação de sombras, sua pelagem refletindo o luar em flashes de prata então eles quase se pareciam com um único e movente rio de formas trovejante em direção a Jace e Clary – e então partiam ao redor deles como água ao redor de uma pedra. Os dois Caçadores de Sombras poderiam muito bem ter sido estátuas por toda a atenção que os licantropos prestavam a eles enquanto se apressavam, suas garras à mostra, seus olhos fixados na estrada a frente deles. E então eles foram embora. Jace se virou para olhar os últimos lobos que passavam e corriam para alcançar seus companheiros. Houve silêncio novamente, apenas um muito fraco sons da cidade à distância.

Jace soltou Clary, baixando Jahael enquanto ele fazia isso. “Você está bem?”

“O que aconteceu?” ela sussurrou. “Aqueles lobisomens... eles vieram direto para nós...”

“Eles estão indo para a cidade. Para Alicante.” ele tirou uma segunda lâmina serafim de seu cinto e a segurou para ela. “Você vai precisar disso.”

“Você não está me deixando aqui então?”

“Sem sentido. Não é seguro em lugar nenhum. Mas...” Ele hesitou. “Você vai ser cuidadosa?”

“Eu serei cuidadosa,” Clary disse. “O que nós fazemos agora?”

Jace olhou abaixo para Alicante, incendiando abaixo deles. “Agora nós corremos.”

Nunca foi fácil se manter com Jace, e agora, quando ele estava correndo fora do quase plano, era quase impossível. Clary sentiu que ele estava, de fato, se restringindo, diminuindo sua velocidade para deixar ela o alcançar, e que isso custava algo para ele fazer.

A estrada aplainou na base da colina e fez um curva através de uma elevação, árvores espessamente ramificadas, criando a ilusão de um túnel. Quando Clary saiu do outro lado, ela se encontrou em pé perante o portão norte. Através do arco Clary podia ver uma confusão de fumaça e chamas saltando. Jace parou na entrada do portão, esperando por ela. Ele estava segurando Jahael em uma mão e outra lâmina serafim na outra, mas mesmo suas

luzes combinadas estavam perdidas contra o maior brilho da cidade incendiando atrás dele.

“Os guardas,” ela ofegou, correndo até ele. “Por que eles não estão aqui?”

“Pelo menos um deles está morto no pé das árvores,” Jace jogou seu queixo na direção de onde eles vieram. “Em pedaços. Não, não olhe.” Ele olhou abaixo. “Você está segurando a lâmina serafim errado. Segure ela assim.” Ele mostrou a ela. “E você precisa chamá-la. Cassiel seria um bom.”

“*Cassiel*, Clary repetiu, e a luz da lâmina cintilou.

Jace olhou para ela sobriamente. “Eu queria ter tido tempo para treinar você para isso. É claro, por tudo que é certo, ninguém com tão pouco treinamento como você deve ser capaz de utilizar uma lâmina serafim. Surpreendeu antes, mas agora que nós sabemos o que Valentine fez...

Clary não queria muito falar sobre o que Valentine tinha feito. “Ou talvez você apenas se preocupou que se você tivesse me treinado apropriadamente, eu teria me tornado melhor do que você,” ela disse.

O fantasma de um sorriso tocou o canto de sua boca. “O que quer que aconteça, Clary,” ele disse, olhando para ela através da luz de Jahael, “fique comigo. Você entendeu?” Ele segurou o olhar dela, seus olhos exigindo uma promessa dela.

Por alguma razão a memória de beijar ele no gramado da mansão dos Wayland se elevou em sua mente. Isso parecia como a milhões de anos atrás. Como algo que tinha acontecido com outra pessoa. “Eu vou ficar com você.”

“Bom,” ele olhou para longe, libertando ela. “Vamos lá.”

Eles se moveram lentamente através do portão, lado a lado. Enquanto eles entravam na cidade, ela se tornou consciente dos barulhos da batalha como se pela primeira vez, uma parede de sons feita de gritos humanos e uivos não humanos, os sons de vidros quebrando e o crepitar do fogo. Isso fez o sangue cantar em suas orelhas. O pátio após o portão estava vazio. Havia formas embrulhadas espalhadas aqui e ali no calçamento; Clary tentou não olhar para elas tão duramente. Ela se perguntou como era que você podia dizer que alguém estava morto mesmo a distância, sem olhar muito de perto. Cadáveres não pareceriam inconscientes; era como se você pudesse sentir que algo tinha fugido deles, que alguma faísca necessária estava agora faltando.

Jace apressou eles através do pátio – Clary podia dizer que ele não gostava do espaço aberto e desprotegido. Havia mais ruínas aqui. Janelas de lojas tinha sido quebradas e seus conteúdos saqueados e derramados ao redor da rua. Havia um cheiro no ar também...um estragado, espesso, cheiro de lixo. Clary conhecia esse cheiro. Ele significa demônios.

“Por aqui,” Jace assoviou. Eles mergulharam em outra rua mais estreita. Um incêndio estava queimando em um andar superior de uma das casas alinhadas na rua, embora nenhum dos

edifícios de ambos os lados pareceram ter sido tocados. Clary estava estranhamente lembrada das fotos que ela tinha visto do ataque\* em Londres, onde a destruição tinha caído ao acaso, vinda do céu. Olhando para o alto, ela viu que a fortaleza acima da cidade estava coberto em um funil de fumaça preta. “O Gard.”

\*Blitz in London – ataque aéreo a Londres em 1940.

“Eu te disse, eles devem ter evacuado...” Jace se interrompeu enquanto eles saíam da rua estreita para uma via mais larga. Havia corpos na estrada aqui, vários deles. Alguns corpos eram pequenos. Crianças. Jace correu a frente, Clary seguindo mais hesitantemente. Haviam três, ela viu enquanto eles se aproximavam – nenhum deles, ela pensou com um alívio culpado, velho suficiente para ser Max. Ao lado deles estava o corpo de um homem mais velho, seus braços ainda jogados largamente como se eles tivesse estado protegendo as crianças com seu próprio corpo.

A expressão de Jace era dura. “Clary...vire-se. Lentamente.”

Clary virou. Bem atrás dela estava uma janela de loja quebrada. Havia tidos bolos em sua amostra em algum momento – uma torre deles coberta em brilhante gelo. Eles estavam espalhados pelo chão agora entre os vidros quebrados, e havia sangue na calçada também, misturado com gelo em longas listras rosadas. Mas isso não era o que tinha posto a nota de alerta na voz de Jace. Algo equipado com uma dupla fileira de dentes correndo no comprimento de seu corpo alongado, que estava manchado de gelo e empoeirado com o vidro quebrado como uma camada de açúcar brilhante.

O demônio caiu pesadamente fora da janela para o calçamento e começou a se arrastar em direção a eles. Algo sobre sua fluidez, o movimento cheio de ossos, fez a bile subir nas costas da garganta de Clary. Ela foi para trás, quase esbarrando em Jace.

“É um demônio Behemoth,” ele disse, olhando para a coisa deslizante em frente a eles.”Eles comem *tudo*.”

“Eles comem...?”

“Pessoas? Sim,” Jace disse. “Fique atrás de mim.”

Ela deu alguns passos para ficar atrás dele, seus olhos em Behemoth. Havia algo sobre ele que ela rejeitava mais do que os demônios que ela tinha encontrado antes. Ele parecia como uma lesma cega com dentes, e o modo que ele *deslizava*... Mas pelo menos ele não se movia rápido. Jace não deveria ter muitos problemas em matar ele. Como se estimulado pelo seu pensamento, Jace se arremessou a frente, retalhando abaixo suas inflamada lâminas serafim. Ela afundou nas costas de Beremoth com um som como fruta amadurecida sendo pisada. O demônio pareceu espasmar, e então estremeceu e se reformou, de repente a vários pés de distância de onde ele tinha estado antes.

Jace puxou Jahoel para trás.” Eu temia isso,” ele murmurou.” Ele é só semi-corpóreo. Difícil de matar.”

“Então, não.” Clary puxou em sua manga. “Pelo menos ele não se move rápido. Vamos sair daqui.”

Jace deixou ela puxar ele para trás relutantemente. Eles se viraram para correr na direção que eles tinham vindo de...E o demônio estava lá novamente, na frente deles, bloqueando a rua. Ele parecia ter crescido mais, e um baixo ruído estava vindo dele, um tipo de trinar zangado de inseto.

“Eu não acho que ele queira deixar a gente sair,” Jace disse.

“Jace...”

Mas ele já estava correndo para a coisa, arrastando Jahael abaixo em um longo arco, tencionando decapitar, mas a coisa apenas estremeceu novamente e se reformou, dessa vez atrás dele. Ele se elevou, mostrando uns sulcos na parte inferior como de uma barata. Jace girou e trouxe Jahael abaixo, retalhando a parte do meio da criatura. Fluído verde, espesso como muco, jorrou sobre a lâmina.

Jace foi para trás, seu rosto se contorcendo com o desgosto. O Beremoth estava ainda fazendo o mesmo ruído trinante. Mais fluído estava jorrando dele, mas ele não parecia machucado. Ele estava avançando resolutamente.

“Jace!” Clary chamou.”Sua lâmina...”

Ele olhou para baixo. “O muco do demônio Behemoth tinha revestido a lâmina de Jace, apagando sua chama. Enquanto ele olhava, a lâmina serafim crepitou e partiu como um fogo extinto por areia. Ele largou a arma com uma maldição antes que algum do lodo do demônio tocasse ele. O Behemoth trinou novamente, pronto para atacar. Jace mergulhou para trás – e então Clary estava lá, se arremessando entre ele e o demônio, sua lâmina serafim balançando. Ela golpeou a criatura bem abaixo de sua fileira de dentes, a lâmina penetrando dentro de sua massa com um úmido e feio som. Ela se jogou para trás, arfando, enquanto o demônio entrava em outro espasmo. Parecia que tomava da criatura uma certa quantidade de energia para se reformar cada vez que ela era ferida. Se eles pudessem ferir ela vezes suficientes...

Algo se moveu no canto da visão de Clary. Um cintilar de cinza e marrom, movendo-se rápido. Eles não estavam sozinhos na rua. Jace se virou, seus olhos se alargando. “Clary!” ele gritou. “Atrás de você.”

Clary girou, Cassiel brilhando em seu aperto, enquanto o lobisomem lançava-se para ela, seus lábios puxados para trás em um rosnar feroz, sua mandíbula boquiaberta largamente. Jace gritou alguma coisa; Clary não sabia o que, mas ela viu o olhar selvagem em seus olhos, mesmo quando ela se jogou de lado, fora do caminho do lobisomem. Ele navegou por ela, garras estendidas, corpo arqueado – e atingiu seu alvo, o Beremoth, golpeando ele horizontalmente para o chão antes de rasgar ele com seus dentes nus.

O demônio gritou, ou tão próximo quanto ele podia para gritar, um alto som lamentando,

como ar sendo tirado de um balão. O lobo estava em cima dele, o prendendo, seu focinho enterrado profundamente na viscosidade escondida do demônio. O Behemoth estremeceu e se agitou em um desesperado esforço para se reformar e curar seus ferimentos, mas o lobisomem não estava dando a ele uma chance. Suas garras cravadas profundamente na carne do demônio, o lobo rasgou talhos da carne gelatinosa do corpo de Behemoth com seus dentes, ignorando o esguichante fluido verde que jorrava em torno dele. O Behemoth começou uma última, e desesperadas séries de espasmos convulsivos, suas garras serrilhadas estalando juntas enquanto ele estremeceu – e então ele se foi, apenas uma poça viscosa de fluido verde manchando a calçada onde ele tinha estado.

O lobo fez um barulho – um tipo de grunhido satisfeito – e se virou para observar Jace e Clary com olhos tornados prata pelo luar. Jace puxou outra lâmina de seu cinto e segurou ela no alto, puxando uma feroz linha no ar entre eles e o lobisomem. O lobo rosnou, o cabelo se arrepiando ao longo de sua espinha.

Clary agarrou o braço dele. “Não...não.”

“É um lobisomem, Clary...”

“Ele matou o demônio para nós! Ele está do nosso lado!” Ela se distanciou de Jace antes que ele pudesse segurar ela para trás, aproximando-se lentamente do lobo, sus mãos levantadas, palmas estendidas. Ela falou em uma lenta e calma voz: “Eu lamento. Nós lamentamos. Nós sabemos que você não quer nos machucar.” Ela pausou, mãos ainda estendidas, enquanto o lobo observava ela com os olhos em branco. “Quem...quem é você?” ela perguntou. Ela olhou por cima de seu ombro para Jace e fez uma careta. “Você pode guardar essa coisa?”

Jace pareceu como se ele estivesse para dizer a ela em termos não incertos, que você não guarda uma lâmina serafim que está reluzindo na presença do perigo, mas antes que ele pudesse dizer alguma coisa, o lobisomem deu outro rosnar alto e começou a se levantar. Suas pernas se alongaram, sua espinha endireitou, e sua mandíbula retraíndo. Em uns poucos segundos uma garota em pé em frente a eles – uma garota usando um manchado vestido branco, seu cabelo cacheado amarrado atrás em múltiplas tranças, uma cicatriz atada a sua garganta.

“Quem é você?” a garota imitou em aversão. “Eu não acredito que você não me reconheceu. Não é como se todos os lobos fossem exatamente iguais. *Humanos*.”

Clary deixou sair um suspiro de alívio. “Maia!”

“Sou eu. Salvando seus traseiros, como sempre.” ela sorriu. Ela estava manchada com sangue e fluido – ele não tinha estado visível contra seu casaco de lobo, mas as listras preta e vermelha se destacavam assustadoramente contra sua pele marrom. Ela pôs a mão contra seu estômago. “E nojento, a propósito. Eu não acredito que eu mastiguei todo aquele demônio. Eu espero não ser alérgica.”

“Mas o que você está fazendo aqui?” Clary exigiu. “Quero dizer, não que nós não estejamos felizes em ver você, mas...”

“Você não sabe? Maia olhou de Jace para Clary em surpresa. “Luke nos trouxe para cá.”

“Luke?” Clary a encarou. “Luke está...aqui?”

Maia acenou. “Ele entrou em contato com seu bando, e um monte de outros, todos que ele podia pensar, e nos disse que nós tínhamos que vir para Idris. Nós voamos até a fronteira e viajamos até aqui. Alguns de outros bandos, eles passaram pelo portal e nos encontraram lá. Luke disse que os Nephilim iriam precisar de nossa ajuda...” sua voz falhou. “você não sabia nada disso?”

“Não,” Jace disse, “e eu duvido que a Clave sabia disso tão pouco. Eles não são altruístas em tomar ajuda de Downworlders.”

Maia se empertigou, seus olhos brilhando com fúria.”Se não fosse por nós, vocês todos seriam abatidos. Não havia ninguém protegendo a cidade quando nós chegamos aqui...”

“Não,” Clary disse, atirando um olhar zangado para Jace.”Eu estou realmente, realmente grata a você por nos salvar, Maia, e Jace está também, apesar de ele é tão teimoso que ele preferiria apertar uma lâmina serafim no seu globo ocular do que dizer isso. E não diga que você espera que ele o faça,” ela adicionou apressadamente, vendo o olhar no rosto da garota. “porque isso realmente não vai ajudar. Agora mesmo nós precisamos chegar a casa dos Lightwoods, e então eu tenho que achar Luke....”

“Os Lightwoods? Eu acho que eles estão no salão dos acordos. É onde nós temos estado levando todos. Eu vi Alec lá, pelo menos,” Maia disse. “e o bruxo, também, o com cabelo espetado. Magnus.”

“Se Alec está lá, os outros devem estar também.” O olhar de alívio no rosto de Jace fez Clary querer colocar uma mão em seu ombro. Ela não o fez. “Inteligente levar todos para o salão; ele é protegido.” Ele deslizou a brilhante lâmina serafim dentro de seu cinto. “Vamos lá, vamos embora.”

Clary reconheceu o interior do salão dos acordos no momento em que ela entrou nele. Era o lugar que ela tinha sonhado, onde ela tinha estado dançando com Simon e então Jace. *Isto era onde eu estava tentando enviar a mim mesma quando eu fui através do portal*, ela pensou, olhando ao redor para as paredes brancas pálida e o teto alto com sua enorme clarabóia de vidro, através do qual ela podia ver o céu noturno. A sala, embora muito grande, parecia de algum modo pequena e mais escura do que ela era em seu sonho. A fonte da sereia estava ainda no centro da sala, jorrando água, mas ela parecia manchada, e os degraus que levavam para ele estavam lotado de pessoas, muitas ostentando curativos. O espaço estava cheio de Caçadores de Sombras, pessoas se apressando aqui e ali, algumas vezes parando para olhar nos rostos dos outros transeuntes como se esperando encontrar um amigo ou um parente. O chão estava imundo com terra, marcas de passos borradas de lama e sangue.

O que abateu Clary mais do que qualquer coisa foi o silêncio. Se esta tivesse sido a



consequência de algum desastre no mundo mundano, teria havido pessoas berrando, gritando, chamando umas as outras. Mas o salão estava quase sem som. Pessoas sentavam-se quietamente, algumas com suas cabeças em suas mãos, algumas olhando para o espaço. Crianças aconchegando-se perto de seus pais, mas nenhuma delas estava chorando. Ela notou algo mais também, enquanto ela fazia seu caminho pela sala, Jace e Maia em ambos seus lados. Havia um grupo de pessoas imundas em pé perto da fonte em um círculo irregular. Eles se mantinham de algum modo longe do resto da multidão, e quando Maia pegou a visão deles e sorriu, Clary percebeu o porquê.

“Meu bando!” Ela exclamou. Ela se lançou na direção deles, parando apenas para olhar acima por sobre seu ombro para Clary enquanto ela ia. “Eu tenho certeza de que Luke está aqui em algum lugar,” ela falou, e desapareceu no grupo, que se fechou em torno dela. Clary se perguntou, por um momento, o que teria acontecido se ela tivesse seguido a garota lobisomem para o círculo. Eles teriam saudado ela como uma amiga de Luke, ou apenas ser suspeitos dela como outra Caçadora de Sombras?

“Não,” Jace disse, como se lendo seu pensamento. “Não é uma boa...”

Mas Clary nunca descobriu o que não era, por que houve um grito de “Jace!” e Alec apareceu, sem ar, empurrando seu caminho através da multidão para chegar a eles. Seu cabelo escuro estava uma bagunça e havia sangue em suas roupas, mas seus olhos eram brilhantes com uma mistura de alívio e raiva. Ele agarrou Jace pela frente de sua jaqueta. “O que *aconteceu* a você?”

Jace pareceu ofendido. “O que aconteceu *comigo*?”

Alec chacoalhou ele, não de leve.” Você disse que estava saindo para uma *caminhada*! Que tipo de caminhada leva seis horas?”

“Uma longa?” Jace sugeriu.

“Eu poderia matar você,” Alec disse, libertando seu aperto das roupas de Jace. “Eu estou seriamente pensando nisso.”

“Este seria tipo de perda de propósito, embora, não seria?” Jace disse. Ele olhou ao redor. “Onde está todo mundo? Isabelle, e ...”

“Isabelle e Max estão nos Penhallows, com Sebastian,” Alec disse.” Mamãe e papai estão a caminho para pegar eles. E Aline está aqui, com seus pais, mas ela não está falando muito. Ela teve um péssimo momento com um demônio Rezkor em um dos canais. Mas Izzy salvou ela.”

“E Simon?” Clary disse ansiosamente.” Você viu Simon? Ele deveria ter vindo com os outros do Gard.”

Alec balançou sua cabeça. “Não, Eu não vi...mas eu não vi o Inquiridor, também, ou o Cônsul. Ele provavelmente está com um deles. Talvez eles pararam em algum lugar, ou...”

Ele se interrompeu, enquanto um murmúrio se arrastava pela sala; Clary viu o grupo de licantropos olhando acima, alertas como um grupo de cães de caça cheirando um jogo. Ela se virou... e viu Luke, cansado e ensangüentado, vindo através das portas duplas do salão. Ela correu em direção a ele. Esquecendo do quão chateada ela tinha ficado quando ele a deixou, e esquecendo do quão zangado ele tinha ficado com ela por ter trazido eles aqui, esquecendo de tudo, exceto do quão feliz ela estava por ver ele. Ele pareceu surpreso por um momento enquanto ela se apressava em direção a ele – então ele sorriu, e colocou seu braços para fora, e colheu ela enquanto ele a abraçava, do jeito que ele tinha feito quando ela tinha sido bem pequena. Ele cheirava a sangue e flanela e fumaça, e por um momento ela fechou seus olhos, pensando no modo que Alec tinha agarrado Jace no momento em que ele tinha visto ele no salão, por que era como você fazia com a família quando você tinha estado preocupado com eles, você agarrava eles e os segurava e dizia a eles o quanto ele tinha chateado você, e estava tudo bem, por que não importa o quanto zangado você ficou, ele ainda pertencia a você. E o que ela tinha dito a Valentine era verdade. Luke era sua família.

Ele colocou ela de volta para baixo sobre seus pés, recuando um pouco enquanto ele o fazia. “Cuidado,” ele disse. “Um demônio Croucher me pegou no ombro abaixo perto da Ponte Merry weather.” ele colocou suas mãos sobre os ombros dela, estudando seu rosto.”Mas você está bem, não está?”

“Bem, isto é uma cena tocante,” disse uma voz fria. “Não é?”

Clary se virou, as mãos de Luke ainda em seu ombro. Atrás dela estava um homem alto em um manto azul que girava em torno dele enquanto ele se movia em direção a eles. Seu rosto debaixo do capuz de seu manto era a face de uma estátua entalhada: maçãs do rosto altas com acentuadas feições aquilinas e pesados olhos empapados. “Lucian, “ ele disse, sem olhar para Clary. “Eu podia ter esperado que você seja o que está por trás desta...desta invasão.”

“*Invasão?*” Luke repetiu, e subitamente, lá estava seu bando de licantropos, em pé atrás dele. Eles se moveram para o lugar tão rapidamente e silenciosamente, que era como se eles tivessem aparecido vindos de parte alguma. “Nós não fomos os que invadiram sua cidade, Cônsul. Foi Valentine. Nós estamos tentando apenas ajudar.”

“A Clave não precisa de ajuda,” o Cônsul rebateu. “Não vinda de tipos como vocês. Você está quebrando a Lei só de entrar na Cidade de Vidro, com barreiras ou sem barreiras. Você deve saber disto.”

“Eu acho que é bastante claro que a Clave precisa de ajuda. Se nós não tivéssemos vindo como nós fizemos, muitos mais de vocês estariam agora mortos.” Luke olhou ao redor da sala; vários Caçadores de Sombras tinham se movido em direção a eles, atraídos para ver o que estava acontecendo. Alguns deles encontraram o olhar de Luke o enfrentando; outros baixaram seus olhos, como se envergonhados. Mas nenhum deles, Clary pensou com um súbito aumento de surpresa, parecia zangado. “Eu fiz isso para provar um ponto, Malachi.”

A voz de Malachi era fria. “E que ponto poderia ser?”

“Que vocês precisam de nós,” Luke disse. “Para derrotar Valentine, vocês precisam de nossa ajuda. Não apenas a ajuda dos licantropos, mas de todos os Downworlders.”

“O que os Downworlders podem fazer contra Valentine?” Malachi perguntou zombeteiramente. “Lucian, você sabe melhor que isso. Você foi um de nós uma vez. Nós temos sempre estado sozinhos contra todos os perigos e guardado o mundo do mal. Nós iremos encontrar o poder de Valentine agora com o poder de nós mesmos. Os Downworlders fariam bem em ficar fora de nosso caminho. Nós somos Nephilim; nós lutamos nossas próprias batalhas.”

“Isso não é precisamente a verdade, é?” disse uma voz aveludada. Era Magnus Bane, usando um longo e cintilante casaco, com múltiplos brincos de aros em suas orelhas, e uma expressão malandra. Clary não tinha idéia de onde ele tinha vindo. “Vocês tem utilizado muita da ajuda de bruxos em mais de uma ocasião no passado, e pagaram graciosamente por ela também.”

Malachi olhou de cara feia. “Eu não me lembro da Clave convidando você para a Cidade do Vidro, Magnus Bane.”

“Ele não o fizeram,” Magnus disse. “Suas barreiras caíram.”

“Sério?” A voz do Cônsul gotejava sarcasmo. “Eu não percebi.”

Magnus pareceu preocupado. “Que terrível. Alguém deveria ter dito a você.” Ele olhou para Luke. “Diga a ele que as barreiras caíram.”

Luke pareceu exasperado. “Malachi, pelo amor de Deus, os Downworlders são fortes; ós temos números. Eu te disse, nós podemos ajudar.”

A voz do Cônsul se elevou. “E eu disse a você, nós não precisamos de sua ajuda!”

“Magnus,” Clary deslizou silenciosamente para seu lado e sussurrou. Uma pequena multidão tinha se reunido, observando Luke e o Cônsul discutirem; ela estava suficientemente certa de que ninguém estava prestando atenção nela. “Venha falar comigo. Enquanto todos eles estão muito ocupados se provocando para notar.”

Magnus deu a ela um rápido e questionador olhar, acenou, e puxou ela para longe, cortando entre a multidão como uma abridor de latas. Nenhum dos amontoados Caçadores de Sombras ou lobisomens pareciam querer ficar no caminho de um bruxo de um metro e oitenta e dois, com olhos de gato e um sorriso maníaco. Ele empurrou ela para um canto silencioso. “O que é?”

“Eu peguei o livro.” Clary pegou ele do bolso de seu casaco estropiado, deixando manchas de impressões sobre a capa marfim. “Eu fui a mansão de Valentine. Isso estava na biblioteca como você disse. E ...” Ela se interrompeu, pensando no anjo aprisionado. “Não importa.” Ela ofereceu a ele o Livro Branco. “Aqui. Pegue.”

Magnus arrancou ele se seu aperto com uma mão de dedos longos. Ele folheou através das páginas, seus olhos alargando. “Isso é ainda melhor do que eu tinha ouvido que era,” ele anunciou alegremente. “Eu não posso esperar para começar estes feitiços.”

“Magnus!” A voz acentuada de Clary trouxe ele de volta para terra. “Minha mãe primeiro. Você prometeu.”

“E eu cumpro minhas promessas.” O bruxo acenou gravemente, embora houvesse algo em seus olhos, algo que Clary não tinha muita confiança.

“Há algo mais, também,” ela adicionou, pensando em Simon. “Antes que você vá...”

“Clary!” Uma voz falou, sem fôlego, no seu ombro. Ela se virou em surpresa para ver Sebastian em pé ao lado dela. Ele estava usando uma vestimenta, e ela parecia certa nele de alguma maneira, ela pensou, como se ele tivesse nascido para vestir isso. Onde todos pareciam ensangüentados e desgrenhados, ele estava sem marcas – exceto uma dupla linha de riscos que corriam ao longo de sua bochecha esquerda, como se algo tivesse arranhado ele com uma mão de garras. “Eu estava preocupado com você. Eu fui a casa de Amatis no caminho vindo para cá, mas você não estava lá, e ela disse que não tinha visto você...”

“Bem, eu estou legal.” Clary olhou de Sebastian para Magnus, que estava abraçando o livro Branco contra seu peito. As sobrancelhas angulares de Sebastian se levantaram. “Você está? Seu rosto...” ela alcançou para tocar seus ferimentos. Os arranhões estavam ainda esvaindo um traço cheio de sangue. Sebastian encolheu os ombros, afastando a mão dela para longe gentilmente. “Um ela... demônio me pegou próximo aos Penhallows. Embora eu esteja bem, O que está acontecendo?

“Nada. Eu só estava falando com Ma...Ragnor,” Clary disse precipitadamente, percebendo com um súbito horror que Sebastian não tinha idéia de quem Magnus realmente era.

“Maragnor?” Sebastian arqueou suas sobrancelhas. “Ok, então,” Ele olhou curiosamente para o Livro Branco. Clary desejou que Magnus tivesse colocado ele longe – o modo como ele estava segurando ele, suas letras douradas estavam claramente visíveis. “O que é isso?”

Magnus estudou ele por um momento, seus olhos de gato considerando.”Um livro de feitiços,” ele disse finalmente. “Nada que seria do interesse de um Caçador de Sombras.”

“Na verdade minha tia coleciona livros de feitiços. Posso ver?” Sebastian estendeu sua mão, mas antes que Magnus pudesse recusar, Clary ouviu alguém chamar seu nome, e Jace e Alec descenderem sobre eles, nenhum claramente muito satisfeito em ver Sebastian.

“Eu pensei que tinha dito a você para ficar com Max e Isabelle!” Alec rebateu para ele. “Você deixou eles sozinhos?”

Lentamente os olhos de Sebastian se moveram de Magnus para Alec. “Seus pais foram para casa, como você disse que eles fariam.” Sua voz era fria. “Eles me enviaram a frente para

dizer a você que eles estão todos bem, e Izzy e Max. Eles estão a caminho.”

“Bem,” Jace disse, sua voz pesada com o sarcasmo, “obrigado por passar as notícias no segundo que você chegou aqui.”

“Eu não vi você no segundo em que cheguei aqui.” Disse Sebastian. “Eu vi Clary.”

“Por que você estava procurando por ela.”

“Por que eu precisava falar com ela. Sozinho.” Ele segurou os olhos dela de novo, e a intensidade neles deram a ela pausa. Ela queria dizer a ele para não olhar para ela daquele modo quando Jace estava lá, embora que soasse não razoável e louco, e além disso, talvez ele na verdade tivesse algo importante para dizer a ele. “Clary?”

Ela acenou. “Tudo bem. Só por um segundo,” ela disse, e viu a expressão de Jace mudar: ele não fez cara feia, mas seu rosto ficou muito imóvel. “Eu já vou estar de volta, “ ela adicionou, mas Jace não olhou para ela. Ele estava olhando para Sebastian.

Sebastian pegou ela pelo seu pulso e a puxou para longe dos outros, puxando ela em direção a parte mais espessa da multidão. Ela olhou para trás por cima de seu ombro. Todos eles estavam observando ela, até Magnus. Ela viu ele balançar sua cabeça uma vez, muito ligeiramente. Ela cravou seus calcanhares. “Sebastian. Pare. O que é? O que você tem a me dizer?”

Ele se virou para enfrentar ela, ainda segurando seu pulso. “Eu pensei que nós podíamos ir lá fora,” ele disse. “Falar em particular...”

“Não. Eu quero ficar aqui,” ela disse, e ouviu sua própria voz vacilar ligeiramente, como se ela não tivesse certeza. Mas ela tinha certeza. Ela puxou seu pulso para trás, puxando ele fora do aperto dele. “O que está acontecendo com você?”

“Aquele livro,” ele disse. “Que Fell está segurando...o Livro Branco...você sabe onde ele o conseguiu?”

“Era isso o que você queria falar comigo?”

“É um livro extraordinariamente poderoso,” Sebastian explicou. “E quem...bem, que um monte de gente tem estado procurando por ele a muito tempo.”

Ela assobiou uma respiração exasperada. “Tudo bem, Sebastian, olha,” ela disse. “Aquele não é Ragnor Fell. Aquele é Magnus Bane.”

“*Aquele* é Magnus Bane?” Sebastian girou ao redor e olhou, antes de se virar de volta para Clary com um olhar acusatório em seus olhos.”E você sabia o tempo todo, certo? Você conhece Bane.”

“Sim, e me desculpe. Mas ele não queria que eu dissesse a você. E ele era o único que podia

ajudar a salvar minha mãe. Este é o porquê eu dei a ele o Livro Branco. Há um feitiço lá que poderia ajudar minha mãe.”

Algo reluziu atrás dos olhos de Sebastian, e Clary teve a mesma sensação que ela tinha tido depois que ele beijou ela: um súbito puxão de erro, como se ela tivesse dado um passo a frente esperando encontrar terreno sólido debaixo de seus pés e ao invés disso mergulhou num espaço vazio. As mãos dele atiraram e agarraram seu pulso. “Você deu o livro...o Livro Branco...para um bruxo? Um imundo Downworlder?”

Clary ficou muito parada. “Eu não posso acreditar que você disse isso.” Clary olhou abaixo no lugar onde a mão de Sebastian circulavam seu pulso. “Magnus é meu amigo.”

Sebastian desprendeu seu aperto em seu pulso, apenas uma fração. “Me desculpe,” ele disse. “Eu não deveria ter dito isso. É só que...o quanto você conhece Magnus Bane?”

“Melhor do que eu conheço você,” Clary disse friamente. Ele olhou de volta em direção ao lugar que ela tinha deixado Magnus em pé com Jace e Alec – e um choque de surpresa atravessou ela. Magnus se foi. Jace e Alec permaneciam por si mesmos, observando ela e Sebastian. Ela podia sentir o calor da desaprovação de Jace como um forno aberto.

Sebastian seguiu seu olhar, seus olhos escurecendo. “Bem o suficiente para saber onde ele foi com nosso livro?”

“Não é o meu livro. Eu dei a ele,” Clary rebateu, mas havia uma sensação de frieza em seu estômago, lembrando do olhar sombrio nos olhos de Magnus. “E eu não vejo o que é de sua conta, também. Olha, eu aprecio você ter oferecido para me ajudar a encontrar Ragnor Fell, ontem, mas você realmente está me assustando agora. Eu vou voltar para meus amigos.”

Ela começou a se virar, mas ele se moveu para bloqueá-la. “Me desculpe. Eu não deveria ter dito o que eu disse. É só que...há mais em tudo isso do que você sabe.”

“Então me diga.”

“Vamos lá fora comigo. Eu te digo tudo.” Seu tom era ansioso, preocupado. “Clary, por favor.”

Ela balançou sua cabeça. “Eu tenho que ficar aqui. Eu estou esperando por Simon.” Isso era parcialmente verdade, e parcialmente uma desculpa. “Alec me disse que eles estão trazendo os prisioneiros para cá...”

Sebastian estava balançando sua cabeça. “Clary, ninguém disse a você? Eles deixaram os prisioneiros para trás. Eu ouvi Malachi dizer. A cidade foi atacada, e eles evacuaram o Gard, mas ele não tiraram os prisioneiros. Malachi disse que eles estavam em aliança com Valentine, de qualquer maneira. Que não havia como deixar eles saírem sem ser um grande risco.”

A cabeça de Clary parecia estar cheia de névoa; ela se sentiu tonta, e um pouco doente. “Isso



não pode ser verdade.”

“É verdade,” Sebastian disse. “Eu juro que é.” Seu agarro no pulso de Clary apertou novamente, e ela oscilou em seus pés. “Eu posso te tirar daqui. Até o Gard. Eu posso ajudar você a tirar ele. Mas você tem que me prometer que você vai...”

“Ela não tem que te prometer nada,” Jace disse. “Solte ela, Sebastian.”

Sebastian, assustado, soltou seu aperto no pulso de Clary. Ela se puxou livre, se virando para ver Jace e Alec, ambos de cara amarrada. A mão de Jace estava descansando levemente no cabo da lâmina serafim em sua cintura.

“Clary pode fazer o que ela quiser,” Sebastian disse. Ele não estava com expressão de raiva, mas havia um estranho, e olhar fixo em seu rosto que era de algum modo pior. “E agora mesmo ela quer vir comigo para salvar o amigo dela. O amigo que *você* jogou na prisão.”

Alec empalideceu com isso, mas Jace apenas balançou sua cabeça. “Eu não gosto de você,” ele disse pensativamente.. “Eu sei que todo mundo gosta de você, Sebastian, mas eu não. Talvez é porque você trabalha tão duramente para as pessoas gostarem de você. Talvez eu sou só um bastardo teimoso. Mas eu não gosto de você e não gosto do jeito que você está agarrando minha irmã. Se ela quer ir para o Gard e procurar por Simon, ótimo. Ela irá com a gente. Não com você.”

A expressão fixa de Sebastian não mudou. “Eu acho que deve ser escolha dela,” ele disse. “Não acha?”

Ambos olharam para Clary. Que olhou além deles, em direção a Luke, ainda discutindo com Malachi.”Eu quero ir com meu irmão,” ela disse.

Algo piscou atrás dos olhos de Sebastian...algo que estava lá e se foi tão rapidamente para que Clary identificasse isso, embora ela sentiu um arrepio na base de seu pescoço, como se uma mão gelada tocasse ela lá. “É claro que você vai,” ele disse, e andou de lado.

Foi Alec quem se moveu primeiro, empurrando Jace a frente dele, fazendo ele caminhar. Eles estavam a meio caminho da porta quando ela notou que seu pulso estava doendo – picando como se tivesse sido queimado. Olhando abaixo, ela esperou ver uma marca em seu pulso, onde Sebastian tinha agarrado ela, mas não havia nada lá. Apenas uma mancha de sangue em sua manga onde ela tinha tocado o corte no rosto dele. Franzindo as sobrancelhas, com seu pulso ainda picando, ela puxou sua manga abaixo e se apressou para alcançar os outros.

## 12 – De profundis

As mãos de Simon estavam pretas com o sangue.

Ele tinha tentado arrancar as barras fora da janela e a porta da cela, embora tocar qualquer delas por muito tempo chamuscou sangrando pontos marcados em suas palmas. Eventualmente ele desmoronou, arfando, no chão, e olhou entorpecidamente para suas mãos enquanto os ferimentos cicatrizavam rapidamente, as lesões fechando e a pele empretecida se descamando como um vídeo em alta velocidade.

Do outro lado da parede da cela, Samuel estava orando. *“Se, quando o mal vem sobre nós, enquanto a espada, julgamento, ou peste, ou fome, nós perante nossa casa, e em tua presença, e gritamos para ti em nossa aflição, então tu nos ouve e ajuda...”*

Simon sabia que ele não podia orar. Ele tinha tentado isso antes, e o nome de Deus queimou sua boca e sufocou sua garganta. Ele se perguntou o porquê ele podia pensar nas palavras, mas não dizê-las. E por que ele podia suportar o sol do meio-dia e não morrer, mas ele não podia dizer suas últimas orações. Fumaça começou a fluir abaixo no corredor como um fantasma resolutivo. Era estranho vindo de um vampiro ser apresentado com o que podia ser descrito como uma vida eterna, e então morrer de qualquer jeito mesmo quando você tem dezesseis.

“Simon!” A voz era fraca, mas a sua audição pegou ela sobre o estalo e crepitar de chamas crescentes. A fumaça no corredor havia anunciado o calor; o calor estava ali agora, pressionando ele como uma parede opressora. “Simon!”

A voz era de Clary. Ele podia saber em qualquer lugar. Ele se perguntou se sua mente estava suplicando isso agora, uma sentimento de memória do que ele tinha mais amado durante a vida para carregar com ele através do processo da morte.

“Simon, seu estúpido idiota! Eu estou aqui! Na janela!”

Simon saltou para seus pés. Ele duvidava que sua mente fosse suplicar por aquilo. Através do espessamento da fumaça ele viu algo branco se movendo contra as barras da janela. Enquanto ele se aproximava, os objetos brancos evoluíram para mãos agarrando as barras. Ele saltou para o beliche, gritando sobre o barulho do fogo. “Clary?”

“Ah, graças a Deus.” Uma das mãos se estendeu, apertou seu ombro. “Estamos indo te tirar daí.”

“Como?” Simon demandou, não sem lógica, embora havia o som de uma briga e as mãos de Clary desapareceram, substituídas um momento mais tarde por outro par. Estas eram mãos maiores, inquestionavelmente masculinas, com articulações cicatrizadas e finos dedos de pianista.

“Calma aí.” A voz de Jace era calma, confiante, por todo o mundo como se eles estivessem conversando em um festa ao invés de através de barras de um calabouço rapidamente incendiando. “Você pode querer ficar para trás.”

Atemorizado em obediência, Simon se moveu para o lado. As mãos de Jace apertadas nas

barras, suas articulações embranquecendo alarmantemente. Houve um rangente estalo, e a esquadria das barras sacudiu livre da pedra que segurava ela e moveu para o terreno ao lado da cama. Poeira da pedra choveu em uma sufocante nuvem branca.

O rosto de Jace apareceu no quadrado vazio da janela. “Simon, VAMOS LÁ.” Ele se esticou. Simon alcançou e segurou as mãos de Jace. Ele se sentiu atraído para cima, e então ele estava agarrando a beirada da janela, se suspendendo através do quadrado estreito como um cobra ziguezagueando através de um túnel. Um segundo depois ele estava esparramado na grama úmida, olhando para um círculo de rostos preocupados acima dele. Jace, Clary e Alec. Eles todos estava olhando abaixo para ele em preocupação.

“Você parece uma merda vampiro,” Jace disse. “O que aconteceu com suas mãos?”

Simon se sentou. Os ferimentos em suas mãos tinham curado, mas ela ainda estavam pretas onde ele tinha agarrado as barras de sua cela. Antes que ele pudesse responder, Clary pegou ele em um súbito e feroz abraço.

“Simon,” ela respirou. “eu não acredito nisso. Eu nem mesmo sabia que você estava aqui. Eu pensei que você estava em Nova York até a noite passada...”

“Yeah, bem,” Simon disse. “eu não sabia que você estava aqui também.” ele olhou para Jace acima do ombro dela. “Na verdade, eu acho que foi expressamente dito que você não estava.”

“Eu nunca disse isso,” Jace apontou. “Eu apenas não corriji você quando você estava, você sabe, errado. Além do mais, eu salvei você de estar sendo queimado até a morte, então eu calculo que você não está autorizado a estar nervoso.”

*Queimado até a morte.* Simon se afastou de Clary e olhou ao redor. Eles estavam em um jardim quadrado, cercado de dois lados por paredes da fortaleza e nos outros dois lados por um pesado crescimento de árvores. As árvores tinham sido limpadas onde um caminho de cascalho levava da colina para a cidade – ela era alinhada com tochas de luz de bruxa, mas apenas umas poucas estavam queimando, suas fracas luzes e erráticas. Ele olhou acima para o Gard. Vendo por este ângulo, ele podia dificilmente dizer onde estava um incêndio – fumaça preta manchando o céu acima, e a luz em umas poucas janelas parecia desnaturalmente brilhante, mas as paredes de pedra escondiam seu segredo bem.

“Samuel,” ele disse. “Nós temos que tirar Samuel.”

Clary pareceu confusa. “Quem?”

“Eu não era a única pessoa lá. Samuel – ele estava na cela ao lado.”

“A pilha de trapos que eu vi através da janela?” Jace recordou.

“Yeah. Ele é um tipo estranho, mas ele é um cara bom. Nós não podemos deixar ele lá.” Simon lutou em seus pés. “Samuel? Samuel!”

Não houve resposta. Simon correu para a janela baixa de barras ao lado da que ele tinha rastejado. Através das barras ele podia ver apenas fumaça girando. “Samuel! Você está aí?”

Alguma coisa se moveu dentro da fumaça – algo arqueado e escuro. A voz de Samuel, áspera pela fumaça, cresceu roucamente. “Me deixe sozinho! Vá embora!”

“Samuel! Você vai morrer aí embaixo.” Simon puxou as barras. Nada aconteceu.

“Não! Me deixe sozinho! Eu quero ficar!”

Simon olhou desesperadamente ao redor para ver Jace ao lado dele. “Mova-se,” Jace disse, e quando Simon se inclinou para o lado, ele chutou com uma bota calçada. Isso conectou com as barras, que rasgaram livres violentamente de suas amarras e tombou na cela de Samuel. Samuel deu um grito rouco.

“Samuel! Você está bem? Uma visão de Samuel sendo esmagado no crânio pela queda das barras subiu perante os olhos de Simon.

A voz de Samuel subiu em um grito. “VÁ EMBORA!” Simon olhou de lado para Jace. “Eu acho que ele pretende isso.”

Jace balançou sua cabeça loira em exasperação. “Você tinha que fazer um amigo de prisão maluco, não tinha? Você não podia só contar os ladrilhos de teto ou domar um rato de estimação como os prisioneiros normais fazem?” Sem esperar por uma resposta, Jace se abaixou no terreno e rastejou através da janela.

“Jace!” Clary gritou, e ela e Alec se apressaram acima, mas Jace já estava através da janela, caindo na cela abaixo. Clary atirou a Simon um olhar zangado. “Como você pôde deixar ele fazer isso?”

“Bem, ele não podia deixar aquele cara lá embaixo para morrer,” Alec disse inesperadamente, embora ele próprio parecesse um pouco ansioso. “É de Jace que estamos falando aqui...”

Ele se interrompeu enquanto duas mãos se elevava fora da fumaça. Alec agarrou uma e Simon a outra, e juntos eles puxaram Samuel como um frouxo saco de batatas fora da cela e depositaram ele sobre o gramado. Um momento depois Simon e Clary estavam agarrando as mãos de Jace e puxando ele para fora, embora ele fosse consideravelmente menos mole e xingou quando eles acidentalmente bateram a cabeça dele no peitoril. Ele sacudiu eles para longe, rastejando o resto do caminho para a grama e então, desmoronando em suas costas. “Ouch,” ele disse, olhando acima para o céu. “Acho que puxei algo.” Ele se sentou e olhou acima para Samuel. “Ele está bem?”

Samuel se sentava encurvado no chão, suas mãos espalmadas sobre seu rosto. Ele se balançava para frente e para trás silenciosamente.

“Eu acho que há algo de errado com ele,” Alec disse. Ele se aproximou para tocar o ombro de Samuel. Samuel se sacudiu para longe, quase tombando.

“Me deixe sozinho,” ele disse, sua voz rachando. “Por favor. Me deixem sozinho, Alec.”

Alec ficou completamente rígido. “O que você disse?”

“Ele disse para deixar ele sozinho,” Simon disse, mas Alec não estava olhando para ele, nem mesmo sequer percebeu que ele tinha falado. Ele estava olhando para Jace – quem, subitamente muito pálido, já tinha começado a se levantar em seus pés.

“Samuel,” Alec disse. Seu tom era estranhamente duro.” Tire suas mãos para longe de seu rosto.”

“Não.” Samuel enfiou seu queixo abaixo, seus ombros tremendo. “Não, por favor. Não.”

“Alec!” Simon protestou. “Você não pode ver que ele não está bem?”

Clary pegou a manga de Simon. “Simon, há algo de errado.”

Seus olhos estavam em Jace – quando não estavam? - enquanto ele se movia para olhar abaixo a figura encolhida de Samuel. As pontas dos dedos de Jace estava sangrando onde ele moveu para empurrar seu cabelo para trás de seus olhos, elas deixaram faixas ensangüentadas através de sua bochecha. Ele pareceu não notar. Seus olhos estavam largos, sua boca uma linha plana e zangada. “Caçador de Sombras,” ele disse. Sua voz era mortalmente clara. “Nos mostre seu rosto.”

Samuel hesitou, então largou suas mãos. Simon nunca tinha visto seu rosto antes, e ele não tinha notado quão magro Samuel era, ou quão velho ele parecia. Seu rosto estava meio coberto por uma espessa barba cinza, seus olhos nadando em buracos escuros, suas bochechas encaixadas com linhas. Mas apesar de tudo isso, ele era ainda – de algum modo – estranhamente familiar.

Os lábios de Alec se moveram, mas nenhum som veio. Foi Jace quem falou.

*Hodge*, ele disse.

“Hodge?” Simon repetiu em confusão.”Mas não pode ser. Hodge era...e Samuel, ele não pode ser...”

“Bem, é isso que Hodge faz, aparentemente,” Alec disse amargamente. “ele faz você pensar que ele é alguém que ele não é.”

“Mas ele disse...” Simon começou. A contenção de Clary apertando em sua mão, e as palavras morreram em seus lábios. A expressão no rosto de Hodge era o suficiente. Não culpa, realmente, ou mesmo horror em ser descoberto, mas uma terrível dor que era difícil de se olhar por muito tempo.

“Jace, “ Hodge disse silenciosamente. “Alec...eu lamento muito.”

Jace moveu-se então, do modo que ele se movia quando ele estava lutando, como a luz através da água. Ele estava em pé em frente a Hodge com a faca para fora, a ponta afiada dela dirigida na garganta de seu velho tutor. O brilho refletido do fogo deslizado fora da lâmina. “Eu não quero suas desculpas. Eu quero uma razão do porquê eu não deveria matar você agora mesmo, bem aqui.”

“Jace.” Alec pareceu alarmado. “Jace, espere.”

Houve um súbito rugido enquanto parte do telhado do Gard subiu em línguas laranja de fogo. Calor tremulou no ar e iluminou a noite. Clary podia ver cada lâmina da grama no terreno, cada linha no rosto fino e sujo de Hodge.

“Não,” Jace disse. Sua expressão enquanto encarava abaixo para Hodge lembrou Clary de outra máscara como rosto. De Valentine. “Você sabia o que meu pai fez comigo, não sabia? Você sabia de todos os seus segredos sujos.”

Alec estava olhando incompreensivelmente de Jace para seu velho tutor. “Do que você está falando? O que está acontecendo?”

O rosto de Hodge enrugou. “Jonathan...”

“Você sempre soube, e você nunca disse nada. Todos esses anos no Instituto, e você nunca disse nada.”

A boca de Hodge caiu. “Eu...eu não tinha certeza,” ele sussurrou.”Quando você não tem visto uma criança desde que ela era um bebê...eu não tinha certeza quem você era, muito menos o que você era.”

“Jace?” Alec estava olhando de seu melhor amigo para seu tutor, seus olhos azuis apavorados, mas nenhum dos dois estava prestando atenção a nada além do outro. Hodge parecia um homem preso em um torno apertadamente, seus olhos esbugalhando.

Clary pensou no homem organizadamente vestido em sua biblioteca alinhada de livros, que tinha oferecido a ela chá e gentis conselhos. Isso parecia como a mil anos atrás.

“Eu não acredito em você,” Jace disse. “Você sabia que Valentine não estava morto. Ele deve ter dito a você...”

“Ele não me disse nada,” Hodge arfou. “Quando os Lightwoods me informaram que eles estavam tomando o filho de Michael Wayland, eu não tinha ouvido uma palavra de Valentine deste a revolta. Eu tinha pensado que ele tivesse me esquecido. Eu tinha mesmo rezado que ele estivesse morto, mas eu nunca soube. E então, a noite antes de você chegar, Hugo veio com uma mensagem para mim de Valentine. 'O garoto é meu filho.' Isso é tudo o que disse.” Ele tomou uma fôlego irregular. “Eu não tinha idéia se acreditava nele. Eu



pensei que eu sabia...eu pensei que eu sabia, apenas olhando para você, mas não havia nada, nada, para me dar certeza. E eu pensei que era um truque de Valentine, mas que truque? O que ele estava tentando fazer? Eu não tinha idéia, que estava claro o suficiente para mim, mas como para propósito de Valentine...”

*”Você deveria ter me dito o que eu era,”* Jace disse, tudo em uma respiração, como se as palavras tivessem sendo perfuradas fora dele. “Eu podia ter feito alguma coisa sobre isso. Matado a mim mesmo talvez.”

Hodge levantou sua cabeça, olhando acima para Jace através de seu emaranhado cabelo imundo. “Eu não tinha certeza,” ele disse novamente, meio para si mesmo, “E nas horas que eu me perguntava...eu pensei, talvez, que a educação poderia importar mais do que o sangue...que você poderia ser ensinado...”

“Ensinado o que? A não ser um monstro?” A voz de Jace tremeu, mas a faca em sua mão estava firme. “Você deveria saber melhor. Ele fez um rastejante covarde de você, não fez? E você não seria um garotinho sem saída quando ele fez isso. Você poderia ter lutado de volta.”

Os olhos de Hodge caíram. “Eu tentei fazer o meu melhor por você,” ele disse, mas até mesmo aos ouvidos de Clary suas palavras soaram fracas.

“Até Valentine voltar, “Jace disse.” e então você fez tudo o que ele pediu a você...você me deu a ele como eu fosse um cachorro que tinha pertencido a ele uma vez, que ele pediu para você cuidasse por alguns anos...”

“E então você partiu,” Alec disse. “Você nos deixou. Você realmente achou que poderia se esconder aqui, em Alicante?”

“Eu não vim aqui para me esconder,” Hodge disse, sua voz sem vida. “Eu vim aqui para parar Valentine.”

“Você espera que nós acreditemos nisso.” Alec soou zangado novamente agora. “Você sempre esteve do lado de Valentine. Você poderia ter escolhido virar as costas para ele...”

“Eu nunca poderia ter escolhido isso!” A voz de Hodge subiu.”A seus pais foi dada a chance de uma nova vida...eu nunca tive chance disso! Eu estive preso no Instituto por quinze anos...”

“O Instituto era nossa casa!” Alec disse. “Era realmente tão ruim viver conosco...fazendo parte de nossa família?”

“Não por causa de vocês.” A voz de Hodge era irregular. “Eu amava vocês, crianças. Mas vocês eram crianças. E nenhum lugar onde você nunca é autorizado a sair pode ser um lar. Eu ficava semanas as vezes sem falar com nenhum adulto. Nenhum outro Caçador de Sombras iria confiar em mim. Nem mesmo seus pais realmente gostavam de mim; eles me

toleravam por que não tinham escolha. “Eu nunca pude me casar. Nunca ter meus próprios filhos. E eventualmente vocês crianças teriam crescido e partido, e então eu não teria sequer isso. Eu vivia com medo, tanto quanto eu vivi de modo algum.”

“Você não pode nos fazer sentir pena de você,” Jace disse. “Não depois do que você fez. E o que no inferno você estava com medo, gastando todo seu tempo na biblioteca? Ácaros? Nós eramos os que saíam e lutávamos com os demônios!”

“Ele estava com medo de Valentine,” Simon disse. “Você não entendeu...”

Jace atirou a ele um olhar venenoso. “Cala a boca, vampiro. Isso não é de modo algum sobre você.”

“Não de Valentine exatamente,” Hodge disse, olhando para Simon quase a primeira vez, desde que ele foi arrastado da cela. Havia algo naquele olhar que surpreendeu Clary – uma quase cansada – afeição. “Minha própria fraqueza de onde Valentine estava, preocupava. Eu sabia que ele retornaria um dia. Eu sabia que ele faria uma oferta por poder novamente, uma oferta para governar a Clave. E eu sabia o que ele poderia me oferecer. Liberdade da minha maldição. Um lugar no mundo. Eu poderia ser um Caçador de Sombras novamente, em seu mundo. Eu nunca poderia ser um novamente neste mundo. “Havia uma lembrança indefesa em sua voz que era dolorosa de se ouvir. “E eu sabia que eu seria muito fraco para recusar ele se oferecesse isso.”

“E olha a vida que você conseguiu,” Jace cuspiu. “Apodrecendo nas celas do Gard. Valeu a pena nos trair?”

“Você sabe a resposta disso,” Hodge soou exausto. “Valentine tirou a maldição de mim. Ele tinha jurado que ele faria, e ele o fez. Eu pensei que ele iria me trazer de volta para o Círculo, ou que restou dele. Ele não o fez. Ele nem mesmo me queria. Eu sabia que não haveria lugar para mim no seu mundo novo. E eu sabia que eu tinha vendido tudo o que eu tinha por uma mentira.” Ele olhou abaixo para suas rachadas mãos imundas. “Havia só uma coisa que eu tinha deixado – uma chance de fazer algo diferente do que um absoluto desperdício da minha vida. Depois que eu ouvi que Valentine tinha matado os Irmãos do Silêncio – que ele tinha a Espada Mortal – eu sabia que ele iria atrás do Espelho Mortal depois. Eu sabia que ele precisava de todos os três dos instrumentos. E eu sabia que o Espelho Mortal estava aqui em Idris.”

“Espere.” Alec levantou uma mão. “O Espelho Mortal? Você quer dizer, você sabe onde ele está? E quem tem isso?”

“Ninguém tem isso,” Hodge disse. “Ninguém pode ser dono do Espelho Mortal. Nenhum Nephilim, e nenhum Downworlder.”

“Você realmente ficou maluco lá embaixo,” Jace disse, empurrando seu queixo em direção as janelas incendiando dos calabouços. “não é?”

“Jace.” Clary estava olhando ansiosamente acima do Gard, seu telhado coroado com uma

rede espinhosa de chamas vermelho ouro. “O fogo está se espalhando. Nós devemos sair daqui. Nós podemos conversar lá embaixo na cidade....”

“Eu estava trancado no Instituto por quinze anos,” Hodge continuou, como se Clary não tivesse falado. “Eu não podia colocar tanto quanto uma mão ou um pé do lado de fora. Eu passei todo o meu tempo na biblioteca, estudando meios para remover a maldição que a Clave tinha colocado em mim. Eu aprendi que somente um instrumento mortal poderia revertê-lo. Eu li livro após livro contando a história da mitologia do Anjo, como ele subiu do lago sustentando os instrumentos mortais e deu eles para o Caçador de Sombras Jonathan, o primeiro Nephilim, e como havia três deles: Taça, Espada, e Espelho...”

“Nós sabemos de tudo isso,” Jace interrompeu exasperado. “Você ensinou isso para nós.”

“Vocês pensam que você sabem de tudo, mas você não sabe. Enquanto eu continuava mais e mais nas várias versões da história, aconteceu de novo e de novo a mesma ilustração, a mesma imagem – nós todos vimos isso – o Anjo se elevando do lago com a Espada em uma mão e a Taça na outra. Eu nunca pude entender o porquê do Espelho não estar retratado. Então eu percebi. O Espelho é o lago. O lago é o Espelho. Eles são um e o mesmo.”

Lentamente Jace abaixou a faca. “Lago Lyn?”

Clary pensou no lago, como um espelho subindo para encontrar com ela, a água despedaçando-se sobre o impacto. “Eu cai no lago quando eu cheguei aqui primeiro. Havia algo sobre ele. Luke disse que ele tinha estranhas propriedades e que o povo das fadas chamavam ele de Espelho dos Sonhos.”

“Exatamente,” Hodge começou ansiosamente. “E eu percebi que a Clave não tinha conhecimento disso, que o conhecimento havia sido perdido com o tempo. Mesmo Valentine não sabia...”

Ele foi interrompido por um ruído de colisão, o som de uma torre no final mais distante do Gard desmoronando. Isso enviou uma exposição de fogos de faíscas vermelhas e brilhantes.

“Jace,” Alec disse, levantando sua cabeça em alarme. “Jace, nós temos que sair daqui. Levante-se,” ele disse a Hodge, puxando ele acima pelo braço. “Você pode dizer a Clave o que você acabou de nos dizer.”

Hodge ficou instável sob seus pés. O que isso deve ser, Clary pensou com um forte dor indesejável de pena, viver sua vida envergonhado não apenas pelo o que você fez, mas o que você estava fazendo e o que você sabia que iria fazer? Hodge tinha desistido a muito tempo atrás de tentar viver uma vida melhor ou uma diferente dessa; tudo o que ele queria era não ter medo, e então ele estava com medo o tempo todo.

“Vamos lá.” Alec, ainda segurando o braço de Hodge, impulsionando ele a frente. Mas Jace ficou na frente de ambos, bloqueando seu caminho.

“Se Valentine conseguir o Espelho Mortal,” ele disse. “o que há então?”

“Jace,” Alec disse, ainda segurando o braço de Hodge, “agora não...”

“Se ele disser isso para a Clave, eles nunca irão ouvir isso vindo dele,” Jace disse. “Para eles nós somos apenas crianças. Mas Hodge *deve isso a nós*.” Ele se virou para seu antigo tutor. “Você disse que percebeu que tinha que parar Valentine. Parar ele fazendo o quê? O que faz o Espelho dar a ele poder para fazer?”

Hodge balançou sua cabeça. “Eu não posso...”

“e nada de mentiras.” A faca fulgiu na lateral de Jace; sua mão estava apertada no cabo. “Por que talvez a cada mentira que você me disser, eu irei cortar um dedo. Ou dois.”

Hodge encolheu-se para trás, verdadeiro medo em seus olhos. Alec pareceu chocado. “Jace. Não. Isso é o que seu pai se parece. E não o que você se parece”

“Alec,” Jace disse. Ele não olhou para seu amigo, mas seu tom era como o toque de uma mão arrependida. “Você realmente não sabe o que eu sou semelhante.”

Os olhos de Alec encontraram-se com os de Clary através da grama. *Ele não podia imaginar o porquê Jace estava agindo assim*, ela pensou. *Ele não sabe*. Ele tomou um passo adiante. “Jace, Alec está certo – nós podemos levar Hodge para o salão e ele pode dizer a Clave o que ele nos disse...”

“Se ele tivesse sido capaz de dizer a Clave, ele já teria feito isso,” Jace rebateu sem olhar para ela. “O fato que ele não prova que ele é um mentiroso.”

“A Clave não é confiável!” Hodge protestou desesperadamente. “Há espiões nela – homens de Valentine – eu não poderia dizer a eles onde o Espelho está. Se Valentine encontrar o Espelho, ele será...”

Ele nunca terminou sua frase. Algo brilhante prata luziu no luar, um cravo de luz na escuridão. Alec gritou. Os olhos de Hodge saltaram largamente enquanto ele oscilava, arranhando seu peito. Enquanto ele afundava para trás, Clary viu o porquê: O cabo de um longo punhal projetava-se de suas costelas, como o punho de uma seta furiosa seu alvo.

Alec, pulando a frente, pegou seu antigo tutor enquanto ele caía, e abaixava ele gentilmente para o chão. Ele olhava acima sem resposta, seu rosto salpicado com o sangue de Hodge. “Jace, por que...”

“Eu não ...” O rosto de Jace estava branco, e Clary viu que ele ainda segurava sua faca, firmemente agarrado a seu lado.” Eu...”

Simon girou ao redor, e Clary virou com ele, olhando dentro da escuridão. O fogo iluminou a grama com um infernal brilho laranja, mas estava escuro entre as árvores do lado da colina – e então algo emergiu da escuridão, uma figura sombria, com um familiar cabelo escuro bagunçado. Ele se moveu em direção a eles, a luz pegando em seu rosto e refletindo em seus

olhos escuros; eles pareciam como se estivessem queimando.

“Sebastian?” Clary disse.

Jace olhou selvagememente de Hodge para Sebastian permanecendo incerto no canto do jardim; Jace parecia quase aturdido. “Você,” ele disse. “Você...fez isso?”

“Eu tive que fazer isso,” Sebastian disse. “ele teria matado você.”

“Com o que?” A voz de Jace subiu e falhou. “Ele nem mesmo tinha uma arma...”

“Jace.” Alec cortou o grito de Jace. “Venha aqui. Me ajude com Hodge.”

“Ele teria matado você,” Sebastian disse novamente. “Ele teria...”

Mas Jace tinha se ajoelhado ao lado de Alec, guardando sua faca em seu cinto. Alec estava segurando Hodge em seus braços, sangue na frente de sua camisa agora. “Pegue a estela de meu bolso,” ele disse para Jace. “Tente uma iratze...”

Clary, rígida com o horror, sentiu Simon se mexer ao lado dela. Ela se virou para olhar para ele e ficou chocada – ele estava branco como papel, exceto por um excitado rubor vermelho em suas bochechas. Ela podia ver as veias serpenteando debaixo de sua pele, como o crescimento de alguma delicada ramificação de coral. “O sangue,” ele sussurrou, sem olhar para ela. “Eu tenho que me afastar disso.”

Clary se estendeu para pegar sua manga, mas ele recuou para trás, puxando seu braço do alcance dela. “Não, Clary, por favor. Me deixe ir. Eu vou ficar bem; Eu vou estar de volta. Eu só...” Ela começou após ele, mas ele era muito rápido para ela segurar ele de volta. Ele desapareceu na escuridão entre as árvores.

“Hodge...” Alec soava em pânico. “Hodge, fique firme...”

Mas seu tutor estava lutando delicadamente, tentando se puxar para longe dele, longe da estela na mão de Jace. “Não.” O rosto de Hodge era da cor de cimento. Seus olhos se lançaram de Jace para Sebastian, que ainda estava pairando nas sombras. “Jonathan...”

“Jace,” Jace disse, quase em um sussurro. “Me chame Jace.”

Os olhos de Hodge descansaram nele. Clary não podia decifrar o olhar neles. Súplica, sim, mas algo mais do que isso, cheio de pavor, ou algo como isso, e com emergência. Ele suspendeu uma mão repelindo. “Não você,” ele sussurrou, e sangue espirrou de sua boca com as palavras.

Um olhar de dor brilhou através do rosto de Jace. “Alec, faça a iratze – eu não acho que ele quer que eu toque ele.”

A mão de Hodge apertando em uma garra; ele agarrou a manga de Jace. O agitar de sua

respiração era audível. “Você foi...nunca...”

E ele morreu. Clary podia dizer o momento que a vida o deixou. Não era uma calma e instantânea coisa, como em um filme; sua voz sufocou em um gorgolejo e seus olhos rolaram para trás e ele ficou frouxo e pesado, seu braço arqueado desajeitadamente atrás dele.

Alec fechou os olhos de Hodge com as pontas de seus dedos. “Vá em paz\*, Hodge Starkweather.”

\*N/T: Alec diz: Vale. Que significa literalmente isso: vale ou também farewell: adeus, vá em paz, despedida.

“Ele não merece isso. “ A voz de Sebastian era aguda. “Ele não era um Caçador de Sombras; ele era um traidor. Ele não merece as últimas palavras.”

A cabeça de Alec sacudiu acima. Ele abaixou Hodge para o chão e levantou em seus pés, seus olhos azuis eram como gelo. Sangue listrava suas roupas. “você não sabe nada sobre isso. Você matou um homem desarmado, um Nephilim. Você é um assassino.”

O lábio de Sebastian se curvou. “ Você acha que eu não sei quem ele era?” Ele gesticulou para Hodge. “Starkweather estava no círculo. Ele traiu a Clave, e então foi amaldiçoado por isso. Ele deveria ter morrido pelo o que ele fez, mas a Clave foi indulgente - e onde isso levou eles? Ele traiu todos nós de novo quando ele vendeu a Taça Mortal para Valentine apenas para conseguir que sua maldição fosse retirada – uma maldição que ele merecia.” ele pausou, respirando difícil. “eu não deveria ter feito isso, mas você não pode dizer que ele não mereceu isso.”

“Como você sabe tanto sobre Hodge?” Clary exigiu. “E o que você está fazendo aqui? Eu pensei que você tinha concordado em ficar no salão.”

Sebastian hesitou.”Vocês estavam demorando tanto,” ele disse finalmente.”Eu fiquei preocupado.” Eu pensei que vocês poderiam precisar de minha ajuda.”

“Então você decidiu nos ajudar matando *o cara que nós estávamos conversando?*” Clary reclamou. “Por que você pensou que ele tinha uma passado sombrio? Quem...quem faz isso? Isso não faz nenhum sentido.”

“Isso por que ele está mentindo,” Jace disse. Ele estava olhando para Sebastian – um frio e estudado olhar. “E não bem. Eu pensei que você seria um pouco mais rápido em seus pés lá, Verlac.”

Sebastian encontrou o olhar dele igualmente. “Eu não sei o que você quer dizer, Morgenstern.”

“Ele quer dizer,” Alec disse, andando à frente, “Que se você realmente acha que o que você fez foi justificado, você não se importaria em vir com a gente para o salão dos acordos e explicar por si mesmo para o conselho. Importaria?”



Uma batida se passou antes que Sebastian sorrisse – o sorriso que tinha encantado Clary antes, mas agora havia alguma coisa um pouco fora de equilíbrio sobre ele, como uma pintura pendurada ligeiramente torta sobre uma parede. “É claro que não.” Ele se moveu em direção a eles lentamente, quase passeando, como se ele não tivesse uma preocupação no mundo. Como se ele não tivesse cometido um assassinato. “É claro,” ele disse, “é um pouco estranho que você esteja tão chateado que eu matei um homem quando Jace estava planejando cortar seus dedos fora, um por um.”

A boca de Alec se apertou. “Ele não teria feito isso.”

“Você...” Jace olhou para Sebastian com nojo. “Você não tem idéia do que você está falando.”

“Ou talvez,” Sebastian disse. “você está só realmente zangado por que eu beijei sua irmã. Por que ela me queria.”

“Eu não *quis*”, Clary disse, mas nenhum deles estava olhando para ela. “Quero dizer, querer você.”

“Ela tem este pequeno hábito, você sabe – o modo que ela suspira quando você beija ela, como se ela estivesse surpresa?” Sebastian tinha vindo para parar agora, bem em frente a Jace, e estava sorrindo como um anjo. “É bastante encantador; você deve ter notado isso.”

Jace pareceu como se ele quisesse vomitar. “Minha irmã...”

“*Sua irmã*,” Sebastian disse. “Ela é? Por que vocês dois não agem assim. Você acha que as outras pessoas não podem ver o modo que vocês se olham um para o outro? Você acha que está escondendo o modo que você se sente? Você acha que todo mundo não acha isso doentio e estranho? Por que é,”

“Já chega.” O olhar no rosto de Jace era assassino.

“Por que você está fazendo isso?” Clary perguntou. “Sebastian, por que você está dizendo todas essas coisas?”

“Por que eu finalmente posso,” Sebastian disse. “Você não tem idéia de como tem sido, ficando ao redor de todos vocês estes últimos dias, tendo que fingir que eu podia te agüentar. Que a visão de você não me deixava doente. Você,” Ele disse para Jace, “cada segundo que você não está ofegando atrás de sua própria irmã, você está choramingando mais e mais sobre o quanto seu pai não te amava. Bem, quem poderia culpar ele? E você, sua estúpida cadela” - ele se virou para Clary - “dando aquele livro sem preço para um meia-raça de bruxo; você tem uma única célula nessa minúscula cabeça sua? E você...” Ele dirigiu seu próximo desprezo para Alec. “Eu acho que todos nós sabemos qual é o problema com você. Ele não devem deixar sua espécie na Clave. Você é nojento.”

Alec empalideceu, embora ele parecesse mais atônito do que qualquer outra coisa. Clary não

podia culpar ele – era difícil olhar para Sebastian, para seu sorriso angelical, e imaginar que ele pudesse dizer essas coisas. “Fingir que você podia nos suportar?” ela repetiu. “Mas por que você teria que fingir isso a menos que você estava... a menos que você estava nos espiando,” ela terminou, percebendo a verdade, mesmo enquanto ela falava isso. “A menos que você fosse um espião para Valentine.”

O lindo rosto de Sebastian retorceu, a boca toda se achatando, seus longos e elegantes olhos estreitando em fendas. “E finalmente ele entenderam,” ele disse, “eu juro, são dimensões de demônio totalmente sem luz lá fora, que são menos escurecidos do que o bando de vocês.”

“Nós podemos não ser todos brilhantes,” Jace disse, “Mas pelo menos estamos todos vivos.”

Sebastian olhou para ele com nojo. “Eu estou vivo,” ele apontou.

“Não por muito tempo,” Jace disse. O luar explodiu na lâmina de sua faca enquanto ele se arremessava para Sebastian, seu movimento tão rápido que parecia borrado, mais rápido do que qualquer movimento humano que Clary tenha visto.

Até agora.

Sebastian se lançou de lado, esquivando o golpe, e pegou o braço da faca de Jace enquanto ela descia. A faca bateu no chão, e então Sebastian tinha Jace pela costas de sua jaqueta. Ele o suspendeu e o arremessou com uma inacreditável força. Jace voou através do ar, acertando a parede do Gard com força de quebrar os ossos, e se dobrou para o chão.

“Jace!” A visão de Clary ficou branca. Ela correu para Sebastian para sufocar a vida fora dele. Mas ele deu um passo para o lado dela e trouxe sua mão abaixo tão casualmente como se ele estivesse golpeando um inseto de lado. O golpe pegou ela duramente no lado de sua cabeça, enviando ela girando para o chão. Ela rolou, piscando uma névoa vermelha de dor fora de seus olhos.

Alec tinha pego seu arco de suas costas; nela estava desembainhada uma seta entalhada já preparada. Suas mãos não tremiam enquanto ele mirava para Sebastian. “Fique onde você está,” ele disse. “e ponha suas mãos atrás de suas costas.”

Sebastian riu. “Você não iria realmente atirar em mim,” ele disse. Ele se moveu em direção a Alec com um fácil e descuidado passo, como se ele estivesse caminhando as escadas de sua porta da frente.

Os olhos de Alec se estreitaram. Suas mãos elevaram em uma graciosa série de movimentos; ele puxou a seta para trás e a soltou. Ela voou em direção a Sebastian...e errou.

Sebastian tinha mergulhando ou se movido de algum modo, Clary não podia dizer, e a seta passou por ele, se alojando no tronco de uma árvore. Alec teve tempo apenas para um momentâneo olhar de surpresa antes que Sebastian estivesse sobre ele, arrebatando o arco fora de seu aperto. Sebastian agarrou isso de suas mãos – quebrando ele ao meio, e o som do estilhaço fez Clary piscar como se ela estivesse ouvindo ossos se despedaçando. Ela tentou

se arrastar para uma posição sentada, ignorando a abrasadora dor em sua cabeça. Jace estava deitado a poucos metros de distância dela, absolutamente parado. Ela tentou se levantar, mas suas pernas não pareciam estar funcionando adequadamente.

Sebastian jogou as metades quebradas do arco de lado e próximas a Alec. Alec já tinha uma lâmina serafim, cintilando em sua mão, mas Sebastian arrastou ela de lado enquanto Alec vinha para ele – arrastou-a de lado e pegou Alec pela garganta, quase levantando ele fora de seus pés. Ele apertou impiedosamente, cruelmente, sorrindo enquanto Alec sufocava e lutava. “Lightwood,” ele respirou. “Eu já cuidei de um de vocês hoje. Eu não tinha esperado ter a sorte suficiente de fazer isso duas vezes.”

Ele se afastou, como um marionete cujas cordas tinham sido puxadas. Libertado, Alec caiu para o chão, suas mãos em sua garganta. Clary podia ouvir sua agitada, e desesperada respiração – mas seus olhos estavam em Sebastian. Uma sombra escura tinha se fixado nas costas dele e estava aderida a ele como uma sanguessuga. Ela agarrava sua garganta, engasgando e asfixiando enquanto ele girava no lugar, agarrando a coisa que tinha segurado sua garganta. Enquanto ele se virava, o luar caiu sobre ele, e Clary viu o que era.

Era Simon. Seus braços estavam envolvidos ao redor do pescoço de Sebastian, seus incisivos brancos brilhando como agulhas de osso. Era a primeira vez que Clary tinha visto ele realmente parecendo completamente com um vampiro, desde a noite que ele tinha se elevado de seu túmulo, e ela olhou em espanto horrorizado, incapaz de olhar para longe. Seus lábios estavam curvados para trás em um ranger, suas presas completamente estendidas e afiadas como punhais. Ele mergulhou elas no antebraço de Sebastian abrindo um longo rasgão vermelho na pele. Sebastian gritou alto e arremessando-se para trás, aterrissando duramente no chão. Ele rolou, Simon meio por cima dele, os dois arranhando um ao outro, rasgando e rosnando como dois cães em uma vala. Sebastian estava sangrando em vários lugares quando finalmente ele oscilou para seus pés e deu dois fortes chutes nas costelas de Simon. Simon se dobrou, agarrando seu meio. “Seu tolo carrapatinho.” Sebastian rosnou, puxando seu pé de volta para outro golpe.

“Eu não o faria,” disse uma voz calma.

A cabeça de Clary sacudiu, enviando outra explosão de dor atrás de seus olhos. Jace colocava-se a poucos metros de Sebastian. Seu rosto estava ensangüentado, um olho inchado quase fechado, mas em uma mão estava queimando uma lâmina serafim, e a mão que segurava ela era firme. “Eu nunca matei um ser humano com uma dessa antes,” disse Jace. “Mas eu estou disposto a tentar.”

O rosto de Sebastian contorceu. Ele olhou abaixo uma vez para Simon, e então levantou sua cabeça e cuspiu. As palavras que ele disse a seguir eram em uma língua que Clary não reconheceu – e então ele se virou com a mesma aterrorizante rapidez com que ele tinha se movido quando ele atacou Jace, e desapareceu dentro da escuridão.

“Não!” Clary gritou. Ela tentou se levantar em seus pés, mas a dor era como uma seta queimando seu caminho através de seu cérebro. Ela se dobrou na grama úmida. Um momento depois Jace estava inclinado sobre ela, seu rosto pálido e ansioso. Ela olhou acima

para ele, sua visão borrando - tinha de estar desfocada, não tinha, ou ela podia nunca teria imaginado a brancura ao redor dele, um tipo de luz...

Ela ouviu a voz de Simon e então a de Alec, e algo foi entregue a Jace ...uma estela. Seu braço queimou, e um momento depois a dor começou a recuar, e sua cabeça clarear. Ela piscou para os três rostos pairando sobre ela. “Minha cabeça...”

“Você tem uma concussão,” Jace disse. “A iratze deve ajudar, mas nós temos de levar você para o médico da Clave. Ferimentos de cabeça podem ser traiçoeiros.” ele entregou a estela de volta para Alec. “Você acha que pode ficar de pé?”

Ela acenou. Foi um erro. Dor atirou através dela enquanto mãos se estendiam abaixo para ajudar ela em seus pés. Simon. Ela se inclinou contra ele com gratidão, esperando por seu equilíbrio retornar. Ela ainda sentia como se pudesse cair a qualquer minuto.

Jace estava de fazendo careta. “Você não deveria ter atacado Sebastian daquele modo. Você nem mesmo tinha uma arma. O que você estava pensando?”

“O que todos nós estávamos pensando, “Alec, inesperadamente, veio em defesa dela. “Que ele tinha jogado você através do ar como uma bola de softball. Jace, eu nunca tinha visto ninguém melhor do que você desse jeito.”

“Eu...ele me surpreendeu,” Jace disse um pouco relutantemente. “ele deve ter tido algum tipo de treinamento especial. Eu não estava esperando isso.”

“Yeah, bem.” Simon tocou sua costela, recuando. “eu acho que ele chutou um par das minhas costelas. Está tudo bem,” ele adicionou para o olhar preocupado de Clary. “Elas estão curando. Mas Sebastian é definitivamente forte. Realmente forte.” Ele olhou para Jace. “Quando tempo você acha que ele estará lá nas sombras?”

Jace pareceu irritado. Ele fitou entre as árvores na direção que Sebastian tinha desaparecido. “Bem a Clave vai pegar ele – e o amaldiçoar, provavelmente. Eu gostaria de ver eles colocando a mesma maldição nele que eles colocaram em Hodge. Isso seria uma justiça poética.”

Simon se virou ao lado e cuspiu para os arbustos. Ele limpou sua boca com as costas de sua mão, seus rosto torcido em uma careta. “Seu sangue tem gosto asqueroso...como veneno.”

“Suponho que nós podemos adicionar isso para sua lista de qualidades encantadoras,” Jace disse. “Eu me pergunto o que mais ele estava hoje à noite.”

“Nós precisamos voltar para o salão,” O olhar no rosto de Alec era tenso, e Clary se lembrou que Sebastian tinha dito alguma coisa a ele, algo sobre outro dos Lightwoods...”Você pode caminhar, Clary?”

Ela se puxou para longe de Simon. “Eu posso andar. E sobre Hodge? Nós não podemos deixar ele.”

“Nós teremos,” Alec disse. “Terá tempo para voltarmos para ele se nós todos sobrevivermos a noite.”

Enquanto eles saíam do jardim, Jace parou, puxou sua jaqueta, e a deitou sobre o Hodge, o rosto voltado para cima. Clary queria ir para Jace, colocar uma mão sobre seu ombro, mas algo no modo que ele se mantinha dizia para ela que não. Mesmo Alec não foi para perto dele ou ofereceu uma runa de cura, a despeito do fato de que Jace estava mancando enquanto ele andava colina abaixo. Eles se moveram juntos pelo caminho em ziguezague, armas puxadas e prontas, o céu iluminado de vermelho pelo Gard incendiando atrás deles. Mas eles não viram nenhum demônio. A quietude e a luz misteriosa fez a cabeça de Clary latejar; ela sentiu como se ela estivesse em um sonho. A exaustão apoderou-se dela como um torno. Apenas colocando um pé em frente do outro era como levantar um bloco de cimento e jogar ele abaixo, mais e mais. Ela podia ouvir Jace e Alec falando a frente no caminho, suas vozes ligeiramente veladas a despeito de sua proximidade.

Alec estava falando suavemente, quase suplicante: “Jace, o modo que você estava falando lá em cima, para Hodge. Você não pode pensar assim. Ser filho de Valentine, não faz de você um monstro. Seja lá o que ele fez com você quando você era uma criança, seja lá o que ele te ensinou, você tem que ver que isso não é sua culpa...”

“Eu não quero falar sobre isso Alec. Nem agora, nem nunca. Não me pergunte sobre isso novamente.” O tom de Jace era selvagem, e Alec caiu em silêncio.

Clary quase podia sentir sua dor. Que noite, Clary pensou. Uma noite de tanta dor para todos. Ela tentou não pensar em Hodge, do suplicante, e deplorável olhar em seu rosto antes dele morrer. Ela não tinha gostado de Hodge, mas ele não tinha merecido o que Sebastian tinha feito com ele. Ninguém tinha. Ela pensou em Sebastian, no modo que ele tinha se movido, como faíscas voando. Ela nunca tinha visto ninguém além de Jace se mover daquele jeito. Ela queria desvendar isso - o que tinha acontecido com Sebastian? Como um primo dos Penhallows tinha ficado tão forte, e como eles nunca notaram? Ela pensava que ele iria ajudar ela a salvar sua mãe, mas ele só queria pegar o Livro Branco para Valentine. Magnus tinha estado errado – não tinha sido por causa dos Lightwoods que Valentine tinha descoberto sobre Ragnor Fell. Tinha sido por que ela tinha dito a Sebastian. Como ela pôde ter sido tão estúpida?

Estarrecida, ela mal notou como o caminho virou uma avenida, levando eles para a cidade. As ruas estavam desertas, as casas escuras, muitas dos postes de luz de bruxa esmagados, seus vidros espalhados através da calçada. Vozes eram audíveis, ecoando como se a distância, e o brilho de tochas era visível aqui e ali entre as sombras entre os edifícios, mas..

“Está terrivelmente calmo,” Alec disse, olhando ao redor em surpresa. “E...”

“Ela não fede a demônios.” Jace franziu as sobrancelhas. “Estranho. Vamos lá. Vamos para o salão.”

Embora Clary estivesse meio na expectativa de um ataque, eles não viram um único

demônio enquanto eles se moviam através das ruas. Não um vivo, pelo menos – apesar que eles passaram em um beco estreito, ela viu um grupo de três ou quatro Caçadores de Sombras reunidos em um círculo em torno de algo que pulsando e debatendo-se no chão. Eles estava se revezando em apunhalar ele com longas e afiadas varas. Com um estremecimento ela olhou para longe.

O salão dos acordos estava iluminado com uma fogueira, luz de bruxa vertendo de suas portas e janelas. Ele se apressaram pelas escadas, Clary firmou-se quando ela tropeçou. Sua tontura estava ficando pior. O mundo parecia estar girando ao redor dela, como se ela estivesse dentro de um grande globo girando. Acima dela as estrelas eram listras brancas pintadas através do céu. “Você deveria deitar,” Simon disse, e então, quando ela não disse nada, “Clary?”

Com um enorme esforço ela se obrigou a sorrir para ele. “Eu estou bem.”

Jace em pé na entrada do salão olhava trás para ela em silêncio. No forte brilho da luz de bruxa, o sangue no rosto dele e seu olho inchado pareciam feio, marcado e preto. Havia um embotado rugido dentro do salão, o murmúrio baixo de centenas de vozes. Para Clary isso soava como o bater de um enorme coração. As luzes das tochas agrupadas, juntamente com o brilho da luz de bruxas transmitida em todo lugar, machucavam seus olhos e fragmentavam sua visão; ela podia ver somente vagas formas agora, vagas formas e cores. Branco, ouro e então o céu noturno acima, desbotando do escuro para azul pálido. Quão tarde era?

“Eu não vejo eles.” Alec, arremessando ansiosamente ao redor da sala por sua família, soava como se ele estivesse a milhas ao longe, ou profundamente debaixo d'água. “Eles deveriam estar aqui agora...”

Sua voz se esvaiu enquanto a tontura de Clary piorou. Ela pôs uma mão contra um pilar próximo para se firmar. Uma mão roçou através de suas costas – Simon. Ele estava dizendo algo para Jace, soando ansioso. Sua voz desapareceu no padrão de dezenas de outras, elevando e caindo ao redor dela como uma onda quebrando.

“Nunca vi nada parecido com isso. Os demônios apenas se viraram ao redor e saíram, simplesmente desapareceram.”

“Nascer do sol, provavelmente. Eles são receosos sobre nascer do sol e isso não é diferente.

“Não, foi mais do que isso.”

“Você só não quer pensar que eles poderão estar de volta na próxima noite, ou na próxima.”

“Não diga isso; não há razão para dizer isso. Ele vão restaurar as barreiras de volta.”

“E Valentine terá apenas que trazer elas abaixo novamente.”

“Talvez isso não é o melhor do que nós merecemos. Talvez Valentine estivesse certo –



talvez aliarmos com os Downworlders significa que nós perdemos a bênção do Anjo.”

“Silêncio. Tenha algum respeito. Eles estão contando os mortos na Praça do Anjo.

“Lá estão eles,” Alec disse. “Lá, na plataforma. Parece que...” Sua voz falhou, e então ele se foi, empurrando seu caminho através da multidão. Clary semicerrou os olhos, tentando aguçar sua visão. Tudo o que ela podia ver eram borrões...

Ela ouviu Jace segurar sua respiração, e então, sem outra palavra, ele estava se enfiando através da multidão atrás de Alec. Clary soltou o pilar, querendo seguir eles, mas tropeçou. Simon segurou ela.

“Você precisa descansar, Clary,” ele disse.

“Não,” ela sussurrou. “Eu quero ver o que aconteceu...”

Ela se interrompeu. Ele estava olhando além dela, após Jace, e ele pareceu chocado. Firmando a si mesma contra o pilar, ela se levantou em seus dedos, lutando para ver sobre a multidão... Eles estavam lá, os Lightwoods: Maryse com seus braços ao redor de Isabelle, que estava chorando, e Robert Lightwood sentado no chão segurando algo – não, alguém, e Clary pensou pela primeira vez que ela tinha visto Max, no Instituto, deitado frouxamente e dormindo sobre um sofá, seus óculos tortos inclinados e sua mão arrastando ao longo do chão. Ele consegue dormir em qualquer lugar, Jace tinha dito, ele quase parecia como se ele estivesse dormindo agora, no colo de seu pai, mas Clary sabia que ele não estava.

Alec estava em seus joelhos, segurando uma das mãos de Max, mas Jace estava em pé onde ele estava, sem se mover, e mais do que qualquer outra coisa ele parecia perdido, como se ele não tivesse idéia de onde ele estava ou o que ele estava fazendo ali. Tudo o que Clary queria era correr para ele e colocar seus braços ao seu redor, mas o olhar no rosto de Simon dizia a ela não, não e então fez sua memória da mansão e os braços de Jace ao redor dela lá. Ele era a última pessoa na terra que poderia dar a ele algum conforto.

“Clary,” Simon disse, mas ela estava se puxando para longe dele, apesar de sua tontura e da dor em sua cabeça. Ela correu para a porta do Salão e a jogou aberta, ela correu pelos degraus e ficou lá, engolindo fôlegos de ar frio. Há distância o horizonte estava listrado com vermelho fogo, as estrelas desbotando, branqueadas pelo céu clareando. A noite tinha acabado. O amanhecer tinha chegado.

## 13 – Onde há tristeza

Clary acordou sufocando de um sonho de anjos sangrando, seus lençóis torcidos ao redor dela em um apertado espiral. Era bastante escuro e fechado no quarto sobressalente de Amatis, como estar trancada em um caixão. Ela se aproximou e movimentou as cortinas em aberto. Luz do dia verteu adentro. Ela franziu as sobrancelhas e puxou elas fechadas novamente.

Caçadores de Sombras cremavam seus mortos, e desde o ataque dos demônios, o céu a oeste da cidade tinha sido marcado com fumaça. Olhando para ele da janela fez Clary se sentir doente, então ela manteve as cortinas fechadas. Na escuridão do quarto ela fechou seus olhos, tentando se lembrar de seu sonho. Havia tido anjos nele, piscando mais e mais contra o interior de suas pálpebras como um piscante sinal de ANDE. Era uma simples runa, tão simples quanto um nó, mas não importa o quão forte ela se concentrasse, ela não podia lê-la, não podia entender qual o significado. Tudo que ela sabia era que ela parecia de algum modo incompleta para ela, como se quem tivesse criado o padrão não tivesse acabado ele inteiramente.

*Este não foi o primeiro sonho que eu mostrei a você*, Ithuriel tinha dito. Ela pensou nos seus outros sonhos: o de Simon com cruces queimando em suas mãos, Jace com asas, lagos de gelo rachando que brilhavam como vidro de espelho. O anjo enviou a ela esses, também? Com um suspiro ela se sentou. Os sonhos podiam ser ruins, mas as caminhanças imagens que marchavam através de seu cérebro não eram muito melhores. Isabelle, chorando no piso do Salão dos Acordos, puxando com tal força sobre o cabelo negro trançado entre seus dedos, que Clary se preocupou que ela os arrancasse. Maryse gritando para Jia Penhallow que o garoto que eles trouxeram para sua casa tinha feito isso, seu primo, e se ele era tão proximamente aliado com Valentine, o que se diria sobre eles? Alec tentando acalmar sua mãe, pedindo a Jace para ajudar ele, mas Jace apenas ficou lá enquanto o sol se elevava sobre Alicante e resplandecia abaixo através do teto do salão. “É o amanhecer,” Luke tinha dito, parecendo mais cansado do que Clary já tinha visto ele. “Hora de trazer os corpos para dentro.” ele tinha enviado patrulhas para recolher os mortos.

Caçadores de Sombras e licantropos deitados nas ruas e levar eles para a praça do lado de fora do salão, a praça que Clary tinha cruzado com Sebastian quanto ela tinha comentado que o salão parecia com uma igreja. Tinha parecido com um lindo lugar para ela então, alinhado com caixas de flores e lojas brilhantemente pintadas. E agora estava cheio de corpos. Incluindo Max. Pensando no garotinho que tinha seriamente falado sobre mangá com ela fez seus estômago enrolar. Ela tinha prometido uma vez que ela o levaria para o Forbidden Planet, mas isso nunca aconteceria agora. *Eu teria comprado para ele livros*, ela pensou. *Quaisquer livros que ele quisesse*. Não que isso importasse.

*Não pense nisso*. Clary chutou seus calcanhares abaixo e se levantou. Depois de um rápido banho ela trocou para os jeans e o suéter que ela tinha usado no dia que ela chegou de Nova York. Ela pressionou seu rosto no material antes de colocar o suéter, esperando pegar um sopro do Brooklyn, ou o cheiro de detergente de lavanderia – algo que lembrasse a ela de casa – mas ela tinha sido lavada e cheirava a sabão de limão. Com outro suspiro ela se guiou escadas abaixo.

A casa estava vazia, exceto por Simon, sentado no sofá na sala de estar. As janelas abertas

atrás dele jorravam luz do dia. Ele tinha se tornado como um gato, Clary pensou, quase procurando por trechos disponíveis de luz enrolando-se adentro. Não importava quanto sol ele pegava, de qualquer forma, sua pele permanecia o mesmo branco marfim.

Ela colheu uma maçã da tigela sobre a mesa e afundou abaixo próxima a ele, encolhendo suas pernas debaixo dela. “Consegui dormir?”

“Um pouco.” Ele olhou para ela. “Eu deveria te perguntar isso. Você é a com sombras debaixo dos olhos. Muitos pesadelos?”

Ela encolheu os ombros. “O de sempre. Morte, destruição, anjos maus.”

“Logo, muito como a vida real então.”

“Yeah, mas pelo menos quando eu acordei, acabou.” Ela deu uma mordida na sua maçã. “Deixa eu adivinhar. Luke e Amatis estão no salão dos acordos, tendo outra reunião.”

“Yeah. Eu acho que eles estão tendo a reunião onde eles se reúnem e decidem quais outras reuniões eles precisam de ter. “Simon escolheu preguiçosamente a franja enfeitando uma almofada jogada. “Você ouviu algo de Magnus?”

“Não.” Clary estava tentando não pensar sobre o fato que isso tinha sido a três dias desde que ela tinha visto Magnus, e ele não enviou de modo algum nenhuma palavra. Ou o fato de que havia realmente nada parando ele de pegar o Livro Branco e sumindo de vista\*, nunca ser ouvido de novo. Ela se perguntou o porquê que tinha pensado em confiar em alguém que usava aquele tanto de delineador era uma boa idéia.

\*N/T: Clary diz: disappearing into the ether = desaparecendo dentro do éter. O correspondente em português pela lógica é sumir, desaparecer, escafeder, chá de sumiço

Ela tocou o pulso de Simon levemente. “E você? E sobre você? Você ainda está bem aqui?” Ela queria que Simon fosse para casa no momento que a luta tinha acabado – casa, onde ele estava a salvo. Mas ele tinha sido estranhamente resistente. Por qualquer que fosse a razão, ele parecia querer ficar. Ela esperava que não fosse por que ele pensasse que ele tinha que cuidar dela – ela quase não saía e disse a ele que ela não precisava de sua proteção – mas ela não tinha, por que parte dela não podia suportar ver ele ir embora. Então ele ficou, e Clary estava secretamente e culpadamente feliz. “Você está conseguindo....você sabe...o que você precisa?”

“Você quer dizer sangue? Maia continua me trazendo garrafas todo dia. Embora não me pergunte onde ela consegue.” A primeira manhã que Simon tinha ficado na casa de Amatis, um sorridente licantropo tinha aparecido nos degraus da porta com um gato vivo para ele. “Sangue.” ele tinha dito, em uma acentuada voz com sotaque; “Para você. Fresco!” Simon tinha agradecido ao lobisomem, mas esperou por ele sair, e deixou o gato ir embora, sua expressão ligeiramente verde.

“Bem, você vai ter que conseguir seu sangue de *algum lugar*,” Luke disse, parecendo divertido.

“Eu tenho um gato de estimação,” Simon respondeu. “Não tem jeito.”

“Vou dizer a Maia,” Luke prometeu, e desde então o sangue tinha vindo em discretas garrafas de leite. Clary não tinha idéia como Maia estava arranjando ele e, como Simon, não quis perguntar. Ela não tinha visto a garota lobisomem desde a noite da batalha, os licantropos estava acampados em algum lugar próximos a floresta, com apenas Luke permanecendo na cidade.

“E aí? Simon inclinou sua cabeça de volta, olhando para ela através de suas cílios abaixados. “Você parece como se quisesse me perguntar alguma coisa?”

Haviam várias coisas que Clary queria perguntar para ele, mas ela decidir ir para uma das mais seguras. “Hodge,” ela disse, e hesitou. “Quando você estava na cela...você realmente não sabia que era ele?”

“Eu não podia ver ele. Eu só podia ouvir ele através da parede. Nós conversamos... bastante.”

“E você gostou dele? Quero dizer, ele era legal?”

“Legal? Eu não sei. Torturado, triste, inteligente, misericordioso em breves momentos – yeah, eu gostava dele. Eu acho que eu de alguma forma lembrava ele de si mesmo, de alguma forma...”

“Não diga isso!” Clary se sentou ereta, quase derrubando sua maçã; 'Você não é nada como Hodge era.”

“Você não acha que eu sou torturado e inteligente?”

“Hodge era mau. Você não é.” Clary falou decididamente. “Isso é tudo o que existe para ele.”

Simon suspirou. “Pessoas não nascem boas ou más. Talvez elas nasçam com tendências de algum modo, mas é a maneira que você vive sua vida que importa. E as pessoas que você conhece. Valentine era amigo de Hodge, e eu não acho que Hode realmente tinha alguém mais em sua vida que desafiasse ele ou fizesse ele ser uma pessoa melhor. Se eu tivesse aquela vida, eu não sei como eu teria me tornado. Mas eu não tive. Eu tenho minha família. E eu tenho você.”

Clary sorriu para ele, mas suas palavras tocavam dolorosamente em seus ouvidos. *Pessoas não nascem boas ou más.* Ela sempre tinha pensado que isso era verdade, mas nas imagens do anjo tinha mostrado para ele, ela tinha visto sua mãe chamar sua própria criança de má, um monstro. Ela desejava que ela pudesse dizer a Simon sobre isso, dizer a ele tudo o que o anjo tinha mostrado a ela, mas ela não podia. Isso teria significado dizer o que eles tinham descoberto sobre Jace, e ela não podia fazer isso. Era segredo dele, não dela. Simon tinha perguntado uma vez o que Jace tinha querido dizer quando ele tinha falado para Hodge, por

que ele chamou a si mesmo de um monstro, mas ela só tinha respondido que era difícil de entender o que Jace queria nas melhores vezes. Ela não estava certa de que Simon tinha acreditado nela, mas ele não perguntou novamente.

Ela foi salva de dizer qualquer coisa por um alta batida na porta. Com uma careta Clary colocou seu miolo da maçã sobre a mesa. “Eu atendo.”

A porta aberta deixou entrar uma onda de frio ar fresco. Aline Penhallow se mantinha nos degraus da frente, usando uma jaqueta escura de seda rosa que quase combinava com os círculos debaixo e seus olhos. “Eu preciso falar com você,” ela disse sem preâmbulos.

Surpresa, Clary só pode acenar e segurar a porta aberta. “Tudo bem. Entre.”

“Obrigada.” Aline se empurrou passando ela bruscamente e foi para a sala de estar. Ela congelou quando viu Simon sentado no sofá, seus lábios se partindo em espanto. “Não é esse...”

“O vampiro?” Simon sorriu. A pequena, embora não humana acuidade de seus incisivos eram só aparentes contra seu lábio inferior, quando ele sorria daquele jeito. Clary queria que ele não tivesse.

Aline se virou para Clary. “Eu posso falar com você sozinha?”

“Não,” Clary disse, e se sentou no sofá próxima a Simon. “Qualquer coisa que você tem a dizer, você pode dizer para nós dois.”

Aline mordeu seu lábio. “Ótimo. Olha, eu tenho algo que eu quero dizer a Alec, Jace e Isabelle, mas eu não tenho idéia de onde encontrar eles agora.”

Clary suspirou. “Eles puxaram algumas cordas e foram para uma casa vazia. A família nela partiu para o campo.”

Aline acenou. Muita gente tinha deixado Idris desde os ataques. A maioria tinha ficado – mais do que a Clave tinha esperado – mas uns poucos tinham feito as malas e partido, deixando suas casas permanecendo vazias.

“Eles estão bem, se é isso o que você quer saber. Olha, eu não tenho visto eles também. Não desde a batalha. Eu podia passar uma mensagem através de Luke se você quiser...”

“Eu não sei.” Aline estava mastigando seu lábio inferior. “Meus pais tiveram que contar a tia de Sebastian o que ele fez. Ela ficou realmente triste.”

“Como alguém ficaria se seu sobrinho se tornasse um gênio do mal,” Simon disse.

Aline atirou a ele um olhar escuro. “Ela disse que era completamente o contrário dele, que deve ter sido algum engano. Então ela me enviou algumas fotos dele.” Aline alcançou seu bolso e puxou várias fotos ligeiramente dobradas, que ela segurou para Clary. “Olhe”

Ela olhou. As fotografias mostravam um garoto de cabelo escuro sorrindo, bonito em um modo fora de equilíbrio, com um sorriso torto e um nariz ligeiramente muito grande. Ele parecia com o tipo de garoto que seria divertido se sair. Ele também não parecia em nada com Sebastian. “*Este é seu primo?*”

“Este é Sebastian Verlac. Que significa...”

“Que o garoto que estava aqui, que chamava a si mesmo de Sebastian, é completamente alguém diferente?” Clary disparou através das fotos com crescente agitação.

“Eu pensei...” Aline estava mastigando seu lábio de novo. “Eu pensei que se os Lightwoods conhecessem Sebastian – ou quem quer que aquele garoto era – que não era realmente nosso primo, talvez ele me perdoassem. Nos perdoassem.”

“Eu tenho certeza que eles irão.” Clary fez sua voz tão gentil quanto ela podia. “Mas é maior do que isso. A Clave vai querer saber que Sebastian não era apenas algum garoto Caçador de Sombras enganado. Valentine enviou ele aqui deliberadamente como um espião.”

“Ele era tão convincente.” Aline disse. “Ele sabia de coisas que só minha família sabia. Ele sabia de coisas da nossa infância...”

“É do tipo de coisa que faz você se perguntar,” Simon disse. “o que aconteceu com o verdadeiro Sebastian. Seu primo. Isso soa como se ele deixasse Paris, viesse para Idris, e nunca realmente chegasse aqui. Então o que aconteceu com ele no caminho?”

Clary respondeu. “Valentine aconteceu. Ele deve ter planejado isso tudo e sabia onde Sebastian estaria e como interceptá-lo no caminho. E se ele fez isso com Sebastian...”

“Então deve haver outros,” Aline disse. “Você deve dizer a Clave. Diga a Lucian Graymark.” Ela capturou o olhar surpreso de Clary. “Pessoas escutam ele. Meus pais disseram que sim.”

“Talvez vocês deversem ir ao salão conosco.” Simon sugeriu. “Dizer a ele.”

Aline balançou sua cabeça; “Eu não posso enfrentar os Lightwoods. Especialmente Isabelle. Ela salvou minha vida, e eu ...eu apenas fugi. Eu não pude parar a mim mesma. Eu apenas corri.”

“Você estava em choque. Isso não é sua culpa.”

Aline pareceu não convencida. “E agora seu irmão...” Ela se interrompeu, mordendo seu lábio novamente. “Enfim. Olha, há algo que eu tenho precisado te dizer, Clary.”

“Me dizer?” Clary estava confusa.

“Sim.” Aline tomou um profundo fôlego. “Olha, quando você entrou, comigo e Jace, não foi



nada. Eu beijei *ele*. Era...uma experiência. E ela realmente não funcionou.”

Clary se sentiu corar, o que ela pensou que deve ter sido um verdadeiramente espetacular vermelho. *Por que ela esta me dizendo isso?* “Olha, tudo bem. Isso é da conta de Jace, não minha.”

“Bem, você pareceu bastante chateada naquela hora.” Um pequeno sorriso se jogou em torno dos cantos da boca de Aline. “E eu acho que sei porque.”

Clary engoliu contra o sabor ácido em sua boca. “Você sabe?”

“Olha, seu irmão fica por aí. Todo mundo sabe disso, ele sai com um monte de garotas. Você estava preocupada que se ele mexesse comigo, ele ficaria com problemas. Afinal, nossas famílias são...eram...amigas. Você não precisa se preocupar no entanto. Ele não é o meu tipo.”

“Eu não acho que eu ouvido uma garota dizer isso antes,” Simon disse. “Eu pensei que Jace era o tipo do cara que era o tipo de todo mundo.”

“Eu pensei que sim também,” Aline disse lentamente, “e é por isso que eu beijei ele. Eu estava tentando descobrir se algum cara é meu tipo.”

*Ela beijou Jace*, Clary pensou. *Ele não beijou ela. Ela beijou ele.* Ela encontrou os olhos de Simon por cima da cabeça de Aline. Simon estava parecendo divertido. “Bem o que você decidiu?”

Aline deu de ombro. “Não tenho certeza inda. Mas, hei, pelo menos você não tem que se preocupar com Jace.”

*Se somente.* “Eu sempre tenho Jace para me preocupar.”

O espaço no interior do Salão dos Acordos tinha sido reconfigurado rapidamente desde a noite da batalha. Com o Gard perdido, ele agora servia como uma câmara do Conselho, um lugar de encontro para as pessoas procurando por membros perdidos da família, e um lugar para saber das últimas notícias. A fonte central estava seca, e em ambos os lados dela, longos bancos foram puxados em fileiras em frente a um estrado levantado na extremidade da sala. Enquanto alguns Nephilim estavam sentados nos bancos no que parecia como uma sessão do conselho, nos corredores e debaixo das arcadas que rodeavam o grande salão, dezenas de outros Caçadores de Sombras estavam se movendo ansiosamente. O salão já não parecia um lugar onde alguém poderia considerar dançar. Havia uma peculiar atmosfera no ar, uma mistura de tensão e antecipação.

Apesar da reunião da Clave no centro, conversas murmuradas estavam em todo lugar. Clary pegou trechos de conversas enquanto ela e Simon se moviam através do salão: as torres demônio estavam funcionando novamente. As barreiras tinha voltado, mas mais fracas do que antes. As barreiras tinha voltado, mas mais fortes do que antes. Demônios tinham sido avistados nas colinas ao sul da cidade. As casas de campo estavam abandonadas, mais

famílias tinham deixado a cidade, e algumas tinham deixado a Clave totalmente.

Sobre o estrado, cercados de mapas pendurados da cidade, estavam o Cônsul, irritado como um guarda-costas ao lado de um pequeno e rechonchudo homem em cinza. O homem rechonchudo estava gesticulando irritado enquanto ele falava, mas ninguém parecia estar prestando nenhuma atenção.

“Ah, merda, esse é o Inquiridor,” Simon murmurou no ouvido de Clary, apontando. “Aldertree.”

“E lá está Luke,” Clary disse, separando ele da multidão. Ele estava próximo a fonte seca, em profunda conversa com um homem em pesada vestimenta desgastada e uma faixa cobrindo a metade direita de seu rosto. Clary procurou ao redor por Amatis e finalmente a viu, sentada silenciosamente no fim de um banco, tão longe dos outros Caçadores de Sombras quanto ela podia. Ela pegou o sinal de Clary e fez um rosto assustado, começando a se levantar em seus pés.

Luke viu Clary, fechou o rosto, e falou para o homem enfaixado em uma voz baixa, se desculpando. Ele cruzou o salão para onde Clary e Simon estavam, perto de um dos pilares, sua carranca aumentando enquanto ele se aproximava. “O que você está fazendo aqui? Você sabe que a Clave não permite crianças em seus encontros, e quanto a você...” Ele olhou para Simon. “Não é provavelmente a melhor idéia você mostrar sua cara em frente ao Inquiridor, mesmo se não há nada realmente que ele possa fazer sobre isso. “Um sorriso torceu o canto de sua boca. “Não sem comprometer qualquer aliança que a Clave possa querer ter com os Downworlders no futuro, de qualquer modo.”

“Está certo.” Simon balançou seus dedos em aceno para o Inquiridor, que Aldertree ignorou.

“Simon, para com isso. Nós estamos aqui por uma razão.” Clary empurrou as fotografias de Sebastian para Luke. “Este é Sebastian Verlac. O verdadeiro Sebastian Verlac.”

A expressão de Luke se fechou. Ele passou através das fotografias sem dizer nada enquanto Clary repetia a história que Aline tinha dito a ela. Simon, entretanto, não ficou à vontade, olhando irritadamente através do salão para Aldertree, que estava persistentemente ignorando ele.

“Então o verdadeiro Sebastian parece muito com a versão impostora?” Luke perguntou finalmente.

“Não realmente,” Clary disse. “O falso Sebastian era mais alto. E eu acho que ele provavelmente é loiro, por que ele estava definitivamente tingindo seu cabelo. Ninguém tem *aquele* cabelo preto.” *E a tinta veio para meus dedos quando eu toquei ele,* ela pensou, mas manteve o pensamento para si. “Enfim, Aline queria que nós mostrássemos isso para você e para os Lightwoods. Ela pensou que talvez eles soubessem que ele não era realmente parente dos Penhallows, então...”

“Ela não disse a seus pais sobre isso, disse?” Luke indicou as fotos.

“Ainda não, eu acho,” Clary disse. “Acho que ela veio direto a mim. Ela queria que eu contasse a você. Ela disse que as pessoas escutam você.”

“Talvez algumas o façam. “Jace olhou de volta para o homem com o rosto enfaixado. “Eu quero apenas falar com Patrick Penhallow, na verdade. Valentine era um bom amigo de seu passado e pode ter mantido o olho sobre a família dos Penhallows, de um modo ou de outro, nos anos desde então. Você disse que Hodge falou com ele tinha espiões aqui.” Ele deu as fotos de volta para Clary. “Infelizmente, os Lightwoods não estão fazendo parte do conselho hoje. Esta manhã foi o funeral de Max. Eles muito provavelmente estão no cemitério.” Vendo o olhar no rosto de Clary, ele adicionou. “Foi uma cerimônia pequena, Clary. Só a família.”

*Mas eu sou a família de Jace, disse uma pequena e protestante voz dentro da sua cabeça. Mas havia uma outra voz, uma mais alta, surpreendendo com sua amargura. E ele disse que estar perto de você era como sangrar até a morte, lentamente. Você realmente acha que ele precisa disso quando ele já está no funeral de Max?*

“Então você pode dizer a eles hoje a noite, talvez,” Clary disse. “Quero dizer...eu acho que isso serão boas notícias. Seja quem Sebastian realmente é, ele não é relacionado com seus amigos.”

“Seriam notícias melhores se eles soubessem onde ele estava,” Luke murmurou. 'Ou quais outros espiões Valentine tem aqui. Deve ter havido vários deles, pelo menos, envolvidos na derrubada das barreiras. Isso pode ter sido feito de dentro da cidade.”

“Hodge disse que Valentine tinha descoberto como fazer isso,” Simon disse. “Ele disse que você precisa do sangue de demônio para derrubar as barreiras., mas que não havia jeito de conseguir sangue de demônio dentro da cidade. Exceto que Valentine tenha descoberto um modo.”

“Alguém pintou uma runa com sangue de demônio sobre o pico de uma das torres,” Luke disse com um suspiro, “Então, claramente, Hodge estava certo. Infelizmente, a Clave sempre confiou demais em suas barreiras. Mas mesmo o mais engenhoso enigma tem uma solução.”

“Isso me parece com o tipo de esperteza que faz seu traseiro chutado em um jogo,” Simon disse.” “No segundo que você protege a fortaleza com um Feitiço de Total Invencibilidade, alguém vem e calcula como destruir o lugar.”

“Simon,” Clary disse.” Cala a boca.”

“Ele não está tão distante,” Luke disse. “Nós apenas não sabemos como eles conseguiram sangue de demônio dentro da cidade sem colocar as barreiras desligadas em primeiro lugar.” Ele deu de ombros. “Este é o menor dos nossos problemas no momento. As barreiras estão de volta, mas nós já sabemos que elas não são infalíveis. Valentine pode retornar a qualquer momento com um força ainda maior de exército, e eu duvido que nós possamos lutar com

ele. Não há Nephilim o suficiente, e aqueles que estão aqui, estão completamente desmoralizados.”

“Mas e os Downworlders?” Clary disse. “Você disse ao Cônsul que a Clave tinha que lutar com os Downworlders.”

“Eu posso dizer para Malachi e Aldertree isso até eu estar com a cara azul, mas isso não significa que eles vão escutar,” Luke disse secamente. “a única razão de eles estarem me deixando ficar aqui é por que a Clave votou para me manter como um conselheiro. E eles só fizeram isso por que alguns deles tiveram suas vidas salvas pelo meu bando. Mas isso não significa que eles querem mais Downworlders em Idris...”

Alguém gritou.

Amatis estava em seus pés, sua mão sobre sua boca, olhando em direção a frente do salão. Um homem em pé na entrada, emoldurado no brilho da luz do sol lá fora. Ele era só uma silhueta, até ele dar um passo em frente, dentro do salão, e Clary pode ver seu rosto pela primeira vez.

Valentine.

Por alguma razão, a primeira coisa que Clary notou, foi que ele estava barbeado. Isso fazia ele parecer mais jovem, mais como o garoto zangado nas memórias que Ithuriel tinha mostrado a ela. Em vez de uma roupa de batalha, ele usava um terno elegantemente cortado e uma gravata. Ele estava desarmado. Ele poderia ter sido qualquer homem caminhando nas ruas de Manhattan. Ele poderia ter sido o pai de alguém.

Ele não olhou em direção a Clary, nem mostrou ter notado sua presença de modo algum. Seus olhos estavam em Luke enquanto ele caminhava pelo corredor estreito entre os bancos.

*Como ele podia vir aqui assim sem nenhuma arma?* Clary se perguntou, e teve sua pergunta respondida um momento depois: O Inquiridor Aldertree fez um ruído como um urso ferido, se lançou para longe de Malachi, que estava tentando segurar ele para trás; oscilou nos degraus da plataforma; e se jogou em Valentine.

Ele passou através do corpo de Valentine como um faca cortando através do papel. Valentine se virou para observar Aldertree com uma expressão de brando interesse, enquanto o Inquiridor tropeçava e colidia com um pilar, e esparramava-se desastradamente no chão. O Cônsul, seguindo, se curvou para ajudar ele a ficar de pé – havia um olhar de oculto desgosto em seu rosto enquanto ele fazia isso, e Clary se perguntou se o desgosto era direcionado a Valentine ou para Aldertree, por agir como um tolo.

Outro fraco murmúrio foi dirigido em torno do sala. O Inquiridor guinchou e lutou como um rato em um armadilha. Malachi segurou ele firmemente pelos braços enquanto Valentine avançava pela sala sem outro olhar para nenhum deles. Os Caçadores de Sombras tinham se agrupado em torno dos bancos puxados para trás, como as ondas do mar vermelho se separando para Moisés, deixando um caminho limpo no centro da sala. Clary estremeceu

enquanto ele se aproximava de onde ela estava com Luke e Simon. *Ele é só uma projeção*, ela disse para si mesma. *Não está realmente aqui. Ele não pode machucar você.* Ao lado dela, Simon estremeceu. Clary pegou a mão dele exatamente enquanto Valentine pausava nos degraus do estrado e virava seu olhar diretamente para ela. Seus olhos sondaram ela uma vez, casualmente, como se medindo ela; passou sobre Simon inteiramente; e veio descansar sobre Luke. “Lucian,” ele disse.

Luke retornou seu olhar, firme e uniforme, nada dizendo. Era a primeira vez que ele tinham estado juntos na mesma sala desde Renwick, Clary pensou, e então, Luke tinha estado meio morto da luta e coberto de sangue. Era mais fácil marcar ambas as diferenças e as semelhanças entre os dois homens - Luke estava em sua esfarrapada flanela e jeans, e Valentine em seu bonito e parecendo caro terno; Luke com um digno dia de arrepiado e cinza em seu cabelo, Valentine parecendo muito como ele quando ele tinha vinte e cinco - somente mais frio, de algum modo, e mais duro, como se o passar dos anos foram no processo de torná-lo lentamente uma pedra.

“Eu ouvi que a Clave te trouxe para o conselho agora,” Valentine disse. “Isso só seria adequado para uma Clave diluída pela corrupção e alcoviteira, para se encontrar infiltrada por meia-raças degeneradas.” Sua voz era plácida, até alegre – tanto que era difícil sentir o veneno em suas palavras, ou para realmente acreditar que ele quis dizer elas. Seu olhar se moveu de volta para Clary. “Clarissa,” ele disse, “aqui com o vampiro, eu vejo. Quando as coisas estiverem resolvidas um pouco, nós realmente precisamos discutir sua escolha sobre animais de estimação.”

Um baixo ruído de rosnado veio da garganta de Simon. Clary apertou sua mão, forte – forte o suficiente que teria havido um tempo que ele teria afastado ela com dor. Agora ele não parecia sentir isso. “Não,” ela sussurrou. “Apenas não.”

Valentine já tinha virado sua atenção para longe deles. Ele subiu os degraus do estrado e virou seu olhar abaixo para a multidão. “Tantos rostos familiares,” ele observou. “Patrick. Malachi. Amatis.”

Amatis ficou rígida, seus olhos brilhantes com o ódio.

O Inquiridor ainda estava lutando na contenção de Malachi. O olhar de Valentine tocou sobre ele, meio divertido. “Mesmo você, Aldertree. Eu ouvi que você foi indiretamente responsável pela morte do meu velho amigo Hodge Starkweather. Um pena, isso.”

Luke encontrou sua voz. “Você admite isso, então,” ele disse. “Você trouxe as barreiras abaixo. Você enviou os demônios.”

“Eu enviei eles,” disse Valentine. “Eu posso enviar mais. Certamente a Clave...mesmo a Clave, estúpida como eles são – devem ter esperado por isso? Você esperava por isso, não esperava, Lucian?”

Os olhos de Luke estavam seriamente azuis. “Eu esperava. Mas eu conheço você, Valentine. Então você veio para negociar, ou para se exibir?”

“Nem um, nem outro.” Valentine considerou a silenciosa multidão. “Eu não tenho necessidade de negociar,” ele disse, e embora seu tom fosse calmo, sua voz carregava como se amplificada. “E não desejo me exhibir. Eu não aprecio causar as mortes de Caçadores de Sombras; já existem poucos de nós, em um mundo que precisa de nós desesperadamente. Mas isso é como a Clave gosta, não é? Isso é apenas mais outra de suas absurdas regras, as regras que eles utilizam para triturar Caçadores de Sombras até o pó. Eu fiz o que fiz por que eu tinha. Eu fiz o que fiz por que era o único modo de fazer a Clave escutar. Caçadores de Sombras não morreram por minha causa; eles morreram por causa que a Clave me ignorou.” Ele encontrou os olhos de Aldertree através da multidão; o rosto do Inquiridor estava branco e contorcendo. “Portanto muitos de vocês aqui foram uma vez do meu círculo,” Valentine disse lentamente. “Eu falo para vocês agora, e para aqueles quem conheciam o Círculo mas ficaram fora dele. Você se lembra o que eu previ quinze anos atrás? Que a menos que nós agíssemos contra os acordos, a cidade de Alicante, nossa preciosa capital, seria invadida pelos choringos, bajulantes grupos de meia-raças, as degeneradas raças atropelando debaixo dos pés tudo o que nos é querido? E tal como eu previ, tudo isso tem se passado. O Gard incendiou até o chão, o Portal destruído, nossas ruas inundadas com monstros. A escória meio-humana presumindo nos liderar. Então, meus amigos, meus inimigos, meus irmãos abaixo do Anjo, eu pergunto a vocês – vocês acreditam em mim agora?” Sua voz cresceu para um grito: “VOCÊS ACREDITAM EM MIM AGORA?”

Seu olhar varreu a sala como se ele esperasse uma resposta.. Não havia ninguém – só um oceano de faces fitando.

“Valentine.” A voz de Luke, embora suave, quebrou o silêncio. “Você pode ver o que você fez? Os acordos que você temia tanto, não fez Downworlders iguais a Nephilim. Ele não garantem a meio humanos um lugar no conselho. Todos os velhos ódios estavam ainda neste lugar. Você devia ter confiado nestes, mas você não fez – você não podia – e agora você deu a nós uma coisa que podíamos possivelmente ter unido todos nós.” Seus olhos procuraram os de Valentine. “Um inimigo comum.”

Um rubor passou pelo rosto pálido de Valentine. “Eu não sou um inimigo. Nem dos Nephilim. Você é isso. Você é o que está tentando atrair eles para uma luta sem esperança. Você pensa que aqueles demônios que você viu é tudo o que eu tenho? Eles são uma fração do o que eu posso invocar.”

“Existem mais de nós também,” Luke disse. “Mais Nephilim, e mais Downworlders.”

“Downworlders,” Valentine zombou. “Eles vão correr ao primeiro sinal do verdadeiro perigo. Nephilim nasceram para ser guerreiros, para proteger este mundo, mas o mundo odeia sua espécie. Existe uma razão para a prata pura queimar você, e a luz do dia ferir as crianças da noite.”

“Ela não me fere,” Simon disse em uma dura e clara voz, apesar do aperto da mão de Clary. “Eu estou aqui, em pé na luz do sol...”



Mas Valentine apenas riu. “Eu vi você engasgar com o nome de Deus, vampiro.” ele disse. “Enquanto ao porquê de você poder ficar na luz do sol...” ele se interrompeu e sorriu. “Você é uma anormalidade, talvez. Uma aberração. Mas ainda um monstro.”

*Um monstro.* Clary pensou em Valentine no navio, do que ele tinha dito lá: *Sua mãe disse que eu tornei seu primeiro filho em um monstro. Ela me deixou antes que eu pudesse ter a chance de fazer o mesmo para o seu segundo.*

*Jace.* Ela pensou no seu nome com um dor aguda. *Depois do que Valentine disse, ele está aqui, falando sobre demônios...*

“O único monstro aqui,” ela disse, apesar dela mesma e apesar de sua resolução de manter o silêncio, “é você. Eu vi Ithuriel,” ela continuou quando ele se virou para olhar para ela em surpresa. “eu sei de tudo...”

“Eu duvido disso,” Valentine disse. “Se você soubesse, você manteria sua boca fechada. Pelo amor de seu irmão, se não pelo seu próprio.”

*Nem mesmo fale de Jace para mim!* Clary queria gritar, mas outra voz veio e cortou ela, uma fria, e inesperada voz feminina, sem medo e amarga.

“E sobre meu irmão?” Amatis se moveu para ficar ao pé da plataforma, olhando acima para Valentine. Luke começou a se surpreender e balançou sua cabeça para ela, mas ela o ignorou.

Valentine fechou o rosto. “O que sobre Lucian?” A pergunta de Amatis, Clary sentiu, tinha abalado ele, ou talvez era só que Amatis estava lá, perguntando, confrontando ele. Ele tinha descrito ela anos atrás como fraca, incapaz de desafiar ele. Valentine nunca gostava quando pessoas surpreendiam ele.

“Você me disse que ele não era mais meu irmão,” Amatis disse. “Você levou Stephen para longe de mim. Você destruiu minha família. Você disse que não era um inimigo dos Nephilim, mas você colocou cada um de nós contra cada outro, família contra família, arruinando vidas sem compaixão. Você disse que você odeia a Clave, mas você é o que fez o que eles são agora – insignificantes e paranóicos. Nós costumávamos confiar um no outro, nós Nephilim. Você mudou isso. Eu nunca vou perdoar você por isso.” Sua voz tremeu. “Ou por me fazer tratar Lucian como se ele não fosse mais meu irmão. Eu não vou perdoar você por isso, também. Nem vou perdoar a mim mesma por ter escutado você.”

“Amatis...” Luke deu um passo a frente, mas sua irmã colocou uma mão acima para parar ele. Seus olhos estavam brilhando com lágrimas, mas suas costas estavam eretas, sua voz firme e resolvida.

“Houve um tempo em que todos nós estávamos dispostos a ouvir você, Valentine,” ela disse. “E todos nós temos isso em nossa consciência. Mas não mais. Não mais. Aquele tempo acabou. Há alguém aqui que discorda comigo?”

Clary sacudiu sua cabeça e olhou para os Caçadores de Sombras reunidos: Eles pareciam

para ela como um rude esboço de uma multidão, com borrões brancos para os rostos. Ela viu Patrick Penhallow, seu queixo apertado, e o Inquiridor, que estava tremendo como uma frágil árvore em um forte vento. E Malachi, cujo escuro e polido rosto era estranhamente ilegível. Ninguém disse uma palavra.

Se Clary tivesse esperado que Valentine ficasse com raiva desta falta de resposta dos Nephilim que ele tinha esperado liderar, ela ficaria desapontada. Exceto por um contorcer no músculo de sua mandíbula, ele estava inexpressivo. Como se ele estivesse esperado esta resposta. Como se ele tivesse planejado isso. “Muito bem,” ele disse. “Se vocês não ouvem pela razão, vocês irão ouvir pela força. Eu já mostrei a vocês que eu posso derrubar as barreiras ao redor da cidade. Eu vejo que vocês colocaram elas de volta, mas isso não tem importância; eu posso facilmente fazer isso de novo. Vocês terão que aceitar as minhas exigências ou enfrentar cada demônio que a Espada Mortal pode invocar. Eu irei dizer que eles não irão poupar um único de vocês, nem um homem, mulher ou criança. É a sua escolha.”

Um murmúrio varreu em torno da sala, Luke o estava fitando. “Você iria deliberadamente destruir *sua própria espécie*, Valentine?”

“Às vezes, plantas doentes precisam ser extirpadas para preservar todo o jardim,” Valentine disse. “E se todas estão doentes....” Ele se virou para enfrentar toda multidão horrorizada. “É sua escolha,” ele continuou. “Eu tenho a Taça Mortal. Se eu devo, eu irei começar com um novo mundo de Caçadores de Sombras, criado e ensinado por mim. Mas eu posso dar a vocês está única chance. Se a Clave assinar todos os poderes do conselho para mim e aceitar minha inequívoca soberania e governo, eu mantereí minha mão. Todos os Caçadores de Sombras irão prestar um juramento de obediência e aceitar uma permanente runa de lealdade que obriga eles a mim. Estes são meus termos.”

Os olhos de Clary em um borrão girando. *Eles não podem ceder a ele* ela pensou. *Eles não podem. Mas que escolha eles têm? Que escolha qualquer deles tem? Eles estão encurralados por Valentine.* Ela pensou sombriamente, *tanto quanto eu e Jace fomos encurralados pelo o que ele fez conosco. Todos nós estamos presos a ele pelo nosso próprio sangue.*

Foi apenas um momento, embora isso fosse como uma hora para Clary, antes que uma voz fina cortasse através do silêncio – a alta, e araneiforme voz do Inquiridor. “Soberania e governo?” ele gritou. “*Suas regras?*”

“Aldertree....” O cônsul se moveu para retrain ele, mas o Inquiridor era muito rápido. Ele esquivou-se e se lançou em direção a plataforma. Ele estava gritando alguma coisa, as mesmas palavra mais e mais, como se ele tivesse perdido sua cabeça completamente, seus olhos rolaram praticamente para os brancos. Ele empurrou Amatis de lado, vacilando acima sobre os degraus da plataforma para enfrentar Valentine. “Eu sou o Inquiridor, você entende, o *Inquiridor!*” ele gritou. “Eu sou parte da Clave! O *Conselho!* Eu faço as regras, não você! Eu governo, não você! Eu não vou deixar você fazer isso, seu arrogante, amante de demônio lodo...”

Com um olhar muito próximo ao tédio, Valentine estendeu uma mão, quase como se ele tencionasse tocar o Inquiridor sobre o ombro. Mas Valentine não podia tocar nada – ele era apenas uma projeção – e então Clary arfou enquanto a mão de Valentine passava através da pele do Inquiridor, ossos e carne, desaparecendo dentro de suas costelas . Houve um segundo – apenas um segundo – durante o que todo o salão pareceu ficar boquiaberto ao braço esquerdo de Valentine, enterrado de algum modo, impossivelmente, o punho profundamente no peito de Aldertree. Então Valentine sacudiu seu pulso fortemente e subitamente à esquerda – um movimento de torção, como se ele estivesse virando teimosamente uma maçaneta enferrujada. O Inquiridor deu um único grito e caiu como uma pedra.

Valentine puxou sua mão de volta. Ela estava escorregadia com sangue, uma luva escarlate alcançando até metade do seu cotovelo, manchando a cara lã de seu terno. Baixando sua mão ensangüentada, ele olhou através da multidão horrorizada, seus olhos vindo descansar por último em Luke. Ele falou lentamente. “Eu vou dar a vocês até amanhã a meia-noite para considerar meus termos. No momento eu vou trazer meu exército, em toda sua força, para a planície Brocelind. Se eu ainda não receber uma mensagem de rendição da Clave, eu irei marchar com meu exército aqui para Alicante, e dessa vez nós não deixaremos nada vivo. Vocês tem tempo para considerar os meus termos. Use o tempo sabiamente.”

E com isso, ele desapareceu.

## **14 – Na floresta Escura**

“Bem, e que tal isso,” Jace disse, ainda sem olhar para Clary – ele não tinha realmente olhado para ela desde que ela e Simon tinham chegado aos degraus da frente da casa que os Lightwoods estavam morando agora. Ao invés disso ele estava inclinado em uma das janelas altas na sala de estar, olhando lá fora, em direção ao céu escurecendo rapidamente. “Um cara assiste ao funeral de seu irmão de nove anos e perde toda a diversão.”

“Jace,” Alec disse, em uma voz um tanto cansada. “Não.”

Alec estava desmoronado em uma das gastas, e estofadas demais cadeiras que eram as únicas coisas para se sentar na sala. A casa tinha a estranha, sensação alheia de casa pertencente a estranhos: Ela era decorada em tecidos florais impressos, pastel e babados\*, e tudo nela era ligeiramente desgastado ou esfarrapado. Havia uma tigela de vidro cheia de chocolates sobre o fim da pequena mesa próxima a Alec; Clary, faminta, tinha comido um pouco e achou eles esfarelados e secos. Ela se perguntou que tipo de pessoas tinham vivido aqui. O tipo que fugiam quando as coisas ficavam difíceis, ela pensou azedamente; eles mereciam ter suas casas tomadas.

\*N/T: Frilly – não é bem babado, é tipo um frufu. Eu não sei que nome se dá a isso.

“Não *o que?*” Jace perguntou; estava escuro o suficiente do lado de fora agora para que Clary pudesse ver seu rosto refletido no vidro da janela. Seus olhos pareciam negros. Ele estava usando roupas de luto de Caçador de Sombras – eles não usavam a cor dos equipamentos e combate. A cor da morte era branco, e a jaqueta branca que Jace usava tinha runas escarlate bordadas no material em torno da gola e dos punhos. Diferente das runas de batalha, que eram todas sobre agressão e proteção, estas falavam uma língua suave de cura e dor. Havia faixas de metal martelado em torno de seus pulsos também, com iguais runas sobre elas. Alec estava vestido do mesmo modo, todo em branco com as mesmas runas vermelho-ouro traçando sobre o material. Ela fazia seu cabelo parecer mais preto.

Jace, Clary pensou, por outro lado, todo em branco, parecia como um anjo. Embora um do tipo vingador.

“Você não está bravo com Clary. Ou Simon,” Alec disse. “Pelo menos,” ele adicionou, com uma fraca, careta preocupada, “Eu não *acho* que você esteja bravo com Simon,”

Clary meio que esperava Jace rebater com uma irritada resposta, mas tudo o que ele disse foi, “Clary sabe que eu não estou com raiva dela.”

Simon, reclinando seus cotovelos na parte de trás do sofá, rolou seus olhos, mas só disse, “O que eu não entendi é como Valentine conseguiu matar o Inquiridor. Eu pensei que projeções não pudessem na verdade afetar nada.”

“Elas não podem ser capazes,” Alec disse. “Elas são apenas ilusões, Tanto o ar colorido, quanto a fala.”

“Bem, não neste caso. Ele alcançou dentro do Inquiridor e *torceu...*” Clary estremeceu. “Houve bastante sangue.”

“Como um bônus especial para você,” Jace disse para Simon.

Simon ignorou isso. “Teve alguma vez um Inquiridor que não morreu uma morte horrível?” ele se perguntou em voz alta. “É como ser o baterista do Spial Tap\*.”

\*N/T: Spial Tap = Na verdade Spinal Tap, onde todos os bateristas morreram de modos bizarros.

Alec esfregou uma mão através do rosto. “Eu não acredito que meu pai não sabe sobre isso ainda,” ele disse. “Eu não posso dizer que estou interessado em dizer a eles.”

“Onde estão os seus pais?” Clary perguntou. “Eu pensei que eles estivessem lá em cima.”

Alec balançou sua cabeça. “Eles ainda estão no cemitério. No túmulo de Max. Ele nos mandaram de volta. Eles queriam estar lá sozinhos por um tempo.”

“E Isabelle?” Simon perguntou. “Onde ela está?”

O humor, tal como ele estava, deixou a expressão de Jace. “Ela não vai sair do seu quarto,” ele disse. “Ela acha que o que aconteceu a Max foi sua culpa. Ela nem mesmo foi para o funeral.”

“Você tentou falar com ela?”

“Não,” Jace disse, “ao invés disso nós estivemos a esmurrando repetidamente em sua cara. Por que, você acha que isso não funcionaria?”

“Só pensei em perguntar.” O tom de Simon era leve.

“Nós iremos dizer a ela este negócio sobre Sebastian não ser realmente Sebastian,” Alec disse. “Isso poderia fazer ela se sentir melhor. Ela acha que ela deveria ter sido capaz de dizer que havia algo errado sobre Sebastian, mas se ele era um espião...” Alec deu de ombros. “Ninguém notou nada de errado sobre ele. Nem mesmo os Penhallows.”

“*Eu* achava que ele era um retardado,” Jace apontou.

“Sim, mas isso é só porque...” Ale afundou mais profundamente em sua cadeira. Ele parecia exausto, sua pele uma pálida cor cinza contra o completo branco de suas roupas. “Isso dificilmente importa. Logo que ela descubra quais ameaças de Valentine, nada vai animar ela.

“Mas ele faria realmente isso?” Clary perguntou. “Enviar um exército de demônios contra os Nephilim – quero dizer, ele ainda é um *Caçador de Sombras*, não é? Ele não poderia destruir seu próprio povo.”

“Ele não se importa o suficiente sobre seus filhos para não destruir eles,” Jace disse, encontrando os olhos dela através da sala. Seus olhares se prenderam. “O que faz você pensar que ele se importa com seu povo?”

Alec olhou de um para o outro, e Clary podia dizer por sua expressão que Jace não tinha falado com ele sobre Ihuriel ainda. Ele pareceu confuso, e muito triste. “Jace...”

“Isso explica uma coisa,” Jace disse sem olhar para Alec. “Magnus estava tentando ver se ele podia utilizar uma runa de rastrear, em uma das coisas que Sebastian tinha deixado em seu quarto, para ver se ele podia localizar ele desse modo. Ele disse que ele não estava conseguindo uma leitura de nada que nós demos a ele. Só...vazio.”

“O que isso significa?”

“Elas eram as coisas de Sebastian Verlac. O falso Sebastian provavelmente pegou elas onde quer que ele o tenha interceptado. E Magnus não está conseguindo nada delas por que o verdadeiro Sebastian...”

“Está provavelmente morto,” terminou Alec. “E o Sebastian que nós conhecemos é muito esperto para deixar alguma coisa para trás que pudesse ser usada para rastrear ele. Tem que ser um objeto que está de alguma forma, muito conectado àquela pessoa. Uma relíquia de família, ou uma estela, ou uma escova com algum cabelo nela, algo como isso.”

“O que é muito ruim,” Jace disse.”por que se nós pudéssemos seguir ele, ele teria provavelmente nos levado direto a Valentine. Estou certo de que ele foi correndo direto de volta para seu mestre com um relatório completo. Provavelmente dizer a ele tudo sobre a teoria louca do lago-espelho de Hodge.”

“Pode não ter sido louca,” Alec disse.”Eles tem guardas colocados nos caminhos que vão para o lago, e colocaram barreiras que vão avisar a eles se alguém passar por lá.”

“Fantástico. Eu tenho certeza que todos nós nos sentiremos muito seguros agora.” Jace se inclinou para trás, contra a parede.

“O que eu não entendo,” Simon disse, “é porque Sebastian ficou pro aqui. Depois de tudo o que ele fez a Izzy e Max, ele ia ser apanhado, não havia mais o que fingir. Quero dizer, mesmo se ele pensou ter matado Izzy ao invés de apenas ter golpeado ela, como ele iria explicar que os dois estavam mortos e ele ainda estava bem? Não, ele fracassou. Então por que passear por aí através da batalha? Por que ir ao Gard me buscar? Eu estou realmente certo que ele realmente não se importa de um modo ou de outro se eu estava vivo ou morto.”

“Agora você está sendo muito duro com ele,” Jace disse.”Eu tenho certeza que ele tinha preferido você morto.”

“Na verdade,” Clary disse.”Eu acho que ele ficou por minha causa.”

O olhar de Jace chicoteou para os dela com um flash de ouro. “Por causa de você? Na expectativa de outro encontro quente, foi?”



Clary se sentiu corar. “Não. E nosso encontro não foi quente. Na verdade, nem mesmo foi um encontro. De qualquer maneira esse não é o ponto. Quando ele foi para o salão, ele ficou tentando me levar para fora com ele para que nós pudéssemos conversar. Ele queria algo de mim. Eu só não sei o que?”

“Ou talvez ele só queria você,” Jace disse. Olhando a expressão de Clary, ele adicionou, “Não desse jeito. Quero dizer que talvez ele quisesse levar você para Valentine.”

“Valentine não se importa comigo,” Clary disse. “Ele sempre só se importou com você.”

Algo piscou nas profundidades dos olhos de Jace. “É disso que você chama?” Sua expressão era assustadoramente gélida. “Depois de tudo o que aconteceu no barco, ele está interessado em você. O que significa que você precisa ter cuidado. Muito cuidado. Na verdade, não faria mal algum se você passasse os próximos dias fechada. Você poderia se trancar no seu quarto como Isabelle.”

“Eu não vou fazer isso.”

“É claro que não,” Jace disse, “por que você vive para me torturar, não é?”

“Nem tudo, Jace, é *sobre você*,” Clary disse furiosamente.

“Possivelmente,” Jace disse, “mas você tem que admitir que a maioria das coisas são.”

Clary resistiu ao desejo de gritar.

Simon limpou sua garganta. “Falando em Isabelle...que nós só estávamos, mas eu pensei que eu poderia mencionar isso, antes da discussão realmente terminar – acho que talvez eu devesse falar com ela.”

“Você?” Alec disse, e então, parecendo ligeiramente envergonhado por seu próprio embarço, adicionou rapidamente, “é só que...ela não saiu do seu quarto por sua própria família. Por que ela sairia por você?”

“Talvez por que eu *não sou* da família,” Simon disse. Ele estava em pé com suas mãos em seus bolsos, seus ombros para trás. Mais cedo, quando ela tinha estado sentado perto dele, ela tinha visto que havia ainda uma fina linha branca circulando seu pescoço, onde Valentine tinha cortado sua garganta, e cicatrizes em seus pulsos onde elas tinham sido cortadas também. Seu encontro com o mundo dos Caçadores de Sombras tinha mudado ele, e não só a superfície dele, ou mesmo seu sangue; a mudança veio mais profunda que isso. Ele estava ereto, com sua cabeça acima, e tomava qualquer coisa que Jace ou Alec jogassem nele e não parecia se importar. O Simon que teria se assustado com eles, ou ficado desconfortável por eles, tinha desaparecido.

Ela sentiu uma súbita dor em seu coração, e notou com uma sacudida o que ela era. Ela estava *perdendo* ele – perdendo Simon. Simon como ele tinha sido.

“Acho que eu vou fazer uma tentativa de fazer com que Isabelle fale comigo, Simon disse, “Não pode doer.”

“Mas está quase escuro,” Clary disse. “Nós dissemos a Luke e Amatis que nós estaríamos de volta antes do sol se por.”

“Eu te levo de volta,” Jace disse. “Quanto a Simon, ele pode se virar em seu próprio caminho de volta no escuro...você pode, Simon?”

“É claro que ele pode,” Alec disse indignadamente, como se estivesse ansioso por compensar seu desdém anterior por Simon. “Ele é um vampiro...e,” ele adicionou, “Eu só agora percebi que você estava provavelmente brincando. Deixa pra lá.”

Simon sorriu. Clary abriu sua boca para protestar de novo – e a fechou. Parcialmente por que ela estava, ela sabia, não sendo razoável. E parcialmente por que havia um olhar no rosto de Jace enquanto ele olhava além dela, para Simon, um olhar que assustou ela, em silêncio: Ele era divertido, Clary pensou, misturado com gratidão e talvez até mesmo...o mais surpreendente de tudo – um pouco de respeito. “

Foi uma caminhada curta entre a nova casa dos Lightwoods e a de Amatis; Clary desejou que fosse mais longa. Ela não podia afastar a sensação de que a cada momento que ela passava com Jace, era algo precioso e limitado, que eles estavam próximos de algum meio invisível prazo final que separaria eles para sempre.

Ela olhou de lado para ele. Ele estava olhando direto a frente, quase como se ela não estivesse lá. A linha de seu perfil era penetrante e nítida na luz de bruxa que iluminava as ruas. Seu cabelo enrolado contra sua bochecha, não escondendo o bastante a cicatriz branca sobre uma têmpora onde havia tido uma marca. Ela podia ver a linha de metal brilhando em sua garganta, onde o anel dos Morgenstern se pendurava em sua corrente. Sua mão esquerda estava nua; suas juntas pareciam feridas. Então ele realmente estava se curando como um mundano, como Alec tinha pedido para ele.

Ela estremeceu. Jace olhou para ela. “Você está com frio?”

“Eu estava só pensando,” ela disse. “eu estou surpresa que Valentine foi atrás do Inquiridor ao invés de Luke. O inquiridor é um Caçador de Sombras, e Luke...Luke é um downworlder. E tem mais, Valentine odeia ele.”

“Mas de certo modo, ele o respeita, mesmo se ele é um Downworlder,” Jace disse, e Clary pensou no olhar que Jace deu a Simon mais cedo, e então tentou não pensar nisso. Ela odiava pensar em Jace e Valentine como sendo de algum modo iguais, mesmo na mais trivial coisa como um olhar. “Luke está tentando conseguir que a Clave mude, pense de um novo modo. Isso é exatamente o que Valentine queria, mesmo se seus objetivos são – bem, não são os mesmos. Luke é um iconoclasta\*. Ele quer mudança. Para Valentine, o Inquiridor representava a antiga, e ultraconservadora Clave que ele odeia tanto.

\*iconoclasta: pessoa que não respeita tradições, quer o novo, o moderno, destruidor de imagens e ídolos

“E eles foram amigos uma vez,” Clary disse. “Luke e Valentine.”

“As marcas do que tem sido uma vez,” Jace disse, e Clary podia dizer que ele estava citando algo, pelo tom meio escarnecedor em sua voz. “Infelizmente, você nunca realmente odeia qualquer um tanto quanto alguém que você se importou uma vez. Eu imagino que Valentine tem algo especial planejado para Luke, no percurso, depois que ele assumir.”

“Mas ele não vai assumir,” Clary disse, e quando Jace nada disse, sua voz aumentou. “ele não vai vencer, ele não pode. Ele não pode realmente querer a guerra, não contra Caçadores de Sombras e Downworlders....”

“O que te faz pensar que os Caçadores de Sombras irão lutar com os Downworlders?” Jace disse, e ele ainda não estava olhando para ela. Eles estavam andando ao longo da rua do canal, e ele estava olhando lá fora para a água, seu queixo apertado. “Só por que Luke disse isso? Luke é um idealista.”

“E por que isso é uma coisa ruim de ser?”

“Não é. É só que eu não sou um,” Jace disse, e Clary sentiu uma pontada de frieza em seu coração pelo vazio em sua voz. *Desespero, raiva, ódio. Estas eram as qualidades do demônio. Ele está agindo do modo que ele pensa que ele deve agir.*

Eles tinham chegado a casa de Amatis; Clary parou aos pés dos degraus, virando-se para encarar ele. “Talvez,” ela disse. “Mas você não é como *ele*, também.”

Ele saltou um pouco com isso, ou talvez fosse apenas a firmeza em seu tom. Ele virou sua cabeça para olhar para ela pelo o que pareceu como a primeira vez, desde que eles tinham deixado os Lightwoods. “Clary...” ele começou, e se interrompeu, com uma tomada de fôlego. “Tem sangue em sua manga. Você está machucada?”

Ele se moveu em direção a ela, pegando seu pulso em sua mão. Clary olhou abaixo e viu, para sua surpresa, que ele estava certo – havia uma irregular mancha escarlate sobre a manga direita de seu casaco. O que era estranho que ela ainda estava vermelho brilhante. Sangue seco não deveria ser uma cor mais escura? Ela fechou a cara. “Isso não é meu sangue.”

Ele relaxou ligeiramente, seu aperto em seu pulso se soltando. “É do Inquiridor?”

Ela agitou sua cabeça. “Eu na verdade acho que é de Sebastian.”

“Sangue de *Sebastian*?”

“Sim...quando ele veio para o salão na outra noite, lembra, seu rosto estava sangrando. Eu acho que Isabelle deve ter golpeado ele, mas de qualquer modo...eu toquei seu rosto e consegui este sangue em mim.” Ela olhou mais de perto ele. “Eu pensei que Amatis tinha lavado o casaco, mas acho que ela não lavou.” Ela esperou que ele largasse ela, mas ao

invés disso ele segurou seu pulso por um longo momento, examinando o sangue, antes de retornar seu braço para ela, aparentemente satisfeito. “Obrigado.”

Ela olhou para ele por um momento antes de balançar sua cabeça. “Você não vai me dizer o que foi era, não é?”

“Sem chance.”

Ela jogou seus braços em exasperação. “Eu vou entrar. Eu te vejo mais tarde.”

Ela se virou e se guiou pelos degraus da porta da frente de Amatis. Não houve nenhum modo dela ter sabido que no momento que ela virou suas costas, o sorriso desapareceu do rosto de Jace, ou que ele ficou por um longo tempo na escuridão uma vez que a porta se fechou atrás dela, cuidando dela, e virando um pequeno pedaço de fio, mais e mais entre seus dedos.

“Isabelle,” Simon disse. Isso tinha tomado dele algumas tentativas para encontrar a porta, mas o grito de “Vai embora!” que tinha emanado de detrás de uma, o convenceu que ele tinha feito a escolha certa.”Isabelle, me deixe entrar.”

Houve um baque abafado e a porta reverberou ligeiramente, como se Isabelle tivesse jogado alguma coisa nela. Possivelmente um sapato. “Eu não quero falar com você e Clary. Eu não quero falar com ninguém. Me deixe sozinha, Simon.”

“Clary não está aqui,” Simon disse. “E eu não vou embora até que você fale comigo.”

“Alec!” Isabelle gritou. “Jace! Façam ele ir embora!”

Simon esperou. Não houve som vindo abaixo. Ou Alec tinha saído ou ele estava fingindo. “Eles não estão aqui, Isabelle. É só eu.”

Houve um silêncio. Finalmente Isabelle falou de novo. Desta vez sua voz mais de perto, como se ela estivesse de pé apenas do outro lado da porta. “Você está sozinho?”

“Estou sozinho,” Simon disse.

A porta rangeu aberta. Isabelle estava lá em uma camisola preta, seu cabelo deitado ao longo e emaranhado sobre seus ombros. Simon nunca tinha visto ela daquele jeito: pés descalços, com seu cabelo despenteado, e sem maquiagem.”Você pode entrar.”

Ele passou por ela para dentro do quarto. Na luz que vinha da porta ele podia ver como ele se parecia, como sua mãe teria dito, como um tornado tivesse atingido ele. Roupas estavam espalhadas através do chão em pilhas, um mala aberta no chão como se ela tivesse explodido. O brilhante chicote prata-outro pendurado na perna da cama, um sutiã branco em outro. Simon desviou seus olhos. As cortinas estavam fechadas, as lâmpadas apagadas. Isabelle caiu pesadamente na ponta da cama e olhou para ele com um amargo divertimento. “Uma vampiro corando. Quem teria imaginado.” Ela levantou seu queixo.” Então, você

entrou. O que você quer?”

Apesar do olhar furioso dela, Simon pensou que ela parecia mais jovem do que o habitual, seus olhos grandes e pretos em seu chateado rosto branco. Ele podia ver as cicatrizes brancas que traçavam sua pele clara, em todo seus braços nus, suas costas e clavícula, mesmo suas pernas. *Se Clary continuasse uma Caçadora de Sombras*, ele pensou, *um dia ela parecerá como isso, cicatrizes por toda parte*. O pensamento não perturbou ele como uma vez poderia ter feito. Havia algo sobre o modo que Isabelle usava suas cicatrizes, como se ela fosse orgulhosa delas.

Ela tinha alguma coisa em suas mãos, algo que ela ficava virando mais e mais entre seus dedos. Ele era algo pequeno que cintilava fracamente na meia luz. Ele pensou por um momento que poderia ser uma peça de jóia.

“O que aconteceu a Max,” Simon disse. “Não foi culpa sua.”

Ela não olhou para ele. Ela estava olhando para o objeto abaixo, em suas mãos. “Você sabe o que é isso?” ela disse, e segurou ele acima. Ele parecia ser um pequeno soldado de brinquedo, esculpido em madeira. Um Caçador de Sombras de brinquedo, Simon percebeu, completo com vestimenta pintada de preto. O cintilar prateado que ele tinha notado era a pintura sobre a pequena espada que ele segurava; ela estava quase gasta.”Isso era de Jace,” ela disse, sem esperar por ele responder. “Era o único brinquedo que ele tinha quando ele veio de Idris. Eu não sei, talvez ele fosse uma vez parte de um grande conjunto. Eu acho que ele o fez, mas ele nunca disse muito sobre isso. Ele costumava levá-lo para todo lugar com ele quanto ele era pequeno, sempre em um bolso ou o que quer que fosse. Então um dia eu percebi Max carregando ele por aí. Jace deve ter tido cerca de treze então. Ele apenas o deu para Max, eu acho que foi quando ele ficou muito velho para isso. De qualquer forma isso estava na mão de Max quando eles acharam ele. Foi como se ele agarrasse isso para se defender quando Sebastian...quando ele...” Ela se interrompeu. O esforço que ela estava fazendo para não chorar era visível; sua boca estava apertada em uma careta, como se ela fosse retorcer a si mesma fora de forma. “Eu deveria estar lá para proteger ele. Eu deveria estar lá para ele se agarrar em mim, não em algum estúpido brinquedinho de madeira.” Ela lançou ele sobre a cama, seus olhos brilhando.

“Você estava inconsciente,” Simon protestou. “Você quase morreu, Izzy. Não havia nada que você podia ter feito.”

Isabelle balançou sua cabeça, seus cabelo bagunçado, pulando em seus ombros. Seu olhar feroz e selvagem. “O que você sabe sobre isso?” Ela exigiu. “Você sabia que Max veio a nós na noite que ele morreu e nos disse que tinha visto alguém escalar as torres demônio, e eu disse que ele estava sonhando e mandei ele embora? E ele estava certo. Eu aposto que era o bastardo do Sebastian, subindo a torre e então ele pôde colocar as barreiras abaixo. E Sebastian matou ele, então ele não poderia contar a ninguém o que ele tinha visto. Se eu apenas tivesse escutado, só tirado um segundo para escutar...isso não teria acontecido.”

“Não havia nenhum jeito que você pudesse saber,” Simon disse. “E sobre Sebastian...ele não era realmente o primo dos Penhallows. Ele fez todos de tolos.”

Isabelle não parecia surpresa. “Eu sei,” ela disse.”Eu ouvi você falando para Alec e Jace. Eu estava escutando do topo das escadas.”

“Você estava escutando às escondidas?”

Ela deu de ombros. “ Até a parte onde você disse que você estava indo conversar comigo. Então eu voltei para cá. Eu não estava observando você.” Ela olhou para ele de lado “Eu tenho que lhe dar essa, no entanto: Você é persistente.”

“Olha Isabelle.” Simon deu um passo a frente. Ele estava estranhamente, e subitamente consciente do fato que ela não estava muito vestida, então ele se afastou de colocar uma mão no ombro dela ou fazer alguma coisa evidentemente consoladora. “Quando meu pai morreu, eu sabia que não era minha culpa, mas eu ainda ficava pensando mais e mais vezes sobre todas as coisas que eu deveria ter feito, deveria ter dito, antes dele morrer.”

“Yeah, bem, isso é minha culpa,” Isabelle disse. “E o que eu deveria ter feito é ter escutado. E o que eu posso ainda fazer é perseguir o bastardo que fez isso e matar ele.”

“Eu não estou certo de que isso vai ajudar...”

“Como você sabe?” Isabelle exigiu.” Você encontrou a pessoa responsável pela morte de seu pai e matou ele?”

“Meu pai teve um ataque cardíaco,” Simon disse. “Então, não.”

“Então você não sabe do que você está falando, sabe?” Isabelle levantou seu queixo e olhou para ele honestamente. “Venha aqui.”

“O que?”

Ela acenou imperiosamente com seu dedo indicador.”Venha aqui, Simon.”

Relutantemente ele veio em direção a ela. Ele estava a apenas um pé de distância quando ela agarrou ele pela frente de sua camisa, puxando ele em direção a ela. Seus rostos estavam a centímetros separados; ele podia ver como a pele abaixo de seus olhos brilhava com as marcas das lágrimas recentes. “Você sabe o que eu realmente preciso agora mesmo?” ela disse, pronunciando cada palavra claramente.

“Um,” Simon disse. “Não?”

“Ser distraída,” ela disse, E com uma meia virada puxou o corpo dele para a cama ao lado dela.

Ele aterrissou suas costas no meio de uma emaranhada pilha de roupas. “Isabelle,” Simon protestou fracamente, “você realmente acha que isso vai fazer você se sentir melhor?”



“Acredite-me,” Isabelle disse, colocando uma mão sobre seu peito, acima de seus coração parado. “Eu já me sinto melhor.”

Clary descansava acordada na cama, olhando acima o único trecho do luar enquanto ele fazia seu caminho através do teto. Seus nervos ainda estavam muito estridentes dos eventos do dia para ela dormir, e não ajudava que Simon não tivesse vindo antes do jantar...ou depois dele. Eventualmente ela tinha manifestado sua preocupação para Luke, que tinha atirado um casaco e seguido para os Lightwoods. Ele tinha retornado parecendo divertido. “Simon está bem, Clary,” ele disse. “Vá para cama.” E então ele saiu de novo com Amatis, para outro de seus intermináveis encontros no Salão dos Acordos. Ela se perguntou se alguém já tinha limpado o sangue do Inquiridor.

Com nada para se fazer, ela foi para a cama, mas o sono tinha permanecido teimosamente fora do alcance. Clary se mantinha vendo Valentine em sua cabeça, se aproximando do Inquiridor e rasgando seu coração. Do modo como ele tinha se virado para ela e dito, *Você devia manter sua boca fechada, por amor de seu irmão, se não pelo seu próprio*. Acima de tudo, os segredos que ela tinha aprendido de Ithuriel deitados como um peso em seu peito. Sob todas essas ansiedades estava o medo, constante com uma batida de coração, que sua mãe iria morrer. Onde Magnus estava?

Houve um som sussurrante pelas cortinas, e um súbito clarear de luar derramado no quarto. Clary sentou ereta, tomando a lâmina serafim que ela mantinha ao lado de sua cabeceira.

“Está tudo bem.” Uma mão veio abaixo sobre a dela – uma delgada, cicatrizada e familiar mão. “Sou eu.”

Clary puxou sua respiração acentuadamente, e ele tirou sua mão de volta. “Jace,” ela disse. “O que você está fazendo aqui. O que há de errado?”

Por um momento ele não respondeu, e ela virou o olhar para ele, puxando as roupas de cama ao redor dela. Ela se sentiu corar, perfeitamente consciente do fato que ela estava usando só de \*pijamas de botões e uma camisola fina – e então ela viu sua expressão, e seu embaraço enfraqueceu.

\*N/T: pajama bottoms and a flimsy camisole – são duas peças.: a calça do pijama e a parte de cima de um babydoll.

“Eu não sei,” ele disse da maneira confusa de alguém caminhando de um sonho. “Eu não ia vir aqui. Eu estava vagando por aí a noite toda – eu não podia dormir – e eu encontrava a mim mesmo andando para cá. Para você.”

Ela se sentou ereta, deixando as roupas de cama caírem ao redor de seus quadris. “Por que você não pode dormir? Alguma coisa aconteceu?” ela perguntou, e imediatamente se sentiu estúpida. O que *não tinha* acontecido?

Jace, no entanto, mal pareceu ouvir a pergunta. “Eu tinha que ver você,” ele disse, mais para si mesmo. “Eu sei que eu não deveria. Mas eu *tinha*.”

“Bem, sente-se então,” ela disse, puxando suas pernas para dar espaço para ele se sentar na beira da cama. “Por que você está me assustando. Você tem certeza que nada aconteceu?”

“Eu não disse que nada aconteceu.” ele sentou-se na cama, encarando ela. Ele estava perto o suficiente para que ela tivesse só que se inclinar a frente e beijá-lo...

Seu peito apertou. “São más notícias? Está tudo - estão todos...”

“Não são ruins,” Jace disse. “ e não são novidades. E o oposto de novidades. É algo que eu sempre soube, e você...você provavelmente sabe disso também. Deus sabe que eu não escondo isso tudo muito bem.” Seus olhos procuraram seu rosto, lentamente, como se ele quisesse memorizá-lo. “O que aconteceu,” ele disse, e hesitou - “ é que eu percebi uma coisa.”

“Jace,” ela sussurrou de repente, e por nenhuma razão que ela pudesse identificar, ela estava assustada pelo o que ele estava prestes a dizer. “Jace, você não tem...”

“Eu estava tentando ir...para algum lugar,” Jace disse. “Mas eu ficava voltando para cá . Eu não podia parar de andar, não podia parar de pensar. Sobre a primeira vez que eu vi você, e como depois daquilo eu não podia esquecer você. Eu queria, mas eu não podia parar a mim mesmo. Eu forcei Hodge a me deixar ser quem iria encontrar você e te levar de volta ao Instituto. E mesmo de volta, naquela estúpida cafeteria, quando eu vi você sentada no sofá com Simon, mesmo então aquilo pareceu errado para mim...eu deveria ter sido o que estava sentado com você. Quem te faria rir daquele jeito. Eu não podia me livrar desse sentimento. Que deveria ter sido eu. E quanto mais eu conhecia você, e mais eu sentia isso – que nunca havia sido daquele jeito para mim antes. Eu sempre quis uma garota e então, chegava a conhecê-la e não a queria mais, mas com você o sentimento ficou mais e mais forte, até aquela noite quando você apareceu no Renwick e eu *soube*.

“E então eu descobri que a razão para eu me sentir dessa maneira – como se você fosse alguma parte de mim que eu tinha perdido e nunca nem mesmo sabia que eu estava perdendo, até que eu vi você de novo – que a razão era que você era *minha irmã*, isso pareceu com algum tipo de piada cósmica. Como se Deus estivesse cuspiendo em mim. Eu nem mesmo sei pelo que – por pensar que eu pudesse na verdade ter você, que eu merecesse algo como isso, por ter aquela felicidade. Eu não podia imaginar o que era que eu tinha feito para estar sendo punido...”

“Se você está sendo punido, “Clary disse, “então eu também estou. Porque todas as coisas que você sente, eu sinto também, mas não podemos...nós temos que parar de nos sentir dessa maneira, pois é a nossa única chance.”

“As mãos de Jace estavam apertadas em seus lados. “Nossa única chance para que?”

“Para estarmos juntos. Por que de outra forma nós não podemos ficar ao lado um do outro, nem mesmo na mesma sala, e eu não posso suportar isso. Eu prefiro ter você em minha vida como um irmão do que de modo algum.”

“E eu estou supondo sentado enquanto você sai com os garotos, se apaixona por alguém, se casa...” Sua voz se apertou. “E enquanto isso, eu vou morrer um pouco mais a cada dia, assistindo.”

“Não. Você não irá se importar por eles,” ela disse, imaginando enquanto ela disse isso, se ela poderia agüentar a idéia de um Jace que não se importava. Ela não tinha pensado tão antecipadamente quanto ele tinha, e quando ela tentou imaginar assistir ele se apaixonando por alguém, casando com alguém, ela nem mesmo pôde retratar isso, não pode retratar nada mais que um negro buraco vazio que se esticava a frente dela, para sempre. “Por favor. Se você não disser nada...se nós fingirmos...”

“Não há fingimento,” Jace disse com absoluta clareza.” Eu te amo, e eu sempre você amar você até eu morrer, e se houver uma vida depois desta, eu irei amar você então.”

Ela segurou sua respiração. Ele tinha dito isso – as palavras que não iriam voltar atrás. Ela lutou por uma resposta, mas nenhuma veio.

“E eu sei que você acha que eu só quero ficar com você para...para mostrar a mim mesmo que monstro eu sou,” ele disse. “E talvez eu seja um monstro. Eu não sei a resposta para isso. Mas o que eu sei é que mesmo que haja sangue de demônio dentro de mim, há sangue humano dentro de mim também; e eu não poderia amar você como eu amo se eu não fosse pelo menos um pouco de humano. Por que demônios querem. Mas eles não amam. E eu...”

Ele se levantou então, com um tipo de brusquidão violenta, e atravessou a sala para a janela. Ele parecia perdido, tão perdido quanto ele tinha estado no grande salão, em pé próximo ao corpo de Max.

“Jace?” Clary disse, alarmada, e quando ele não respondeu, ela se mexeu em seus pés e foi para ele, pousando sua mão em seu braço. Ele continuou olhando para a janela; seus reflexos no vidro eram quase transparentes – contornos fantasmagóricos de um garoto alto e de uma garota mais baixa, sua mão apertou ansiosamente sobre sua manga. “O que há de errado?”

“Eu não deveria ter falado com você desse jeito,” ele disse, sem olhar para ela. “Me desculpe. Isso foi provavelmente muito para engolir. Você pareceu tão...chocada.” A tensão sustentava sua voz como um fio vivo.

“Eu estava,” ela disse. “Eu passei os últimos dias imaginando se você me odiava. E então eu vi você esta noite e eu estava bastante certa que sim.”

“Odiava você?” ele repetiu, parecendo perplexo. Ele se aproximou e então tocou seu rosto, levemente, apenas as pontas de seus dedos contra sua pele. “Eu te disse que eu não podia dormir. Amanhã à meia-noite nós estaremos quer seja em guerra ou debaixo das regras de Valentine. Esta pode ser a última noite de nossas vidas, certamente a última até mesmo normal. A última noite que nós poderemos ir dormir e se levantar como nós sempre fizemos. E tudo o que eu podia pensar era que eu queria passar ela com você.”

Seu coração pulou uma batida. “Jace...”

“Eu não quis dizer isso assim,” ele disse. “eu não vou tocar você, não se você não me quiser. Eu sei que é errado – Deus, de todos os tipos de erro – mas eu só quero deitar com você e acordar com você, só uma vez, só uma vez em minha vida.” Havia desespero em sua voz. “É só por esta noite. No grande esquema das coisas, o quanto uma noite pode importar?”

*Por que acho o quanto nós iremos nos sentir de manhã. Penso no quanto pior será ser fingir que nós não significamos nada um para o outro na frente dos outros depois de nós termos passado a noite juntos, mesmo se tudo que nós fizemos seja dormir. É como ter apenas um pouquinho de uma droga...que apenas faz você querer mais.*

Mas esse era o porquê ele tinha dito para ela o que ele tinha, ela percebeu. Por que não era verdade, não para ele; nada havia que pudesse fazer isso pior, apenas como nada havia que poderia fazer isso melhor. O que ele sentia era tão definitivo quanto uma prisão perpétua, e ela podia realmente dizer que isso era tão diferente para ela? E mesmo se ela esperasse que fosse, mesmo se ela esperasse que pudesse algum dia ser persuadida pelo tempo, ou razão, ou desgaste gradual, a não sentir daquele modo mais, isso não importava. Não havia nada que ela tinha desejado em sua vida mais do que ela queria esta noite com Jace.

“Feche as cortinas, em seguida, antes de você vir para a cama,” ela disse. “Eu não posso dormir com tanta luz no quarto.”

O olhar que varreu sobre seu rosto era de pura incredulidade. Ele realmente não tinha esperado que ela dissesse sim, Clary percebeu em surpresa, e um momento depois, ele a tinha segurado e a abraçado, seu rosto enterrado em seu cabelo sempre-bagunçado-pelo-sono. “Clary...”

“Venha para cama,” ela disse suavemente. “Está tarde.” Ela se puxou para longe dele e retornou para cama, subindo para ela e puxando as cobertas para sua cintura. De algum modo, olhando para ele daquele jeito, ela quase podia imaginar que as coisas eram diferentes, que era a muitos anos desde agora e eles tinham estado juntos tanto tempo, que eles tinha feito isso uma centena de vezes, que cada noite pertencia a eles, e não apenas aquela. Ela apoiou seu queixo em suas mãos e observou ele enquanto alcançava e puxava as cortinas fechadas e então abriu o zíper de sua jaqueta branca e pendurou ela sobre as costas de uma cadeira. Ele estava usando uma camiseta cinza clara por baixo, e as marcas que retorciavam seus braços nus brilharam sombriamente enquanto ele desafiava seu cinto de armas e colocava ele sobre o chão. Ele desamarrou suas botas e passou por sobre elas enquanto ele vinha em direção a cama, e se estendeu muito cuidadosamente ao lado de Clary. Deitando em suas costas, ele virou sua cabeça para olhar para ela. Um pequena luz filtrava dentro do quarto, passando a beira da cortina, apenas o suficiente para ela ver o contorno do rosto dele e o lampejo brilhante de seus olhos.

“Boa noite, Clary,” ele disse.

Suas mãos descansavam planas de cada lado dele, seus braços em seus lados. Ele mal parecia estar respirando; ela não estava certa de que ela mesma estava respirando. Ela

deslizou sua própria mão através do lençol, apenas o suficiente para que seus dedos se tocassem – tão levemente que provavelmente ela podia dificilmente ter estado ciente, que ela tinha estado tocando alguém, mas Jace; como estava, as terminações nervosas nas pontas de seus dedos espetavam suavemente, como se ela estivesse segurando eles em cima de uma chama baixa. Ela sentiu ele ficar tenso ao lado dela e então relaxar. Ele tinha fechado seus olhos, e seus cílios lançavam sombras finas contra a curva de suas bochechas. Sua boca curvou em um sorriso como se ele sentisse ela observando ele, e ela se perguntou como ele pareceria de manhã, com seu cabelo bagunçado e olheiras debaixo de seus olhos. Apesar de tudo, o pensamento deu a ela uma sacudida de felicidade.

Ela enlaçou seus dedos através dos dele. “Boa noite,” ela sussurrou. Com suas mãos juntas como duas crianças em um conto de fadas, ele caiu no sono ao lado dele no escuro.

## **15 – Coisas despedaçam**

Luke tinha passado a maior parte da noite observando o progresso da lua através do teto translúcido do Salão dos Acordos, como uma moeda de prata rolando através da superfície clara de uma mesa de vidro. Quando a lua estava perto de ficar cheia, como estava agora mesmo, ele sentiu um correspondente aguçar em sua visão e o senso do cheiro, mesmo quando ele estava na forma humana. Agora, neste instante, ele podia farejar a transpiração de dúvida na sala, e o sublimado amargor do medo. Ele podia sentir a inquieta preocupação de seu bando de lobos na floresta de Brocelind enquanto eles marchavam na escuridão sob as árvores e esperavam por notícias dele.

“Lucian.” A voz de Amatis em seu ouvido era baixa, mais penetrante. “Lucian!”

Retirado de seu devaneio, Luke lutou para focar seus olhos exaustos na cena em frente a ele. Era um pequeno grupo desigual, aqueles que tinham concordado em pelo menos escutar seu plano. Menos do que ele tinha esperado. Muitos ele conhecia de sua antiga vida em Idris – os Penhallows, os Lightwoods, os Ravenscar – e como muitos, ele tinha apenas se encontrado, como os Monteverdes, que dirigiam o Instituto em Lisboa e falavam em uma mistura de português e inglês, ou Nasreen Chaudhury, a líder de severas feições do Instituto de Mumbai. Seu sari verde escuro era padronizado em elaboradas runas de um prata brilhante que Luke instintivamente hesitou quando ela passou muito perto.

“Realmente Lucian,” Maryse Lightwood disse. Seu pequeno rosto branco estava esgotado pela exaustão e dor. Luke não tinha realmente esperado nem que ela e seu marido viessem, mas eles tinham concordado, quase tão breve quanto ele tinha mencionado isso para eles. Ele supôs que deveria estar grato por eles estarem todos aqui, mesmo se a dor tendia a fazer Maryse com o temperamento mais mordaz do que o normal. “Você é quem queria todos nós aqui, pelo menos você pode prestar atenção.”

“Ele *tem* estado.” Amatis sentava com suas pernas puxadas abaixo como uma garotinha, mas sua expressão era firme. “Não é culpa de Lucian que nós temos andado em círculo nas últimas horas.”

“E nós continuaremos neste vai e vem até que nós encontremos uma solução,” Patrick Penhallow disse, uma crítica em sua voz.

“Com o devido respeito, Patrick,” disse Nasreen, em seu sotaque acentuado, “pode não haver solução para este problema. O melhor que nós podemos esperar é um plano.”

“Um plano que não envolva qualquer escravidão em massa ou ...,” Jia começou, a esposa de Patrick, e então ela se interrompeu, mordendo seu lábio. Ela era uma mulher pequena e frágil que parecia muito com sua filha Aline. Luke se lembrou quando Patrick tinha fugido para o Instituto de Beijing e casado com ela. Tinha sido uma espécie de escândalo, como ele tinha que supostamente se casar com uma garota que seus pais tinham escolhido para ele em Idris. Mas Patrick nunca tinha gostado de fazer o que lhe era dito, uma qualidade para a qual Luke agora era grato.

“Ou nos aliar com os Downworlders?” Luke disse. “Eu temo que não há outro modo de contornar isso.”



“Esse não é o problema, e você sabe disso,” Maryse disse. “É tudo sobre ocupação dos assentos no Conselho. A Clave nunca irá concordar com isso. Você sabe disso. Quatro assentos ao todo...”

“Nem quatro,” Luke disse. “Um de cada para o Povo das Fadas, as Crianças de Lua, e as Crianças de Lilith.”

“Os bruxos, as fadas, e os licantropos,” disse a voz suave do Senhor Monteverde, suas sobancelhas arqueando. “E qual a dos vampiros?”

“Eles não me prometeram nada,” Luke admitiu. “E eu não prometi nada a eles também. Eles podem não estar ansiosos por se juntar ao Conselho; eles não gostam também da minha espécie, e não gostam muito de reuniões e regras. Mas a porta está aberta para eles, se eles mudarem de idéia.”

“Malachi e seu grupo nunca concordarão com isso, e talvez nós não tenhamos suficiente votos no Conselho sem eles,” murmurou Patrick. “além do mais, sem os vampiros, que chance nós temos?”

“Uma muito boa,” rebateu Amatis, que parecia acreditar no plano de Luke até mais do que ele acreditava. “Ha muitos Downworlders que lutarão conosco, e eles são realmente poderosos. Os bruxos sozinhos...”

Com um agitar de sua cabeça a Senhora Monteverde virou para seu marido. “Este plano é louco. Ele nunca irá funcionar. Downworlders não podem ser confiáveis.”

“Ele funcionou durante a Revolta,” Luke disse.

Os lábios da mulher portuguesa se curvaram para trás. “Só por que Valentine estava lutando com tolos por um exército,” ela disse. “Não com demônios. E como nós vamos saber se seus antigos membros do círculo não irão voltar para ele no momento que ele os chamar para o seu lado?”

“Cuidado com o que você diz, senhora,” rugiu Robert Lightwood. Era a primeira vez que ele tinha falado em mais do que uma hora; ele tinha passado a maior parte da noite imóvel, imobilizado pela tristeza. Havia linhas em seu rosto que Luke podia jurar que não tinham havido lá a três dias atrás. Seu tormento era evidente, no seus ombros tensos e punhos cerrados; Luke dificilmente podia culpar ele. Ele nunca tinha gostado de Robert, mas havia algo sobre a visão de um grande homem, paralisado pelo luto que era doloroso de se testemunhar. “Se você acha que eu me juntaria a Valentine depois da morte de Max...ele ter *assassinado* meu menino...”

“Robert,” Maryse murmurou. Ela colocou uma mão sobre o braço dele.

“Se nós não nos juntarmos a ele,” disse senhor Monteverde, “*todos* nossos filhos poderão morrer.”

“Se você pensa isso, então por que você está aqui?” Amatis levantou. “Eu pensei que nós tínhamos concordado...”

*Eu também tinha.* A cabeça de Luke doeu. Era sempre assim com eles, ele pensou, dois passos a frente e um passo atrás. Eles eram tão ruins quanto Downworlders combatendo a si mesmos, se apenas eles pudessem ver isso. Talvez todos eles estariam melhor se eles resolvessem seus problemas com o combate, do modo que o bando fazia...

Um lampejo de movimento nas portas do salão capturou seu olho. Foi momentâneo, e se ele não tivesse estado tão perto da lua cheia, ele não poderia ter visto isso, ou reconhecido a figura que passou rapidamente perante as portas. Ele se perguntou por um momento se ele estava imaginando coisas. As vezes, quando ele estava muito cansado, ele pensava que via Jocelyn – em um tremeluzir de uma sombra, em um jogo de luz sobre uma parede.

Mas esta não era Jocelyn. Luke se levantou em seus pés. “Estou indo tomar cinco minutos de ar. Irei voltar.” ele os sentiu o observando, enquanto ele fazia seu caminho para as portas da frente – todos eles, mesmo Amatis. Senhor Monteverde sussurrou algo para sua esposa em português; Luke pegou “lobo”, a palavra para “lobo,”\* no fluxo das palavras. *Eles provavelmente pensam que eu estou indo lá fora para correr em círculos e uivar para a lua*

\*N/T: No original esta mesmo a palavra lobo, em português.

O ar do lado de fora era fresco e frio, o céu um cinza de ardósia. O avermelhado amanhecer do céu a leste davam um rosa pálido para os degraus brancos de mármore que guiavam abaixo das portas do salão. Jace estava esperando por ele, na metade das escadas. As roupas brancas de luto que ele usava, acertou Luke como um tapa em seu rosto, uma lembrança de toda as mortes que eles tinham sofrido aqui, e que estavam prestes a sofrer de novo.

Luke parou a poucos degraus acima de Jace. “O que você está fazendo aqui, Jonathan?”

Jace nada disse, e Luke mentalmente se amaldiçoou por seu esquecimento – Jace não gostava de ser chamado de Jonathan, e geralmente respondia ao nome com um forte objeção. Desta vez, porém, ele pareceu não se importar. O rosto que ele levantou para Luke era tão terrível quanto os rostos de qualquer dos adultos no salão. Embora Jace estivesse ainda um ano longe de ser um adulto sob a Lei da Clave, ele já tinha visto coisas piores em sua curta vida do que a maioria dos adultos poderiam sequer imaginar.

“Você está procurando por seus pais?”

“Você quer dizer os Lightwoods?” Jace balançou sua cabeça. “Não. Eu não quero falar com eles. Eu estava procurando por você.”

“É sobre Clary?” Luke desceu alguns degraus até que ele ficou um pouco acima de Jace. “ela está bem?”

“Ela está bem.” A menção de Clary pareceu fazer Jace ficar tenso, o que, por sua vez

acendeu os nervos de Luke – mas Jace nunca diria que Clary estava bem se ela não estivesse.

“Então o que é?”

Jace olhou além dele, em direção as portas do salão. “Como estão indo lá? Algum progresso?”

“Não realmente,” Luke admitiu. “Por mais que eles não queiram se render a Valentine, eles gostam da idéia de Downworlders no Conselho menos ainda. E sem a promessa dos assentos no Conselho, meu povo não irá lutar.”

Os olhos de Jace reluziram. “A Clave vai odiar essa idéia.”

“Eles não tem que amar ela. Eles só tem que gostar dela mais do que eles gostam de idéia de suicídio.”

“Eles ficarão de camarote,” Jace avisou a ele. “Eu daria a eles um ultimato se eu fosse você. A Clave funciona melhor com ultimatoss.”

Luke não pode evitar de sorrir. “Todos os Downworlder que eu posso convocar estarão se aproximando do portão norte no crepúsculo. Se a Clave concordar em lutar com eles até então, eles irão entrar na cidade. Se não, eles terão que se virar. Eu não podia deixar nem mais tarde do que isso - mal nos dá tempo suficiente para ir a Brocelind a meia-noite.

Jace assobiou. “Que dramático. Espera que a visão de todos aqueles Downworlders irá inspirar a Clave ou assustá-los?”

“Provavelmente um pouco de ambos. Muitos dos membros da Clave estão associados a Institutos, como você; eles estão muito mais acostumados a visão de downworlders. É com os nativos Idrisianos que eu estou preocupado. A visão de Downworlders em seus portões poderá levar eles ao pânico. Por outro lado, não pode fazer mal a eles ser lembrados do quanto vulneráveis eles são.”

Como se sob sugestão, o olhar de Jace voaram para as ruínas do Gard, um cicatriz preta sobre a encosta acima da cidade. “Eu não tenho certeza se alguém precisa de lembretes disso.” Ele olhou de volta para Luke, seus olhos claros, muito sérios. “Eu quero te dizer uma coisa, e eu quero que isso seja em segredo.”

Luke não podia esconder sua surpresa. “Por que a mim? Por que não aos Lightwoods?”

“Por que você é o que está no comando aqui, realmente. Você sabe disso.”

Luke hesitou. Algo sobre o rosto branco e cansado de Jace, extraiu simpatia de seu própria exaustão – simpatia e um desejo de mostrar a esse garoto, que tinha sido tão traído e tão mal tratado pelos adultos em sua vida, que nem todos os adultos eram daquele jeito, que havia alguns que ele realmente podia confiar. “Tudo bem.”

“E,” Jace disse, “por que eu confio em você para saber como explicar isso para Clary.”

“Explicar o que para Clary?”

“Por que eu tenho que fazer isso.” Os olhos de Jace eram enormes na luz do sol se levantando; fazia ele parecer anos mais jovem. “Estou indo atrás de Sebastian, Luke. Eu sei como achar ele, e eu vou seguir ele até que ele me leve a Valentine.”

Luke deixou sua respiração sair em surpresa. “Você *sabe como achar ele?*”

“Magnus me mostrou como utilizar um feitiço de rastreamento quando eu estava ficando com ele no Brooklyn. Nós estávamos tentando utilizar no anel de meu pai para encontrar ele. Não funcionou, mas...”

“Você não é um bruxo. Você não deve ser capaz de fazer um feitiço de rastreamento.”

“Estas são runas. Como do modo que a Inquiridora me observou quando eu fui ver Valentine no navio. Tudo o que eu precisava para isso funcionar era algo de Sebastian.”

“Mas nós fomos atrás disso nos Penhallows. Ele não deixou nada para trás. Seus quarto estava quase vazio, provavelmente por esta razão.”

“Eu encontrei algo,” Jace disse. “Um fio ensopado em seu sangue. Não é muito, mas é o suficiente. Eu tentei nele, e deu certo.”

“Você não pode ir perseguir Valentine por conta própria, Jace. Eu não vou deixar você ir.

“Você não pode me impedir. Não realmente. A menos que você queira lutar comigo aqui nesses degraus. Você não vai vencer, também. Você sabe disso tanto bem quanto eu.” Havia uma estranha nota na voz de Jace, uma mistura de segurança e ódio de si.

“Olha, por mais que você esteja determinado talvez a ser o herói solitário...”

“Eu não sou um herói,” Jace disse. Sua voz era clara e sem tom, com se ele estivesse declarando o mais simples dos fatos.

“Pense no que isso vai fazer aos Lightwoods, mesmo se nada acontecer a você. Pense em Clary...”

“Você acha que eu não tenho pensado em Clary? Você acha que eu não tenho pensado em minha família? Por que você acha que eu estou fazendo isso?”

“Você acha que eu não me lembro de como é ter dezessete?” Luke respondeu. “Achar que você tem o poder para salvar o mundo – e não apenas o poder mas a responsabilidade...”

“Olhe para mim,” Jace disse. “Olhe para mim e me diga que eu sou um garoto normal de

dezessete anos.”

Luke suspirou. “Não há nada de comum em você.”

“Agora me diga que é impossível. Me diga que o que estou sugerindo não pode ser feito.” Quando Luke nada disse, Jace continuou. “Olha, seu plano é bom, até onde ele pode. Trazer os Downworlders, lutar com Valentine no caminho até os portões de Alicante. É melhor do que ficar deitado e deixar ele passar por cima de você. Mas ele vai esperar por isso. Você não vai pegar ele de surpresa. Eu...eu posso pegar ele de surpresa. Ele pode não saber que Sebastian está sendo seguido. É pelo menos uma chance, e nós temos que pegar qualquer chance que nos conseguirmos.”

“Isso pode ser verdade,” Luke disse. “Mas isto é muito para se esperar de uma única pessoa. Mesmo você.”

“Mas você não vê....só pode ser eu,” Jace disse, o desespero rastejando em sua voz.”Mesmo se Valentine sentir que eu estou seguindo ele, ele poderia me deixar chegar próximo o suficiente...”

“Próximo o suficiente para que?”

“Para matá-lo,” Jace disse. “O que mais?”

Luke olhou para o garoto em pé, abaixo dele nos degraus. Ele desejou que de algum modo ele pudesse alcançar através e ver Jocelyn em seu filho, do modo que ele a via em Clary, mas Jace era apenas, e sempre, ele mesmo – contido, sozinho, e separado. “você pode fazer isso?” Luke disse. “Você poderia matar seu próprio pai?”

“Sim,” Jace disse, sua voz era tão distante quanto um eco. “Agora é onde você me diz que eu não posso matar ele por que ele é, apesar de tudo, meu pai, e patricídio é um crime imperdoável?”

“Não. É onde eu digo a você que você tem que estar certo se você é capaz disso,” Luke disse, e notou, para sua própria surpresa, que alguma parte dele já tinha aceitado que Jace estava indo fazer exatamente o que ele disse que ele ia fazer, e que ele o deixaria. “Você não pode fazer tudo isso, cortar seus laços aqui e caçar Valentine sozinho, apenas para falhar no último obstáculo.”

“Ah,” Jace disse, “eu sou capaz disso.” ele olhou para longe de Luke, abaixo nos degraus em direção a praça que até ontem de manhã tinha estado cheia de corpos. “Meu pai me fez o que eu sou. E eu odeio ele por isso. Eu posso matar ele. Ele deu a certeza disso.”

Luke balançou sua cabeça. “Seja qual foi a sua educação, Jace, você lutou com ela. Ele não corrompeu você...”

“Não,” Jace disse. “ele não o fez.” Ele fitou acima o céu, riscado com azul e cinza; os pássaros tinham começado suas músicas matutinas nas árvores alinhadas na praça. “Eu devo

ir.”

“Há algo que você queira que eu diga aos Lightwoods?”

“Não. Não diga nada a eles. Eles irão culpar você se eles souberem que você sabia o que eu ia fazer e me deixou ir. Eu deixei bilhetes,” ele adicionou. “Eles irão calcular isso.”

“Então porque...”

“Eu disse a você tudo isso? Por que eu quero que você saiba. Eu quero que você mantenha isso em mente enquanto você faz seus planos de batalha. Que eu estou lá, procurando por Valentine. Se eu encontrar ele, eu enviarei uma mensagem.” Ele sorriu ligeiramente. “Pense em mim como seu plano de emergência.”

Luke estendeu e apertou a mão do garoto. “Se seu pai não fosse quem ele é,” ele disse, “ele estaria orgulhoso de você.”

Jace pareceu surpreso por um momento, e então tão rapidamente ele corou e puxou sua mão de volta. “Se você soubesse...,” ele começou, e mordeu seu lábio. “Não importa. Boa sorte para você

Lucian Graymark. *Ave atque vale*\*

\*N/T: Latim : bênção e adeus.

“Vamos ter esperança que não seja uma despedida verdadeira,” Luke disse. O sol estava se levantando rápido agora, e quando Jace levantou sua cabeça, franzindo as sobrancelhas pela repentina intensificação de luz, houve algo em seus rosto que surpreendeu Luke – algo numa mistura de vulnerabilidade e orgulho obstinado. “Você me lembra alguém,” ele disse sem pensar. “Alguém que eu conheci a muitos anos atrás.”

“Eu sei,” Jace disse com uma torção amarga em sua boca. “Eu lembro a você de Valentine.”

“Não,” Luke disse, em uma voz duvidando; mas enquanto Jace se afastou, a semelhança se apagou, banindo os fantasmas da memória. “Não....eu não estava pensando em Valentine.”

No momento em que Clary acordou, ele sabia que Jace tinha partido, mesmo antes de ela abrir seus olhos. Sua mão, ainda estendida sobre a cama, estava vazia; nenhum dedo retornou a pressão dos seus próprios. Ela sentou lentamente, seu peito apertado.

Ele deve ter puxado as cortinas antes que ele saísse, por que a janela estava aberta e as barras brilhantes de luz listravam a cama. Clary se perguntou por que a luz não tinha acordado ela. Pela posição do sol, devia ser tarde. Sua cabeça pareceu pesada e espessa, seus olhos turvos. Talvez fosse por que ela não tinha tido pesadelos na última noite, pela primeira vez em muito tempo, e seu corpo tinha restabelecido o sono.

Foi só quando ela se levantou que ela notou um pedaço de papel sobre a cabeceira. Ela o pegou com um sorriso pairando em seus lábios - então Jace tinha deixado um bilhete - e quando algo pesado deslizou debaixo do papel e tilintou no chão aos seus pés, ela ficou tão



surpresa que ela pulou para trás, pensando que ele estivesse vivo.

Ele descansou a seus pés, um anel de metal brilhante. Ela sabia o que ele era antes que ela se dobrasse e o pegasse. A corrente e o anel de prata que Jace tinha usado ao redor de seu pescoço. O anel da família. Ela raramente o tinha visto sem ele. Uma súbita sensação de pavor correu sobre ela.

Ela abriu o bilhete e escaneou as primeiras linhas: *Apesar de tudo, eu não posso suportar o pensamento deste anel perdido para sempre, quanto mais do que eu suportar o pensamento de deixar você para sempre. E embora eu não tenha escolha sobre um, pelo menos eu posso escolher sobre o outro.*

O resto da carta pareceu misturar-se juntos em um inteligível borrão de letras; ela tinha lido mais e mais para fazer algum sentido nela. Quando ela finalmente entendeu, ela ficou olhando abaixo, observando o papel flutuar enquanto sua mão tremia. Ela entendeu agora o porquê de Jace tinha dito a ela tudo o que ele tinha, e porque ele tinha dito que uma noite não importava. Você podia dizer qualquer coisa que você queria a alguém que você pensasse que nunca iria ver novamente.

Ela não teve nenhuma lembrança, depois, de ter decidido o que fazer a seguir, ou de ter procurado por algo para usar, mas de algum modo ela se apressou pelas escadas, vestida em vestimentas de Caçador de Sombras, a carta em uma mão e a corrente com o anel presa apressadamente em torno de sua garganta.

A sala de estar estava vazia, o fogo na lareira queimava baixo na cinzas, mas o barulho e a luz emanada vinha da cozinha; um tagarelar de vozes, e o cheiro de algo cozinhando. Panquecas? Clary pensou em surpresa. Ela não tinha pensado que Amatis soubesse como fazê-las.

E ela estava certa. Entrando na cozinha, Clary sentiu seus olhos esbugalharem – Isabelle, seu brilhante cabelo escuro amarrado em um coque atrás de seu pescoço, em pé no fogão, um avental em torno de sua cintura e uma colher de metal em uma mão. Simon estava sentado sobre a mesa atrás dela, seus pés em cima de uma cadeira, e Amatis, mais longe falando para ele sair do móvel, ela estava inclinada contra o balcão, parecendo altamente entretida.

Isabelle acenou sua colher para Clary. “Bom dia,” ela disse. “Você quer café da manhã? Embora, eu acho que é mais para almoço?”

Sem palavras, Clary olhou para Amatis, que deu de ombros. “Eles apareceram e queriam fazer o café da manhã,” ela disse, “e eu tenho que admitir, eu não sou uma boa cozinheira.”

Clary pensou na horrível sopa de Isabelle no Instituto e reprimiu um tremor. “Onde está Luke?”

“Em Brocelind, com seu bando,” Amatis disse. “Está tudo bem Clary? Você está parecendo um pouco...”

“Agitada,” Simon terminou para ela. “Está tudo bem?”

Por um momento Clary não podia pensar em uma resposta. *Eles apareceram*, Amatis tinha dito. O que significava que Simon tinha passado a noite inteira com Isabelle. Ela olhou para ele. Ele não parecia nada diferente.

“Eu estou bem,” ela disse. Agora era dificilmente a hora para estar preocupada com a vida amorosa de Simon. “Eu preciso falar com Isabelle.”

“Então fale,” Isabelle disse, cutucando um objeto sem forma no fundo da frigideira que era, Clary temeu, uma panqueca. “Eu estou escutando.”

“Sozinha,” Clary disse.

Isabelle fechou o rosto. “Isso pode esperar? Eu estou quase terminando...”

“Não,” Clary disse, e houve algo em seu tom que fez Simon, pelo menos, se sentar ereto. “Não pode.”

Simon deslizou da mesa. “Ótimo. Nós vamos dar a vocês privacidade,” ele disse. Ele se virou para Amatis. “Talvez você pudesse me mostrar aquelas fotos de bebê do Luke que você estava falando.”

Amatis atirou um olhar preocupado para Clary, mas seguiu Simon para fora da sala. “Acho que eu poderia...”

Isabelle agitou sua cabeça enquanto a porta se fechava atrás deles. Algo brilhou na parte de trás de seu pescoço: uma brilhante, e delicadamente fina faca estava empurrada através do coque em seu cabelo, segurando ele no lugar. Apesar do quadro de domesticidade, ela ainda era uma Caçadora de Sombras. “Olha,” ela disse. “Se isso for sobre Simon...”

“Não é sobre Simon. É sobre Jace.” Ela empurrou o bilhete para Isabelle. “Leia isso.”

Com um suspiro Isabelle desligou o fogão, pegou o bilhete, e sentou para lê-lo. Clary tirou uma maçã da cesta sobre a mesa e sentou como Isabelle, no outro lado da mesa dela, examinando o bilhete silenciosamente – ela não podia se imaginar realmente comendo a maçã, ou, na verdade, comendo qualquer coisa, de novo.

Isabelle olhou acima do bilhete, suas sobrancelhas arquearam. “Isso parece ser tipo...pessoal. Você tem certeza que eu devo estar lendo?”

*Provavelmente não.* Clary mal podia se lembrar das palavras na carta agora; em qualquer outra situação, ela nunca teria mostrá-la para Isabelle, mas seu pânico sobre Jace excedia qualquer outra preocupação. “Apenas leia até o fim.”

Isabelle voltou para o bilhete. Quando ela tinha terminado, ela colocou o papel sobre a

mesa. “Pensei que ele poderia fazer algo como isso.”

“Vê o que eu quero dizer.” Clary disse, suas palavras tropeçando sobre elas mesmas, “mas ele não pode ter ido a muito tempo, ou ido tão longe. Nós temos que ir atrás dele e...” Ela se interrompeu, seu cérebro finalmente processando o que Isabelle tinha dito e emparelhou com sua boca. “O que você quis dizer com você pensou que ele poderia fazer algo assim?”

“Só o que eu disse,” Isabelle empurrou um cacho solto de cabelo atrás de suas orelhas. “Desde que Sebastian desapareceu, todo mundo tem falado sobre como achar ele. Eu vasculhei o seu quarto nos Penhallows procurando por qualquer coisa que nós pudéssemos usar para rastrear ele – mas não havia nada. Eu deveria saber que Jace acharia alguma coisa que pudesse permitir a ele seguir Sebastian, ele teria saído disparado.” Ela mordeu seu lábio.” Eu só esperaria que ele levasse Alec com ele. Alec não vai ficar feliz.”

“Então você acha que Alec irá atrás dele?” Clary perguntou, com esperança renovada.

“Clary,” Isabelle soou ligeiramente exasperada. “*Como* nós poderíamos ir atrás dele? Como nós teríamos a mínima idéia de onde ele foi?”

“Deve haver um jeito...”

“Nós podemos tentar rastrear ele. Jace é esperto. Ele deve ter descoberto algum modo de bloquear o rastreio, como Sebastian fez.”

Uma fúria fria alvoroçou no peito de Clary. “Você quer achar ele? Você se importa que ele saiu no que é praticamente uma missão suicida? Ele não pode enfrentar Valentine sozinho.”

“Provavelmente não,” Isabelle disse. “Mas eu confio que Jace tem suas razões para...”

“Para o que? Para querer morrer?”

”Clary. Os olhos de Isabelle relampejaram com uma súbita luz de raiva. “Você acha que o resto de nós está a salvo? Nós todos esperamos morrer ou ser escravizados. Você pode realmente ver Jace fazendo isso, só se sentando e esperando que algo terrível aconteça? Você pode realmente ver...”

“Tudo o que eu vejo é que Jace é seu irmão como Max era,” Clary disse, “e você se importou com o que aconteceu ele.”

Ela se arrependeu no momento em que ela disse isso; o rosto de Isabelle ficou branco, como se as palavras de Clary tivessem empalidecido a cor da pele da outra garota. “Max,” Isabelle disse com um fúria fortemente controlada, “era um garotinho, não um lutador – ele tinha *nove anos de idade*. Jace é um Caçador de Sombras, um guerreiro. Se nós lutarmos com Valentine, você acha que Alec não estará na luta? Você acha que todos nós, todas as vezes, não nos preparamos para morrer se nós tivermos, se o motivo é grande o bastante? Valentine é o pai de Jace; Jace provavelmente tem a melhor chance do que todos nós de se aproximar dele para fazer o que ele tem que fazer...”

“Valentine irá matar ele tiver,” Clary disse. “Ele não vai poupá-lo.”

“Eu sei.”

“Mas tudo o que importa é se ele sai em glória? Você não irá sentir falta dele?”

“Eu irei sentir falta dele *todos os dias*, Isabelle disse, “pelo resto da minha vida, que, vamos encarar, se Jace falhar, provavelmente será de uma semana.” Ela balançou sua cabeça. “Você não sacou, Clary. Você não entende o que é viver sempre em guerra, crescer com luta e sacrifício. Acho que não é culpa sua. É só com você foi criada...”

Clary levantou suas mãos. “Eu entendo. Eu sei que você não gosta de mim, Isabelle. Por que eu sou uma mundana para você.”

“Você acha *que é por isso* que...” Isabelle interrompeu, seus olhos brilhantes, não só pela raiva, Clary viu com surpresa, mas com lágrimas. “Deus, você não entendeu nada, não é? Você conhece Jace pelo que, um mês? Eu conheço ele por sete anos. E todo esse tempo que eu conheço ele, eu nunca vi ele apaixonado, nunca o vi nem mesmo gostar de alguém. Ele ficava com garotas, é claro. As garotas sempre se apaixonavam por ele, mas ele nunca se importou. Eu acho que é por isso que Alec pensou...”

Isabelle parou por um momento, se mantendo muito silenciosa. *Ela está tentando não chorar*, Clary pensou admirada – Isabelle, que parecia como se ela nunca tivesse chorado. “Isso sempre me preocupou, e a minha mãe também – quero dizer, que tipo de adolescente nunca se apaixona por ninguém? Era como se ele estivesse sempre meio acordado, onde todas as pessoas estavam interessadas. Eu pensei que talvez o que tinha acontecido com seu pai tivesse feito algum tipo de dano permanente nele, como talvez ele nunca realmente pudesse amar alguém. Se eu só soubesse o que tinha realmente acontecido com seu pai...mas então eu provavelmente teria pensado a mesma coisa, não teria? Quero dizer, quem não teria ficado ferido por isso?”

“E então nós encontramos você, e foi como se ele acordasse. Você não podia ver isso, por você nunca conheceu ele de forma diferente. Mas eu vi isso. Hodge viu. Alec viu - por que você acha que ele odiava você tanto? Isso foi no segundo que nós conhecemos você. Você pensou que era maravilhoso que você pudesse nos ver, e foi, mas o que foi surpreendente para mim foi que Jace podia ver você também. Ele ficou falando sobre você o caminho todo de volta ao Instituto; ele fez Hodge enviar ele para pegar você, e uma vez que ele trouxe você de volta, ele não queria deixar você sair novamente. Onde quer que você estivesse em um ambiente, ele observava você...Ele tinha ciúmes até de Simon. Eu não tenho certeza se ele notou isso, mas ele estava. Eu podia dizer. Ciúme de um mundano. E então depois do que aconteceu a Simon na festa, ele ficou disposto a ir com você ao Dumort, para quebrar a Lei da Clave, só para salvar um mundano que ele nem mesmo gostava. Você foi a primeira pessoa fora de nossa família cuja felicidade eu vi ele levar em consideração. Por que ele *amou* você.”

Clary fez um ruído atrás em sua garganta. “Mas isso foi antes...”

“Antes de ele descobrir que você era irmã dele. Eu sei. Eu não culpo você por *isso*. Você não podia saber. E eu acho que você não podia ter evitado que você fosse em frente e ficasse com Simon mas tarde, como se você não se importasse. Eu pensei que uma vez que Jace soubesse que você era a irmã dele, ele desistiria e superasse isso, mas ele não o fez, ele não podia. Eu não sei o que Valentine fez a ele quando ele era criança. Eu não sei se o porque de ele ser da maneira que ele é, ou se isso é o jeito que ele é feito, mas ele não vai se recuperar, Clary. Ele não pode. Eu comecei a odiar ver você. Eu odiei por Jace ver você. E como um ferimento que você obtém do veneno de demônio – você tem que deixá-lo sozinho e deixar ele se curar. Toda vez que você retira as ataduras, você abre o ferimento de novo. Toda vez que ele vê você, é como rasgar as ataduras.”

“Eu sei,” Clary sussurrou. “Como você acha que é para mim?”

“Eu não sei. Eu não posso dizer o que você está sentindo. Você não é minha irmã. Eu não te odeio Clary. Eu até gosto de você. Se isso fosse possível, não haveria ninguém eu preferiria que Jace estivesse. Mas eu espero que você possa entender que quando eu digo que se por algum milagre todos nós passarmos por isso, eu espero que minha família vá para algum lugar tão distante que nós nunca mais vejamos você novamente.”

Lágrimas picaram as costas dos olhos de Clary. Era estranho, ela e Isabelle sentadas ali nesta mesa, chorando por Jace por razões que eram ambas diferentes e estranhamente as mesmas. “Por que você está me dizendo tudo isso agora?”

“Por que você está me acusando de não querer proteger Jace. Mas eu quero proteger ele. Por que você acha que eu fiquei tão aborrecida quando você de repente apareceu nos Penhallows? Você age como se você não fosse uma parte de tudo isso, de nosso mundo; você fica nas margens, mas você é uma parte disso. Você é o centro de tudo. Você não pode simplesmente fingir ser um pequeno jogador para sempre. Não quando Jace está fazendo o que ele faz, em parte por causa de você.”

“Por minha causa?”

“Por que você acha que ele está tão disposto a arriscar a si mesmo? Por que você acha que ele não se importa em morrer?” As palavras de Isabelle foram para os ouvidos de Clary como agulhas afiadas. *Eu sei porque*, ela pensou. *É por que ele pensa que ele é um demônio, pensa que ele não é realmente humano, esse é o porque....mas eu não posso te dizer isso, não posso te dizer a única coisa que faria você entender.* “Ele sempre pensou que havia alguma coisa errada com ele, e agora, por sua causa, ele pensa que ele está amaldiçoado para sempre. Eu escutei ele dizer isso para Alec. Por que não arriscar sua vida, se afinal você não quer viver? Por que não arriscar sua vida se você nunca será feliz, não importa o que você faça?”

“Isabelle, já chega.” A porta se abriu, quase silenciosamente, e Simon parou na entrada. Clary quase tinha se esquecido o quanto melhor a audição dele estava agora. “Não é culpa de Clary.”

A cor subiu no rosto de Isabelle. “Fique fora disso Simon. Você não sabe o que está acontecendo.”

Simon entrou na cozinha, fechando a porta atrás dele. “Eu escutei a maioria do que você esteve dizendo,” ele disse a elas objetivamente. “Mesmo através da parede. Você disse que você não sabe o que Clary está sentindo por que você não conhece ela a tempo suficiente. Bem, eu tenho. Se você acha que Jace é o único que está sofrendo, você está errada aqui.”

Houve um silêncio, a ferocidade na expressão de Isabelle foi se apagando ligeiramente. A distância, Clary pensou ouvir o som de alguém batendo na porta da frente: Luke provavelmente, ou Maia trazendo mais sangue para Simon.

“Não é por minha causa que ele partiu,” Clary disse, e seu coração começou a golpear. *Você pode dizer a eles o segredo de Jace, agora que ele partiu? Você pode dizer a eles a verdadeira razão para ele sair, a verdadeira razão que ele não se importa se ele morrer?* As palavras começaram a jorrar de sua boca, quase contra sua vontade. “Quando Jace e eu fomos para a mansão dos Wayland- quando nós fomos procurar o Livro Branco...”

Ela se interrompeu quando a porta da cozinha se abriu. Amatis estava lá, a estranha expressão em seu rosto. Por um momento Clary pensou que ela estava assustada, e seu coração saltou uma batida. Mas não era medo no rosto de Amatis, não realmente. Ela parecia como quando Clary e Luke tinham subitamente aparecido na sua porta da frente. Ela pareceu como se tivesse visto um fantasma. “Clary,” ela disse lentamente “Tem alguém aqui que quer ver você....”

Antes que ela pudesse terminar, alguém passou por ela para dentro da cozinha. Amatis ficou atrás, e Clary teve sua primeira boa olhada no intruso – uma mulher magra, vestida em preto. De primeira tudo o que Clary viu era a vestimenta de Caçador de Sombras e ela quase não a reconheceu, não até que seus olhos alcançassem o rosto da mulher e ela sentiu seu estômago cair de seu corpo, do jeito que ele tinha quando Jace tinha dirigido sua moto para a beira do telhado no Dumort, uma queda de dez andares.

Era sua mãe.

## **Parte Três**





## *O caminho para o céu*

*Ah, sim, eu sei que o caminho para o céu foi fácil.  
Nós encontramos o pequeno reino de nossa paixão  
Tudo o que podemos compartilhar com que anda na estrada dos amantes  
No selvagem e na felicidade secreta nós tropeçamos;  
E deuses e demônios vociferaram em nossos sentidos.*

*- Siegfrie Sassoon, "The Imperfect Lover"*

## 16 – Artigos de fé

Desde a noite que ela tinha ido a sua casa e descoberto que sua mãe tinha partido, Clary tinha imaginado vê-la novamente, bem e saudável, tão frequentemente que suas imaginações tinham tomado a qualidade de uma fotografia que tinha ser tornado desbotada de estar sendo retirada e vista por tantas vezes. Aquelas imagens subiram perante ela agora, enquanto ela fitava em descrença - imagens em que sua mãe, parecendo saudável e feliz, abraçava Clary e dizia a ela o quanto ela tinha sentido sua falta, mas que tudo estava bem agora. A mãe em suas imaginações sustentava pouca semelhança da mulher que se mantinha em frente a ela agora. Ela se lembrava de Jocelyn como gentil e artística, uma mulher boêmia com seus macacões respingados de tinta, seu cabelo ruivo em rabos de cavalo ou rapidamente pressos com um lápis em um coque bagunçado. Esta Jocelyn era tão brilhante e acentuada como uma faca, seu cabelo puxado para trás severamente, sem um fio fora do lugar; o negro áspero de sua vestimenta fazia seu rosto parecer pálido e duro. Nem era sua expressão uma que Clary tinha imaginado: Em vez de prazer, havia algo como o horror no modo que ela olhava para Clary, seus olhos verdes bem abertos. "Clary," ela respirou. "Suas roupas."

Clary olhou abaixo para si mesma. Ela estava na vestimenta preta de Caçador de Sombras de Amatis, exatamente o que sua mãe tinha passado sua vida toda tendo a certeza de que sua filha nunca teria que usar. Clary engoliu duro e se empertigou, agarrando a beirada da mesa com suas mãos. Ela podia ver o quão branco os nós de seus dedos estavam, mas suas mãos pareciam desconectadas de seu corpo de algum modo, como se elas pertencessem a outro alguém.

Jocelyn andou em direção a ela, estendendo seus braços. "Clary..."

Clary encontrou se afastando para trás, tão apressadamente que ela bateu no balcão com a parte inferior de suas costas. Dor dilatou através dela, mas ela dificilmente percebeu; ela estava olhando para sua mãe. Então foi Simon, sua boca ligeiramente aberta; Amatis, também, parecia chocada.

Isabelle se adiantou, pondo-se entre Clary e sua mãe. Sua mão deslizou abaixo de seu avental, e Clary teve a sensação que quando ela a puxasse para fora, ela estaria segurando

seu fino chicote de electrum. “O que está acontecendo aqui?” Isabelle exigiu. “Quem é você?” Sua voz forte ondulou ligeiramente enquanto ela parecia entender a expressão no rosto de Jocelyn; Jocelyn estava encarando ela, sua mão sobre seu coração.

“*Maryse*.” A voz de Jocelyn foi mal um sussurro. Isabelle pareceu assustada. “Como você sabe o nome de minha mãe?”

Cor veio ao rosto de Jocelyn em um ímpeto. “É claro. Você é filha de Maryse. É só que ..você se parece muito com ela.” Ela abaixou sua mão lentamente. “Eu sou Jocelyn Fr...Fairchild. Eu sou a mãe de Clary.”

Isabelle tirou sua mão de debaixo do avental e olhou para Clary, seus olhos cheios de confusão. “Mas você estava no hospital...em Nova York...”

“Eu estava,” Jocelyn disse em uma voz firme. “Mas graças a minha filha eu estou bem agora. E eu gostaria de ter um instante com ela.”

“Eu não tenho certeza,” Amatis disse, “que ela quer um momento com você.” Ela se aproximou para colocar sua mão no ombro de Jocelyn. “Isso deve ser um choque para ela...”

Jocelyn se livrou de Amatis e se moveu em direção a Clary, estendendo suas mãos “Clary...”

Finalmente Clary encontrou sua voz. Ela era uma voz fria e gelada, tão zangada que ela a surpreendeu. “Como você chegou aqui, Jocelyn?”

Sua mãe parou de repente, um olhar de incerteza passou sobre seu rosto. “Eu passei pelo portal do outro lado da cidade com Magnus Bane. Ontem ele veio a mim no hospital – ele trouxe o antídoto. Ele me disse tudo o que você fez por mim. Tudo o que eu queria desde que eu acordei era ver você...” Sua voz falhou.” Clary, tem algo de errado?”

“Por que você nunca me disse que eu tinha um irmão?” Clary disse. Isso não era o que ela tinha esperado dizer, não era o que ela tinha planejado que viesse pela sua boca. Mas foi isso.

Jocelyn largou suas mãos. “Eu pensei que ele estava morto. Eu pensei que só machucaria você saber.”

“Me deixe dizer uma coisa mãe,” Clary disse. “Saber é melhor do que não saber. Todas as vezes.”

“Me desculpe...” Jocelyn começou.

“*Desculpe?*” a voz de Clary se elevou, era como se algo dentro dela tivesse derramado, e tudo estava jorrando, toda sua amargura, todo sua raiva enclausurada. “Você quer me explicar o porquê de você nunca ter me dito que eu era uma Caçadora de Sombras? Ou que meu pai ainda estava vivo? Ah, e quanto sobre aquela parte onde você pagou para Magnus roubar minhas memórias?”

“Eu estava tentando proteger você...”

“Bem, você fez um *péssimo* trabalho!” A voz de Clary aumentou. “O que você esperava que acontecesse depois que você desapareceu? Se não tivesse sido por Jace e os outros, eu estaria morta. Você nunca me mostrou como proteger a mim mesma. Você nunca me disse o quanto perigosas as coisas realmente eram. O que você pensava? Que se eu não pudesse ver as coisas ruins, isso significaria que elas não podiam me ver?” Seus olhos queimaram “Você sabia que Valentine não estava morto. Você disse a Luke que você achava que ele ainda estava vivo.”

“Este é o porquê eu tinha que esconder você,” Jocelyn disse. “Eu não podia arriscar deixar Valentine saber onde você estava. Eu não podia deixar ele tocar você...”

“Por que ele tornou seu primeiro filho um monstro,” Clary disse, “E você não queria que ele fizesse o mesmo comigo.”

Em choque sem palavras, Jocelyn só podia olhar para ela. “Sim,” ela disse finalmente. “Sim, mas isso não foi tudo, Clary...”

“Você roubou minhas memórias,” Clary disse. “Você tirou elas para longe de mim. Você roubou quem eu era.”

“Esta não é quem você é!” Jocelyn gritou. “eu nunca quis isso fosse quem você era...”

“Não importa o que você queria!” Clary gritou. “Isso é quem eu sou! Você tirou tudo isso para longe de mim e *isso não pertencia a você!*”

Jocelyn ficou pálida. Lágrimas subiram aos olhos de Clary – ela não podia suportar ver sua mãe desse jeito, ver ela tão machucada, e era ela quem estava ferindo – e ela sabia que se ela abrisse a boca novamente, mais palavras terríveis sairiam, mais odiosas, coisas zangadas. Ela lançou sua mão sobre sua boca e partiu para o corredor, empurrando sua mãe, passando pela mão estendida de Simon. Tudo o que ela queria era fugir. Cegamente empurrando a porta da frente, ela meio que se jogou na rua. Atrás dela, alguém chamou seu nome, mas ela não se virou. Ela já estava correndo.

Jace estava um pouco surpreso ao descobrir que Sebastian tinha deixado o cavalo dos Verlac nos estábulos, em vez de sair galopando ele na noite em que ele fugiu. Talvez ele tivesse tido medo que Wayfare pudesse de alguma maneira ser seguido. Isso deu a Jace uma certa satisfação em selar o garanhão e cavalgar com ele fora da cidade. A verdade é que se Sebastian tivesse realmente precisado de Wayfarer, ele não teria o deixado para trás – e por outro lado, o cavalo não tinha sido de Sebastian para começar. Mas o fato era, Jace gostava de cavalos. Ele tinha dez anos da última vez que ele cavalgou um, mas as memórias, ele ficou satisfeito de notar, voltaram rápidas.

Tinha tomado a ele e Clary seis horas para caminhar da mansão Wayland para Alicante. Demorou aproximadamente duas horas para voltar, cavalgando em um quase galope.

Naquele momento eles se ergueram sobre o cume avistando a casa e os jardins, ambos, ele e o cavalo, estavam cobertos com um leve brilho de suor.

As barreiras de desorientação que tinham escondido a mansão tinham sido destruídas junto com a base da mansão. O que foi deixado da elegante construção era uma pilha de pedras queimadas. Os jardins, tostados nas beiradas agora, ainda traziam antigas memórias do tempo que ele tinha vivido lá enquanto criança. Havia roseiras, sem suas flores agora e enroscadas com ervas daninhas; o banco de pedra que assentava próximo a piscinas vazias; e o buraco no piso onde ele tinha deitado com Clary na noite que a mansão desmoronou. Ele podia ver o brilho azul do lago próximo, através das árvores.

Uma onda de amargura apanhou ele. Ele comprimiu sua mão em seu bolso e puxou primeiro uma estela – ele tinha pego ela “emprestado” do quarto de Alec antes que ele partisse, como uma substituta pela que Clary tinha perdido, desde que Alec podia sempre conseguir outra – e então o fio que ele tinha pego da manga do casaco de Clary. Ele deitou em sua palma, manchado de vermelho amarronzado na extremidade. Ele fechou seus punho em torno dele, apertado o suficiente para fazer os ossos sobressaírem por debaixo de sua pele, e com sua estela traçou uma runa nas costas de sua mão. A leve picada era mais familiar do que dolorosa. Ele observou a runa afundar dentro de sua pele como um pedra afundando através da água, e fechou seus olhos. Por trás de seus olhos ele viu um vale. Ele estava em pé sobre um cume olhando abaixo dele, e como se ele estivesse olhando para um mapa que assinalava sua localização, ele sabia exatamente onde ele estava. Ele se lembrou de como o inquiridora tinha sabido exatamente onde o navio de Valentine estava no meio do East River e percebeu, *Isto é o que ela vez*. Cada detalhe era claro – cada folhagem da grama, o esparramar das folhas escurecendo aos seus pés – mas lá não havia som. A cena era misteriosamente silenciosa.

O vale era uma ferradura com uma ponta mais estreita do que a outra. Uma enseada brilhante prata de água – um riacho ou um córrego corria através do centro dele e desaparecia entre as rochas na ponta estreita. Ao lado do riacho assentava-se uma casa cinza de pedra, fumaça branca saía de sua chaminé quadrada. Era uma estranha cena pastoral, tranqüila debaixo do azul contemplativo do céu. Enquanto ele observava, uma figura magra colocou-se na vista. Sebastian. Agora que ele não se incomodava em fingir, sua arrogância era evidente na maneira que ele caminhava, na projeção de seus ombros, no leve sorriso afetado em seu rosto. Sebastian se ajoelhou ao lado do córrego e mergulhou suas mãos nele, chapinhando água sobre seu rosto e cabelo.

Jace abriu seus olhos. Abaixo dele Wayfare estava satisfeito comendo grama. Jace empurrou a estela e o fio dentro de seu bolso, e com um único último olhar para as ruínas da casa que ele tinha crescido, ele recolheu as rédeas e fincou seus calcanhares nos flancos do cavalo.

Clary repousava na grama próxima a beira do Gard Hill e olhou impertinentemente abaixo para Alicante. A vista dali era bastante espetacular, ela tinha que admitir. Ela podia ver acima dos telhados da cidade, com seus elegantes entalhes e runas – marcadas por direcionadores de vento \*, passando os pináculos do Salão de Acordos, em direção a algo que brilhava a distância como uma borda de uma moeda de prata – Lago Lyn? As ruínas negras do Gard agigantava atrás dele e as torres demônio brilhavam como cristal. Clary

quase pensava que ela podia ver as barreiras, cintilando com uma tecida rede invisível ao redor das fronteiras da cidade.

Ela olhou abaixo para suas mãos. Ela tinha arrancado vários punhados de grama em seus últimos espasmos de raiva, e seus dedos estavam pegajosos com a sujeira e o sangue onde ela tinha quebrado metade de uma unha fora. Uma vez que a fúria tinha passado, um sentimento de total vazio tinha substituído ele. Ela não tinha percebido o quão zangada ela tinha ficado com sua mãe, não até que ela passou através da porta e Clary colocou seu pânico sobre a vida de Jocelyn de lado e percebeu o que estava sob ele. Agora que ela estava mais calma, ela se perguntou se uma parte dela tinha desejado punir sua mãe por aquilo que tinha acontecido a Jace. Se ele não tivesse sido enganado – se *ambos* não tivessem sido – então talvez o choque de descobrir o que Valentine tinha feito a ele quando ele era só um bebê não teria o conduzido a um gesto que Clary não podia impedir de sentir que era próximo ao suicídio.

“Se importa de eu me juntar a você?”

Ela pulou em surpresa e rolou para seu lado para olhar acima. Simon em pé, suas mãos em seus bolsos. Alguém – Isabelle provavelmente – tinha dado a ele uma jaqueta escura das agressivas coisas pretas que os Caçadores de Sombras usavam para sua vestimenta. Uma vampiro em uniforme, Clary pensou, imaginando se isso era a primeira vez. “Você veio de fininho,” ela disse. “eu aposto que eu não sou muito uma Caçadora de Sombras, huh.”

Simon deu de ombros. “Bem, em sua defesa, eu posso me mover com uma graça silenciosa de uma pantera.”

Apesar de si mesma, Clary sorriu. Ela se sentou, limpando a sujeira de suas mãos. “Vá em frente e se junte a mim. Este festival de trouxa está aberto a todos.”

Sentando ao lado dela, Simon olhou acima da cidade e assobiou “Bela vista.”

“É.” Clary olhou ele de lado. “Como você me achou?”

“Bem, me levou algumas horas.” Ele sorriu, um pouquinho torto. “Então e me lembrei quando nós costumávamos brigar, já no primeiro ano, você saía e se emburrava em meu telhado e minha mão tinha que tirar você?”

“E então?”

“Eu te conheço,” ele disse. “quando você está chateada, você vai direto para um terreno alto.”

Ele segurou algo para ela – seu casaco verde, ordenadamente dobrado. Ela o pegou e o encolheu por cima – a pobre coisa já estava mostrando distintos sinais de uso. Havia até um pequeno buraco no cotovelo, grande o suficiente para menear um dedo através dele.

“Obrigada, Simon.” Ela apertou suas mãos ao redor de seus joelhos e olhou para a cidade.

O sol estava baixo no céu, e as torres tinham começado a brilhar um apagado rosa avermelhado. “Minha mãe mandou você aqui em cima para me convencer?”

Simon balançou sua cabeça. “Luke, na verdade. E ele só me pediu para dizer que você poderia querer voltar antes do pôr do sol. Algumas coisas bem importantes estão acontecendo.”

“Que tipo de coisas?”

“Luke deu a Clave até o pôr do sol para decidir se eles iriam concordar em dar aos Downworlders os assentos no Conselho. Os Downworlders estão todos vindo para o portão norte no crepúsculo. Se a Clave concordar, eles podem entrar em Alicante. Se não...”

“Eles serão enviados embora,” Clary terminou. “e a Clave se entregará a Valentine.”

“Yeah.”

“Eles irão concordar,” Clary disse. “Eles *tem*.” Ela abraçou seus joelhos. “Eles nunca escolheriam Valentine. Ninguém faria isso.”

“Fico feliz em ver que seu idealismo não foi danificado,” Simon disse, e embora sua voz fosse suave, Clary ouviu outra voz através dela. A de Jace, dizendo que ele não era um idealista, e ela estremeceu, apesar do casaco que ela estava usando.

“Simon?” ela disse. “Eu tenho uma pergunta idiota.”

“E o que é?”

“Você dormiu com Isabelle?”

Simon fez um barulho engasgado. Clary rotacionou lentamente ao redor para olhar para ele.

“Você está bem?”

“Eu acho que sim,” ele disse, recobrando seu equilíbrio com aparente esforço. “Você está falando sério?”

“Bem, você esteve fora a noite toda.”

Simon ficou em silêncio por um longo momento. Finalmente ele disse, “Eu não tenho certeza de que isso é da sua conta, mas não.”

“Bem,” Clary disse, depois de uma pausa criteriosa, “Eu acho que você não teria tirado vantagem dela quando ela estava tão golpeada pelo sofrimento e tudo mais.”

Simon bufou. “Se você conhecer o homem que poderia tirar vantagem de Isabelle, você terá que me deixar saber. Eu gostaria de apertar a sua mão. Ou fugir dele bem rápido, eu não



tenho certeza de qual.”

“Então você não está ficando com Isabelle.”

“Clary,” Simon disse, “Por que você está me perguntando sobre Isabelle? Você não quer falar sobre sua mãe? Ou sobre Jace? Izzy me disse que ele partiu. Eu sei como você deve estar se sentindo.”

“Não,” Clary disse. “Não, eu não acho que você saiba.”

“Você não é a única pessoa que já se sentiu abandonada.” Havia uma ponta de impaciência na voz de Simon. “Eu acho que eu só pensei – quero dizer eu nunca vi você tão zangada. E com sua mãe. Eu pensei que você sentia falta dela.”

“É claro que eu senti falta dela!” Clary disse, percebendo enquanto ela dizia isso, como a cena na cozinha deve ter parecido. Especialmente para sua mãe. Ela empurrou o pensamento para longe. “É só que eu tinha estado tão focada em resgatá-la – salvá-la de Valentine, imaginando um modo de curar ela – que eu nunca parei para pensar sobre o quanto zangada eu ficaria por ela ter mentido para mim todos esses anos. Que ela manteve tudo isso longe de mim, mantendo a verdade longe de mim. Nunca me deixou saber quem eu realmente era.”

“Mas isso não foi o que você disse quando ela entrou na cozinha,” Simon disse calmamente. “Você disse, ‘Por que você não me disse que eu tinha um irmão?’”

“Eu sei.” Clary puxou um fiapo de grama da terra, considerando ele entre seus dedos. “Eu acho que não pude me impedir de pensar que se eu soubesse a verdade, eu nunca teria conhecido Jace do modo que conheci. Eu não teria me apaixonado por ele.”

Simon ficou em silêncio por um momento. “Eu não acho que eu tenha ouvido você dizer isso antes.”

“Que eu o amo?” Ela riu, mas soou sombrio para seus ouvidos.” Parece inútil fingir que não, nesse ponto. Talvez isso não importe. E provavelmente não irei vê-lo de novo de qualquer maneira.”

“Ele irá voltar.”

“Talvez.”

“Ele irá voltar,” Simon disse novamente. “Para você.”

“Eu não sei.” Clary agitou sua cabeça. Estava ficando frio enquanto o sol afundava na borda do horizonte. Ela estreitou seus olhos, inclinado-se a frente, olhando. “Simon. Olhe.”

Ela seguiu seu olhar. Além das barreiras, no portão norte da cidade, centenas de figuras escuras estava juntas, alguns aconchegados juntos, alguns permanecendo separados: os

downworlders que Luke tinha chamado para ajudar a cidade, esperando pacientemente pela palavra vinda da Clave para deixá-los entrar. Um tremor chamuscou a espinha de Clary. Ela estava equilibrada não apenas sobre o cume desta colina, olhando sobre uma ingrime descida para a cidade abaixo, mas para a beira de uma crise, um evento que mudaria o funcionamento de todo o mundo dos Caçadores de Sombras.

“Eles estão aqui,” Simon disse, meio para si mesmo. “Eu me pergunto se isso significa que a Clave decidiu?”

“Eu espero que sim.” O fiapo de grama que Clary tinha estado mexendo era uma mutilada bagunça verde; ela jogou ele de lado e puxou um outro. “Eu não sei o que eu vou fazer se eles decidirem ceder a Valentine. Talvez eu crie um portal que leve todos nós para algum lugar onde Valentine nunca possa nos achar. Uma ilha deserta, ou algo assim.”

“Ok, eu tenho uma pergunta estúpida,” Simon disse. “Você pode criar novas runas, certo? Poque você não pode criar uma para destruir todos os demônios no mundo? Ou matar Valentine?”

“Isso não funciona assim,” Clary disse. “Eu só posso criar runas que eu visualizo. A imagem toda vem em minha mente, como uma foto. Quando eu tento visualizar 'matar Valentine' ou 'governar o mundo' ou algo assim, eu não tenho nenhuma imagem. Só chiado.”

“Mas de onde é que as imagens das runas vem, você já pensou?”

“Eu não sei,” Clary disse. “Todas as runas dos Caçadores de Sombras que se sabe vieram do Livro Cinza. Este é o porquê elas só podem ser colocadas em Nephilim; que é o que eles são. Mas lá há outras, runas antigas. Magnus me disse isso. Como a Marca de Caim. Ela era uma marca de proteção, mas não uma do Livro Cinza. Então quanto eu penso que estas runas, como a runa Destemido, eu não sei se ela é algo que eu inventei, ou algo que eu estou me *lembrando* – runas mais antigas do que os Caçadores de Sombras. Runas tão velhas quanto os anjos em si.” Ela pensou na runa que Ithuriel tinha mostrado a ela, uma tão simples quanto um nó. Ela tinha vindo de sua própria mente, ou do anjo? Ou ela era apenas algo que tinha sempre existido, como o mar ou o céu? O pensamento fez ela estremecer.

“Você está com frio?” Simon perguntou.

“Sim....você não?”

“Eu não tenho mais frio.” Ele colocou um braço ao redor dela, sua mão esfregando as costas dela em círculos lentos. Ele riu com tristeza. “Eu acho que provavelmente não ajuda muito, que eu não tenha nenhum calor corporal e tudo.”

“Não,” Clary disse. “Quero dizer – sim, isso ajuda. Fique assim.” Ela olhou acima para ele. Ele estava olhando para o portão norte, cercado com figuras escuras de downworlders ainda reunidos, quase imóveis. A luz vermelha das torres demônio refletiram em seus olhos; ele parecia como alguém em uma fotografia tirada com flash. Ela podia ver as leves veias azuis serpenteando bem abaixo da superfície de sua pele onde ela era mais fina: suas têmporas, a

base da sua clavícula. Ela sabia o suficiente sobre vampiros para saber que isso significava que devia ter sido a algum tempo desde que ele tinha se alimentado. “Você está com fome?”

Agora, ele baixou seu olhar para ela. “Teme que eu morda você?”

“Você sabe que é bem vindo pelo meu sangue, sempre que você precisar ele.”

Um tremor, não do frio, passou sobre ele, e ele empurrou ela mais fortemente contra seu lado. “Eu nunca faria isso,” ele disse. E então, mais levemente, “Além do mais, eu já bebi sangue de Jace, eu me alimentei o suficiente de meus amigos.”

Clary pensou na cicatriz cinza no lado da garganta de Jace. Lentamente, sua mente se encheu da imagem de Jace, ela disse, “Você acha que é o porquê....”

“Porque do quê?”

“Por que a luz do sol não machuca você. Quero dizer, ela machucava você antes disso, não é? Antes da noite no navio?”

Ele acenou relutantemente.

“Então o que mais mudou? Ou isso é só que você bebeu seu sangue?”

“Você quer dizer por que ele é Nephilim? Não. Não, é algo mais. Você e Jace...vocês não são realmente normais é? Quero dizer, não um Caçador de Sombras normal. Há algo de especial em vocês dois. Como a Rainha de Seelie disse. Vocês foram experiências.” Ele sorriu para o olhar assustado dela. “Eu não sou burro. Eu posso juntar as coisas. Você com seus poderes de runa, e Jace,bem...ninguém pode ser tão chato sem algum tipo de assistência sobrenatural.”

“Você realmente não gosta dele tanto assim?”

“Eu não odeio ele,” Simon protestou. “Quero dizer, primeiro eu odiava ele, Ele parecia tão arrogante e certo de si mesmo, e você agia como se ele suspende-se a lua...”

“Eu não...”

“Me deixe terminar,Clary.” Havia um sem fôlego oculto na voz de Simon, se alguém que nunca respirou pudesse dizer por estar sem fôlego. Ele soou como se ele estivesse correndo em direção a algo. “eu podia dizer o quanto você gostava dele, e eu pensei que ele estava usando você, que você era apenas alguma garota mundana estúpida que ele podia impressionar com seus truques de Caçador de Sombras. Primeiro eu disse a mim mesmo que você nunca cairia nisso, e então que mesmo se você o fizesse, ele ficaria cansado de você e eventualmente você voltaria para mim. Eu não estou orgulhoso disso, mas quanto você estava desesperada, você iria acreditar em qualquer coisa, eu acho. E então quando ele se tornou seu irmão, isso pareceu ser uma prorrogação de ultimo minuto – e eu fiquei feliz. Eu estava mesmo feliz em ver que ele parecia estar sofrendo, até aquela noite na Corte de

Seelie quando você beijou ele. Eu pude ver...”

“Ver o que?” Clary disse, incapaz de suportar a pausa.

“O modo que ele olhou para você. Então eu entendi. Ele nunca esteve usando você. Ele amava você, e isso estava matando ele.”

“Este foi o porquê você ir ao Dumort?” Clary sussurrou. Isso era algo que ela sempre quis saber mas nunca tinha sido capaz de fazer a si mesma perguntar.

“Por causa de você e de Jace? Não em uma forma verdadeira, não. Desde aquela noite no hotel, eu tinha estado esperando voltar. Eu sonhava com isso. E eu acordava fora da cama, me vestindo, ou já na rua, e eu sabia que eu queria voltar para o hotel. Isso era pior a noite, e pior nas proximidades que eu chegava ao hotel. Nem mesmo me ocorreu que era algo sobrenatural – eu pensei que era estresse pós traumático ou algo assim. Aquela noite, eu estava tão cansado e zangado, e nós estávamos tão próximos do hotel, e era noite – eu mal me lembro do que aconteceu. Eu só me lembro de caminhar para longe do parque, e então – nada.”

“Mas se você não tivesse estado zangado comigo...se nós não tivéssemos chateado você...”

“Não é como se eu tivesse uma escolha,” Simon disse.” “E não é como eu não soubesse. Você pode só empurrar a verdade para baixo durante algum tempo, e então elas vêm a tona. O erro que eu fiz foi não dizer a você o que estava acontecendo comigo, não contar a você sobre meus sonhos. Mas eu não me arrependo de ter namorado você. Eu estou feliz por tentarmos. E eu amo você por tentar, mesmo que isso nunca fosse funcionar.”

“Eu queria tanto que funcionasse,” Clary disse suavemente.”Eu nunca quis machucar você.”

“Eu não mudaria isso,” Simon disse. “Eu não desistiria de amar você. Por nada. Você sabe o que Raphael me disse?Que eu não sabia como ser um vampiro bom, que os vampiros aceitavam que eles estavam mortos. Mas enquanto eu me lembrar que isso era como amar você, eu sempre sentirei como eu estou vivo.”

“Simon...”

“Olhe,” Ele interrompeu ela com um gesto, seus olhos escuros se ampliando. “Lá embaixo.”

O sol era uma fatia vermelha no horizonte; enquanto ela olhava, ele piscou e desapareceu, desaparecendo na extremidade escura do mundo. As torres demônio de Alicante resplandeciam dentro da súbita incandescente vida. Em sua luz Clary podia ver a enxameante multidão escura impacientemente ao redor do portão norte. “O que está acontecendo?” ela sussurrou. “O sol se pôs, por que os portões não estão se abrindo?”

Simon ficou imóvel. “A Clave,” ele disse. “Eles devem ter dito não a Luke.”

“Mas eles não podem!” A voz de Clary subiu afiadamente. “Isso significaria...”

“Que eles vão dar a si mesmo a Valentine.”

“Eles não podem!” Clary gritou de novo, mas enquanto ela olhava, ela viu grupos de figuras escuras em torno das barreiras se virando e se afastando da cidade, fluindo como formigas, fora de um formigueiro destruído.

O rosto de Simon estava aborrecido na luz desbotada. “Eu acho,” ele disse, “que eles realmente nos odeiam muito. Eles realmente preferem escolher Valentine.”

“Não é ódio,” Clary disse. “Eles estão com medo. Valentine tinha medo.”

Ela disse sem pensar, e notou enquanto ela dizia, que isso era verdade. “Medo e ciúme.”

Simon lançou um olhar em direção a ela em surpresa. “Ciúme?”

Mas Clary tinha voltado ao sonho que Ithuriel tinha mostrado a ela, a voz de Valentine ecoando em seus ouvidos, *Eu queria perguntar a ele o porquê. Por que ele nos criou, sua raça de Caçadores de Sombras, todavia não nos deu os poderes que os Downworlders tem – a velocidade dos lobos, a imortalidade do povo das Fadas, a magia dos bruxos, até mesmo a resistência dos vampiros. Ele nos deixou indefesos perante os hospedeiros do inferno, com exceção dessas linhas pintadas em nossa pele. Porque seus poderes são maiores do que os nossos? Porque nós não podemos compartilhar daquilo que eles tem?*

Seus lábios se repartiram e ela fitou sem ver a cidade abaixo. Ela estava vagamente consciente de que Simon estava dizendo seu nome, mas sua mente estava correndo. O anjo poderia ter mostrado a ela qualquer coisa, ela pensou, mas ele tinha escolhido mostrar a ela estas cenas, suas memórias, por uma razão. Ela pensou em Valentine gritando, *Que nós deveríamos estar restringidos aos Downworlders, ligados a essas criaturas...*

E a runa. A que ela tinha sonhado. A runa tão simples quanto um nó.

*Porque nós não podemos compartilhar daquilo que eles tem?*

“Ligação,” ela disse em voz alta. “É uma runa de vinculação. Ela une o semelhante com o diferente.”

“O que?” Simon olhou para ela em confusão. Ela lutou em seus pés, limpando a sujeira. “Eu tenho que descer lá. Onde ele estão?”

“Onde quem está? Clary...”

“A Clave. Onde eles estão reunidos? Onde Luke está?”

Mas ela já estava correndo em direção ao sinuoso caminho que levava a cidade. Xingando sob sua respiração, Simon a seguiu.

*Eles dizem que todos os caminhos levam para o Salão.* As palavras de Sebastian golpeavam mais e mais a cabeça de Clary e ela correu a toda velocidade nas ruas estreitas de Alicante. Ela esperava que isso fosse verdade, por que senão ela estaria indo ficar definitivamente perdida. As ruas giravam em estranhos ângulos, não como as adoráveis, retas, ruas entrelaçadas de Manhattan. Em Manhattan você sempre sabia onde você estava. Tudo era claramente numerado e atribuído. Isto era um labirinto.

Ela se lançou através de um pequeno pátio e abaixo de um dos caminhos estreitos do canal, sabendo que se ela seguisse a água, ela iria eventualmente ir a Praça do Anjo. Para sua surpresa, o caminho levou ela para a casa de Amatis, e então ela estava correndo, arfando, abaixo de uma larga, curvilínea rua familiar. Ela abria dentro de uma praça, o Salão dos Acordos se elevando amplo e branco perante ela, a estátua do anjo brilhando no centro da praça. Em pé, ao lado da estátua, estava Simon, seus braços cruzados, observando ela sombriamente.

“Você podia ter esperado,” ele disse.

Ela se inclinou a frente, suas mãos em seus joelhos, tomando fôlego. “Você...não pode realmente dizer...já que você chegou aqui antes de mim.”

“Velocidade vampira,” Simon disse com alguma satisfação. “Quando nós voltarmos para casa, eu deveria ir para as pistas de corrida.”

“Isso seria...trapaça.” Com uma última e profunda respiração Clary se endireitou e empurrou seu cabelo suado fora de seus olhos. “Vamos lá. Nós vamos entrar.”

O Salão estava cheio de Caçadores de Sombras, mas Caçadores do que Clary já tinha visto em um lugar antes, mesmo na noite do ataque de Valentine. Suas vozes aumentavam em um rugir como uma estrondo de avalanche; a maioria deles se reuniram em contenciosos e barulhentos grupos – a plataforma estava deserta, o mapa de Idris pendurado desamparadamente atrás dele.

Ela procurou ao redor por Luke. Levou a ela um instante para encontrar ele, inclinado contra um pilar com seus olhos semicerrados. Ela parecia terrivelmente semi-morto, seus ombros caídos. Amatis em pé atrás dele, batendo em seus ombros com preocupação. Clary olhou ao redor, mas Jocelyn não estava em lugar algum para ser vista na multidão. Por um momento ela hesitou. Então ela pensou em Jace, indo atrás de Valentine, fazendo isso sozinho, sabendo que ele poderia muito bem ser morto. Ela sabia que ele era parte disso, uma parte de tudo isso, e ela também era – ela sempre tinha sido, mesmo quando ela não sabia disso. A adrenalina ainda estava correndo através dela em picos, acentuando sua percepção, fazendo tudo parecer claro. Quase claro demais. Ela apertou a mão de Simon. “Deseje-me sorte,” ela disse, e então seus pés estavam carregando ela em direção aos degraus da plataforma, quase sem sua vontade, e então ela estava em pé sobre a plataforma e se virando para enfrentar a multidão.

Ela não tinha certeza do que ela tinha esperado. Arfares de surpresa? Um mar de rostos



silenciosos e em expectativa? Eles mal notaram ela, só Luke olhou para cima, como se ele sentisse ela lá, e congelou com um olhar de espanto em seu rosto. E lá estava alguém vindo em direção a ela através da multidão - um homem alto com ossos proeminentes, como a proa de uma embarcação. Cônsul Malachi. Ele estava gesticulando para ela descer da plataforma, agitando sua cabeça e gritando alguma coisa que ela não podia ouvir. Mas Caçadores de Sombras se viraram em direção a ela, enquanto ele fazia seu caminho através da multidão. Clary tinha o que ela queria agora, todos os olhos pregados nela. Ela ouviu os sussurros correndo através da multidão: *É ela. A filha de Valentine.*

“Vocês estão certos,” ela disse, lançando sua voz tão longe e tão alto quanto ela podia, “Eu sou a filha de Valentine. Eu nunca soube que ele era meu pai até algumas semanas atrás. Eu sei que muitos de vocês acreditam que isso não é verdade, e tudo bem. Acreditem no que vocês quiserem. Apenas contanto que vocês também acreditem que eu sei coisas sobre Valentine que vocês não sabem, coisas que podem ajudar vocês a vencerem esta batalha contra ele – se apenas vocês me deixarem dizer o que elas são.”

“Ridículo.” Malachi ficou no pé dos degraus da plataforma. “Isto é ridículo. Você é só uma garotinha...”

“Ela é a filha de Jocelyn Fairchild.” Era Patrick Penhallow. Empurrando seu caminho em frente a multidão, ele levantou uma mão. “Deixe a garota dizer seu conselho, Malachi.”

A multidão estava murmurando. “Você,” Clary disse para o Cônsul. “Você e o Inquiridor jogaram meu amigo Simon na prisão...”

Malachi desdenhou. “Seu amigo o vampiro?”

“Ele me contou que você perguntou a ele o que aconteceu no navio de Valentine aquela noite no East River. Você pensou que Valentine deve ter feito algo, algo como magia negra. Bem, ele não fez. Se você quer saber o que destruiu aquela navio, a resposta sou eu. Eu fiz isso.”

A risada de descrença de Malachi foi ecoada por vários outros no grupo. Luke estava olhando para ela, balançando sua cabeça, mas Clary relevou. “Eu fiz isso com uma runa,” ela disse. “Ela era uma runa tão forte que fez o navio se fragmentar em pedaços. Eu posso criar novas runas. Não só as no Livro Cinza. Runas que ninguém tenha visto antes – mais poderosas...”

“Já chega,” Malachi rugiu. “Isto é ridículo. Ninguém pode criar novas runas. Isso é uma completa impossibilidade.” Ele se virou para a multidão. “Com seu pai, esta garota é nada mais que uma mentirosa.”

“Ela não está mentindo.” A voz veio de detrás do grupo. Ela era clara, forte e decidida. A multidão se virou, e Clary viu quem tinha falado: Era Alec. Ele estava com Isabelle de um lado dele e Magnus no outro. Simon estava com eles, e também estava Maryse Lightwood. Eles formavam um pequeno e parecendo determinado grupo nas portas da frente. “Eu vi ela criar uma runa. Ela usou ela em mim. Ela funcionou.”

“Você está mentindo,” o Cônsul disse, mas a dúvida tinha penetrado em seus olhos. “Para proteger sua amiga...”

“Realmente, Malachi,” Maryse disse secamente. “Por que meu filho iria mentir sobre algo como isso, quando a verdade pode tão facilmente ser descoberta? Dê a garota uma estela e deixe ela criar uma runa”

Um murmúrio de consentimento correu ao redor do Salão. Patrick Penhallow veio a frente e segurou uma estela para Clary. Ela a pegou grata e se virou de volta a multidão.

Sua boca ficou seca. Sua adrenalina ainda continuava alta, mas isso não era o suficiente para afundar completamente se terror de palco. O que era para ela supostamente fazer? Que tipo de runa ela poderia criar que convencesse aquele grupo que ela estava dizendo a verdade? O que *mostraria* a eles a verdade?

Ela olhou para eles, através da multidão e viu Simon com os Lightwoods, olhando para ela através do espaço vazio que separava eles. Era do mesmo modo que Jace tinha olhado para ela na mansão. Era um vínculo que ligava estes dois garotos que ela amava tanto, ela pensou, sua associação: Ambos acreditavam nela, mesmo quando ela não acreditava em si mesma.

Olhando para Simon, e pensando em Jace, ela trouxe sua estela abaixo e desenhou sua ponta contra a parte de dentro de seu pulso, onde seu coração batia. Ela não olhou abaixo enquanto ela a estava fazendo mas desenhou cegamente, confiando em si mesma e na estela para criar a runa que ela precisava. Ela a desenhou fracamente, levemente – ela precisava dela só por um momento – mas sem um segundo de hesitação. E quando ela terminou, ela levantou sua cabeça e abriu seus olhos.

A primeira coisa que ela viu foi Malachi. Seu rosto tinha ficado branco, ele estava se afastando dela com um olhar de terror. Ele disse algo - uma palavra em um linguagem que ela não reconheceu – e então atrás dele ela viu Luke, olhando para ela, sua boca ligeiramente aberta. “Jocelyn?” Luke disse. Ela agitou sua cabeça para ele, apenas ligeiramente, e olhou para a multidão. Ela era um borrão de rostos, aparecendo e desaparecendo enquanto ela olhava. Alguns estavam sorrindo, alguns olhando ao redor da multidão em surpresa, alguns virando para a pessoa que estava próximas a elas. Algumas poucas usavam expressões de horror ou de espanto, mãos apertadas sobre suas bocas. Ela viu Alec olhar rapidamente para Magnus, e então para ela, em descrença, e Simon olhando em perplexidade, e então Amatis veio a frente, empurrando seu caminho passando a largura de Patrick Penhallow, e correu para a beira do estrado. “Stephen!” ela disse, olhando acima para Clary com uma espécie de espanto deslumbrado. “*Stephen!*”

“Ah,” Clary disse. “Ah, Amatis, não,” e então ela sentiu a magia da runa escorregar dela, como se ela tivesse deslizado um fino e invisível vestuário. O rosto ansioso de Amatis caiu, e ela se afastou do estrado, sua expressão meio desapontada e meio maravilhada.

Clary olhou através da multidão. Eles estavam completamente silenciosos, todos os rostos

virados para ela. “Eu sei que o que todos vocês acabaram de ver,” ela disse.”E eu sei que você sabem que esse tipo de magia está além de qualquer glamour ou ilusão. E eu fiz isso com uma runa, uma única runa, uma runa que eu criei. Há razões do porquê eu ter esta habilidade, e eu sei que vocês poderiam não gostar delas ou mesmo acreditar nelas, mas isso não importa. O que importa é que eu posso ajudar vocês a vencerem esta batalha contra Valentine, se você me deixarem.”

“Não haverá uma batalha contra Valentine,” Malachi disse. Ele não encontrou os olhos dela enquanto ele falava. “A Clave decidiu. Nós iremos concordar com os termos de Valentine e largar a nossas armas amanhã de manhã.”

“Vocês não podem fazer isso,” ela disse, uma matiz de desespero entrando em sua voz. “você acha que tudo ficará bem se você desistirem? Você acha que Valentine vai deixar vocês vivendo como você tem vivido? Você acha que ele limitará sua matança para os demônios e os Downworlders? “ Ela varreu seu olhar através da sala. “A maioria de vocês não viram Valentine em quinze anos. Talvez você tenham se esquecido de como ele realmente é. Mas eu sei. Eu ouvi ele falar sobre seus planos. Vocês pensam que podem continuar a viver suas vidas debaixo das regras de Valentine, mas você não serão capazes. Ele irá controlar vocês completamente, por que ele sempre será capaz de ameaçar e destruir vocês com os Instrumentos Mortais. Ele ira começar com os Downworlders, é claro. Mas então ele irá para a Clave. Ele matará eles primeiro porque ele acha que eles são fracos e corruptos. E então ele começará com qualquer um que tenha um Downworlder em qualquer lugar em sua família. Talvez um irmão lobisomem” seus olhos passaram sobre Amatis... “ou um filha adolescente rebelde que ocasionalmente se encontre com elfos” seus olhos foram para os Lightwoods - “ou qualquer um que proteja um Downworlder. E então ele irá atrás de qualquer um que empregue os serviços de um bruxo. Quantos de vocês seriam?”

“Isso é uma tolice,” Malachi disse secamente.”Valentine não está interessado em destruir os Nephilim.”

“Mas ele não acha que alguém que se associe com Downworlders é digno de ser chamado de Nephilim,” Clary insistiu.”Olhe, sua guerra não é contra Valentine. É contra os demônios. Manter os demônios longe deste mundo é seu mandato, um mandado do céu. E um mandado do céu não é alo que vocês podem simplesmente *ignorar*. Downworlders odeiam demônios também. Eles os destroem também, Se Valentine tem seu modo, ele irá gastar muito de seu tempo tentando assassinar cada Downworlder, e cada Caçador de Sombras que esteja associado com eles, ele vai esquecer tudo sobre os demônios, e vocês também, por que vocês estarão muito ocupados tendo medo de Valentine. E eles irão invadir o mundo, e isto será assim.”

“Eu vejo onde isto está indo,” Malachi disse através de seus dentes apertados.” Nós não iremos lutar ao lado de Downworlders em operação de uma luta que nós talvez não possamos ganhar...”

“Mas vocês podem vencê-la,” Clary disse.”Vocês podem.” Sua garganta estava seca, sua cabeça doendo, e os rostos na multidão perante ela pareciam fundir em um borrão inexpressivo, pontuado aqui e ali por suaves explosões brancas de luz. *Mas você não pode*

*parar agora. Você tem que continuar. Você tem que tentar.* “Meu pai odiava downworlders por que ele tinha ciúmes deles.” ela continuou, suas palavras tropeçando uma sobre a outra. “Ciúme e medo de todas as coisas que eles podiam fazer que ele não podia. Ele odiava que em alguns modos, eles são mais poderosos do que os Nephilim, e eu aposto que ele não está sozinho nisto. É fácil ter medo do que você não compartilha.” Ela tomou um fôlego. “Mas e se vocês *pudessem* compartilhar isso? E se eu pudesse fazer uma runa que pudesse ligar cada um de vocês, cada Caçador de Sombras, para um Downworlder que estivesse lutando ao seu lado, e vocês pudessem *compartilhar seus poderes* – vocês pudessem se curar tão rápido quanto um vampiro, tão forte quanto um lobisomem, ou tão rápido quanto um elfo. E eles, em troca, poderiam compartilhar de sua formação, suas habilidades de combate. Vocês poderiam ser uma força imbatível – se vocês me deixarem marcar vocês, e se vocês lutarem com os Downworlders. Por que se vocês não lutarem ao lado deles, as runas não irão funcionar.” Ela pausou. “Por favor,” ela disse, mas a palavra veio quase inaudível fora de sua garganta seca. “Por favor me deixe marcar vocês.”

Suas palavras caíram em um silêncio envolvente. O mundo se moveu em um deslocante borrão, e ela percebeu que ela tinha dado a última metade de seu discurso olhando para o teto do Salão que tinha as suaves explosões brancas que ela tinha visto como sendo as estrelas saindo no céu noturno, uma por uma. O silêncio continuou e continuou enquanto suas mãos, e seus lados, se curvaram em si mesmos, lentamente em punhos. E então lentamente, muito lentamente, ela abaixou seu olhar e encontrou os olhos da multidão olhando de volta para ela.

## **17 – O conto dos Caçadores de Sombras**

Clary se sentou no topo dos degraus dos Salão de Acordos, olhando por cima da praça do Anjo. A lua tinha aparecido mais cedo e era visível sobre os telhados das casas. As torres demônios refletiam de volta sua luz, prata embranquecida. A escuridão escondia as cicatrizes e ferimentos da cidade também; ela parecia pacífica sob o céu noturno – se ninguém olhasse acima para a colina do Gard e o arruinado contorno da cidadela. Guardas patrulhavam a praça abaixo, aparecendo e desaparecendo enquanto eles se moviam dentro e fora da iluminação das lâmpadas de luz de bruxa. A poucos degraus abaixo dela Simon estavam andando para frente e para trás, seus passos totalmente silenciosos. Ele tinha suas mãos em seus bolsos, e quanto dele se virou no fim das escadas para andar de volta em direção a ela, o luar cintilou em sua pele pálida como se ela fosse uma superfície refletora.

“Pare de andar,” ela disse a ele. “Você só está me deixando mais nervosa.”

“Desculpe.”

“Eu sinto como se estivéssemos aqui há uma eternidade.” Clary apurou seus ouvidos, ela não podia ouvir nada além do murmúrio embotado de muitas vozes vindas através das portas duplas fechadas do salão..” Você pode ouvir o que eles estão dizendo lá dentro?”

Simon semicerrou seus olhos; ele pareceu estar se concentrando fortemente. “Um pouco,” ele disse depois de uma pausa.

“Eu queria estar lá,” Clary disse, chutando seus saltos irritadamente contra os degraus. Luke tinha pedido a ela para esperar do lado de fora das portas enquanto a Clave deliberava; ele queria enviar Amatis lá fora com ela, mas Simon tinha insistido em vir, apoiando Clary.” Eu queria fazer parte dessa reunião.”

“Não,” Simon disse. “Você não quer.”

Ela sabia por que Luke tinha pedido a ela para esperar do lado de fora. Ela podia imaginar o que eles estavam dizendo sobre ela lá dentro. *Mentirosa. Esquisita. Tola. Maluca. Estúpida. Monstro. Filha de Valentine.* Talvez ela estivesse melhor fora do Salão, mas a tensão da antecipação da decisão da Clave era quase dolorosa.

“Talvez eu possa escalar uma dessas,” Simon disse, olhando para um enorme pilar branco que segurava o telhado inclinado do Salão. Runas estavam esculpidas sobre elas em padrões sobrepostos, mas por outro lado não havia lá apoios visíveis. “Queima energia desta maneira.”

“Ah, por favor,” Clary disse. “Você é um vampiro, não o Homem Aranha.”

A única resposta de Simon foi se mover levemente acima dos degraus para a base de um pilar. Ele o olhou cuidadosamente por um momento antes de colocar suas mãos nele e começar a escalar. Clary observou ele, boquiaberta, como as pontas de seus dedos e pés encontravam impossivelmente apoios sobre a pedra sulcada.”Você é o Homem Aranha!” ela exclamou.

Simon olhou abaixo da posição na metade do pilar. “Isso faz de você a Mary Jane. Ela tem cabelo ruivo,” ele disse. Ele olhou acima, através da noite, fazendo careta. “Eu estava esperando poder ver o portão norte daqui, mas eu não estou no alto o suficiente.”

Clary sabia o porquê ele queria ver o portão. Mensageiros tinham sido enviados lá para pedir aos Downworlders esperarem enquanto a Clave deliberava, e Clary só podia esperar que eles estivessem dispostos a fazer isso. E se eles estivessem, como é que estava lá fora? Clary visualizou a multidão esperando, movendo-se, imaginando...

As portas duplas do Salão rangeram abertas. Uma figura esguia deslizou através da lacuna, fechou a porta, e virou para encarar Clary. Ela estava na sombra, e foi só quando ela se moveu a frente, perto da luz de bruxa que iluminava os degraus, que Clary viu a brilhante chama de seu cabelo vermelho e reconheceu sua mãe.

Jocelyn olhou acima, sua expressão confusa. “Bem, oi Simon. Fico feliz por ver que você está...se ajustando.”

Simon soltou o pilar e caiu, aterrissando suavemente em sua base. Ele pareceu levemente embaraçado. “Hei, Sr<sup>a</sup> Fray.”

“Eu não sei se tem alguma importância em me chamar disso agora,” disse a mãe de Clary. “Talvez você devesse me chamar só de Jocelyn.” Ela hesitou. “Você sabe como é estranha essa...situação, é bom ver você aqui com Clary. Eu não posso me lembrar da última vez que vocês dois estiveram separados.”

Simon pareceu profundamente envergonhado. “É bom ver você também.”

“Obrigada, Simon.” Jocelyn olhou para sua filha. “Agora, Clary, estaria tudo bem para nós conversarmos por um momento? Sozinhas?”

Clary sentou imóvel por um longo momento, olhando para sua mãe. Era duro não sentir como se ela estivesse olhando para uma estranha. Ela sentiu sua garganta apertar, quase apertada demais para falar. Ela olhou em direção a Simon, que estava claramente esperando por um sinal vindo dela para dizer a ele se para ficar ou ir. Ela suspirou. “Ok.”

Simon deu a Clary um encorajador polegar para cima antes de desaparecer dentro do Salão. Clary se virou para longe e olhou fixamente abaixo a praça, observando os guardas fazerem suas rondas, enquanto Jocelyn vinha e se sentava próximo a ela. Parte de Clary queria se inclinar para o lado e colocar sua cabeça no ombro de sua mãe. Ele podia fechar seus olhos, fingindo que tudo estava bem. A outra parte dela sabia que isso não faria diferença; ela não podia manter seus olhos fechados para sempre.

“Clary,” Jocelyn disse, finalmente, muito suavemente. “Eu sinto muito.”

Clary olhou abaixo para suas mãos. Ela estava, ela percebeu, ainda segurando a estela de Patrick Penhallow. Ela esperou que ele não achasse que ela a tinha roubado.



“Eu nunca pensei que veria este lugar novamente,” Jocelyn continuou. Clary lançou um furtivo olhar de lado para sua mãe e viu que ela estava olhando para a cidade, para as torres demônio lançando sua pálida luz embranquecida na linha do horizonte. “Eu sonhava sobre isso algumas vezes. E até queria pintar isso, pintar minhas memórias dela, mas eu não podia fazer isso. Eu pensei que se você visse as pinturas, você faria perguntas, poderia imaginar como aquelas imagens tinham vindo da minha mente. Eu estava tão assustada que você descobrisse de onde eu era realmente. Quem eu realmente era.”

“E agora eu sei.”

“E agora você sabe.” Jocelyn soou melancólica. “E você tem toda a razão em me odiar.”

“Eu não odeio você mãe,” Clary disse. “Eu só...”

“Não me apóie,” Jocelyn disse. “Eu não posso culpar você. Eu deveria ter dito a você a verdade. Ela tocou o ombro de Clary levemente e pareceu se encorajar quando Clary não se afastou. “Eu posso dizer que eu fiz isso para proteger você, mas eu sei como isso deve soar. Eu estava lá, e agora, no Salão, olhando você...”

“Você estava lá? Clary ficou assustada.” “Eu não vi você.”

“Eu estava bem atrás do Salão. Luke tinha me dito para não ver para a reunião, que minha presença iria apenas aborrecer a todos e por tudo a perder, e ele provavelmente estava certo, mas eu quis tanto estar lá. Eu escapuli para dentro depois que a reunião começou e me escondi nas sombras. Mas eu estava lá. E eu só queria te dizer...”

“Que eu me fiz de boba?” Clary disse amargamente. “Eu já sei disso.”

“Não. Eu queria dizer que eu estava orgulhosa de você.”

Clary se pôs de lado para olhar para sua mãe. “Você estava?”

Jocelyn acenou. “É claro que eu estava. O modo que você enfrentou a Clave daquele jeito. O modo que você mostrou a eles o que você podia fazer. Você fez eles olharem para você e ver a pessoa que eles mais amavam no mundo, não foi?”

“Yeah,” Clary disse. “Como você sabia?”

“Por que eu ouvi todos eles chamando diferentes nomes,” Jocelyn disse suavemente. “Mas eu ainda via você.”

“Ah.” Clary olhou abaixo para seus pés. “Bem, eu ainda não tenho certeza se eles acreditaram em mim sobre as runas. Quero dizer, eu espero que sim, mas...”

“Eu posso vê-la?” Jocelyn perguntou.

“Ver o que?”

“A runa. A que você criou para aliar os Caçadores de Sombras e Downworlders.” Ela hesitou. “Se você não puder me mostrar...”

“Não, está tudo bem.” Com a estela Clary traçou as linhas da runa que o anjo tinha lhe mostrado através do degrau de mármore do Salão de Acordos, e elas brilharam em linhas de ouro quentes enquanto ela as desenhava. Era um runa forte, um mapa de linhas curvilíneas sobrepostas a uma matriz de linhas retas. Simples e complexa ao mesmo tempo. Clary sabia agora o porquê ela tinha parecido de algum modo inacabada para ela quando ela a tinha visualizado antes? Ela precisava de uma runa correspondente para funcionar. Uma gêmea, Uma parceira. “Aliança,” ela disse, puxando a estela de volta. “Isso é como eu a chamo.”

Jocelyn observou silenciosamente enquanto a runa queimava e desaparecia, deixando desbotadas linhas pretas na pedra. “Quando eu era uma jovem,” ela disse finalmente. “Eu lutei tão duramente para aliar Downworlders e Caçadores de Sombras juntos, para proteger os Acordos. Eu pensei que estava perseguindo um tipo de sonho – algo que a maioria dos Caçadores de Sombra dificilmente podiam imaginar. E agora você fez isso concreto, literal e *verdadeiro*.” Ela piscou com dificuldade. “Eu percebi algo, olhando para você lá no Salão. Você sabe, todos esses anos eu tentei proteger você te escondendo. Eis o porquê eu odiei que você fosse ao Pandemonium. Eu sabia que era um lugar onde os downworlders e os mundanos se misturavam – e o que significava que lá haveria Caçadores de Sombras. Eu imaginei que era algo em seu sangue que puxou você para o lugar, algo que reconhecia o mundo das sombras, mesmo sem sua visão. Eu pensei que você estaria a salvo se somente eu pudesse manter esse mundo escondido de você. Eu nunca pensei em tentar proteger você te ajudando a ser forte e a lutar.” Ela soava triste. “Mas de algum modo você ficou forte. Forte o suficiente para eu dizer a você a verdade, se você ainda quiser ouvi-la.”

“Eu não sei.” Clary pensou nas imagens que o anjo tinha mostrado a ela, o quanto terríveis elas tinham sido. “Eu sei que eu estava zangada com você por mentir. Mas eu não tenho certeza se eu quero descobrir mais coisas horríveis.”

“Eu falei com Luke. Ele achou que você deveria saber o que eu tenho para lhe contar. A história toda. Tudo isso. Coisas que eu nunca contei a ninguém, nunca disse a ele. Eu não posso prometer a você que toda a verdade é agradável. Mas esta é a verdade.”

*A Lei é dura, mas é a Lei.* Ela devia isso a Jace, descobrir a verdade tanto quanto ela devia isso a si mesma. Clary reforçou seu aperto na estela em sua mão, seus nós dos dedos embranquecendo. “Eu quero saber de tudo.”

“Tudo...” Jocelyn tomou um profundo fôlego. “Eu nem mesmo sei por onde começar.”

“Que tal começar com como você pôde casar com Valentine? Como você pôde casar com um homem daquele, feito dele meu pai...ele é um *monstro*.”

“Não. Ele é um homem.” Ele não é um bom homem. Mas se você quer saber o por que eu casei com ele, foi por que eu o amava.”

“Você não pode,” Clary disse. “Ninguém poderia.”

“Eu era da sua idade quando eu me apaixonei por ele,” Jocelyn disse. “Eu pensava que ele era perfeito – brilhante, inteligente, maravilhoso, engraçado, charmoso. Eu sei, você está olhando para mim como se eu tivesse enlouquecido. Você só conhece Valentine do modo que ele é agora. Você não pode imaginar como ele era então. Quando nós estávamos na escola juntos, *todo mundo* amavam ele. Ele parecia iluminar, de um modo, como se houvesse algo especial e brilhantemente iluminando parte do universo que só ele tinha o acesso, e se nós tivéssemos sorte, ele poderia dividir isso conosco, e eu pensei que eu não tinha uma chance. Não havia nada de especial em mim, Eu não era nem mesmo popular; Luke era um dos meus amigos melhores amigos, e eu passava a maior parte do meu tempo com ele. Mesmo assim, de algum modo, Valentine me escolheu. “

*Nojento*, Clary queria dizer. Mas ela se segurou. Talvez tivesse sido a avidez na voz de sua mãe, misturada com pesar. Talvez era o que ela tinha dito sobre Valentine espalhando luz. Clary tinha pensado a mesma coisa de Jace antes, e então se sentiu estúpida por pensar nisso. Mas talvez todos apaixonados se sentissem assim.

“Ok,” ela disse. “eu entendi. Mas você tinha dezesseis até então. Não significava que você tinha que casar com ele depois.”

“Eu tinha dezoito quando nós nos casamos. Ele tinha dezenove,” Jocelyn disse em um tom definitivo.

“Ai meu Deus,” Clary disse em horror. “Você ia me *matar* se eu quisesse me casar quando eu tivesse dezoito.”

“Eu mataria,” Jocelyn concordou. “Mas Caçadores de Sombras tendem a se casar mais cedo do que os mundanos. Suas...*nossas*... vidas são mais curtas; um monte de nós morrem mortes violentas. Nós tendemos a fazer tudo mais cedo por causa disso. Mesmo assim, eu era jovem para me casar. Ainda, minha família estava feliz por mim – mesmo Luke estava feliz por mim. Todos pensavam que Valentine era um garoto maravilhoso. E ele era, você sabe, só um garoto. A única pessoa que me disse que eu não deveria casar com ele foi Madeleine. Nós tínhamos sido amigas na escola, mas quando eu disse a ela que eu estava noiva, ela disse que Valentine era egoísta e odioso, que seu charme mascarava uma terrível amoralidade. Eu disse a mim mesma que ela estava com ciúmes.”

“E ela estava?”

“Não,” Jocelyn disse. “ela estava dizendo a verdade. Eu só não queria ouvir ela.” Ela olhou para suas mãos.

“Mas você se arrependeu,” Clary disse. “Depois que você casou com ele, você se arrependeu disso, certo?”

“Clary,” Jocelyn disse. Ela soava cansada. “Nós éramos *felizes*. Pelo menos nos primeiros anos. Nós fomos morar na casa da mansão de meus pais, onde eu cresci; Valentine não

queria estar na cidade, e ele queria que o resto do Circulo evitasse Alicante e também os olhos espiões da Clave. Os Waylands viviam em uma mansão a uma ou duas milhas da nossa, e lá havia os outros por perto – os Lightwoods, os Penhallows. Era com estar no centro do mundo, com toda essa atividade girando ao nosso redor, toda sua paixão, e através disso tudo eu estava ao lado de Valentine. Ele nunca me fez sentir desnecessária ou sem importância. Não, eu era uma chave indispensável do Circulo. Eu era um dos poucos cujas opiniões que ele confiava. Ele me dizia mais e mais que sem mim, ele não podia fazer nada daquilo. Sem mim, ele ia ser um nada.”

“Ele *disse*?” Clary não podia imaginar Valentine dizendo qualquer coisa como aquilo, qualquer coisa que fizesse ele parecer...vulnerável.

“Ele disse, mas não era verdade. Valentine nunca poderia ter sido um nada. Ele nasceu para ser um líder, para ser o centro de uma revolução. Mais e mais convertidos vinham a ele. Eles eram atraídos por sua paixão e o brilho de suas idéias. Ele raramente falava de Downworlders naqueles primeiros dias. Tudo era sobre a reforma da Clave, mudança de leis que eram antigas, e rígidas e erradas. Valentine dizia que deveria haver mais Caçadores de Sombras, mas para lutar contra os demônios, mais Institutos, que nós deveríamos nos preocupar menos sobre se esconder e mais sobre proteger o mundo da espécie demoníaca. Que nós deveríamos andar de cabeça e e orgulhosos no mundo. Isso era sedutor, sua visão: um mundo cheio de Caçadores de Sombras onde demônios fugiam assustados e mundanos, ao invés de acreditarem que eles não existiam, nos agradecesse pelo que nós fazíamos por eles. Nós éramos jovens; nós pensávamos que agradecimentos eram importantes. Nós não sabíamos.” Jocelyn tomou um profundo fôlego, como se ela estivesse prestes a mergulhar debaixo d'agua. “Então eu fiquei grávida.”

Clary sentiu um frio ferrão na parte detrás de sua nuca e subitamente – ela não podia dizer o porque - ela não tinha mais certeza se ela queria a verdade de sua mãe, não tinha certeza se ela queria ouvir, de novo, como Valentine tinha tornado Jace em um monstro. “Mãe...”

Jocelyn agitou sua cabeça cegamente. “Você me perguntou o porque eu nunca ter dito a você que você tinha um irmão. *Este é o porque.*” Ela tomou uma respiração áspera.”Eu estava tão feliz quando eu descobri. E Valentine – ele sempre quis ser um pai, ele dizia. Para treinar seu filho para ser um guerreiro do modo que seu pai tinha treinado ele. 'Ou sua filha,' ele tinha dito, e ele sorriu e disse que uma filha poderia ser uma guerreira tão boa quanto um menino, e ele ele ficaria feliz com ambos. Eu pensei que tudo era perfeito.”

“E então Luke foi mordido por um lobisomem. Ele dirão a você que há uma em duas chances que uma mordida passará licantropia. Eu acho que é mais como três em quatro. Eu raramente vi alguém escapar da doença, e Luke não era exceção. Na próxima lua cheia ele mudou. Ele estava lá em nossa porta de manhã, coberto com sangue, suas roupas rasgadas em trapos. Eu queria confortar ele, mas Valentine me colocou de lado. 'Jocelyn,' ele disse, 'o bebê.' Como se Luke fosse correr para mim e rasgar o bebê da minha barriga. Era *Luke*, mas Valentine me empurrou para longe e arrastou Luke pelos degraus e para dentro da floresta. Quando ele voltou muito mais tarde ele estava sozinho. Eu corri para ele, mas ele me disse que Luke tinha se matado em desespero por sua licantropia. Que ele estava...morto.”

A dor na voz de Jocelyn era ferida e áspera, Clary pensou, mesmo agora, quando ela sabia que Luke não tinha morrido. Mas Clary se lembrou de seu próprio desespero quando ela tinha abraçado Simon enquanto ele morria sobre os degraus do Instituto. Havia alguns sentimentos que você nunca esquecia.

“Mas ele deu a Luke uma faca,” Clary disse em uma voz pequena. “Ele disse para ele se matar. Ele fez o marido de Amatis se divorciar dela, por que seu irmão tinha se tornado um lobisomem.”

“Eu não sabia,” Jocelyn disse. “Depois que Luke morreu, era como se eu me sentisse em um buraco negro. Eu passei meses na cama, dormindo o tempo todo, comendo só por causa do bebê. Mundanos diriam que eu tive depressão, mas Caçadores de sombras não tem esse tipo de termos. Valentine acreditava que eu estava tendo dificuldades na gravidez. Ele dizia a todos que eu estava doente. Eu *estava* doente – eu não podia dormir. Eu ficava pensando que eu ouvia estranhos barulhos, gritos na noite. Valentine me dava traços para dormir, mas estes só me davam pesadelos; Sonhos terríveis em que Valentine me agarrava, forçando uma faca dentro de mim, ou que eu estava engasgando com veneno. De manhã eu estava exausta, e eu dormia o dia todo. Eu não tinha idéia do que estava acontecendo lá fora, nenhuma idéia que ele tinha forçado Stephen a se divorciar de Amatis e casar com Céline. Eu estava em um entorpecimento. E então...” Jocelyn entrelaçou suas mãos juntas em seu colo. Elas estavam tremendo. “E então eu tive o bebê.”

Ela caiu em silêncio, por tanto tempo que Clary se perguntou se ela ia falar novamente. Jocelyn estava olhando sem ver em direção as torres demônio, seus dedos tamborilando nervosos contra seus joelhos. Finalmente ela disse, “Minha mãe estava comigo quando o bebê nasceu. Você nunca conheceu ela. Sua avó. Ela era uma mulher gentil. Você teria gostado dela, eu acho. Ela estendeu meu filho, e primeiro eu só sabia que ele cabia perfeitamente em meus braços, que o cobertor envolvendo ele era macio, e que ele era tão pequeno e delicado, com só uma mecha de cabelo loiro no topo de sua cabeça. E então ele abriu os olhos.”

A voz de Jocelyn era vazia, quase sem tom, e ainda Clary encontrou a si mesma tremendo, assustada com o que sua mãe poderia dizer a seguir. *Não*, ela quis dizer. *Não me diga*. Mas Jocelyn continuou, suas palavras se despejando fora dela como um veneno frio.

“Horror passou sobre mim. Era como estar sendo banhada em ácido – minha pele parecia queimar meus ossos, e isso foi tudo o que eu pude fazer para não derrubar o bebê e começar a gritar. Eles dizem que toda mãe conhece seu próprio filho instintivamente. Eu acho que o oposto é verdade também. Cada nervo em meu corpo estava gritando que este não era o meu bebê, o que era algo horrível e não natural, tão inumano quanto um parasita. Como minha mãe não podia ver isso? Mas ela estava sorrindo para mim com se não houvesse nada de errado.”

“Seu nome é Jonathan,” disse uma voz vinda da entrada. Eu olhei acima e vi Valentine observando a cena perante ele com um olhar de prazer. O bebê abriu os olhos de novo, como se reconhecesse o som de seu nome. Seus olhos eram negros, negros como a noite, insondável como túneis cavados em seu crânio. Não havia nada de humanos neles.”

Houve um longo silêncio. Clary se sentou congelada, olhando para sua mãe boquiaberta em terror. *É de Jace que ela está falando*, ela pensou. *Jace quando ele era um bebê. Como você podia se sentir assim com um bebê?*

“Mãe,” ela sussurrou. “Talvez...talvez você estivesse em choque ou algo assim. Ou talvez você estivesse doente...”

“Isso é o que Valentine me disse,” Jocelyn disse sem emoção. “Que eu estava doente. Valentine adorava Jonathan. Ele não podia entender o que estava errado comigo. E eu sabia que ele estava certo. Eu era um monstro. Uma mãe que não podia permanecer com o próprio filho. Eu pensei em me matar. Eu podia ter feito isso também – e então eu recebi uma mensagem, entregue por carta-fogo, vinda de Ragnor Fell. Ele era o bruxo que sempre tinha estado próximo a minha família; era ele quem nós chamávamos quando nós precisávamos de um feitiço para cura, esse tipo de coisa. Ele descobriu que Luke tinha se tornado o líder de um bando de lobisomens na floresta Brocelind, na fronteira oriental. Eu queimei o bilhete uma vez que o li. Eu sabia que Valentine nunca poderia saber. Mas não foi até que eu fosse ao acampamento lobisomem e vi Luke, o qual eu soube com certeza de que Valentine tinha mentido para mim, mentido sobre o suicídio de Luke. E foi então que eu comecei verdadeiramente a odiar ele.”

“Mas Luke disse que você sabia que tinha algo de errado com Valentine...que você sabia que ele estava fazendo algo terrível. Ele disse que você sabia antes mesmo de ele ter sido mudado.”

Por um momento Jocelyn não respondeu. “Você sabe, Luke nunca deveria ter sido mordido. Isso nunca deveria ter acontecido. Era uma patrulha de rotina nas florestas, ele estava fora com Valentine...isso nunca deveria ter acontecido.”

“Mãe...”

“Luke contou que eu disse a ele que estava com medo de Valentine antes de ele ter sido mudado. Ele contou que eu disse a ele que eu podia ouvir gritos através das paredes da mansão, que eu suspeitava de algo, de algo terrível. E Luke... Luke em confiança...perguntou a Valentine sobre isso no dia seguinte. Aquela noite Valentine levou Luke em uma caçada, e ele foi mordido. Eu achei...eu achei que Valentine me fez esquecer o que eu tinha visto, o que quer que fosse que me assustava. Ele me fez acreditar que tudo isso eram pesadelos. E eu acho que ele se assegurou que Luke fosse mordido naquela noite. Eu acho que ele queria Luke fora de seu caminho para que ninguém pudesse me lembrar que eu estava com medo do meu marido. Mas eu não percebi isso, não imediatamente. Luke e eu nos vimos um ao outro tão brevemente naquele primeiro dia, e eu queria tanto dizer a ele sobre Jonathan, mas eu não pude. Eu não pude. Jonathan era meu filho. E ainda, vendo Luke, apenas vendo ele, me fez mais forte. Eu voltei para casa dizendo a mim mesma que eu tinha que fazer um novo esforço com Jonathan, que aprenderia a amá-lo. Me faria amar ele.

“Naquela noite fui acordada pelo som de um bebê chorando. Eu me sentei rapidamente,



sozinha no quarto. Valentine estava fora para uma reunião do Círculo, então eu não tinha ninguém para dividir o meu espanto. Jonathan, veja só, nunca chorava, nunca fez um barulho. Seu silêncio era uma das coisas que mais me aborrecia sobre ele. Eu me lancei no corredor para seu quarto, mas ele estava dormindo silenciosamente. E ainda, eu *podia* ouvir um bebê chorando, eu tinha certeza disso. Corri abaixo pelas escadas, segundo o som do choro. Ele parecia estar vindo de dentro de uma adega vazia, mas a porta estava fechada. A adega nunca foi usada. Mas eu tinha crescido na mansão. Eu sabia onde meu pai escondia a chave....”

Jocelyn não olhou para Clary enquanto ela falou; ela parecia perdida na história, em suas memórias.

“Eu nunca te contei a história da esposa de Barba Azul, contei, quando você era uma garotinha? O marido disse a sua esposa para nunca olhar dentro do quarto trancado, e ela olhou, e encontrou todas as esposas que ele tinha assassinado antes dela, exibidas como borboletas em um estojo de vidro. Eu não tinha idéia de que quando eu destrancasse aquela porta o que eu iria encontrar dentro. Se eu tivesse que fazer isso novamente, eu seria capaz de levar a mim mesma a abrir a porta, utilizar minha luz de bruxa para me guiar lá embaixo na escuridão? Eu não sei Clary. Eu apenas não sei.”

“O cheiro...ah, o cheiro lá embaixo, como sangue e morte e podridão. Valentine tinha escavado um lugar debaixo do terreno, no que tinha sido uma vez a adega. Não era uma criança que eu tinha ouvido chorando, depois de tudo. Havia celas lá embaixo agora, com coisas aprisionadas nelas. Criaturas – demônios, presas em correntes de electrum, retorcidas, e decaída e gorgolejando em suas celas, mas lá havia mais, muito mais...os corpos de downworlders, em diferentes estágios de morte e morrendo. Havia lobisomens, seus corpos semi dissolvidos em pó de prata. Vampiros segurando cabeças embaixo de água benta até que suas peles descansassem de seus ossos. Fadas cujas pele foram perfuradas com ferro frio.”

“Mesmo agora eu não penso nele como um torturador. Não de verdade. Ele parecia estar buscando um quase fim científico. Havia livros de notas em cada porta de cela, relatórios meticulosos de suas experiências, quanto tempo tinha levado para cada criatura morrer. Havia lá um vampiro cuja pele ele tinha queimado mais e mais de novo para ver se havia um ponto além em que a pobre criatura não podia mais se regenerar. Era difícil ler o que ele tinha escrito sem esperar desmaiar ou vomitar. De algum modo eu eu não fiz ambos.”

“Havia uma página dedicada a experimentos que ele tinha feito em si mesmo. Ele tinha lido em algum lugar que o sangue dos demônios poderia agir como um amplificador dos poderes que nascem naturalmente com os Caçadores de Sombras. Ele tinha tentado injetar em si mesmo com o sangue, para nenhum fim. Nada tinha acontecido exceto que ele tinha ficado doente. Eventualmente ele chegou a conclusão de que ele era muito velho para que o sangue afetasse ele, que ele deveria ser dado a uma criança para ter todo efeito, preferencialmente uma prestes a nascer.”

“Através da página relatando aquelas conclusões particulares ele tinha escrito uma série de notas com um cabeçalho que eu reconheci. Meu nome. *Jocelyn Morgenstern*.

“Eu me lembro do modo que meus dedos tremiam enquanto eu virava as páginas, as palavras se queimando dentro de meu cérebro.” Jocelyn bebeu a mistura de novo hoje a noite. Sem visíveis mudanças nela, mas de novo é a criança que me preocupa...com a regular infusão de fluído demoníaco tal com eu tenho dado a ela, a criança pode ser capaz de qualquer feito...Noite passada eu ouvi o batimento cardíaco da criança, mas forte do que qualquer coração humano, o som como um poderoso sino, tocando o começo de uma nova geração de Caçadores de Sombras, o sangue dos anjos e demônios misturados para produzir poderes além de qualquer previamente imaginado possível...Já não será o poder dos downworlders o maior nesta terra...”

“Havia mais, muito mais. Eu agarrei as páginas, meus dedos tremendo, minha mente voltando, vendo as misturas que Valentine tinha me dado para beber cada noite, os pesadelos sobre estar sendo esfaqueada, sufocada, envenenada. Mas eu não era a que estava sendo envenenada. Foi Jonathan. Jonathan, a quem ele tornou uma espécie de *coisa* meio demônio. E que, Clary, *o que* era quando eu percebi o que Valentine realmente era.”

Clary soltou sua respiração, ela não tinha percebido que ela a estava segurando. Isso era horrível...tão horrível - e ainda tudo combinava com a visão que Ithuriel tinha mostrado a ela. Ela não tinha certeza de quem ela sentia mais pena, sua mãe ou Jonathan. Jonathan...ela não podia pensar nele como Jace, não com sua mãe lá, não com a história tão fresca em sua mente – cuidado para ser não bastante humano por um pai que tinha se importado mais em assassinar os Downworlders do que ele tinha sobre sua própria família.

“Mas...você não partiu, não é? Clary perguntou, sua voz soando pequena aos seus ouvidos. “Você ficou...”

“Por duas razões,” Jocelyn disse.”Uma era a Revolta. O que eu encontrei na adega aquela noite era como um tapa na cara. Isso me acordou para minha tristeza e me fez ver que estava acontecendo ao meu redor. Uma vez que eu percebi o que Valentine estava planejando – o massacre em massa de Downworlders – eu soube que eu não podia deixar isso acontecer. Eu comecei a me encontrar em segredo com Luke. Eu não podia dizer a ele o que Valentine tinha feito a mim e a nosso filho. Eu sabia que isso só o deixaria bravo, que ele seria incapaz de parar a si mesmo de tentar caçar Valentine e matar ele, e ele só se mataria no processo. E eu não podia deixar ninguém mais saber o que tinha sido feito a Jonathan também. Apesar de tudo, ele ainda era meu filho. Mas eu disse a Luke sobre os horrores na adega, da minha convicção que Valentine estava perdendo a cabeça, ficando progressivamente mais louco. Juntos, nós planejamos frustrar a Revolta. Eu me senti motivada a fazer isso, Clary. Foi um tipo de expiação, o único modo que eu podia fazer a mim mesma de me sentir como eu pagar pelo pecado de ter me juntado ao Círculo, de ter confiado em Valentine. De ter amado ele.”

“E ele não soube? Valentine, eu quero dizer. Ele não percebeu o que você estava fazendo?”

Jocelyn agitou sua cabeça. “Quando as pessoas amam você, elas confiam em você. Por outro lado, em casa eu tentava fingir que tudo estava normal. Meu comportamento apesar da minha repulsa inicial a visão de Jonathan tinha acabado. Eu queria levá-lo a casa de

Maryse Lightwood, deixá-lo brincar com seu bebê, Alec. Às vezes Céline Herondale se juntava a nós – ela estava grávida naquele tempo. 'Seu marido é tão gentil', ela me disse. 'Ele é tão preocupado com Stephen e eu. Ele me dá porções e misturas para a saúde do bebê; elas são maravilhosas.'

“Ah,” Clary disse. “Ah, meu Deus.”

“Isso foi o que eu pensei,” Jocelyn disse desgostosamente. “Eu queria dizer a ela para não confiar em Valentine ou aceitar qualquer coisa que ele desse a ela, mas eu não podia. Seu marido era o melhor amigo de Valentine, e ela teria me traído para ele imediatamente. Eu continuei com minha boca fechada e então...”

“Ela se matou,” Clary disse, se lembrando da história. “Mas...foi por causa do que Valentine fez a ela?”

Jocelyn balançou sua cabeça. “Eu honestamente acho que não. Stephen foi morto em um ataque, e ela cortou seus pulsos quando ela descobriu a notícia. Ela estava grávida de oito meses. Ela sangrou até a morte...” Ela pausou. “Hodge foi quem descobriu seu corpo. E Valentine na verdade pareceu transtornado com suas mortes. Ele desapareceu por quase um dia inteiro mais tarde, e ele veio para casa com olheiras e comovido. E ainda de certa forma, eu estava quase grata por sua distração. Pelo menos ele não estava prestando atenção no que eu estava fazendo. Dia após dia eu ficava mais e mais assustada que Valentine pudesse descobrir a conspiração e tentar arrancar a verdade de mim: Quem estava em nossa aliança secreta? Quanto eu tinha traído de seus planos? Eu me perguntei quanto eu resistiria sob tortura, se eu poderia me manter contra ela. Eu estava terrivelmente assustada que eu não pudesse. Eu resolvi finalmente tomar medidas para ter certeza que isso nunca acontecesse. Eu fui a Fell com meus temores e ele criou uma poção para mim...”

“A poção do Livro Branco,” Clary disse, compreendendo. “Este é o porque você queria isso. E o antídoto...como ele parou na biblioteca dos Waylands?”

“Eu o escondi lá uma noite, durante uma festa,” Jocelyn disse com o traço de um sorriso. “Eu não quis falar a Luke...eu sabia que ele ia odiar toda a idéia da poção, mas todo sabiam que eu estava no Círculo. Eu enviei uma mensagem a Ragnor, mas ele estava deixando Idris e não disse quando ele ia voltar. Ele disse que podia sempre estar ao alcance de uma mensagem – mas quem iria enviá-la? Eventualmente eu percebi que havia alguém que eu podia dizer, uma pessoa que odiava Valentine o suficiente e que ela nunca me trairia a ele. Eu enviei uma carta a Madeleine explicando o que eu planejava fazer e que o único modo de me reviver era encontrar Ragnor Fell. Eu nunca ouvi uma palavra de volta vindo dela., mas eu tinha que acreditar que ela tinha lido a mensagem e entendido. Era tudo o que eu tinha para me apegar.”

“Duas razões,” Clary disse. “Você disse que haviam duas razões que você ficou. Uma era a Revolta. E qual era a outra?”

Os olhos verdes de Jocelyn estavam cansados, mas luminosos e largos. “Clary,” ela disse, “você não pode adivinhar? A segunda razão é que eu estava grávida de novo. Grávida de

você.”

“Ah,” Clary disse em uma voz pequena. Ela se lembrou de Luke dizendo, *Ela estava carregando outra criança e e sabia disso a semanas*. “Mas isso não fez você querer fugir ainda mais?”

“Sim,” Jocelyn disse. “Mas eu sabia que não podia. Se eu fugisse de Valentine, ele teria movido céus e inferno para me trazer de volta. Ele teria me seguido até os confins da terra, por que eu pertencia a ele e ele nunca me deixaria ir. E talvez eu teria deixado ele vir atrás de mim, e me arriscado, mas eu nunca deixaria ele ir atrás de você.” Ela empurrou seu cabelo para trás de seu rosto parecendo cansado. “Havia só um modo de eu fazer que ele nunca fosse. E isso era ele morrer.”

Clary olhou para sua mãe em surpresa. Jocelyn ainda parecia cansada, mas seu rosto estava brilhando com um luz feroz.

“Eu pensei que ele iria ser morto durante a Revolta,” ela disse, “eu não podia ter assassinado ele. Eu não poderia me trazer a fazer isso de alguma forma. Mas eu nunca pensei que ele fosse sobreviver a batalha, E mais tarde, quando a casa foi incendiada, eu quis acreditar que ele estava morto. Eu disse a mim mesma, mais e mais vezes. que ele e Jonathan tinham queimado até a morte no fogo. Mas eu sabia...” Sua voz falhou. “Foi por isso que eu fiz o que fiz. Eu pensei que era o único modo de proteger você... tirando suas memórias, fazendo você tão mundana quanto eu pudesse. Escondendo você no mundo mundano. Foi burrice, e percebo isso agora, burrice e errado. E eu lamento, Clary. Eu só espero que você possa me perdoar – se não agora, então no futuro.”

“Mãe.” Clary limpou sua garganta. Ela sentia como se estivesse prestes a chorar pelos últimos dez minutos. “Tudo bem. É só que...há uma coisa que eu não entendo.” Ela apertou seus dedos no material de seu casaco. “Quero dizer, eu sabia um pouco do que Valentine fez a Jace...quero dizer, Jonathan. Mas o modo que você descreve Jonathan, é como se ele era um monstro. E, mãe, Jace não é assim. Ele não é nada disso. Se você conhecesse ele...se você pudesse apenas encontrá-lo...”

“Clary.” Jocelyn estendeu e pegou a mão de Clary nas delas. “Há mais do que eu tenho a dizer a você. Não há mais nada que eu esconda de você, ou minta. Mas há coisas que eu sabia, coisas que eu só agora descobri. E elas podem ser muito difíceis de escutar.”

*Pior do que você já me disse?* Clary pensou. Ela mordeu seu lábio e acenou. “Vá em frente e me diga. Eu prefiro saber.”

“Quando Dorothea me disse que Valentine tinha sido visto na cidade, eu sabia que ele estava lá por minha causa...pela Taça. Eu quis fugir, mas eu não podia me fazer dizer a você o porquê. Eu não culpo você por fugir de mim naquela noite terrível, Clary. Eu só estava feliz que você não estivesse lá quando seu pai...quando Valentine e seus demônios invadiram nosso apartamento. Eu só tive tempo de engolir a poção...eu só tive tempo de ouvir eles arrombarem a porta...” Ela se interrompeu...sua voz apertada. “Eu esperava que Valentine me deixasse para morrer, mas ele não o fez. Ele me trouxe para Renwick com ele. Ele tentou

vários métodos para me acordar, mas nada funcionava. Eu estava em uma espécie de estado de sonho; eu estava semi-consciente que ele estava lá, mas eu não podia me mover ou responder a ele. Eu duvido que ele pensasse que eu pudesse ouvir e entender ele. E ainda assim ele se sentava na cama enquanto eu dormia e falava comigo.”

“Falava com você? Sobre o que?”

“Sobre nosso passado. Nosso casamento. Como ele tinha me amado e eu tinha traído ele. Como ele não tinha amado ninguém desde então. Eu acho que ele quis dizer isso também, tanto quanto ele podia querer dizer essas coisas. Eu tinha sempre sido a quem ele falava sobre as dúvidas que ele tinha, a culpa que ele sentia, e nos anos desde que eu deixei ele eu não acredito que havia tido ninguém mais. Eu acho que ele não podia parar a si mesmo de falar para mim, mesmo sabendo que ele não deveria. Eu acho que ele apenas queria falar com alguém. Você teria pensado o que é que estaria em sua cabeça com o que ele fez àquelas pobres pessoas, fazendo deles Esquecidos, e o que ele estava planejando fazer com a Clave. Mas não foi. O que ele queria falar era sobre Jonathan. “

“O que sobre ele?”

A boca de Jocelyn se apertou. “Ele queria me dizer que ele lamentava pelo o que ele tinha feito a Jonathan antes de ele ter nascido, por ele saber que isso tinha quase me destruído. Ele sabia que eu esta perto de me suicidar - apesar que ele não sabia que eu estava também desesperada pelo o que eu tinha descoberto sobre ele. Ele de alguma forma conseguiu possuir o sangue de anjo. Ele é quase uma substância lendária para os Caçadores de Sombras. Supõe-se que beber dela dá a você uma incrível força. Valentine tinha tentado ela em si mesmo e descobriu que ela deu a ele não só uma crescente força mas um sentimento de euforia e felicidade, todas as vezes que ele a injetava em seu sangue. Então ele tirou algum, o secou até ao pó, e misturou ele em minha comida, esperando que ela ajudasse em meu desespero.”

*Eu sei de onde ele pegou o sangue de anjo*, Clary pensou, pensando em Ithuriel com uma acentuada tristeza. “Você acha que ele funcionou?”

“Eu me pergunto agora se este era o porque que eu subitamente encontrei o foco e a capacidade de continuar, e ajudar Luke a frustrar a Revolta. Isso seria irônico que se foi esse caso, considerando o por que Valentine fez isso em primeiro lugar. Mas o que ele não sabia era que enquanto ele estava fazendo isso, eu estava grávida de você. Então quanto isso pode ter me afetado ligeiramente, ele afetou você muito mais. Eu acredito que é esse o por que você pode fazer o que você pode com as runas.”

“E talvez,” Clary disse, “o por que você pode fazer coisas como capturar a imagem da Taça Mortal em uma carta de tarô. E o por que de Valentine poder fazer coisas como tirar a maldição de Hodge...”

“Valentine tinha levado anos de experimentação sobre si mesmo em uma miríades de formas,” Jocelyn disse. “Ele está tão perto agora quanto um ser humano, um Caçador de Sombra, pode chegar a um bruxo. Mas nada do que ele fez consigo mesmo teria o tipo de

profundo efeito sobre ele que teria em você ou em Jonathan, por que vocês eram tão jovens. Eu não tenho certeza se alguém fez antes o que Valentine fez, não a um bebê antes dele nascer.”

“Então Jace...Jonathan...e eu realmente fomos ambos experiências.”

“Você foi uma não intencional. Com Jonathan, Valentine tinha criado uma espécie de super guerreiro, mais forte e mais rápido e melhor do que outro Caçador de Sombras. Em Renwick, Valentine me disse que Jonathan era realmente todas essas coisas. Mas que ele era também cruel e amoral e estranhamente vazio. Jonathan era leal o suficiente a Valentine, mas eu acho que Valentine percebeu que em algum lugar do caminho, em tentar criar uma criança que era superior aos outros, ele tinha criado um filho que nunca podia realmente amar ele.”

Clary pensou em Jace, do modo que ele pareceu em Renwick, o modo que ele apertou o pedaço do Portal quebrado tão duramente que seu sangue correu abaixo em seus dedos. “Não,” ela disse. “Não é não. Jace não é assim. Ele ama Valentine. Ele não deveria, mas ele ama. E ele não é vazio. Ele é o oposto de tudo o que você está dizendo.”

As mãos de Jocelyn torceram em seu colo. Havia rendilhados todo por cima com finas cicatrizes brancas – as finas cicatrizes brancas que todos os Caçadores de Sombras carregavam, a lembrança de marcas desaparecidas. Mas Clary nunca tinha realmente visto as cicatrizes de sua mãe antes. A magia de Magnus sempre tinha feito ela as esquecer. Havia uma, no lado de dentro do pulso de sua mãe, que era muito parecida com a forma de uma estrela...

Sua mãe falou então, e todos os pensamentos de qualquer coisa mais voaram da mente de Clary. “Eu não estou,” Jocelyn disse, “falando sobre Jace.”

“Mas...” Clary disse. Tudo pareceu estar acontecendo muito lentamente, como se ela estivesse sonhando. *Talvez eu estou sonhando*, ela pensou. *Talvez minha mãe nunca acordou, e tudo isso é um sonho*. “Jace é filho de Valentine. Quero dizer. Quem mais ele poderia ser?”

Jocelyn olhou direto dentro dos olhos de sua filha. “Na noite que Céline Herondale morreu, ela estava grávida de oito meses. Valentine tinha dado a ela poções, polvilhadas – ele estava tentando nela o que ele tinha tentado em si mesmo, com o sangue de Ithuriel, esperando que o filho de Stephen pudesse ser tão forte e poderoso quanto ele suspeitava que Jonathan seria, mas sem as piores qualidades de Jonathan. Ele não podia aguentar que sua experiência fosse se perder, então com a ajuda de Hodge ele retirou o bebê de fora da barriga de Celine. Ela só tinha morrido a pouco tempo....”

Clary fez um barulho engasgado. “Isso não é possível.”

Jocelyn continuou como se Clary não tivesse falado. “Valentine tirou aquele bebê e fez Hodge trazê-lo para sua casa de infância, em um vale não muito longe do Lago Lyn. Esse foi o porque ele ter partido naquela noite. Hodge cuidou do bebê até a Revolta. Depois



disso, por que Valentine estava fingindo ser Michael Wayland, ele mudou a criança para a mansão dos Wayland e criou ele como o filho de Michael Wayland.”

“Então Jace.” Clary sussurrou. “Jace *não* é meu irmão?”

Ela sentiu sua mãe apertar sua mão – um simpático aperto. “Não, Clary. Ele não é.”

A visão de Clary escureceu. Ela podia sentir seu coração martelando em separado, distintas batidas. *Minha mãe lamenta por mim*, ela pensou distantemente. *Ela acha que isso são más notícias*. Suas mãos estavam tremendo. “Então de quem eram aqueles ossos que estavam no incêndio? Luke disse que eram ossos de uma criança...”

Jocelyn balançou sua cabeça; “Aqueles eram os ossos de Michael Wayland, e os ossos de seu filho. Valentine matou ambos e queimou seus corpos. Ele esperava que a Clave acreditasse que ambos, ele e seu filho estavam mortos.”

“Então

Jonathan...”

“Está vivo,” Jocelyn disse, a dor brotando através de seu rosto. “Valentine me disse mais em Renwick. Valentine trouxe Jace para a mansão Wayland e Jonathan na casa próxima ao lago. Ele conseguiu dividir seu tempo entre os dois, viajando de uma casa para a outra, as vezes deixando um ou ambos sozinhos por longos períodos de tempo. Parece que Jace nunca soube sobre Jonathan, embora Jonathan parecia saber sobre Jace. Ele nunca se encontraram, apesar de eles provavelmente viverem a só milhas um do outro.”

“E Jace não tem sangue de demônio nele? Ele não é....amaldiçoado?”

“Amaldiçoado?” Jocelyn pareceu surpresa. “ Não, ele não tem sangue de demônio. Clary, Valentine experimentou em Jace quando ele era um bebê com o mesmo sangue que ele usou em mim, em você. Sangue de anjo. Jace não é amaldiçoado. O oposto, se é alguma coisa. Todos Caçadores de Sombras tem algum sangue de anjo neles...vocês dois tem um pouco mais.”

A mente de Clary girou . Ela tentou imaginar Valentine educando duas crianças ao mesmo tempo, uma parte demônio, uma parte anjo. Um menino sombra, e outro luz. Amando ambos, talvez, tanto quanto Valentine podia alma alguma coisa. Jace nunca soube sobre Jonathan, mas o que o outro garoto sabia sobre ele? Sua parte complementar, seu oposto? Ele teria odiado a imaginação dele? Vontade de conhecer ele? Teria sido indiferente? Ambos tinha sido tão sozinhos. E um deles era o seu irmão – ser verdadeiro, diretamente irmão de sangue. “Você acha que ele é o mesmo? Jonathan, eu quero dizer? Você acha que ele poderia ter ficado... melhor?”

“Eu acho que não,” Jocelyn disse gentilmente.

“Mas o que te faz ter tanta certeza?” Clary prolongou o olhar para sua mãe. Subitamente ansiosa. “Quero dizer, talvez ele mudou. Isso foi há anos. Talvez...”

“Valentine me disse que ele passou anos ensinando Jonathan a como parecer agradável, até mesmo charmoso. Ele queria que ele fosse um espião, e você não pode ser um espião se você aterroriza a todos que você conhece. Jonathan aprendeu uma certa habilidade a lançar ligeiros glamoures, para convencer as pessoas que ele era agradável e confiável.” Jocelyn suspirou. “eu estou dizendo a você para que você não se sinta mal por ter sido incluída. Clary, você encontrou Jonathan. Ele nunca disse a você seu verdadeiro nome, por que ele estava se fazendo passar por outro alguém. Sebastian Verlac.”

Clary olhou para sua mãe. *Mas ele é o primo dos Penhallows*, parte de sua mente insistia, mas é claro que Sebastian nunca tinha sido quem ele alegava que ele era; tudo o que ele tinha dito tinha sido uma mentira. Ela pensou no modo que ela se sentiu na primeira vez que ela tinha visto ele, como se ela estivesse reconhecendo alguém que ele tinha conhecido toda sua vida, alguém tão intimamente familiar para ela quanto ela mesma. Ela nunca tinha se sentido daquele jeito com Jace. “Sebastian é meu irmão?”

Os ossos finos do rosto de Jocelyn estavam puxados, suas mãos trançadas juntas. Suas pontas dos dedos estavam brancas, como se ela estivesse as pressionando tão apertadamente uma contra a outra. “Eu falei com Luke por um longo tempo hoje sobre tudo o que tinha acontecido em Alicante desde que você chegou. Ele me disse sobre as torres demônio, e sua suspeita de que Sebastian tinha destruído as barreiras, apesar de ele não ter idéia de como. Eu percebi quem Sebastian realmente era.”

“Você quer dizer por causa de ele ter mentido sobre ser Sebastian Verlac? E por que ele é um espião de Valentine?”

“Essa duas coisas, sim,” Jocelyn disse, “mas realmente não foi até que Luke disse que você disse a ele que Sebastian pintava seu cabelo que eu adivinhei. E ele pode ser forte, mas um garoto apenas um pouco mais velho que você, cabelo loiro e olhos escuros, com nenhum pais aparente, totalmente fiel a Valentine...eu não posso impedir, mas acho que ele pode ser Jonathan. E há mais do que isso. Valentine sempre estava tentando encontrar um modo de trazer as barreiras abaixo, sempre determinado que havia um modo de fazer isso. Experimentando em Jonathan com sangue de demônio – ele disse que isso era mais forte nele, um lutador melhor, mas havia mais do que isso...”

Clary a encarou. “O que você quer dizer, mais do que isso?”

“Foi o seu modo de derrubar as barreiras,” Jocelyn disse. “Você não pode trazer um demônio para dentro de Alicante, mas você precisa de sangue de demônio para trazer abaixo as barreiras. Jonathan tem sangue de demônio; ele está em suas veias. E ele ser um Caçador de sombras significa que a ele é permitido automática entrada para a cidade sempre que ele quiser entrar, não importa o que. Ele utilizou seu próprio sangue para tirar as barreiras, eu tenho certeza disso.”

Clary pensou em Sebastian em pé através de seu gramado próximo as ruínas da mansão Fairchild. O jeito que seu cabelo escuro tinha soprado através de seus rosto. O jeito que ele tinha segurado os seus pulsos, suas unhas escavando dentro de sua pele. O jeito que ele tinha dito que era impossível que Valentine tivesse amado Jace. Ela pensou que isso era por

que ele odiava Valentine. Mas não era, ela percebeu. Tinha sido...ciúmes..

Ela pensou no príncipe sombrio de seus desenhos, o que tinha parecido tanto com Sebastian. Ela tinha dispensado a semelhança como coincidência, um truque da imaginação, mas agora ela se perguntou se era o laço de seu sangue compartilhado que tinha direcionado a ela para dar ao triste herói de sua história o rosto de seu irmão. Ela tentou visualizar o príncipe de novo, mas a imagem parecia estilhaçar e dissolver perante seus olhos, como cinzas sopradas longe pelo vento. Ela só podia ver Sebastian agora, a luz vermelha da cidade queimando refletida em seus olhos.

“Jace,” ela disse. “Alguém tem que dizer a ele. Dizer a ele a verdade.” Seus pensamentos tropeçavam sobre si mesmos, desordenadamente; se Jace tivesse sabido, sabido que ele não tinha sangue de demônio, talvez ele não tivesse partido atrás de Valentine. Se ele soubesse que ele não era irmão de Clary depois de tudo...

“Mas eu pensei,” Jocelyn disse, com um misto de simpatia e espanto, “que ninguém sabia onde ele estava...?”

Antes de Clary poder responder, as portas duplas do Salão balançaram-se abertas, derramando luz sobre as pilares arqueados e os degraus abaixo deles. Um bramir embotado de vozes, não mais abafados, crescia enquanto Luke vinha através das portas. Ele parecia exausto, mas havia uma leveza sobre ele que não tinha estado lá antes. Ele parecia quase aliviado.

Jocelyn levantou-se a seus pés. “Luke. O que é isso?”

Ele deu uns poucos passos em direção a elas, e então pausou entre a entrada e as escadas. “Jocelyn,” ele disse, “Eu lamento interromper vocês.”

“Está tudo bem, Luke.” Mesmo através de seu deslumbramento, Clary pensou, *Por que eles continuam dizendo os nomes um do outro assim?* Havia um certo tipo de embaraço entre eles agora, um embaraço que não tinha estado lá antes. “Há algo errado?”

Ele balançou sua cabeça. “Não. Para uma mudança, algo certo.” Ele sorriu para Clary, e não havia nada de embaraço naquilo: Ele parecia satisfeito com ela, e até orgulhoso. “Você fez isso, Clary,” ele disse. “A Clave concordou em deixar você marcar eles. Depois de tudo, não haverá rendição.”

## 18 – Saudações e Despedidas

O vale era mais bonito na realidade do que ele tinha sido na visão de Jace. Talvez fosse o brilhante luar prateando o rio que cortava através do terreno do vale verde. Bétulas brancas e aspen \* pontilhavam as laterais do vale, tremulando suas folhas na brisa fria – ela era fria acima do riacho, com nenhuma proteção contra o vento.

\*N/T: Aspen - tipo de árvore com folhas que tremem mesmo com pouca brisa.

Este era sem dúvida o vale onde ele tinha visto Sebastian da última vez. Finalmente ele o alcançou. Depois de amarrar Wayfarer em uma árvore. Jace tirou o pedaço de fio ensagüentado de seu bolso e repetiu o ritual de rastreio, só para ter certeza. Ele fechou seus olhos, esperando ver Sebastian, esperando que em algum lugar muito próximo – talvez até ainda no vale...ao invés disso ele viu só escuridão. Seu coração começou a golpear.

Ele tentou de novo, movendo o fio para seu punho esquerdo e esculpindo fracamente a runa de rastreio nas costas dela com a sua direita, menos ágil, mão. Ele deu uma profunda respiração, fechando seus olhos desta vez.

Nada, de novo. Apenas uma ondulante, escuridão sombria. Ele ficou lá por um minuto completo, seus dentes apertados, o vento cortando através de sua jaqueta, fazendo arrepios subirem em sua pele. Eventualmente, amaldiçoando, ele abriu seus olhos – e então, em um ataque de desesperada raiva, seu punho; o vento pegou o fio e o carregou para longe, tão rápido que mesmo se ele tivesse se arrependido imediatamente, ele não poderia ter pego ele de volta. Sua mente disparou. Claramente a runa de rastreio não estava mais funcionando. Talvez Sebastian tivesse notado que ele estava sendo seguido e fez algo para quebrar o encanto...mas o que você *poderia* fazer para parar um rastreamento? Talvez ele tenha encontrado uma grande área de água. Água interrompia a magia.

Não que isso ajudasse muito Jace. Não era como se ele pudesse ir a cada lago no país e ver se Sebastian estava flutuando por ali no meio dele. Ele tinha estado tão perto, muito...tão perto. Ele tinha visto este vale, visto Sebastian nele. E lá estava a casa, só parcialmente visível, aninhada contra um corpo de árvores no terreno do vale. Pelo menos valia a pena ir lá embaixo e olhar ao redor da casa para ver se lá havia alguma coisa que pudesse apontar a direção da localização de Sebastian ou de Valentine.

Com um sentimento de resignação, Jace utilizou a estela para marcar a si mesmo com um número de marcas de batalha de rápido agir, rápido desaparecer: uma para dar a ele silêncio, e uma rapidez, e outra para ter certeza de caminhada. Quando ele estava pronto...e sentindo o familiar picar de dor quente contra sua pele – ele deslizou a estela dentro de seu bolso, deu a Wayfarer um ligeiro tapinha no pescoço, e se guiou abaixo para o vale.

As laterais do vale eram enganosamente íngremes, e traiçoeiros com encostas soltas. Jace alternava fazendo seu caminho abaixo cuidadosamente e deslizando sobre a encosta, que era rápida mas perigosa. Quando ele alcançou o terreno do vale, suas mãos estavam ensangüentadas onde ele tinha caído no cascalho solto mais de uma vez. Ele as lavou na clara e rápida correnteza; sua água era dormentemente fria.

Quando ele se endireitou e olhou ao redor, ele percebeu que estava agora observando o vale de um diferente ângulo do que ele tinha em sua visão rastreadora. Lá estava o retorcido bosque de árvores, seus galhos entrelaçando, as paredes do vale elevando em todo derredor,

e lá estava a pequena casa. As janelas eram escuras agora, e sem fumaça subindo pela chaminé. Jace sentiu uma punhalada misturada de alívio e desapontamento. Seria mais fácil procurar na casa se não tivesse ninguém nela. Por outro lado, ninguém estava nela.

Enquanto ele se aproximava, ele se perguntou o que na casa da visão tinha parecido estranho. De perto, era apenas uma comum casa de fazenda de Idris, feita de quadrados de pedras brancas e cinzas. As persianas tinha sido pintadas em um azul brilhante, mas elas pareciam como se tivesse sido a anos desde que alguém tinha pintado elas novamente. Elas eram pálidas e descascadas pela idade.

Alcançando uma das janelas, Jace se içou para o peitoril e espreitou através da vidraça turva. Ele viu um grande, ligeiramente empoeirado quarto com uma bancada de espécies correndo ao longo de uma parede. As ferramentas nela não eram das que você podia fazer trabalhos manuais - elas eram ferramentas de um bruxo: pilhas de pergaminhos manchados; velas pretas derretidas; tigelas de cobre com líquido escuro seco preso as bordas; uma coleção de facas, algumas tão finas quanto perfuradores, algumas com largas lâminas quadradas. Um pentagrama estava rabiscado sobre o chão, seus contornos borrados, cada uma de suas cinco pontas decorada com uma runa diferente. O estômago de Jace apertou – as runas pareciam com as que tinham sido esculpidas ao redor dos pés de Ithuriel. Valentine poderia ter feito isso – poderia isto ser *suas* coisas? Era este seu esconderijo....um esconderijo que Jace nunca tinha visitado ou conhecido.

Jace deslizou fora do peitoril, aterrissando em um caminho de grama seca – justo quando uma sombra passou na face da lua. Mas não há pássaros aqui, ele pensou, e olhou acima a tempo de ver um corvo rondando no alto. Ele congelou, então andou rapidamente para a sombra de uma árvore e espreitou através de seus galhos. Enquanto o corvo mergulhava mais próximo ao solo, Jace soube que seu primeiro instinto tinha estado certo. Este não era apenas qualquer corvo – este era Hugo, o corvo que tinha sido uma vez de Hodge; Hodge tinha usado ele em ocasiões para levar mensagens para fora do Instituto. Desde então Jace tinha aprendido que Hugo tinha originariamente sido de seu pai. Jace se pressionou mais perto do tronco da árvore. Seu coração estava golpeando novamente, desta vez com excitação. Se Hugo estava lá, isso só podia significar que ele estava carregando uma mensagem, e dessa vez a mensagem não seria para Hodge. Seria para Valentine. *Tinha* que ser. Se Jace pudesse apenas conseguir seguir ele....

Empoleirando-se sobre o peitoril, Hugo espreitou através de uma das janelas da casa. Aparentemente percebendo que a casa estava vazia, o pássaro subiu no ar com um irritado crocitar e bateu asas em direção da correnteza. Jace saiu das sombras e partiu em perseguição do corvo.

“Então, tecnicamente,” Simon disse. “embora Jace não esteja realmente relacionado a você, você *beijou* seu irmão.”

“Simon!” Clary estava chocada.”Cala a BOCA.” Ela girou em sua cadeira para ver se alguém estava escutando, mas, por sorte, ninguém parecia estar. Ela estava sentado um um assento alto na plataforma do Salão dos Acordos, Simon ao lado dela. Sua mãe em pé no canto da plataforma, inclinada para falar com Amatis.

Tudo ao redor deles no Salão era caos enquanto os Downworlders que tinham vindo do Portão Norte fluíam adentro, se derramando através das portas, se apinhando contra as paredes. Clary reconheceu vários membros do bando de Luke, incluindo Maia, que sorriu através da sala para ela. Havia lá fadas, pálidas e frias e adoráveis como gelo e bruxos com asas de morcego e pés de cabra e até um com chifres, fogo azul faiscando de suas pontas dos dedos enquanto eles se moviam através da sala. Os Caçadores de Sombras moviam-se entre eles, parecendo nervosos.

Apertando sua estela em ambas as mãos, Clary olhou ao redor ansiosamente. Onde estava Luke? Ele desapareceu no meio da multidão. Ela pegou ele depois de um momento, conversando com Malachi, que estava balançando sua cabeça violentamente. Amatis em pé próxima, jogando ao Cônsul olhares perfurantes.

“Não me faça me lamentar ter dito a você qualquer coisa disto, Simon.” Clary disse, olhando para ele. Ela tinha feito seu melhor para dar a ele uma versão resumida da história de Jocelyn, a maioria cochichada debaixo de sua respiração enquanto ele a ajudava a varar através da multidão para a plataforma e tomar seu assento lá. Era estranho estar aqui em cima, olhando abaixo a sala como se ela fosse a rainha de tudo que ela inspecionava. Mas uma rainha não seria nem de perto tão apavorada. “Além do mais. Ele tinha um beijo horrível.\*”

\*N/T: I know, nós não usamos beijador (kisser) ou beijoqueiro, a frase ficou mudada. Como ela escreveu ficaria assim: “Ele era um beijador horrível.” Eca

“Ou talvez isso foi só nojento, porque ele era, você sabe, *seu irmão*.” Simon parecia mais divertido com a negócio todo do que Clary pensava que ele tinha qualquer razão para estar.

“*Não* diga isso onde minha mãe possa ouvir você, ou eu vou te matar,” ela disse com um segundo olhar. “Eu já me sinto como se fosse vomitar ou desmaiar. Não faça isso pior.”

Jocelyn, virando do canto da plataforma a tempo para escutar as últimas palavras de Clary – embora por sorte, não que ela e Simon tivessem estado discutindo – soltou um tranquilizador tapinha no ombro de Clary. “Não fique nervosa, querida, Você foi tão ótima antes. Você precisa de alguma coisa? Um cobertor, água quente...”

“Eu não estou com frio,” Clary disse pacientemente, “e eu não preciso de um banho, também. Eu estou bem. Eu só queria que Luke viesse aqui em cima e me dissesse o que está acontecendo.”

Jocelyn acenou em direção a Luke para ganhar sua atenção, silenciosamente balbuciando algo que Clary não pode decifrar. “Mãe,” ela cuspiu. “*não*,” mas já era tarde demais. Luke olhou acima...e nisso uns poucos dos outros Caçadores de Sombras. A maioria deles olhou para longe rapidamente, mas Clary sentiu a fascinação em seus olhares. Era estranho pensar que sua mãe era algo de uma figura lendária aqui. Apenas todos no salão tinha ouvido seu nome e tinha uma espécie de opinião sobre ela, boa ou ruim. Clary se perguntou como sua mãe afastava isso de incomodar ela. Ela não *parecia* incomodada – ela parecia bem e controlada e perigosa.



Um momento depois Luke tinha se juntado a elas na plataforma, Amatis ao seu lado. Ele ainda parecia cansado, mas também alerta e até mesmo um pouco excitado. Ele disse, “Só aguarde um segundo. Todos estão vindo.”

“Malachi,” Jocelyn disse, não olhando bem diretamente para Luke enquanto ela falava,” ele estava dando a você problema?”

Luke fez um gesto rejeitando . “Ele acha que nós devemos enviar uma mensagem para Valentine, recusando seus termos. Eu disse que nós não devemos revelar os planos antes do momento propício. Deixar Valentine aparecer com seu exército na planície Brocelind esperando por uma rendição. Malachi pareceu pensar que nós não seríamos camaradas, e quanto eu disse a ele que guerra não era um jogo de críquete inglês estudantil, ele disse que se qualquer um dos Downworlders aqui saísse do controle, ele entraria e acabaria com o negócio todo. Eu não sei o que ele pensa que vai acontecer...como se Downworlders não pudessem parar de lutar nem mesmo durante cinco minutos.

“Isto é exatamente o que ele acha,” Amatis disse.”É Malachi. Ele provavelmente está preocupado que vocês comecem comendo uns aos outros.”

“Amatis,” Luke disse. “Alguém pode escutar você.” Ele se virou, e então, enquanto dois homens se elevavam nos degraus atrás dele: um era um alto e esguio cavaleiro elfo com longo cabelo escuro que caía em folhas em ambos os lados de sua face estreita. Ele usava uma túnica de armadura branca: pálida, metal duro feito de pequeninos círculos sobrepostos, como as escamas de um peixe. Seus olhos era verde folha. O outro homem era Magnus Bane. Ele não sorriu para Clary enquanto ele vinha para ficar ao lado de Luke. Ele usava um longo casaco escuro abotoado acima de garganta, e seu cabelo negro estava puxado para trás de seu rosto.

“Você parece tão *simples*,” Clary disse, o fitando.

Magnus sorriu ligeiramente.”Eu ouvi que você tinha uma runa para nos mostrar,” foi tudo o que ele disse.

Clary olhou para Luke, que acenou.”Ah, sim,” ela disse. “Eu só preciso de algo para escrever em ...algum papel.”

“Eu *perguntei* se você precisava de alguma coisa,” Jocelyn disse debaixo de sua respiração, soando cada vez mais como a mãe que Clary se lembrava.

“Eu tenho papel,” Simon disse, pescando algo do bolso de seus jeans. Ele o estendeu para ela. Era um folheto amassado da performance de sua banda no Knitting Factory em julho. Ela deu de ombros e desamassou ele, levantando sua estela emprestada. Ela faiscou ligeiramente quando ela tocou a ponta no papel, e ela se preocupou por um momento de que o folheto pudesse queimar, mas a pequena chama diminuiu. Ela colocou o desenho, fazendo seu melhor para calar tudo o mais lá fora: o ruído da multidão, a sensação de que todos estavam olhando para ela.

A runa veio como ela tinha antes – um padrão de linhas que curvavam fortemente em uma outra, então esticava através da página como se esperando um conclusão que não estava lá. Ela limpou o pó vindo da página e segurou ela acima, sentindo absurdamente como se ela estivesse na escola e mostrasse algum tipo de apresentação para sua classe. “Esta é a runa,” ela disse. “Ela requer uma segunda runa para completá-la, para funcionar corretamente. Uma...runa parceira.”

“Uma Downworlder, uma Caçador de Sombras. Cada metade do parceiro tem de ser marcado,” Luke disse. Ele rascunhou uma cópia da runa na base da página, rasgando o papel ao meio, e estendeu uma ilustração para Amatis. “Comece circulando a runa,” ele disse. “Mostre aos Nephilim como ela funciona.”

Com um aceno Amatis desapareceu abaixo dos degraus e dentro da multidão. O elfo, olhando após ela, balançou sua cabeça. “Eu sempre tinha dito que só os Nephilim podem sustentar a marca do Anjo,” ele disse, com um avaliar de desconfiança. “Os outros de nós ficarão loucos, ou morrerão, nós deveríamos declinar elas.”

“Esta não é uma marca do Anjo,” Clary disse. “Ela não é uma vinda do Livro Cinza. É segura, eu prometo.”

O cavaleiro elfo não pareceu impressionado.

Com um suspiro Magnus jogou sua manga para trás e estendeu uma mão para Clary. “Vai em frente.”

“Eu não posso,” ela disse. “O Caçador de Sombras que marcar você irá ser seu parceiro, e eu não estou lutando na batalha.”

“Eu espero que não,” Magnus disse. Ele olhou acima para Luke e Jocelyn, que estavam em pé próximos. “Vocês dois,” ele disse. “Vamos lá, então. Mostre ao elfo como ela funciona.”

Jocelyn piscou em surpresa. “O que?”

“Eu presumi,” Magnus disse. “que vocês dois seriam parceiros, desde que vocês estão praticamente casados, de qualquer jeito.”

Cor inundou o rosto de Jocelyn, e ela cuidadosamente evitou olhar para Luke. “Eu não tenho uma estela...”

“Pegue a minha.” Clary estendeu ela. “Vá em frente, mostre a eles.”

Jocelyn se virou para Luke, que pareceu totalmente surpreso. Ele impulsionou sua mão antes que ela pudesse pedir por ela, e ela marcou sua palma com uma rápida precisão. Sua mão tremeu enquanto ela traçava, e ela pegou seu pulso e firmou; Luke olhou abaixo enquanto ela trabalhava, e Clary pensou na sua conversa sobre sua mãe e o que ele tinha dito a ela sobre seus sentimentos por Jocelyn e ela sentiu uma pontada de tristeza. Ela se

perguntou se sua mãe sabia que Luke amava ela, e se ela sabia, o que ela diria.

“Pronto.” Jocelyn puxou a estela de volta. “Feito.”

Luke levantou sua mão, palma para fora, e mostrou o serpentear da marca preta no seu centro para o cavaleiro elfo. “Isto é satisfatório, Meliorn?”

“*Meliorn?*” Clary disse. “ Eu conheço você, não conheço? Você costumava sair com Isabelle Lightwood.”

Meliorn estava quase inexpressivo, mas Clary podia jurar que ele parecia um pouco ligeiramente desconfortável. Luke balançou sua cabeça. “Clary, Meliorn é um cavaleiro da Corte de Seelie. É muito improvável que ele...”

“Ele estava *totalmente* saindo com Isabelle,” Simon disse, “e ela se atirava para ele também. Pelo menos ela disse que ela estava. Que azar, cara.”

Meliorn piscou para ele. “Você,” ele disse com desgosto, “*você* é o representante escolhido das Crianças da noite?”

Simon balançou sua cabeça. “Não. Eu estou aqui por ela.” Ele apontou para Clary.

“As Crianças da noite,” Luke disse, depois de uma breve hesitação, “não estão participando, Meliorn. Eu transmiti essa informação a sua Senhora. Eles escolheram...seguir seu próprio caminho.”

As feições delicadas de Meliorn se puxara abaixo em uma careta. “Quisera eu soubesse disso,” ele disse. “As Crianças da Noite são um povo sábio e cuidadoso. Qualquer esquema que atrai sua ira, atrai *minhas* suspeitas.”

“Eu não disse nada sobre ira,” Luke começou, com um misto de calma deliberada e fraca exasperação – Clary duvidou que alguém que não conhecesse ele bem, soubesse que ele estava irritado. Ela podia sentir a mudança em sua atenção: ele estava olhando abaixo em direção a multidão. Seguindo seu olhar, Clary viu uma figura familiar cortar seu caminho através da sala – Isabelle, seu cabelo preto balançando, seu chicote envolvido ao redor de seu pulso como uma série de braceletes dourados. Clary pegou o pulso de Simon. “Os *Lightwoods*. Eu acabei de ver Isabelle.”

Ele olhou em direção a multidão, franzindo. “Eu não percebi que você estava procurando por eles.”

“Por favor vá falar com ela por mim,” ela sussurrou, olhando acima para ver se alguém estava prestando atenção neles; ninguém estava. Luke estava gesticulando em direção a alguém na multidão; enquanto Jocelyn estava dizendo algo para Meliorn, que estava olhando para ela com algo próximo ao alarme. “Eu tenho que ficar aqui, mas...por favor, eu preciso que você diga a ela e a Alec o que minha mãe me disse. Sobre Jace e quem ele realmente é, e Sebastian. Eles tem que saber. Diga a eles para vir e falar comigo tão logo

eles possam. Por favor, Simon.”

“Tá certo.” Claramente preocupado pela intensidade no tom dela, Simon libertou seu pulso do aperto dela e a tocou tranquilizando na bochecha. “Eu vou voltar.”

Ele desceu as escadas e desapareceu na multidão; quando ela se virou de volta, ela viu que Magnus estava olhando para ela, sua boca colocada em um linha torta. “Tudo bem,” ele disse, obviamente respondendo qualquer que fosse a pergunta que Luke tinha acabado de lhe perguntar. “Eu estou familiarizado com a planície Brocelind. Eu vou colocar o Portal acima na praça. Uma vez que não irá durar muito tempo, embora, você estaria melhores se todos passassem através dele rapidamente uma vez que eles fossem marcados.”

Enquanto Luke acenava e se virava para dizer algo a Jocelyn, Clary se inclinou a frente e disse quietamente, “A propósito, obrigada. Por tudo o que fez por minha mãe.”

O meio sorriso de Magnus se alargou. “Você não achou que eu fosse fazer isso, não é?”

“Eu me perguntei,” Clary admitiu.” Especialmente considerando que quando eu vi você na casa de campo, você nem mesmo considerou em me dizer que Jace trouxe Simon através do portal com ele quando ele veio para Alicante. Eu não tive uma chance de brigar com você por causa disso antes, mas o que você estava pensando? Que eu não estaria interessada?”

“Que você ficaria muito interessada,” Magnus disse. “Que você largaria tudo e correria para o Gard. E eu precisava de você para procurar pelo Livro Branco.”

“Isso é cruel,” Clary disse zangada.” E você está errado. Eu teria....”

“Feito o que qualquer um teria feito. O que eu teria feito se fosse alguém que eu gostasse. Eu não culpo você, Clary, e eu não fiz isso por que eu pensei que você era fraca. Eu fiz isso por que você é humana, e eu conheço os modos da humanidade. Eu tenho estado vivo a muito tempo.”

“Como se você nunca tivesse feito algo estúpido por causa de seus sentimentos,” Clary disse. “Onde está Alec a propósito? Por que você não está escolhendo ele como parceiro agora mesmo?”

Magnus pareceu recuar. “Eu não me aproximaria dele com seus pais lá. Você sabe disso.”

Clary apoiou seu queixo em sua mão. “Fazer a coisa certa por que você ama alguém é um saco as vezes.”

“Isso faz,” Magnus disse, “isto.”

O corvo voou em lentos e preguiçosos círculos, fazendo seu caminho acima dos topos da árvores em direção a parede oriental do vale. A lua estava alta, eliminando a necessidade da luz de bruxa enquanto Jace o seguia, mantendo-se nas beiradas das árvores. A parede do vale se elevava, uma enorme parede de pedra cinza. O caminho do corvo parecia estar

seguindo a curva da correnteza enquanto ele continuava seu caminho a oeste, desaparecendo finalmente dentro de uma estreita fissura na parede. Jace quase torceu seu tornozelo várias vezes na rocha molhada e desejou poder xingar alto, mas Hugo com certeza ouviria ele. Curvado em um desconfortável meio agachar, ele se concentrou em não quebrar uma perna ao invés disso.

Sua camisa estava ensopada com suor, pelo tempo que ele se aproximou da borda do vale. Por um momento ele pensou que tinha perdido a vista de Hugo, e seu coração caiu – então ele viu a forma preta mergulhando enquanto o corvo descia lento e desaparecia dentro do escuro buraco fissurado numa parede de rocha do vale. Jace correu a frente – era um tipo de alívio correr ao invés de rastejar. Enquanto ele se aproximava da fissura, ele podia ver um buraco muito mais largo, mais escuro além dele – uma enseada. Tateando sua pedra de luz de bruxa fora de seu bolso, Jace mergulhou nele atrás do corvo.

Só uma pequena luz penetrava nela através da boca da caverna, e depois de uns poucos passos a mesma era engolida pela opressiva escuridão. Jace levantou sua luz de bruxa e deixou a iluminação esvaziar através de seus dedos. Primeiro ele pensou que de alguma forma ele encontrou seu caminho para o lado de fora novamente, e que as estrelas eram visíveis acima, em toda sua cintilante glória. As estrelas nunca brilhavam em algum lugar do modo que elas brilhavam em Idris – e elas não estavam brilhando agora. A luz de bruxa captou dezenas de faiscantes depósitos de mica\* na rocha ao redor dele, e as paredes vieram a vida com brilhantes pontos de luz.

\*N/T: Mica é mica mesmo, um mineral transparente muito bonito.

Elas mostraram a ele que ele estava em pé em um estreito espaço cinzelado de rocha pura, a entrada da gruta atrás dele, duas escuras ramificações de tuneis a frente. Jace pensou nas histórias que seu pai tinha contado a ele sobre heróis perdidos em labirintos que usavam um cabo ou uma corda\* para encontrar seu caminho de volta. Ele não tinha nenhuma dessas coisas com ele, apesar disso. Ele se moveu próximo aos túneis e ficou em silêncio por um longo momento, escutando. Ele ouviu o gotejar de água, fracamente, de algum lugar distante; um corredeira de uma correnteza, um farfalhar como de asas, e...vozes.

\*N/T: twine significa corda de 2 ou 3 fios e a palavra anterior rope também significa corda.

Ele se jogou para trás. As vozes estavam vindo do túnel a esquerda, ele tinha certeza disso. Ele correu seu polegar sobre a luz de bruxa para apagar ela, até que ela desse um brilho apagado que era só o suficiente para iluminar seu caminho. Então ele mergulhou a frente dentro da escuridão.

“Você está falando sério, Simon? Realmente é verdade? Isso é fantástico! É maravilhoso!” Isabelle se puxou para a mão de seu irmão. “Alec, você ouviu o que Simon disse? Jace *não* é filho de Valentine. Ele nunca foi.”

“Então ele *é* filho de quem?” Ale replicou, apesar de Simon ter a sensação que ele só estava parcialmente prestando atenção. Ele parecia estar procurando ao redor da salão por alguma coisa. Seus pais em pé a pouca distância, franzindo o cenho em sua direção; Simon tinha estado preocupado em ter que explicar o negócio todo para eles também, mas eles gentilmente permitiram a ele uns poucos minutos com Isabelle e Alec sozinho.

“Quem se importa!” Isabelle jogou suas mãos acima em prazer, então franziu a sobancelha.”Na verdade, isso é importante. Quem *era* seu pai? Michael Wayland afinal?”

Simon balançou sua cabeça. “ Stephen Herondale.”

“Então ele era o neto da Inquiridora,” Alec disse. “*O que* deve ser o porquê ela...” Ele se interrompeu, olhando a distância.

“Por que ela *o que*?” Isabelle exigiu. “Alex, preste atenção. Ou pelo menos nos diga o que você está procurando.”

“Não o que,” Alec disse. “Quem. Magnus. Eu queria perguntar a ele se ele quer ser meu parceiro nesta batalha. Ma eu não tenho idéia de onde ele está. *Você* viu ele? Ele perguntou, direcionando sua pergunta a Simon.

Simon agitou sua cabeça. “Ele estava lá em cima na plataforma com Clary, mas” ...ele suspendeu seu pescoço para olhar - “Ele não está agora. Ele provavelmente está na multidão em algum lugar.”

“Sério? Você vai pedir a ele para ser seu parceiro?” Isabelle perguntou. “É como um cotillion\*, esse negócio de parceria, exceto com a matança.”

\*N/T: Cotillion – é uma tipo de dança antiga como valsa. O homem escolhe a parceira e a pede para dançar.

“Sim, exatamente como um cotillion,” Simon disse.

“Talvez eu peça para você ser meu parceiro, Simon.” Isabelle disse, levantando uma sobancelha delicadamente.

Alec fez uma careta. Ele estava, como o resto dos Caçadores de Sombra, inteiramente equipado – todo de preto, com um cinto em que se pendurava múltiplas armas. Um arco estava preso através de suas costas; Simon estava feliz em ver que ele tinha encontrado um substituto por um que Sebastian tinha quebrado. “Isabelle, você não precisa de um parceiro, por que você não vai lutar. Você é muito jovem. E se você até mesmo pensar nisso, eu mato você.” Sua cabeça se jogou acima. “Espere...aquele é Magnus?”

Isabelle, seguindo seu olhar, bufou. “Alec, aquele é um lobisomem. Uma *garota* lobisomem. Na verdade, é a qual-é-seu-nome. May.”

“Maia,” Simon corrigiu. Ela estava em pé a uma pequena distância ao longe, usando calças marrons de couro e uma camiseta preta apertada que dizia: SEJA LÁ O QUE NÃO ME MATE...SERIA MELHOR COMEÇAR A CORRER. Um cordão prendia para trás seu cabelo trançado. Ela se virou como se sentindo seus olhos nela, e sorriu. Simon sorriu de volta. Isabelle olhou feio. Simon parou de sorrir rapidamente – quando exatamente sua vida tinha ficado tão complicada?



O rosto de Alec se iluminou. “Lá está Magnus,” ele disse, e saiu sem um olhar para trás, cortando um caminho através na multidão para o espaço onde o bruxo alto estava. A surpresa de Magnus enquanto Alec se aproximava dele era visível, mesmo a esta distância.

“É tipo doce,” Isabelle disse, olhando para eles, “você sabe, de um jeito pouco convincente.”

“Por que pouco convincente?”

“Por que,” Isabelle explicou, “Alec está tentando fazer Magnus levar ele a sério, mas ele nunca disse a nossos pais sobre Magnus, ou mesmo que ele gosta, você sabe....”

“De bruxos?” Simon disse.

“Muito engraçado.” Isabelle encarou ele. “Você sabe o que eu quero dizer. O que está acontecendo aqui é...”

“O que está acontecendo exatamente?” Maia perguntou, no caminho ao alcance de voz. “Quero dizer, eu não entendi completamente essa coisa de parceiros. Como é que isso deve funcionar?”

“Como aquilo?” Simon apontou em direção a Alec e Magnus, que estavam um pouco aparte da multidão, em seu próprio pequeno espaço. Alec estava puxando a mão de Magnus, seu rosto decidido, seu cabelo escuro caindo a frente escondendo seus olhos.

“Então todos nós temos que fazer aquilo?” Maia disse. “Se aproximar, quero dizer.”

“Só se você for lutar,” Isabelle disse, olhando para a outra garota friamente. “Você não parecer ter dezoito ainda.”

Maia sorriu forçado. “Eu não sou um Caçador de Sombras. Licantropos são considerados adultos aos dezesseis.”

“Bem, você ter que se aproximar então,” Isabelle disse. “Por um Caçador de Sombras. Então é melhor você procurar por um.”

“Mas...” Maia, ainda olhando Alec e Magnus, se interrompendo e levantando suas sobrancelhas. Simon virou para ver o que ela estava olhando - e olhou.

Alec tinha seus braços ao redor de Magnus e estava beijando ele, bem na boca. Magnus, que parecia estar em estado de choque, ficou congelado. Vários grupos de pessoas – Caçadores de Sombras e Downworlders igualmente – estavam olhando e sussurrando. Olhando de lado, Simon viu os Lightwoods, seus olhos largos, boquiabertos pela exibição. Maryse tinha sua mão sobre sua boca.

Maia parecia perplexa. “Espere um segundo,” ela disse. “Todos nós temos que fazer aquilo também?”

Pela sexta vez Clary escaneou a multidão, procurando por Simon. Ela não conseguia encontrá-lo. O salão era uma massa revolvente de Caçadores de Sombras e Downworlders, a multidão derramava-se através das portas abertas e sobre os degraus lá fora. Em todos os lugares havia um faiscar de estelas enquanto Downworlders e Caçadores de Sombras vinham juntos em pares e marcavam um ao outro. Clary viu Maryse Lightwood segurar sua mão para uma mulher-fada alta e de pele verde que era tão pálida e régia quanto ela era. Patrick Penhallow estava solenemente trocando marcas com um buxo cujo cabelo brilhava com faíscas azuis. Através das portas do Salão Clary pôde ver o cintilar brilhante do Portal na praça. A luz das estrelas brilhavam através do vidro da clarabóia emprestando um ar surreal a tudo aquilo.

“Incrível, não é?” Luke disse. Ele estava na beira da plataforma, olhando abaixo para o salão. “Caçadores de Sombras e Downworlders, misturando-se na mesma sala. Trabalhando juntos.” Ele soava espantado. Tudo o que Clary podia pensar era que ela desejava que Jace estivesse aqui para ver o que estava acontecendo. Ela não podia colocar de lado seu temor por ele, não importava quão forte ela tentava. A idéia que ele podia enfrentar Valentine, podia arriscar sua vida por que ele pensava que ele era amaldiçoado – que ele podia morrer sem nunca saber que isso não era a verdade ...

“Clary,” Jocelyn disse, com um traço de divertimento. “você ouviu o que eu disse?”

“Eu ouvi,” Clary disse, “e isso é incrível, eu sei.”

Jocelyn colocou sua mão sobre a cabeça de Clary. “Isso não é o que eu estava dizendo. Luke e eu estaremos ambos lutando. Eu sei que você sabe disso. Você vai ficar aqui com Isabelle e as outras crianças.”

“Eu não sou uma criança.”

“Eu sei que você não é, mas você é muito jovem para lutar. E mesmo se você não fosse, você nunca foi treinada.”

“Eu não quero só me sentar aqui e não fazer nada.”

“Nada?” Jocelyn disse em espanto. “Clary nada disso estaria acontecendo se não fosse por você. Nós nunca teríamos uma chance de lutar se não fosse por você. Eu estou tão orgulhosa de você. Eu só queria dizer a você que apesar de Luke e eu estarmos indo, nós iremos voltar. Tudo vai ficar bem.”

Clary olhou acima para sua mãe, dentro de seus olhos verdes tão como ela mesma. “Mãe,” ela disse. “Não minta.”

Jocelyn deu um forte suspiro e se levantou, puxando sua mão de volta. Antes que ela pudesse dizer alguma coisa, algo captou os olhos de Clary – um rosto familiar na multidão. Uma magra, e sombria figura, movendo-se propositadamente em direção eles, deslizando através do salão amontado com deliberada e surpreendente facilidade – como se ele

pudesse fluir *através* da multidão como fumaça através das lacunas de uma grade.

E ele *estava*, Clary notou, enquanto ele se aproximava da plataforma. Era Raphael, vestido na mesma blusa branca e calças pretas que ela tinha visto ele da primeira vez. Ela tinha esquecido do quanto pequeno ele era. Ele mal parecia ter catorze enquanto ele subia as escadas, seu rosto magro e calmo e angelical, com um coroinha montado nos degraus de uma capela.

“Raphael,” A voz de Luke segurava o espanto, misturado com alívio. “Eu não achei que você viria. As Crianças da Noite reconsideraram se juntar a nós na luta contra Valentine? Há ainda um assento no Conselho aberto para você, se você quiser tê-lo.” Ele segurou uma mão para Raphael.

Os claros e adoráveis olhos de Raphael consideraram ele inexpressivamente. “Eu não posso apertar mãos com você, lobisomem.” Quando Luke pareceu ofendido, ele sorriu, só o suficiente para mostrar as pontas brancas de seus dentes de presa. “Eu sou uma projeção,” ele disse, levantando sua mão para que todos pudessem ver a luz que brilhava através dela. “Eu não posso tocar nada.”

“Mas...” Luke olhou acima para o luar se derramando através do telhado.”Por que...” Ele baixou a mão. “Bem, eu estou feliz por você estar aqui. Qualquer que seja o porque você escolheu aparecer.

Raphael balançou sua cabeça. Por um momento seus olhos demoraram-se em Clary – um olhar que ela realmente não gostou – e então ele virou seu olhar para Jocelyn, e seu sorriso se ampliou. “Você,” ele disse, “a esposa de Valentine. Outros da minha espécie, que lutaram com você na Revolta, me disseram sobre você. Eu admito que eu nunca pensei que veria você.”

Jocelyn inclinou sua cabeça. “Muitas das Crianças da Noite lutaram muito bravamente. Sua presença aqui indica que nós poderemos lutar ao lado um do outro mais vez?”

Era estranho, Clary pensou, ouvir sua mãe falar em um modo frio e formal, e ainda isso parecer natural para Jocelyn. Tão natural em sua maneira quanto sentada no chão em um antigo macacão, segurando um pincel chapinhado de pintura.

“Eu espero que sim,” Raphael disse, e seu olhar varreu em Clary novamente, com o toque de uma mão fria. “Nós temos só uma exigência, um simples – e pequeno – pedido. Se isso for cumprido, as Crianças da Noite de muitas terras com muito alegria irá para a batalha ao seu lado.”

“O assento no Conselho,” Luke disse. “É claro – isso pode ser formalizado, os documentos assinados dentro da hora...”

“Não,” Raphael disse, “o assento do Conselho. Outra coisa.”

“Outra ...coisa ?” Luke repetiu sem expressão. “O que é? Eu asseguro a você, se isso estiver

em nosso poder..”

“Ah, isto está. O sorriso de Raphael era ofuscante. “Na verdade, é algo que está dentro das paredes deste Salão enquanto nós falamos.” ele se virou e gesticulou graciosamente em direção a multidão. “É o garoto Simon que nós queremos,” ele disse. “É o Daylighter.”

O túnel era longo e contorcido, ziguezagueando em si mesmo mais e mais como se Jace estivesse rastejando através das entranhas de um enorme monstro. Ele cheirava como pedra molhada e cinzas e algo mais, algo úmido e estranho que lembrava a Jace um pouco do cheiro da Cidade dos Osso. Finalmente o túnel se abriu em uma câmara circular. Enormes estalactites, suas superfícies tão polidas quanto jóias, penduradas de um acidentado e pedregoso teto alto acima. O chão era tão suave como se ele tivesse sido polido, alternando aqui e ali com misteriosos padrões de reluzente pedra incrustada. Uma série de ásperas estalactites circulava a câmara. No centro da sala ficava uma única e enorme estalagmite de quartzo, elevando-se do chão como uma gigantesca presa, padronizada aqui e ali com um design avermelhado. Espreitando mais de perto, Jace viu que as laterais da estalagmite eram transparentes, o padrão avermelhado era resultado de algo agitando e se movendo dentro dele, como um tubo de teste cheio de fumaça colorida. Acima, luz filtrava vinda de um buraco circular na pedra, uma janela natural. A câmara tinha certamente sido um produto de designer ao invés de um acidente – o intrincado padrão traçando o chão fazia isso muito óbvio – mas quem teria escavado essa enorme câmara subterrânea, e por que?”

Um afiado crocitar ecoou através da sala, enviando um choque através dos nervos de Jace. Ele mergulhou atrás de uma volumosa estalagmite, extinguindo sua luz de bruxa, quando duas figuras emergiram das sombras na extremidade da sala e se moveram em direção a ele, suas cabeças curvadas juntas em conversa. Foi só quando alcançaram o centro da sala e a luz bateu sobre eles é que ele os reconheceu.

Sebastian.

E Valentine.

Esperando evitar a multidão, Simon tomou o longo caminho de volta na direção da plataforma, mergulhando atrás das fileiras de pilares que alinhavam as laterais do Salão. Parecia estranho que Alec, só um ano ou dois mais velho que Isabelle, estivesse saindo para lutar em uma guerra, e o resto deles estivesse ficando para trás. E Isabelle parecia calma sobre isso. Sem choro, sem histeria. Era como se ela tivesse esperado por isso. Talvez ela tivesse. Talvez todos estivessem.

Ele estava perto dos degraus da plataforma quando ele olhou acima e viu, para sua surpresa, Raphael em pé em frente a Luke, mostrando sua habitual quase falta de expressão. Luke, por outro lado, parecia agitado – ele estava balançando sua cabeça, suas mãos acima em protesto, e Jocelyn, ao lado dele, parecia indignada. Simon não podia ver o rosto de Clary – suas costas estavam para ele – mas ele conhecia ela bem o suficiente para reconhecer sua tensão vinda do colocar de seus ombros. Não querendo que Raphael visse ele, Simon mergulhou atrás de um pilar, escutando. Mesmo acima do burburinho da multidão, ele era capaz de ouvir a voz elevada de Luke.

“Isto está fora de questão,” Luke estava dizendo.”Eu não posso acreditar que você até

mesmo pediu.”

“E eu não acredito que você recusaria.” A voz de Raphael era fria e clara, e afiada – ainda alta para um jovem garoto. “É só uma pequena coisa.”

“Isso não é uma *coisa*.” Clary soava zangada. “É Simon. Ele é uma *pessoa*.”

“Ele é um vampiro,” Raphael disse. “Que você parece manter se esquecendo.”

“Você não é um vampiro também?” Jocelyn perguntou, seu tom era tão frio quanto tinha sido cada vez que Clary e Simon tinham ficado em apuros por algo estúpido. “Você está dizendo que *sua* vida não tem valor?”

Simon pressionou a si mesmo contra o pilar. *O que está acontecendo?*

“Minha vida tem um grande valor,” Raphael disse.”sendo, ao contrário de vocês, eterna. Não há fim que eu possa efetuar, enquanto há um claro fim onde você está preocupada. Mas isso não é o problema. Ele é um vampiro, um dos meus próprios, e eu estou pedindo ele de volta.”

“Você não pode ter ele de *volta*,” Clary rebateu. “Você nunca teve ele em primeiro lugar. Você nunca esteve nem mesmo interessado nele também, até que você descobriu que ele podia caminhar por aí na luz do dia...”

“Possivelmente,” Raphael disse, “mas não pela razão que você pensa.” ele ergueu sua cabeça, seus brilhantes e suaves olhos escuros e rápidos como os de um pássaro. “Nenhum vampiro deveria ter o poder que ele tem,” ele disse,” assim como nenhum Caçador de Sombras deveria ter o poder que você e seu irmão tem. Por anos nos tinha sido dito que nós eramos errados e não naturais. Mas isto...*isto* não é natural.”

“Raphael,” o tom de Luke era de advertência. “Eu não sei o que você está esperando. Mas não há chance de que vamos deixar você machucar Simon.”

“Mas vocês irão deixar Valentine e seu exército de demônios ferirem todas essas pessoas, seus aliados.” Raphael fez um gesto varrendo que cercava todo o salão. “Você irá deixar eles arriscarem suas vidas por seu próprio cuidado, mas não irão dar a Simon a mesma escolha? Talvez ele fizesse diferente do que você faria. “ ele baixou seu braço.” Você sabe que nós não iremos lutar com vocês de outra forma. As Crianças da Noite não terão parte neste dia.”

“Então não terão parte nele,” Luke disse. “ Eu não comprarei sua cooperação com uma vida inocente. Eu não sou Valentine.”

Raphael se virou para Jocelyn. “E quanto a você, Caçadora de Sombras? Você vai deixar este lobisomem decidir o que é melhor para seu povo?”

Jocelyn estava olhando para Raphael como se ele fosse uma barata que ela encontrou rastejando através de seu limpo chão da cozinha. Muito lentamente ela disse.” Se você

encostar uma mão sobre Simon, vampiro, eu vou cortar você em pedacinhos e alimentar o meu gato. Entendeu?”

A boca de Raphael se apertou. “Muito bem,” ele disse. “Quando você estiver morrendo na Planície Brocelind, você poderá perguntar a si mesma se uma vida realmente valia por tantas.”

Ele desapareceu. Luke se virou rapidamente para Clary, mas Simon não estava mais olhando eles: Ele estava olhando abaixo para suas mãos. Ele tinha pensado que eles estariam tremendo, mas elas estavam tão imóveis quanto as de um cadáver. Muito lentamente, ele fechou elas em punhos.

Valentine parecia como ele sempre tinha, um homem grande em modificado equipamento de Caçador de Sombras, seu amplo e espesso ombro em contradição com sua acentuada aplainada, finas feições do rosto. Ele tinha a Espada Mortal presa através de suas costas ao longo com uma bolsa volumosa. Ele usava um cinto largo com numerosas armas impulsionada através dele: adagas grossa de caça, punhais estreitos, e facas de esfolar. Olhando para Valentine por detrás da rocha, Jace sentiu como ele sempre sentia agora quando ele pensava em seu pai....uma persistente afeição familiar corroída através com tristeza, desapontamento e desconfiança. Era estranho ver seu pai com Sebastian, que parecia...diferente. Ele usava equipamento também, e uma longa espada com cabo de prata presa em sua cintura, mas não era o que ele estava usando que surpreendeu Jace tão estranhamente. Era seu cabelo, não mais uma coroa de cachos escuros, mas loiro, loiro brilhante, um tipo de ouro embranquecido. Combinava com ele, na verdade, melhor do que o cabelo escuro tinha; sua pele não mais parecia surpreendentemente pálida. Ele deve ter pintado seu cabelo para se assemelhar ao verdadeiro Sebastian Verlac, e isso era como ele realmente se parecia. Uma amarga onda revolvente de ódio fluiu através de Jace, e isso era tudo que ele podia fazer para se manter escondido atrás da rocha e não se arremessar a frente para envolver suas mãos ao redor do pescoço de Sebastian.

Hugo crocitou novamente e lançou-se abaixo para aterrissar no ombro de Valentine. Um estranho golpe veio através Jace, vendo o corvo na postura que tinha se tornado tão familiar a ele por anos que ele tinha conhecido Hodge. Hugo tinha praticamente vivido no ombro do tutor, e vendo ele sobre o de Valentine parecia estranho, até mesmo errado, apesar de tudo o que Hodge tinha feito. Valentine estendeu e alisou as brilhantes penas da ave, acenando como se os dois estivessem em uma profunda conversa. Sebastian assistia, suas pálidas sobranceiras arquearam. “Alguma palavra de Alicante?” ele disse enquanto Hugo se elevava do ombro de Valentine e subia ao ar novamente, suas asas tocando as pedras como pontas das estalactites.

“Nada tão compreensível quanto eu gostaria,” Valentine disse. O som da voz de seu pai, frio e sereno como sempre, passou sobre Jace como uma seta. Suas mãos se apertaram involuntariamente e ele pressionou elas contra seus lados, grato pelo volume da rocha esconder ele da visão. “Uma coisa é certa. A Clave está aliando-se com a força de Downworlders de Luke.”

Sebastian fez uma careta. “Mas Malachi disse...”



“Malachi falhou.” A mandíbula de Valentine estava apertada.

Para surpresa de Jace Sebastian se moveu a frente e colocou uma mão sobre o braço de Valentine. Havia algo naquele toque – algo íntimo e confiante – que fez o estômago de Jace sentir como se ele tivesse sido invadido por um ninho de vermes. Ninguém tocava Valentine daquele jeito. Mesmo ele nunca tinha tocado seu pai daquele jeito. “Você está chateado?” Sebastian perguntou, e o mesmo tom estava em sua voz, a mesma grotesca e peculiar suposição de familiaridade.

“A Clave está muito mais perdida do que eu tinha pensado. Eu sabia que os Lightwoods estavam corrompidos além da esperança, e esse tipo de corrupção é contagiosa. É o porque eu tentei manter eles de entrarem em Idris. Mas para o resto ter tão facilmente suas mentes cheias com o veneno de Lucian, quando ele nem me mesmo é um Nephilim....”

O desgosto de Valentine era claro, mas ele não se moveu para longe de Sebastian, Jace viu com crescente descrença, ele não moveu o roçar da mão do garoto de seu ombro. “Eu estou desapontado. Eu pensei que eles veriam a razão. Eu teria preferido não acabar as coisas desse modo.”

Sebastian pareceu divertido. “Eu não concordo,” ele disse, “Pense neles, prontos para a batalha, indo para a glória, só para encontrar que nada disso importa. Que seus gestos são fúteis. Pense nos olhares em seus rostos.” Sua boca se esticou em um sorriso.

“Jonathan.” Valentine suspirou. “Está é uma necessidade horrível, nada para ter prazer..”

Jonathan? Jace agarrou-se a rocha, suas mãos subitamente escorregadias. Por que Valentine chamaria Sebastian por seu nome? Era um engano? Mas Sebastian não pareceu surpreso.

“Não é melhor se eu apreciar o que eu estou fazendo?” Sebastian disse. “Eu certamente me diverti em Alicante. Os Lightwoods eram melhores companhias do que você me levou a pensar, especialmente aquela Isabelle. Nós certamente dividimos um ponto alto. E quanto a Clary...”

Só de ouvir Sebastian dizer o nome de Clary fez o coração de Jace saltar em uma súbita batida dolorosa.

“Ela não era de modo algum como eu pensava que ela seria,” Sebastian continuou petulantemente. “Ela não era nada como eu.”

“Não há ninguém mais no mundo como você, Jonathan. E quanto a Clary, ela sempre tem sido exatamente como sua mãe.”

“Ela não irá admitir o que ela realmente quer,” Sebastian disse. “Ainda não. Mas ela irá aparecer.”

Valentine levantou uma sobrancelha. “O que você quer dizer com aparecer?”

Sebastian sorriu, um sorriso que encheu Jace com uma quase incontrolável fúria. Ele mordeu forte seu lábio, provando sangue. “Ah, você sabe,” Sebastian disse. “Para nosso lado. Eu não posso esperar. Enganar ela foi a maior diversão que eu tive em anos.”

“Você não devia estar se divertindo. Era para você estar descobrindo o que era que ela estava procurando. E quando ela o encontrou ...sem você, eu poderia adicionar – você deixou ela o dar para um bruxo. E então você falhou em trazer ela com você quando você saiu, apesar da ameaça que ela representa para nós. Não exatamente um glorioso sucesso, Jonathan.”

“Eu *tentei* trazer ela. Eles não deixaram ela fora de suas vistas, e eu não podia exatamente sequestrar ela no meio do Salão do Acordos.” Sebastian soou mal humorado. “Além do mais, eu disse a você, ela não tem nenhuma idéia de como usar aquela runa de poder dela. Ela é muito ingênua para representar qualquer perigo...”

“Seja o que quer que a Clave está planejando agora, ela está no centro disso,” Valentine disse. “Hugin disse. Ele a viu lá sobre a plataforma no Salão dos Acordos. Se ela mostrar a Clave seu poder...”

Jace sentiu um flash de medo por Clary, misturado com um estranho tipo de orgulho – é claro que ela era o centro das coisas. Esta era sua Clary.

“Então eles irão lutar,” Sebastian disse. “que é o que nós queremos, não é? Clary não importa. É a batalha que importa.”

“Você subestima ela, eu acho,” Valentine disse quietamente.

“Eu estive observando ela,” Sebastian disse. “Se seu poder fosse tão ilimitado quanto você parece achar, ela poderia ter usado ele para tirar seu amigo vampirinho fora de sua prisão – ou salvar aquele tolo do Hodge quando ele estava morrendo...”

“Poder não deve ser ilimitado para ser mortal,” Valentine disse. “E quanto a Hodge, talvez você pudesse mostrar um pouco mais de controle em relação a sua morte, desde que você foi quem matou ele.”

“Ele estava prestes a dizer a ele sobre o Anjo. Eu *tive* que fazer isso.”

“Você *queria*. Você sempre faz.” Valentine tirou um par de pesadas luvas de couro de seu bolso e puxou elas lentamente. “Talvez ele teria dito a eles. Talvez não. Todos esses anos que ele cuidou de Jace no Instituto e deve ter se perguntado o que era que ele estava cuidando. Hodge era um dos poucos que sabia que havia mais de um garoto. Eu sabia que ele não me trairia...ele era muito covarde para isso.” Ele flexionou seus dedos dentro das luvas, franzindo a testa.

*Mais de um garoto? Sobre o que Valentine estava falando?*

Sebastian afastou Hodge com um aceno de sua mão. “Quem se importa com o que ele pensava? Ele está morto, e bons ventos o levem. “ Seus olhos brilharam sombriamente.” “Você está indo para o lago agora?”

“Sim. Você sabe bem o que precisa ser feito?” Valentine empurrou seu queixo em direção a espada na cintura de Sebastian. “Use isto. Ela não é a Espada Mortal, mas sua aliança é suficientemente demoníaca para este propósito.”

“Eu posso ir ao lago com você?” A voz de Sebastian tinha tomado um distinto tom choroso. “Nós não podemos libertar o exército agora?”

“Não é meia-noite ainda. Eu disse que daria a eles até meia-noite. Eles ainda podem mudar de idéia.”

“Eles não vão...”

“Eu dei a minha palavra. Eu estarei de prontidão.” O tom de Valentine era final. “Se você não escutar nada vindo de Malachi até meia-noite, abra o portão.” Vendo a hesitação de Sebastian, Valentine pareceu impaciente. “Eu preciso que você faça isso, Jonathan. Eu não posso esperar aqui até meia-noite; vai me levar quase uma hora para ir ao lago através dos túneis, e eu não tenho intenção de deixar a batalha se arrastar por muito tempo. As futuras gerações devem saber o quão rapidamente a Clave perdeu, e como decisiva foi nosso vitória.”

“É só que eu vou lamentar perder a invocação. Eu queria estar lá quando você fizer isso.” O olhar de Sebastian foi saudoso, mas havia algo calculado por baixo dele, algo sarcástico e planejado e estranhamente, deliberadamente...frio. Não que Valentine parecesse aborrecido.

Para a confusão de Jace, Valentine tocou o lado do rosto de Sebastian, um rápido e indisfarçado gesto afetoso, antes de se virar e se mover em direção ao final da caverna, onde uma massa de sombras espessas se juntavam. Ele pausou lá, uma pálida figura contra a escuridão. “Jonathan” ele chamou de volta, e Jace olhou acima, incapaz de se impedir. “Você verá o rosto do Anjo um dia. Afinal, você irá herdar os Instrumentos Mortais uma vez que eu me for. Talvez um dia, também, irá invocar Raziel.”

“Eu gostaria disso,” Sebastian disse, e ficou tão imóvel quanto Valentine, com um aceno final, desapareceu na escuridão. A voz de Sebastian caiu a um meio sussurro. “Eu gostaria disso muito,” ele rosnou. “Eu gostaria de cuspir no seu rosto bastardo.” Ele girou, seu rosto uma máscara branca na luz fraca. “Você também pode sair Jace,” ele disse. “Eu sei que você está aqui.”

Jace congelou – mas só por um segundo. Seu corpo se moveu antes que sua mente tivesse tempo para se recuperar, catapultando ele para seus pés. Ele correu para a entrada do túnel, pensando só em fazer isso do lado de fora, enviando uma mensagem, de algum modo, para Luke. Mas a entrada foi bloqueada. Sebastian estava lá, sua expressão fria e mordaz, seus braços estendidos, seus dedos quase tocando as paredes do túnel. “Realmente,” ele disse, “você não achou que era mais rápido do que eu, achou?”

Jace derrapou em uma parada. Seu coração bateu desigual em seu peito, como um metrometro quebrado, mas sua voz era firme. “Desde que eu sou melhor do que você em qualquer outra maneira concebível, isso é evidente.”

Sebastian apenas sorriu. “Eu podia ouvir seu coração batendo,” ele disse suavemente, “Quando você estava me olhando com Valentine. Isso te incomodou?”

“Que você parece estar namorando meu pai?” Jace deu de ombros. “Você é um pouco novo para ele, para ser honesto.”

“*O que?*” Pela primeira vez desde que Jace tinha conhecido ele, Sebastian pareceu boquiaberto. Jace foi capaz de apreciar isso só por um momento porém, antes que a compostura de Sebastian retornasse. Mas havia um escuro brilho em seus olhos que indicou que ele não tinha esquecido Jace para fazer ele perder sua calma. “Eu me perguntei sobre você algumas vezes.” Sebastian continuou, na mesma voz suave.

“Parecia haver algo em você na ocasião, algo atrás desses seus olhos amarelos. Um flash de inteligência, ao contrário de resto de sua nojenta estúpida família adotiva. Mas eu achava que era só uma atitude. Você é tão tolo quanto o resto, apesar de sua década de boa educação.”

“O que você sabe sobre minha educação?”

“Mais do que você possa pensar.” Sebastian baixou suas mãos. “O mesmo homem que trouxe você, me trouxe. Só que ele não cansou de mim depois dos primeiros dez anos.”

“O que você quer dizer?” A voz de Jace veio em um sussurro, e então, enquanto ele olhava para um imóvel Sebastian, rosto sério, ele pareceu ver o outro garoto como se pela primeira vez – o cabelo branco, os olhos pretos de carvão\*, as linhas duras em seu rosto, como algo cinzelado na pedra – e ele viu em sua mente o rosto de seu pai como o anjo tinha mostrado isso para ele, jovem e acentuado e alerta e ávido, e ele soube. “Você,” ele disse. “Valentine é seu pai. Você é *meu irmão*”

\*N/T: Anthracite – antacito, é um tipo de fósfil negro.

Mas Sebastian não estava mais em pé em frente a ele; ele estava subitamente atrás dele, e seus braços estavam ao redor dos ombros de Jace como se quisesse abraçar ele, mas suas mãos estavam fechadas em punhos. “Olá e adeus, meu irmão,” ele cuspiu, e então seu braços jogaram-se acima e apertaram, cortando a respiração de Jace.

Clary estava exausta. Uma entorpecente e martelante dor de cabeça, o efeito colateral de desenhar a runa Aliança, tinha se alojado em seu lobo frontal. Ela sentia como se alguém tentando chutar uma porta do lado errado.

“Você está bem?” Jocelyn colocou sua mão sobre o ombro de Clary. “Você parece como se não estivesse se sentindo bem.”

Clary olhou abaixo – e viu a runa preta araneiforme que cruzava as costas da mão de sua mãe, a gêmea de uma sobre a palma de Luke. Seu estômago apertou. Ela estava conseguindo lidar com o fato que dentro de umas poucas horas sua mãe poderia na verdade poderia estar *lutando contra um exército de demônios* – mas só por teimosia empurrava o pensamento cada vez que ele vinha à tona.

“Só estou me perguntando onde Simon está,” Clary levantou aos seus pés. “Eu vou ir buscá-lo.”

“Lá embaixo?” Jocelyn olhou preocupada para a multidão. Ela estava diminuindo agora, Clary notou, enquanto aqueles que tinham sido marcados inundavam as portas da frente para a praça lá fora. Malachi em pé nas portas, seu rosto de bronze impassível enquanto ele dirigia os Downworlders e Caçadores de Sombras para onde ir.

“Eu vou ficar bem.” Clary avançou passando sua mãe e Luke em direção aos degraus da plataforma. “Eu estarei de volta já.”

Pessoas se viraram para olhar enquanto ela descia os degraus e deslizava para a multidão. Ela podia sentir os olhos nela, o peso dos olhares. Ele escaneou a multidão, procurando pelos Lightwoods ou Simon, mas não viu ninguém – ela sabia e isso era difícil o suficiente vendo nada sobre o amontoado, considerando o quão baixa ela era. Com um suspiro Clary deslizou em direção ao lado oeste do Salão, onde a multidão era menor.

No momento em que ela se aproximou de uma alta linha de pilares de mármore, uma mão se atirou entre dois deles e puxou ela de lado. Clary teve tempo de arfar de surpresa, e então ela estava em pé na escuridão atrás do mais largo dos pilares, suas costas contra a parede de mármore frio, as mãos de Simon apertando seus braços. “*Não* grite, ok? Sou só eu.” Ele disse.

“É claro que eu não vou gritar. Não seja ridículo.” Clary olhou de um lado para o outro, se perguntando o que estava acontecendo – ela podia ver só pedacinhos e partes do largo salão, entre os pilares. “Mas o que é essa coisa de espião James Bond? Eu estava mesmo vindo encontrar você.”

“Eu sei. Eu estive esperando por você descer da plataforma. Eu queria falar com você onde ninguém pudesse nos ouvir.” ele lambeu seus lábios nervosamente. “Eu ouvi o que Raphael disse. O que ele queria.”

“Ah, Simon.” Os ombros de Clary afundaram. “Olha, nada aconteceu. Luke mandou ele...”

“Talvez ele não devesse,” Simon disse. “Talvez ele devesse ter dado a Raphael o que ele queria.”

Ela piscou para ele. “Você quer dizer *você*? Não seja estúpido. Não tem jeito...”

“Há um jeito . Seu aperto em seus braços aumentou. “Eu quero fazer isso. Eu quero que Luke diga a Raphael que o trato está de pé. Ou eu irei dizer eu mesmo.”

“Eu sei o que você está fazendo,” Clary protestou. “E eu o respeito e o admiro por isto, mas você não deve fazer isso, Simon, você não precisa. O que Raphael está pedindo é errado, e ninguém irá julgar você por não se sacrificar por uma guerra que não é sua luta....”

“Mas isso é,” Simon disse. “O que Raphael disse estava correto. Eu *sou* um vampiro, e você se mantém esquecendo disso. Ou talvez você apenas queira esquecer. Mas eu sou um downworlder e você é uma Caçadora de Sombras, e esta luta é ambos nossa.”

“Mas você não é como eles...”

“Eu sou um deles.” Ele falou lentamente, deliberadamente, como se para fazer ter absoluta certeza que ela entendeu cada palavra que ele estava dizendo. “E eu sempre serei. Se os downworlders lutarem nesta guerra com os Caçadores de Sombras, sem a participação do povo de Raphael, então não haverá assento no Conselho para as Crianças da Noite. Eles não serão parte do mundo que Luke está tentando criar, um mundo onde Caçadores de Sombras e Downworlders trabalham juntos. Estão juntos. Os vampiros serão excluídos disso. Eles serão os inimigos dos Caçadores de Sombras. Eu serei *seu* inimigo.

“Eu nunca poderia ser sua inimiga.”

“Isso iria me matar, “ Simon disse simplesmente.” Mas eu não posso ajudar em nada recuando e fingindo que eu não sou parte disso. E eu não estou pedindo sua permissão. Eu gostaria de sua ajuda. Mas se você não a der para mim, eu vou pedir a Maia para me levar ao acampamento vampiro de qualquer modo, e eu me entregarei a Raphael. Você entendeu?”

Ela olhou para ele. Ele estava segurando seus braços tão apertado que ela podia sentir o sangue pulsando na pele debaixo de suas mãos. Ela correu sua língua sobre seus lábios secos, sua boca era amarga. “O que eu posso fazer,” ela sussurrou, “para ajudar você?”

Ela olhou acima para ele incredulamente enquanto ele dizia a ela. Ela já estava agitando sua cabeça antes que ele terminasse, seu cabelo chicoteando para trás e a frente, quase cobrindo seus olhos. “Não,” ela disse. “está é uma idéia louca, Simon. Isso não é um dom; é uma *punição....*”

“Talvez não para mim,” Simon disse. Ele olhou em direção a multidão, e Clary viu Maia em pé lá, olhando eles, sua expressão abertamente curiosa. Ela estava claramente esperando por Simon. *Tão rápido*, Clary pensou. *Isso tudo está acontecendo muito rápido.*

“É melhor do que a alternativa, Clary.”

“Não...”

“Isso pode não me machucar no todo. Quero dizer, eu *já* tenho sido punido, certo? Eu já não posso ir a uma igreja, uma sinagoga, não posso dizer...eu não posso dizer nomes santos, eu não posso envelhecer, eu já estou excluído de uma vida normal. Talvez isso não vá mudar



nada.”

“Mas talvez irá.”

Ele soltou os braços dela, deslizou sua mão ao redor de seu lado, e puxou a estela de Patrick de seu cinto. Ele a segurou para ela. “Clary,” ele disse. “Faça isto por mim. Por favor.”

Ela pegou sua estela com dedos dormentes e a levantou, tocando o fim dela na pele de Simon, bem acima de seus olhos. *A primeira marca*, Magnus tinha dito. A genuína primeira. Ela pensou nela, e sua estela começou a se mover do modo que um dançarino começa a se mover quando a música começa. Linhas negras traçavam a si mesmas através de sua testa como um flor se abrindo em uma velocidade de filme girando. Quando ela terminou, sua mão direita doía e espetava, mas enquanto ela puxava de volta e encarava, ela sabia que ela tinha desenhado alguma coisa perfeita, estranha e antiga, algo vindo do princípio da história. Ela queimava como uma estrela acima dos olhos de Simon enquanto ele roçava seu dedos através de sua testa, sua expressão deslumbrada e confusa.

“Eu posso senti-la,” ele disse. “Como uma queimadura.”

“Eu não sei o que irá acontecer,” ela sussurrou. “Eu não sei a longo prazo quais efeitos colaterais ela terá.”

Com um torto meio sorriso, ele levantou sua palma para tocar sua bochecha. “Vamos esperar que nós tenhamos a chance de descobrir.”

## 19 – Peniel\*

\*Local onde Jacó lutou com o Anjo do Senhor (lugar de luta, guerra, de acerto de contas,

transformação) – “Àquele lugar chamou Jacó Peniel, pois disse: Vi a Deus face a face, e a minha vida foi salva. Gênesis 32:30

Maia estava silenciosa a maior parte do caminho para a floresta, mantendo sua cabeça baixa e olhando de um lado para o outro só ocasionalmente, seu nariz enrugou em concentração. Simon se perguntou se ela estava *farejando* seu caminho, e ele decidiu que apesar de que poderia ser um pouco estranho, isso certamente contava como um talento útil. Ele também descobriu que ele não tinha que se apressar para se emparelhar com ela, não importasse o quão rápida ela se movia. Mesmo quando eles alcançaram a trilha que levava para dentro da floresta e Maia começou a correr – rapidamente, silenciosamente, e mantendo-se baixa no terreno – ele não teve problemas em acompanhar seu passo. Era uma das coisas sobre ser um vampiro que ele podia honestamente dizer que ele gostava.

Acabou muito rápido; a mata espessou e eles estava correndo entre as árvores, muito marcadas, o terreno grosso enraizado e denso com folhas caídas. Os galhos acima faziam como padrões de rendas contra o céu estrelado. Eles emergiram das árvores em uma clareira espalhada com grandes rochas que brilhavam como largos dentes brancos. Havia amontoadas pilhas de folhas aqui e ali, como se alguém tivesse passado sobre o lugar com um ancinho gigante.

“Raphael!” Maia tinha vertido suas mãos ao redor de sua boca e estava chamando em uma voz alta o suficiente para assustar as aves dos topos altos das árvores. “Raphael, apareça!”

Silêncio. Então as sombras farfalharam; houve um macio som de passos, como chuva batendo em um telhado de lata. As folhas empilhadas no chão explodiram no ar em minúsculos ciclones. Simon ouviu Maia tossir; ela tinha suas mãos acima, como se para limpar as folhas de seu rosto, seus olhos.

Tão subitamente quanto o vento tinha vindo, ele se assentou. Raphael estava lá, só a uns poucos pés de Simon. Cercando ele estava um grupo de vampiros, pálidos e imóveis como árvores no luar. Suas expressões eram frias, esvaziadas para uma exposta hostilidade. Ele reconheceu alguns deles do Hotel Dumort: a pequena Lily e o loiro Jacob, seus olhos tão estreitos quanto facas. Mas tal quanto muitos deles que ele nunca havia visto antes.

Raphael andou a frente. Sua pele era pálida, seus olhos rodeados com sombras escuras, mas ele sorriu quando viu Simon. “Daylighter,” ele respirou. “Você veio.”

“Eu vim,” Simon disse. “Eu estou aqui, então...está acabado.”

“ Isso está longe de estar acabado, Daylighter.” Raphael olhou em direção a Maia. “Licantropo,” ele disse. “Volte para seu líder do bando e agradeça a ele pela mudança de idéia. Diga a ele que as Crianças da Noite irão lutar ao lado de seu povo na Planície de Brocelind.”

O rosto de Maia ficou estreito. “Luke não mudou...”

Simon interrompeu ela rapidamente. “Está tudo bem, Maia. Vá.”

Seus olhos eram luminosos e tristes. “Simon, pense.” ela disse. “Você não tem que fazer isso.”

“Sim, eu tenho.” Seu tom era firme. “Maia, muito obrigado por me trazer aqui. Agora vá.”

“Simon...”

Ele baixou sua voz.”Se você *não for*, eles irão matar nós dois. E tudo isso terá sido por nada. Vá. Por favor.”

Ela acenou e se afastou, mudando enquanto ela se virava, naquele momento ela era uma frágil garota humana, suas tranças amarradas em contas balançando sobre seus ombros,e no próximo ela tinha atingido o terreno em todas quatro patas, um rápido e silencioso lobo. Ela se atirou da clareira e desapareceu dentro das sombras.

Simon se voltou para os vampiros – e quase gritou em voz alta; Raphael estava em pé diretamente em frente a ele, a centímetros. De perto sua pele sustentava o intrigante traçado escuro da fome. Simon pensou naquela noite no Hotel Dumort - rostos aparecendo das sombras, risos fugazes, o cheiro de sangue – e estremeceu.

Raphael alcançou Simon e segurou seu ombros, o aperto de suas enganosamente suaves mãos como ferro. “Vire sua cabeça,” ele disse. “e olhe para as estrelas; será mais fácil desse jeito.”

“Então você *vai* me matar,” Simon disse. Para sua surpresa ele não sentiu medo, ou até mesmo particularmente agitado; tudo parecia diminuído para uma perfeita claridade. Ele estava simultaneamente alerta de cada folha nos galhos acima dele, cada minúscula pedra sobre o chão, cada par de olhos que descansavam sobre ele.

“O que você pensava?” Raphael disse – um pouco tristemente, Simon pensou. “Isso não é pessoal, eu asseguro a você. É como eu disse antes – você é muito perigoso para ser permitido que você continue como é. Se eu soubesse que você se tornaria...”

“Você nunca teria me deixado rastejar para fora da sepultura. Eu sei,” Simon disse.

Raphael encontrou seu olhos. “Todos fazem o que tem que fazer para sobreviver. Dessa forma nós somos como humanos.” Seus dentes de agulha deslizaram de suas bainhas como delicadas navalhas. “Fique parado,” ele disse. “Isso será rápido.” Ele se inclinou para frente.

“Espere,” Simon disse, e quanto Raphael se puxou de volta com uma careta, ele disse novamente, com mais força: “Espere. Há algo que eu tenho que mostrar a você.”

Raphael fez um baixo som de sibilar.”Você teria mais vantagem fazendo, do que tentando me atrasar, Daylighter.”

“Eu estou. Há algo que eu pensei que você deveria ver.” Simon ergueu e limpou seu cabelo

para trás de sua testa. Isso parecia como uma tolice, até mesmo teatral, gesto, mas enquanto ele fazia isso, ele viu o rosto branco desesperado de Clary enquanto ela olhava para ele, a estela em sua mão, e pensou, bem, *pelo seu bem, eu pelo menos tentei*.

O efeito sobre Raphael era ambos assustador e instantâneo. Ele oscilou para trás como se Simon tivesse brandido um crucifixo para ele, seus olhos arregalando. “Daylighter,” ele cuspiu, “quem fez isso em você?”

Simon apenas olhou. Ele não estava certo que reação ele tinha esperado, mas essa não tinha sido uma.

“Clary,” Raphael disse, respondendo sua própria investigação, “é claro. Só um poder como o dela poderia permitir isso – um vampiro, marcado, e com uma marca como essa...”

“Uma marca como *o que*?” Jacob disse, o esbelto garoto loiro em pé atrás de Raphael. O resto dos vampiros estavam olhando também, com expressões que misturavam confusão e crescente medo. Qualquer coisa que assustasse Raphael, Simon pensou, era certo que assustaria eles também.

“Esta marca,” Raphael disse, ainda olhando só para Simon, “não é uma daquelas vindas do Livro Cinza. É uma das mais velhas marcas do que estas. Uma das antigas, desenhada pela mão do próprio Criador.” Ele fez como se tocasse a testa de Simon mas não pareceu capaz de levar a si mesmo a fazer isso; sua mão pairou por um momento, e então caiu para seu lado. “Essas marcas são mencionadas, mas eu nunca tinha visto uma. E esta...”

Simon disse, “Portanto qualquer que matar a Caim, sete vezes será castigado. E o Senhor pôs um sinal em Caim, para que não o matasse qualquer que o achasse.” Você pode tentar me matar, Raphael. Mas eu não aconselharia isso.”

“A marca de Caim,” Jacob disse em descrença.. “Está marca em você é a marca de *Caim*?”

“Mate ele,” disse uma vampira ruiva que estava perto de Jacob. Ela falou com um pesado sotaque russo, Simon pensou, apesar de ele não ter certeza. “Mate ele de qualquer jeito.”

A expressão de Raphael era um misto de fúria e descrença. “Eu não irei,” ele disse. “Qualquer dano feito a ele irá repercutir no executor sete vezes. Esta é a natureza da marca. É claro que, se algum de vocês tomarem o risco, sem dúvida, seja meu convidado.”

Ninguém falou ou se moveu.

“Eu pensei que não,” Raphael disse. Seus olhos sondaram Simon. “Como a rainha má em um conto de fadas, Lucian Graymark me enviou uma maçã envenenada. Eu suponho que ele esperava que eu ferisse você, e colhesse a punição que se seguiria.”

“Não,” Simon disse rapidamente. “Não – Luke nem mesmo sabe o que eu tinha feito. Seu gesto foi feito de boa fé. Você tem que honrar ele.”

“E então você *escolheu* isso?” Pela primeira havia alguma outra coisa do que desprezo, Simon pensou, no modo que Raphael estava olhando para ele. “Este não é um simples encanto de proteção, Daylighter. Você sabe o que a punição de Caim era?” ele falou suavemente, como se dividindo um segredo com Simon. “*E agora tu és amaldiçoado sobre a terra. Um fugitivo e vagabundo serás tu.*”

“Então,” Simon disse, “ eu irei vagar, se é isso do que se trata. Eu farei o que eu tenho que fazer.”

“Tudo isso,” Raphael disse, “tudo isso pelos Nephilim.”

“Não só pelos Nephilim,” Simon disse.”Eu estou fazendo isso por vocês, também. Mesmo se você queira isso.” Ele levantou sua voz para que os vampiros em silêncio ao redor deles o pudessem ouvir. “Vocês estavam preocupados que se outros vampiros soubessem o que tinha acontecido comigo, eles pensassem que o sangue do Caçador de Sombras pudesse fazer eles andarem na luz também. Mas isso não é o porque eu tenho este poder. Isso foi algo que Valentine fez. Uma experiência. Ele causou isso, não Jace. E isso não pode ser refeito. Isso não vai acontecer de novo.”

“Eu imagino que ele está dizendo a verdade,” Jacob disse, para surpresa de Simon. “Eu certamente tinha conhecido uma ou duas das Crianças da Noite que tinham provado um Caçador de Sombras no passado. Nenhum deles desenvolveu uma afeição pela luz do sol.”

“Uma coisa era recusar ajudar os Caçadores de Sombras antes,” Simon disse, se virando de volta para Raphael, “mas agora, agora que eles me enviaram para você...” ele deixou o resto da sentença se perdurar no ar, incompleta.

“Não tente fazer chantagem comigo,Daylighter,” Raphael disse. “Uma vez que as Crianças da Noites tenham feito uma barganha, eles honram ela, não importa o quão duramente eles são tratados.” Ele sorriu ligeiramente, os dentes de agulha cintilando no escuro. “Existe só uma coisa,” ele disse. “ Um último ato que eu requeiro de você para provar que realmente você aqui em *boa fé*.” A tensão que ele colocou nas duas últimas palavras eram sobrecarregadas com frieza.

“E o que é isso?” Simon perguntou.”

“Nós não seremos os únicos vampiros a lutar na batalha de Lucian Graymark,” Raphael disse. “Então você irá.”

Jace abriu seus olhos sobre um redemoinho prata. Sua boca estava cheia com um liquido amargo. Ele tossiu, imaginando por um momento se ele estava se afogando – mas se assim, ele estava em terra seca. Ele foi se sentando ereto com suas costas contra uma estalagmite, e suas mãos estavam presas atrás dele. Ele tossiu de novo e o sal preencheu sua boca. Ele não estava se afogando, ele notou, só engasgando com sangue.”

“Acordado, irmãozinho?” Sebastian se ajoelhou em frente a ele, um pedaço de corda em suas mãos, seu sorriso como uma faca desembainhada. “Bom. Eu estava com medo por um

momento que eu tivesse matado você um pouco cedo demais.”

Jace virou sua cabeça para o lado e cuspiu um bocado de sangue no chão. Sua cabeça se sentia como se um balão sendo inflado dentro dela, pressionando contra o interior do seu crânio. O redemoinho prateado acima de sua cabeça diminuiu e acalmou para um brilhante padrão de estrelas visíveis através do buraco no teto da caverna. “Esperando por uma ocasião especial para me matar?

O Natal está chegando.”

Sebastian deu a Jace um olhar pensativo.”Você tem uma boca esperta. Você não aprendeu isso de Valentine. O que você aprendeu dele? Não me parece que ele ensinou muito sobre luta também.” Ele se inclinou para mais perto. “Você sabe o que ele me deu no meu nono aniversário? Uma lição. Ele me ensinou que há um lugar nas costas de um homem onde se você enfiar uma lâmina dentro, você pode perfurar seu coração e decepar sua espinha, tudo de uma vez. O que *you* ganhou no seu nono aniversário, garoto anjinho? Um biscoito?”

“Nono aniversário?” Jace engoliu duro. “Então me diga, em que buraco ele estava mantendo você enquanto eu estava crescendo? Por que eu não me lembro de ver você ao redor da mansão.”

“Eu cresci neste vale.” Sebastian lançou seu queixo em direção a saída da caverna. “eu não me lembro de ver você por aqui também, vindo a pensar nisso. Embora eu soubesse sobre você. Eu aposto que você não sabia sobre mim.”

Jace balançou sua cabeça. “Valentine não era muito dado em alardear sobre você. Eu não posso imaginar o porque.”

Os olhos de Sebastian reluziram.”Era fácil de ver agora, a semelhança com Valentine: a mesma combinação rara de cabelo branco prata e olhos negros, os mesmos ossos finos que em outro rosto menos fortemente moldado teriam parecido delicados. “Eu sabia tudo sobre você,” ele disse. “Mas você não sabia nada sobre mim, não é?” Sebastian ficou em seus pés. “Eu queria que você estivesse vivo para assistir isso, irmãozinho,” ele disse. “Então observe, e observe cuidadosamente.” Com um movimento tão rápido que era quase invisível, ele puxou a espada de sua bainha para seu peito. Ela tinha um cabo prateado, e como a Espada Mortal ela brilhava com um luz escura sombria. Um padrão de estrelas estava gravado dentro da superfície da lâmina negra; ela capturou o verdadeiro estrelado enquanto Sebastian virava a lâmina, e queimou como fogo.”

Jace prendeu sua respiração. Ele se perguntou se Sebastian ia meramente matá-lo; mas não, Sebastian já teria matado ele, enquanto ele estava inconsciente, se esta era sua intenção. Jace observou enquanto Sebastian se movia em direção ao centro da câmara, a espada presa levemente em sua mão, apesar de ela parecer bastante pesada. Sua mente estava girando. Como Valentine podia ter outro filho? Quem era sua mãe? Alguém mais do Círculo? Ela era mais velho ou mais novo do que Jace?”

Sebastian tinha alcançado a enorme estalagmite tingida de vermelho no centro da sala. Ela pareceu pulsar enquanto ele se aproximava, e a fumaça dentro dela serpenteou mais rápido.



Sebastian semicerrou seus olhos e levantou a espada. Ele disse algo – uma palavra em um linguagem de demônio soando dura – e trouxe a espada através, forte e rápida, em um retalhante arco.

O topo da estalagmite foi cortado. Dentro, ela era oco como um tubo de teste, preenchido com uma enorme fumaça preta e vermelha, que girava para cima como gás escapando de um balão furado. Houve um rugido – menos um som do que um tipo de pressão explosiva. Jace sentiu seus ouvidos estalarem. Ficou de repente difícil de se respirar. Ele queria agarrar o pescoço de sua camisa, mas ele não podia mover suas mãos: Elas estavam amarradas muito fortemente atrás dele.

Sebastian estava meio escondido atrás da vertente coluna vermelha e preta. Ela estava enrolando, girando acima - “Olhe!” Ele gritou, seu rosto brilhando. Seus olhos estavam iluminados, seus cabelos brancos chicoteando sobre o vento crescente, e Jace se perguntou se seu pai tinha parecido como aquilo quando ele era jovem: terrível e ainda de alguma forma fascinante. “Observe e contemple o exército de Valentine!”

Sua voz foi afundada então pelo som. Era um som como de maré quebrando na praia, o quebrar de uma enorme onda, carregando enormes detritos nela, os ossos esmagados de todas cidades, o ataque de um grande e maléfico poder. Uma coluna enorme girando, precipitando, negridão ondulando emanou da estalagmite quebrada, concentrando-se acima através do ar, despejando em direção – e através da lacuna despedaçada no teto da caverna. *Demônios*. Eles subiam gritando, ganindo, e rosnando, uma agitada massa de garras e unhas e dentes e olhos queimando. Jace se recordou de deitado sobre o convés do navio de Valentine enquanto o céu e a terra e mar, tudo ao redor se tornava um pesadelo; isso era pior. Era como se a terra tivesse se rasgado e o inferno tivesse se derramado através dela. Os demônios carregavam um fedor como milhares de cadáveres apodrecendo. As mãos de Jace se contorceram uma contra a outra, torceram até que as cordas cortassem seus pulsos e elas sangrasse, Um gosto azedo cresceu em sua boca, e ele engasgou indefeso em sangue e bile enquanto os último dos demônios subia e desaparecia acima, um escuro dilúvio de horror, borrando as estrelas.

Jace pensou que ele poderia ter desmaiado por um minuto ou dois. Certamente, houve um período de escuridão durante o qual o grito e uivo acima apagou e ele pareceu suspenso no espaço, colocado entre a terra e o céu, sentindo uma sensação de desapego que era de alguma forma....serena.

Acabou muito cedo. Subitamente ele foi jogado de volta a seu corpo, seus pulsos em agonia, seus ombros pressionados para trás, o fedor dos demônios tão pesado no ar que ele virou sua cabeça de lado e tentou vomitar sem conseguir no chão. Ele ouviu uma risada seca e olhou para cima, engolindo duro contra o ácido em sua garganta. Sebastian se ajoelhou sobre ele, suas pernas montadas nas de Jace, seus olhos brilhando. “Está tudo bem, irmãozinho,” ele disse.”Eles se foram.”

Os olhos de Jace estavam lacrimejando, sua garganta arranhando. Sua voz veio em um grasnar. “Ele disse meia-noite. Valentine disse para abrir o portão a meia-noite. Não pode ser meia-noite ainda.”

“Eu sempre percebi que é melhor pedir desculpas do que permissão nesse tipo de situação.” Sebastian olhou acima para o agora céu vazio. “Deve levar a eles cinco minutos para chegarem daqui a Planície Brocelind, um pouco de menos tempo que meu pai chegará ao lago. Eu quero ver algum sangue Nephilim derramado. Eu quero que eles se atormentem e morram no chão. Eles merecem a vergonha, antes de eles caírem no esquecimento.”

“Você realmente acha que os Nephilim tem tão pouca chance contra os demônios? Não é como se eles estivessem despreparados...”

Sebastian o dispensou com um aceno de seu pulso. “Eu pensei que você estava nos ouvindo. Você não entendeu o plano? Você não sabe o que meu pai vai fazer?”

Jace não nada disse.

“Foi bom você,” Sebastian disse, “me levar a Hodge aquela noite. Se ele não tivesse revelado que o Espelho que nós procurávamos estava no Lago Lyn, eu não tenho certeza se esta noite teria sido possível. Por que quem quer carrega o primeiro dos dois Instrumentos Mortais e se mantém perante o Espelho mortal pode invocar o Anjo Raziel nele, como o Caçador de Sombras Jonathan fez a mil anos atrás. E uma vez que você invoque o Anjo, você pode pedir a ele uma coisa. Uma tarefa. Um...favor.”

“Um favor?” Jace se sentiu todo frio. “E Valentine está indo exigir a derrota dos Caçadores de Sombras em Brocelind?”

Sebastian se levantou. “Isso seria um desperdício,” ele disse.” Não, Ele irá exigir que todos os Caçadores de Sombras que não tiverem bebido da Taça Mortal – que todos os que não são seus seguidores – sejam despojados de seus poderes. Eles não serão mais Nephilim. E como tal, carregando as marcas que eles tem...” Ele sorriu. “Eles se tornarão Esquecidos, presas fáceis para os demônios, e aqueles downworlders que não escaparem serão rapidamente erradicados.”

As orelhas de Jace tiniram com um duro e metálico som. Ele sentiu tontura. “Mesmo Valentine,” ele disse.” mesmo Valentine nunca faria isso...”

“Por favor,” Sebastian disse. “você realmente acha que meu pai não vai do começo ao fim com o que ele planejou?”

“*Nosso* pai,” Jace disse.

Sebastian deu uma olhada abaixo para ele. Seu cabelo era um halo branco; ele parecia como um tipo de anjo mal que poderia ter seguido Lúcifer fora do céu. “Me desculpe,” ele disse, com certa diversão. “Você está *rezando*?”

“Não. Eu disse *nosso* pai. Eu me refiro a Valentine. Não o *seu* pai. Nosso.”

Por um momento Sebastian estava sem expressão; então sua boca escapou acima para o canto, e ele sorriu. “Garoto anjinho,” ele disse. “você é um tolo, não é – como meu pai

sempre dizia.”

“Por que você fica me chamando disso?” Jace exigiu. “Por que você diz tolices sobre anjos...”

“Deus,” Sebastian disse, “Você não sabe de *nada*, não é? Meu pai nunca disse uma palavra a você que não foi uma mentira?”

Jace balançou sua cabeça. Ele tinha puxado as cordas prendendo seus pulsos, mas cada vez que ele puxava elas, elas pareciam se apertar mais. Ele podia sentir o esmagar de seus pulsos em cada um de seus dedos. “Como você sabe que ele não estava mentido para *você*?”

“Por que eu sou o seu sangue. Eu sou como ele. Quando ele se for, eu irei governar a Clave depois dele.”

“Eu não iria me gabar de ser como ele se eu fosse você.”

“Há isso também.” A voz de Sebastian era sem emoção. “eu não finjo ser nenhuma outra coisa do que sou. Eu não me comporto como se eu estivesse horrorizado com o que meu pai faz o que precisa fazer para salvar seu povo, mesmo se eles não querem – ou, se você me perguntar, merece – ser poupado. Quem você preferiria de ter como um filho, um garoto que se orgulha de quem é seu pai ou um que acovarda-se de você em vergonha e medo?”

“Eu não tenho medo de Valentine,” Jace disse.

“Você não deveria ter,” Sebastian disse. “Você deve ter medo de mim.”

Houve algo em sua voz que fez Jace abandonar sua luta contra as amarras e olhar acima. Sebastian ainda estava segurando sua maldosa espada reluzente. Ela era uma coisa escura e bonita, Jace pensou, mesmo quando Sebastian abaixou a ponta dela para que ela descansasse acima da clavícula de Jace, picando seu pomo de adão\*.

\*N/T: Adam's apple: gogó ou melhor, pomo de adão.

Jace se esforçou para manter sua voz firme. “Então o que agora? Você vai me matar enquanto eu estou amarrado? O pensamento de uma luta comigo assusta você tanto assim?”

Nada, nem um flutuar de emoção, passou através do rosto pálido de Sebastian. “Você,” ele disse, “não é uma ameaça para mim. Você é uma praga. Uma chateação.”

“Então por que você não desamarra minhas mãos?”

Sebastian, totalmente parado, olhou para ele. Ele parecia como uma estátua, Jace pensou, como a estátua de algum a muito príncipe morto – alguém que tinha morrido jovem e corrompido. E o que era a diferença entre Sebastian e Valentine; apesar deles compartilharem o mesmo olhar frio de mármore, Sebastian tinha um ar sobre ele de algo arruinado – algo destruído pouco a pouco do interior. “Eu não sou um tolo,” Sebastian disse, “e você não pode me tentar. Eu deixei você vivo só tempo suficiente para que você pudesse

ver os demônios. Quando você morrer agora, e retornar aos seus anjos ancestrais, você pode dizer a eles que não há lugar mais para eles neste mundo. Eles fracassaram com a Clave, e a Clave não precisa mais deles. Nós temos Valentine agora.”

“Você está me matando por que você quer que eu dê uma mensagem a *Deus* para você?” Jace balançou sua cabeça, a ponta de sua espada raspando através de sua garganta. “Você é mais maluco do que pensava.”

Sebastian apenas sorriu e empurrou a lâmina ligeiramente mais profundo; quando Jace engoliu, ele podia sentir a ponta dela amassando sua traquéia.”Se você tiver algumas orações, irmãozinho, diga elas agora.”

“Eu não tenho nenhuma oração,” Jace disse, “embora eu tenha uma mensagem. Para nosso pai. Você vai dar a ele?”

“É claro,” Sebastian disse facilmente, mas houve algo no modo que ele disse isso, um cintilar de hesitação antes que ele falasse, que confirmou o que Jace já estava pensando.

“Você está mentindo,” ele disse. “Você não dará a ele a mensagem, por que você não vai dizer a ele o que você fez. Ele nunca pediu para você me matar, e ele não vai ficar feliz quando ele descobrir.”

“Bobagem. Você não é nada para ele.”

“Você acha que ele nunca saberá o que aconteceu comigo se você me matar agora, aqui. Você pode dizer a ele que eu morri na batalha, ou ele irá presumir que isso é o que aconteceu. Mas você está errado se você pensa que ele não saberá. Valentine sempre sabe.”

“Você não sabe o que você está falando,” Sebastian disse, mas seu rosto estava apertado.

Jace manteve-se falando, pressionando sua vantagem.”Entretanto, você não pode esconder o que você está fazendo. Há uma testemunha.”

“Uma *testemunha*?” Sebastian pareceu quase surpreso, o que Jace contou como algo de uma vitória. “Do que você está falando?”

“O corvo,” Jace disse. “Ele está observando das sombras. Ele irá dizer a Valentine tudo.”

“Hugin?” O olhar de Sebastian rebateu acima, e embora o corvo não estivesse em lugar nenhum para ser visto, o rosto de Sebastian quando ele olhou de volta para Jace estava cheio de dúvida.

“Se Valentine souber que você me assassinou enquanto eu estava amarrado e indefeso, ele vai ficar enojado de você,” Jace disse, e ele ouviu sua própria voz cair dentro da cadência da de seu pai, do modo que ele falava quando ele queria algo: suave e persuasiva. “Ele irá chamar você de covarde. Ele nunca irá perdoar você.”

Sebastian nada disse. Ele estava olhando abaixo para Jace, seus lábios contorcendo, e ódio e fúria atrás de seus olhos como veneno.

“Me desamarre,” Jace disse suavemente. “Me desamarre e lute comigo. É a única maneira.”

Os lábios de Sebastian retorceram de novo, duros, e dessa vez Jace pensou que ele tivesse ido longe demais. Sebastian puxou a espada da trás e a levantou, e o luar explodiu nela em mil cacos de prata, prata como as estrelas, prata como a cor de seu cabelo. Ele desnudou seus dentes – e o assobio da espada cortou o ar noturno com um grito enquanto ele trazia ela abaixo em um circungirante arco.

Clary se sentou sobre os degraus da plataforma no Salão de Acordos, segurando a estela em suas mãos. Ele nunca tinha se sentido tão sozinha. O Salão estava absolutamente, totalmente vazio. Clary tinha procurado em todos os lugares por Isabelle, uma vez que os lutadores tinham todos passado através do Portal, mas ela não tinha sido capaz de encontrar ela. Aline tinha dito a ela que Isabelle estava provavelmente de volta a casa dos Penhallows, onde Aline e uns poucos outros adolescentes foram destinados a estar cuidando de pelo menos uma dúzia de crianças abaixo da idade para lutar. Ela tinha tentado conseguir que Clary fosse com ela, mas Clary tinha recusado. Se ela não pudesse encontrar Isabelle, ela preferia estar sozinha do que próxima com estranhos. Ou assim ela tinha pensado. Mas sentada aqui, ela encontrou o silêncio, e o vazio tinha se tornado mais e mais opressivo. Ainda assim, ela não se moveu. Ela estava tentando tão forte quanto ela podia não pensar em Jace, não pensar em Simon, não pensar em sua mãe ou em Luke ou em Alec – e o único jeito de não pensar, ela tinha encontrado, era permanecer imóvel e olhar para um único quadrado de mármore no chão, contando as rachaduras nele, mais e mais.

Haviam seis. *Um, dois, três. Quatro, cinco, seis.* Ele terminou de contar e começou novamente, do começo. *Um...*

O céu acima explodiu.

Ou pelo menos era o que ele parecia. Clary atirou sua cabeça para trás e olhou acima, através do telhado transparente do Salão. O céu tinha estado escuro um momento atrás; agora ele era uma massa revolvente de chamas e escuridão, atirada através com uma feia luz laranja. *Coisas* se moviam contra aquela luz – coisas hediondas que ela não queria ver, coisas que fizeram ela grata pela escuridão da obscura visão dela. O ocasional vislumbre era ruim o suficiente. A clarabóia transparente acima ondulou e curvou enquanto a horda de demônios passava, como se ela tivesse sido distorcida pelo tremendo calor. Por fim, houve um som como um tiro, uma enorme rachadura apareceu no vidro, araneiforme em sua inúmeras fissuras. Clary mergulhou, cobrindo sua cabeça com suas mãos, enquanto o vidro chovia ao redor dela como lágrimas.

Eles estavam quase no campo de batalha quando o som veio, rasgando a noite ao meio. Um momento as árvores estavam tão silenciosas quanto eles estavam ocultos. No momento seguinte o céu foi iluminado com um infernal brilho laranja. Simon oscilou e quase caiu; ele segurou um tronco de árvore para se firmar e olhar acima, quase incapaz de acredita no

que ele estava vendo. Tudo ao redor dele e os outros vampiros estavam olhando acima para o céu, seus rostos brancos como flores florescendo a noite, elevados para apanhar o luar enquanto o pesadelo após pesadelo corria através do céu.

“Você continua desmaiando em cima de mim,” Sebastian disse.” Isso é extremamente chato.”

Jace abriu seus olhos. Dor lançou através de sua cabeça. Ele colocou suas mãos acima para tocar o lado de seu rosto – e percebeu que suas mãos não estavam mais amarradas atrás dele. Um pedaço de corda arrastava-se de seu pulso. Sua mão veio de seu rosto preta de sangue, escura no luar.

Ele olhou acima dele. Eles já não estavam mais na caverna: ele estava deitado sobre terra suave e grama no chão do vale, não distante da casa de pedra. Ele podia ouvir o som da água no riacho, claramente perto. Batendo nos galhos das árvores acima que bloqueava um pouco do luar, mas ainda era bastante claro.

“Levante-se,” Sebastian disse. “você tem cinco segundos antes que eu te mate onde você esta.”

Jace se pôs de pé tão lentamente quanto ele pensava que ele pudesse escapar. Ele ainda estava um pouco tonto. Lutando por equilíbrio, ele cavou os saltos de suas botas na terra suave, tentando dar a si mesmo alguma estabilidade. “Por que você me trouxe aqui?”

“Duas razões,” Sebastian disse. “Uma, eu me diverti golpeando você. Duas, seria ruim para ambos ter sangue no chão daquela caverna. Acredite-me. E eu pretendo derramar bastante de seu sangue.”

Jace sentiu o seu sintoma, e seu coração afundou. Ou ele tinha derrubado a maioria de suas armas enquanto Sebastian tinha arrastado ele através dos túneis, ou mais provavelmente, Sebastian tinha jogado elas fora. Tudo o que ele tinha deixado foi uma adaga. Era uma lâmina curta – muito curta, sem páreo para a espada.

“Isto não é muito de uma arma.” Sebastian sorriu, branco na lua – ofuscou a escuridão.

“Eu não posso lutar com isso,” Jace disse, tentando soar tão trêmulo e nervoso quanto ele podia.

“Que vergonha.” Sebastian se aproximou de Jace, sorrindo. Ele estava segurando sua espada frouxamente, teatralmente despreocupado, as pontas de seus dedos batendo um leve ritmo sobre o cabo. Se houvesse alguma abertura para ele, Jace pensou, esta era provavelmente ela. Ele colocou seu braço para trás e esmurrou Sebastian tão forte quanto ele podia no rosto.

Osso triturou sob seus nós dos dedos. O golpe enviou Sebastian deitado. Ele derrapou para trás na terra, a espada voando de seu aperto. Jace a pegou enquanto ele se lançava a frente, e um segundo depois estava em pé sobre Sebastian, a espada na mão.



O nariz de Sebastian estava sangrando, o sangue uma faixa escarlate através de seu rosto. Ele se ergueu e puxou seu colarinho de lado, desnudando sua garganta pálida. “Então vá em frente,” ele disse. “Me mate já.”

Jace hesitou. Ele não quis hesitar, mas foi assim: Uma importuna relutância em matar alguém deitado indefeso no chão em frente a ele. Jace se lembrou de Valentine insultando ele, de volta ao Renwick, desafiando seu filho a matá-lo, e Jace não tinha sido capaz de fazer isso. Mas Sebastian era um assassino. Ele tinha matado Max e Hodge.

Ele levantou a espada.

E Sebastian irrompeu fora do chão, mais rápido do que o olho podia seguir. Ele pareceu voar no ar, realizando uma elegante cambalhota para trás e aterrissando graciosamente na grama a apenas um pé de distância. Enquanto ele o fazia, ele chutou, acertando a mão de Jace. O chute enviou a espada girando para fora do alcance de Jace. Sebastian pegou ela no ar, rindo, e cortando com a espada, chicoteando ela em direção ao coração de Jace. Jace saltou para trás e a lâmina dividiu o ar bem em frente a ele, cortando sua camisa a abrindo na frente. Houve uma picada de dor e Jace sentiu o sangue se derramar do talho raso através de seu peito.

Sebastian sorriu, avançando em direção a Jace que impeliu para trás, tateando sua insuficiente adaga do seu cinto enquanto ele ia. Ele olhou ao redor, desesperadamente esperando que houvesse algo que ele pudesse usar como uma arma – uma vara longa, qualquer coisa. Não havia nada em torno dele a não ser a grama, o rio correndo, e as árvores acima, espalhando seus galhos grossos acima como uma rede verde. Subitamente ele se lembrou da configuração de Malachi que a Inquiridora tinha prendido ele nela. Sebastian não era o único que podia saltar.

Sebastian lançou a espada em direção a ela novamente, mas Jace já tinha saltado – direto acima dentro do ar. O menor galho da árvore estava a vinte metros acima; ele se segurou nele, balançando a si mesmo acima e novamente. Ajoelhando sobre o galho, ele viu Sebastian, no chão, girando ao redor e olhando acima. Jace arremessou a adaga e ouviu Sebastian gritar. Sem fôlego, ele se endireitou...

E Sebastian estava subitamente no galho ao lado dele. Seu rosto pálido estava ruborizado pela irritação, seu braço da espada jorrando sangue. Ele tinha largado a espada, evidentemente, na grama, embora o que pareceu meramente feito eles se igualarem, Jace pensou, já que sua adaga tinha se ido também. Ele viu com alguma satisfação que pela primeira vez Sebastian parecia *zangado* – zangado e surpreso, como se um animal que ele pensasse que fosse domesticado tivesse mordido ele.

“Aquilo foi engraçado,” Sebastian disse. “Mas agora acabou.”

Ele lançou a si mesmo em Jace, prendendo ele ao redor da cintura, acertando ele no galho. Eles caíram os vinte metros através do ar, agarrados juntos, golpeando um ao outro – e batendo forte no chão, forte o suficiente para que Jace visse estrelas atrás de seus olhos. Ele

agarrou o braço ferido de Sebastian e cavou seus dedos nele; Sebastian gritou e com as costas da mão bateu em Jace em sua face. A boca de Jace se encheu com sangue salgado; ele engasgou nele enquanto eles rolavam através da terra juntos, socando um ao outro. Ele sentiu um súbito choque de gelo; eles tinham rolado abaixo do ligeiro inclinar para o rio e estavam deitados meio dentro, meio fora da água. Sebastian arfou, e Jace aproveitou a oportunidade para agarrar a garganta do outro garoto e fechar sua mão ao redor dela, apertando. Sebastian arfou, segurando o pulso de Jace em sua mão e sacudindo ela para trás, forte o suficiente para quebrar os ossos. Jace se ouviu gritar como se vindo a distância, e Sebastian pressionou a vantagem, girando o pulso quebrado impiedosamente até que Jace largasse ele e caísse de costas na fria, lama aquosa, seu braço um uivo de agonia.

Meio ajoelhado sobre o peito de Jace, um joelho cavando forte em suas costelas, Sebastian sorriu para ele. Seus olhos brilharam branco e pretos vindos de uma máscara de sujeira e sangue. Algo brilhou em sua mão direita. A adaga de Jace; Ele deve ter pegado ela do chão. Sua ponta descansando diretamente sobre o coração de Jace.

“E nós nos encontramos exatamente onde nós estávamos a cinco minutos atrás,” Sebastian disse. “Você teve sua chance, Wayland. Alguma últimas palavras?”

Jace olhou acima para ele, sua boca correndo sangue, seus olhos ardendo com o suor, e sentindo apenas uma sensação de total e vazia exaustão. Era assim que ele realmente iria morrer? “Wayland?” ele disse. “Você sabe que esse não é meu nome.”

“Você tem tanto que reivindicar isso quanto você tem o nome de Morgenstern,” Sebastian disse. Ele se curvou a frente, inclinando seu peso na adaga. E sua adaga perfurou a pele de Jace, enviando uma quente apunhalada de dor através de seu corpo. O rosto de Sebastian a centímetros de distância, sua voz um sibilante sussurro. “Você *realmente* acha que é filho de Valentine? Você realmente acha que uma choramingante, patética coisa como você era digno de seu um Morgenstern, de ser *meu irmão*?” Ele jogou seu cabelo branco para trás: Ele estava liso com suor e água do riacho. “Você foi trocado\*.” ele disse. “Meu pai trucidou um corpo para retirar você e fazer de você uma de suas experiências. Ele tentou criar você como seu próprio filho, mas você era muito fraco para ser algo bom para ele. Você não podia ser um guerreiro. Você não era nada. Inútil. Então ele jogou você fora para os Lightwoods e esperou que você pudesse ser de alguma utilidade para ele mais tarde, como uma isca. Ou um engodo. *Ele nunca amou você.*”

Jace piscou, seus olhos queimando. “Então você...”

“Eu sou o filho de Valentine. Jonathan Christopher Morgenstern. Você nunca teve nenhum direito a este nome. Você é um fantasma. Um impostor.” Seus olhos estavam negros e cintilando, como as carapaças de insetos mortos, e de repente Jace ouviu a voz de mãe, como se em um sonho – mas ela não era sua mãe – dizendo *Jonathan não é um bebê mais. Ele não é nem mesmo humano; ele é um monstro.*

“É você,” Jace sufocou. “O com o sangue de demônio. Não eu.”

“Isso mesmo.” A adaga deslizou outro milímetro dentro da carne de Jace. Sebastian ainda

estava rindo, mas era um sorriso contraído, como de uma caveira. “Você é o garoto anjo. Eu ouvi tudo sobre você. Você com seu lindo rosto de anjo, e suas lindas maneiras e sua delicadeza, delicados sentimentos. Você nem mesmo pôde assistir um pássaro morrer sem chorar. Não me admira que Valentine tinha vergonha de você.”

“Não.” Jace esqueceu o sangue em sua boca, esqueceu a dor. “Você é quem ele estava envergonhado. Você acha que ele não levou você com ele para o lago por que ele precisava que você ficasse aqui e abrisse o portão a meia noite? Como se ele não soubesse que você não seria capaz de esperar. Ele não levou você com ele por que ele estaria com vergonha de comparecer em frente ao Anjo e mostrar a ele o que ele tinha feito. Mostrar a ela a *coisa* que ele fez. Mostrar a ele *você*.” Jace encarou acima Sebastian – ele podia sentir uma terrível, triunfante pena queimando em seus próprios olhos. “Ele sabia que não há nada humano em você. Talvez ele ame você, mas ele odeia você também...”

“Cale a boca!” Sebastian empurrou abaixo a adaga, girando o cabo. Jace arqueou para trás com um grito, e a agonia explodiu como um relâmpado atrás de seus olhos. *Eu vou morrer*, ele pensou. *Eu estou morrendo. É isso.* Ele se perguntou se seu coração já tinha sido perfurado. Ele sabia agora o que deveria ser como um borboleta pregada em uma tábua. Ele tentou falar, tentou dizer um nome, mas nada veio fora de sua boca mas, mais sangue. E ainda assim Sebastian pareceu ler o seus olhos. “*Clary*. Eu tinha quase me esquecido. Você está apaixonado por ela, não está? A vergonha do seu indecentes impulsos incestuosos deve quase ter matado você. Que pena que você não sabia que ela não era realmente sua irmã. Você poderia ter passado o resto de sua vida com ela, se apenas você não fosse tão estúpido.” Ele se inclinou, empurrando a faca mais fortemente, sua ponta friccionando o osso. Ele falou no ouvido de Jace, a voz tão suave quanto um sussurro. “Ela amava você, também,” ele disse. “Mantenha isso em mente enquanto você morre.”

Escuridão inundou vindo dos cantos da visão de Jace, como tinta derramada sobre uma fotografia, borrando a imagem. De repente não havia nenhuma dor. Ele nada sentiu, nem mesmo o peso de Valentine sobre ele, como se ele estivesse flutuando. O rosto de Valentine levado pela correnteza acima dele, branco contra a escuridão, a adaga levantou-se em sua mão. Alguma coisa brilhante ouro cintilou no pulso de Sebastian, como se ele estivesse usando uma pulseira. Mas aquilo não era uma pulseira, por que ela estava se movendo. Sebastian olhou em direção a sua mão, surpreso, enquanto a adaga caía de seu desprendido aperto e acertava a lama com um som audível.

Então a mão por si mesma, separou-se do seu pulso, batendo no terreno ao lado. Jace olhou espantadamente enquanto a mão cortada de Sebastian saltava e vinha descansar contra um par de botas altas. As botas estavam anexadas a um par de pernas delicadas, elevando para um esguio torso e um familiar rosto coberto com uma cascata de cabelos negros. Jace levantou seus olhos e viu Isabelle, seu chicote embebido com sangue, seus olhos fixados sobre Sebastian, que estava olhando para o tronco ensagüentado de seu pulso com a boca aberta em espanto.

Isabelle sorriu maldosamente. “Isso foi por Max, seu bastardo.”

“*Cadela*,” Sebastian sibilou – e pulou para seus pés enquanto o chicote de Isabelle vinha

retalhante com uma incrível velocidade. Ele mergulhou de lado e se foi. Houve um farfalhar - ele deve ter desaparecido dentro das árvores, Jace pensou, embora sua dor fosse demais para ele virar sua cabeça e olhar.

“Jace!” Isabelle se ajoelhou perto dele, sua estela brilhando em sua mão esquerda. Seus olhos estavam brilhantes com lágrimas; ele devia estar bem ruim, Jace notou, para Isabelle olhar assim.

“Isabelle,” Ele tentou dizer. Ele queria dizer para ela ir, para correr, não importasse o quanto espetacular e corajosa e talentosa ela era – e ela era de todas as coisas – ela não era páreo para Sebastian. E não havia nenhum modo de que Sebastian ia deixar uma pequena coisa como sua mão cortada fora, parar ele. Mas tudo o que veio pela boca de Jace foi uma espécie de ruído gorgolejante.

“Não fale,” Ele sentiu a ponta da sua estela queimar contra a pele de seu peito. “Você vai ficar bem. “Isabelle sorriu para ele tremulamente.” Você provavelmente está se perguntando o que diabos estou fazendo aqui,” ela disse. “Eu não sei o quanto você sabe – eu não sei o que Sebastian disse a você – mas você não é filho de Valentine.” A iratze estava quase terminada; Jace já podia sentir a dor desaparecendo. Ele acenou ligeiramente, tentando dizer a ela: *Eu sei*. “A propósito, eu não estava vindo procurar por você depois que você escapou, por que você disse no seu bilhete para não o fazer, e eu entendi isso. Mas não havia jeito de eu deixar você morrer pensando que você tem sangue de demônio, ou sem dizer a você que não há nada de errado com você, apesar de honestamente, como você podia ter pensado algo tão estúpido em primeiro lugar...” A mão de Isabelle tremeu, e ela congelou, não querendo estragar a runa. “E você precisava saber que Clary não é sua irmã,” ela disse, mais gentilmente. “Por que...por que você precisava. Então eu fiz Magnus me ajudar a rastrear você. Eu usei aquele soldadinho de madeira que você deu para Max. Eu não achei que Magnus teria feito isso normalmente, mas vamos apenas dizer que ele estava em um *extraordinariamente* bom humor, e eu podia ter dito a ele que Alec queria que ele fizesse isso – ainda que não fosse estritamente a verdade, mas seria um momento antes que ele descobrisse que sai. E uma vez que eu sabia onde você estava, bem, ele já tinha criado esse portal, e eu sou muito boa em escapulir...”

Isabelle gritou. Jace tentou se aproximar dela, mas ela estava além de seu alcance, sendo levantada, arremessada para o lado. Seu chicote caiu de sua mão. Ela se arrastou para seu joelhos, mas Sebastian já estava em frente a ela. Seus olhos queimando com fúria, e havia um tecido amarrado na ponta de seu pulso. Isabelle se lançou para seu chicote, mas Sebastian se moveu mais rápido. Ele girou e chutou ela, forte. Sua bota se conectou com a costela. Jace quase pensou que ele pôde ouvir o estalo das costelas de Isabelle enquanto ela voava para trás, aterrissando sem jeito no lado dela. Ele ouviu ela gritar – Isabelle, que nunca tinha gritado em dor – enquanto Sebastian chutava ela de novo e então apanhou o chicote dela, brandindo ele em sua mão.

Jace rolou para seu lado. A quase terminada iratze tinha ajudado, mas a dor em seu peito era ainda ruim, e ele sabia, em uma espécie de forma desligada, que o fato de ele estar tossindo sangue provavelmente significava que ele tinha um pulmão perfurado. Ele não tinha certeza quanto tempo daria a ele. Minutos, provavelmente. Ele apalpou pela adaga onde Sebastian tinha largado ela, próxima aos restos macabros de sua mão. Jace balanceou para seus pés. O

cheiro de sangue estava em todo lugar. Ele pensou na visão de Magnus, o mundo tornando-se em sangue, e sua escorregadia mão apertou sobre o cabo da adaga.

Ele deu um passo a frente. E então outro. Cada passo parecia como se ele estivesse arrastando seus pés através de cimento. Isabelle estava gritando maldições para Sebastian, que estava rindo enquanto ele trazia seu chicote abaixo através do corpo dela. Seus gritos puxavam Jace a frente como um peixe pego em um gancho, mas eles ficavam mais fracos enquanto ele se movia. O mundo estava girando ao redor dele como um brinquedo de parque.

*Mais um passo*, Jace disse a si mesmo. Mais um. Sebastian estava de costas para ele; ele estava se concentrando em Isabelle. Ele provavelmente pensou que Jace já estava morto. E ele quase estava. *Um passo*, ele disse a si mesmo, mas ele não podia fazê-lo, não podia se mover, não podia se induzir a arrastar seus pés mais um passo a frente. Escuridão estava correndo nos cantos de sua visão – uma mais profunda escuridão do que a escuridão do sono. Uma escuridão que ia apagar tudo o que ele estava vendo e trazer a ele um descanso que seria absoluto. Paz. Ele pensou, de repente, em Clary....Clary como ele tinha visto ela pela última vez, dormindo, com seu cabelo espalhado por sobre todo o travesseiro e sua bochecha sobre sua mão. Ele tinha pensado então que ele nunca tinha visto nada tão em paz em sua vida, mas é claro que ela só tinha estado dormindo, como qualquer um poderia dormir. E não tinha sido sua paz que tinha surpreendido ele, mas a sua própria. A paz que ele sentia de estar com ela era como nada que ele tinha conhecido antes.

Dor abalou sua espinha, e ele notou com surpresa que de algum modo, sem nenhuma vontade própria, suas pernas tinham se movido ele a frente no último passo crucial. Sebastian tinha seu braço para trás, o chicote brilhando em sua mão; Isabelle deitada sobre a grama, um amarrotado monte, não mais gritando – não mais se movendo. “Sua cadelinha Lightwood,” Sebastian estava dizendo. “Eu deveria ter esmagado sua cara com aquele martelo quando eu tive a chance...”

E Jace trouxe sua mão acima, com a adaga nela, e afundou a lâmina nas costas de Sebastian. Sebastian tropeçou a frente, o chicote caindo de sua mão. Ele se virou lentamente e olhou para Jace, e Jace pensou, com um distante horror, que talvez Sebastian realmente não fosse humano, que ele era incapaz de ser morto depois de tudo. O rosto de Sebastian estava em branco, a hostilidade tinha ido dele, e o fogo escuro em seus olhos. Ele não parecia mais como Valentine, apesar de tudo. Ele pareceu...assustado.

Ele abriu sua boca, como se ele quisesse dizer algo para Jace, mas seus joelhos já estavam desmoronando. Ele caiu no chão, a força de sua queda enviou ele deslizando abaixo na inclinação para o rio. Ele veio descansar sobre seus pés, seus olhos fitando cegamente acima o céu; a água correndo ao redor dele, carregando faixas escuras de seu sangue correnteza abaixo.

*Ele me ensinou que há um lugar nas costas de um homem onde se você enfiar uma lâmina dentro você pode perfurar seu coração e decepar sua espinha, tudo de uma vez.* Sebastian tinha dito. *Eu acho que nós ganhamos o mesmo presente de aniversário aquele ano, irmãozão*, Jace pensou. *Não ganhamos?*



“Jace!” Era Isabelle, seu rosto ensagüentado, lutando para uma posição sentada. “Jace!” Ele tentou se virar em direção a ela, tentou dizer alguma coisa, mais suas palavras se foram. Ele deslizou para seus joelhos. Um forte peso estava pressionando sobre seus ombros, e a terra estava chamando por ele: baixo, baixo, baixo. Ele mal estava consciente de Isabelle gritando seu nome enquanto a escuridão carregava ele para longe.

Simon era um veterano de incontáveis batalhas. Quer dizer, se você contasse as batalhas empenhadas enquanto jogava Dungeons and Dragons. Seu amigo Eric era um fanático por história militar e era ele quem geralmente organizava a parte das guerras nos jogos, o que envolvia dezenas de minúsculo bonequinhos que se moviam em linha reta através de uma paisagem plana desenhada sobre papel corrido. Aquele era o jeito que ele sempre tinha pensado de batalhas – ou o jeito que elas eram nos filmes, com dois grupos de pessoas avançando uma contra outra, através de uma plana extensão de terra. Linhas retas e ordenadamente em progressão. Isso não era nada como aquilo.

Isso era o caos, uma luta de gritos e movimentos, e a paisagem não era plana mas uma massa de lama e sangue agitado em um espesso e instável grude. Simon tinha imaginado que as Crianças da Noite estariam caminhando para o campo de batalha e seriam saudados por alguém no comando; ele imaginou que ele veria a batalha a uma distância primeiro e seria capaz de observar enquanto os dois lados iam ao encontro de um contra o outro. Mas não houve saudação, e não haviam lados. A batalha se agigantava fora da escuridão como se ele tivesse se desviado por acidente de um lado deserto da rua em um tumulto no meio da Times Square – subitamente haviam multidões agitando-se ao redor dele, mãos o agarrando, empurrando ele fora do caminho, e os vampiros estavam se espalhando, mergulhando dentro da batalha sem sequer um olhar de volta para ele.

E lá estavam os demônios – demônios por toda parte, e ele nunca tinha imaginado a espécie de sons que eles podiam fazer, os gritos e assovios e rosnares, e o que era pior, os sons de rasgar e triturar e faminta satisfação. Simon desejou que ele pudesse desligar sua audição vampira, mas ele não podia, e os sons era como facas picando em seus tímpanos.

Ele tropeçou sobre um corpo deitado metade dentro e metade fora da lama, virou para ver se ajuda era necessária, e viu que o Caçador de Sombras aos seus pés estava partido dos ombros para cima. Osso branco fulgiu contra a terra escura, e apesar da natureza vampira de Simon, ele se sentiu nauseado. *Eu devo ser o único vampiro no mundo doente pela visão de sangue*, ele pensou, e então algo bateu forte nele por detrás e ele caiu, escorregando numa ladeira de lama em um buraco.

Simon não era o único corpo lá embaixo. Ele rolou para suas costas justo quando um demônio aproximou-se sobre ele. Ele parecia como a imagem da morte vinda de uma xilogravura medieval – um esqueleto animado, um machado ensangüentado agarrado em uma mão ossuda. Ele se atirou para o lado enquanto a lâmina caía, a centímetros de seu rosto. O esqueleto fez um ruído desapontado sibilante e suspendeu o machado de novo... E foi atingido de lado por um clave de madeira\*. O esqueleto explodiu como uma pinãta recheada com ossos. Eles chacoalharam em pedaços com um som como castanholas batendo antes de desaparecer dentro da escuridão.



\*Club of knotted wood – uma clave com nós na madeira, pequenas falhas da madeira, não é totalmente lisa. Ex: forro paulista. É aquelas falhinhas...

Um Caçador de Sombras em pé perto de Simon. Não era um que ele tinha visto antes. Um homem alto, barbudo e salpicado de sangue, que correu uma mão sobre sua testa enquanto olhava abaixo para Simon, deixando uma faixa escura atrás. “Você está bem?”

Atordoadado, Simon acenou e começou a se arrastar para seus pés. “Obrigado.”

O estranho se inclinou abaixo, oferecendo uma mão para ajudar Simon a se levantar. Simon aceitou – e saiu voando do buraco. Ele aterrissou em seu pés na borda, seus pés derrapando sobre a lama molhada. O estranho ofereceu um sorriso tímido. “Desculpe. Força de Downworlder – meu parceiro é um lobisomem. Eu não estou acostumado a isso.” Ele espreitou os rosto de Simon. “Você é um vampiro, não é?”

“Como você sabe?”

O homem sorriu. E foi um tipo de sorriso cansado, mas não havia nada de não amigável nele. “Suas presas. Elas saem quando você está lutando. Eu sei por que...” Ele se interrompeu. Simon podia ter preenchido o resto para ele: *Eu sei por que eu matei uma boa parte de vampiros.* “De qualquer modo. Obrigado. Por lutar conosco.”

“Eu...” Simon estava prestes a dizer que ele não tinha exatamente lutado ainda. Ou contribuído com alguma coisa, realmente. Ele se virou para dizer, e tendo exatamente uma palavra saído de sua boca antes que algo impossivelmente enorme e com garras e asas esfarrapadas – varreu descendo do céu e cravou suas garras nas costas do Caçador de Sombras.

O homem nem mesmo gritou. Sua cabeça caiu para trás, como se ele estivesse olhando em surpresa, se perguntando o que tinha segurado ele – e então ele se foi, chicoteando acima dentro do vazio céu negro em um chiar de dentes e asas. Sua clave bateu no chão aos pés de Simon.

Simon não se moveu. A coisa toda, do momento em que ele tinha caído dentro do buraco, tinha levado menos do que um minuto. Ele se virou entorpecidamente, olhando ao redor dele para as espadas girando através da escuridão, para as penetrantes garras dos demônios, e os pontos de iluminação que corriam aqui e ali através da escuridão como vagalumes se lançando através das folhagens – e então ele percebeu o que elas eram. A luzes brilhantes das lâminas serafim.

Ele não podia ver os Lightwoods, ou os Penhallows, ou Luke, ou qualquer um que ele pudesse reconhecer. Ele não era um Caçador de Sombras. E ainda o homem tinha agradecido a ele, agradecido a ele por lutar. O que ele tinha dito a Clary era verdade – esta era sua batalha também, e ele era necessário aqui. Não o Simon humano, que era gentil e geeky\* e odiava a visão de sangue, mas o vampiro Simon, uma criatura que ele nem mesmo mal conhecia.

\*Geeky – apreciador, entendedor e perito em computação e internet.

*Vampiros de verdade sabem que eles estão mortos*, Raphael tinha dito. Mas Simon não se sentia morto. Ele nunca sentiu mais vivo. Ele se virou enquanto um demônio se agigantava em frente a ele: este, uma coisa lagarto, escamoso, com dentes de roedor. Ele se arrastou sobre Simon com suas garras pretas estendidas.

Simon saltou. Ele atingiu a sólida lateral da coisa e se agarrou, suas unhas cavando dentro, as escamas cedendo sob seu aperto. A marca em sua testa pulsou enquanto ele afundava suas presas dentro do pescoço do demônio.  
Seu gosto horrível.

Quando o vidro parou de cair, houve um buraco no teto, a vários metros de largura, como se um meteoro tivesse colidido através dele. O ar frio soprou através da lacuna. Tremendo, Clary ficou em seus pés, limpando o pó de vidro de suas roupas.

A luz de bruxa que tinha iluminado o salão tinha se extinguido: Ele era sombrio por dentro agora, espesso com sombras e poeira. A fraca iluminação do portal desaparecendo na praça era apenas visível, brilhante através das portas da frente abertas. Provavelmente não é mais seguro ficar aqui, Clary pensou. Ele deveria ir para os Penhallows e se juntar a Aline. Ela estava a meio caminho no Salão quando passos soaram sobre o piso de mármore. Com coração golpeando, ela se virou e viu Malachi, uma longa, araneiforme sombra na meia luz, caminhando em direção a plataforma. Mas o que é que ele ainda estava fazendo aqui? Ele não deveria estar com os resto dos Caçadores de Sombras no campo de batalha?

Enquanto ele se aproximava da plataforma, ela notou algo que fez ela por sua mão sobre sua boca, sufocando um grito de surpresa. Havia uma forma escura arqueada empoleirada sobre o ombro de Malachi. Um pássaro. Um corvo, para ser exata.

Hugo.

Clary mergulhou para se abaixar atrás de um pilar enquanto Malachi subia os degraus da plataforma. Lá havia algo inequivocamente furtivo no modo que ele olhava de um lado para o outro. Aparentemente contente por ele não ser observado, ele puxou algo pequeno e brilhante de seu bolso e deslizou ele para seu dedo. Um anel? Ele o tocou e girou ele, e Clary se lembrou de Hodge na biblioteca do Instituto, pegando o anel da mão de Jace.

O ar em frente a Malachi tremulou fracamente, como se com o calor. Uma voz falou vinda dele, uma voz familiar, fria e culta, agora tocada com um fraco aborrecimento.

“O que é, Malachi? Eu não estou com bom humor para conversinhas agora mesmo.”

“Meu senhor Valentine,” Malachi disse. Sua costureira hostilidade tinha sido trocada por uma pegajosa adulação. “Hugin me visitou a um momento atrás, trazendo novidades. Presumi que você já alcançou o Espelho, e então ele me procurou. Eu achei que você deveria querer saber.”

O tom de Valentine foi agudo. “Muito bem. Quais as novidades?”

“É seu filho, senhor. Seu outro filho. Hugin o localizou no vale para a caverna. Ele pode até

ter seguido você através dos túneis para o lago.

Clary agarrou o pilar com dedos embranquecidos; Eles estavam falando sobre Jace. Valentine rosnou. “Ele encontrou seu irmão lá?”

“Hugin disse que ele deixou os dois lutando.”

Clary sentiu seu estômago revirar. Jace, lutando com Sebastian? Ela pensou no modo que Sebastian tinha levantado Jace no Gard e lançou ele, como se ele não pesasse nada. Uma onda de pânico agitou sobre ela, tão intensa que por um momento seus ouvidos zumbiram. No momento a sala nadou fora do foco, ela tinha perdido o que quer que fosse que Valentine tivesse dito a Malachi em retorno.

“E são velhos os suficiente para serem marcados, mas não velhos o suficiente para lutar, que me preocupam,” Malachi estava dizendo agora. “Eles não votam na decisão do Conselho. Parece injusto puni-los do mesmo modo que aqueles que estão lutando devem ser punidos.”

“Eu considere isso.” A voz de Valentine era um retumbar baixo. “Por que adolescentes são mais superficialmente marcados, isso leva a eles mais tempo para se tornarem Esquecidos. Vários dias, pelo menos. Eu acredito que isso pode também ser reversível.”

“Enquanto aqueles de nós que tiver bebido da Taça Mortal permanecerá totalmente não afetados?”

“Eu estou ocupado, Malachi,” Valentine disse. “Eu disse a você que você estará a salvo. Eu estou confiando minha própria vida para este processo. Tenha alguma fé.”

Malachi curvou sua cabeça. “Eu tenho muita fé, meu senhor. Eu tenho mantido ela a anos, em silêncio, servindo você sempre.”

“E você será recompensado,” Valentine disse.

Malachi olhou acima. “Meu senhor...”

Mas o ar tinha parado de tremular. Valentine tinha partido. Malachi franziu as sobrancelhas, então marchou abaixo os degraus da plataforma e em direção as portas da frente. Clary se encolheu contra o pilar, desesperadamente esperando que ele não pudesse vê-la. Seu coração estava golpeando. O que tinha sido tudo aquilo? O que era tudo isso sobre os Esquecidos? A resposta vislumbrou no canto de sua mente, mas ela parecia tão horrível para se ponderar. Mesmo Valentine não seria...

Algo então voou para seu rosto, girando e escura. Ela mal teve tempo de jogar seus braços acima para cobrir seus olhos quando alguma coisa retalhou as costas de suas mãos. Ela ouviu um feroz crocitar, e asas batendo contra seus punhos levantados.

“Hugin! Chega!” Era a voz acentuada de Malachi. “*Hugin!*” Houve um outro crocitar e uma pancada, e então silêncio. Clary baixou seus braços e viu o corvo deitado imóvel aos pés do

Cônsul - desmaiado ou morto, ela não podia dizer. Com um resmungo Malachi chutou o corvo selvagemmente fora de seu caminho e caminhou em direção a Clary, irritado. Ele segurou ela pelo seu punho sangrando e a levantou a seus pés. “Garota estúpida,” ele disse. “Quanto tempo você esteve ouvindo?”

“Tempo suficiente para saber que você é um do Círculo,” ela cuspiu, torcendo seu pulso em seu aperto, mas ele segurava firme. “Você está do lado de Valentine.”

“*Só há um lado.*” Sua voz veio em um assobio. “A Clave é tola, desgovernada, estimulada por metade homens e monstros. Tudo o que eu quero é algo puro, a devolver a sua antiga glória. Uma meta que você acharia que cada Caçador de Sombras teria aprovado, mas não...eles ouvem os tolos e amantes de demônios com você e Lucian Graymark. E agora você enviou os mais nobres Nephilim para morrer nesta ridícula batalha – um gesto vazio que não dará em nada. Valentine já começou o ritual; logo o Anjo irá se elevar, e então os Nephilim se tornarão Esquecidos. Todos aqueles a salvo a pouco sob a proteção de Valentine...”

“Isso é assassinato! Ele está assassinando Caçadores de Sombras!”

“Não assassinato,” o Cônsul disse. Sua voz tinindo com uma paixão fanática. “Limpendo. Valentine fará um novo mundo de Caçadores de Sombras, um mundo purificado da fraqueza e corrupção.”

“Fraqueza e corrupção não estão no mundo,” Clary rebateu. “Está nas *pessoas*. E sempre estará. O mundo precisa de pessoas boas para equilibrá-lo. E vocês estão planejando matar todas elas.”

Ele olhou para ela por um momento com honesta surpresa, como se ele estivesse espantado com a força em seu tom. “Bonitas palavras vindas de uma garota que traiu seu próprio pai.” Malachi se jogou em direção a ela, puxando brutalmente em seu pulso. “Talvez nós devamos ver o quanto Valentine se importaria de ver se eu ensinasse a você...”

Mas Clary nunca encontrou o que ele queria ensinar a ela. Uma forma escura se lançou entre eles – asas ampliadas e garras estendidas. O corvo pegou Malachi com a ponta de uma garra, rasgando um sangrento talho através de sua face. Com um grito o Cônsul soltou Clary e levantou seus braços, mas Hugo tinha circulado de volta e estava retalhando ele cruelmente com bico e garras. Malachi tropeçou para trás, braços se debatendo, até que ele atingiu o canto de um banco, forte. Ele caiu em um desabar; desequilibrado, ele se esparramou depois com um estrangulado grito – rapidamente cortado.

Clary correu para onde Malachi deitou dobrado sobre o piso de mármore, um círculo de sangue já se reunindo ao redor dele. Ele tinha aterrissado em uma pilha de vidro vindo do teto quebrado, e um dos cacos recortados tinha perfurado sua garganta. Hugo ainda estava pairando no ar, circulando o corpo de Malachi. Ele deu um triunfante crocitar enquanto Clary olhava para ele – aparentemente ele não tinha apreciado os chutes e golpes. Malachi deveria ter sabido melhor, do que atacar uma das criaturas de Valentine, Clary pensou azedamente. O pássaro não era mais clemente do que seu mestre.

Mas não havia tempo para pensar em Malachi agora. Alec tinha dito que haviam barreiras ao redor do lago, e que se alguém passasse em um portal lá, um alarme seria disparado. Valentine já estava provavelmente no espelho – não havia tempo a perder. Impelindo-se lentamente para longe do corvo, Clary se virou e se lançou em direção as portas da frente do Salão e o do portal além.

## **20 – Pesado na balança**

Água acertou ela no rosto com um golpe. Clary caiu, engasgando, dentro da gelada

escuridão; primeiro ela pensou que o portal tinha desaparecido além do concerto, e que ela estava presa em um redemoinho preto entre lugares, onde ela iria sufocar e morrer, como Jace tinha alertado a ela que poderia, da primeira vez que ela tinha utilizado um portal. Seu segundo pensamento foi que ela já estava morta.

Ela esteve provavelmente só realmente inconsciente por alguns segundos, apesar de ela sentir como o fim de tudo. Quando ela acordou, isso foi como um choque, que era como o choque de romper através de uma camada de gelo. Ela tinha estado inconsciente e agora, subitamente, ela não estava; ela estava deitada em suas costas, na fria terra úmida, olhando acima para um céu cheio de estrelas que parecia como um bocado de pedaços de prata que tinham sido lançados através de sua superfície negra. Sua boca estava cheia de líquido salgado; ela virou sua cabeça para o lado, tossindo e cuspiendo e arfando até que ela pudesse respirar novamente.

Quando seu estômago tinha parado de contrair, ela rolou para seu lado. Seus pulsos estava presos juntos com uma embotada faixa de luz brilhante, e suas pernas pareciam pesadas e estranhas, arrepiando-se toda com a intensidade de alfinetes e agulhas. Ela se perguntou se ela tinha se repousado sobre elas de modo estranho, ou talvez esse era uma lado do efeito do quase afogamento. As costas de seu pescoço queimavam como se uma vespa tivesse picado ela. Com um suspiro ela se levantou em uma posição sentada, pernas esticadas desajeitadamente em frente a ela, e olhou ao redor.

Ela estava às margens do Lago Lyn, onde a água revelava a poeirenta areia. Uma parede preta de pedra subia atrás dela, os penhascos ela se lembrou da vez dela aqui com Luke. A areia por si era escura, brilhando com mica\* prata. Aqui e ali na areia estavam tochas de luzes de bruxa, preenchendo o ar com seu brilho prateado, deixando um arabesco de linhas brilhantes através da superfície da água.

\*N/T: Mica: minério transparente.

Pela margem do lago, a poucos metros de onde ela se sentava, situava uma mesa baixa feita de pedras chatas, empilhadas uma sobre a outra. Ela tinha claramente sido montada às pressas, apesar das diferenças entre as pedras estarem passando despercebida pelo ângulo. Colocada na superfície das pedras estava algo que fez Clary prender sua respiração – a Taça Mortal, e deitada transversalmente em cima dela, a Espada Mortal, uma língua de fogo negra na luz de bruxa. Ao redor do altar haviam linhas de runas esculpidas na areia. Ela olhou para elas mas estavam confusas, sem sentindo...

Uma sombra cortou através da areia...se movendo rápido – uma longa sombra preta de um homem, ondulando e indistinta pela luz tremeluzindo das tochas. No momento em que Clary levantou sua cabeça, ele já estava aos pés dela.

Valentine.

O abalo em ver ele era tão enorme que ele era quase nenhum choque, de qualquer modo. Ela nada sentiu enquanto ela olhava acima para seu pai, cujo rosto pairava contra o céu escuro como a lua: branco, austero, pontilhado com olhos negros como crateras de meteoros. Acima de sua camisa estavam presas uma série de faixas de couro, segurando



uma dúzia ou mais de armas. Elas eriçavam atrás dele como espinhos de um porco-espinho. Ele pareceu enorme, impossivelmente amplo. A aterrorizante estátua de algum deus guerreiro objetivando a destruição.

“Clarissa,” ele disse. “Você tomou um considerável risco, vindo em um portal aqui. Você tem sorte que eu a vi aparecer na água entre um minuto e o próximo. Você estava inconsciente; se não fosse por mim, você teria se afogado.” Um músculo ao lado de sua boca se moveu ligeiramente. “E eu não me preocuparia muito com as barreiras de alarme que a Clave colocou ao redor do lago. Eu tirei elas no momento em que cheguei. Ninguém sabe que você está aqui.”

*Eu não acredito em você!* Clary abriu sua boca para jogar as palavras em sua cara. Não houve som. Era como um daqueles pesadelos onde ela tentava gritar e gritar, e nada acontecia. Só uma seca nuvem de ar vinha de sua boca, um arfar de alguém tentando gritar com um corte na garganta.

Valentine balançou sua cabeça. “Não se incomode em tentar falar. Eu utilizei uma runa de quietude, uma das que os Irmãos do Silêncio usavam, nas costas de seu pescoço. Há uma runa ligando, sobre seus pulsos, e outra incapacitando suas pernas. Eu não tentaria me levantar, suas pernas não segurarão você, e isso só irá lhe causar dor.”

Clary olhou para ele, tentando perfurar ele com seus olhos, ferir ele com seu ódio. Mas ele pareceu não notar. “Poderia ter sido pior, você sabe. Na hora que eu puxei você para o margem, o veneno do lago já tinha começado seu trabalho. Eu te curei disso, por sinal. Não que eu espere seu agradecimento.” Ele sorriu fracamente. “Você e eu, nós nunca tivemos uma conversa, tivemos? Não uma conversa de verdade. Você deve estar se perguntando por que eu nunca realmente pareci ter um interesse paternal por você. Eu lamento se isso machucou você.”

Agora seu olhar foi do ódio para o ceticismo. Como podiam eles ter uma conversa quando ela não podia nem mesmo falar? Ela tentou forçar as palavras para fora, mas nada veio de sua garganta só um pequeno arfar.

Valentine voltou-se para seu altar e colocou sua mão sobre a Espada Mortal. A espada deu um brilho negro, uma espécie de brilho reverso, como se ela estivesse sugando a iluminação vinda do ar ao redor dela. “Eu não sabia que sua mãe estava grávida de você quando ela me deixou,” ele disse. Ele estava falando para ela, Clary pensou, em um jeito que ele nunca tinha antes. Seu tom era calmo, até mesmo de papo, mas não era isso. “Eu sabia que havia alguma coisa errada. Ela pensou que estava escondendo sua infelicidade. Eu peguei sangue de Ithuriel, sequei ele até um pó, e misturei ele com sua comida, pensando que isso poderia curar sua infelicidade. Se eu soubesse que ela estava grávida, eu nunca teria feito isso. Eu já tinha resolvido a não experimentar novamente em uma criança do meu próprio sangue.”

*Você está mentindo*, Clary queria gritar para ele. Mas ela não tinha certeza se ele estava. Ele ainda soava estranho para ela. Diferente. Talvez fosse por que ele estava dizendo a verdade.

“Depois que ela fugiu de Idris, e procurei ela por anos,” ele disse. “e não só por que ela

tinha a Taça Mortal. Por que eu amava ela. Eu pensei que se eu pudesse apenas falar com ela, eu poderia fazer ela ver a razão. Eu fiz o que eu fiz naquela noite em Alicante em um ataque de raiva, esperando destruir ela, destruir tudo sobre nossas vidas juntos. Mas mais tarde eu...” ele balançou sua cabeça, virando para longe seu olhar por sobre o lago. “Quando eu finalmente localizei ela, eu tinha escutado rumores que ela tinha tido outra criança, uma filha. Eu presumi que você era de Lucian. Ele sempre tinha amado ela, sempre desejado tomar ela de mim. Eu pensei que ela deveria finalmente ter cedido. Ter consentido em ter uma criança com um imundo Downworlder.” Sua voz se apertou. “Quando eu encontrei ela em seu apartamento em Nova York, ela estava meio consciente. Ela me cuspiu que eu tinha feito uma monstro de nosso primeiro filho, e ela tinha me deixado antes que eu pudesse fazer o mesmo para seu segundo. Então ela ficou sem forças em meus braços. Todos aqueles anos que eu estive procurado por ela, e e isso foi tudo o que eu tive com ela. Aqueles poucos segundos em que ela olhou para mim com uma vida inteira digna de ódio. Eu então percebi algo.”

Ele levantou Maellartach. Clary se lembrou do quanto pesado tinha sido até virar a Espada para a segurar, e viu como a espada aumentou os músculos do braço de Valentine acima, duro e ligado, como cordas se contorcendo debaixo da pele.

“Eu percebi,” ele disse, “que a razão que ela me deixou foi para proteger você. Jonathan ela odiava, mas você...ela teria feito qualquer coisa para proteger você. Para proteger você de *mim*. Ela até mesmo viveu entre mundanos, que eu sei que deve ter causado dor a ela. Deve ter machucado ela nunca ser capaz de ensinar a você qualquer de nossas tradições. Você é metade do que você poderia ter sido. Você tem seu talento com runas, mas isso foi desperdiçado por sua educação mundana.”

Ele abaixou a Espada. A ponta dela pendurada agora, perto do rosto de Clary; ela podia ver ela pelo canto de seu olho, flutuando na borda de sua visão, como uma mariposa prateada.

“Eu sabia então que Jocelyn nunca voltaria para mim, por causa de você. Você é a única coisa no mundo que ela amou mais do que ela me amava. E por sua causa ela me odeia. E por causa disso, eu odeio a visão de você.”

Clary virou seu rosto para longe. Se ele ia matar ela, ela não queria ver a morte vindo.

“Clarissa,” Valentine disse. “Olhe para mim.”

*Não.* Ela olhou para o lago. Longe, através da água, ela podia ver um turvo brilho vermelho, como fogo afundado dentro de cinzas. Ela sabia que era a luz da batalha. Sua mãe estava lá, e Luke. Talvez fosse apropriado que eles estivessem juntos, mesmo que ela não estivesse com eles.

*Vou manter meus olhos naquela luz, ela pensou. Vou me manter olhando para ela não importa o que. Essa será a última coisa que eu vou ver.*

“Clarissa,” Valentine disse de novo. “Você se parece com ela, você sabia disso? Igual a Jocelyn.”

Ela sentiu uma dor aguda contra sua bochecha. Era a lâmina da Espada. Ele estava pressionando a ponta dela contra sua pele, tentando forçar ela a virar sua cabeça em direção a ele.

“Estou indo erguer o Anjo agora,” ele disse. “e eu quero que você observe enquanto isso acontece.”

Havia um gosto amargo na boca de Clary. *Eu sei porque você é tão obcecado por minha mãe. Por que ela era a única coisa que você pensava que tinha total controle que jamais se viraria e frearia você. Você pensava que era dono dela e você não era. Isso é o porque você queria ela aqui, agora mesmo, para testemunhar você ganhando. Este é o porque você vai fazer isso comigo.*

A Espada picou uma mais distante em sua bochecha. Valentine disse. “*Olhe para mim, Clary.*”

Ela olhou. Ele não queria, mas a dor era demais – sua cabeça sacudiu para o lado quase contra sua vontade, o sangue pingando em grandes gordas gotas abaixo em sua face, manchando a areia. Uma dor nauseante se apoderou dela enquanto ela levantava sua cabeça para olhar para seu pai.

Ele estava observando a lâmina de Maellartach. Ela, também, estava manchada com seu sangue. Quando ele olhou de volta para ela, havia uma estranha luz em seus olhos. “Sangue é necessário para completar estas cerimônia,” ele disse. “Eu pretendia usar o meu próprio, mas quando eu vi você no lago, eu sabia que era o modo de Raziél me dizer para ao invés, utilizar o da minha filha. Este é o porquê eu limpei seu sangue da mancha do lago. Você está purificada agora – purificada e pronta. Então obrigado, Clarissa, pelo o uso de seu sangue.”

E de algum modo, Clary pensou, ele quis dizer isso, mencionar sua gratidão. Ele tinha a muito perdido a habilidade de distinguir entre força e cooperação, entre medo e boa vontade, entre amor e tortura. E com essa compreensão veio uma torrente de entorpecimento – qual era o objetivo em odiar Valentine por ser um monstro, quando ele nem mesmo sabia que era um?

“E agora,” Valentine disse, “eu só preciso de um pouco mais,” e Clary pensou, *Um pouco mais de que?...enquanto ele mergulhava a espada para trás e o estrelado explodia nela, e ela pensou, É claro. Não é apenas sangue que ele quer, mas a morte.* A Espada tinha se alimentado de sangue o suficiente por agora; ela provavelmente tinha um gosto por isso, como o próprio Valentine. Seus olhos seguiram a luz negra de Maellartach enquanto ela cortava em direção a ela....

E saía voando. Golpeada fora da mão de Valentine, ela se empurrou dentro da escuridão, os olhos de Valentine ficaram largos; seu olhar piscou abaixo, rapidamente, primeiro sobre a sua mão sangrando da espada – e então ele olhou acima e viu, ao mesmo tempo que Clary o fez, o que tinha atingido a Espada Mortal de sua posse.

Jace, uma espada parecendo familiar apertada em sua mão esquerda, em pé no canto de uma elevação de areia, a apenas um passo de Valentine. Clary podia ver pela expressão do homem mais velho que ele não tinha ouvido Jace se aproximar mais do que ela tinha. O coração de Clary surpreendeu-se pela visão dele. Sangue seco encrustado no lado de seu rosto, e havia uma lívida marca vermelha em sua garganta. Seu olhos brilhavam como espelhos, e na luz de bruxa eles pareceram pretos – pretos como os de Sebastian. “Clary,” ele disse, não tirando seus olhos dos de seu pai. “Clary, você está bem?”

*Jace!* Ela lutou para dizer seu nome, mas nada podia passar o bloqueio em sua garganta. Ela sentiu como se estivesse engasgando.

“Ela não pode te responder,” Valentine disse. “Ela não pode falar.”

Os olhos de Jace brilharam. “O que você fez a ela?” Ele empurrou a espada em direção a Valentine, que deu um passo para trás. O olhar sobre o rosto de Valentine era cauteloso, mas não assustado. Havia uma consideração em sua expressão que Clary não gostou. Ela sabia que deveria se sentir triunfante, mas ela não se sentiu – se alguma coisa, ela sentiu mais pânico do que ela tinha a um momento atrás. Ela tinha percebido que Valentine estava indo matar ela – tinha aceitado isso – e agora Jace estava ali, e seu medo tinha expandido para cercar ele também. E ele parecia tão...*arruinado*. Seu equipamento estava rasgado, meio aberto abaixo de um braço, e a pele por baixo era um vai e vem com linhas brancas. Sua blusa estava rasgada através da frente, e havia uma *irratze* desbotando sobre seu coração que não tinha conseguido apagar o bastante a feia cicatriz vermelha abaixo dela. Sujeira manchava suas roupas, como se ele tivesse rolado ao redor do chão. Mas era sua expressão que mais a assustou. Ela era tão...*gélida*.

“Uma runa de quietude. Ela não irá machucar por si..” Olhos de Valentine fixados sobre Jace....famintamente, Clary pensou, como se ele estivesse bebendo da visão dele. “Eu não acho,” Valentine perguntou, “que você veio se juntar a mim? Para ser abençoado pelo Anjo ao meu lado?”

A expressão de Jace não mudou. Seus olhos estavam fixados sobre seu pai adotivo, e nada havia neles – nem a leve partícula de afeição ou amor ou lembrança. Não havia sequer algum ódio. Só...desdém, Clary pensou. Um frio desdém. “eu sei o que você está planejando fazer,” Jace disse. “eu sei por que você está invocando o Anjo. E eu não vou deixar você fazer isso. Eu já enviei Isabelle para alertar o exército...”

“Advertências farão a eles pouco bem. Isto não é a espécie de perigo que você pode fugir.” O olhar de Valentine luziu abaixo para a espada de Jace. “Solte isso,” ele começou, “e nós poderemos falar..”Ele se interrompeu então. “Essa não é sua espada. Esta é uma espada Morgenstern.”

Jace sorriu, um escuro, doce sorriso. “Era de Jonathan. Ele está morto agora.”

Valentine pareceu espantado. “Você quer dizer...”

“Eu a peguei do chão, onde ele tinha soltado ela,” Jace disse, sem emoção, “depois que eu

matei ele.”

Valentine parecia confundido. “*Você* matou Jonathan? Como você pôde tê-lo feito?”

“Ele teria me matado,” Jace disse. “Eu não tive escolha.”

“Eu não quis dizer isso.” Valentine balançou sua cabeça, ele ainda parecia atordoado, como um boxeador que tinha sido golpeado muito forte no momento, antes que ele caísse no tapete. “Eu eduquei Jonathan...eu mesmo treinei ele. Não havia guerreiro melhor.”

“Aparentemente,” Jace disse. “havia.”

“Mas...” E a voz de Valentine partiu, a primeira vez que Clary tinha ouvido um falha na estável fachada serena de sua voz. “Mas ele era seu irmão.”

“Não. Ele não era.” Jace deu um passo a frente, cutucando a lâmina um centímetro mais perto do coração de Valentine. “O que aconteceu com meu pai de verdade? Isabelle disse que ele morreu em um ataque, mas ele foi realmente? Você matou ele, como você matou minha mãe?”

Valentine ainda parecia abalado. Clary sentiu que ele estava lutando por controle – lutando contra a dor? Ou apenas o medo de morrer? “Eu não matei a sua mãe. Ela tirou sua própria vida. Eu tirei você de seu corpo morto. Se eu não tivesse feito isso, você teria morrido a muito com ela.”

“Mas *por que*? Por que você fez isso? Você não precisava de um filho, você *tinha* um filho!” Jace pareceu mortal ao luar, Clary pensou, mortal e estranho, como alguém que ela não conhecia. A mão que segurava a espada em direção a garganta de Valentine era firme. “Me diga a verdade,” Jace disse. “Chega de mentiras sobre como nós somos carne e sangue. Pais mentem para seus filhos, mas você...você não é meu pai. E eu quero a verdade.”

“Não era de um filho que eu precisava,” Valentine disse. “Era de um soldado. Eu tinha pensado que Jonathan poderia ser aquele soldado, mas ele tinha muito da natureza de demônio nele. Ele era muito selvagem, muito imprevisível, não sutil o suficiente. Eu temia mesmo assim, quando ele mal estava fora da infância, que ele nunca teria a paciência ou a compaixão para me seguir, para liderar a Clave em meu exemplo. Então eu tentei novamente com você. E com você eu tive o problema oposto. Você era muito amável. Muito empático. Você sentia a dor dos outros como se ela fosse a sua própria; você não podia suportar a morte de seus animais. Entenda isso, meu filho...eu amei você por essas coisas. Mas as muitas coisas que eu amava sobre você, faziam de você inútil para mim.

“Então você pensou que eu era suave e inútil,” Jace disse. “Eu acho que será surpreendente para você então, quando seu amável e inútil filho cortar sua garganta.”

“Nós temos estado através disso,” A voz de Valentine era firme, mas Clary pensou que ela podia ver o suor brilhando em suas têmporas, para a base de sua garganta. “Você não faria isso. Você não queria fazer isso em Renwick, e você não quer fazer isso agora.”

“Você está errado.” Jace falou em um tom medido. “Eu tenho me lamentado não matar você a cada dia, desde que eu deixei você ir. Meu irmão Max está morto porque eu não matei você aquele dia. Dezenas, talvez centenas, estão mortos porque eu retive minha mão. Eu conheço seu plano. Eu sei que você espera massacrar quase cada Caçador de Sombras em Idris. E eu me pergunto, quantos mais têm que morrer, antes que eu faça o que eu deveria ter feito na ilha de Blackweel? Ele disse. “Eu não quero matar você. *Mas eu vou.*”

“Não faça isso,” Valentine disse. “Por favor. Eu não quero...”

“Morrer? Ninguém quer morrer, pai.” A ponta da espada de Jace escorregou mais baixo, e então mais baixo, até que ela descansasse sobre o peito de Valentine. O rosto de Jace era calmo, a face de um anjo despachando a justiça divina. “Tem alguma últimas palavras?”

“Jonathan...”

Sangue pontuou a blusa de Valentine onde a ponta da lâmina descansava, e Clary viu, em sua mente, Jace em Renwick, sua mão tremendo, não querendo machucar seu pai. E Valentine insultando ele. *Impulsione a lâmina. Sete centímetros...talvez dez.* Não era como aquilo agora. A mão de Jace estava firme. E Valentine parecia assustado.

“Últimas palavras,” Jace sibilou. “Quais elas são?”

Valentine levantou sua cabeça. Seus olhos negros, enquanto ele olhava para o garoto em frente a ele, eram sérios. “Sinto muito,” ele disse. “Eu sinto muito”. Ele esticou uma mão, como se ele quisesse alcançar Jace, até tocar ele – sua mão se virou, palma para cima, os dedos se abrindo – e então lá estava um flash prata, e algo voou perto de Clary na escuridão como uma bala de um revólver. Ela sentiu o ar deslocado roçar sua bochecha enquanto ela passou, e então Valentine tinha pego ela no ar, uma longa língua de fogo prata que piscou uma vez em sua mão enquanto ele trazia ela abaixo.

Era a Espada Mortal. Ela deixou uma trilha de luz preta sobre o ar enquanto Valentine dirigia a lâmina dentro do coração de Jace.

Os olhos de Jace voaram arregalados. Um olhar de incrédula confusão passou por sobre seu rosto; ele olhou abaixo para si mesmo, onde Maellartach prendia-se grotescamente fora de seu peito – ela parecia mais bizarra do que horrível, como uma estaca vinda de um pesadelo que fazia nenhum sentido lógico. Valentine puxou sua mão para trás então, puxando a Espada fora do peito de Jace que do modo que ele poderia ter puxado uma adaga de sua bainha; como se ela tivesse tido sido tudo o que estava segurando ele em pé, Jace foi para seus joelhos. Sua espada deslizou de seu aperto e bateu na terra úmida. Ele olhou abaixo para ela em perplexidade, como se ele não tivesse idéia do porque ele tinha segurado ela, ou por que ele tinha deixado ela partir. Ele abriu sua boca como se para fazer a pergunta, e sangue verteu sobre seu queixo, manchando o que restava de sua camisa rasgada.

Tudo depois disso pareceu a Clary acontecer muito lentamente, como se o tempo estivesse se alongando. Ela viu Valentine se afundar para o chão e puxar Jace para seu colo, como se



Jace ainda fosse muito pequeno e pudesse facilmente ser abraçado. Ele puxou ele perto e o balançou, e ele abaixou seu rosto e pressionou ele contra o ombro de Jace, e Clary pensou por um momento que ele poderia até mesmo ter estado chorando, mas quando ele levantou sua cabeça, os olhos de Valentine estavam secos. “Meu filho,” ele sussurrou. “Meu menino.”

A terrível lentidão do tempo esticou em torno de Clary como uma estrangulante corda, enquanto Valentine abraçava Jace e limpava seu cabelo ensagüentado para trás de sua testa. Ele abraçou Jace enquanto ele morria, e a luz partia de seus olhos, e então Valentine deitou o corpo de seu filho adotivo gentilmente abaixo no chão, cruzando seus braços sobre seu peito como se para esconder a abertura ensagüentada da ferida lá. “*Ave...*,” ele começou, como se ele quisesse dizer as palavras para Jace, a despedida dos Caçadores de Sombras, mas sua voz partiu, e ele se virou abruptamente e caminhou de volta em direção ao altar.

Clary não podia se mover. Mal podia respirar. Ela podia ouvir seu próprio coração batendo, ouvir o arranhar de sua respiração em sua garganta seca. Do canto de seu olho ela podia ver Valentine em pé na beira do lago, sangue correndo da lâmina de Maellartach e pingando dentro da concha da Taça Mortal. Ele estava entoando palavras que ela não entendia. Ela não se importou em tentar entender. Tudo estaria acabado em breve, e ela estava quase feliz. Ela se perguntou se ela tinha energia suficiente para se arrastar para onde Jace repousava, se ela podia deitar ao lado dele e esperar por isto estar acabado. Ela olhou para ele, deitado imóvel sobre a agitada e sangrenta areia. Seus olhos estavam fechados, seu rosto imóvel; se não fosse pelo talho em seu peito, ela teria dito a si mesma que ele estava dormindo. Mas ele não estava. Ele era um Caçador de Sombras; ele tinha morrido em combate; ele merecia uma última bênção. *Ave atque vale* Seus lábios formaram as palavras, apesar delas parecerem vindas de sua boca em silenciosas baforadas de ar. Na metade do pensamento, ela parou, sua respiração prendendo. O que ela devia dizer? Bênção e vá em paz\*, Jace Wayland? Este nome não era verdadeiramente dele. Ele nunca teve nem mesmo *sido* nomeado, ela pensou com agonia, apenas foi dado o nome de uma criança morta por que que tinha sido satisfatório aos planos de Valentine naquele tempo. E havia tanto poder em um nome...

Sua cabeça chicoteou ao redor, e ela olhou para o altar. As runas em torno dela tinha começado a brilhar. Elas eram runas de invocação, runas de chamamento, runas de ligação. Elas não eram diferentes das runas que tinham mantido Ithuriel aprisionado nas celas embaixo da mansão Wayland. Agora, muito contra a sua vontade, ela pensou no modo que Jace tinha olhado para ela então, o fulgir de fé em seus olhos, sua crença nela. Ele sempre tinha pensado que ela era forte. Ele tinha mostrado isto em tudo o que ele fazia, em cada olhar e em cada toque. Simon tinha fé nela também, e ainda quando ele a abraçou, tinha sido como se ela fosse algo frágil, algo feito de vidro delicado. Mas Jace tinha abraçado ela com toda a força que ele tinha, nunca se perguntando se ela podia agüentar – ele sabia que ela era tão forte quanto ele era.

Valentine estava mergulhando a ensagüentada Espada mais e mais na água do lago agora, entoando baixo e rápido. A água do lago estava ondulando, como se uma mão gigante estivesse tocando os dedos levemente através de sua superfície.

Clary fechou os olhos. Lembrando-se do modo que Jace tinha olhado para ela na noite que ela tinha libertado Ithuriel, ela não podia se impedir porém de imaginar o modo que ele olharia para ela agora, se ele visse ela tentando se deitar para morrer sobre a areia, ao lado dele. Ele não ficaria tocado, não pensaria que isso era um gesto bonito. Ele teria se zangado com ela por desistir. Ele estaria tão...desapontado.

Clary se abaixou tanto que ela estava se deitando sobre o chão, puxando suas pernas mortas atrás dela. Lentamente ela rastejou através da areia, empurrando-se adiante com seus joelhos e mãos atadas. A faixa brilhante ao redor de seus pulsos queimavam e picavam. Sua camisa se rasgou enquanto ela se arrastava através do terreno, e a areia arranhava a pele nua de seu estômago. Ela mal sentiu isso. Foi uma tarefa difícil, puxar a si mesma adiante desse jeito – suor correndo abaixo de suas costas, entre seus ombros. Quando ela finalmente alcançou o círculo de runas, ela estava arfando tão alto que ela ficou aterrorizada que Valentine fosse ouvi-la.

Mas ele nem mesmo se virou. Ele tinha a Taça Mortal em um mão e a Espada na outra. Enquanto ela assistia, ele puxou sua mão direita para trás, falou várias palavras que soaram como grego, e jogou a Taça; Ela brilhou como uma estrela cadente enquanto ela saltou em direção a água do lado e desapareceu embaixo da superfície com um fraco splash.

O círculo de runas estava emanando um fraco calor, como uma parcial fogueira. Clary tinha girado e lutado para levar sua mão para a estela comprimida em seu cinto. A dor em seus pulsos perfuravam enquanto seus dedos se fechavam em torno do punho; ela a puxou livre com um abafado arfar de alívio.

Ela não podia separar seus pulsos, então ela agarrou a estela desajeitadamente em ambas as mãos. Ela se empurrou acima com seus cotovelos, olhando abaixo as runas. Ela podia sentir o calor delas em seu rosto; elas tinham começado a cintilar como luzes de bruxa. Valentine tinha a Espada Mortal ereta, pronta para atirá-la; ele estava entoando as últimas palavras do encanto de invocação. Com um irromper final de força. Clary dirigiu a ponta da estela na areia, não roçando de lado as runas que Valentine tinha desenhado, mas traçando seu próprio padrão sobre elas, escrevendo uma nova runa acima de uma que simbolizava o nome dele. Ela era apenas uma pequena runa, ela pensou, apenas uma pequena mudança – nada como sua imensamente poderosa runa Aliança, nada como a Marca de Caim. Mas era tudo que ela podia fazer. Exausta, Clary rolou para seu lado justo quando Valentine puxou seu braço para trás e deixou a Espada Mortal voar.

Maellartach voou a extremidade, um negro e prata borrão que juntou-se silenciosamente com o negro e prata lago. Uma grande pluma subiu do local onde ela mergulhou: uma florescente água platina. A pluma se elevou mais e mais, um géiser de prata derretida, como chuva caindo para cima. Houve um grande barulho de estrondo, o som de gelo rachando, uma geleira quebrando – e então o lago pareceu explodir se separando, água prata explodindo acima como um dilúvio ao contrário.

E subindo com o dilúvio veio o Anjo. Clary não teve certeza do que ela tinha esperado – alguma coisa como Ithuriel, mas Ithuriel tinha sido extinguido por muitos anos de cativo e tormento. Este era um anjo em plena força de sua glória. Enquanto ele se elevava da água,

seus olhos começaram a queimar como se ela estivesse olhando para o sol.

As mãos de Valentine tinham caído para seus lados. Ele estava olhando acima com um expressão extasiada, um homem olhando para seu maior sonho tornando-se realidade. “*Raziel*,” ele suspirou.

O Anjo continuou a se elevar, como se o lago tivesse descido, revelando uma grande coluna de mármore em seu centro. Primeiro sua cabeça emergiu da água, cabelo jorrando como correntes de prata e ouro. Então os ombros, brancos como pedra, e então um torso nu – e Clary viu que o Anjo era todo marcado com runas tais quais os Nephilim tinham, apesar de que as runas de Raziel fossem douradas e vivas, movendo-se através de sua pele branca, como faíscas voando vindas de uma chama.

De algum modo, ao mesmo tempo, o Anjo era tanto enorme e não maior do que um homem: os olhos de Clary machucaram-se tentando absorver tudo dele, e ainda ele era tudo o que ela podia ver. Enquanto ele subia, asas irromperam de suas costas e abriram-se largas através do lago, e elas eram ouro também, e emplumadas, e posicionado em cada pena estava um único olho dourado fitando.

Era lindo, e também aterrorizante. Clary queria olhar para longe, mas ela não podia. Ela veria tudo. Ela veria isso por Jace, por que ele não podia.

*É como todas aquelas pinturas*, ela pensou. O Anjo subindo do lago, a Espada em uma mão e a Taça na outra. Ambas estavam derramando água, mas Raziel estava seco como um osso, suas asas desumedecidas. Seus pés descansavam, brancos e descalços, sobre a superfície do lago, ondulando suas águas em pequenas ondas de movimento. Seu rosto, belo e não humano, olhou abaixo para Valentine.

E então ele falou.

Sua voz era como um clamor e um grito e como música, tudo de uma vez. Ela não continha palavras, e ainda eram totalmente compreensíveis. A força de sua respiração quase golpeou Valentine para trás; ele cravou os calcanhares de suas botas dentro da areia, sua cabeça inclinou para trás como se ele estivesse andando contra uma tempestade. Clary sentiu o vento da respiração do Anjo passar sobre ela: ele era quente como o ar escapando de uma fornalha, e cheirava como estranhos temperos.

*Foi a mil anos desde que fui invocado para este lugar*, Raziel disse. *Jonathan, o Caçador de Sombras, me chamou então, e suplicou para misturar meu sangue com o sangue dos homens mortais em uma Taça e criar uma raça de guerreiros que livraria esta terra da espécie demoníaca. Eu fiz tudo o que ele me pediu e disse a ele que não faria mais. Por que você me invoca agora, Nephilim?*

A voz de Valentine era ansiosa. “Mil anos se passaram, Glorioso Único, mas a espécie de demoníaca ainda está aqui.”

*O que é isso par amim? Mil anos para um anjo passa entre um piscar de um olho e outro.*

“Os Nephilim que você criou foram uma grande raça de homens. Por muitos anos eles lutaram corajosamente para livrar esta superfície da mácula dos demônios. Mas eles falharam devido a fraqueza e corrupção em suas fileiras. Eu pretendo retornar a eles sua antiga glória...”

*Glória?* O Anjo soou ligeiramente curioso, como se a palavra fosse estranha para ele. *Glória pertence a Deus somente.*

Valentine não hesitou. “A Clave como os primeiros Nephilim criados não existe mais. Eles se aliaram com Downworlders, os demônios corrompidos não humanos que infestam este mundo como pulgas sobre a carcaça de um rato. E é minha intenção limpar este mundo, para destruir cada Downworlder junto com cada demônio...”

*Demônios não possuem almas. Porém, as criatura que você fala, as Crianças da Lua, Litith, e Fadas, todas tem alma. Parece que suas regras como o que faz e o que não faz, formam um ser humano que é mais rígido do que nossa própria.* Clary podia ter jurado que a voz do anjo tinha tomado um tom seco. *Você pretende desafiar os céus como aquela outra Estrela da Manhã\* cujo nome você suporta, Caçador de Sombras?*

\*N/T: Isaías 14:12 – Fala da queda de satanás (estrela da manhã, o anjo de luz que caiu)

“Não desafiar os céus, não, senhor Raziel. *Aliar* a mim mesmo com os céus...”

*Em uma guerra de sua criação? Nós estamos no céu, Caçador de Sombras. Nós não lutamos em suas batalhas mundanas.*

Quando Valentine falou novamente, ele soou quase ferido. “Senhor Raziel. Seguramente você não teria permitido que tal coisa como um ritual que você poderia ser invocado existiria, se você não tencionasse ser invocado. Nós Nephilim somos seus filhos. Nós precisamos de sua orientação.”

*Orientação?* Agora o Anjo soou divertido. *Isso dificilmente parece ser o porquê que você me trouxe aqui. Você procura especialmente sua própria fama.*

“Fama?” Valentine ecoou roucamente. “Eu tenho dado tudo por esta causa. Minha esposa. Meus filhos. Eu não retive meus filhos. Eu tenho dado tudo que eu tenho por isso ...*tudo*.”

O anjo simplesmente pairava, encarando abaixo Valentine com seus estranhos e não humanos olhos. Suas asas se moveram em lento e não deliberado movimento, como a passagem de nuvens através do céu. Por fim ele disse, *Deus pediu a Abraão para sacrificar seu filho sobre um altar parecido como este, para ver quem era que Abraão mais amava, Isaque ou a Deus. Mas ninguém pediu para você sacrificar seu filho, Valentine.*

Valentine olhou abaixo para o altar a seus pés, manchado com o sangue de Jace, e então de volta para o Anjo. “Se eu devo, eu vou forçar isto de você,” ele disse. “Mas eu preferia ter sua cooperação de boa vontade.”

*Quando Jonathan, o Caçador de Sombras, me invocou, o Anjo disse, eu dei a ele meu apoio por que eu podia ver seu sonho de um mundo livre de demônio era verdadeiro. Ele imaginou um céu nesta terra. Mas você sonha apenas sua própria glória, e você não ama o céu. Meu irmão Ithuriel pode atestar isso.*

Valentine empalideceu. “Mas...”

*Você acha que eu não sei?* o Anjo sorriu. Era o mais terrível sorriso que Clary tinha visto. *E é verdade que o mestre do círculo que tenha desenhado pode me obrigar a uma única ação. Mas você não é este mestre.*

Valentine o fitou. “Meu senhor Raziel...não há ninguém mais...”

*Mas há,* disse o Anjo. *Há sua filha.*

Valentine deu a volta. Clary, deitada semi-consciente na areia, seus pulsos e braços em gritante agonia, olhou audaciosamente de volta. Por um momento seus olhos se encontraram – e ele *olhou* para ela, realmente olhou para ela, e ela notou que essa era a primeira vez que seu pai tinha olhado para ela no rosto e *visto* ela. A primeira e única vez.

“Clarissa,” ele disse. “O que você fez?”

Clary esticou sua mão, e com seu dedo ela escreveu na areia a seus pés. Ela não tinha desenhado runas. Ela desenhou palavras: as palavras que ele tinha dito a ela da primeira vez que ele viu o que ela podia fazer, quando ele tinha desenhado a runa que tinha destruído seu navio.

MENE MENE TEKEL UPHARSIN.\*

\*N/T: Valentine cita um trecho bíblico de Daniel 5:25:28. Para entender tudo é preciso ler o capítulo 5 de Daniel.

Mene: Contou Deus o teu reino e o acabou.

Tequel: Pesado foste na balança, e foste achado em falta.

Peres: Dividido foi o teu reino, e deu aos medos e persas.

Seus olhos se alargaram, tal como os olhos de Jace tinham se alargado antes de ele morrer. Valentine tinha ficado branco osso. Ele se virou lentamente para enfrentar o Anjo, levantando suas mãos em um gesto de súplica. “Meu senhor Raziel...”

O Anjo abriu sua boca e cuspiu. Ou pelo menos foi isso como pareceu para Clary...que o Anjo cuspiu, e que o que veio de sua boca era uma faísca disparando de fogo branco, como uma seta queimando. A seta voou direta e exata através da água e se enterrou no peito de Valentine. Ou talvez “enterrar” não era a palavra...ela rasgou através dele, como um rocha através de papel fino, deixando um esfumaçante buraco do tamanho de um punho. Por um momento Clary, olhando acima, pôde olhar através do peito de seu pai e ver o lago e o ardente brilho do Anjo além.

O momento passou. Como um árvore derrubada, Valentine caiu ao chão e deitou imóvel –

sua boca aberta em um grito silencioso, seus olhos cegos fixados para sempre em um último olhar de incrédula traição.

*Está foi a justiça dos céus. Eu espero que você não esteja consternada.*

Clary olhou acima. O Anjo pairou sobre ela, como uma torre de chama branca, riscando o céu. Suas mãos estavam vazias; a Taça Mortal e a Espada deitadas na margem do lago.

*Você pode me forçar a uma ação, Clarissa Morgenstern. O que é que você quer?*

Clary abriu sua boca. Nenhum som veio.

*Ah, sim*, o Anjo disse, e lá estava a delicadeza em sua voz agora. *A runa*. Os muitos olhos em suas asas piscaram. Algo varreu sobre ela. Foi suave, mais suave do que seda ou outro tecido, mais suave do que um sussurro ou o roçar de uma pena. Era o que ela imaginava que as nuvens pudessem parecer, se elas tivessem uma textura. Um leve aroma veio com o toque – um aroma prazeroso, inebriante e doce.

A dor desapareceu de seus pulsos. Não mais presos juntos, suas mãos caíram para seus lados. O picar nas costas de seu pescoço se foi também, e o peso vindo de suas pernas. Ela lutou para ficar em seus joelhos. Mas do que qualquer coisa, ela quis se rastejar através da areia ensangüentada em direção ao lugar onde o corpo de Jace repousava, engatinhar até ele e deitar ao seu lado e colocar seus braços ao seu redor, embora ele tivesse partido. Mas a voz do Anjo forçou ela; ela permaneceu onde estava, olhando acima para sua brilhante luz dourada.

*A batalha na Planície de Brocelind está terminando. No impedimento de Morgenstern seus demônios desapareceram com sua morte. Muitos já estão fugindo; o resto irá em breve ser destruído. Há Nephilins vindo para as margens deste lago no presente momento. Se você tiver um pedido, Caçadora de Sombras, fale ele agora.* O Anjo se interrompeu. *E lembre-se que eu não sou um gênio. Escolha seu desejo sabiamente.*

Clary hesitou – só por um momento, mas o momento se esticou tão longo quanto qualquer momento nunca teve. Ela podia pedir por qualquer coisa, ela pensou vertiginosamente, qualquer coisa – um fim da dor ou da fome no mundo ou doenças, ou pela paz na terra. Mas então, de novo, talvez estas coisas não estivessem no poder dos anjos para conceder, ou elas já teriam sido concedidas. E talvez as pessoas tivessem que encontrar estas coisas por si mesmas. Isso não importava de qualquer modo. Havia só uma coisa que ela podia pedir, no final, só uma escolha de verdade.

Ela levantou seus olhos para o Anjo.

“Jace,” ela disse.

A expressão do Anjo não mudou. Ela não tinha idéia se Raziel pensou que seu pedido era um bom ou um mal, ou se - ela pensou com uma súbita explosão de pânico – ele pretendia conceder ele.



*Feche seus olhos, Clarissa Morgenstern, o Anjo disse.*

Clary fechou seus olhos. Você não dizia não para um anjo, não importava o que ele tinha em mente. Seu coração, batendo, ela sentou flutuando na escuridão atrás de suas pálpebras, resolutamente tentando não pensar em Jace. Mas seu rosto apareceu contra a tela branca de suas pálpebras fechadas mesmo assim – não sorrindo para ela, mas olhando de lado, e ela podia ver a cicatriz em sua têmpora, a irregular curva do canto de sua boca, e a linha prata em sua garganta onde Simon tinha mordido ele – todas as marcas e falhas e imperfeições que constituíam a pessoa que ela mais amava no mundo. *Jace*. Uma brilhante luz acendeu sua visão para o escarlate, e ela caiu para trás contra a areia, se perguntando se ela estava desmaiando – ou talvez ela estava morrendo – mas ela não queria morrer, não agora que ela podia ver o rosto de Jace tão claramente em frente a ela. Ela quase podia ouvir sua voz, também, dizendo seu nome, o modo que ele tinha sussurrado ele em Renwick, mais e mais novamente. *Clary. Clary. Clary.*

“Clary,” Jace disse. “Abra seus olhos.”

Ela o fez.

Ela estava deitada sobre a areia, em suas esfarrapadas, molhadas e ensanguentadas roupas. Aquilo era o mesmo. O que não era o mesmo era que o Anjo tinha sumido, e com ele a cegante luz branca que tinha iluminado a escuridão para o dia. Ela estava olhando acima o céu noturno, estrelas brancas como espelhos cintilando na negridão, e inclinado sobre ela, a luz em seus olhos mais brilhante do que qualquer uma das estrelas, estava Jace.

Seus olhos beberam ele, cada parte dele, de seu cabelo bagunçado a sua manchada de sangue face, para seus olhos brilhando através das camadas de terra; de suas contusões visíveis através de suas mangas rasgadas para a abertura ensopada de sangue do rasgo na frente da sua camisa, através do que sua pele nua mostrava – e não havia nenhuma marca, nenhum rasgão, para indicar onde a Espada tinha ido. Ela podia ver o pulso batendo em seu pescoço, e quase jogou seus braços ao redor dele pela visão, por que isso significava que seu coração estava batendo e que significava...

“Você está vivo,” ela sussurrou, “Realmente vivo.”

Com uma lenta fascinação ele a alcançou para tocar seu rosto. “Eu estava no escuro,” ele disse suavemente. “Nada havia lá além de sombras, e eu era uma sombra, e eu sabia que eu estava morto, e que isso estava acabado, tudo isso. E então eu ouvi sua voz. Eu ouvi você dizer meu nome, e ele me trouxe de volta.”

“Não eu,” a garganta de Clary apertou. “O Anjo trouxe você de volta.”

“Por que você pediu a ele.” Silenciosamente ele traçou o contorno de seu rosto com seus dedos, como se para se reassegurar que ela era real. “Você podia ter pedido qualquer coisa no mundo, e você pediu por mim.”

Ela sorriu para ele. Imundo como ele estava, coberto com sangue e terra, ele era a coisa mais linda que ela tinha visto. “Mas eu não quero mais nada no mundo.”

Com isso, a luz em seus olhos, já brilhantes, foram para um tal ardor que ela pode duramente suportar olhar para ele. Ela pensou no Anjo, e como ele tinha ardido como mil tochas, e que Jace tinha dentro dele algum daquele mesmo sangue incandescente, e como o que queimava brilhante através dele agora, através de seus olhos, como luz através de rachaduras em uma porta.

*Eu te amo*, Clary queria dizer. *E, eu faria isso novamente. Eu sempre pediria por você.* Mas estas não foram as palavras que ela disse.

“Você não é meu irmão,” ela disse a ele, um pouco sem fôlego, como se, tendo percebido que ela não tinha ainda dito elas, ela não podia trazer as palavras fora de sua boca rápido o suficiente. “Você sabe disso, certo?”

Muito levemente, através da sujeira e sangue, Jace sorriu. “Sim,” ele disse. “Eu sei”

## **Epílogo – Através do céu nas estrelas**

***Eu te amei, então eu chamei estas marés dos homens em minhas mãos e***



***escrevi minha vontade através do céu em estrelas.***

***-T. E. Lawrence***

A fumaça subiu em um preguiçoso espiral, trançando delicadas linhas de preto através do céu claro. Jace, sozinho na colina com vistas para o cemitério, se sentou com seus cotovelos sobre seus joelhos e olhou a fumaça levada para o céu. A ironia não estava perdida nele: Estes eram os restos de seu pai, afinal.

Ele podia ver o esquife, onde ele estava situado, obscurecido pela fumaça e chama, e o pequeno grupo em pé ao redor dele. Ele reconheceu o cabelo brilhante de Jocelyn de lá, e Luke em pé ao lado dela, sua mão sobre as costas dela. Jocelyn tinha sua cabeça virada de lado, para longe da pira em chamas.

Jace podia ter sido um daquele grupo, o que ele tinha esperado ser. Ele tinha passado os últimos dois dias na enfermaria, e eles só o deixaram sair esta manhã, em parte então ele podia comparecer ao funeral de Valentine. Mas ele tinha chegado na metade do caminho para a pira, um pilha de ripas de madeira, brancas como ossos, e percebeu que ele não podia ir mais longe. Ao invés ele tinha se virado e caminhado acima para colina, longe da procissão de luto. Luke tinha chamado após ele, mas Jace não tinha se virado.

Ele se sentou e observou eles se reunirem ao redor do esquife, observou Patrick Penhallow em sua vestimenta branca pergaminho colocar a chama na madeira. Era a segunda vez naquela semana que ele tinha observado um corpo cremar, mas o de Max tinha sido dolorosamente pequeno, e Valentine era um homem grande – deitado sobre suas costas, com seus braços cruzados sobre seu peito, uma lâmina serafim apertada em seu punho. Seus olhos estavam fechados com seda branca, como era o costume. *Eles tinham feito o bem a ele*, Jace pensou, *apesar de tudo*.

Eles não tinham enterrado Sebastian. Um grupo de Caçadores de Sombras tinham partido de volta para o vale, mas eles não tinham encontrado seu corpo - levado pelo rio, eles tinham dito a Jace, apesar de que ele tinha suas dúvidas.

Ele procurou por Clary na multidão ao redor do esquife, mas ela não estava lá. Tinha sido a quase dois dias agora, desde que ele tinha visto ela pela última vez, no lago, e ele sentia falta dela com uma quase sensação física de algo faltando. Não era culpa dela que eles não tivessem visto um ao outro. Ela tinha estado preocupada que ele não estivesse forte o suficiente para passar pelo portal de volta a Alicante, vindo do lago naquela noite, e ela tinha o mandado para estar certa. Naquele momento o primeiro dos Caçadores de Sombras tinham alcançado eles, e ele tinha sido levado em uma corrente de vertiginosa inconsciência. Ele acordou no dia seguinte no hospital da cidade, com Magnus Bane olhando abaixo para ele com uma expressão esquisita - ela podia ter sido de profunda preocupação ou mera curiosidade, era difícil dizer com Magnus. Magnus tinha dito a ele que o Anjo tinha curado Jace fisicamente, parecia que seu espírito e sua mente tinham sido exauridos a ponto que só o descanso podia curar eles. De qualquer modo, ele se sentia melhor. Bem a tempo para o funeral.

Um vento tinha vindo e estava soprando a fumaça para longe dele. À distância ele podia ver

o vislumbre das torres de Alicante, sua antiga glória restaurada. Ele não tinha totalmente certeza do que ele esperava alcançar em se sentar aqui e observar o corpo de seu pai queimar, ou o que ele teria dito se ele estivesse lá embaixo entre os de luto, falando suas últimas palavras para Valentine. *Você nunca foi realmente meu pai*, ele poderia dizer, ou *Você foi o único pai que eu conheci*. Ambas declarações eram igualmente verdadeiras, não importava o quão contraditórias.

Quando ele tinha pela primeira vez aberto seus olhos no lago – sabendo, de algum modo, que ele tinha estado morto, e agora não estava – tudo o que Jace podia pensar era em Clary, deitada a uma pouca distância dele sobre a areia ensangüentada, seus olhos fechados. Ele se arrastou para ela, próximo ao pânico, pensando que ela poderia estar machucada, ou até mesmo morta – e quando ela abriu seus olhos, tudo o que ele tinha sido capaz de pensar então era que ela não estava. Não até havia outros lá, ajudando ele a se levantar, exclamando sobre a cena em espanto, ele viu o corpo de Valentine descansando amarrotado próximo a beira do lago e sentiu a força disso como um murro no estômago. Ele sabia que Valentine estava morto – teria matado a si mesmo – mesmo assim, de algum modo, a visão era dolorosa. Clary tinha olhado para Jace com olhos tristes, e ele sabia que apesar de ela ter odiado Valentine e nunca tinha tido nenhum motivo para não o fazer, ela ainda sentia a perda de Jace.

Ele semicerrou seus olhos e uma maré de imagens lavou através das costas de suas pálpebras: Valentine colhendo ele para fora da grama em um abraço envolvente, Valentine abraçando ele para firmá-lo na proa de um barco sobre um lago, mostrando a ele como se equilibrar. E outras, memórias mais escuras: A mão de Valentine chicoteando através do lado de seu rosto, um falcão morto, o anjo algemado na adega dos Waylands.

“Jace.”

Ele olhou acima. Luke estava em pé perto dele, uma silhueta preta delineada pelo sol. Ele estava usando jeans e uma camisa de flanela como sempre – nada da concessão do branco de funeral para ele. “Está acabado.” Luke disse. “A cerimônia. Ela foi breve.”

“Eu tenho certeza que ela foi. “Jace mergulhou seus dedos dentro do chão ao lado dele, agradecendo o arranhar de dor da terra contra suas pontas dos dedos. “Alguém disse alguma coisa?”

“Apenas as palavras de costume.” Luke se liberou abaixo para o chão ao lado de Jace, encolhendo-se um pouco. Jace não tinha perguntado a ele como a batalha tinha sido; ele não tinha realmente desejado saber. Ele sabia que ela tinha acabado mais rápido do que qualquer um tinha esperado – depois da morte de Valentine, os demônios que ele tinha invocado tinham fugido dentro da noite, como quanto a névoa incinerava pelo sol. Mas o que não significou que não havia tido mortes. Valentine não tinha sido o único corpo queimado em Alicante nestes últimos dias.

“E Clary não estava...quero dizer, ela não...”

“Veio ao enterro? Não. Ela não quis.” Jace podia sentir Luke olhando para ele de lado.

“Você não tem visto ela? Não desde...”

“Não, não desde o lago,” Jace disse. “Esta foi a primeira vez que eles me deixaram sair do hospital, e eu tinha que vir aqui.”

“Você não *tinha*,” Luke disse. “você podia ter ficado fora.”

“Eu queria,” Jace admitiu. “Seja lá o que isso diz a meu respeito.”

“Funerais são para os vivos, Jace, não para os mortos. Valentine era mais seu pai do que de Clary, mesmo se vocês não compartilham o mesmo sangue. Você é o único quem tem que dizer adeus. Você é o único que sentirá falta dele.”

“Eu não achei que estava autorizado a sentir falta dele.”

“Você nunca conheceu Stephen Herondale,” Luke disse. “E Você foi para Robert Lightwood quando você era ainda mal uma criança. Valentine foi o pai de sua infância. Você *deve* sentir falta dele.”

“Eu fico pensando em Hodge,” Jace disse. “Lá em cima no Gard, eu estive perguntando a ele a razão de ele nunca ter me dito o que eu era...eu ainda pensava que era parte demônio então...ele esteve me dizendo isso, por que ele não sabia. Eu apenas acreditei que ele estava mentindo. Mas agora eu acho que ele quis dizer isso. Ele era uma das únicas pessoas que tinham sabido que *era* o bebê Herondale que tinha sobrevivido. Quando eu apareci no Instituto, ele não tinha idéia de qual dos filhos de Valentine eu era. O verdadeiro ou o adotado. E eu podia ter sido ambos. O demônio ou o anjo. E a coisa é, eu não acho que ele sequer soubesse, não até que ele viu Jonathan no Gard e percebeu. Então ele tentou fazer seu melhor por mim, por todos aqueles anos de qualquer modo, até que Valentine se mostrou novamente. O que leva a um tipo de fé, você não acha?”

“Sim,” Luke disse. “Eu acho que sim.”

“Hodge disse que ele pensava que talvez a educação pudesse fazer uma diferença, independente do sangue. Eu me mantive pensando – seu eu ficasse com Valentine, se eu não tivesse sido enviado para os Lightwoods, eu teria sido como Jonathan? Como é que eu seria agora?”

“Isso importa?” Luke disse “Você é quem você é agora por uma razão. E se você me perguntar, eu acho que Valentine enviou você para os Lightwoods por que ele sabia que era a melhor chance para você. Talvez ele tivesse outras razões também. Mas você não pode afastar o fato de que ele enviou você para pessoas que ele sabia que iriam amá-lo e educá-lo com amor. Essa poderia ser uma das poucas coisas que ele realmente fez por alguém.” Ele deu tapinhas em Jace sobre o ombro, um gesto tão paternal que isto quase fez Jace sorrir. “Eu não me esqueceria disso, se eu fosse você.”

Clary, em pé e olhando fora da janela de Isabelle, observava a fumaça manchar o céu acima de Alicante, como uma mão manchada contra uma janela. Eles estavam cremando Valentine

hoje, ela sabia; queimando seu pai, no cemitério do lado de fora dos portões.

“Você sabe sobre a celebração hoje à noite, não é?” Clary se virou para ver Isabelle atrás dela, segurando dois vestidos contra si, uma azul e um cinza aço. “O que você acha que eu devo vestir?”

Para Isabelle, Clary pensou, roupas sempre seriam terapia. “O azul.”

Isabelle deitou os vestidos sobre a cama. “O que você vai vestir? Você estará indo, não é?”

Clary pensou no vestido prata no fundo do baú de Amatis, o adorável rendilhado dele. Mas Amatis provavelmente nunca deixaria ela usá-lo. “Eu não sei,” ela disse. “Provavelmente jeans e meu casaco verde.”

“Chato,” Isabelle disse. Ela olhou acima para Aline, que estava sentada em uma cadeira perto da cama, lendo. “Você não acha que é chato?”

“Eu acho que você deveria deixar Clary usar o que ela quer.” Aline não olhou acima de seu livro. “Além do mais, não é como se ela estivesse se vestindo para alguém.”

“Ela está se vestindo para Jace,” Isabelle disse, como se isso fosse óbvio. “Além do mais, ela deveria.”

Aline olhou acima, piscando em confusão, então sorriu. “Ah, certo. Eu continuo me esquecendo. Deve ser estranho, certo, sabendo que ele não é seu irmão?”

“Não,” Clary disse firmemente. “Pensar que ele era meu irmão era estranho. Isso parece...certo.” Ela olhou de volta em direção a janela. “Não que eu tenha realmente visto ele desde que eu descobri. Não desde que nós temos estado de volta a Alicante.”

“Isso é estranho,” Aline disse.

“Não é estranho,” Isabelle disse, atirando a Aline um olhar significativo, que Aline pareceu não notar. “Ele estava no hospital. Ele só saiu hoje.”

“E ele não veio ver você, certo?” Aline perguntou a Clary.

“Ele não podia,” Clary disse. “Ele tinha o funeral de Valentine para ir. Ele não podia perder isso.”

“Talvez,” disse Aline alegremente. “Ou talvez ele não está mais interessado em você. Quero dizer, agora que isso não é proibido. Algumas pessoas só querem o que elas não podem ter.”

“Não Jace,” Isabelle disse rapidamente. “Jace não é assim.”

Aline se levantou, largando seu livro sobre a cama. “Eu devo ir me vestir. Vejo vocês está noite?” E com isso, ela caminhou para fora do quarto, sussurrando para si mesma.



Isabelle, observando ela ir, balançou sua cabeça. “Você acha que ela não gosta de você?” ela disse. “Quero dizer, ela está com ciúmes? Ela parecia interessada em Jace.”

“Ha!” Clary estava brevemente divertida. “Não, ela não está interessada em Jace. Eu acho só que ela é uma daquelas pessoas que dizem o que quer que elas estão pensando, não importa o que elas pensam. E quem sabe, talvez ela esteja certa.”

Isabelle puxou um grampo de seu cabelo, deixando ele cair tem torno de seus ombros. Ela veio através do quarto e se juntou a Clary na janela. O céu estava claro agora, além das torres demônio; a fumaça tinha sumido. “*Você* acha que ela está bem?”

“Eu não sei. Terei que perguntar a Jace. Eu acho que verei ele hoje a noite na festa. Ou a celebração da vitória ou seja lá o que é chamado.” Ela olhou acima para Isabelle. “Você sabe o que ela será?”

“Haverá um desfile,” Isabelle disse. “e fogos de artifício, provavelmente. Música, danças, jogos, esse tipo de coisa. Como uma grande feira de rua em Nova York.” ela olhou fora da janela, sua expressão tristonha. “Max teria adorado isso.”

Clary estendeu a mão e acariciou o cabelo de Isabelle, do jeito que ela acariciaria o cabelo de sua própria irmã se ela tivesse uma. “Eu sei que ele teria.”

Jace teve que bater duas vezes na porta da velha casa do canal antes que ele ouvisse rápidos passos apressados para responder; seu coração pulando, e então se empertigou enquanto a porta se abria e Amatis Herondale parou na soleira, olhando para ele em surpresa. Ela parecia como se estivesse se aprontado para a celebração: Ela usava um longo vestido cinza e pálidas brincos metálicos que destacavam as listras prateadas em seu cabelo acizentado. “Sim?”

“Clary,” ele começou, e parou, incerto do que exatamente dizer. Onde tinha ido sua eloquência? Ele sempre tinha aquilo, mesmo quando ele não tinha mais nada, mas agora ele sentia como se ele tivesse sido rasgado em aberto e toda as inteligentes palavras fáceis tinham se derramado para fora dele, o deixando vazio. “Eu estava me perguntando se Clary estava aqui. Eu estava esperando falar com ela.”

Amatis balançou sua cabeça. O vazio tinha partido de sua expressão, e ela estava olhando para ele atentamente o suficiente para deixá-lo nervoso. “Ela não está. Eu acho que ela está com os Lightwoods.”

“Oh.” Ele estava surpreso no quanto ele se sentiu desapontado. “Desculpe por ter te incomodado.”

“Isso não é incômodo. Eu estou feliz que você está aqui na verdade.” Ela disse rapidamente. “Há algo que eu queria falar com você. Venha para a sala; eu já estarei de volta.”

Jace caminhou para dentro, enquanto ela desaparecia no corredor. Ele se perguntou o que na terra ela poderia ter para falar com ele. Talvez Clary tivesse decidido que ela não queria nada mais com ele e tinha escolhido Amatis para entregar a mensagem.

Amatis estava de volta em um momento. Ela não estava segurando nada que parecesse como um bilhete – para alívio de Jace – mas ao invés, ela estava agarrando uma pequena caixa de metal em suas mãos. Ele era um objeto delicado, gravado em relevo com um desenho de pássaros. “Jace,” Amadis disse. “Luke me contou que você é de Stephen...que Stephen Herondale era seu pai. Ele me contou tudo o que aconteceu.”

Jace acenou, que era tudo o que ele sentiu inclinado a fazer. A novidade estava escapando lentamente, que era como ele queria; esperançosamente ele estaria de volta a Nova York antes que todo mundo em Idris soubesse e estivesse constantemente olhando para ele.

“Você sabe que eu era casada com Stephen antes que sua mãe fosse,” Amatis continuou, sua voz apertada, como se as palavras machucasse ao dizê-las. Jace olhou para ela – isso era sobre sua mãe? Ela se ressentia dele por trazer memórias ruins de uma mulher que tinha morrido antes mesmo que ele tivesse nascido? “De todas as pessoas vivas hoje, eu provavelmente conhecia seu pai melhor.”

“Sim,” Jace disse, desejando que ele estivesse em outro lugar. “Tenho certeza que isso é verdade.”

“Eu sei que provavelmente você tem sentimentos sobre ele que são muito confusos,” ela disse, surpreendendo ele principalmente por que isso era verdade. “Você nunca conheceu ele, e ele não era o homem que educou você, mas você se *parece* com ele – exceto por seus olhos, que são de sua mãe. E talvez eu esteja sendo louca, aborrecendo você com isso. Talvez você realmente não queira saber sobre Stephen e tudo o mais. Mas ele *era* seu pai, e se ele tivesse conhecido você...” Ela empurrou a caixa para ele então, quase fazendo ele pular para trás. “Estas são algumas coisas dele que eu guardei através dos anos. Cartas que ele escreveu, fotografias, uma árvore genealógica. Sua pedra de luz de bruxa. Talvez você não tenha perguntas agora, mas algum dia talvez você as tenha, e quando você tiver – quando você tiver, você terá isso.” Ela ficou imóvel, dando a ele a caixa. como se ela estivesse oferecendo a ele um precioso tesouro. Jace se estendeu e a tomou dela sem uma palavra; ela era pesada, e o metal era frio contra sua pele.

“Obrigado,” ele disse. Era o melhor que ele podia fazer. Ele hesitou, e então disse. “Há uma coisa. Algo que eu tenho estado me perguntando.”

“Sim?”

“Se Stephen era meu pai, então a Inquiridora – Imogen – era minha avó.”

“Ela era...” Amatis pausou. “Uma mulher muito difícil. Mas sim, ela era sua avó.”

“Ela salvou minha vida,” Jace disse. “Quero dizer, por um longo tempo ela agiu como se odiasse minha coragem\*. Mas então ela viu isso.” Ele puxou o colarinho de sua blusa para ao

lado, mostrando a Amatis a estrela branca em forma de cicatriz sobre seu ombro. “E ela salvou minha vida. Mas o que minha cicatriz podia possivelmente significar para ela?”

\*N/T: Guts: coragem, mas também significa intestino, vísceras, tripas

Os olhos de Amatis tinham ficado arregalados. “Você não se lembra de como conseguiu esta cicatriz, não é?”

Jace balançou sua cabeça. “Valentine me disse que ela era um ferimento de quando eu era muito jovem para me lembrar, mas agora...eu acho que não acredito nele.”

“Isso não é uma cicatriz. É uma marca de nascença. Há uma antiga lenda da família sobre ela, que um dos primeiros Herondales se tornou um Caçador de Sombras foi visitado por um anjo em um sonho. O anjo tocou ele sobre o ombro, e quando ele acordou, ele tinha uma marca como essa. E todos os seus descendentes tem ela também.” ela deu de ombros. “eu não sei se a história é verdadeira, mas todos os Herondales tem a marca. Seu pai tinha uma também, aqui.” Ela tocou seu antebraço. “Eles dizem que isso significa que você teve contato com o anjo. Que você é abençoado, de algum modo. Imogen deve ter visto a marca e adivinhou quem você realmente era.”

Jace olhou para Amatis, mas ele não estava vendo ela: Ele estava vendo aquela noite sobre o navio; o úmido e preto convés e a Inquiridora morrendo aos seus pés. “Ela disse algo para mim,” ele disse. “Enquanto ela estava morrendo. Ela disse, 'Seu pai teria orgulho de você.' Eu pensei que ela estava sendo cruel. Eu pensei que ela quis dizer Valentine...”

Amatis balançou sua cabeça. “Ela quis dizer Stephen,” ela disse suavemente. “E ela estava certa. Ele teria ficado.”

Clary empurrou aberta a porta da frente de Amatis e caminhou adentro, pensando no quanto rapidamente a casa tinha se tornado familiar para ela. Ela não mais necessitava se esforçar para lembrar o caminho para a porta da frente, ou o caminho para a maçaneta ligeiramente presa, enquanto ela a empurrava aberta. O brilho da luz do sol do canal era familiar, como era a visão de Alicante através da janela. Ela quase podia se imaginar vivendo ali, quase imaginar o que seria se Idris fosse sua casa. Ela se perguntou do que ela começaria sentindo falta primeiro. Quentinha chinesa\*? Filmes? Midtown Comics\*\*?

\*N/T: Takeout Chinese – quentinha ou comida para viagem. \*\*Midtown Comics – loja localizada em Nova York que tem tudo em matéria de quadrinhos, mangás, figuras de ação, camisetas, dvs.

Ela estava seguindo para as escadas quando ela ouviu a voz de sua mãe vinda da sala de estar...aguda, e ligeiramente agitada. Mas o que podia ter chateado Jocelyn? Tudo estava bem agora, o que estava? Sem pensar, Clary caiu de volta contra a parede, próxima a porta da sala de estar e escutou.

“O que você quer dizer com você está ficando?” Jocelyn estava dizendo. “Você quer dizer que não está voltando para Nova York?”

“Eu fui convidado a permanecer em Alicante e representar os lobisomens no Conselho,”

Luke disse, “Eu disse a eles que os deixaria saber hoje à noite.”

“Alguém mais não pode fazer isso? Um dos líderes do bando aqui em Idris?”

“Eu sou o único líder de bando que foi uma vez um Caçador de Sombras. Este é o porque eles me querem.” Ele suspirou. “Eu comecei tudo isso, Jocelyn. Eu devo ficar aqui e ver isso.

Houve um curto silêncio. “Se é assim que você se sente, então é claro que você deve ficar,” Jocelyn disse finalmente, mas sua voz não soava segura.

“Eu terei que vender a livraria. Colocar meus negócios em ordem.” Luke soou irritado. “Não é como eu estarei me mudando imediatamente.”

“Eu posso cuidar disso. Depois de tudo o que você tem feito...” Jocelyn não pareceu ter forças para manter seu tom animado. Sua voz sumiu dentro do silêncio, um silêncio que se esticou tão longo que Clary pensou em limpar sua garganta e caminhar para dentro da sala de estar para deixar eles saberem que ela estava ali.

Um momento depois ela estava feliz que ela não o fez. “Olhe,” Luke disse. “Eu tenho desejado dizer isso a você a um longo tempo, mas eu não o fiz. Eu sabia que isso nunca importaria, mesmo se eu o dissesse, por causa do que eu sou. Você nunca quis que isso fosse parte da vida de Clary. Mas ela sabe agora, então eu creio que isso não faz diferença. E eu também poderia dizer a você. Eu te amo, Jocelyn. Eu o tenho por vinte anos.” ele pausou. Clary se endireitou para escutar a resposta de sua mãe, mas Jocelyn estava em silêncio. Finalmente Luke falou novamente, sua voz pesada. “Eu tenho que voltar para o Conselho e dizer a eles que eu irei ficar. Nós não temos que falar sobre isso de novo. Eu só me sinto melhor de ter dito isso depois de todo esse tempo.”

Clary se pressionou contra a parede enquanto Luke, sua cabeça baixa, caminhava para fora da sala de estar. Ele encostou nela, sem parecer vê-la e se empurrou para a porta da frente aberta. Ele ficou lá por um momento, olhando cegamente para o sol arremetendo da água do canal. Então ele se foi. A porta batendo atrás dele.

Clary ficou lá onde ela estava, suas costas contra a parede. Ele se sentiu terrivelmente triste por Luke, e terrivelmente triste por sua mãe também. Parecia que Jocelyn realmente não amava Luke, e talvez nunca pudesse. Era como tinha sido para ela e Simon, exceto que ela não via nenhum modo que Luke e sua mãe pudessem consertar as coisas. Lágrimas picaram seus olhos. Ela estava prestes a se virar e ir para a sala quando ela ouviu o som da porta da cozinha se abrindo e outra voz. Esta soava cansada e um pouco resignada. Amatis.

“Desculpe, eu ouvi sem querer isso, mas eu estou feliz que ele esteja ficando,” a irmã de Luke disse. “Não só por que ele estará perto de mim, mas por que isso dá a ele uma chance de se recuperar de *você*.”

Jocelyn soou defensiva. “Amatis...”

“Tem sido a um longo tempo, Jocelyn,” Amatis disse. “se você não ama ele, você deveria deixá-lo ir.”

Jocelyn ficou em silêncio. Clary desejou que ela pudesse ver a expressão de sua mãe – ela parecia triste? Zangada? Resignada?

Amatis deu um pequeno suspiro. “A menos que...você *realmente* ama ele?”

“Amatis, eu não posso...”

“Você o ama! Você *o ama!*” Houve um forte som, como se Amatis tivesse batido suas mãos juntas. “Eu sabia disso! Eu sempre soube disso!”

“Isso não importa.” Jocelyn parecia cansada. “ Não seria justo com Luke.”

“Eu não quero ouvir isso.” Houve um ruído farfalhante, e Jocelyn fez um som de protesto. Clary se perguntou se Amatis tinha na realidade segurado sua mãe. “Se você ama ele, vá agora mesmo e diga a ele. Agora mesmo, antes que ele vá para o Conselho.”

“Mas eles querem que ele seja o membro do Conselho! E ele quer...”

“Tudo o que Lucian quer,” Amatis disse firmemente, “é você. Você e Clary. Isso é tudo o que ele sempre quis. Agora vá.”

Antes que Clary pudesse ter a chance de se mover, Jocelyn se lançou pelo corredor. Ela se direcionou para a porta – e viu Clary, achatada contra a parede. Vacilando, ela abriu sua boca em surpresa.

“Clary!” Ela soava como se estivesse tentando fazer sua voz animada e alegre, e falhando miseravelmente.”Eu não notei que você estava aqui.”

Clary andou para longe da parede, agarrando a maçaneta, e jogou a porta aberta. A brilhante luz do sol se derramou dentro do corredor. Jocelyn em pé piscando em uma forte iluminação, seus olhos sobre os de sua filha.

“Se você não for atrás de Luke,” Clary disse, anunciando muito claramente, “Eu, pessoalmente, vou matar você.”

Por um momento Jocelyn pareceu espantada. Então ela sorriu. “Bem,” ela disse, “Se você coloca isso desse *jeito*.”

Um momento depois ela estava fora da casa, se apressando no caminho do canal em direção ao Salão dos Acordos. Clary fechou a porta atrás dela e se inclinou contra ela.

Amatis emergiu da sala de estar, se lançando além dela para se inclinar sobre o peitoril da janela, olhando ansiosamente através da vidraça. “Você acha que ela vai o alcançar antes que ele chegue ao Salão?”

“Minha mãe passou toda sua vida me perseguindo por aí,” Clary disse. “Ela se move rápido.”

Amatis olhou para ela e sorriu. “Ah, isso me lembra,” ela disse. “Jace parou aqui para ver você. Eu acho que ele está esperando ver você na celebração hoje à noite.”

“Ele está?” Clary disse pensativamente. *Poderia muito bem perguntar: Quem não se arrisca, não petisca.* “Amatis,” ela disse, e a irmã de Luke se virou para longe de janela, olhando para ela curiosamente.

“Sim?”

“Aquele seu vestido cinza, no baú,” Clary disse. “Eu posso pegar ele emprestado?”

As ruas já estavam começando a se encher com pessoas enquanto Clary voltava através da cidade em direção a casa dos Lightwoods. Era o crepúsculo, e as luzes estavam começando a acender, enchendo o ar com um pálido brilho. Buquês de flores brancas parecendo familiares pendurados em cestos sobre os muros, preenchendo o ar com seus cheiros picantes. Escuras runas ouro fogo queimavam sobre as portas das casas que ela passava; as runas falavam de vitória e regozijo.

Haviam lá Caçadores de Sombras nas ruas. Nenhum estava usando vestimenta – eles estavam em uma variedade de roupas de gala, do moderno para ao que delimitava o figurino histórico. Era uma noite excepcionalmente quente, então poucas pessoas estavam usando casacos, mas haviam várias mulheres no que pareceu a Clary como vestidos de baile, suas saias cheias se arrastando nas ruas. Uma figura escura misteriosa cortou através da estrada à frente dela, enquanto ela virava para a rua dos Lightwoods, e ela viu que era Raphael, de mãos dadas com uma mulher alta de cabelo escuro em um vestido de coquetel vermelho. Ele olhou por cima de seu ombro e sorriu para Clary, um sorriso que enviou um pequeno arrepio sobre ela, e ela pensou que era verdade que realmente havia algo de estranho sobre Downworlders algumas vezes, algo estranho e assustador. Talvez isso fosse apenas por que tudo que era assustador, não era necessariamente mal também. Embora, ela tivesse suas dúvidas sobre Raphael.

A porta da frente da casa dos Lightwoods estava aberta, e vários da família já estavam em pé sobre a calçada. Maryse e Robert Lightwood estavam lá, conversando com dois outros adultos; quando eles se viraram, Clary viu com ligeira surpresa que eram os Penhallows, os pais de Aline. Maryse sorriu para ela entre eles; ela estava elegante em um escuro terno de azul de seda, seu cabelo preso atrás em seu rosto severo com uma larga faixa prata. Ela parecia como Isabelle – tanto que Clary quis estender e colocar uma mão sobre seu ombro. Maryse ainda parecia tão triste, mesmo quando ela sorriu, e Clary pensou, *Ela está se lembrando de Max, como Isabelle, e pensando no quanto ele teria gostado de tudo isso.*

“Clary!” Isabelle saltou os degraus da frente, seu cabelo escuro voando atrás dela. Ela estava usando nenhuma das roupas que ela tinha mostrado a Clary mais cedo, mas um incrível vestido de cetim dourado que abraçava seu corpo como pétalas fechadas de uma



flor. Seus sapatos eram sandálias de salto agulha, e Clary se lembrou o que Isabelle tinha uma vez dito sobre como ela gostava de seus saltos, e riu para si mesma. “Você está *fantástica*.”

“Obrigada.” Clary puxou um pouco, semiconsciente do material diáfano do vestido prata. Era provavelmente a coisa mais feminina que ela tinha usado. Ele deixava seus ombros descobertos, e cada vez que ela sentia as pontas de seus cabelos fazerem cócegas na pele nua lá, ela tinha que domar o desejo de caçar um casquinho ou um casaco de capuz para se embrulhar nele. “Você também.”

Isabelle se inclinou para sussurrar em seu ouvido. “Jace não está aqui.”

Clary se puxou para trás. “Então, onde...”

“Alec disse que ele poderia estar na praça, onde os fogos de artifício irão ser. Eu lamento...eu não tenho idéia do que há com ele.”

Clary deu de ombros, tentando esconder seu desapontamento. “Está tudo bem.”

Alec e Aline saltaram fora da casa depois de Isabelle, Aline em um brilhante vestido vermelho que fazia seu cabelo parecer chocantemente preto. Alec tinha se vestido como ele habitualmente fazia, em um suéter e calças escuras, apesar de que Clary tinha que admitir que pelo menos o suéter não parecia ter nenhum buraco visível nele. Ele sorriu para Clary, e ela pensou, com surpresa, que na verdade ele *realmente* parecia diferente. Iluminado de alguma forma, como se um peso estivesse fora de seus ombros.

“Eu nunca estive em uma celebração que tivesse Downworlders nela antes,” Aline disse, olhando nervosamente abaixo a rua, onde uma garota fada cujo longo cabelo estava trançado com flores – não, Clary pensou, seu cabelo *eram* flores, conectadas por delicados tentáculos verdes – que estavam puxando algumas das flores brancas de um cesto pendurado, olhando para elas pensativamente, e as comendo.

“Você vai amar,” Isabelle disse. “eles sabem como festejar.”

Ela acenou um tchau para seus pais e se afastou em direção a praça, Clary ainda lutando com a ânsia de cobrir a parte superior de seu corpo, cruzando seus braços sobre seu peito. O vestido girava ao redor de seus pés como fumaça rodopiando no vento. Ela pensou na fumaça que tinha subido sobre Alicante mais cedo naquele dia, e estremeceu.

“Hei!” Isabelle disse, e Clary olhou para ver Simon e Maia vindo em direção a eles acima na rua. Ela não tinha visto Simon a maior parte do dia; ele tinha partido para o Salão, para observar o preliminar encontro do Conselho por que, ele disse, ele estava curioso sobre quem eles escolheriam para ter o assento dos vampiros no Conselho. Clary não podia imaginar Maia usando nada tão feminino quanto um vestido, e de fato ela estava vestida em calças do exército de cós baixo e uma camiseta preta que dizia ESCOLHA SUAS ARMAS e tinha um desenho de dados abaixo das palavras. Era uma camiseta de jogador, Clary pensou, se perguntando se Maia era realmente uma jogadora ou estava usando a camiseta

para impressionar Simon. Se sim, foi uma boa escolha.

“Vocês estão indo para a Praça do Anjo?”

Maia e Simon concordaram que eles estavam, e eles rumaram em direção ao Salão juntos em um grupo sociável. Simon ficou para trás, para ficar no passo ao lado de Clary, e eles caminharam juntos em silêncio. Era bom estar perto de Simon novamente – e ele tinha sido a primeira pessoa que ela quis ver, uma vez que ela estava de volta a Alicante. Ela tinha abraçado ele tão fortemente, feliz que ele estivesse vivo, e tocou a marca sobre sua testa.

“Ela salvou você?” ela tinha perguntado, desesperada em ouvir que ela não tinha feito o que tinha a ele por nenhuma razão.

“Ela me salvou,” foi tudo o que ele disse em resposta.

“Eu queria poder tirá-la de você,” ela disse. “Eu gostaria de saber o que poderia acontecer a você por causa dela.”

Ele tinha segurado seu pulso e puxado a mão dela gentilmente de volta para seu lado. “Vamos esperar,” ele disse. “E veremos.”

Ela esteve observando ele mais de perto, mas ela tinha que admitir que a marca não parecia estar o afetando em nenhuma maneira visível. Ele parecia como ele sempre tinha. Apenas como Simon. Só que ele tinha penteado seu cabelo ligeiramente diferente, para cobrir a marca; se você não soubesse que ela estava lá, você nunca adivinharia.

“Como foi o encontro?” Clary perguntou a ele agora, dando a ele mais uma olhada para olhada, para ver se ele tinha se vestido para a celebração. Ele não tinha, mas ela dificilmente culparia ele – os jeans e a camiseta que ele vestia era tudo o que ele tinha para usar. “Quem eles escolheram?”

“*Não* Raphael,” Simon disse, soando como se ele estivesse agradecido sobre isso. “Algum outro vampiro. Ele tinha um nome pretensioso. Nightshade ou algo assim.”

“Você sabe, eles me perguntaram se eu queria desenhar o símbolo do Novo Conselho,” Clary disse. “É uma honra. Eu disse que faria ele. Vai ter uma runa do Conselho cercado pelos símbolos das quatro famílias Downworlder. Uma lua para os lobisomens, e eu estava pensando em um trevo de quatro folhas para as fadas. Um livro de magia para os bruxos. Mas eu não consigo pensar em nada para os vampiros.”

“Que tal uma presa?” Simon sugeriu. “Talvez pingando sangue.” Ele expôs seus dentes.

“Obrigada,” Clary disse. “Isso é muito útil.”

“Eu estou feliz que eles pediram a você,” Simon disse, mais seriamente. “Você merece a honra. Você merece uma medalha, na verdade, pelo que você fez. A runa da Aliança e tudo o mais.”

Clary deu de ombros. “Eu não sei. Quero dizer, a batalha mal durou por dez minutos, depois de tudo aquilo. Eu não sei quanto eu ajudei.”

“Eu estava *dentro* da batalha, Clary.” Simon disse. “Pode ter sido cerca de dez minutos de duração, mas eles foram os piores dez minutos da minha vida. E eu não quero na verdade falar sobre isso. Mas eu diria que mesmo naqueles dez minutos, teriam havido um monte de mais mortes se não tivesse sido por você. Se você não tivesse feito o que você fez, não haveria um Novo Conselho. Nós seríamos Caçadores de Sombras e Downworlders, odiando um ao outro, ao invés de Caçadores de Sombras e Downworlders, indo a uma festa juntos.”

Clary sentiu um caroço subindo em sua garganta e olhou direto a frente, desejando não chorar. “Obrigada, Simon.” Ela hesitou, tão brevemente que ninguém que não fosse Simon teria notado. Mas ele sim.

“Qual o problema?” Ele perguntou a ela.

“Eu estou só me perguntando o que nós faremos quando nós voltarmos para casa,” ela disse. “Quero dizer, eu sei que Magnus cuidou de sua mãe então ela não estará surtando que você está sumido, mas...escola. Nós perdemos uma tonelada dela. E eu nem mesmo sei...”

“Você não vai voltar,” Simon disse quietamente. “Você acha que eu não sei disso? Você é uma Caçadora de Sombras agora. Você irá terminar sua educação no Instituto.”

“E quanto a você? Você é um vampiro. Você estará indo de volta a escola?”

“Sim,” Simon disse, surpreendendo ela. “Eu estou. Eu quero uma vida normal, tanto quanto eu tenho uma. Eu quero a escola, a faculdade, e tudo isso.”

Ela apertou a mão dele. “Então você deve tê-la.” Ela sorriu para ele. “É claro, todo mundo vai surtar quando você aparecer na escola.”

“Enlouquecer? Por que?”

“Por que você está muito mais gostoso agora do que quando você saiu.” ela encolheu os ombros. “Isso é verdade. Deve ser uma coisa de vampiro.”

Simon pareceu desconcertado. “Eu sou gostoso agora?”

“Claro que é. Quero dizer, olhe para aquelas duas. Elas estão totalmente na sua.” Ela apontou uns poucos metros a frente deles, quando Isabelle e Maia tinham se movido para andar lado a lado, suas cabeças curvadas juntas.

Simon olhou adiante das garotas. Clary quase podia jurar que ele estava corando. “Elas estão? Às vezes elas ficam juntas e sussurram e me *encaram*. Eu não tenho nenhuma idéia de sobre que é.”

“Claro que não.” Clary sorriu. “Pobrezinho, você tem duas lindas garotas competindo por seu amor. Sua vida é dura.”

“Ótimo. Você me diz qual escolher então.”

“De jeito nenhum. Isso é com você.” Ela abaixou sua voz de novo. “Olha, você pode sair com quem você quiser e eu apoiarei você *totalmente*. Eu sou toda apoio. Apoio é meu nome do meio.”

“Então *esse* é o por que você nunca me disse seu nome do meio. Eu calculava que era alguma coisa embaraçosa.”

Clary ignorou isso. “Mas só me prometa uma coisa, ok? Eu sei como as garotas são. Eu sei como elas odeiam que seu namorados tenham uma melhor amiga que é uma garota. Só me prometa que você não vai me tirar fora da sua vida totalmente. Que nós podemos continuar saindo algumas vezes.”

“Algumas vezes?” Ele balançou sua cabeça. “Clary, você está doida.”

Seu coração afundou. “Você quer dizer...”

“Eu *quero dizer* que eu nunca namoraria uma garota que insista que eu corte você da minha vida. Não é negociável. Você quer um pedaço de toda *essa* maravilha?” Ele gesticulou para si mesmo. “Bem, minha melhor amiga vem junto com isso. Eu não cortarei você de minha vida Clary, não mais do que eu cortaria minha mão direita e daria ela a alguém como presente de dia dos namorados.”

“Nojento,” Clary disse. “Você pode?”

Ele sorriu. “Posso.”

A praça do anjo estava quase irreconhecível. O Salão brilhava branco na extremidade final da praça, parcialmente escondido por uma elaborada floresta de árvores enormes que tinham nascido no meio da praça. Elas eram claramente o produto de magia – embora, Clary pensou, lembrando-se da habilidade de Magnus para mover mobília e copos de café através de Manhattan em um piscar de olhos, talvez elas fossem reais, se transplantadas. As árvores cresciam quase a altura das torres demônio, luzes coloridas capturadas em uma farfalhante rede verde de seus galhos. A praça cheirava a flores brancas, fumaça e folhas. Em todas suas laterais ao redor foram colocadas mesas e longos bancos, e grupos de Caçadores de Sombras e Downworlders lotavam ao redor deles, rindo, e bebendo e conversando. E ainda apesar das risadas, havia uma melancolia misturada com o ar de celebração – uma presente tristeza lado a lado com a alegria.

As lojas que alinhavam a praça tinham suas portas jogadas abertas, luz se derramando sobre a calçada. Festeiros fluindo, carregando pratos de comida e taças de vinho e líquidos brilhantemente coloridos. Simon observou um kelpie saltar, carregando um copo de líquido

azul, e levantou uma sobrancelha.

“Não é como uma festa de Magnus,” Isabelle tranquilizou ele. “Tudo aqui deve ser seguro para beber.”

“*Deve ser?*” Aline pareceu preocupada.

Magnus se afastou e veio em direção a eles, e a garota que ele tinha estado conversando, deslizou para as sombras das árvores e se foi. Ele estava vestido como um cavalheiro vitoriano, em um longo casaco preto sobre um colete de seda violeta. Um lenço bordado com as iniciais M.B. projetava-se do bolso de seu colete.

“Belo colete,” Alec disse com um sorriso.

“Você quer um exatamente como este?” Magnus perguntou. “Na cor que você preferir, é claro.”

“Eu realmente não me importo com roupas,” Alex protestou.

“E eu adoro isso em você,” Magnus anunciou,” embora eu também amaria se você possuísse, talvez, um terno de marca. O que você diz? Dolce? Zegna? Armani?”

Alec engasgou enquanto Isabelle ria, e Magnus tomou a oportunidade para se curvar próximo a Clary e sussurrar em seu ouvido. “Os degraus do Salão de Acordos. Vá.”

Ela quis lhe perguntar o que ele queria dizer, mas ele já tinha se virado para Alec e os outros. Além disso, ela tinha a impressão que ela sabia. Ela apertou o pulso de Simon enquanto ela ia, e ele se virou para sorrir para ela antes de retornar sua conversa com Maia.

Ela cortou através da beira da floresta encantada para atravessar a praça, tecendo dentro e fora das sombras. As árvores se estendiam aos pés da escada do Salão, que era provavelmente o porquê os degraus estavam quase desertos. Embora, não totalmente. Olhando em direção as portas, Clary podia descrever um familiar contorno escuro, sentado à sombra de um pilar. Seu coração acelerou.

Jace.

Ela teve que recolher sua saia em suas mãos para subir as escadas, com medo de pisar sobre ela e rasgar o delicado material. Ela quase desejou ter usado suas roupas normais enquanto ela se aproximava de Jace, que estava sentado com suas costas contra um pilar, olhando acima para a praça. Ele usava suas roupas mais mundanas – jeans, uma blusa branca, e uma jaqueta escura por cima dela. E pela quase primeira vez que ela tinha encontrado ele, ela pensou, ele não parecia estar carregando nenhuma arma.

Ela abruptamente se sentiu arrumada demais. Ela parou a uma pequena distância dele, subitamente incerta do que dizer.

Como se sentindo ela ali, Jace olhou acima. Ele estava segurando algo equilibrado em seu colo, ela viu, uma caixa prateada. Ele parecia cansado. Havia sombras debaixo de seus olhos, e seu cabelo pálido ouro estava desarrumado. “Clary?”

“Quem mais seria?”

Ele não sorriu. “Você não se parece com você.”

“É o vestido,” Ela alisou suas mãos no material consciente de si mesma. “Eu não uso geralmente coisas tão...lindas.”

“Você sempre está linda,” ele disse, e ela se lembrou da primeira vez que ele tinha dito que ela era bonita, em sua estufa no Instituto. Ele não tinha dito aquilo como um cumprimento, mas apenas como se isso fosse um fato, como o fato de que ela era ruiva e gostava de desenhar. “Mas você parece...distante. Como se eu não pudesse tocar você.”

Ela se aproximou então e se sentou próxima a ele sobre o largo degrau. A pedra estava fria contra o material de seu vestido. Ela segurou sua mão estendida para ele; ela estava tremendo ligeiramente, apenas o suficiente para estar visível. “Toque-me,” ela disse. “se você quiser.”

Ele tomou sua mão e a descansou contra sua bochecha por um momento. Então ele a colocou de volta no colo dela. Ela estremeceu um pouco, lembrando as palavras de Aline de volta, no quarto de Isabelle. *Talvez ele não esteja mais interessado, agora que isso não é proibido.* Ele disse que ela parecia distante, mas a expressão em seus olhos era tão remota quanto uma galáxia distante.

“O quem tem na caixa?” ela perguntou. Ele estava ainda agarrado o retângulo prata fortemente em uma mão. Ele era um objeto parecendo caro, delicadamente esculpido com um padrão de pássaros.

“Eu fui a Amatis mais cedo hoje, procurando por você,” ele disse. “Mas você não estava lá. Então eu conversei com Amatis. Ela me deu isso.” Ele indicou a caixa. “Ela pertencia a meu pai.”

Por um momento ela apenas olhou para ele incompreensivelmente. *Isto era de Valentine?* Ela pensou, e então, com um golpe, *Não, não é o que ele quis dizer.* “É claro,” ela disse. “Amatis foi casada com Stephen Herondale.”

“Eu estive examinando isso,” ele disse. “Lendo as cartas, as páginas do diário. Eu pensei que se eu fizesse isso, eu poderia sentir algum tipo de ligação com ele. Alguma coisa que pularia das páginas para mim, me dizendo, *Sim, este é seu pai.* Mas eu não sinto nada. Apenas pedaços de papel. Qualquer um poderia ter escrito estas coisas.”

“Jace,” ela disse suavemente.

“E há outra coisa,” ele disse. “Eu não tenho um nome mais, tenho? Eu não sou Jonathan



Christopher – que era outro alguém. Mas este o nome que eu estou usando.”

“Quem veio com Jace como um apelido? Você veio com ele?”

Jace balançou sua cabeça. “Não. Valentine sempre me chamou de Jonathan. E é assim como eles me chamaram quando eu fui pela primeira vez para o Instituto. Eu nunca pensei que meu nome era Jonathan Christopher, você sabe – isso foi um acidente. Eu peguei o nome no diário de meu pai, mas não era sobre mim que ele estava registrando. Era Seb...era o de Jonathan. Então a primeira vez que eu disse a Maryse que meu nome do meio era Christopher, ela disse a si mesma que apenas se recordava errado, e Christopher tinha sido o nome do meio do filho de Michael. Isso tinha sido há dez anos, depois de tudo. Mas que foi quando ela começou me chamando de Jace: Era como ela quisesse me dar um novo nome, algo que pertencesse a ela, para minha vida em Nova York. E eu gostei dele. Eu nunca tinha gostado de Jonathan.” Ele virou a caixa em suas mãos. “Eu me pergunto se talvez Maryse não sabia, ou adivinhava, ou apenas não queria saber. Ela me amava...e ela não queria acreditar nisso.”

“Que é o motivo que ela ficou tão chateada quando ela descobriu que você era filho de Valentine,” Clary disse. “Por que ela pensava que ela deveria ter sabido. Ela tipo *sabia*. Mas nós nunca queremos acreditar em coisas como estas sobre as pessoas que amamos. E, Jace, ela estava certa sobre você. Ela estava certa sobre quem você realmente era. E você *tem* um nome. Seu nome é Jace. Valentine não deu esse nome a você. Maryse deu. A única coisa que faz um nome importante, e seu, é que ele é dado a você por alguém que te ama.

“Jace o que?” ele disse. “Jace Herondale?”

“Ah, por favor,” ela disse. “Você é Jace *Lightwood*. Você sabe disso.”

Ele levantou seus olhos para ela. Seus cílios sombrearam tão espessamente, escurecendo o ouro. Ela pensou que ele parecia um pouco menos remoto, apesar de que talvez ela estivesse imaginando isso.

“Talvez você seja uma pessoa diferente da que pensou que você era,” ela continuou, esperando contra a esperança que ele entendesse o que ela queria dizer. “mas ninguém se torna uma pessoa totalmente diferente da noite pro dia. Apenas descobrir que Stephen era seu pai biológico não fará você automaticamente amar ele. E você não tem. Valentine não era seu verdadeiro pai, mas não porque você não tem seu sangue em suas veias. Ele não era seu pai de verdade por que ele não *agia* como um pai. Ele não cuidava de você. Sempre os Lightwoods que tomaram conta de você. *Eles são* sua família. Como minha mãe e Luke são a minha.” Ela se estendeu para tocar seu ombro, e então puxou sua mão de volta. “Me desculpe,” ela disse. “Aqui estou eu passando sermão em você, e você provavelmente veio aqui em cima para ficar sozinho.”

“Você está certa,” ele disse.

Clary sentiu sua respiração sair dela. “Tudo bem,então. Eu vou.” Ela se levantou, esquecendo de segurar seu vestido acima, e quase tropeçou sobre a bainha.

“Clary!” Colocando a caixa abaixo, Jace tropeçou em seus pés. “Clary, espere. Não foi isso que eu quis dizer. Eu não quis dizer que eu queria ficar sozinho. Eu quis dizer que você está certa sobre Valentine...sobre os Lightwoods...”

Ela se virou e olhou para ele. Ele estava em pé meio dentro e meio fora das sombras, o brilho, as luzes coloridas da festa abaixo lançando estranhos padrões contra sua pele. Ela pensou na primeira vez que ela tinha visto ele. Ela tinha pensado que ele se parecia como um leão. Bonito e mortal. Ele parecia diferente para ela agora. Aquele duro e defensivo casulo que ele usava como armadura tinha desaparecido, e, ao invés, ele usava seus ferimentos, visíveis e orgulhosamente. Ele não tinha utilizado sua estela para remover as contusões sobre seu rosto, ao longo da linha de sua mandíbula, sua garganta onde a pele mostrava acima da gola de sua camisa. Mas ele parecia ainda lindo para ela, mais do que antes, por que agora ele parecia humano...humano e real.

“Sabe,” ela disse, “Aline disse que talvez você não estivesse mais interessado. Agora que *não é proibido*. Agora que você poderia estar comigo se você quisesse.” Ela estremeceu um pouco no vestido fino, segurando seus cotovelos com suas mãos. “Isso é verdade? Você não está...interessado?”

“*Interessado?* Como se você fosse um...um livro, ou uma notícia? Não, eu não estou *interessado*. Eu estou...”

Ele se interrompeu, procurando pela palavra do jeito que alguém poderia procurar por um interruptor no escuro. “Você se lembra do que eu disse a você antes? Sobre como me sentir pelo fato de que você era minha irmã era um tipo de piada cósmica? Sobre nós dois?”

“Eu me lembro.”

“Eu nunca acreditei nisso,” ele disse. “Quero dizer, eu acreditava nisso de um modo...eu deixei isso me levar ao desespero, mas eu nunca *senti* isso. Nunca senti que você era minha irmã. Por que eu não me sentia sobre você do modo que você supostamente se sente sobre sua irmã. Mas isso não significava que eu não sentia que você era uma parte de mim. Eu sempre senti isso.” Vendo sua expressão confusa, ele se interrompeu com um ruído impaciente. “Eu não estou dizendo isso direito. Clary, eu odiava cada segundo que eu pensei que você era minha irmã. Eu odiava cada momento que eu pensava que o que eu sentia por você significa que havia algo errado comigo. Mas...”

“Mas *o quê?*” O coração de Clary estava batendo tão forte que estava fazendo ela se sentir mais do que um pouco tonta.

“Eu podia ver o prazer que Valentine tirava no modo que eu me sentia sobre você. O modo que eu me sentia sobre mim. Ele usou isso como uma arma contra nós. E o que me fez odiar ele. Mas do que qualquer outra coisa que ele tenha feito a mim, que me fez odiar ele, e isso me fez me virar contra ele, e talvez isso é o que eu precisava fazer. Por que havia vezes que eu não sabia se eu queria seguir ele ou não. Era uma escolha difícil...mais difícil do que eu gosto de lembrar.” Sua voz soava tensa.

“Eu perguntei a você se eu tinha uma escolha,” Clary lembrou a ele. “E você disse, 'Nós sempre temos escolhas.' Você escolheu ir contra Valentine. E no final esta foi a escolha que você fez, e não importa o quão difícil foi fazer ela. Importa que você a fez.”

“Eu sei,” Jace disse. “Eu só estou dizendo que eu acho que eu escolhi esse caminho em parte por causa de você. Desde que eu te conheci, tudo o que eu tenho feito tem sido em parte por causa de você. Eu não posso me separar de você, Clary...não o meu coração ou meu sangue ou minha mente ou qualquer outra parte de mim. E eu não quero.”

“Não quer?” ela sussurrou.

Ele deu um passo em direção a ela. Seu olhar estava fixo sobre seu rosto, como se ele não pudesse olhar para longe. “eu sempre pensei que o amor fazia de você estúpido. Fazia você fraco. Um mau Caçador de Sombras. *Amar é para destruir*. Eu acreditava nisso.”

Ela mordeu seu lábio, mas ela também não podia olhar para longe dele.

“Eu costumava pensar que ser um bom guerreiro significava não se importar,” ele disse. “Sobre tudo, a mim mesmo, especialmente. Eu tomava todos os riscos que eu podia. Eu me lançava no caminho dos demônios. Eu acho que eu dei a Alec um complexo de sobre que tipo de lutador ele era, só porque ele queria viver.” Jace sorriu torto. “E então eu encontrei você. Você era uma mundana. Fraca. Nem uma lutadora. Nunca treinada. E então eu vi o quanto você amava sua mãe, amava Simon, e como você caminharia dentro do inferno para salvar eles. Você *realmente* caminhou para dentro daquele hotel vampiro. Caçadores de Sombras com uma década de experiência não teriam tentado aquilo. Amor não faz de você fraco, ele fez de você mais forte do que qualquer um que eu tenha conhecido. E eu percebi que eu era quem era o fraco.”

“Não.” Ela estava chocada. “Você não é.”

“Talvez não mais.” Ele deu outro passo, e agora, ele estava perto o suficiente para tocar ela. “Valentine não pôde acreditar que eu matei Jonathan,” ele disse. “Não podia acreditar por que eu era o fraco, e Jonathan era o com mais treinamento. Por todas as razões ele provavelmente teria me matado. Ele quase o fez. Mas eu pensei em *você*...eu vi você lá, claramente, como se você estivesse em pé em frente a mim, me observando, e eu sabia que eu queria viver, queria isso mais do que eu queria qualquer coisa, se apenas eu pudesse ver seu rosto uma vez mais.”

Ela desejou poder se mover, desejou poder alcançá-lo e tocar ele, mas ela não podia. Seus braços pareciam congelados nos seus lados. O rosto dele estava próximo ao dela, tão perto que ela podia ver o seu próprio reflexo nas pupilas de seus olhos.

“E agora eu estou olhando para você,” ele disse, “e você está me perguntando se eu ainda quero você, como se eu pudesse parar de amar você. Como se eu quisesse desistir da coisa que me faz mais forte do que qualquer outra coisa fez. Eu nunca me atrevi a dar muito de mim a ninguém antes – partes de mim mesmo para os Lightwoods, para Isabelle e Alec, mas

levou anos para fazer isso...mas, Clary, desde a primeira vez que eu vi você, eu tenho pertencido a você completamente. Eu ainda tenho. Se você me quiser.”

Por uma metade de segundo ela ficou sem ação. Então, de algum modo, ela tinha segurado a frente da camisa dele e o puxado em direção a ela. Seus braços foram ao redor dela, elevando ela quase fora de suas sandálias, e então ele estava beijando ela...ou ela estava beijando ele, ela não tinha certeza, e isso não importava. A sensação da sua boca sobre a dela era elétrica; suas mãos apertaram os braços dele, puxando ele forte contra ela. A sensação do coração dele batendo através de sua blusa fez ela tonta com a alegria. Ninguém mais a batida do coração como Jace fazia, ou mesmo pudesse.

Ele soltou ela finalmente e ela ofegou – ela tinha se esquecido de respirar. Ele envolveu seu rosto entre suas mãos, traçando a curva de seu rosto com seus dedos. A luz estava de volta em seus olhos, tão brilhante quanto elas tinham sido no lago, mas agora havia um faísca mágica neles. “ Pronto,” ele disse. “Isso não foi tão ruim, foi, mesmo que não seja proibido?”

“Eu tive pior,” ela disse, com um risada estremecida.

“Você sabe,” ele disse, se curvando para roçar sua boca contra a dela, “se é a falta do *proibido* que você está preocupada, você poderia continuar a me proibir de fazer as coisas.”

“Que tipo de coisas?”

Ela sentiu ele sorrir contra sua boca. “Coisas como isso.”

Depois de algum tempo, eles desceram as escadas e foram a praça, onde uma multidão tinha começado a se reunir em antecipação aos fogos de artifício. Isabelle e os outros tinham encontrado uma mesa próximo ao canto da praça e tinham se reunido ao redor dela sobre os bancos e as cadeiras. Enquanto eles se aproximavam do grupo, Clary pronta para puxar sua mão para fora da de Jace...e então parou a si mesma. Eles podia segurar as mãos se eles quisessem. Não havia nada de errado com isso. O pensamento quase tirou seu fôlego.

“Ai estão vocês!” Isabelle dançou até eles em alegria, carregando um copo de líquido fúcsia\*, que ela impulsionou para Clary. “Tome um pouco disso!”

\*N/T: fúcsia – rosa

Clary entortou seus olhos para ele. “Isso vai me transformar em um roedor?”

“Onde está a confiança? Eu acho que isso é suco de morango.” Isabelle disse. “De qualquer modo, é gostoso. Jace?” Ela ofereceu para ele o copo.

“Eu sou um homem,” ele disse a ela, “e homens não consomem bebidas rosa. “Retira-te, mulher, e me traga alguma coisa marrom.”

“Marrom?” Isabelle fez uma cara.

“Marrom é uma cor máscula,” Jace disse, e extraiu um cacho desgarrado do cabelo de Isabelle com sua mão livre. “Na verdade, olhe....Alec está usando ele.”

Alec olhou pesarosamente para seu suéter. “Ele era preto,” ele disse. “Mas então ele desbotou.”

“Você poderia vestir isso com uma faixa de lantejoulas,” Magnus sugeriu, oferecendo a seu namorado algo azul e faíscante. “É só uma idéia.”

“Resista a ânsia, Alec.” Simon estava sentado na beira de um muro baixo com Maia ao lado dele, apesar de ela parecer estar em um profunda conversa com Aline. “Você parecerá como Olivia Newton-John em *Xanadu*\*.

\*N/T: *Xanadu* – filme de 1980.

“Há coisas piores,” Magnus observou.

Simon se soltou do muro e veio para Clary e Jace. Com suas mãos nos bolsos detrás de seu jeans, ele olhou pensativamente para eles por um longo momento. Por fim, ele falou.

“Você parece feliz,” ele disse para Clary. Ele girou seu olhar para Jace. “E é uma coisa boa para você que ela está.”

Jace levantou uma sobrancelha.”Esta é a parte onde você me diz que se eu machucar ela, você vai me matar?”

“Não,” Simon disse. “Se você machucar Clary, ela é bem capaz de matar você por si mesma. Possivelmente com uma variedade de armas.”

Jace pareceu satisfeito com o pensamento.

“Olhe,” Simon disse. “Eu só queria dizer que está tudo bem se você não gosta de mim. Se você faz Clary feliz, eu estou bem com você.” Ele fincou sua mão para fora, e Jace tirou sua mão da de Clary e apertou a de Simon, um olhar confuso sobre seu rosto.

“Eu não antipatizo com você,” ele disse. “Na verdade, por que eu realmente gosto de você, eu vou te oferecer alguns conselhos.”

“Conselhos?” Simon parecia desconfiado.

“Vejo que você está trabalhando esse ângulo vampiro com algum sucesso,” Jace disse, indicando Isabelle e Maia com um acenar de sua cabeça. “É fama. Muitas garotas amam essa coisa de morto-vivo sensível. Mas eu largaria essa coisa sob o ângulo de músico se eu fosse você. Vampiros estrelas do rock são cansativos, e além do mais, você não pode possivelmente ser muito bom.”

Simon suspirou. “Eu suponho que não há nenhuma chance de você reconsiderar a parte onde você não gosta de mim?”

“Já chega,você dois,” Clary disse. “Vocês não podem ser completos idiotas um com o outro para sempre, sabe.”

“Tecnicamente,” Simon disse. “eu posso.”

Jace fez um ruído deselegante; depois de um tempo Clary percebeu que ele estava tentando não rir, e só meio que se saindo bem.

Simon sorriu. “Te peguei.”

“Bem,” Clary disse. “Este é um belo momento.” Ela olhou ao redor por Isabelle, que provavelmente ficaria tão satisfeita quanto ela estava, que Simon e Jace estivessem se aproximando, embora em suas maneiras peculiares. Em vez disso ela viu alguém.

Em pé, no canto distante da floresta encantada, onde a sombra fundia-se com a luz, estava uma mulher esguia em um vestido verde cor de folhas, seu cabelo escarlate amarrado a um argola dourada. A Rainha de Seelie. Ela estava olhando diretamente para Clary, e quando Clary encontrou seu olhar, ela suspendeu uma mão esguia e acenou. *Venha*

Se era por sua própria vontade ou a estranha compulsão pelo povo da Fadas, Clary não teve certeza, mas com uma desculpa murmurada ela caminhou para longe dos outros e fez seu caminho para o canto da floresta, soprando seu caminho através dos barulhentos festeiros. Ela tomou conhecimento, enquanto ela se aproximava da Rainha, de uma grande quantidade de fadas em pé muito próximos dela, em um círculo ao redor de sua senhora. Mesmo se ela quisesse aparecer só, a Rainha não estava sem seus cortesãos.

A Rainha sustentou um mão imperiosa. “Ai,” ela disse. “E não mais próximo.”

Clary, a poucos passos da Rainha, parou. “Minha senhora,” ela disse, se lembrando do modo formal que Jace tinha se dirigido a Rainha dentro de sua corte. “Por que você me chamou para seu lado?”

“Eu queria um favor de você,” disse a Rainha sem preâmbulos. “E, é claro, eu prometeria um favor em retorno.”

“Um favor de *mim*?” Clary disse, admirada. “Mas...você nem mesmo gosta de mim.”

A Rainha tocou seus lábios pensativamente com um único longo dedo branco. “O povo das Fadas, não gostam dos humanos, não se preocupam demasiadamente com *gostar*. Amor, talvez, e ódio. Ambas são emoções úteis. Mas *gostar*...” Ela deu de ombros elegantemente. “O Conselho não escolheu ainda quem do nosso povo eles gostariam que tomasse nosso assento,” ela disse. “Eu sei que Lucian Graymark é como um pai para você. Ele escutaria o que você solicitasse a ele. Eu gostaria que você pedisse a ele se eles escolheriam meu cavaleiro Meliorn para a tarefa.”

Clary pensou de volta a o Salão de Acordos, e Meliorn dizendo que não queria lutar, a



menos que as Crianças da Noite lutassem também. “Eu não acho que Luke goste muito dele.”

“E de novo,” disse a Rainha, “você fala de *gostar*.”

“Quando eu vi você antes, na Corte de Seelie,” Clary disse, “você chamou a Jace e a mim de irmão e irmã. Mas você sabia que nós não eramos realmente irmão e irmã. Sabia?”

A Rainha sorriu. “O mesmo sangue corre em suas veias,” ela disse. “O sangue do Anjo. Todos aqueles que suportam o sangue do Anjo são irmão e irmã sob a pele.”

Clary estremeceu. “Você poderia ter nos dito a verdade, de qualquer forma. E você não o fez.”

“Eu disse a você a verdade como eu a via. Nós todos dizemos a verdade como nós a vemos, nós não fazemos isso? Você já parou para se perguntar quais inverdades teriam tido na história que sua mãe contou a você, que serviria a seu propósito em dizer elas? Você realmente pensa que sabe cada um e todos os segredos de seu passado?”

Clary hesitou. Sem saber o porquê, ela subitamente ouviu a voz de Madame Dorothea em sua cabeça. *Você se apaixonará pela pessoa errada*, a restrição que a bruxa tinha dito para Jace. Clary tinha presumido que Dorothea tinha só se referido a quantos problemas a afeição de Jace por Clary poderia trazer a ambos. Mas ainda, haviam brancos, ela sabia, em sua memória – mesmo agora, coisas, eventos, que não tinham voltado para ela. Segredos cujas verdades ela nunca soube. Ela tinha dado a eles por perdidos e sem importância, mas talvez...

*Não*. Ela sentiu suas mãos se apertarem em seus lados. O veneno da Rainha era sutil, mas poderoso. Havia alguém no mundo que pudesse verdadeiramente dizer que eles sabia cada segredo sobre si mesmos? E não era melhor alguns segredos serem deixados em paz?

Ela balançou sua cabeça. “O que você fez na corte,” ela disse. “talvez não foi mentir. Mas você foi cruel.” Ela começou a se virar para longe. “E eu tive o suficiente de crueldade.”

“Você realmente recusará um favor vindo da Rainha de Corte de Seelie? A Rainha demandou. “Nem a todos os mortais é concedida uma tal chance.”

“Eu não preciso de um favor de você,” Clary disse. “Eu tenho tudo o que eu quero.” Ela se virou suas costas para a Rainha e se afastou.

Quando ela retornou ao grupo que ela tinha deixado, ela descobriu que a eles tinham sido reunidos Robert e Maryse Lightwood, que estavam – ela viu com surpresa -apertando as mãos com Magnus Bane que tinha colocado de lado uma faiscante faixa e estava em um modelo de decoro. Maryse tinha seu braço ao redor do ombro de Alec. O resto de seus amigos estavam sentados em um grupo ao longo do muro; Clary estava prestes a se mover para se juntar a eles, quando ela sentiu um tapinha sobre seu ombro.

“Clary!” Era sua mãe, sorrindo para ela – e Luke em pé ao seu lado, sua mão na dela. Jocelyn não estava produzida de modo algum; ela usava jeans, e uma camisa solta que, pelo menos, não estava manchada com tinta. Você não podia dizer que pelo modo que Luke estava olhando para ela, porém, que ela parecia nada menos do que perfeita. “Eu estou feliz que finalmente encontrei você.”

Clary sorriu para Luke. “Então você *não* está mais se mudando para Idris, eu entendi?”

“Nah,” ele disse. Ele parecia tão feliz como ela nunca tinha visto ele. “A pizza daqui é terrível.” Jocelyn riu e se afastou para falar com Amatis, que estava admirando uma bolha flutuante de vidro, preenchida com fumaça que ficava mudando de cores.

Clary olhou para Luke. “Você estava *realmente* partindo de Nova York ou você só estava dizendo aquilo para ela tomar finalmente uma posição?”

“Clary,” Luke disse. “Eu estou chocado que você sugira tal coisa.” Ele sorriu, e então abruptamente ficou sério. “Você está bem com isso, está? Eu sei que isso significa uma grande mudança em sua vida – eu estava indo ver se você e sua mãe poderiam querer se mudar comigo, já que o seu apartamento está insuportável agora...”

Clary bufou. “Uma grande mudança? Minha vida *já* mudou totalmente. Várias vezes.”

Luke olhou acima em direção a Jace, que estava observando eles de seu assento no muro. Jace acenou para eles, sua boca se curvando no canto em um sorriso divertido. “Eu acho que sim,” Luke disse.

“Mudança é bom,” Clary disse.

Luke estendeu sua mão acima, a runa Aliança tinha se apagado, como tinha em todo mundo, mas sua pele ainda sustentava o revelador traço branco nela, a cicatriz que nunca desapareceria inteiramente. Ele olhou pensativamente para a marca, “Sim, é.”

“Clary!” Isabelle chamou da parede. “Fogos!”

Clary bateu Luke levemente sobre o ombro e foi se juntar a seus amigos. Eles estavam assentados ao longo do muro em uma linha: Jace, Isabelle, Simon, Maia e Aline. Ela parou ao lado de Jace. “Eu não vi nenhum fogos,” ela disse, zombando da cara feia de Isabelle.

“Paciência, gafanhoto,” Maia disse. “Quem espera sempre alcança.”

“Eu sempre pensei que fosse 'Coisas boas vem para quem fazem o aceno'” Simon disse. “Não me admira que eu tenha sido tão confuso toda a minha vida.”

\*N/T: Good things come to those who wait - é o que Maia diz que é o mesmo que: quem espera sempre alcança, ou ao pé da letra: Coisas boas vem para aqueles que esperam. Simon diz: Good things come to those who do the wave – é um trocadilho.

“‘Confuso’ é uma palavra bonita para isso,” Jace disse, mas ele estava claramente prestando só um pouco de atenção; ele se estendeu e puxou Clary em direção a ele, quase distraidamente, como se fosse um reflexo. Ela se inclinou para trás contra seu ombro, olhando acima para o céu. Nada iluminava os céus só as torres demônio, brilhando em um suave prata esbranquecido contra a escuridão.

“Onde você foi?” ele perguntou, baixinho o suficiente para que só ela pudesse escutar a pergunta.

“A Rainha de Seelie queria que eu fizesse um favor,” Clary disse. “e ela queria me fazer um favor em troca.” Ela sentiu Jace ficar tenso. “Relaxe. Eu disse a ela que não.”

“Não são muitas pessoas que recusam um favor vindo da Rainha de Seelie,” Jace disse.

“Eu disse a ela que eu não precisava de um favor,” Clary disse. “Eu disse a ela que eu tinha tudo o que eu queria.”

Jace riu com aquilo, suavemente, e deslizou sua mão acima do braço dela para seu ombro; seus dedos tocaram vagorosamente a corrente contra seu pescoço, e Clary olhou abaixo para o cintilar da prata contra seu vestido. Ela tinha usado o anel dos Morgenstern desde que Jace tinha deixado ele com ela, e algumas vezes ela se perguntou o porquê. Ela realmente queria se lembrar de Valentine? E ainda, ao mesmo tempo, era mesmo certo esquecer?

Você não pode apagar tudo o que causou dor a você com suas lembranças. Ela não queria se esquecer de Max ou Madeleine, ou Hodge, ou a Inquiridora, ou até mesmo Sebastian. Cada memória era valiosa; mesmo as ruins. Valentine tinha desejado esquecer: esquecer que o mundo tinha que mudar, e Caçadores de Sombras tinha que mudar com ele – esquecer que os Downworlders tinha almas, e suas almas importavam para a estrutura do mundo. Ele queria pensar que só no que fazia os Caçadores de Sombras diferentes dos Downworlder. Mas o que tinha sido a sua ruína tinha sido o modo como eles eram todos iguais.

“Clary,” Jace disse, tirando ela de seu devaneio. Ele apertou seus braços em torno dela, e ela levantou sua cabeça; a multidão estava aplaudindo e gritando enquanto o primeiro dos foguetes subia. “Olhe.”

Ela olhou enquanto os fogos explodiam em um chuveiro de faíscas...faíscas que pintavam as nuvens acima enquanto elas caíam, uma por uma, em linhas corridas de fogo dourado, como anos caindo do céu.



Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – [tradu.digital@gmail.com](mailto:tradu.digital@gmail.com)

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>